

CRÓNICAS DE ALLARYIA

SEGUNDO VOLUME

OS FILHOS DO FLAGELO



FILIPPE FARIA

CRÓNICAS DE ALLARYIA

SEGUNDO VOLUME

OS FILHOS DO FLAGELO

EDITORIAL PRESENÇA

Email do autor: aewyre@email.com <http://www.allaryia.cjb.net>

FICHA TÉCNICA

Título *Crónicas de Allaryia Os Filhos do flagelo*

Autor Filipe Faria

Copyright © by Filipe Faria Editorial Presença, Lisboa, 2002

Capa Samuel Santos

Pré-impressão, impressão e acabamento Multitipo Artes Gráficas, Lda

1a edição, Lisboa, Dezembro, 2002

Depósito legal 180 310/02

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à EDITORIAL PRESENÇA Estrada das Palmeiras, 59 Queluz de Baixo
2745-578 BARCARENA Email mfb@editpresenca.pt Internet <http://www.editpresenca.pt>

Digitalização e arranjos de Vítor Chaves

Esta obra destina-se ao uso exclusivo de portadores de deficiência visual

Mónica e Alexandre, que subiram as suas montanhas.

Adília, uma segunda mãe.

Rui, o verdadeiro e único Animal.

Ricardo Pinto, por tão sui generis amizade

Filipe Alvarez, pela franqueza e sanidade conservada.

PREFÁCIO

No anterior volume das Crônicas, acompanhei Aewyre Thoryn, filho do desaparecido herói Aezrel Thoryn, enquanto este tomava, por fim, a decisão de descobrir a manta de mistério que oculta o destino do seu pai. O jovem abandonou Ul-Thoryn, fazendo-se acompanhar pelo mago Allumno e portando consigo Ancalach, a lendária Espada dos Reis. Pelo caminho encontrou outros que se juntaram à sua demanda: Lhiannah, a princesa arinnir de Syrith; Worick, um thuragar veterano, protector desta; Quenestil, um shura eahan; Babaki, um antroleo exilado; Taislin, um burrik rebelde e Slayra, uma assassina eahanoir.

Juntos passaram por várias provas, entre as quais lutas contra seres hostis do ermo, o tirano de uma cidade, os perigos do terrível pântano de Moorenglade, seres da Sombra há muito julgados desaparecidos, um senhor da guerra latvoniano e um exército de guerreiros das estepes. Através dos esforços conjuntos, os companheiros prevaleceram perante todas as adversidades, aprenderam a compreender-se uns aos outros e a respeitarem-se mutuamente, mas o destino não quis que continuassem a demanda juntos.

O desaparecimento de Slayra levou Quenestil e Babaki a separarem-se do grupo para resgatar a eahanoir dos seus captos. Por sua vez, Aewyre e os restantes companheiros penetraram nas inóspitas Estepes de Karatai atrás de Krór, um misterioso drahhreg que partilha com o filho de Aezrel a Essência da Lâmina, um segredo milenar dos guerreiros de Allaryia. Enquanto isso, o grupo é acochado por dois terríveis servos da Sombra: Baodegoth, um misterioso moorul sobrevivente da Guerra da Hecatombe, e

Hazabel, uma harahan sob o jugo de um obscuro mestre, fecundada com a semente do jovem Tborn. Ambos querem Ancalach; porquê, ninguém o sabe, nem Aewyre, que até agora se viu incapaz de desvendar o segredo da Espada dos Reis, nem mesmo eu, que o conheço. O destino é caprichoso, e revelará o que bem entender quando bem entender...

Pearnon, o Escriba Crônicas de Allaryia

PRÓLOGO

Os dois caçadores haviam perdido a conta aos dias que haviam passado a correr pelos bosques escuros de tuias em forma de pirâmide, espruces estreitos e altos abetos. O cheiro a pinho e a resina já se lhes alojara nos narizes, o tapete castanho de caruma fora o único solo que haviam pisado desde a separação. Havia descoberto marcas de cascos e isso incitara-os a correr mais depressa. Montados, os seus perseguidos podiam cobrir uma distância considerável e os caçadores corriam o risco de lhes perder o rasto se as nuvens cinzentas no céu levassem a cabo a sua ameaça. Os dois corriam ininterruptamente, capas cinzentas esvoaçando atrás deles como asas.

As pernas do eahan ruivo ardiam, os seus pulmões pareciam secos de inalar o ar frio e cada golfada de ar magoava-lhe a garganta. O antroleo deixava atrás de si um contínuo rasto de baforadas condensadas e a língua pendia-lhe, mas não parecia cansado. Babaki decidira acompanhá-lo para pagar a sua dívida, pois fora Quenestil quem o salvara da fossa armadilhada na qual o antroleo tentara acabar com a sua vida. Era bom estar acompanhado, mas a ideia de ser responsável pelo que pudesse acontecer não agradava ao solitário shura. Esta luta era sua e deveria travá-la sozinho, mas não pudera contrariar a vontade de Babaki, não quando teria feito exactamente a mesma coisa.

Um breve sorriso afectado surgiu-lhe na face. Aqui estava ele, a correr que nem um carcaju desvairado atrás de uma eahanoir, uma eahanna negra que teria morto e que o poderia ter morto a ele na primeira vez que se encontraram. Mas as coisas não se passaram assim e, na noite em que Slayra desapareceu, Quenestil descobrira que a amava e que o sentimento era recíproco.

”A vida é tão segura como uma montanha e tão agitada como um seixo de rio Não sejas rijo como o carvalho, mas flexível como o teixo Adapta-te como puderes e serás feliz”, sempre lhe dissera o seu pai

Apesar de Quenestil ter sido um carvalho toda a sua vida, as palavras do seu pai, Lunce Anthalos, soavam-lhe agora mais sábias que nunca

Quenestil! disse Babaki de repente, correndo ao seu lado. O eahan despertou dos seus pensamentos e deu a sua atenção ao antroleo, sem parar de correr

Sim?

Não achas que devíamos descansar um pouco?

Quenestil olhou para o seu amigo de relance Forte como um urso, rápido como um corço, Babaki era uma das mais dóceis criaturas que o eahan alguma vez encontrara. Sabia muito bem que o antroleo seria capaz de continuar a marcha durante muito mais tempo, mais do que o eahan alguma vez poderia aguentar, mas pedia-lhe que parasse Não por ele, Quenestil sabia-o, mas para que o eahan tivesse um pretexto para descansar E assim fez

Muito bem, meu amigo acedeu, ofegante, dando uma leve palmada no musculoso braço peludo de Babaki. Vamos repousar um pouco e comer qualquer coisa

Os dois sentaram-se no chão e mordiscaram umas lascas sensaboronas de carne seca, empurrando-as com goles de água dos cantis de couro

Cheiras alguma coisa? perguntou o eahan, limpando o queixo com as costas da mão

O odor a cavalos ainda é claro Estamos no caminho certo

Ótimo Quenestil deu-se ao luxo de comer uns frutos secos, que Babaki imediatamente recusou. Vamos então disse, de boca ainda cheia

Os dois levantaram-se e retomaram a apressada marcha Os montes ondulantes das terras latvonianas iam-lhes revelando algumas aldeias espalhadas pelos campos. Pareciam todas desertas e aqui e ali viam-se filas de pessoas a avançarem lentamente pelas estradas, homens e mulheres que queriam fugir à vindoura guerra. Quenestil abanou a cabeça e suspirou enquanto corria.

Os humanos nem precisavam de drahregs ou eahanoir, matavam-se uns aos outros. Eahanoir Slayra.

”Aguenta-te, meu amor Eu vou buscar-te Juro”.

O rasto dos cavalos conduziu os dois caçadores a uma aldeia abandonada. Nas ruas de terra batida abundavam galinhas que correram

desajeitadamente para fora do alcance dos dois, cacarejando. Babaki lambeu os beijos, mas conteve-se. Portinholas eram agitadas ao sabor do vento, batendo ruidosamente contra as janelas. Uma insígnia onde se lia algo em Urial com um urso em pose de dança indicava a estalagem e as marcas de cascos dirigiam-se aos estábulos e para fora deles, estas mais recentes. Mesmo assim, Quenestil abriu a porta com cuidado, empurrando-a com o ombro e de arco pronto. Um rápido vislumbre não revelou nada a não ser uma sala abandonada e desarrumada e o eahan relaxou o fio. O shura entrou cuidadosamente, ouvindo com atenção. Uma galinha cacarejou mais violentamente lá fora, mas Quenestil não fez caso do ruído. Não se ouvia nada. Reinava um silêncio sepulcral.

Espirros de sangue e mobília escancarada traçavam um caminho que ia dar à cozinha da estalagem e Quenestil encaminhou-se para lá. Havia migalhas e restos de comida recentes nas mesas que ainda estavam em pé, mas o eahan ignorou-as. Quando entrou na cozinha, deparou com uma cena de violência. Um humano jazia sentado no chão, cabeça inclinada para o lado e mãos sangrentas estendidas aos seus lados. Viam-se duas manchas vermelhas na parede com dois rastros que se prolongavam até às mãos do homem, o que sugeria que ele as tivera cravadas contra a parede. O seu comprido bigode estava encrostado de sangue e o seu avental branco tinha borrões vermelhos de facadas. O arco curvo de Quenestil tremeu quando nele crispou os dedos de raiva.

Babaki...? Onde estava ele?

Virou-se de repente, apercebendo-se de que se esquecera do antroleo. Estava tão habituado a agir sozinho que nem mesmo todo este tempo com os companheiros o havia ajudado a ganhar o hábito de trabalhar em equipa. Ouviu o ruído de passos e saiu da cozinha para deparar com Babaki. O antroleo virou-se para ele, uma expressão envergonhada na sua face cheia de penas e manchada de sangue. Quenestil relaxou e, apesar da situação, permitiu-se um meio sorriso.

Babaki lutava todos os dias contra o animal dentro de si, o legado shakarex da sua família que o podia transformar num monstro assassino se perdesse o controlo. As galinhas lá fora haviam obviamente sido demasiado tentadoras...

O que aconteceu aqui? perguntou, esfregando penas da sua boca.

Está um homem morto na cozinha. Os malditos eahanoir não perderam tempo.

O antroleo acenou com a cabeça, agitando a juba, e ergueu-se, mexendo as orelhas nervosamente.

Vamos enterrar aquele pobre homem e ver se sobrou alguma comida por aqui disse o eahan.

Não havia comida, mas enterraram o estalajadeiro com pedras. Quenestil ter-lhe-ia escavado algo mais apropriado, mas não se achava com tempo suficiente para tal. Slayra afastava-se mais a cada instante que passava. O Sol já alcançara o seu zénite por detrás das nuvens quando os dois findaram o trabalho e deixaram a aldeia abandonada.

Caminharam durante vários dias, comendo pouco e dormindo ainda menos, somente o necessário para não tombarem de exaustão. Babaki fazia sempre a primeira vigia. O antroleo parecia incansável, mas fingia estar tão exausto como Quenestil, caso contrário o eahan continuaria a correr. Iniciavam a caminhada antes da alvorada e apenas paravam ao anoitecer de modo a não perder os rastros, com alguns intervalos breves pelo meio para comer e descansar. O frio aumentava e chegou a chover num dia, um prolongado chuvisco que angustiou Quenestil, mas que não conseguiu despistar os dois caçadores, que continuaram a seguir o rasto durante sete dias após a partida da aldeia abandonada. Ao fim do oitavo, chegaram por fim ao seu destino.

O Inverno ainda reinava nas vastas estepes de Karatai. Um cobertor níveo cobria a imensidão de terra plana que se prolongava até onde a vista alcançava e que se parecia unir com o céu no horizonte. Massas de nuvens cinzentas e revoltosas agitavam-se no firmamento, aglomerando-se em cúmulos e ameaçando desencadear uma furiosa tempestade a qualquer momento. O vento varria a estepe gelada, uivando como uma alcateia de lobos celestiais e fustigando com fúria as únicas coisas que pareciam mexer-se na vastidão: duas figuras que se arrastavam a passos morosos pelo chão. Encobertas com peles que as resguardavam parcialmente do frio, caminhavam cabisbaixas de modo a abrigar as faces do vento. Uma delas era uma mulher, cujos cabelos negros teimavam em lhe escapar do capuz em fios esvoaçantes, originando resmungos que se dissolviam na imensidão da estepe. A seu lado caminhava um humanóide de pele negra como piche e cabelos entrançados que o vento também tentava levar consigo. Os seus olhos pretos de pupilas vermelhas estavam fixos num ponto indeterminado do chão, erguendo-se por vezes para perscrutar o horizonte, como se estivesse à espera de algo, tornando a baixá-los de seguida.

"Que o Flagelo te leve, drahreg!", pensou a mulher. "Trazes-me para este ermo desolado para arranjar ajuda e nem sabes onde a encontrar?"

Hazabel estava deveras irritada. Kror dissera-lhe que tinha amigos em Karatai, amigos que a poderiam ajudar contra "o grupo de homens malvados" que a perseguia, mas já quatro dias haviam passado quatro dias a errar por terreno plano coberto de neve até perder de vista e não haviam avistado viva alma, nem sequer um pássaro! Kror não dissera nada desde manhã e Hazabel temia exprimir coisas que não devia se abrisse a boca. Além do mais, o vento gelado poderia lacerar-lhe a garganta se falasse, pelo que a marcha decorreu em silêncio, com a excepção dos ruídos originados pelo furioso pisar da harahan na crosta de neve.

Subitamente, Kror estacou e os seus olhos dardejaram para o céu, fixando-se lá. Hazabel seguiu-lhe o olhar e viu uma ave a planar nas alturas, circundando os dois.

O que foi? perguntou, apesar de aquele ser o primeiro animal que haviam avistado.

Kror contemplou a ave durante mais alguns instantes, baixando a cabeça de seguida e retomando a marcha.

Um falcão. Anda, vamos disse sem qualquer outro tipo de explicação.

Os dentes de Hazabel rilharam, ou talvez estivessem só a tiritar" de frio. As peles que haviam apressadamente despojado dos cadáveres ocarr no Vale dos Ventos providenciavam uma parca protecção. Expelindo a raiva numa longa exalação condensada que o vento dissolveu, a harahan foi em frente. Arrastaram-se por mais algum tempo, medido apenas pelas passadas que davam, até que avistaram pontos negros à distância. Kror deteve-se e Hazabel cerrou os olhos para tentar ver melhor. Fossem o que fossem, aproximavam-se depressa.

Quem são? indagou.

Ocarr respondeu o drahreg, flectindo os dedos quase entorpecidos pelo frio.

São... amigos?

Vamos ver.

Os pontos negros haviam-se tornado figuras montadas e as figuras eram agora cavaleiros cujas montadas pareciam deslizar pela neve até eles, uns vinte no seu número. Carregavam lanças e tinham arcos em estojos ao lado das selas.

Não faças nada e deixa-me falar disse Kror.

Hazabel acenou com a cabeça e pôs-se docilmente atrás do drahreg. O chão começou a tremer com o bater dos cascos. Os cavaleiros não proferiram qualquer som, mas tiraram os arcos dos estojos e prepararam setas. Quando estavam suficientemente próximos, Kror desembainhou os dois alfanges, brandindo-os com destreza e cruzando-os por cima da cabeça, gritando algo numa língua que a harahan desconhecia.

Os cavaleiros pararam e o líder do grupo puxou as rédeas da sua montada tão repentinamente que o animal se empinou, orneando. Estavam agora perto o suficiente para que Hazabel lhes visse as caras: redondas, de pele queimada pelo sol reflectido na neve, olhos ovais e faces inexpressivas. Tinham gorros de couro forrados a pele com palas para as orelhas, escudos de vime às costas e envergavam túnicas de couro com peles curtidas por cima. Todos a ignoravam, fitando Kror, e alguns deram toques com os calcanhares nos flancos dos animais para que estes comessem a andar e circundar o estranho par que se lhes deparava. O líder nada disse, mas inclinou-se, apoiando o cotovelo na sela e estudou Kror, que o encarava com um olhar confiante. Outro ocarr carregava um falcão no braço. A ave olhava alternadamente para Kror e para o seu dono, como se estivesse a confirmar algo.

Sem qualquer aviso, o líder tirou o seu arco do estojo, preparou uma flecha e apontou-a ao drahreg. Hazabel encolheu-se, mas Kror não mexeu um músculo. Após quatro batidas de coração, o arco vibrou e a flecha singrou para o alvo. Com um guincho, Hazabel caiu de nádegas no chão, mas Kror nem piscou.

A flecha estava espetada na neve no meio das suas pernas.

O capitão ocarr grunhiu aprovadamente e desmontou, entregando as rédeas a um dos seus homens. Enquanto Hazabel tentava recuperar a dignidade, esfregando a neve do seu traseiro, o ocarr dirigiu-se a Kror com os passos decididos e a postura recta de um líder. O drahreg era mais alto que o ocarr, mas ambos se fitaram olho a olho sem nada dizer.

Por fim, os dois ergueram o braço direito de lado, executando um movimento rápido para a frente e os seus antebraços colidiram, braços cruzados. Abriram os dedos e apertaram a mão um ao outro, prendendo o cumprimento com as mãos esquerdas. O ocarr sorriu, exibindo dentes amarelados, os seus olhos ovais pouco mais que duas alegres frestas e Kror fez o mesmo. Os restantes cavaleiros desmontaram para o cumprimentarem, passando por Hazabel como se não a vissem.

A todos Kror retribuiu a saudação com o calor do reencontro de velhos amigos, finalizando com o acto de partir a seta que estivera cravada no chão debaixo das suas pernas.

Kror? sibilou Hazabel, passando por vários ocurr esquecidos dela. Quem são estes?

Os meus amigos, os Cho Tirr respondeu, proferindo algumas palavras que levaram os ocurr a saudar a harahan com reticentes acenos de cabeça. Vem disse Kror, montando uma das curiosas montadas, parecidas com burros com pêlo de tom alaranjado e estendendo a mão a Hazabel, vão levar-nos ao acampamento.

Sem saber como responder, a harahan agarrou-lhe a mão e deixou-se içar para cima dela.

Agarra-te bem. Os ocurr galopam com o vento acrescentou o drahreg antes de a cavalgada começar.

A enorme sala do trono de Ul-Thoryn fora durante muito tempo o centro do poder de Nolwyn. A luz das janelas estreitas iluminava as inúmeras figuras de reis e heróis retratados nos frescos das paredes, que contavam gestas ouvidas por ninguém, mas que ecoavam pelas abóbadas em cúpula, sustentadas por colunas de mármore com capitéis folheados a ouro. Histórias menores eram relatadas pelos ladrilhos trabalhados que se estendiam no chão desde a entrada até ao estrado, sob o qual Aereth Thoryn ponderava naquele que já fora o trono do rei de todo o Nolwyn. O enorme sólio dourado tinha a forma de uma possante e esplendorosa águia de asas abertas que resguardavam o regente sentado entre as suas patas. Enquanto Aewyre herdara o sangue siruliano da mãe, Aereth era baixo e robusto como o pai, Aezrel, com os cabelos pretos e encrespados dos homens do Sul e a permanente mancha de uma barba que lâmina alguma conseguia lavar. Não envergava trajes sumptuosos, apenas uma capa vermelha presa por um broche com a forma de um sol, uma toga de fino linho roxo ornamentado com bordados negros e uns sapatos de camurça. A única peça que ostentava era a coroa de Thoryn: uma tiara de ouro com duas asas nas têmporas e o semblante de uma águia na fronte com rubis no lugar de olhos.

Aereth estava desassossegado e não parava de se mexer, ora afundando-se no encosto estofado do trono, ora apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nos punhos. O seu estúpido irmão mais novo decididamente cometera o Terceiro Pecado desta vez: enganar os guardas, roubar Ancalach, levar Allumno (ainda não acreditava que

o sensato mago tivesse ido), fazer o maior alarido por onde passara e arrastar a princesa de Syrith para a balbúrdia! Essa última ainda podia causar graves problemas, visto que só o viera a saber através de um mensageiro de Vaul-Syrith, Jestiban Kilune. As palavras que trouxera do seu senhor não haviam sido nada agradáveis, e muitos dos seus conselheiros haviam-nas interpretado como ameaças veladas e sugerido uma resposta à altura. Sunlar Syndar revelara-se "desapontado" e considerara o comportamento do irmão do senhor de Thoryn "inaceitável". Kilune anunciara ainda que o seu soberano tencionava suspender as relações comerciais entre as duas cidades por tempo "indeterminado" e exigia um pedido de desculpas pessoal de Aereth Thoryn. Como se isso não bastasse, houvera um vazamento de informação e nos últimos dias haviam circulado os mais diversos rumores na cidade e pela província fora: Aereth incumbira o seu irmão de raptar a princesa Lhiannah para servir de moeda de troca na anexação de Syrith. Não, os dois sempre se haviam amado secretamente e tinham fugido para as terras altas da Latvonia para viverem felizes e em paz. Qual quê, tudo não passava de uma trama do misterioso mago da gema vermelha para se tornar ele o senhor de Thoryn, não, de todo o Nolwyn. Disparate, a guerra entre Syrith e Thoryn havia começado, era mas é preciso empacotar os pertences e ir embora antes que fosse tarde! Como se esses boatos não bastassem, relatos do ataque de um ser das trevas em Sardin haviam causado o maior alvoroço por todo o Nolwyn, Ul-Thoryn incluída. Um sem-número de disparates que mereciam a atenção de Lorde Thoryn, não fossem eles causar mais problemas que os que já tinha entre mãos. Se ao menos o estúpido do Aewyre não tivesse levado o Allumno... o mago sempre fora bom conselheiro, e Aereth já se havia afeiçoado a ele de certa forma, já que o mago fora quase como um pai para si e para o seu irmão...

Um inesperado tilintar acordou de sobressalto o regente dos seus pensamentos. Olhou em frente, mas as grandes portas entalhadas permaneciam fechadas. Os seus olhos percorreram as redondezas, mas não viu ninguém.

Quem está aí? perguntou às paredes, apreensivo.

Como resposta veio uma leve risada que ecoou pelos quatro cantos da vasta sala. Antes que Aereth abrisse a boca para chamar os guardas, uma figura multicolorida surgiu detrás de uma das colunas marmóreas. Envergava um traje de jogral com listras amarelas, violetas e alaranjadas cravadas de pequenos sinos. Os seus compridos sapatos

violeta obrigavam-no a um andar trôpego e da sua touca laranja pendiam frouxamente duas orelhas de coelho. Era Dilet, o bobo.

Bobo, que fazes aqui? Como entraste? perguntou Aereth, permitindo-se respirar uma vez mais.

Hu, hu, hu! Dilet fingiu estar a chorar. Um regente macambúzio é coisa triste de ver, até para um bobo! Tão depressa como aparecera, a falsa tristeza esvaneceu-se. Permita-me animar vossa senhoria com histórias de rir e chorar, malabarismos e saltos a voar, disparates e asneiras sem-fim, por favor, alteza, ria-se de mim! Assim que acabou de falar, Dilet tropeçou desajeitadamente e estatelou-se no chão de coloridas lajes.

O regente conseguiu erguer um canto da boca, mas não estava com grande disposição para piadas.

Agora não, bobo. Faz-me rir ao jantar quando o vinho me devolver a boa disposição...

A cabeça de Dilet ergueu-se espasmodicamente.

Beber? o bobo pulou para os seus pés. Nãoãonão. Beber é bom, faz rir e rir faz sempre bem, mas beber, beber faz mal também! Permita-me inebriar vossa alteza e fazê-la rir, vinho inebria mas não faz sorrir!

Aereth abanou a cabeça e dispensou o jogral com um gesto da mão.

Retira-te, bobo. Agora não é a altura para rir. Executando cambalhotas e piruetas no ar, Dilet prostrou-se nos degraus do estrado do trono.

Permita-me discordar, se não pode rir, bem pode deixar de sonhar. Mas se a minha rima incessante vos enfastia, como vos posso alegrar nesta sala fria?

Não preciso de ser alegrado, bobo. Preciso de pensar...

Pensar? Problemas para resolver? Nisso não posso ajudar, mas um ouvido amigo posso dar. Fale, vossa alteza, deite tudo cá para fora. O bobo estúpido ouvirá e de seguida se irá embora.

Aereth suspirou e recostou-se no trono. Pensou que talvez até lhe fizesse bem falar um pouco com alguém que não os intriguistas da corte e acedeu à persistência do bobo, até porque o que o atormentava não era segredo algum. Além disso, absurda como a situação era, talvez o ideal fosse mesmo discuti-la com um bobo...

Complicado óbice, grave problema... comentou Dilet no fim do relato, a sua voz mais calma e o ritmo menos frenético. Fugiu-lhes a corça e culpam o nosso bezerro.

Aereth riu por fim, divertido com a comparação.

Vossa alteza se acautele e ouça as palavras deste estúpido bobo que há muito anda nas andanças da corte. O senhor de Syrith é sabido e calejado, astuto e para intrigas dotado. Ouvi agora o que tenho para vos dizer...

Inicialmente surpreso, Aereth viu-se aos poucos e poucos embrenhado no discurso do bobo e a ouvir as suas palavras atentamente. À medida que ia escutando, as sugestões cada vez lhe pareciam mais sensatas, os argumentos mais lógicos. Os olhos cómicos de carúnculas bem visíveis de Dilet já não o faziam rir, cativavam-no com uma argúcia que não sabia existir neles. Já o Sol ia adiantado quando as portas se abriram e o regente de Thoryn saiu de peito estufado e porte confiante com o bobo a seu lado. Os dois guardas que flanqueavam a entrada saudaram o seu senhor com punhos ao peito e nenhum estranhou o sorriso de Dilet.

LIVRO TERCEIRO

AS ESTEPES

Já disse e volto a dizer reiterou Worick, encolhido a um canto da tenda, não acredito que tenham posto esta besta cá dentro.

Então dorme e pode ser que quando acordares descubras que não passou de um pesadelo sugeriu Taislin, envolto em dois cobertores.

Ponho-te é a ti a dormir, meu...

Calem-se vocês os dois ordenou Aewyre, cansado de ouvir a mesma conversa. Pelo menos assim estamos quentes e o animal não morre.

Ai não? Se torna a zurrar de manhã, cravo-lhe uma martelada tão forte no focinho que ela desejaria morrer de frio.

Não dá para dizer quando é de manhã neste lugar... lamentou-se Taislin.

Pois não. Se calhar devíamos deixar-te lá fora para cacarejares quando o Sol nascer. Se é que ele ainda nasce neste ermo, arre! Pedras me partam!

Worick, se enchesses a barriga como enches a boca de asneiras, não teríamos de racionar a comida desabafou Lhiannah, também ela farta do eterno resmungar do thuragar.

Pois, e dormíamos melhor sem ter de ouvir esta léria acrescentou Taislin em voz baixa.

Eu ouvi isso, seu mafarrico.

Foi a Alfarna a ornear.

Eu é que te faço ornear, meu...

Como se soubesse que era o tema da conversa, a burra zurrou como para mostrar que também tinha voto na matéria.

Estás a ver?

Estou-te a ver com o meu martelo enfiado nessa cabeça oca e...

Querem calar-se? gritou Aewyre.

O silêncio que se seguiu teve os resmoneios de Worick como ruído de fundo e foi interrompido por alguém a começar a desatar os cordéis para abrir a tenda por fora. Allumno entrou, acompanhado por uma rajada de vento que originou protestos e praguejos, curvou-se, esquivou-se do focinho da Alfarna e sentou-se.

O mago proferiu algo com a Palavra e um globo de luz surgiu na palma da sua mão, iluminando as suas feições. Tal como Aewyre, Allumno ainda não reunira coragem nem paciência para fazer a barba com o frio das estepes, e esta crescera-lhe sarapintada de branco. O globo luminoso flutuou para cima até bater no tendal e o mago pousou um caldeirão fumegante por baixo da mula.

Olha que a bicha ainda mijá aí dentro!

Worick, vamos comer isto! reclamou Lhiannah, enojada.

Por isso mesmo, ora! insistiu o thuragar, inclinando-se para cima do caldeirão Bom, deixa-me lá ver o que isso é antes que dê vontade à bicha...

Vinho quente com mel explicou Allumno. Sim, já sei que não gostas, Worick, mas lembra-te de que nem todos são tão resistentes como tu e gostariam de beber algo que os aqueça também.

O thuragar encostou-se a um canto, resmungando resignadamente e esperando que os outros se servissem.

Finalmente algo quentinho! alegrou-se Taislin. A carne seca já começava a saber a sola de sapato.

É bom que não te habitues advertiu Aewyre, estendendo uma tigela de madeira a Allumno. Fazer fogo aqui é um suplício e o fumo pode atrair atenções. Lembra-te de quem vive cá...

Allumno despejou uma concha na tigela e devolveu-a a Aewyre. Este agarrou-a com as duas mãos e levou-a perto do queixo para se aquecer com o vapor, mas olhou para Lhiannah e hesitou. Os dois ainda não haviam trocado palavra desde o Vale dos Ventos e evitavam cruzar olhares. Lhiannah chegara ao ponto de falar com Aewyre através de Allumno, pedindo-lhe para perguntar coisas como quando cessavam a marcha, onde fariam acampamento, e isto à frente dele! Ainda assim, o jovem estendeu-lhe a tigela, olhando para os olhos da princesa que pareciam estar estranhamente interessados em qualquer ponto da tenda menos nele. Após Aewyre ter ficado alguns momentos de braço estendido, os olhos da arinnir relancearam os do guerreiro e

acabou por aceitar a tigela, murmurando algo que poderia eventualmente ser um agradecimento.

Não tens de quê retorquiu Aewyre em todo o caso, esperando por outra dose. *"Isto tudo por causa da noite em Vau do Caar? Até parece que te obriguei a beber!..."* alguma coisa. Aewyre? perguntou Allumno.

Como?

Sentes alguma coisa? repetiu o mago calmamente, enchendo outra tigela.

Sim, eu... sinto-o. Parece que não se mexeu explanou Aewyre, coçando a restolhada de barba que lhe crescera.

Isso só pode querer dizer uma coisa...

Três grunhiu Worick. Ou morreu, ou está a morrer ou chegou a casa.

Bem visto reconheceu Allumno, sorvendo delicadamente o vinho quente e doce.

Ele sabe que estou atrás dele. Sabe que o persigo.

Será que também sabe o chato que és, sempre a repetir a mesma coisa? barafustou o thuragar.

Olha quem fala... lembrou Taislin.

Eu acho que estamos todos cansados e que precisamos de repousar disse Allumno. Vamos saborear esta bebida e deitamo-nos de seguida.

Os protestos de Worick reduziram-se a resmungos indistintos e os companheiros trincaram tiras de carne seca com queijo sem grande apetite, empurrando-as com vinho quente. Taislin encheu a cevadeira da Alfarna e pendurou-a no focinho da burra, que comeu com apetite.

Podíamos fazer papas de aveia com o que o animal está a comer... murmurou ainda o thuragar antes de se refastelar.

Worick, por favor... solicitou Lhiannah.

O pedido da princesa foi o último antes de os companheiros por fim se aconchegarem aos cobertores e Allumno diminuir gradualmente o brilho da esfera. Um por um, adormeceram ao som do mastigar da burra. Passado algum tempo, Worick ressonava e Lhiannah alternava entre o sono e o despertar sonarento para endireitar o pescoço do thuragar, o que o silenciava momentaneamente. Aewyre permanecia sentado, de pernas cruzadas, fitando a escuridão e brincando com o seu incisivo. Krór nunca abandonava os seus pensamentos, mesmo quando não pensava no drahreg. Dois confrontos não haviam bastado para resolver a disputa que nenhum dos dois provocara, a

disputa que fora estabelecida pela Essência da Lâmina, que parecia ansiar por mais um portador. Tal era a força da atracção fatal entre Aewyre e Krór que esta só seria mitigada quando um deles morresse.

Aewyre? perguntou a voz sussurrante de Allumno.

Hmm?

Estás acordado?

Acho que sim...

Ouviram-se ruídos de movimento e o mago ajeitou-se ao lado do seu protegido.

Estás ciente de que podemos morrer aqui ciciou, mais uma afirmação que uma pergunta.

Não, imagina. Um lugar tão agradável...

Não é só o lugar continuou o mago, indiferente ao sarcasmo. Somos intrusos aqui, mais ainda que em Moorenglade. Não temos onde nos esconder, estamos a penetrar numa extensão de terreno aberto povoada por milhares de bárbaros agressivos com montadas velozes, sem saber ao certo quanto tempo aqui passaremos. E depois há a comida, a madeira para o fogo e, como referiste, o próprio lugar, só por si perigoso para estranhos como nós.

E que sugeres? Que vamos embora?

Não. Queria só certificar-me de que estavas inteirado acerca de tudo. Boa noite.

O mago fez tenção de se deitar, mas Aewyre agarrou-lhe o ombro.

Espera aí, Allumno. O mago tornou a sentar-se. A ti nunca perguntei: por que continuas? Esfolaste a perna, partiste o joelho, foste atacado, ferido, feito prisioneiro e provavelmente já perdeste conta das vezes em que ias morrendo. Já não és nenhum jovem, Allumno, o teu lugar deveria ser numa sala cómoda num castelo seguro, com um copo de leite quente com mel na mesa e uns bons livros para ler à lareira. Porquê? Por que continuas com um grupo de crianças irresponsáveis que se atiram de cabeça ao fogo? Sou o teu protegido, bem sei, mas a partir do momento em que fugi do castelo foste aliviado de toda e qualquer responsabilidade. Não gostas do Worick, aturas a Lhiannah e ignoras o Taislin. Pergunto, porquê?

Seguiu-se silêncio, durante o qual Allumno pareceu ruminar o invulgarmente longo discurso de Aewyre.

Em primeiro lugar, e isto é algo que nunca deveria ser dito por um protector explicou por fim o mago, há uma coisa que já deverias saber e cuja enfatização devia ser desnecessária: o que nos une é bem mais que o laço tutor-protégido. Se não sabes

por que te acompanho, então também deverias ter perguntado ao Quenestil por que é que ele te seguiu. Aewyre ia falar, mas Allumno não parou.

Em segundo, a responsabilidade e o juramento do protector *não* são aliviados se o protegido fugir. Muito pelo contrário, constitui uma agravante para o tutor desleixado que permitiu que o seu tutelado lhe escapasse à alçada. Agora, se me dás licença...

Allumno?

Sim...? retrucou o mago sem grande paciência.

Por que me deixaste fugir? O mago fez mais uma pausa.

Para todos os efeitos, tu fugiste e eu fui atrás de ti, sendo o meu dever agora proteger-te. E agora... O mago fez tenções de se deitar.

Allumno?

Sim?

Eu... considero-te um amigo, Allumno. Mais que um amigo, és como um segundo pai; sempre o foste para mim e para o Aereth. É muito importante para mim que estejas comigo. Preciso... preciso do teu apoio.

O mago sorriu no escuro, um raro sorriso que o jovem não podia ver.

Folgo em ouvi-lo disse, agarrando o ombro de Aewyre. Agora deitemo-nos.

Allumno?

Siiim...?

Ainda não respondeste à minha pergunta. Por que não me impediste de fugir? Um pouco de palavreado e zás!, ficava parado que nem uma pedra e tu ias-me pôr no quarto com a porta trancada.

Bem, a verdade é que prefiro ver-te pelo mundo fora a aprender coisas que a andar ao laré com as damas da corte e...

Antes que Allumno se pudesse corrigir, Aewyre falou de imediato.

Ao laré? Allumno, ao laré? Isso é palavra que um mago use?

Eu... não queria dizer ao lar... não queria dizer isso... eu...

Tu disseste que eu ouvi muito bem! gracejou o guerreiro, incapaz de manter a voz baixa. Ao laré?

Pouco barulho ou vou-te à boca! ameaçou Worick.

Ó Allumno, bem sei que não podemos esquecer as nossas raízes, mas ao laré?

Com licença. Vou dormir... escapuliu-se o mago, enrolando-se num cobertor.

A voz trocista de Aewyre ainda se fez ouvir durante algum tempo, mas após um arremesso de algo duro contra a cabeça do jovem e vários protestos por parte de todos os que partilhavam a tenda, este enroscou-se e adormeceu com uma risadinha infantil.

”Pelos vistos, não esquecemos mesmo as nossas raízes”, reflectiu Allumno, lembrando-se de uma infância despreocupada como filho de uns camponeses, gente simples e humilde ”Andar ao laré...”

Allumno! berrava uma voz algures por detrás das árvores.

S-sim pai? respondeu o rapaz aflito, saltando de cima de uma rapariga da sua idade, estendida no chão.

As folhas outonais queixavam-se com os passos apressados que se dirigiam ao prado onde os dois se encontravam. A rapariga atava os cordões da blusa apressadamente, trocando um olhar cúmplice com o rapaz como para disfarçar o nervosismo. O que estiveram prestes a fazer não era decoroso...

O pai do rapaz surgiu de detrás de uns arbustos, olhando para ambos com uma expressão algo surpresa na cara. O jovem preparou-se para o pior. O pai principiou a rir, abanando a cabeça.

Allumno, vem já para casa antes que eu te açoite ordenou entre risotas enquanto o rapaz se erguia, apertando as calças. Só me faltava esta. Agora em vez de ajudares o teu pai, pões-te a andar ao laré com as moças...

A rapariga corou e puxou o vestido para baixo quando se levantou.

Vai lá para casa, cachopa. Eu não vi nada disse o pai, e a rapariga esboçou um tímido sorriso, comendo o cabelo escuro. E tu, Allumno, hoje puxas a charrua. Olha que esta... vá, anda daí.

Sim, pai. O rapaz acatou de imediato a ordem, mas não sem antes olhar para trás. A rapariga enviou-lhe um beijo e Allumno tirou um dos cordões da blusa dela do seu bolso, mostrando-lho e piscando-lhe o olho.

... ou levas com o martelo grunhiu uma voz que não a do pai de Allumno.

O mago despertou, piscando os olhos em vão, pois a escuridão mantinha-se.

Perdão?

Pára de falar sozinho, mago. E debes estar pouco bêbedo para me chamares pai, debes, pedras me partam... resmungou o thuragar antes de se enroscar uma vez mais no cobertor.

Allumno ficou algum tempo a fitar a escuridão, sem esboçar qualquer gesto, ouvindo os ruídos do sono tranquilo dos seus companheiros. Taislin estalava os lábios por vezes, Worick roncava, Lhiannah não parava de se mexer e só Aewyre permanecia quieto. Sempre tivera o sono pesado...

Andar ao laré... murmurou, remexendo na sua sacola.

Quando encontrou o que procurava, acariciou-o por breves instantes e, após alguns momentos de reflexão, concentrou-se o suficiente para que a gema na sua testa brilhasse. Estava a canalizar pura Essência, sem a moldar com a Palavra, mas numa quantidade tão ínfima que só lhe poderia dar quando muito uma pequena dor de cabeça. O brilho vermelho iluminou o objecto que Allumno segurava, um singelo cordão cinzento de linho já gasto e lasso. Myla era o nome da rapariga. A gema de Zoryan escolhera-o como hospedeiro antes que Allumno a pudesse pedir em casamento. Anos mais tarde, o mago fora visitar o local onde os seus pais haviam sido enterrados, um monte perto da aldeia onde nascera. Myla casara-se, entretanto, com o oleiro. Cinco crianças saltavam em redor do seu corpo cansado quando Allumno espreitou pela janela da sua nova casa. Parecia mais velha do que seria de esperar, já com fios grisalhos no seu cabelo negro, manchas cinzentas debaixo dos olhos e mãos gastas de preparar o material do ofício do seu esposo. Uma das crianças apontou para a janela, mas Allumno desviou-se e fugiu dali, penetrando profundamente no bosque que ladeava a aldeia. Sem saber como, acabou por chegar ao prado onde tantos anos antes fora apanhado pelo seu pai com Myla. Sentou-se numa pedra e chorou, um pranto amargo que se prolongou durante várias horas, volvidas as quais regressou aos seus novos deveres em Ul-Thoryn, para nunca mais voltar.

Andar ao laré... repetiu, acabando por adormecer com o cordão enrolado nos dedos de uma mão.

JAZURRIEH

Altas muralhas de escura pedra granítica cercavam uma cidade que os dois caçadores avistaram do topo do monte. Por detrás delas viam-se edifícios igualmente escuros e cinzentos perfeitamente alinhados em blocos com ornados topos protuberantes e cónicos. Mesmo à distância, Quenestil pôde sentir o ar soturno e lúgubre da sombria cidade.

Um ninho de víboras, meu amigo disse a Babaki.

Como?

Uma cidade eahanoir. Não esperava outra coisa. O eahan ouviu Babaki gemer.

Como entramos?

Quenestil acorrou-se no topo da elevação onde se encontravam, levou uma mão pensativa ao queixo e fitou a cidade, absorto. Os eahanoir não odiavam os restantes eahan quanto estes detestavam os seus primos negros, mas também não nutriam por eles grande afecto. Sabia também que os eahan negros incentivavam viagens de recreio nas suas cidades, autênticos antros de lascívia e devassidão e outros prazeres proibidos e depravados. Entre eles a luta em arenas...

Tive uma ideia disse a Babaki. Cobre-te bem com a capa. O antroleo fitou Quenestil sem compreender quando este tirou a fita da sua testa, começou a desalinhar o seu cabelo e a tapar as orelhas. Quando já parecia um doido varrido, tapou a cabeça com o capuz e puxou tufos de cabelo para fora. Por fim, curvou as costas e deu alguns passos como se estivesse coxo de uma perna.

Que tal? Achas que passo por um mestre de escravos? perguntou, franzindo o sobrolho.

Babaki foi incapaz de conter uma gargalhada.

Pronto, pronto... mas estou convincente?

Penso... penso que sim admitiu o antroleo, esfregando uma lágrima do olho.

Muito bem. Agora puxa o capuz bem para a frente, tapa-te com a capa e deixa as *shwafwif* à mostra.

Está bem, mas... o antroleo fez como lhe fora pedido, mas pareceu preocupado o *que* vamos fazer?

Deixa isso comigo. Limita-te a manter uma pose ativa e intimidante. Para quem o conhecia, Babaki era tão assustador como um passarinho, mas o simples tamanho e a largura dos ombros do antroleo deveriam ser suficientes.

Os dois desceram pelo caminho bravio até à estrada calcetada que se dirigia para a cidade e por ela seguiram. Enquanto se encaminhavam para os portões negros foram três vezes afastados por condutores humanos de carruagens que, sem dúvida, transportavam alguém importante que gostaria de usufruir dos prazeres proibidos da cidade dos eahanoir. Também foram abordados duas vezes por indivíduos encapuzados que se ofereceram como guias para a cidade. Quenestil teria recusado mesmo sem ouvir as suas vozes ásperas e ver o brilho perigoso dos seus olhos. Provavelmente tê-los-iam arrastado para um beco escuro, esfaqueado e despido de todas as suas posses. Ou pior. Continuaram a andar, Quenestil curvado e Babaki alto e de peito entufado, obviamente desconfortável com a atenção que sobre si recaía. Por fim, chegaram às portas, que na realidade eram duas pontes levadiças sobre uma fossa com estacas, uma maior para as carruagens com pessoas e mercadorias e outra mais pequena onde os peões transitavam. Um dos muitos guardas eahanoir que envergavam uma cota de malha tingida a preto com uma túnica negra por cima e empunhavam esguias lanças mandou-os parar. Tinha uma tatuagem vermelha na testa pálida, um estranho padrão que lembrava um símbolo bélico. Os seus olhos azul-claros perscrutaram os companheiros dos pés à cabeça, olhando para o homem ruivo e curvado com desprezo e com uma medida de respeito para a enorme figura.

Saudações. Quem sois e qual o vosso negócio em Jazurrieh? perguntou em Glottik numa voz suave e fria como uma folha de gelo.

Saudações... A palavra saiu a custo da garganta de Quenestil e com um tom mais azedo do que seria aconselhável. Sou um mercador de lutadores e trago este belo espécime para o combate nas arenas.

Virou-lhe as costas curvadas, coxeou até Babaki e deu-lhe pancadas reveladoras nos membros musculosos e no peito.

Muito bem acedeu o guarda. Queiram passar e aguardem pelo respectivo guia na praça.

Quenestil curvou-se em agradecimento e puxou Babaki consigo.

Um bom dia desejou. *"E que ardas nos infernos."*

Os dois passaram a arcada da porta dos peões e entraram na cidade, deparando com uma larga praça quadrada, o único espaço aberto em Jazurrieh. Tinha oito caminhos de ladrilhos pretos e oito brancos que se projectavam em redor do centro, um círculo de uma pedra preta com veios cristalinos coberto por um dossel preto. Sob ele aguardava uma multidão de visitantes, na sua maioria latvonianos de cabelos castanhos e escuros com as suas roupas de finas peles mas também alguns homens do Sul, morenos, de roupas de linho gasto, provavelmente mercenários. Havia outros, mas esses o eahan não soube identificar. Quenestil e Babaki encaminharam-se nessa direcção nos ladrilhos brancos, após serem afastados dos pretos por eahanoir encarregados da organização. Dos cinco caminhos que se projectavam para as portas da cidade, os dois brancos aparentavam destinar-se para quem entrava, para peões comuns e visitantes importantes, respectivamente, e os três pretos serviam para a saída. Quando chegaram ao círculo, acomodaram-se na multidão e aguardaram. Babaki olhava nervosamente em redor, consciente de todos os olhares em cima de si, mas Quenestil estava atento como um carcaju em território de lobos, apesar de manter a sua postura de mercador marreco. Uma eahanoir descalça, pouco mais vestida que no dia em que nascera e com um ponto vermelho na testa encaminhou-se com desenvoltura pelos ladrilhos pretos para o círculo, cruzando as pernas alvas e chamando com voz lúbrica em Glottik e Urial aqueles que pretendiam visitar as "casas de prazer". Vários homens riram depravadamente, esfregando as mãos, e foram conduzidos pela eahanna para fora do círculo, onde carruagens os aguardavam, e que rapidamente desapareceram nas ruas apertadas de Jazurrieh. Quenestil reparou que também havia mulheres presentes, cujas caras estavam cobertas com lenços e véus e lembrou-se de que Allumno uma vez dissera que o adultério era punido com a morte em Latvonia quando um elegante e bem-parecido eahanoir as encaminhou por outros ladrilhos pretos até outras carruagens. O círculo ficou bastante diminuído, mas mais homens e mulheres vinham pelos ladrilhos brancos.

Então aonde vai, companheiro? perguntou alguém ao lado do eahan com voz fanhosa.

Quenestil virou-se e viu um homem moreno com chapéu verde de copa alta e aba curta. Vestia um gibão azul de mangas folhadas e chumaços redondos nos ombros, umas apertadas calças vermelhas e sapatos pretos de bico alongado.

Para as arenas respondeu, lacónico.

Pfff... ó amigo, com tanta coisa boa nesta cidade, vai para um cubículo cheio de homens suados e malcheirosos a tentarem matar-se uns aos outros? perguntou, enquanto tirava um lenço da manga para se assoar.

O eahan assentiu com a cabeça e continuou a olhar em redor.

Para quê isto tudo? perguntou, cobrindo a praça e as carruagens com um gesto largo da mão.

Isto? Ora, companheiro, se quiser ir à procura de uma menina por aí sozinho e sem indicações, encontra-a de certeza, mas o mais certo é encontrar uma faca nas suas costas antes ou depois de a ver. Assim não há problemas. Bastante eficientes estes eahanoir, não?

Muito... Por que falava o homem com ele? Quenestil queria chamar tão pouca atenção quanto possível naquela cidade.

Arenas! Combates de morte! Arenas aqui gritou alguém em Glotik, repetindo de seguida em Urial.

Quenestil olhou na direcção da voz e viu um grupo de eahanoir com cotas de malha enegrecidas e espadas curtas embainhadas. Os presentes mais encorpados do círculo dirigiram-se a eles.

Anda Babaki disse, puxando o antroleo.

Adeus então, companheiro. Divirta-se e aproveite tudo o que Jazurrieh tem para oferecer!

Sim, sim... respondeu o eahan fugazmente. Aguardavam-no cinco eahanoir armados e com ar de quem sabia lutar. Eram todos esbeltos e elegantes, cada um com a mesma tatuagem vermelha de padrão bélico na testa, e os seus frios olhos azuis pareciam capazes de gelar um homem, mesmo quando olharam aprovadoramente para Babaki.

E o dono? perguntaram a Quenestil, indicando o antroleo.

Sou sim. Ele... ele não sabe falar. Babaki olhou para o eahan sem compreender, mas nada disse. Se lhe quiserem dizer alguma coisa, falem comigo.

Muito bem assentiu o guarda, começando a questionar os restantes.

Não digas nada sussurrou o eahan a Babaki. Se alguém falar contigo, olha para mim.

Está bem... concordou o antroleo, visivelmente nervoso.

Arenas! Combates de morte! Arenas aqui! gritou o guarda uma última vez, indicando umas carruagens pretas laçadas com reposteiros vermelhos nas janelas e conduzidas por belos garanhões negros.

Quenestil e Babaki entraram na primeira, acompanhados por um enorme humano careca e um outro mais pequeno mas não menos largo. Com um grito e uma chicotada do cocheiro, os garanhões iniciaram o trote e a carruagem abanou com o puxão. As estradas de Jazurrieh eram bem pavimentadas na entrada, mas a carruagem começou a oscilar com as irregularidades que foram aparecendo à medida que penetravam na sombria cidade. Quenestil estava perdido nos seus pensamentos, mas Babaki observou os seus acompanhantes, que o fitavam com cara de poucos amigos. O enorme homem careca era todo ele cicatrizes na cara, vestia uma camisa de couro de mangas curtas, que revelavam os seus possantes antebraços tatuados. O seu nariz fora partido demasiadas vezes e encarquilhava-se-lhe para o lábio superior rasgado numa eterna expressão de escárnio. Trazia às costas algo embrulhado em peles, provavelmente uma arma. O outro, mais pequeno mas não menos entroncado, olhava atentamente com olhos marcados por manchas de várias pancadas tanto para Quenestil como para Babaki, apoiando o seu queixo num punho achatado e largo. Babaki desviou o olhar e puxou uma cortina para ver as ruas, deparando com uma parede escura com traços de humidade a escorrer. Vislumbrou um beco, no qual umas formas ocultas pela sombra dos edifícios se agitavam como numa luta, mas tão depressa quanto fora revelado, o beco foi obstruído por outra parede escura. Um solavanco da carruagem convenceu Babaki a fechar a cortina.

Quenestil forçava-se a pensar. Conseguira com que entrassem, agora como saber onde Slayra estava? Cidades não eram o domínio do shura, a aglomeração de edifícios fazia com que se sentisse sufocado, as multidões asfixiavam-no, e não fazia a mínima ideia de como as coisas funcionavam. Bom, certamente encontraria alguém que soubesse... Uma súbita paragem despertou-o dos seus pensamentos quando o cocheiro puxou as rédeas dos garanhões. Uma moca apareceu na mão do homem careca e duas adagas deslizaram dos braços do outro. Ambos olharam para fora, desconfiados.

Saída para a arena gritou um eahanoir em Glottik e depois em Urial.

Vamos disse Quenestil a Babaki, gesticulando.

O antroleo ergueu-se, curvado, mas o homem careca pôs-se à sua frente com um grunhido e saiu antes dele. O outro procedeu da mesma forma, olhando perigosamente para Babaki.

Ignora-os aconselhou-lhe Quenestil ao ouvido e saltou para fora da carruagem, esquecendo-se de que supostamente deveria coxear.

Assim que saiu da carruagem, em vez de se sentir menos constrangido que naquele espaço apertado, o eahan experimentou uma sensação de esmagadora opressão. Os edifícios negros de Jazurrieh eram, na sua maioria, tão espaçados quanto o intervalo entre unha e carne. O ar era pesado, carregado, trazendo consigo um húmido odor que nem mesmo o apurado nariz do shura conseguia identificar, pois desconhecia as fragrâncias da cidade. Uma coisa era certa, porém: cheirava a corrupção. Três eahanoir mexeram-se, escondidos na densa penumbra com os anéis das cotas de malha a tilintarem suavemente.

Por aqui disse um deles, alternando como sempre entre Glottik e Urial.

Um pequeno grupo de grandes homens seguiam-nos e os dois caçadores fizeram o mesmo, Quenestil a coxear e Babaki a manter uma pose altiva como o seu amigo lhe pedira.

”Bem, e agora?”, pensou o eahan *”Como perguntar pela Slayra?”*

Entrem indicou um eahanoir, parando ao lado de um edifício tão escuro e soturno quanto os outros.

Uma porta abriu-se e um fecho de luz irrompeu pela escuridão do beco, cortando-a como uma faca amarela e trazendo consigo o ruído de várias vozes demasiado barulhentas para eahanoir. Quenestil e Babaki foram os últimos a entrar no que parecia ser um átrio, uma sala ladeada por colunas de mármore negro nos cantos que sustentavam um tecto abobadado com frescos de sangrentas lutas na cúpula. Tochas penduradas nas colunas iluminavam o átrio, repleto de humanos e vigiado por eahanoir, que calcorreavam o chão decorado com mosaicos de tons sóbrios. Acordos ocultos eram efectuados atrás da protecção das sombras trémulas e o tilintar de moedas secundava os sussurros e murmúrios dos humanos que negociavam.

Lutadores. Lutadores aqui chamou um eahan negro, acompanhado por outros dois que se dirigiram aos combatentes, separando Babaki de Quenestil antes que este se apercebesse do que estava a acontecer.

Esperem, ele não sabe...!

Faça o favor de falar com o capataz das apostas dispensou-o um eahanoir.

Vocês não entendem...! exclamou Quenestil em desespero ao ver Babaki a ser arrastado pelo grupo, olhando em redor nervosamente sem compreender. O antroleo confiara nele, confiara nele!

Há algum problema? perguntou o mesmo eahanoir e outro apareceu ao seu lado, mão no cabo da espada curta. Não pareciam dispostos a aturar alguém que saísse das normas...

O meu homem, ele não sabe...

Onde está o capataz? perguntou um indivíduo, surgindo atrás do eahan; um mercador abastado, a julgar pela sua indumentária rica e bordada e a pele de arminho que tinha aos ombros.

O homem de capa vermelha indicou o eahanoir. Vamos, façam o favor de circular para a arena.

Mas o meu homem... O shura viu com desespero Babaki a desaparecer atrás de uma porta, cercado por homens corpulentos e guardas eahanoir.

Babaki olhava em redor freneticamente. O seu capuz ainda lhe ocultava a face, mas a sua imponente figura e os pêlos das partes do seu corpo que não conseguia esconder estavam a atrair muitos olhares. Isso não impediu que o grupo o arrastasse como uma maré pelo corredor escuro no qual caminhavam, orientados por guardas eahanoir de capas pretas e cotas de malha opaca.

Em frente repetiam constantemente, originando vários resmungos de protesto por parte dos homens.

Onde estava o Quenestil? Isto não deveria ter acontecido... o que faria agora? Um empurrão impediu-o de parar e a pressão que um cotovelo mantinha nos seus rins forçava-o a andar.

-Esperem... pediu, mas a sua voz perdeu-se no meio dos grunhidos e resmungos. Esperem...

Um eahanoir abriu uma porta e o grupo entrou numa grande sala, com uma outra porta ao fundo à direita e vários painéis de pedra que percorriam a parede em frente ao longo da sala como estalas de cavalos. Em cada uma estava um eahanoir sentado numa mesa e munido de uma pena. Um guarda indicou uma dessas "estalas" a Babaki e o antroleo para lá se dirigiu, olhando nervosamente em redor.

Glottik? perguntou um eahanoir sentado, inquirindo sobre outros dialectos nas próprias versões. Tinha tatuado na testa um símbolo vermelho mais intrincado que o dos guardas.

G-Glottik respondeu Babaki, fitando o seu inquiridor. Como todos os eahan negros era lugubrememente bem-parecido, belo

como as sombras projectadas pela Lua numa floresta despida pelo Inverno. Os seus frios olhos claros e ligeiramente oblíquos perscrutavam-no atentamente dos pés à cabeça, franzindo um sobrolho perante os pêlos dos membros do antroleo e arregalando-se quase imperceptivelmente ao chegar à cara do observado. A pena escrevinhava rapidamente.

Nome? perguntou, interessado.

B-Babaki respondeu, nervosamente e sem pensar.

As sobranceiras do eahanoir arquearam-se perante o estranho nome, mas a pena não parou.

Tem mestre?

Ha... per-perdão?

Tem mestre? reiterou o eahanoir sem grande paciência. Vendo a expressão perplexa de Babaki, escreveu qualquer coisa e prosseguiu.

Armas?

Ah... as minhas *shwafwif*? *Por que* lhe perguntava ele estas coisas?

Como? Aparecia cada um...

Shwafwif... repetiu o antroleo, abrindo a capa e exibindo as tradicionais armas do seu povo, uma lâmina em contracurva com duas pontas empunhada por um cabo com uma guarda com espinhos para proteger a mão e esmurrar o adversário.

Interessante. Nunca vi... murmurou o eahanoir, escrevinhando incessantemente. Tem armas escondidas?

Não... O antroleo estava cada vez mais confuso.

Tire a capa, por favor pediu, levantando-se.

Mesmo sem perceber o porquê daquilo tudo, o antroleo assim fez. O homem deu um passo involuntário para trás quando Babaki revelou a sua raça, mas avançou de seguida, visivelmente mais cuidadoso, e revistou-o. Tirou-lhe as *shwafwif*, prendeu-as com um fio vermelho e escrevinhou mais um pouco no papel.

Vá pela porta à esquerda disse por fim, esfregando os pêlos de Babaki das suas mãos e pousando as exóticas armas na mesa.

Mas eu...

Vamos. Há outros à espera dispensou-o o eahanoir, dando a entender que não gastaria mais tempo com ele.

Involuntariamente, o antroleo viu-se mais uma vez arrastado por guardas e por um novo grupo de homens assim que saiu da "estala". Onde estava o Quenestil? Um eahanoir abriu a porta e de imediato

Babaki sentiu um bafo fedorento de suor e dejectos humanos que saiu com o ímpeto de um animal enjaulado finalmente liberto. Foram conduzidos por mais um corredor escuro até uma enorme sala desprovida de qualquer decoração mas com postes horizontais afixados na parede aos quais estavam presos grilhões e correntes espaçados o suficiente entre si de modo a que um homem acorrentado não pudesse tocar nos dois ao seu lado. Havia também cadeiras debaixo do poste, aparentemente pregadas ao chão. Delicadamente, os eahanoir começaram a acorrentar o grupo e nenhum homem protestou, aceitando os grilhões com uma cara determinada.

Mas por que...? tentou Babaki perguntar.

Se precisar de fazer alguma coisa, chame um guarda explicou o eahan negro que lhe prendeu os grilhões aos pulsos, indicando as sentinelas que andavam de um lado para o outro no meio da sala.

Mas eu não...

Espere pela sua vez. Um guarda virá chamá-lo continuou o eahanoir, seguindo para outro homem.

Babaki começava a ficar preocupado. As coisas não se deviam ter passado assim. Quase todos os humanos o fitavam, numa mistura de olhares de espanto, nervosismo ou desafio. Uns falavam, uns poucos riam, mas a maior parte estava absorta em pensamentos ou em concentração, alheios aos eahanoir que patrulhavam a sala. O antroleo tentava ignorá-los, mas para onde quer que se virasse havia uma cara a fitá-lo. Decidiu olhar para o chão e viu sangue. Olhou antes para o tecto. O Quenestil iria aparecer...

As suas apostas, senhor? perguntou um eahanoir vestido de preto e com uma capa escarlata às costas. O símbolo vermelho estampado na sua testa era mais intrincado que o dos guardas.

Quenestil virou-se para ele, sem saber o que dizer. O que queria mesmo fazer era partir-lhe o pescoço, a ele e aos outros eahanoir da sala.

Eu... vou esperar disse, puxando o capuz para a frente e orando à Mãe para que o estojo de couro do seu arco não atraísse muita atenção.

Muito bem assentiu o eahan negro. Goze o espectáculo. *"Gozá-lo-ia se te atirasse para a arena"*, fantasiou o shura, olhando em redor e para baixo. Encontrava-se num anfiteatro, numa série de anéis descendentes que rodeavam uma arena com areia e grades em locais opostos por onde os lutadores deveriam sair. O sítio estava

cheio, cheio de humanos, principalmente. Os únicos eahanoir eram as sentinelas de cota de malha escurecida e os que recolhiam as apostas. O edifício não tinha tecto aberto e o ar estava carregado e abafado. A única iluminação era providenciada por tochas que ponteavam as escadarias, presas a colunas que sustentavam o tecto, e pelos quatro grandes fogos que ardiam furiosamente dentro da arena, alimentados por algo debaixo do solo do próprio anfiteatro. Havia uma jaula com chão gradeado suspensa por cima do local de combate, movida por guinchos e correntes, na qual se encontrava um eahan negro vestido de toga. Este tocou um sino cujo repique agudo silenciou a multidão e atraiu todos os olhares para a jaula.

Honrado público, Jazurrieh saúda-vos cumprimentou em Urial, repetindo em Glottik. Era estranho ouvir um eahanoir a levantar a voz, mas as paredes do anfiteatro pareciam levar o que dizia a todos os cantos da sala. Damo-vos as boas-vindas à arena e anunciamos o início dos combates. Fazei as vossas apostas e que a luta comece! O repique agudo fez-se ouvir uma vez mais e as grades da arena subiram com um rangido férreo.

O público aplaudiu os dois homens que entraram na arena, dois brutos cheios de cicatrizes armados *de* luvas com horríveis espigões contundentes. Sem esperarem por qualquer palavra, lançaram-se um contra o outro como dois cães acirrados e o primeiro sangue foi vertido. O público rejubilou e o clamor de vozes excitadas encheu o anfiteatro fechado, reverberando pelas paredes e fazendo a escadaria tremer. Só os eahanoir permaneciam frios e impassíveis, embora vigilantes. As moedas começaram a tilintar para as mãos dos eahan negros responsáveis pelas apostas. Um dos homens grunhiu de dor quando o punho espinhoso do seu adversário colidiu contra o seu estômago, perfurando-lhe a barriga com vários espigões. O público adorou e mais moedas escorreram para o saco à direita de cada eahanoir, que representava o homem que desferira o murro. A tudo isto Quenestil assistiu, horrorizado. Foi acometido de náuseas, não devido ao espectáculo grotesco, ou talvez em parte devido ao mesmo, mas sobretudo por causa do abafado ambiente, do ar pesado, do calor emanado por uma centena de corpos, as vibrações no ar, o barulho, os gritos, o calor... ar, precisava de ar.

O eahan empurrou o seu caminho através da multidão, suando em bica, arfando por ar e passou por dois eahanoir de olhares frios, que lhe abriram a porta. Não havia ar fresco no corredor, mas pelo menos já não tinha a sensação de ter duas mãos a pressionarem-lhe a cabeça e

conseguia respirar. O shura apoiou-se nos joelhos e respirou lenta e ruidosamente, esfregando o suor da testa e por cima do lábio superior. A capa não ajudava nada... Encostou-se à parede e tentou ordenar os seus pensamentos. A culpa era dele, mas o Babaki era quem corria perigo agora. Certamente iriam pô-lo a lutar contra um daqueles energúmenos. Tinha de pensar, mas o barulho, os ruídos retumbantes e os berros...

Quenestil perdeu a conta do tempo que ficara no corredor, até que ouviu um rugido.

Mãe, não... oh não! e correu para a multidão.

Babaki? perguntou um eahanoir ao antroleo, parecendo forçar o nome através dos lábios.

Sou eu.

Muito bem. As suas armas... shwafwif? inquiriu, olhando sem compreender para as lâminas curvas nas suas mãos.

São essas disse o antroleo, ainda sem perceber o que se estava a passar.

Muito bem. É a sua vez disse, abrindo-lhe os grilhões com uma pequena chave. Babaki esfregou os pulsos, pensando em perguntar se tal tratamento fora necessário, mas o eahan negro enfiou-lhe as armas nas mãos e puxou-lhe o braço.

Venha. O público espera-o.

Babaki percorreu a sala, olhando em redor para os homens agrilhoados e sentados, mas o eahanoir abriu-lhe outra porta e empurrou-o através dela, fechando-a de seguida. Encontrava-se agora num corredor íngreme ao fundo do qual estavam dois guardas a ladear uma grade que vedava o acesso a um local bem iluminado e do qual provinha todo o barulho que ouvira indistintamente na sala onde estivera à espera. Os guardas gesticularam-lhe para que se aproximasse e o antroleo acedeu ao pedido, preparando-se para fazer perguntas, mas os eahan negros fizeram-lhe sinal que esperasse. Ao repique agudo de uns sinos, os eahanoir puxaram alavancas e a grade começou a subir.

Vá. É a sua vez. Bom combate... desejou o da direita, convidando-o a entrar.

Mais uma vez, Babaki assim fez e a grade fechou-se atrás dele. Encontrava-se numa espécie de poço largo coberto de areia no qual ardiam quatro enormes fogueiras. À sua volta estava uma imensa multidão que gritava a plenos pulmões, apontando para o antroleo e entregando algo que brilhava como moedas a eahanoir. Então outra

grade foi aberta e dela saiu o enorme homem careca que estivera com ele na carruagem. Carregava uma enorme maça de armas, que prontamente brandiu para grande entusiasmo do público. O homem fitou Babaki ameaçadoramente e avançou na sua direcção, empunhando a maça com as duas mãos e andando quase de lado numa postura defensiva, apesar de o antroleo se preparar para lhe perguntar o que estava a acontecer. Tê-lo-ia feito, mas o homem rugiu e a sólida cabeça da maça de armas voou na direcção da sua cara. Baixar a cabeça e recuar foi tudo o que Babaki conseguiu fazer antes de o seu adversário retomar a ofensiva. O público rejubilou.

Quenestil empurrou, esmurrou e agrediu o seu caminho novamente através da multidão, os seus músculos alimentados pelo desespero. O rugido fora de Babaki. O público entrara em histeria. Assim que o eahan conseguiu vislumbrar a arena, viu o antroleo a combater o humano com a enorme maça de armas. As *shwafwif* cortavam o ar, lascando o grosso cabo de madeira da arma do seu adversário, que grunhia e oscilava a maça em poderosas varredelas que poderiam arrancar a cabeça de Babaki caso se conectassem.

Foi com alívio que o shura constatou que o seu amigo não se enfurecera ao ponto de se tornar shakarex, mas isso em nada diminuiu a sua aflicção. Babaki não devia estar ali, a culpa era toda sua.

Babaki! gritou a plenos pulmões, mas a sua voz foi engolida pelo fragor da multidão. Babaki!

Quenestil gritou até ficar rouco, mas a luta na arena tornava-se cada vez mais feroz. Babaki levou uma pancada no ombro e uma *shwafwif* extraiu sangue do flanco do humano. O antroleo rosnava e o humano grunhia. O público exultava.

Babaki...!

Finalmente, o antroleo largou uma *shwafwif* e agarrou o cabo da maça com a mão. O seu pé enganchou-se no tornozelo do homem e puxou-o, desequilibrando-o. A outra *shwafwif* desceu e mergulhou no abdómen do homem. A multidão rugiu. Babaki levou a arma acima e preparou-se para desferir o golpe mortal no homem que estava ajoelhado aos seus pés, agarrando a barriga com uma mão e tentando manter um aperto firme na maça sem grande sucesso, mas reteve-se e pareceu cair em si. A multidão julgou perceber o sinal e principiou a gritar "morte!" em mais que um idioma, muitos já a esfregar as mãos em antecipação ao dinheiro que iriam receber. Mas Babaki baixou a *shwafwif*.

Vai. Por favor pediu ao humano, que ergueu a cara surpresa para fitar o antroleo. Vai-te embora e virou-lhe as costas, começando a andar em direcção à grade. O público gritou em antecipação.

Babaki, cuidado! berrou Quenestil.

O máximo que o antroleo conseguiu fazer foi baixar a cabeça antes de algo duro trovejar nela, enviando reverberações pelo seu corpo inteiro e abafando todo o som da arena com um zumbido denso. A sua espessa juba salvou-o de pior, mas as suas pernas oscilaram e os seus joelhos encontraram o chão. O mundo estava escuro, trémulo e cintilava com pequenos pontos brancos. Um rugido repercutiu-se pela sala, outro veio das profundezas mais recônditas da sua alma.

E então tudo ficou vermelho.

Babaki não pensou, limitou-se a agir. O mundo estava escarlate e tornou-se num borrão. O seu corpo ardeu com o afluxo de sangue. Algo quente e molhado o respingou.

Não! Rugido.

Não! Rugido.

NÃO!

Com um rosno de protesto, o animal afundou-se na consciência de Babaki. O antroleo piscou, olhou em redor e deu-se conta dos ensurdecadores urros de aprovação do público. A sua mão estava molhada.

”Oh não...”, principiou a desesperar mesmo antes de ver o corpo do homem a contorcer-se em espasmos de morte no chão com uma sangrenta abertura desde o umbigo até ao queixo. *”Não...”*

O ranger agudo de guinchos e o arrastar de correntes chamaram a atenção da multidão para o eahanoir em cima da plataforma que agora ensombrava a arena. O eahan negro tocou o sino e anunciou o vencedor.

Babaki!

Babaki! respondeu a multidão, ovacionando o antroleo, que contemplava o seu horrendo feito. Babaki! Babaki! Babaki!

Quenestil esmaeceu e enterrou a cara nas mãos.

OS CHO TIRR

As nádegas de Hazabel ressentiam-se das longas horas de cavalgada em cima de uma sela para uma só pessoa, mas em breve avistou o que parecia ser um acampamento. Kror virou a cabeça para o lado e gritou qualquer coisa, mas a harahan não ouviu e pôs o queixo por cima do ombro do drahreg, abraçada a ele.

O quê?

Estamos a chegar. Os Cho Tirr têm tendas quentes e comida.

Ainda bem... respondeu Hazabel sem grande emoção.

A chegada dos cavaleiros ao acampamento não foi recebida pelos habitantes, isto porque pareciam estar todos recolhidos nas tendas, menos dois guardas que saudaram os recém-chegados. A harahan olhou em redor e calculou que não devia haver muito mais de cem pessoas no acampamento, composto por umas quinze habitações, tendas redondas de feltro. Havia ainda um curral excessivamente grande para as cinco cabras lazarentas que lá dentro se aconchegavam contra o gélido vento, mas nada mais. Kror desmontou habilmente e ajudou Hazabel a fazer o mesmo enquanto os cavaleiros exibiam orgulhosamente uma carcaça de antílope escanzelada aos seus companheiros.

Vem, Hazabel. Kror aprendera a pronunciar o nome da que julgava ser uma humana. Vamos ao *yugr*.

Ao quê?

A casa do *ayan*. Vem.

A casa do *quê*? Apesar do frio, os dias passados na estepe haviam acalorado o temperamento da harahan.

O... líder.

Hazabel aquiesceu com um aceno de cabeça e Kror conduziu-a ao maior dos *yugr*, acompanhado pelos cavaleiros. Dois sentinelas estavam postados à entrada e um deles puxou o pesado reposteiro de feltro que servia de porta. Lá dentro, cheirava a estrume e havia uma névoa de fumo no ar causado pela fogueira, mas pelo menos estava quente. A tenda era grande; Hazabel viu dez pessoas e calculou que talvez coubessem mais. Era de uma construção simples, uma armação de ripas atadas com tiras de couro coberta com mantas de feltro. O tecto era constituído por varas presas a arcos no topo, que formavam um domo coberto por mais mantas de feltro, uma das quais pendia de forma a criar um buraco para o fumo sair. Deviam fazer um maior, pensou Hazabel, tossicando. No chão estavam tapetes e almofadas coloridos, mas não havia móveis de tipo algum, nem sequer uma mesa. A única coisa que chamava a atenção era um biombo de vime que ocultava qualquer coisa dos presentes. Dentro do *yugr* estavam sobretudo mulheres e crianças, mas também alguns homens, sentados à volta da fogueira a beber e a falar. As mulheres estavam a curtir peles com um pau e o que parecia ser a queixada de um burro, a coser com agulhas de osso e a descascar uns bolbos castanhos. Vestiam as mesmas túnicas que os homens, e apenas o cabelo as distinguia. Enquanto os cabelos deles emulavam crinas de burros, com os lados da cabeça rapados, elas usavam-no comprido e decorado com ossículos pintados. Ninguém sequer ergueu a cara para olhar para quem chegara e se por acaso olhavam na direcção destes, era como se não os vissem.

Então. Entrámos na tenda certa? perguntou Hazabel com alguma aspereza.

Não podem olhar para nós. Podemos ser udagai que entraram na tenda disfarçados como amigos. Se falarem connosco antes de nos anunciarmos, podíamos levar-lhes as almas para a estepe.

UãagaiP...

Eh... gritam na noite? Roubam... almas?

Espíritos?

Sim, maus.

Estou a ver... então que fazemos?

Espera.

Um dos cavaleiros anunciou-se numa frase curta e enfática, após a qual foi calorosamente recebido pelos presentes. Os seguintes fizeram o mesmo e foram todos igualmente acolhidos. Quando chegou a vez de Kror, o drahreg desembainhou os alfanges, cruzou-os de pontas

viradas para baixo e proferiu algo parecido com o que os cavaleiros haviam dito. Os presentes não se levantaram, mas ergueram as mãos de alegria e sorrisos rasgaram as suas faces. Uma criança saltou do colo da mãe e correu a abraçar o drahreg com uma alegria que lhe foi retribuída.

Potro Negro! Voltaste!

Kror riu e afagou os cabelos eriçados do rapaz. A criança tinha uma cara de lua cheia com grandes olhos ovais e uma boca sempre pronta a sorrir.

Sim, Gulan. Voltei.

Trazes histórias? Viste as bestas com pernas compridas como serpentes? São mesmo tão compridas? Como andam em cima delas? Como...

Kror interrompeu a enfiada de perguntas, pegando no rapaz ao colo e atirando-o ao ar.

Vou contar-te tudo. Mas agora tenho outras coisas a tratar... e virou a sua atenção para os outros presentes na tenda, que o receberam com sorrisos quando o rapaz caiu nos seus braços, guinchando de alegria.

Proferidas algumas palavras de boas-vindas, todos regressaram aos seus afazeres. Quando Hazabel olhou em redor e viu que era a única que não se havia anunciado, ficou sem saber o que fazer e olhou para, Kror. Este, com a criança ao colo, apontou para a harahan e disse algo parecido com uma apresentação em voz alta. Quando terminou, toda a actividade na sala pareceu cessar e uma dezena de olhos ovais fitaram Hazabel. A harahan encolheu-se reflexamente perante a atenção repentina e olhou para Kror, pedindo ajuda, mas o drahreg continuava a falar. A única coisa que Hazabel percebeu foi o seu nome...

... Hazabel é como se chama. Salvou-me a vida e por isso devo-lha. Pelos ancestrais, coloco-a sob a minha protecção e responsabilidade aqui, debaixo do lar do ayan.

Após a declaração de Kror, o silêncio tornou a reinar no *yugr*. Hazabel sentia-se como uma gota de sangue caída no meio da neve, vermelho contra branco, quente contra frio. O seu lugar não era ali; a própria tenda parecia querer repeli-la, e aqueles olhos ovais davam a impressão de que a sondavam até ao âmago do seu ser. A harahan não proferiu uma única palavra, permaneceu em pé, hirta e de punhos fechados, olhando em frente para um remendo na lona da tenda. O *yugr* parecia estar a ficar mais quente e gotículas de suor formaram-se no seu lábio superior. Subitamente, um estranho chocalhar rasgou

o silêncio da tenda e a harahan foi aliviada da pressão dos olhares quando estes se dirigiram ao recém-chegado. Na semiescuridão do *yugr*, a única coisa que Hazabel viu foi um vulto corcovado, cujos passos faziam com que os seus inúmeros penduricalhos chocalhassem. Todas as cabeças se inclinavam em deferência à sua passagem, mas o vulto não lhes prestava atenção, parecendo estar mais interessado na harahan. Quando se aproximou o suficiente para que as brasas mortíferas do estrume ardente o iluminassem, Hazabel só não arregalou os olhos porque estava habituada a coisas piores. À sua frente, uma mulher anciã tentava sustentar-se nas pernas finas como canas com a ajuda de um cajado nodoso e retorcido como os seus dedos. A única roupa que envergava era uma volumosa toga que lhe cobria o corpo mirrado, acentuando uma prodigiosa corcunda; nem sequer usava qualquer tipo de calçado. A pele da sua cara era engelhada, murcha, seca e ostentava várias chagas, duas das quais nos olhos, que eram completamente brancos, cercados por manchas escuras. O cabelo, se é que tinha algum, estava coberto por um alto gorro vermelho de topo chato, com duas abas que lhe cobriam as orelhas. A sua boca desdentada moveu-se, proferindo palavras que Hazabel duvidou de que os próprios oírr entendessem, e uma mão enfezada dirigiu-se à pele macia da cara de Hazabel. Já tendo suportado bem pior, a harahan não se mexeu e permitiu que a horrenda megera lhe tocasse. Quando os dedos calosos lhe roçaram a maçã do rosto, a mulher sibilou e os seus olhos vazios arregalaram-se. Principiou a gritar e a saltar à volta de Hazabel. O resto dos presentes permaneceu imperturbável, embora devotando toda a sua atenção ao estranho ritual que a megera executava. Hazabel fitou Krór, ignorando a mulher, e este, pousando a criança no chão, pareceu querer dizer-lhe que permanecesse quieta. Sem qualquer aviso, a harahan ouviu um ruído ríspido e algo quente, molhado e pegajoso atingiu-lhe a face. Quando encarou a mulher, esta agitava os braços e um corrimento amarelado pendia-lhe da boca: a maldita velha havia-lhe escarrado na cara! O primeiro impulso de Hazabel foi o de rasgar a garganta enrugada da mulher, esventrá-la, eviscerá-la, arrancar-lhe os olhos... mas por sorte, Krór abanou a cabeça e a harahan captou o movimento ainda a tempo de se conter, se bem que a custo. Sem sequer parar ou abrandar o ritmo, a megera retomou a sua dança frenética, pulando e ululando à volta de Hazabel como uma possesora. Após inúmeros giros, parou atrás da harahan e o silêncio caiu como uma manta no *yugr*. Hazabel resistiu ao impulso de se virar para ver o que a megera estava a fazer e permaneceu na

mesma posição, recebendo um aceno afirmativo de Kror. Ouviu ruídos de movimento e o roçar de roupa atrás de si, que a fez pensar no pior. Foi só quando sentiu algo molhado e quente no tornozelo que percebeu que a megera estava acorada numa postura grotesca a urinar-lhe para cima da perna! Só com um grande e repentino acesso de determinação é que a harahan se refreou de despedaçar a desgraçada. Sem saber como, conseguiu permanecer imóvel até a megera acabar o que estava a fazer e se levantar, após o que pareceu fitar Hazabel com interesse. Então retirou-se e coxeou até Kror, que se curvou respeitosamente perante a megera, apesar de saber que esta não via o gesto.

Há mal na mulher declarou numa voz trémula a anciã. Dizes tu que te salvou a vida, Potro Negro?

Assim foi, venerável.

Respondes então por ela?

Responderei.

Os olhos vazios da anciã pareceram fitar Kror por momentos.

Nunca te esqueças, Potro Negro, que tu, o poldro tresmalhado, foste acolhido nesta manada.

Não o esqueço, venerável... há mal em mim também, mas a manada acolheu-me. Peço-vos agora que acolham também aquela que me salvou, e que a ajudem como a mim ajudaram.

Não compreendes, mas há verdade nas tuas palavras. Pois seja, Potro Negro. Responderás por ela enquanto ela aqui permanecer.

Sim, venerável.

Chamarei agora o *ayan*.

Obrigado, venerável.

A anciã afastou-se de Kror e dirigiu-se ao biombo. Hazabel tentou chamar a atenção do drahreg, mas este olhava em frente, como se esperasse algo. A anciã espalhou um pó no ar, proferiu algumas palavras e bateu com o cajado no chão. Logo de seguida, o biombo foi puxado, revelando o que parecia ser um cubículo privado. Lá dentro estava a silhueta dum ocarr invulgarmente alto, delineado pelo rubro das brasas. A megera disse-lhe algo e o homem avançou para a fogueira com a anciã a seguir-lhe os passos. Perto da luz, Hazabel pôde ver o que o distinguia dos restantes ocarr além do grande porte. Tinha a cabeça rapada e marcada por uma comprida cicatriz que lhe percorria o topo do crânio, o que decerto fora um horrendo ferimento. Uma cauda de burro estava entrançada a uma mancha de cabelo na nuca e envergava tal como os outros uma túnica de couro por cima de outra,

feita de lã, mas as suas eram decoradas com peles e tecidos cuja cor Hazabel ainda não havia visto na estepe. A sua cara era igual às dos outros ocar, inexpressiva e redonda, mas tinha uma porção de barba entrançada na parte inferior do queixo e um olho coberto por uma pala. O outro fixava Krór, que retribuía o olhar. Finalmente, a cara do ocar rachou-se num sorriso fechado e os dois abraçaram-se e trocaram palavras, mãos em cima dos ombros. Então todos os presentes no *yugr* se levantaram e gerou-se uma alegre comoção. Homens e mulheres dirigiam-se ao drahreg e puxavam-lhe os cabelos entrançados, como se de um cumprimento se tratasse. Krór sorria de volta e deixava que todos lhe puxassem as tranças. No meio da repentina agitação, Hazabel sentiu-se ignorada por todos, mas em breve as atenções se voltaram todas para a harahan quando Krór apontou para ela, dizendo qualquer coisa ao *ayan*. Este fitou Hazabel longamente com o seu único olho, mas pareceu assentir o que fosse que Krór lhe havia pedido com um aceno de cabeça. O drahreg agradeceu e encaminhou-se para Hazabel, seguido por todos os olhares da sala.

Podes dormir aqui disse.

Eu... agradece a esse... *ayan*.

Sim, e os Cho Tírr vão ajudar-te. Eles também não gostam daqueles que montam animais com pernas compridas como serpentes.

Ajudarão? perguntou Hazabel, falsamente radiante.

Sim, vão ajudar-te. Mas... o *ayan*...

Sim?...

O *ayan* quer... não, todas as... pessoas que não são da tribo que dormem no *yugr* do *ayan* têm de... pagar.

Pagar? Não tenho dinheiro retorquiu Hazabel, dúbia.

Sim... não, não tens chifre, nem peles, nem ferro... tens de...

O quê? Desembucha! exortou-o a harahan, quase agarrando os ombros do drahreg.

... dormir com o *ayan*...

Hazabel ficou em silêncio. Claro, de que é que estava à espera? Na verdade, sabia que teria de usar o seu corpo a dada altura, e não teria quaisquer problemas em fazê-lo.

Muito bem concordou. Diz a esse *ayan* que abrirei as pernas para ele se ele abrir as gargantas dos que me perseguem.

O quê?

Nada... A falta de compreensão de Glottik do drahreg era outro problema que teria de acabar por ser resolvido. Diz ao *ayan* que vou dormir com ele.

Está bem acedeu Kror, pegando gentilmente no braço da harahan e conduzindo-a ao ocarr alto.

Hazabel olhou-o nos olhos, aliás, no olho e o *ayan* acenou aprovadoramente com a cabeça. Kror largou-a e o ocarr pegou-lhe no braço com alguma sofreguidão, praticamente arrastando-a para trás do biombo, que reposicionou de forma a garantir a sua privacidade. Hazabel sentou-se na cama, que pouco mais era que uma manta almofadada no chão, e o *ayan* despiu a sua túnica de cabedal, grunhindo qualquer coisa que soava a uma ordem para que fizesse o mesmo com o seu vestido. Hazabel fê-lo maquinalmente e o ocarr tomou-a ali mesmo. Enquanto o *ayan* grunhia e suava nas suas costas, os pensamentos da harahan iam para Aewyre Thoryn e para o seu mestre. Ambos iriam pagar, iriam sofrer por tudo.

”E tu, bárbaro zarolho, não perdes pela demora... tu e aquela velha decrépita.”

ESPÓLIOS DE VITÓRIA

Involuntariamente, Quenestil viu-se arrastado pela multidão para fora da arena. Era só o que fazia desde que entrara em Jazurrieh: deixar-se arrastar. Uma tempestade de pensamentos e culpa trovejava na sua cabeça, incapacitando-o de reagir, impossibilitando raciocínios coerentes. Foi encaminhado pelos já habituais corredores mal iluminados por tochas cuja luz incidia na cota de malha escura dos eahan negros. O ar abafado e mofado da arena e dos seus arredores fora substituído por uma fragrância mais delicada que pairava discretamente no ar e que aumentava de intensidade à medida que avançavam. Compelido a andar pelos acompanhantes eahanoir, que pareciam murmurar qualquer coisa dirigida a ele, Quenestil percorreu um longo corredor que conduzia a umas escadas de mármore negro. As coisas não deviam estar a correr assim... Começou a subir os degraus. Não fazia parte do seu plano, não deveria ter sido separado de Babaki, o antroleo não devia ter combatido e não devia estar cercado por guardas eahanoir. Queria apenas... O quê? Qual fora o seu plano? Não o tinha, havia arriscado e agora pagava por isso. Tais pensamentos não afectariam tanto o eahan se estivesse a pagar sozinho pelo seu erro, mas arrastara Babaki consigo para aquele ninho de víboras...

Trar-lhe-emos o seu lutador em breve disse um eahanoir ao lado de Quenestil. Entretanto, esteja à vontade e escolha uma mesa e cobriu a sala com um gesto largo da mão.

Encontravam-se num grande recinto escuro como todos os restantes, porém este era coberto por uma escuridão que Quenestil apesar de tudo só conseguia descrever como confortável. A sala era iluminada por bruxuleantes velas de castiçais de prata resplandecente e lustres de

cristal que pendiam do tecto abobadado em cúpulas, sustentadas por colunas de mármore negro que se projectavam do chão decorado com mosaicos e ladrilhos coloridos que retratavam cenas orgíacas. Lá dentro estavam dispostas várias mesas redondas de madeira laçada, todas generosamente decoradas com toalhas bordadas e acepipes coloridos. Estavam quase todas ocupadas por humanos sentados em cadeiras com recosto que se deliciavam com os prazeres da comida e das eahannas negras, que dançavam em cima das mesas e se entregavam ao colo deles.

”Porcos eahanoir!”

Quenestil conseguiu reunir suficiente presença de espírito para agradecer à sua escolta e afastou-se deles como se soubesse muito bem para onde ir. A sala tinha uma temperatura amena, quase fresca, e Quenestil apercebeu-se de que estava encharcado em suor quando a diferença de temperatura o fez espirrar. Fungou ruidosamente e esfregou o nariz, mantendo a cabeça baixa e tentando não chamar a atenção. Tinha de tirar o Babaki dali...

Está sozinho, senhor...? ronronou alguém à sua frente. Quenestil ergueu a cabeça e engasgou com a mulher que se lhe

deparava. O fino corpete de cassa preta cobria o corpo da eahanna negra por acaso, e revelava mais do que o shura queria ver. A sua testa estava marcada com um ponto vermelho.

Está com calor? Venha beber um bom copo de vinho fresco... convidou a mulher, pegando no braço do shura com delicados dedos.

Quenestil afastou-se da eahanna negra como se o seu toque queimasse.

Não desejo a tua companhia afirmou. Deixa-me.

Ao princípio, a eahanoir ficou tão chocada que se limitou a fitar Quenestil de olhos ligeiramente oblíquos bem abertos. Depois a sua expressão escureceu e o eahan pensou mesmo que teria uma luta nas suas mãos. Se todas fossem treinadas como a Slayra... mas a eahanna negra limitou-se a fungar de desprezo e a afastar-se, nunca perdendo a graciosidade. Quenestil suspirou e esfregou o suor da testa. A última coisa que queria era chamar a atenção. Ajustou a correia do estojo de couro do seu arco ao ombro e puxou a cadeira da mesa mais próxima. Os nervos haviam-lhe tirado a fome, mas tinha sede e despejou o vinho de um jarro de barro esmaltado num copo de peltre com altos-relevos. Bebeu o conteúdo de um só trago e exalou em azedo desagrado. Odiava vinho. Mas ao menos estava fresco, pelo que o

eahan se serviu mais uma vez, pousando de seguida o copo na mesa com pouca delicadeza e esfregando mais um pouco de suor da sua testa. O vinho dissipara-lhe a sede, mas o sangue subira-lhe à cabeça e Quenestil teve a sensação de que a temperatura aumentara. A capa e as peles eram quentes, também... Onde estava o Babaki? Tinham de sair dali e teria de descobrir o paradeiro da Slayra noutro lugar.

Senhor? disse alguém atrás de si.

Com um sobressalto, o eahan levou a mão ao cabo do facalhão, virou-se e viu Babaki acompanhado por um eahanoir com uma singela tatuagem vermelha na testa.

Babaki! exclamou com alívio.

O antroleo não respondeu e limitou-se a sentar-se, olhando para o vazio. Parecia não se ter apercebido da presença do seu amigo.

O seu... homem lutou muito bem observou o eahanoir.

Não sabia que havia antroleos na Latvonia.

Não há respondeu-lhe Quenestil. Não somos de cá.

Bebeu mais um trago sem sequer olhar para o seu interlocutor, dando a entender que nada mais diria sobre o assunto.

Estou a ver... o senhor não tem calor? Tentamos providenciar um ambiente fresco aos nossos fregueses, mas essa capa parece deveras quente. Permita-me...

Não! Quenestil afastou-se, por pouco não caindo da cadeira

Estou muito bem assim.

Como queira... disse o eahanoir de mãos erguidas, recuando com uma curta vénia.

"Estúpido! Estúpido!", censurou-se o shura. "Para quem não queria chamar a atenção, estás a conseguir pôr muito bem todos os olhos em cima de ti..."

Virou-se para Babaki e agarrou-lhe uma das grandes mãos estendidas na mesa.

Babaki, eu... eu sinto muito. A culpa disto é toda minha. Eu nunca te deveria ter trazido comigo.

Os olhos tristes do antroleo fitaram-no, mas este não esboçou mais nenhuma reacção. A sua mão estava frouxa como um saco de grão vazio.

A culpa é toda minha... reiterou Quenestil, abanando a cabeça, mas fixando o antroleo de seguida com um olhar decidido.

Vamos sair daqui. Encontraremos a Slayra de outra maneira.

Saudações... cumprimentou alguém atrás do eahan, que se sobressaltou uma vez mais e por pouco não desembainhou a faca.

Com a vossa licença... continuou um eahanoir despreocupado, parecido com todos os outros com a exceção de uma cicatriz esbranquiçada da têmpora esquerda até ao queixo. Vestia de preto como os seus restantes congêneres e tinha brilhantes cabelos afilados que lhe pendiam como patas de aranha da testa, marcada por uma tatuagem igual à do capataz das apostas. Pegou num copo descontraidamente e serviu-se perante o olhar cauteloso de Quenestil, sem sequer se apresentar. Os Eahanoir nunca se apresentavam.

Ahhh... exclamou, deliciado. Excelente vinho. Não deseja mais um gole? ofereceu ao eahan, que ergueu a mão em recusa. Como queira, estou ao vosso dispor. O que deseja? Dinheiro? Mulheres? Informação?

A palavra "informação" badalou como um sino na cabeça do shura. Estivera pronto para mandar o eahan negro embora, mas apercebeu-se de que fora esta a situação pela qual esperara, alguém capaz de o informar.

O seu... homem lutou muito bem. Soube levar a multidão ao rubro. Os meus empregadores estão dispostos a oferecer-lhe...

Informação interrompeu Quenestil. Quero informações. O eahanoir olhou-o com uma medida de desconfiança. O shura

esquecera-se por completo de manter a postura marreca e os seus olhos cintilavam com um brilho animalesco. A sua capa aberta revelava as peles que envergava e os seus cabelos ruivos atraíram mais que um olhar do eahan negro, mas Quenestil ou não reparava ou já não se importava.

Com certeza... o que deseja saber, senhor?

Estou à procura de uma mulher. Slayra é o seu nome. Deve ter chegado a Jazurrieh há poucos dias. Onde a poderei encontrar? deixou o eahan escapar. Nem se apercebeu da força com que agarrava a mesa, enrugando a toalha.

Os claros olhos do eahanoir arregalaram-se e mesmo Babaki fitou o seu amigo, não pelo que dissera mas por que se levantara e olhava o eahan negro de cima.

Eu... dê-me uns momentos. Voltarei com uma resposta afirmou o eahanoir por fim, empurrando a cadeira ruidosamente para trás e desaparecendo atrás de uma coluna antes que Quenestil se apercebesse do seu erro.

Teve vontade de gritar.

Anda, Babaki! vociferou, tentando manter a voz baixa e puxando o seu amigo pelo braço com urgência.

O antroleo levantou-se, piscando os olhos em surpresa, e deixou-se puxar, apressando o passo.

”Imbecil! Não passo de um imbecil!”, vituperou-se o eahan.

Os olhares seguiam-nos e os copos paravam a meio caminho dos lábios conforme avançavam, mas Quenestil já não se importava, era demasiado tarde. O melhor que poderia fazer era fugir antes que a ratoeira se fechasse em seu redor. Um guarda eahanoir ergueu a mão como para os deter, mas o shura empurrou-a para o lado, rosnando a sua vontade de sair. Babaki olhou para trás e viu que o guarda estava a chamar outros. Acelerou o passo e Quenestil fez o mesmo.

Assim que chegaram ao átrio, os dois guardas postados à porta empunharam as lanças e bloquearam-lhes o caminho. Estava na altura de largar o disfarce. Quenestil desenvencilhou-se da capa com destreza e agitou-a como se estivesse a incitar um touro, mas Babaki estacou.

Ataca! gritou o eahan ao seu amigo, rosnando de seguida quando os eahanoir investiram.

Girou a capa à sua frente e esta foi atravessada pela lança de um adversário. O outro visava a sua cabeça com uma pancada, mas Quenestil enrolou o braço na capa até agarrar o cabo da lança que a furara e usou-a para aparar o golpe. O eahanoir não contestou o controlo da arma e largou-a para desembainhar uma espada curta. Rápido como um carcaju acirrado, Quenestil agarrou o cabo da lança com uma mão e soltou a outra para se libertar da capa. A ponta da espada do eahanoir veio veloz, mas Quenestil era exímio no uso de varas e, rodopiando a lança em rápida sucessão, desviou o golpe, desarmou o eahanoir com uma pancada no antebraço, agarrou a lança com as duas mãos e investiu com a ponta do cabo contra a barriga do eahanoir. Este contorceu-se violentamente, arquejando e madeira entrechocou quando Quenestil aparou um golpe de lança do outro adversário vindo de cima. A posição era ideal e o eahan prendeu a arma do eahanoir com um hábil movimento de alavanca com braço e lança. De seguida, levantou a ponta do cabo com força e o eahanoir gritou engasgado quando a sua virilha explodiu em dor. Com um pontapé para trás, Quenestil atingiu a cara do que ainda se contorcia por ar e despachou o outro com um golpe de tal forma violento que madeira e crânio estalaram. Estava a descarregar a sua fúria nestes dois eahanoir e provavelmente teria continuado a surrar os corpos inertes se não ouvisse passos. Girou sobre si e arremessou a lança para o grupo de guardas que se aproximavam. Nem se incomodou a ver se atingira

alguém, pois teve de agarrar o braço de Babaki, que ainda não se mexera e cujos olhos estavam grandes e brancos como os de um cavalo assustado.

Babaki, anda! gritou com premência, puxando o antroleo até à porta e abrindo-a.

Não entrou qualquer lufada de ar, mas a mera visão da rua pareceu acordar Babaki e este saltou para fora do edifício antes de Quenestil, que o seguiu e fechou a porta atrás de si. As sombras das ruas de Jazurrieh abateram-se sobre o eahan assim que o fez. Todos os odores alienígenas da cidade o envolveram como tentáculos fedorentos, forçando o seu caminho pelo nariz do eahan acima, cheirando a ruindade preta e cinzenta. O ar bafiento e opressivo era quase como uma barreira que o rodeava, fedorenta e asfixiante. Sem sequer parar para analisar a situação, Quenestil correu atrás de Babaki, praticamente saltando para dentro de uma esquina quando ouviu a porta da arena a ser aberta. Escorregou em algo viscoso e caiu desastradamente de costas no chão. Amaldiçoou a cidade e ergueu-se, sujando as mãos no chão imundo e tropeçando em lixo, quando viu que o antroleo não estava com ele.

Não... Babaki! gritou, cambaleando para fora da viela e vislumbrando a silhueta do seu amigo a desaparecer noutra esquina.

Os passos dos eahanoir ressoaram-lhe na cabeça como tambores e estes afiguraram-se a Quenestil como sombras a planarem na sua direcção. Estava tonto, a cidade era como uma lâmina serrada, suja e cruel a cortar-lhe as raízes, privando-o do contacto com a terra e embebendo-o em veneno escuro.

Atacou com desenfreado. Ouviu o afundar molhado da ponta da sua lâmina em carne e largou-a, usando os punhos, unhas e dentes como um animal ferido. Os seus olhos estavam fechados, estava rodeado por um monte de carne e o carcaju sabia que só tinha de arranhar e morder até ela parar de se mexer. Mas de repente veio uma pancada, depois outra, e outra, e outra. Algo duro se afundou nos seus rins e uma bordoadá violenta na perna pô-lo de joelhos. Depois deixou de sentir onde lhe batiam, todo o seu corpo latejava com estouros de dor. Mãos fortes agarraram-lhe os braços e dois pés chutaram-lhe o ar para fora. Alguém lhe agarrou os cabelos e puxou-lhe a cara violentamente para cima de encontro a um punho que lhe trovejou no rosto, seguido de outro e outro e outro e outro... até que o misericordioso pano da escuridão caiu.

O POÇO SAGRADO

Os companheiros haviam-se posto em marcha antes do nascer do Sol e ainda caminhavam quando este já alcançara o seu zénite. As estepes estendiam-se até ao infinito à sua frente, sempre a mesma paisagem, sempre o monótono e encandeante branco manchado de castanho. Duas semanas, e o cenário não se alterara no mínimo, cada elevação parecia igual, cada nuvem aparentava estar imobilizada, as nódoas de restolho castanho de ervas em nada diferiam de área para área. A única variável era o frio; esse parecia piorar conforme o tempo passava. As peles, roupas, capas e capuzes de lã que os companheiros vestiam resguardavam-nos do pior, mas havia sempre dedos frígidos que encontravam o seu caminho até à pele.

Taislin tentava a custo respirar pelo nariz, pois o ar seco das estepes gelava-lhe a garganta, mas os seus pequenos e apressados passos obrigavam-no a inalar mais ar que as suas diminutas narinas permitiam, e isto só para acompanhar o passo dos seus companheiros pernilongos. As suas pernas estavam cansadas e o seu estômago já gorgolejava há algum tempo. Quando fora a refeição matinal? Quando fora a última refeição decente, na verdade? Estava com dificuldades em acompanhar o apressado passo do grupo e até a pachorrenta Alfarna começava a deixá-lo para trás. As costas dos seus amigos afiguravam-se-lhe indistintas, opacas, bem como o resto do terreno, que parecia reluzir com os raios do Sol.

”Maldita neve...”, pensou, esfregando e piscando os olhos.

Os companheiros continuavam indistintos, mas o terreno parecia brilhar mais. As veias das suas têmporas deviam estar a bater muito alto, pois Lhiannah virou-se e disse qualquer coisa em voz alta. O resto

do grupo parou e Worick resmungou, mas Taislin só ouvia o bater do seu coração a retumbar-lhe nos ouvidos. O mundo pareceu ficar inclinado e de repente sentiu algo gelado na cara. Tudo ficou escuro de repente, até que duas mãos o levantaram e o burrik teve a sensação de estar a flutuar. A luz voltou e Taislin viu a bela cara de Lhiannah vincada com preocupação.

Taislin, fala comigo! disse a princesa, exasperada.

Calma Lhiannah aconselhou a voz de Allumno. É óbvio que ele se exauriu. Anda, põe-no aqui. A burra leva-nos aos dois...

Querem continuar? Então não vêm que o coitado está exausto? indagou a arinnir, quase irritada. Desde madrugada que não paramos de andar!

Ninguém disse nada e todos olharam para Aewyre menos Lhiannah, que segurava Taislin como um bebé. O jovem guerreiro olhava em frente, cabelo a abanar ao vento, o seu olhar perdido não no horizonte mas num reino para além da percepção dos comuns mortais. Kror... a Essência da Lâmina era como um tendão que o prendia ao drahreg: quanto mais se distanciavam, mais a sua tensão se fazia sentir, de tal modo que a aproximação quase lhe dava uma sensação de alívio. Quase. Assim que se encontrassem, seria a morte de um deles; só um podia sobreviver. As suas espadas já se haviam cruzado, dois céleres alfanges contra Ancalach, mas nessa ocasião a luta fora impedida por outros. Na verdade, Aewyre estava incerto quanto à sua vontade de lutar contra o drahreg. Poupara a vida de Lhiannah e Taislin quando os podia ter morto, enterrara os clérigos de Gilgethan, e a verdade é que parecia de algum modo ser diferente dos outros drahregs... Mas levava a Manopla de Karasthan, ele e a estranha mulher de negro que Taislin vira. Havia algo de muito confuso no meio daquilo tudo, mas a todo o resto se sobrepunha a ardente vontade de cruzar lâminas com o drahreg uma vez mais...

... aquilo, Aewyre?

O guerreiro despertou, piscou os olhos e viu que todos olhavam para algo atrás dele. Aewyre também olhou nessa direcção e distinguiu algo no meio da neve, umas estranhas protuberâncias rochosas dispostas no que parecia ser um círculo.

É sempre bom ver pedras... comentou Worick, principalmente numa terra nua como esta, mas que me caíam elas em cima se eu souber o que são...

Um cromeleque esclareceu Allumno, fungando. Decerto um local de culto para os oarr.

Boa zombou o thuragar. Achas que se nos sentarmos lá e estendermos a mão têm pena de nós e nos dão esmola?

Já que estão a discutir, por que não descansamos aqui? interveio Lhiannah, ainda com Taislin ao colo.

Os olhares viraram-se para Aewyre uma vez mais.

Vamos até ao... cromeleque? respondeu o guerreiro, olhando para Allumno a pedir confirmação. Podemos descansar lá.

Seria o equivalente a ir dormir no altar do templo de Gilgethan... comparou Allumno.

Pedimos desculpa depois. Tudo o que possa ficar entre nós e este maldito vento é uma bênção replicou Aewyre, estugando o passo em direcção ao cromeleque.

Allumno encolheu os ombros e produziu estalos com a língua de modo a incitar Alfarna. Worick sugeriu pegar ele em Taislin, mas Lhiannah agarrou-o ainda com mais força e seguiu Aewyre com o burrik ao colo. Worick resmungou e foi atrás dos companheiros, abanando a cabeça.

Já se começa a sentir mãe... Estou bem arranjado, só me faltava mesmo esta. Rebelde, a fugir do pai, na companhia de mentecaptos e a adoptar um burrik! Pedras me partam e a todos vocês...

O cromeleque consistia de doze pedras em torno de um buraco no chão, cada uma talhada com estranhos e toscos símbolos. A intempérie parecia ter sido complacente com a pequena área de terreno rodeada pelas rochas; o restolho castanho de erva crescera com um certo vigor ali e lutava para se manter à superfície da neve. Aewyre entrou no círculo, olhando em redor, e dirigiu-se ao estranho buraco. A erva crescera especialmente viçosa naquele ponto, ladeado pelo que sobrava de duas estacas. Um poço, presumiu, ajoelhando-se e mexendo na erva rica e dura.

Temos aqui um festim para a Alfarna constatou.

Boa, se algum de nós pode comer bem, que seja a burra comentou Worick.

Bem merece... retorquiu Allumno, dando palmadinhas no cachaço da montada.

Aewyre ajudou o mago a descer e atou a burra a uma das sobras de estacas perto do poço, deixando-a a pastar regaladamente. Lhiannah envolveu Taislin num cobertor e encostou-o a uma das pedras para o proteger do vento.

Eu estou bem, a sério insistia o burrik. Fiquei só um bocadinho tonto do cansaço.

Então, se estavas tão cansado, o melhor é descansares.

Mas Lhiannah...

Mas nada. Agora fica aí que eu vou preparar o almoço.

Ah, para ele já prepara o almoço reparou Worick. Bonito...

Taislin suspirou, resignado, e aconchegou-se ao cobertor enquanto o vento parecia tentar contornar a pedra à qual o burrik se encostara. A Lhiannah tinha *razão*, claro. Tinha de se manter forte, tinha de aproveitar para descansar. Não podia ser um fardo para o grupo. E a Lhiannah preocupava-se tanto com ele... Observando a princesa a preparar as tiras de carne seca e pão, Taislin não pôde conter um sorriso, lembrando-se da sua atarefada mãe. Os burriks dividiam a vida em três fases: a Amamentação, que compreendia o nascimento e o tempo que um jovem burrik passava com os pais, aprendendo com eles o que podia; o Fechar da Porta, na qual um burrik, ainda adolescente, devia sair de casa e aventurar-se pelo mundo fora; e o Assentar, no qual o burrik adulto deveria integrar-se numa aldeia e constituir família, cuidando da próxima geração de jovens aventureiros e daqueles de idade avançada, passando o resto da vida na companhia dos seus. Taislin guardava boas recordações da sua mãe, do seu pai também, mas Lhiannah recordava-lhe a sua mãe: firme, decidida, atarefada quando se havia proposto a algo e sempre com muito carinho e amor para dar. Burriks não conheciam a saudade, mas Taislin esperava ainda poder ver a sua mãe uma vez mais. Sempre fora saudável, poderia ainda estar viva quando regressasse. Se regressasse, corrigiu mentalmente, rindo ao de leve e agasalhando-se um pouco mais.

Sabes quem havia de gostar de ver isto, Allumno? perguntou Aewyre, passando a mão pelos toscos desenhos talhados numa pedra. O Quenestil.

Tenho a certeza de que iria achar interessante respondeu o mago enquanto vasculhava a mochila dos mantimentos.

Ele sempre gostou de ver as diferentes demonstrações de respeito pela Natureza. O que achas que estes símbolos significam? Animais, talvez?

Hm-hm concordou Allumno distraidamente.

A mim parecem-me cavalos... sim, acho que são cavalos continuou o guerreiro, apoiando a mão contra a pedra.

Assomou-se-lhe à mente a imagem de Quenestil, montado num corcel de guerra, a conduzir um grupo de cavalos contra a Guarda Marcial em Alyun.

"Meu amigo... espero que estejas bem. E o Babaki... a Slayra também. Espero que todos estejam bem."

Aewyre não nutria muitas esperanças de tornar a ver o shura dos cabelos de fogo, pois seguira para Norte enquanto o eahan fora para Leste à procura de Slayra, e as estepes agora separavam-nos. Talvez se encontrassem em Tanarch, se o destino assim o quisesse... O jovem descartou esses pensamentos negativos e deu uma volta em redor do cromeleque, inspeccionando as pedras uma a uma. Os símbolos representavam cavalos, todos eles. Ou então as estranhas montadas dos oarr, os hemíonos, mais parecidos com burros.

Estás interessado nas pedras, tu, comentou Worick, sentado de costas para uma e talhando o seu bloco de pedra, cuja forma ainda era indefinida.

Depois de passar duas semanas a ver estepe e mais estepe, isto chama-me a atenção, sim admitiu Aewyre, observando mais uns símbolos com a mão no queixo. Como as terão trazido para este lugar?

Sei lá respondeu o thuragar, arrancando uma lasca do bloco. Duvido de que essas bestas dos oarr usem rodas sequer. Devem tê-las arrastado das montanhas, puxaram-nas com os seus burricos em cima de toros, qualquer coisa assim.

Aewyre acenou com a cabeça, mas parecia absorto nos seus pensamentos e alheio ao que o thuragar dizia, um estado denunciado pelos sinais de movimento da sua língua a mexer no incisivo saliente do maxilar inferior. Worick olhou para o jovem, deu duas marteladas leves e tornou a fixar os olhos no bloco.

Eu já te disse para não te preocupares asseverou. Ele volta. Nada vai parar aquele eahan.

Aewyre despertou e fitou Worick com olhos bem abertos.

Sim, eu ouvi a tua conversa de chacha com o Allumno. Eu disse-to no dia em que nos separámos: nada vai parar aquele eahan. Ele vai arrasar tudo pelo caminho, vai recuperar a sua moça e vem ter connosco depois. Confia em mim.

Mas... Aewyre estava surpreendido pela franqueza, como podes ter tanta certeza?

És um rapazola, não percebes nada destas coisas... insultou o thuragar, pousando martelo e cinzel. Eu vi fogo naqueles olhos afirmou, apontando para os seus. Daquele fogo que arde, daquele fogo que *queima*. Ele vai voltar.

Aewyre deixou-se estar perplexo enquanto o veterano thuragar retomava o seu trabalho.

Quem quiser almoçar, venha, ouviram ambos Allumno dizer.

Bom, vamos lá para o repasto disse Worick, enfiando o bloco e os instrumentos na sua mochila enquanto se levantava desajeitadamente. E pára de olhar com essa cara de parvo.

Aewyre seguiu o thuragar, abanando a cabeça. Não era de todo avesso a surpresas, mas o facto de cada um dos companheiros ainda o conseguir surpreender após tanto tempo de íntima convivência dava a ideia de que ainda não os conhecia.

Então o que é que temos hoje? perguntou Worick a Allumno e Lhiannah.

Carne seca com mostarda. Temos vinho para nos aquecer respondeu a princesa, esfregando umas últimas tiras de carne no espesso condimento.

Bebemos o vinho frio acrescentou Allumno, olhando para a extensão das estepes. Prefiro não fazer nenhuma fogueira.

O sonoro gemido de Taislin fez-se ouvir do outro lado do cromeleque, mas o mago manteve-se firme na decisão, mesmo após os protestos da arinnir.

Lhiannah... admoestou Aewyre. Sabes bem que o Allumno tem razão. É demasiado arriscado em céu aberto.

Se a princesa ouvira o que o jovem dissera, não o deu a entender, limitando-se a deixar umas tiras de carne sem mostarda e levando a Taislin a sua porção. Aewyre suspirou e foi tratar do seu prato.

Não há paciência... murmurou, tirando as luvas de couro forradas a pêlo de coelho e espalhando um pouco do tempero amarelado na sua tigela, enfiando a carne lá dentro.

Allumno nada disse enquanto servia vinho na taça do seu protegido e os companheiros comeram em silêncio, cada um encostado a uma pedra para se proteger do vento. A mostarda dava algum sabor e acidez às insípidas tiras e o vinho sempre aquecia por dentro, mas tudo sabia sempre a pouco. Lhiannah tentara caçar um dos escanzelados antílopes que raras vezes se avistavam, mas em campo aberto e sem um cavalo era praticamente impossível apanhar um dos animais desprevenido. Taislin procurara coelhos obstinadamente, apesar da insistência dos restantes companheiros de que não havia nenhum nas estepes.

"Se o Quenestil cá estivesse arranjava logo umas raízes e tubérculos...", pensou o burrik, roendo a sua carne. *"Não que fossem saber muito melhor... E como estarão a Slayra e o Babaki? Se calhar encontraram a*

malandra à gandaia com um amigo eahanoir e agora estão todos juntos a comer à mesa. Uma boa mesa com galo estufado, cerveja, queijinho com pão e umas maçãs bem rijinhas,,."

Alheio aos pensamentos famintos do burrik, Aewyre rapou o fundo da sua tigela com um naco de pão duro e encostou a nuca à pedra rugosa enquanto mastigava laboriosamente.

"Onde é que eu os vim trazer?", perguntou-se uma vez mais, pensando em Krór e nas estepes. "Não aprendi a lição em Moorenglade? Este lugar é um pesadelo. Por que é que não esperei que ele viesse ter comigo? Olha para nós agora, separados, cansados, sem paciência uns para os outros..." O céu cinzento foi rasgado pela silhueta dardejante de um falcão. "Olha, sempre há animais que vivem aqui..."

Aewyre! chamou Allumno.

Sim?

"Agora anda sempre distraído, este rapaz...", pensou o mago Retomamos a marcha?

Lhiannah preparou-se para objectar, mas o jovem antecipou-se-lhe.

Não, vamos descansar mais um pouco, digerir bem a comida...

Como se houvesse muito para digerir... resmungou Worick, sem que ninguém lhe prestasse atenção.

Ficamos a descansar até as sombras das pedras apontarem para ali acrescentou Aewyre em voz alta, apontando para Noroeste. Depois marchamos até à noite.

Taislin gemeu e Lhiannah dirigiu um olhar fulminante ao guerreiro, que este acabou por receber com um meio sorriso (pelo menos *olhara* para ele). A princesa depressa desviou o olhar e foi ter com o burrik, mas nesse instante apeteceu a Aewyre ser insistente e o guerreiro levantou-se e avançou também de encontro a Taislin. Como previra, a princesa viu a sua aproximação, afagou o barrete do burrik e afastou-se. Aewyre abanou a cabeça e acorrou-se perto do seu pequeno amigo.

Então, campeão? Essas pernas?

Parecem ficar mais pequenas a cada dia que passa... lamentou-se o burrik e ambos riram.

Vais ficar bom?

Claro... é só descansar mais um bocadito e estou pronto para calcorrear esta maldita terra estéril até ao fim do horizonte afirmou, olhando para a linha entre o céu e a terra com ar confiante.

Aewyre sorriu e seguiu o olhar de Taislin. Lá estava o mesmo falcão, a descrever círculos sobre o cromeleque.

Já sabes, da próxima vez que te sentires cansado, monta a Alfarna. A burra aguenta-te a ti e ao Allumno sem problemas.

Ora essa, não é preciso! repisou o burrik, quase ofendido.

Muito bem, mas lembras-te disso? insistiu Aewyre.

Está bem... acedeu Taislin.

O guerreiro afagou-lhe o barrete e ergueu-se, enfiando as luvas nas mãos, que haviam ficado quase entorpecidas durante a refeição. Vendo os companheiros a descansar e na falta de algo melhor para fazer, Aewyre concentrou-se uma vez mais em Kror. Começava a ser uma sensação viciante, a tensão que a distância entre ambos provocava, como a corda de um arco rangedor puxada até ao limite.

O ruído do entrecocar de espadas na sua cabeça surpreendeu-o, principalmente por não o sentir há muito tempo, forçando-o a levar as mãos à cabeça involuntariamente. Nunca o sentira com tal força...

Está tudo bem, Aewyre? perguntou Allumno, sentado de costas para uma pedra.

Eu... há quanto tempo é que isto não...?

O quê? O que é que se passa? O mago levantou-se, apoiando o peso no cajado.

Worick ouvira a voz algo exaltada de Allumno e também se inclinou para ver o que se passava.

O que é que foi agora? Aewyre agarrava as têmporas e olhava para cima, de olhos semicerrados. O falcão afastava-se do cromeleque.

O falcão! gritou, e todos se sobressaltaram.

Faíscas da Bigorna, mas o que é que se passa? praguejou Worick, levantando-se. Lhiannah e Taislin juntaram-se-lhe.

O jovem guerreiro olhava em redor, obviamente agitado, observando a extensão da estepe em redor.

Fala, que raio! praguejou o thuragar.

Aewyre levou instintivamente a mão ao punho de Ancalach.

Ele vem aí declarou.

O silêncio abateu-se no meio do grupo e apenas o vento se fez ouvir, até que Worick grunhiu.

Ele que venha, então. Ele e a harahan. Faço-os aos dois em pedaços...

Ele é meu! gritou Aewyre, os seus olhos subitamente arregalados, fazendo com que cada um dos companheiros desse um passo atrás. Ele é meu... repetiu, mais baixo, fechando os olhos e baixando a cabeça.

Ninguém disse nada. O vento pareceu começar a uivar mais alto. Worick resmungou e empunhou o seu martelo, girando-o na mão e virando as costas.

Se fazes tanta questão, então fico com a harahan... anda Lhiannah, prepara-te para a traulitada. E tu, caganito, larga-me esse cobertor e saca dos teus palitos de ferro. Mago, tu...

Não te preocupes, Worick interrompeu Aewyre. Acho que vais ficar de mãos cheias... todos vamos.

Todos olharam para onde o guerreiro apontava e sentiram um acalorar nas tripas. Vários pontos negros no horizonte aproximavam-se a alta velocidade, precedidos por um falcão.

...e que Gilgethan esteja connosco...

CORAÇÃO NEGRO

Ecuridão... humidade... frio nas costas... dor nos pulsos, dor em todo o lado... Quenestil abriu os olhos, mas não viu nada. Estaria cego? O assomo de pânico trouxe-lhe calor de volta ao peito e às faces, mas o eahan controlou-se. Estava preso, numa sala escura, não estava cego. Mal conseguia abrir o olho esquerdo, mas não estava cego. Não sentia o lábio superior e algo estava inchado dentro da sua boca, mas não estava cego. Tentou mover-se e ouviu o tilintar das grillhetas que lhe aferrolhavam os antebraços esfolados. Estava em pé, por isso lhe doíam tanto os pulsos, e as costas estavam molhadas da humidade na parede. De repente, ouviu metal a deslizar e um fecho de luz abateu-se-lhe sobre a cara, fazendo com que o olho bom se fechasse reflexamente e a sua cara se desviasse. O metal voltou a deslizar e a luz foi cortada, mas então Quenestil ouviu o que lhe pareceu ser o chocalhar de chaves e a porta abriu-se pouco depois, irradiando a sala de luz e obrigando o eahan a fechar o olho uma vez mais. Ouviu vozes, mas não percebeu o que diziam, o único ruído familiar era o crepitar do fogo: traziam tochas. Quando por fim conseguiu abrir uma fresta do seu olho são distinguiu quatro vultos, dois dos quais caminhavam com tochas pelo cubículo, acendendo outras. A porta então fechou-se e o olho de Quenestil habituou-se gradualmente às novas condições de luz. Eram eahanoir, todos eles, de cabelos compridos e curtos, lisos e espigados, corpos delgados e olhos azuis e frios. Havia uma eahanna negra entre eles, parcamente vestida de cabedal, com o comprido cabelo sedoso à frente do ombro, cujos olhos pareciam saborear Quenestil como um acepipe e cuja pequena boca em forma de coração se franzia em antecipação. A raiva trouxe algum sangue aos membros dormentes do eahan.

Então foi este o eahan da montanha que causou a comoção naquele antro de frouxos? perguntou um dos eahanoir.

Quenestil fitou-o e notou algo de diferente nele, mesmo só com um olho. Os seus cabelos eram compridos, finos como teia de aranha, negros como o coração d'O Flagelo. Envergava uma capa preta por cima das suas vestes negras, com luvas e botas de cabedal brilhante. A sua face era um semblante de mármore branco esculpido, quase angular, e era de longe o mais bem-parecido que o eahan alguma vez vira num homem. Os seus olhos... Quenestil cerrou o olho bom para se certificar: um era azul como gelo, o outro cinzento como um penedo, e esse era acentuado por uma tatuagem vermelha com a forma de um elaborado crescente que o rodeava. Ambos eram amendoados e pérfidos, os olhos de um predador.

Sim, Tannath respondeu um dos eahanoir que empunhavam tochas.

Mal empregado, aqui nesta cela fedorenta... comentou a eahanna, apoiando as mãos nos joelhos de forma a baixar-se para melhor ver a face cabisbaixa de Quenestil. Posso levá-lo, Tannath?

Talvez a seu devido tempo, Vinxenia... respondeu o eahanoir do olho cinzento, agarrando o braço da mulher e puxando-a para si. Mas agora faz aquilo que vieste para fazer, sim?

A eahanoir esboçou um sorriso prometedor.

Está bem. Mas depois vou colher os dividendos... Quenestil sabia falar eahan negro, mas não precisava de ter percebido as palavras para se retesar perante a aproximação da eahanoir.

Tem calma, eahan. Não te vou fazer mal, não agora... asseverou a eahanna negra em Glottik, rindo e tirando um cantil que carregava a tiracolo. Agora fica quieto que vamos tratar dessas feridas.

Os outros dois eahan negros postaram-se ao lado da sua homóloga feminina e o de olho cinzento cruzou os braços.

Não me toques com as tuas mãos sujas, *eahanoir ameaçou* Quenestil com ódio e asco a assomarem ao olho bom.

A eahanna negra suspirou e molhou um pano com o cantil.

Fica lá quieto, senão vou ter de te castigar repreendeu, aproximando o pano de um corte que Quenestil tinha na têmpora.

O shura rosnou, abriu a boca e só não mordeu a mão da eahanna devido aos reflexos desta. O punho de um dos eahanoir encontrou de imediato as suas costelas e o outro colidiu contra o seu queixo. O seu corpo encolheu-se e retesou-se, mas o outro eahanoir, o que se chamava Tannath, surgiu de repente, agarrando o pulso do seu agressor.

Antes que este pudesse dizer algo, os braços do tal Tannath transformaram-se em borrões à vista já turva de Quenestil e o eahanoir caiu por terra. Antes que este pensasse sequer em se levantar, levou três pontapés em rápida sucessão nas costelas e a sua cabeça foi pontapeada contra a parede, estalando. Todos os olhos da sala, exceptuando dois, estiveram arregalados durante os momentos de atónito silêncio que se seguiram.

Eu já disse vezes demais... soletrou Tannath não me interessa o que fazem para se divertirem, mas à minha frente ninguém toca num homem amarrado e indefeso. Fui claro desta vez? perguntou, fitando os dois eahanoir, que acenaram nervosamente com a cabeça. Ainda bem. Agora, Vinxenia, por favor, trata do nosso convidado. Salann, leva o teu companheiro a alguém que trate dele.

O eahanoir acenou com a cabeça, levantou o seu companheiro e carregou-o aos ombros para fora do cubículo.

Eahan, esta linda senhora não te vai fazer mal. Deixa que ela trate as tuas feridas.

Quenestil nada disse nem fez, mas deixou que a eahanoir esfregasse o pano molhado pela sua face, semicerrando o olho são com o ardor. Ainda estava demasiado surpreso para esboçar qualquer espécie de reacção.

Eu bem sei o que os restantes eahan pensam de nós, e percebo-o até certo ponto.

O sobrolho de Quenestil ergueu-se.

Afinal, eu próprio fui fruto de algo que os eahanoir fizeram aos da tua raça... continuou Tannath, apontando para o seu olho cinzento. O meu pai, dizem, foi feito prisioneiro numa incursão eahanoir a um acampamento de eahan da montanha. Mataram-lhe a mulher e os filhos à frente dos próprios olhos, queimaram-nos dentro da cabana e venderam-no aqui em Jazurrieh. Lutou um pouco nas arenas e provou o seu valor, recebeu a aprovação de uma matrona, por sinal a minha mãe. Da arena até às casas de prazer foram poucos dias, e aí subiu à sua montanha, incapaz de satisfazer os apetites selvagens das mestras do leite por muito tempo...

Quenestil projectou-se para a frente, mas as grilhetas travaram-lhe o movimento. A eahanna que o tratava recuou involuntariamente, e Tannath ergueu as mãos.

Isso é desnecessário. É uma história terrível, mas não foi a Vinxenia quem o matou e eu não estou a dizer isto como provocação. Quero apenas que saibas que eu compreendo.

Eu posso acalmá-lo... afirmou a eahanna, mas um olhar de Tannath foi o suficiente para que procedesse a cobrir de unguento os cortes na cara de Quenestil.

Agora que já tratámos das apresentações, podemos falar de homem para homem. O que vem um eahan da montanha fazer a Jazurrieh, que não procurar a própria morte?

Vim matar-vos a todos... murmurou o shura. Tannath suspirou.

Não foi isso que me constou...

Mas é o que eu vim fazer insistiu Quenestil, tentando matar a eahanna negra com o olhar, mas esta limitou-se a piscar-lhe o olho.

Muito bem, presumamos que vieste matar todos. A... Slayra seria uma excepção?

A mudança na expressão de Quenestil traiu-o.

Ah, esse nome tocou numa corda... então por que não me elucidas?

Quenestil praguejou mentalmente e manteve-se silencioso.

Vamos lá, Quenestil, estou a tentar facilitar-te as coisas.

A cabeça do shura ergueu-se em surpresa e Vinxenia disse-lhe que ficasse quieto, tentando esfregar-lhe a maçã do rosto com um pano.

É verdade, que falta de educação da minha parte. Sou Tannath. Pronto, agora estamos apresentados.

Como... sabe o meu nome? perguntou Quenestil, lembrando-se repentinamente de Babaki.

Ah, isso é outra coisa...

Onde está o meu amigo? continuou o eahan, originando protestos por parte das grilhetas que o prendiam.

O teu amigo voltou para a arena. Houve pessoas que gostaram muito dele. Mas não foi o antroleo quem me disse o teu nome... Tannath virou a cara a Quenestil, sem lhe tirar os olhos de cima. Podes entrar agora.

A porta do cubículo abriu-se e Quenestil distinguiu mais um vulto contra a luz do exterior. O recém-chegado fechou a porta e caminhou para a luz das tochas, passos frios a ressoarem contra as lajes.

Slayra.

A sua roupa não era a mesma, envergava agora um apertado e revelador fato de cabedal, pernas cobertas com botas até às coxas e o negro cabelo sedoso preso num rabo-de-cavalo. Fitou Quenestil e nada disse, chegando-se a Tannath, que lhe cingiu a anca com o

braço. Acto contínuo, as bocas dos eahanoir encontraram-se e os dois lamberam-se sofregamente perante um atónito Quenestil. Tannath agarrou os braços de Slayra e afastou-a como se de uma rémora se tratasse, exalando.

Estive... a falar com o teu amigo Quenestil disse, apontando para o eahan, que não tirava os olhos arregalados de Slayra, mas ele não foi muito esclarecedor. Talvez tu me queiras elucidar!

Slayra anuiu com a cabeça, sorrindo, e aproximou-se de Quenestil. Vinxenia lançou-lhe um olhar invejosamente contrariado, mas retirou-se perante um gesto de Tannath. Quenestil abriu a boca numa tentativa de falar, mas foi esbofeteado por Slayra antes que o conseguisse fazer. A eahanoir preparou-se para desferir outra bofetada no shura, mas Tannath agarrou-lhe o pulso com a mão, rápido como uma cobra.

Então, Slayra? Já sabes o que eu penso disso...

A eahanna ainda tentou libertar o braço para bater em Quenestil uma vez mais, mas o delgado Tannath tinha um aperto firme como um torno. Slayra relaxou o braço e o eahan negro soltou-lho.

Agradece que ele esteja presente, eahan disse a eahanoir. Caso contrário, irias passar longas horas dolorosas.

Tannath produziu estalos negativos com a língua.

Slayra, estás aqui para me explicar por que é que este eahan da montanha veio a Jazurrieh.

A eahanoir fitou-o com olhos gelados.

Isto é pessoal, Tannath.

Agora já não é. Diz-me.

Slayra levou o rabo-de-cavalo atrás e pôs as mãos nas ancas, tirando o olhar de Tannath e contemplando Quenestil, que lhe retribuía com olhos esbugalhados. Tannath riu guturalmente e, com uma graça felina, agarrou o braço de Slayra, puxou-a para si e forçou-a a olhar para ele, puxando-lhe o rabo-de-cavalo.

Slayra... estás a esconder-me alguma coisa?

A eahanoir debateu-se em vão, e acabou por sorrir. O sorriso foi retribuído por Tannath e os dois beijaram-se lascivamente. Quenestil viu-se incapaz de proferir qualquer palavra. Os lábios dos dois eahanoir estalaram quando se separaram, e Slayra puxou uma mecha de cabelo para trás da curva orelha pontuda.

Este... eahan veio atrás de mim.

Isso já eu percebi replicou Tannath. Quero saber porquê; parece-me que não me contaste a história toda.

Slayra pousou as delicadas mãos no colarinho do eahan negro.

Se eu te contasse tudo... a voz da eahanoir reduziu-se a um sussurro à medida que se aproximava da orelha de Tannath ainda me quererias mais que às outras?

O eahan negro inalou um silvo de dor através dos dentes quando Slayra lhe mordeu o lóbulo. Agarrou-lhe os braços e afastou-a de si, mas as suas feições rapidamente se suavizaram num sorriso sardónico e confiante.

Não me contes tudo, então. Diz-me apenas por que é que o nosso amigo Quenestil te perseguiu.

Slayra nada disse por breves momentos, findos os quais se libertou do abraço de Tannath e caminhou ponderadamente até Quenestil, agarrando-lhe o queixo com dois dedos.

Aposto que já nem te lembras por que é que eu saí de Jazurrieh... afirmou.

Tannath cruzou os braços.

Slayra, se não paras de andar às voltas, eu vou começar a pensar que estás a tentar ganhar tempo para inventar uma história.

Vês, não te lembras. Tannath suspirou.

Foste destacada para uma missão de reconhecimento na fronteira... ... e fui capturada pelo Quenestil e o seu bando nas montanhas.

Mataram os dois idiotas que iam comigo e fizeram-me prisioneira. Slayra ergueu a cara do eahan. Se os outros não fossem tão *virtuosos*, este ter-me-ia morto ali mesmo.

Estou a ver... e depois?

Deambulámos pela região, era um grupo errante numa demanda qualquer...

E por que não te entregaram à justiça?

Não sei... eram todos uns virtuosos; achavam que se me entregassem a um bailio ou ao xerife de uma aldeia, não teria um *juízo* justo...

Tannath fungou, aparentemente divertido.

Então e depois?

Um deles, o líder, queria ir para Asmodeon. As sobrancelhas do eahanoir ergueram-se. O que lá queriam fazer, não sei. Por fim, atravessaram a fronteira e os teus assassinos encontraram-nos...

Asmodeon... um grupo assaz invulgar. E por que os impediste de matarem todos durante o sono, fazendo uso do *meu* nome para os ameaçar?

Slayra olhou de relance para o eahanoir e piscou-lhe o olho. Como Tannath não esboçou qualquer reacção, a eahanna negra largou a cabeça de Quenestil e saracoteou libidinosamente até ele.

Tu não irias querer que aqueles idiotas me fossem privar da minha vingança, pois não?

Tannath continuou de braços cruzados, esperando. Slayra descruzou-lhos e beijou-o uma vez mais. Os ruídos que os lábios de ambos faziam davam volta ao estômago de Quenestil, que permanecia inerte.

Sabes o que ele me disse? perguntou Slayra, olhando Tannath nos olhos. Finne *aeheil tuo nomenc atha*. A menção destas palavras fez com que o eahan negro olhasse para Quenestil. Fui marcada. Humilhada. Escapei e ele perseguiu-me, como soube que faria, e agora ele está nas minhas mãos. Percebes agora por que veio ele atrás de mim, e porque usei o teu nome para que não lhe tocassem?

Tannath pareceu desligar-se do mundo, ponderando. Aquele era o mais terrível juramento que um eahan poderia fazer a alguém, *"a minha flecha tem o teu nome"*... Ergueu os olhos e fitou Slayra e Quenestil alternadamente.

Que vais fazer com ele? perguntou por fim.

Slayra virou-se e os dois eahanoir observaram o shura, que continuava sem mexer um músculo.

Ainda não sei... matei-o das formas mais horríveis nos meus sonhos. O melhor é ele ficar a sufocar aqui enquanto eu penso num castigo adequado.

Está bem. Vamos então?

Slayra sorriu e tornou a beijar Tannath e as duas tochas protestaram com chios quando o eahanoir as apagou nos baldes de água adjacentes. Sem mais palavras, os dois retiraram-se e a escuridão desceu na sala, engolindo Quenestil.

Um guarda abriu a porta das masmorras aos dois eahanoir, inclinando respeitosamente a cabeça a Tannath. Uma carruagem aguardava o casal e o cocheiro, um eahanoir circunspecto com uma tatuagem parecida com uma longínqua gaivota na testa, abriu-lhes a porta. Era um venirr, uma das mais baixas castas dos eahanoir, destinada a servir pessoalmente os seus superiores. Tannath dispensou-o, ajudando Slayra a subir e pegando na porta.

Não vens? perguntou a eahanna negra, vendo que o seu companheiro não fazia tenções de subir.

Tenho... de tratar de umas coisas. Hoje à noite? perguntou, com a porta a meio caminho.

Por mim era já... disse Slayra, passando a mão pela perna com um olhar comprometedor.

Tenho assuntos prementes. Virei com o manto da noite, então prometeu, fechando a porta delicadamente e sinalizando ao cocheiro que partisse. Slayra puxou a cortina negra e despediu-se com um aceno, mas o eahanoir já se pusera a caminho.

Jazurrieh era uma cidade de noite eterna, com os seus grotescos edifícios a ensombrarem as ruas dia e noite. O acesso aos topos das habitações era vedado e estes eram sempre inclinados e decorados com afiadas protuberâncias de pedra, de modo a desencorajar assassinatos com bestas dos telhados, mas era nas ruas que o verdadeiro perigo residia, nas labirínticas vielas de imprevisíveis becos sem saída. Tannath conhecia bem a cidade e caminhava confiante, mas a sua reputação era uma faca de dois gumes: desencorajava aqueles de bom senso a atacá-lo e incentivava jovens impetuosos a tentarem ganhar fama com o seu sangue. Tinha de estar sempre alerta, mas isso também se aplicava ao mais baixo servo. Jazurrieh devorava os incautos. Apesar disso, não era a cidade que lhe ocupava os pensamentos, mas Slayra. Sempre reservara especial atenção para aquela eahanoir em particular, sem saber ao certo porquê e isso obrigara-o a um sem-número de inconclusivas reflexões. Eahanoir eram eahan aviltados por Seltor, mas queria isso dizer que haviam sido despojados de tudo o que era íntimo aos eahan? Ou seria a corrupção do Flagelo meramente superficial, incapaz de perverter as emoções; essas salvaguardadas pela pureza de Sirul? Ou estaria o sangue do seu pai eahan de alguma forma relacionado com os seus sentimentos para com Slayra? Sentimentos... tal palavra não existia na língua dos eahanoir, mas Tannath julgava conhecer o seu significado.

Contudo, Slayra mentira-lhe. Ainda não sabia como, mas a eahanna tentara enganá-lo e tencionava descobrir porquê. Perdido nos seus pensamentos, quase passou pelo seu destino, uma porta ladeada por duas tochas. Olhou em redor, ficou por uns momentos atento a quaisquer ruídos suspeitos e bateu suavemente na madeira reforçada com barras de ferro. Acto contínuo, uma fresta abriu-se.

Quem vem aí? sibilou uma voz.

Sou eu, Tannath.

A fresta fechou-se e o trinco estalou, concedendo-lhe entrada. Tannath esgueirou-se pela abertura adentro e a porta foi fechada.

Encontrava-se numa pequena e espartana sala de recepção, cujo único ocupante era um sajellir, um eahanoir soldado com a tatuagem bélica na testa.

Que as sombras te ocultem, Tannath saudou o guarda, levando um pé para trás do outro numa pose defensiva de pernas flectidas.

E a ti, Kyam. Preciso de falar com a Shanaya.

Ela está a meio de um serviço, mas claro que te recebe.

Obrigado agradeceu, e Kyam caminhou lado a lado com ele até às escadas sem que tal lhe fosse solicitado.

Os Eahanoir nunca deixavam ninguém caminhar atrás.

Chegado aos degraus, Tannath virou-se bruscamente para o guarda, deu três passos de costas e despediu-se com uma vénia. Os Eahanoir nunca viravam as costas. O eahan negro desceu as escadas, começou a ouvir música de harpa e chegou a um reposteiro de fina cassa preta, a entrada para a casa de prazeres. Tannath entrou e contemplou a sala que já tão bem conhecia. As paredes de mármore vermelho latvoniano estavam sumptuosamente decoradas com tecidos de cores berrantes e altos-relevos de humanos em poses eroticamente sugestivas, e em cada canto havia um incensário dourado a exalar uma fragrância afrodisíaca. O chão estava coberto de almofadas das mais diversas cores e formatos e no centro da sala havia uma fonte com a estátua dourada de uma eahanoir numa sugestiva pose com dois homens a seus pés e entregues a actos lascivos. As eshurawe, prostitutas com um ponto vermelho a marcar-lhes as testas, satisfaziam os desejos da mais variada clientela, incluindo mercenários de Nolwyn e Thyr, soldados latvonianos e oficiais de senhores da guerra. Tannath caminhou indiferente pelo acervo de braços e pernas com passos cuidadosos, indiferente aos gemidos de prazer e gritos orgiásticos. Passou por outro reposteiro, que dava para um corredor de quartos privados, dos quais saíam os mais variados ruídos de dor e deleite, e continuou até chegar a outro par de cortinas que ocultavam uma pequena sala escura guardada por dois sajellir, que prontamente saudaram Tannath.

Quero ver a Shanaya.

Os dois guardas prontamente lhe deram passagem, colocando-se lado a lado e encostando as costas à parede. Um eahanoir nunca ficava no meio de outros dois que não conhecesse. Tannath agradeceu com um aceno de cabeça e desceu as escadas, respirando fundo e acerando a sua mente para o que estava para vir. Abriu uma porta e entrou de

rompante numa sala escura, iluminada por quatro braseiros nos cantos. Espalhadas pelo compartimento estavam dúzias de camas acolchoadas, em cima das quais se prostravam homens estuporados de olhares lânguidos. No centro encontrava-se uma mulher vestida de cabedal à moda eahanoir, ou seja, com o menor número de peças possível. Corpete decotado, luvas até ao cotovelo com dedos cortados, botas até às coxas e uma oleosa capa que parecia ondular com vida própria. Tinha longos cabelos sombrios e uma cara de uma beleza atordoante, mas os seus olhos estavam fechados e os braços erguidos como em êxtase. A sua pele era de um estranho tom arroxeadado, como uma pétala de violeta descolorada ao sol. No entanto, a entrada de Tannath não lhe passou despercebida, e a mulher abriu um olho. Seguiu-se-lhe o outro e um sorriso, e baixou os braços. Quando o fez, todos os presentes na sala que estavam deitados exalaram repentinamente, parecendo afundar-se na cama e deixando-se lá estar como mortos.

Olá Tannath... ronronou a mulher lubricamente. Os seus olhos eram amarelos e desprovidos de pupilas.

Linda como sempre, Shanaya respondeu o eahanoir sem qualquer emoção na voz.

A mulher à sua frente era uma shionna, uma da prole d'O Flagelo. Não contente em aviltar os eahan de modo a conceber eahanoir, a Sombra deturpara ainda mais alguns eahan corrompidos, criando agentes à semelhança das harahan mas com um propósito totalmente diferente. Enquanto as harahan espiavam e seduziam e assassinavam, as shionnas tinham um propósito muito mais insidioso: o de roubar emoções e paixões, criando apatia no seio daqueles que se opunham ao Flagelo. Uma shionna escondida numa cidade era o suficiente para roubar os seus defensores de toda a vontade de a defender, e várias vitórias haviam sido alcançadas durante a Guerra da Hecatombe à custa destas parasitas. Através desta absorção das emoções, ganhavam total mestria emocional, podendo induzir nas mentes das suas incautas vítimas qualquer perturbação que lhes conviesse.

A mente de Tannath era um mar de acalmia naquele momento, quaisquer emoções ou desejos controlados com uma disciplina férrea. Conhecia Shanaya e sabia que esta sugava emoções com a voracidade de uma lampreia.

Sempre o mesmo bloco de granito... comentou a shionna, saracoteando para perto de Tannath, que a fitou com um olhar passivo. Então, diz-me o que posso fazer por ti?

Shanaya pôs um braço à volta do ombro de Tannath e o seu indicador começou a desenhar linhas sem nexo no peito do eahanoir, cujo semblante não se alterou.

Se fosse outra, já a tinhas tomado nos teus braços... afirmou, levantando os lábios e olhando Tannath de baixo.

Até o faria, se não soubesse que me sugarias até ao tutano comentou o eahanoir sarcasticamente. Preciso de que me faças um favor.

A sério? Mas sabes bem... o indicador continuou a desenhar algo invisível no peito de Tannath ... que eu nunca faço nada por favor. A última palavra foi acentuada com súbita pressão da unha do indicador no esterno do eahanoir.

Tannath grunhiu e, com reflexos relampejantes, torceu o braço da shionna e colocou-lhe os dedos polegar, indicador e médio na garganta.

Mmmm... pareceu Shanaya saborear, fechando os olhos e aparentemente alheia aos mortais dedos na sua laringe ... raiva contida é a mais saborosa. É o medo que te está a forçar agora a abafar as emoções?

Tannath largou-a bruscamente, mas os seus punhos continuaram cerrados.

Não queremos que elas fiquem descontroladas, pois não? afirmou Shanaya, afagando o braço.

Não, admitiu Tannath, ajeitando a gola da capa. Não queremos. Mas tenho algo para te oferecer em troca do serviço que me prestarás.

Sim? O quê? E de que espécie de serviço estamos nós a falar? perguntou a shionna, chegando-se uma vez mais a Tannath.

Um eahan da montanha foi hoje capturado. Suspeito de que ele tenha uma ligação com a Slayra, mas ela mente com todos os dentes que tem quando lhe faço perguntas a esse respeito. Preciso de que vás averiguar, ver que emoções esconde o eahan.

Mas que temos nós aqui? Ciúmes? E como sabes que ela está a mentir? Julgas que conheces aquela víbora? perguntou Shanaya, quase deliciada.

Tannath agarrou-lhe os braços e puxou-a para si.

Eu sei. Faz o que te peço. Em troca, dar-te-ei mais emoção que tu alguma vez imaginaste absorver. Uma torrente tal que ficarás inchada como uma lampreia empolada.

A oferta de Tannath acendeu um brilho nos olhos da shionna, que fitou os orbes cinzento e azul do eahan negro em silêncio.

Dou-te um antroleo, uma besta selvagem de raiva crua e desmesurada. É isso que te ofereço em troca. Farás o que te peço?

Shanaya libertou-se das mãos de Tannath, virou-lhe as costas e principiou a andar pela sala, olhando para os homens estuporados que se refastelavam apaticamente nas camas, toda a emoção roubada e com o doce néctar da indiferença a alheá-los do mundo.

Está bem concordou, momentos depois. Onde posso encontrar esse eahan? perguntou, contemplando os dedos e lambendo os lábios como em antecipação.

Nas masmorras. É o único, não deve ser difícil de encontrar.

Irei lá um destes dias. E quero que me mostres esse... antroleo.

Assim farei, logo que souber as emoções do eahan.

Shanaya olhou para Tannath uma vez mais, e um sorriso voltou-lhe à cara.

Por que não torturar a Slayra? Não seria uma forma mais simples e directa de obter respostas?

Tannath vacilou como se tivesse recebido um golpe. Recompôs-se atempadamente e deu um passo atrás.

Limita-te a fazer o que te peço. Das tuas sugestões não preciso eu, e virou as costas à shionna, subindo os degraus com passos indignados.

Shanaya riu, saboreando os rastos de emoções escondidas que o eahanoir deixava para trás.

As opressivas sombras de Jazurrieh abateram-se uma vez mais sobre Tannath quando este saiu da casa de prazeres. O eahanoir recebeu-as de braços abertos, deixando-se envolver pela sua escuridão protectora. Por mais que disciplinasse a mente, um mortal estaria sempre exposto perante uma maldita shionna. Especialmente Tannath, com os seus conflitos emocionais internos em relação a Slayra. Inspirou fundo e pôs-se a caminho da sua casa uma vez mais, certo de que iria esquecer estas dúvidas enquanto usufruía de Slayra. Pelo menos temporariamente.

DEFENSA DE CINCO

O *ayan* montado soergueu o braço enluvado e o falcão pousou nele. O *ocarr* murmurou palavras afectuosas ao seu animal preferido e tirou um pequeno rato morto de uma bolsa, que a ave de rapina prontamente engoliu.

Muito bem, Asa da Tormenta louvou. São eles, Potro Negro? perguntou ao *drahreg* a seu lado.

Os olhos vermelhos de *Kror* mal distinguiram as formas que se movimentavam apressadamente dentro do *cromeleque*, mas sabia serem eles o grupo daquele que o procurava. A humana atrás de si apertou-lhe o tronco com mais força e sussurrou-lhe ao ouvido.

São eles! Os que mataram a minha família e que nos perseguiram como animais!

Sim... concordou *Kror*. São eles, *ayan*.

Eles conspiram o Poço de Songul! vociferou um jovem guerreiro perto do *drahreg* e do *ayan*. *Tal* afronta deve ser punida com severidade!

Assim será, meu filho assegurou o líder *ocarr*. Com o vento, Cho Tirr! gritou, e a cavalgada começou.

Ninguém viu o sorriso de Hazabel, e o ruído das intensas rajadas impediu *Kror* de ouvir o riso maldoso da *harahan*.

Depressa, pedras me partam! praguejou *Worick*, brandindo o martelo.

O *thuragar* havia delineado um simples plano de batalha em instantes. Não havia grandes opções: estavam em campo aberto contra arqueiros montados; fora do *cromeleque* não teriam qualquer hipótese.

Os únicos com ataques *de* alcance eram a Lhiannah e o Allumno, setas e feitiços respectivamente. Aewyre e o thuragar aguentavam-se bem a lutar num espaço apertado, mas Taislin era um problema.

Fica escondido à espera. Se vires algum, salta-lhe em cima e dá-lhe cabo do canastro berrou, empurrando o burrik contra uma pedra.

O thuragar e a sua protegida tinham escudos, mas Aewyre nunca mais comprara nenhum depois de Alyun, e Allumno e Taislin não tinham armadura que os protegesse de setas.

Tomem disse Worick, atirando a cada um dos desprotegidos companheiros a sua respectiva mochila, é melhor do que nada. Tu, mago, põe-me um cobertor por cima desse corpo escanifrado. Vais ficar exposto, e isso pode evitar que uma seta te mate.

Todos acataram as ordens do experiente thuragar sem hesitar e sem fazer perguntas. O grupo havia ficado paralisado perante a visão de um grande grupo de cavaleiros das estepes a cavalgar a toda a brida na sua direcção, mas os instintos de sobrevivência levaram-nos a agir. Os seus corações retumbavam, as suas mãos tremiam, o calor do medo aflorava-se-lhes dos estômagos até ao peito, mas nenhum ficara parado. Worick praguejava na própria língua, o que denotava o seu nervosismo, perfeitamente justificável dadas as condições de combate e o número do inimigo. Lhiannah havia-se ajoelhado atrás de uma pedra, empunhando o arco curto, e espetava setas no chão. Allumno encostava-se a outra e fechava os olhos em concentração, ou talvez estivesse apenas a orar. Taislin parecia querer fundir-se à pedra à qual se encostara, os seus punhais trémulos. Aewyre encontrava-se no meio de duas, empunhando Ancalach com ambas as mãos, fitando o grupo que se aproximava. Pareciam tantos...

”Deuses, o que é que eu fiz? Onde os vim trazer?”

Worick continuava a berrar ordens enquanto partia os paus da armação da tenda dos companheiros, cravando-os de seguida no chão entre as pedras como estacas provisórias.

Allumno envolveu-se num cobertor, usando-o como uma capa, e colocou uma mochila no chão, pronta para ser usada como escudo improvisado. Lhiannah, agachada no chão atrás de uma pedra, já tinha uma seta no arco. Taislin correu para perto dela, carregando a sua mochila como um pavês. Worick, segurando o martelo debaixo do braço, desfraldou a lona da tenda, furou-a com o espeto da sua arma, rasgou-a ao meio e agitou dois pedaços no ar.

Mago, queima isto! berrou. Allumno olhou para trás sem compreender.

Queima-me esta porra! Faz isto arder!

Ainda sem perceber, o mago recitou palavras ígneas e a lona pegou fogo nas mãos do thuragar, que se apressou a atear as chamas aos restantes pedaços e a pendurá-los nas estacas com a assistência de Aewyre. Os olhos de Alfarna arregalaram-se, brancos como a neve, e esta começou a ornear de medo.

Tirem a mula do centro! Vamos precisar dela! bramou Worick.

Aewyre apressou-se a ir cortar a corda que prendia a mula, sossegando-a com festas e puxando-a até uma pedra.

Quem fica com ela? gritou, desapertando um alforge e atirando-o a Worick.

Quem quiser! respondeu o thuragar Não, não lhe tires os alforges! Pronto, fico eu com ela, dá cá as rédeas! Apre, foge daqui! Vai para trás de uma pedra!

O berro de Worick anunciou o início do ataque. Uma flecha singrou

pelo cromeleque adentro e cada um dos companheiros agachou-se. Os pedaços de lona da tenda ardiam, criando um círculo de fumo irregular em redor do local. A mula orneou quando duas setas se cravaram no chão perto das suas patas. Aewyre e os outros estavam sentados de costas para uma pedra, segurando as mochilas como escudos. Lhiannah espreitou de lado e viu um grupo de ocurr cavalgarem com a intenção de cercar o cromeleque. O fio do seu arco vibrou, anunciando a morte de um cavaleiro das estepes. Uma seta voou de imediato na sua direcção e Lhiannah ouviu o quebrar de osso contra pedra, pelo que se escondeu, preparando outra flecha. Allumno arriscou um olhar e, avistando um grande número de cavaleiros, recitou a Palavra de forma a que raios de energia saltassem dos seus dedos e fossem estoirar em dois ocurr. Um caiu, gritando, mas o outro não pareceu afectado. O mago amaldiçoou os resíduos da Entropia que permeavam Allaryia desde a Criação e escondeu-se antes mesmo de ouvir o zunir de várias flechas. Aewyre, Worick e Taislin esperavam pelo momento certo, pois não serviriam de nada enquanto os ocurr os regassem com setas. O burrik estava atrás de Lhiannah, protegendo-a com uma mochila, e retesou-se quando sentiu uma flecha a perfurá-la. Lhiannah atirou outra seta. Allumno pronunciou algo que fez com que a neve debaixo dos cascos de vários hemíonos entrasse em erupção, assustando os animais e fazendo com que estes deitassem os donos por terra. Uma flecha de osso atravessou o lado da mochila de Aewyre, batendo-lhe na espaldeira com um ruído seco. Worick resmungava, apelando ao avanço dos ocurr. O fumo em redor do cromeleque era repetidamente furado por setas voadoras, mas nenhuma encontrou o seu alvo. Por essa altura já os ocurr

tinham o sítio cercado e mostravam-se determinados a semeá-lo de flechas. Os feitiços de Allumno e as setas de Lhiannah falhavam e acertavam, feriam e matavam, mas o número de inimigos não parecia diminuir. Taislin arriscou um olhar e viu o interior do cromeleque forrado de hastes, com os seus amigos encolhidos e a protegerem-se com as respectivas mochilas. Estranhas luzes vinham do lado do Allumno e o vibrar do arco de Lhiannah era uma constante atrás de si. O ar cheirava a lona queimada e o céu parecia ainda mais cinzento com o fumo furado por uma saraivada constante de setas. Worick praguejou quando uma lhe resvalou no elmo.

De repente, o zunir cessou e fez-se ouvir no exterior do cromeleque um grito saído de várias bocas ao mesmo tempo. A terra tremeu, calcada por inúmeros cascos. Os ocarri investiam.

”Finalmente...”, pensou Aewyre, pondo uma mão no punho de Ancalach.

Lhiannah continuou com uma seta no arco e Taislin pulou para se encostar a uma pedra de adagas na mão. Allumno manteve-se concentrado. Alfarna tinha duas setas cravadas no alforje e orneava, tentando libertar-se de Worick. O relinchar de um hemíono ouviu-se muito perto.

Worick urrou enquanto se levantava, empunhando o martelo com uma mão enquanto segurava as rédeas da mula com a outra. Aewyre gritou também e Lhiannah virou-se e lançou uma última seta, cravando-a no peito de um hemíono, que caiu. Os espaços entre as pedras sem estacas ardentes então despejaram uma corrente de ocarri.

Worick girou a arma e partiu as pernas a uma besta, derrubando o seu cavaleiro, que rebolou pela neve. Soltou também Alfarna, que galopou orneante de um lado para o outro, evitando o fogo e os hemíonos galopantes, interrompendo o fluxo de cavaleiros. Ancalach, certa, atingiu um ocarri, desmontando-o. Allumno vociferou a plenos pulmões e um relâmpago saiu-lhe das mãos, estalando pelo ar e faiscando ruidosamente contra um cavaleiro e a sua montada. Passado este primeiro assalto, os ocarri atacaram com os seus longos sabres de cima dos hemíonos, contornando as estacas flamejantes, que assustavam os animais e cujo fumo lhes humedecia os olhos. Dois cavaleiros montados golpeavam Aewyre, que se defendia com a espada e não via um terceiro que se aproximava de lança em riste. Taislin gritou, saltando contra as patas da montada deste e cortando-lhes os tendões com as adagas. O hemíono relinchou em agonia e tombou violentamente, projectando o seu cavaleiro para perto do poço. Lhiannah apressou-se

a vará-lo contra o chão com a espada. Worick urrava desmesuradamente, esmagando e abatendo bestas e homens com o seu possante martelo. Aewyre aparou um golpe de sabre, baixando a cabeça para evitar outro e passando a espada pelos jarretes de um hemíono como continuação do movimento. Ouviu o baque da queda do ocar, mas teve de bloquear o golpe do que ainda estava montado, cuja montada se empinou. Um cavaleiro das estepes ainda conservava o seu arco e procurou um alvo no meio da furiosa escaramuça. Uma figura de cabelos amarelos chamou-lhe a atenção e visou-a com a ponta de osso da sua seta. Lhiannah espetou a espada no estômago de um ocar montado e acompanhou o movimento da sua queda de modo a não perder a arma. Assim que a ia extrair das entranhas do moribundo, a princesa gritou quando algo lhe lacerou a perna. O seu nome berrado por Worick sobrepôs-se ao tinir de metal, baque de cascos e relinchar de hemíonos. O thuragar correu em direcção à sua protegida, partindo os ossos daqueles que se metiam no seu caminho. Taislin, desesperado, arrancara uma estaca ardente e com ela investira contra um ocar, cravando a ponta em brasa nos rins do homem, cuja roupa começou a arder e cuja montada entrou em pânico. Aewyre desenhou um arco no ar com Ancalach e pintou-o de vermelho, deixando mais um hemíono sem cavaleiro. Allumno viu o ocar que se dirigia a Lhiannah, ajoelhada no chão a agarrar a perna ferida e atirou as mãos para a frente, vociferando um aríete de ar contra o inimigo, que pareceu colidir contra algo invisível que o projectou violentamente contra uma das pedras. Worick aparou uma lança com o escudo da manopla, rachou o crânio de um hemíono e deixou a cabeça do martelo cair com abandono entre as omoplatas do cavaleiro desmontado. Dois ocar carregaram contra Allumno, berrando e brandindo os longos sabres. Ancalach roubou as patas da frente da montada de um, e uma bola de fogo da palma do mago explodiu contra o peito de outro. Taislin saltou para cima do ocar desmontado e deslizou as adagas pela sua garganta. Worick e Lhiannah estavam cercados por três. Um dirigia-se a Taislin. Quatro tentavam cercar Aewyre e Allumno, e pareciam estar a vir mais. Os companheiros agarraram as armas com força e murmuraram as suas preces.

Kror deixara Hazabel para trás e cavalgara até perto do cromeleque fumegante, onde se desenrolava a furiosa peleja. Ocar entravam e saíam, aço entrechocava, hemíonos orneavam de dor e medo, o fumo obstruía partes da luta. Kror contornou as pedras, procurando uma boa abertura para entrar. Ouviu o urro do thuragar, que parecia estar a

defender a humana caída de cabelos amarelos, e viu como este rebentou a cabeça de um ocar com o martelo. Por detrás do fumo, luzes brilhavam e faiscavam e logo mais Cho Tírr gritavam de dor. Krór arreganhou os dentes. Eram os da sua tribo que estavam a ser mortos, os seus irmãos! Desembainhou os dois alfanges detrás das costas e incitou o seu hemíono aplicando pressão com os joelhos. A besta mostrou-se relutante em se aproximar do fogo e do calor, mas o drahreg gritou e aumentou a pressão. Dois cavaleiros entraram por uma abertura ao seu lado, gritando e brandindo sabres. Krór urrou e o hemíono avançou, empinando-se assim que se aproximara das estacas ardentes. O drahreg optou por outra aproximação e permitiu à besta afastar-se, dando meia volta à distância certa e sussurrando-lhe palavras de encorajamento enquanto embainhava o alfange de punho azul.

Sim, embainha-a a ela. Vais precisar de mim para os matar a todos... ciciou-lhe Kerhex.

Com renovado alento, o hemíono cavalgou até perto do fogo e, a uma palavra de Krór, saltou por cima das chamas. A dramática entrada do drahreg surpreendeu todos, principalmente Worick e Lhiannah, quando estes viram um guerreiro negro a aterrar perto das suas posições. O hemíono girou em si e a lâmina de Krór embateu contra o elmo de um surpreso Worick, deitando-o por terra. Lhiannah gritou e encostou-se a uma pedra, tentando erguer-se apoiando-se ao chão com a mão livre. O hemíono de Krór empinou-se uma vez mais e os Cho Tírr uivaram, triunfantes.

Não! gritou Aewyre, cortando de seguida dois cavaleiros para fora das selas.

O drahreg ouviu a voz do humano e os olhos vermelhos e escuros encontraram-se uma vez mais. Um ocar explodiu em fogo ao seu lado, mas Krór não reparou. Um golpe de sabre quase decapitou Taislin, que guinchou para fora do seu alcance, mas Aewyre não notou. Ambos estavam fora daquele lugar, fora de Karatai, fora de Allaryia. As suas lâminas estavam famintas e iriam ser saciadas.

O ranger de arcos estilhaçou a percepção de Krór como pedras arremessadas a vidro. O drahreg viu dois ocar atrás de Aewyre, setas nos arcos, cujas cordas vibraram.

NÃÃÃO! urrou o drahreg desalmadamente.

Aewyre nada mais via senão Krór, mas ouviu o mesmo ranger de arcos e reparou que o drahreg olhava para trás de si com olhos esbugalhados. Assim que se virou, tudo pareceu ficar mais lento. As

cordas de dois ocarr montados tremiam languidamente e dois projécteis negros voavam na sua direcção.

Ia morrer.

Uma catadupa de pensamentos assaltou-lhe a mente. O seu pai. Os seus amigos. Nabella. A sua mãe. O seu irmão. Os seus amigos. Sangue. Morte. Os seus amigos. Ia morrer e os seus amigos também. Só lhe apetecia gritar e chorar, mas os projécteis tardavam em chegar. Nesse momento, o guerreiro sentiu um afluxo de energia nos seus membros. As duas setas deixavam um rasto ondulante no ar, como se estivessem a derrapar à superfície de água. Cada movimento à sua volta tinha uma clareza cristalina e Aewyre podia ouvir a respiração de cada um dos combatentes, podendo isolá-los mesmo sem os ver...

As setas!

Ancalach traçou um arco e as duas flechas partiram-se como galhos secos. A cinética do movimento propagou-se pelo ar, reverberando para a frente, e os dois arqueiros ocarr foram atingidos por uma lâmina invisível que lhes abriu amplos cortes a espirrar sangue.

Então o tempo retomou o seu passo normal e o estrupido da batalha voltou, bem como os movimentos rápidos e bruscos dos combatentes.

Aewyre ficou imóvel.

Kror ficou imóvel.

Um ocarr estava prestes a empalar o pequeno e corredio Taislin quando viu dois dos seus amigos a irromperem em sangue sem que nada sólido os tivesse atingido e estacou atónito, puxando as rédeas da montada e dando tempo para que o burrik escapasse.

Alheia ao que se passara, Lhiannah gritou enquanto investia contra um ocarr armado com uma lança que se aproximava do imóvel Worick. O cavaleiro cerrou os olhos ovais e gritou também, erguendo a ponta contra o peito da mulher. A lâmina da arinnir decepou a haste e esta virou-se de lado para o atacante, empurrando a espada com as duas mãos para cima e gritando quando a sentiu a afundar-se na barriga do adversário. Caiu de joelhos de seguida, cerrando os dentes devido ao ardor na perna.

Aewyre e Kror despertaram ao mesmo tempo. O guerreiro virou-se para o drahreg uma vez mais e este desembainhou o outro alfange.

Sê misericordioso com os teus inimigos sussurrou-lhe Sassiras's.

Aewyre brandiu Ancalach, caminhando a seu encontro, e o drahreg preparou-se para desmontar. Ambos estavam ainda zonzos e desnorteados, sem fazerem ideia do que se havia passado, mas a vontade de combater era superior.

Foi então que um grito esganiçado se fez ouvir, seguido de um chorrilho de palavras estridentes que fizeram com que os ocar se detivessem. Os companheiros não perceberam, mas mantiveram-se em guarda e de armas em punho. Houve um breve interregno, durante o qual apenas se ouviu o ofegar de todos os combatentes, o gemido dos feridos, o lamber do fogo e os nervosos ruídos dos hemíonos. Então veio outra série de estranhas palavras pronunciadas por uma voz rouca e esganiçada e os ocar entreolharam-se. Os companheiros mantinham-se nas mesmas posições. Perante a histórica premência da voz, alguns cavaleiros deram meia volta com as montadas e trotaram para fora do cromeleque, principiando a galopar depois. Outros dirigiram olhares aos seus camaradas caídos, fitando os companheiros com ódio de seguida mas acabando por retirar. Krór parecia dividido. O desejo de combater o humano era quase insustentável, mas ouvira as palavras da xamã e sabia que o melhor seria retirar. Rosnou em desafio a Aewyre e aos companheiros e assentou uma vez mais na sela, incitando o hemíono a cavalgar para fora dali.

Aewyre empunhava Ancalach, ofegante. Aquele surto de energia fora... indescritível. Os dois ocar que atingira jaziam no chão, os seus corpos exangues quase cortados em dois, as duas setas que o haviam visado feitas em lascas na neve pisoteada. Fosse o que fosse, Krór também o sentira... Algo o levou a avançar e ver o que acontecia fora do cromeleque, mas fê-lo com cautela, postando-se atrás de uma pedra para espreitar. Os ocar agrupavam-se longe do local da escaramuça e pareciam estar a falar. Iriam planejar um novo ataque?

Aewyre! chamou Allumno.

O guerreiro virou-se e viu o mago, Lhiannah e Taislin ajoelhados perante o corpo inerte de Worick. Sem que fossem necessárias mais palavras, correu para lá, temendo o pior.

Ajuda-me a tirar-lhe o capacete! pediu o mago com urgência, enfiando já os dedos debaixo das abas do elmo. Com cuidado!

O capacete de Worick estava amolgado e tinha uma fenda da qual escorria um fio de sangue. Os olhos do thuragar estavam fechados, as rugas da sua cara acentuadas por fuligem negra. Lhiannah segurava-lhe a mão com força, já com lágrimas a aflorarem-se-lhe aos olhos. Taislin tirara o barrete e amarrotava-o com as mãos enquanto mordida a preocupação do lábio inferior.

Com jeito, agora disse o mago e os dois puxaram o elmo com tanta delicadeza quanto possível. O amolgar havia apertado o capacete contra a cabeça do thuragar, pelo que foi necessária alguma força, mas

por fim a peça metálica acabou por sair. Aewyre atirou-a para o lado e Allumno agarrou a cabeça de Worick com as duas mãos, inclinando-a ora para um lado ora para o outro num diligente escrutínio.

Ele vai ficar bom? perguntou Lhiannah com uma cara quase aflita. O que é que ele tem?

O mago suspirou de alívio.

Aewyre, faz um encosto com esse cobertor.

O jovem assim fez e Allumno pousou a cabeça de Worick suavemente contra a almofada improvisada.

Bendita seja a perícia dos ferreiros thuragar disse o mago. E louvado seja Tharobar, seu patrono. O elmo levou o pior do golpe, a lâmina só lhe cortou o escalpe.

Todos imitaram o suspiro do mago, principalmente Lhiannah, que ainda agarrava a mão sapuda do thuragar com força.

Deixem estar que agora eu trato dele. Vão ver o que se passa, o que se pode fazer. Aqueles selvagens podem voltar.

Taislin saltitou de imediato para uma pedra, postando-se e espreitando por detrás dela. Lhiannah mostrou alguma relutância, mas acabou por se levantar para avaliar a situação. Aewyre notou que coxeava.

Lhiannah, o que tens na perna? perguntou.

A princesa parou, olhou para baixo para o rasgo vermelho nas calças e para o guerreiro.

Não é nada... e continuou a coxear.

Aewyre avançou, agarrou o braço da princesa e virou-a para si.

Nada? duvidou. Anda cá disse, levando-a pelo braço.

Deixa estar, preocupa-te com o Worick esquivou-se Lhiannah, tentando afastar-se.

Aewyre agarrou-lhe o pulso. Os dois olharam-se nos olhos, mas não houve resposta. Aewyre exalou em irritação.

Não temos tempo para isto. Isso pode infectar, anda.

O guerreiro puxou Lhiannah para perto de uma mochila, da qual tirou dois cantis, que prontamente abriu. Pediu-lhe que se sentasse sobre a mochila e ajoelhou-se diante da arinnir, desapertando o lenço que tinha à volta do pescoço e rasgando-o de seguida. Começou a enrolar a calça da perna ferida para cima até ao joelho, expondo a ferida. Lhiannah ia reclamar, mas cerrou os olhos e inspirou através dos dentes quando Aewyre despejou o vinho do cantil sobre a ferida, esfregando-a com o lenço rasgado. Lavou-a com água do outro cantil e atou a outra metade do lenço como uma ligadura em volta da perna.

Vê lá onde pões as mãos advertiu Lhiannah. Aewyre limitou-se a olhá-la de baixo e acabou o serviço.

Pronto, deve chegar concluiu o guerreiro, puxando a calça para baixo. Depois pede ao Allumno que veja isso, quando pudermos aquecer o vinho.

Está bem acordou a princesa, levantando-se sem demoras. Pareceu lembrar-se de algo três coxeios depois. Obrigada... murmurou, e afastou-se.

De nada... disse Aewyre em surdina, levantando-se também, pensando ainda no surto de energia. Afinal o que fora aquilo?

Mas... tentou um jovem ocurr objectar.

Não ouviste o que te disse, jovem tolo? berrou a velha xamã, apoiando-se em dois homens que a seguravam. És um homem ou uma criança teimosa?

O guerreiro calou-se, humilhado, e ficou em silêncio como o resto do grupo de guerra. A xamã galopara ao encontro deles, anunciando que tivera um "terrível presságio". Quando vira o combate que se desenrolava no Poço de Songul, guinchara em desespero, chamando para si a atenção do *ayan*, que observava a luta de longe. A este dissera que ordenasse aos seus homens que retirassem, cavalcando de seguida em redor do cromeleque e gritando com todas as forças do seu corpo franzino para que parassem de lutar. Conseguira por fim, mas estava agora exausta e ofegante e dois ocurr tinham de a segurar pelos braços. Os Cho Tirr estavam com o orgulho ferido e a sua vontade era a de massacrar os intrusos que haviam conspurcado um dos seus mais sagrados santuários e morto tantos dos seus irmãos, mas a autoridade da xamã mantinha-os ali.

Com todo o respeito, venerável... disse o *ayan* por fim, o combate aos homens cabe. Por que interferis? Mataram os nossos irmãos, molharam o Poço com o nosso sangue...!

Alguns ocurr manifestaram a sua concordância, mas a xamã guinchou e todos se assustaram.

Sangue! Tolos! Idiotas! O sangue! uivou, deixando-se cair de joelhos no chão e obrigando os dois homens que a seguravam a erguê-la. O sangue do povo dos hemíonos alimenta a estepe, faz as suas ervas crescerem fortes, mas o sangue dos ímpios! O seu sangue sujo no Poço de Songul fará com que o parco pasto das nossas montadas mirre e morra! A água que espalha pelas estepes será inquinada, ficará negra como a noite, venenosa como a bile de um homem traído!

Os nossos irmãos de quatro pernas ficarão de línguas negras e inchadas, os ossos das suas céleres patas ficarão quebradiços como a erva seca do tempo do Sol! É isto que os homens causarão se combaterem no Poço, é isto que vai acontecer se não ouvirem as minhas palavras! Hazabel não percebera uma única, mas via a reacção que o histérico discurso da megera causara. Os Cho Tírr estavam agora assustados, olhando uns para os outros e para o cromeleque com o branco dos olhos bem à vista. Os hemíonos sentiam o nervosismo dos donos e batiam com os cascos no chão.

O que disse ela? perguntou a Krór, que permanecia montado.

Nós... o drahhreg estava quase tão abalado como os outros não podemos atacar.

O quê? Mas porquê? A que propósito?

O sangue dos... deles não pode cair no Poço de Songul. A venerável diz que aconteceria uma grande desgraça se isso... acontecesse.

Mas... mas... Hazabel não queria acreditar: Ancalach estava ali ao seu alcance e aqueles bárbaros estúpidos não iam fazer nada por causa de umas superstições ridículas?

Krór indicou-lhe que se calasse, pois o *ayan* ia falar.

Terríveis foram as palavras que proferiste, ó venerável, mas que devemos nós então fazer?

Ouvir o que digo, é o que devem fazer! respondeu a anciã asperamente. Deixai que os espíritos da estepe purifiquem o Poço! Aguardem pelo repouso do fogo celeste e os guardiães do Poço irão arrancar a pele destes intrusos e com ela fazer uma tenda para queimar os corpos dos nossos valentes guerreiros caídos! Aguardai, é o que vos digo, aguardai...

Krór traduziu a Hazabel o que a xamã acabara de dizer e a harahan ficou lívida de raiva, virando as costas ao drahhreg e deixando os ocar e os seus medos de crianças para trás. Krór quis segui-la, mas achou melhor ficar com os seus para ajudar a decidir o curso de acção a tomar.

"Idiotas, todos eles!?" barafustou a harahan, sem parar de andar a passos largos.

Continuou a caminhar até estar bem longe do grupo. Parou e pôs-se a fitar a vasta extensão das estepes, agasalhando-se e sacudindo a cabeça para o lado de modo a que os cabelos negros abanados pelo vento não se lhe colassem à cara.

"Muito bem, tudo está perdido. Terei de tomar este assunto nas minhas mãos..."

D ESÍGNIOS OCULTOS

Babaki estava encolhido a um canto da escura e húmida sala. Era agora considerado perigoso e por essa razão mantido longe dos outros combatentes, cujas vozes indistintas conseguia ouvir na total mudez do cubículo.

Fizera-o outra vez... tornara a falhar para com um amigo. A sua cobarde renitência em lutar fizera com que fosse uma vez mais capturado, e nem sabia o que acontecera a Quenestil. O tilintar das suas correntes quebrou o silêncio na alcova quando o antroleo coçou o pescoço. Parecia que não fazia mais nada na vida senão fugir, fugir da família, fugir do seu povo, fugir dos amigos, fugir de si mesmo. Como o prurido teimava em desaparecer, Babaki coçou-se com mais força, as suas unhas a roçarem com força na sua pele suja. Roçagou, roçagou e roçagou até fazer sangue, mas a comichão não desaparecia; era como se estivesse dentro da sua pele, imersa na sua carne, agarrada aos seus ossos. A cobardia era a sua companheira, e mesmo dela o antroleo tinha medo. Não... não era medo da cobardia, era medo de si mesmo, medo do que podia fazer e de como inevitavelmente reagia perante o perigo. Os seus dedos estavam tintos de sangue, mas Babaki não parava de se coçar. Nojo; tinha nojo, nojo de si mesmo! Sentia-se imundo, não merecia amigos, não merecia sequer viver!

O antroleo rosnou e as suas unhas trincharam-lhe a carne. Ergueu-se de rompante e rugiu com potestade. As correntes esticaram-se ao limite e os elos vibraram. O antroleo rugiu outra vez e esmurrou as pedras frias da parede, arranhou a sua superfície musgosa e desferiu pontapés no ar até as correias lhe esfolarem os tornozelos. Impulsionou-se para a frente e fez rachas nas frestas com argamassa das pedras

às quais as correntes estavam presas. Saltou e sacudiu-se um pouco mais, sempre a rugir, mas, perante a futilidade do esforço, rugiu uma última vez, impotente, e deixou-se cair para o canto. Lágrimas de frustração rebentaram dos seus olhos e o antroleo cobriu a cara com as mãos sujas, gemendo e soluçando.

Foi assim que ficou, encolhido ao canto, de cara tapada e com o tinir das correntes a acompanharem o seu choro. Não soube dizer quanto tempo havia passado quando ouviu passos do outro lado da sua porta. O antroleo ergueu a cabeça, farejando o ar instintivamente, e os seus olhos húmidos abriram-se, dois pontos brilhantes na escuridão. Três eahanoir, um dos quais com uma tocha. Estavam a falar entre si, olhando e apontando para Babaki, que se mantinha quieto. Ouviu-se o tilintar de metal e o antroleo reparou que um dos eahan negros estava a pôr moedas na mão do portador da tocha, que acendeu um archote na parede e se retirou com uma vénia. O terceiro eahanoir, mais alto e delgado que os outros dois, ficou a observar Babaki em silêncio. Envergava uma toga negra parecida com a do juiz do combate em que participara e mantinha as mãos dentro das mangas. O seu cabelo negro tinha mechas brancas, mas mesmo à luz da tocha, era evidente que se tratava de um homem atraente, com pálidas feições angulares e um sorriso que poderia ser reconfortante, não fosse pelo olhar assassino dos seus olhos oblíquos. Tinha na testa uma tatuagem que, sem ser particularmente distinta, era diferente das que Babaki vira até agora.

Babaki, sim? perguntou numa voz calma como uma poça de gelo. O antroleo não respondeu. É raro um combatente chamar tanta atenção, principalmente no primeiro dia, principalmente quando foge, pois costumam ser mortos os que o fazem. De forma bastante desagradável, sim?

O outro eahanoir limitou-se a ficar encostado à parede de braços cruzados, se bem que parecesse pronto a saltar ao mínimo sinal de perigo. Babaki continuou sem esboçar resposta.

Um par invulgar, você e o seu amigo... um eahan das montanhas e um antroleo numa cidade de eahanoir à procura de uma assassina... dava uma bela história, não achas, Acerai? O outro eahanoir acenou a sua concordância em silêncio. Uma história curiosa, no mínimo... mas não é o que interessa, estamos aqui para discutir assuntos que lhe dizem respeito, sim? Tenho a sua atenção?

Perante a passividade de Babaki e a sua relutância em olhar para o seu interlocutor, o eahanoir levou as mãos atrás das costas e começou a percorrer a cela de uma ponta à outra em passos ponderados.

Não posso dizer que conheça a sua raça... admitiu. Já tivemos muitos antroleos nas arenas, todos eles bestas selváticas sedentas de sangue. Contudo, uma coisa sei: não são estúpidos... Um discreto tinir de correntes denunciou Babaki quando ergueu a cara.

Não, eu vi a sagacidade nos olhos de cada um, a argúcia animal que ganhava os combates tantas vezes como a força bruta. Não são estúpidos, e é por isso que eu lhe vou fazer uma proposta, sim?

Com um passo rápido, o eahanoir virou-se para Babaki e sorriu quando viu que tinha de facto a sua atenção.

Onde... o antroleo limpou a garganta onde está o meu amigo?

Tanto quanto sei, está vivo. Mas ele faz parte da proposta, por isso ouça...

Onde está o meu amigo? repetiu, apoiando as mãos no chão. O eahanoir suspirou.

Assim não está a cooperar. Tínhamos começado tão bem...

O que fizeram ao meu amigo? continuou Babaki, as suas garras a rilharem discretamente na pedra.

Então? Se não me ouve, não poderei...

Com um rugido, Babaki saltou de uma posição sentada para uma projecção de boca escancarada e braços e garras estendidos. O eahanoir de toga recuou involuntariamente antes de as correntes travarem o ímpeto do antroleo, que arrastou ligeiramente as pedras da parede e fez com que pedaços e migalhas de argamassa caíssem ao chão. O outro eahanoir saltara numa posição defensiva à frente do seu mestre, com um estilete e uma adaga de gume denteado, um quebra-espadas, desembainhados. O eahan de toga negra ergueu a mão e o outro, apesar de estar de olhos azuis fixos em Babaki, pareceu tomar nota do movimento e recuou cuidadosamente.

Isso foi extremamente violento e completamente desnecessário

comentou. Eu estou aqui para o ajudar, sim?

Um rosnar gutural na glote de Babaki deixava bem claro que não estava disposto a dar confiança, e as correntes continuavam esticadas até ao limite.

Eu posso ajudá-lo a salvar o seu amigo; ele corre perigo disse o eahanoir por fim.

Essas palavras tiveram efeito no antroleo, cujos músculos relaxaram visivelmente e cujos olhos brilhantes pareceram dilatar-se no escuro. Os seus braços baixaram-se e as correntes que os prendiam penderam como serpentes de aço.

Muito bem. Agora podemos falar, sim? afirmou o eahanoir, batendo com as mãos.

O que quer? perguntou Babaki de voz cansada.

O que eu quero? Ajudá-lo. O que ganho com isso...? continuou, antecipando-se à pergunta que sabia que se iria seguir. A morte de um homem que a merece. O que ganha você com a morte desse homem? A liberdade do seu amigo. Parece-lhe bem?

Babaki permaneceu em silêncio sem mexer um músculo. O eahanoir aguardou, mas cedo perdeu a paciência.

A alternativa? Combater na arena, matar para sobreviver, alcançar fama e glória, talvez, ou acabar com a garganta cortada por apostadores insatisfeitos. Ou morto por outro, há muitos outros bons combatentes, sim? Se preferir essa via, nada mais posso fazer a não ser desejar-lhe felicidades.

Babaki continuava sem responder, mas não se mantinha silencioso de propósito: estava a digerir a proposta. Era cômico, ou pelo menos sabia que os outros o consideravam como tal, e talvez com razão, mas não era idiota. Não precisava de ter ouvido as diatribes de Quenestil acerca dos eahanoir para saber que eram uma raça traiçoeira e ardilosa, egoísta e totalmente desprovida de escrúpulos. Parecidos com muitos humanos, no fundo, mas com a diferença de serem *todos* assim, sem exceção. Este eahanoir podia ter uma língua melosa, mas a maldade sujava-a como uma mancha de tinta. No entanto, era a única alternativa. Sabia que tinha de ajudar o seu amigo, e não o podia fazer se estivesse preso. Conseguiria escapar agora, ceder à fera, despedaçar os dois eahanoir e lutar para fora daquelas masmorras? Não; lembrou-se do que acontecera na fortaleza de Coilen, onde quase morrera assim. Os eahan negros eram muitos, e além disso não havia garantias de que encontrasse Quenestil se o procurasse pelos próprios meios. Decidiu então ouvir melhor a proposta do eahanoir, rezando para que não se arrependesse da sua resolução.

O que... devo fazer?

Dentes brancos brilharam no sorriso cruel do eahan negro e este esfregou as mãos distraidamente.

Muito bem. Sabia que era inteligente. Ouça-me então... Babaki acenou languidamente com a cabeça.

Está numa masmorra bem guardada, destinada aos lutadores... problemáticos. Vai ser reservado para os combates mais violentos, onde a hipótese de sobreviver diminui drasticamente, sim? Eu tenho uma certa... influência com os proprietários; posso providenciar-lhe uma saída. Está a ouvir-me?

Babaki acenou uma vez mais.

Pois bem, quando for combater, será com lutadores pagos por *mim*. Consegue saltar?

Outro aceno.

Muito? Outro aceno.

Perfeito. Eles ajudá-lo-ão a saltar, para fora da arena, sim? Acha que consegue?

Outro aceno.

Excelente. Agora ouça com atenção: quando estiver nas bancadas, deve procurar a saída. Será a parte mais difícil, visto que terá muita gente pelo caminho, mas só há uma saída, de portas duplas, sim?

O outro eahanoir fungou de desdém perante o incessante acenar do antroleo.

Depois disso, é fácil. Os guardas estarão também ao meu serviço e não serão problema. Tanto quanto sei, já sabe o caminho para a saída, sim?

Babaki acenou uma vez mais.

Se hesitar tão pouco quanto fala, não terá problemas... comentou o eahanoir aguerrido.

Silêncio, Acerai. Pago-te pelas lâminas, não pela língua, e essa *pode* ser cortada sem prejudicar o teu trabalho, sim? O outro eahanoir levou as mãos ao peito e baixou a cabeça. Peço desculpa pelo meu homem, tem o tacto de uma pedra de amolar. Quando sair do edifício, e preste atenção agora, terá uma carruagem à sua espera, mas estará escondida. Vai ter de virar à sua esquerda e entrar no terceiro beco à direita, ouviu? Repita.

Virar à minha esquerda, entrar no terceiro beco à direita... repetiu o antroleo monocordicamente.

Bravo. Alguma pergunta?

O que devo fazer depois?

Ah, isso discutiremos quando estiver fora daqui e em segurança, sim? Se não tiver mais dúvidas, retirar-me-ei.

Quando lutarei?

Não lhe sei dizer. Será no seu próximo combate; mantenha-se pronto, sim? Foi um prazer, Babaki. Que as sombras o ocultem.

Com uma vénia, o eahan negro virou as costas ao antroleo e caminhou lado a lado com o seu guarda para fora do cubículo.

Ah, e mais uma coisa lembrou-se. Não tente escapar após a fuga. Jazurrieh é uma cidade que vive, e assaz perigosa para aqueles que não conhecem os seus meandros, sim?

Babaki sentou-se, sem responder. O eahanoir fechou a porta e a escuridão desceu uma vez mais no cubículo, envolvendo-o nos seus negros lençóis. O antroleo acocorou-se, abraçou os joelhos e matutou longamente. Foi-lhe servida uma refeição em silêncio por um guarda eahanoir, que pousou uma tigela, um naco de pão duro e um jarro de água no chão. O conteúdo da tigela fumegava e Babaki sentiu o cheiro de carne, pelo que a arrastou para mais perto, farejando. Um estudo mais atento revelou que se tratava de uma sopa com galinha e vegetais, e o antroleo torceu o nariz, fungando de desgosto. Reconsiderou, no entanto, lembrando-se de que Quenestil precisava dele e que tinha de se manter forte para quando fosse preciso agir. Com algum esforço, levou a tigela à boca e sorveu o conteúdo espesso, forçando-se a engolir. Exalou de desgosto e bebeu avidamente da jarra, prosseguindo a empurrar o resto do caldo pelas goelas abaixo com pão e água.

”Não te falharei outra vez, Quenestil”, prometeu. ”Nunca mais falharei para convosco...”

Slayra goelou de prazer, arqueando as costas e agarrando os lençóis com força, deixando-se cair na cama de seguida. Tannath limpou a boca e deitou-se a seu lado, suspirando e encostando a cara à face afogueada da eahanoir.

Continuas a fazê-lo como ninguém, Tannath... sussurrou-lhe a eahanna ao ouvido, roçando-lhe os lábios na curva orelha pontuda.

E só o faço a ti, sua endemoninhada...

Mentiroso... acusou Slayra, mordiscando-lhe o lóbulo. Tannath rolou então para cima dela e agarrou-lhe os pulsos com força, olhando-a nos olhos. Slayra debateu-se, mas acabou por se submeter com um risinho, olhando Tannath de baixo com olhos provocadores. Maravilhosa. O eahanoir não se conteve e entregou-se com um prolongado beijo voraz e voluptuoso. Slayra envolveu-lhe o pescoço com os braços e começou a pôr-se em posição.

”Tão bela... tão intensa...”, pensou Tannath. ”Mas será só isto? O que a faz diferente das outras? O que...”

Tannath? O eahanoir despertou e viu Slayra a puxar o cabelo para trás e de sobrolho erguido em dúvida. Por que paraste?

Eu... O eahanoir saiu de cima da parceira e ficou a olhar para o tecto, sem dar resposta.

Slayra delineou um sorriso travesso e tentou pôr-se de gatas em cima de Tannath, mas este surpreendeu-a e a ele mesmo, levantando-se da cama e caminhando nu para a janela. A eahanna ficou a olhar, estupefacta, enquanto o eahanoir abria as portinholas de madeira da janela gradeada e o vento negro e frio de Jazurrieh penetrava pelo quarto adentro, fazendo com que as cortinas vermelhas suspirassem. O eahan negro apoiou-se no peitoril e postou-se à janela, olhando para o céu tinto de roxo. Nuvens acinzentadas passeavam-se pela abóbada celeste, realçadas pela Lua de tal forma brilhante que parecia cercada por um halo, rachado por alguns cirros perdidos. Slayra cobriu-se com um lençol e saiu graciosamente da cama, aproximando-se dubiamente de Tannath. O eahanoir estava quieto como uma estátua, o seu corpo delgado graciosamente musculado como o de um leão da montanha, os seus negros cabelos igualmente disputados pelas sombras e pelo luar.

Esta cidade é como um animal sombrio disse. De aço, de pedra e faminta. Ela caça... Slayra parou, ouviu, não percebeu e continuou a avançar de dia e de noite. O que ela caça, ela aprisiona. O que ela aprisiona, ela digere. E o que digere é devorado... pelos vermes.

Quando chegou perto de Tannath, Slayra pousou o queixo em cima do seu ombro e, com a mão livre, procurou a sua virilidade.

Dizem que eu também sou um... agarrou a mão de Slayra e virou-se para ela com tal rapidez que esta se sobressaltou ... mas não é verdade.

Tannath... desabafou a eahanoir por fim. O que estás a balbuciar?

Os olhos do eahanoir pareceram faiscar, principalmente o cinzento, sempre acentuado pela tatuagem, mas a sua expressão manteve-se inalterada.

Não percebes... constatou, levando a mão da eahanoir aos seus lábios. Na verdade, eu também não. Acho que os eahanoir estão fadados a nunca compreender.

Tannath, *do que é que* estás a falar?...

O eahan negro pôs-lhe o indicador delicadamente sobre os lábios.

Quando souber, dir-te-ei. Vai dormir. Eu... vou dar uma volta. -Mas... agora?

Sim... Tannath foi buscar as suas calças. Tenho de pensar. Normalmente Slayra ficaria ultrajada, mas naquela situação nada lhe saiu da boca, pois nem sabia o que dizer. Limitou-se a observar o eahanoir enquanto este se vestia em silêncio.

Já disse, vai dormir insistiu, abotoando a capa e começando a colocar as suas luvas. Sou capaz de demorar.

Vendo que a eahanoir continuava em pé, fitando-o de olhos bem abertos, cobrindo o corpo com um lençol, Tannath suspirou e saiu porta fora sem mais nenhuma palavra.

”Mas que estúpido que eu sou...”, pensou, caminhando a passos largos pelos corredores frios da sua casa e pelas sombras dos seus guardas. *”Não lhe posso pedir que compreenda. Nem sequer eu entendo...”*

Senhor? indagou uma voz à sua frente.

Um aguçado estilete e um quebra-espadas apareceram nas mãos de Tannath, prontos a matar. O guarda recuou, erguendo as mãos e o eahanoir relaxou.

Perdoa-me, Saffan. Vou sair explicou, embainhando as lâminas.

Devo chamar a escolta?

Tannath não pareceu ouvir e continuou a andar.

Senhor?

O eahanoir fechou a porta atrás de si e entrou numa viela sombria, a partir da qual começou a sua caminhada. No entanto, nem a escuridão o podia ocultar dos seus pensamentos. Se isto continuasse assim, teria de pedir à Shanaya para... não! em que estava a pensar? O que era preciso era pôr a cabeça em ordem...

Gostava de Slayra? Sim. Gostava de centenas de outras eahanoir? Sim. Fornicara com Slayra? Com ela e centenas de outras. Essa era a perspectiva eahanoir e ninguém parecia ter problemas com ela, mas então por que lhe causava esta mulher em especial tantas dúvidas? Nutriria mesmo sentimentos por ela? Algo o fez parar para coçar o olho esquerdo e, acto contínuo, Tannath pensou no pai que nunca conhecera. O sangue eahan? Estugou o passo. Seria porventura *capaz* de sentir? De amar...? O que era o amor?

Impossível... disse para si mesmo, acelerando ainda mais o passo.

Mas o quê, então? O que era isto que o atormentava? Era quase ridículo: ele, um dos mais temidos assassinos de Jazurrieh a penar desta maneira por causa de uma mulher, a recusar-se em tomá-la por vulgar que havia mais por detrás da mera atracção que por ela sentia...

Tannath virou numa viela adjacente e deparou com um vulto sentado de pernas estendidas no chão, segurando um miserável trapo com algumas moedas. Olhando para Tannath, o desgraçado remexeu no dinheiro com dedos sujos e falou numa voz rouca.

A vossa atenção por breves momentos, senhor...

O eahanoir parou para estudar o indivíduo. Tinha a marca de um sajellir na testa.

Já fui um guarda obediente. Peço-vos que me aceitais em vosso serviço...

Tannath inclinou a cabeça e ergueu o sobrolho.

Servir-vos-ei sem remuneração até achardes que os meus préstimos sejam dignos de tal.

O assassino não pôde evitar um sorriso. Muitos eram os sajellir que por qualquer razão desagradavam aos seus mestres, e estes não se coíbiavam de dar largas ao seu desagrado, sendo essa a maior causa de baixas dessa casta, maior que a de mortes no cumprimento do dever. Os que viviam estavam normalmente condenados a uma vida de párias, a menos que mudassem de cidade, e não havia muitas outras cidades eahanoir e menos comunidades ainda que os aceitassem.

Este, porém, não era um deles. Tannath ouvira os passos atrás de si no início da conversa, bem como o retesar da corda de uma besta.

De momento não preciso de mais homens... explicou, colocando todo o seu peso na perna esquerda.

O eahanoir baixou a cabeça e ouviu o estender de roupa quando um braço se esticou com a intenção de agarrar os seus cabelos e cortar-lhe a garganta. Com o peso no pé esquerdo, a perna direita de Tannath escoiceou para cima e partiu o queixo do seu agressor, que tombou. Girando em si, virou as costas ao mendigo e viu que outro eahan negro lhe apontava uma besta. Os seus joelhos projectaram-se para a frente e Tannath deixou-se cair de costas no chão, ouvindo o silvo do virote a passar-lhe por cima e o seu embate na parede. As pernas do eahanoir chicotearam para cima e o eahanoir pulou para uma posição flectida, já de adagas nas mãos. As duas lâminas voaram como seguimento do movimento e alojaram-se acima das clavículas do besteiro, que deixou cair a arma e tombou de joelhos, asfixiando. Os olhos de Tannath então dardejaram para o "mendigo", que estava atónito e de queixo trémulo na mesma posição. O assassino permitiu-se relaxar e aproximou-se do amedrontado eahanoir. O seu primeiro atacante contorcia-se no chão, mugindo de dor e agarrado ao queixo.

Quem vos enviou? perguntou, glacialmente calmo.

O eahan negro pouco mais conseguiu que gaguejar. Tannath pegou nele pelos colarinhos e levantou-o, batendo com a cabeça dele duas vezes contra a parede.

Quem vos enviou?

Nin-ninguém... tartamudeou o "mendigo".

O joelho de Tannath colidiu contra o estômago do eahan e, de seguida, contra a sua cara, deitando-o por terra.

Quem vos enviou? repetiu calmamente.

Eu... juro implorou o eahanoir com uma mão na cara e a outra estendida e bem aberta a pedir clemência.

Tannath agarrou-a e partiu-lhe o dedo mínimo bruscamente. O eahanoir gritou de dor, mas o assassino não lhe largou o pulso.

Eu juro! Juro! Somos apenas uns miseráveis sem mestre! Queríamos apenas dinheiro, só dinheiro! O homem começava a soluçar e Tannath mediu-lhe as palavras. Juro por tudo...

Bom, parecia que se tinha enganado. Sempre era um sajellir desempregado, não um assassino contratado.

Eu acredito em ti disse, como se falasse com uma criança, e largou-lhe o braço.

O eahanoir agarrou a mão ferida e levou-a perto da cara, olhando para o dedo mínimo completamente hirto para trás. Foi a última coisa que viu antes de ouvir um silvo e Tannath lhe cravar o estilete na nuca, atravessando-lhe a cervical. Limpou o sangue nas vestes sujas do moribundo e dirigiu-se calmamente ao seu segundo atacante, que ainda mugia de dor, incapaz de articular palavras com o queixo partido. Tannath ajoelhou-se perante ele e agarrou-lhe os cabelos, obrigando-o a olhá-lo nos olhos.

Hoje vives. Amanhã podes morrer. Se eu te vir outra vez, morres de certeza. Geme duas vezes se percebeste. O eahanoir fê-lo sollicitamente. Espalha a palavra... e largou-o, deixando-o entregue às suas dores. Convinha sempre deixar alguns vivos para dispersar o medo, no qual a sua reputação tinha fortes bases.

Depois do incidente, Tannath caminhou um pouco mais por Jazurrieh até decidir que já era altura de voltar. Ainda não ordenara os pensamentos, mas sentia-se desanuviado, e não só pelo combate. Era bom reflectir de vez em quando, se bem que todos lhe dissessem que pensava de mais. As coisas eram como eram e não havia nada a fazer a respeito. Pois eles que ficassem os idiotas conformados que eram, Tannath sabia que havia algo mais para além de traição e assassinato.

E iria descobrir, assim que soubesse por que razão Slayra lhe mentira...

FALSOS GUARDIÃES

Hazabel afastara-se do acampamento que os ocurr haviam feito em redor do cromeleque, homens a dormirem debaixo dos seus hemíonos cobertos com mantas. Cada cavaleiro trouxera a sua própria comida e jantava sozinho, apenas o *ayan* estava acompanhado de dois homens e a xamã. A megera proibira os ocurr de cercarem o poço de tochas, e a harahan não se interessara em perguntar porquê a Kror, que comia sentado a seu lado. Estava farta das superstições ridículas desta gente, iria dar-lhes verdadeiras razões para terem medo muito em breve... Tomara uma decisão e iria levá-la a cabo nessa noite, sem falta.

Assim que o Sol se pôs, Hazabel saiu debaixo da montada de Kror.

Onde vais? inquiriu o drahreg.

A harahan murmurou algo ininteligível e afastou-se. Kror servira os seus propósitos; ajudara-a a encontrar Aewyre Thoryn e os seus amigos. Cabia-lhe a ela agora suprimi-los, e desta vez não iria falhar. Preocupar-se-ia depois em como levar Ancalach...

Aproveitando a escuridão, dirigiu-se sorrateiramente aos dois guardas que faziam vigília sobre os corpos dos ocurr caídos em combate, deitados lado a lado no exterior do acampamento. Cada um dos cadáveres tinha duas flechas dispostas numa cruz sobre o peito, com as pontas a tocarem nos ombros. Provavelmente outra superstição ridícula... Os sentinelas estavam de costas um para o outro, empunhando as suas lanças em posições acoradas e atentos aos perigos ocultos das estepes. Mas não estavam preparados para combater a morte vinda das sombras. Hazabel abraçou o manto da noite e o seu vulto de penumbra deslizou até aos dois incautos guardas, postando-se a seu lado. Saiu da sombra e, antes que os dois homens pudessem

reagir, as mãos da harahan voaram para as suas gargantas e as suas unhas afundaram-se-lhes na carne mole. Ambos emitiram ruídos expectorantes, largaram as lanças e levaram as mãos ao pescoço, mas Hazabel arrancou-lhes as traqueias com um violento puxão. Incapazes de emitir qualquer som e com sangue a jorrar-lhes dos horríveis ferimentos, ambos os sentinelas caíram na neve, tingindo-a de escarlate e vasquejando no chão em agonia. A harahan olhou em redor enquanto os ocarr morriam a seus pés, certificando-se de não fora vista. Os ventos da estepe abanavam-lhe os cabelos negros e faziam com que o sangue nas suas mãos esfriasse depressa. Sem perder tempo, pegou nos dois moribundos e pô-los aos ombros como dois sacos de nabos. Com o macabro fardo às costas, afastou-se ainda mais do acampamento, olhando frequentemente para o rasto vermelho que deixava para se certificar de que não era seguida. Quando pensou estar suficientemente longe, atirou os dois cadáveres ao chão e olhou para trás. Estava demasiado escuro para ver, mas não parecia haver agitação alguma no acampamento dos ocarr.

”Pois bem, já vos dou motivos para ficarem agitados...”, pensou a harahan.

Começou então a eviscerar os dois homens com as mãos, tirando-lhes primeiro os fígados, guardando-os dentro de uma bolsa de couro e preparou as restantes vísceras; o ritual sujo e sangrento que estava a preparar implicava desenhar um círculo em redor das vítimas com os intestinos destes. Assim que o fez, e sem se incomodar a limpar o visco das mãos, Hazabel vasculhou uma das suas bolsas e tirou uma pedra negra, um pedaço de rocha da própria Asmodeon, um bocado de pedra rugosa e áspera parecida com uma crosta. As protuberâncias do seixo eram afiadas o suficiente para que Hazabel rasgasse a ponta da língua, molhando a superfície irregular com o seu sangue escuro. Engoliu o resto até a ferida parar de sangrar e ergueu a mão com a pedra ensanguentada ao céu nocturno, proferindo palavras negras de chamamento em Olgur, o idioma negro de Asmodeon.

A mim, ó prole d’O Flagelo; a mim, filhos da noite. A vós esta oferenda, que a palavra negra vos afoite.

O vento das estepes uivou com força, colando a roupa de Hazabel ao seu corpo e agitando os seus cabelos como um estandarte negro. A harahan repetiu a invocação, desta vez mais alto e com um tom de voz mais grosso, e o vento respondeu com redobrada força, acompanhado por sussurros de vozes maldosas que lhe segredavam palavras de dor e medo. Rajadas fortes começaram a erguer um pó de neve do

chão, que cedo se espalhou pelo terreno, originando uma pequena nevasca. A harahan ergueu os braços e o queixo numa paródia de um gesto de boas-vindas. Dois vultos aproximavam-se, meras silhuetas, as suas formas ocultas pela neve. Hazabel baixou os braços e o queixo e olhou em frente, aguardando a chegada dos udagai. Sabia agora o que eram: servos d'O Flagelo que Este castigara por maus serviços ou desobediência, condenando-os a uma vida de depredação na estéril Karatai, que a maior parte dos seus seguidores evitava.

Após mais alguns passos, foi possível a Hazabel discernir melhor as criaturas que até então nunca vira: eram de porte atarracado, corpulentos e de membros grossos e fortes. Vestiam uma mistura de trapos rasgados e peles humanas, que em certas partes deixavam visível a sua pele cinzenta como cinzas, completando a indumentária com ossos criativamente arrançados: um tinha duas omoplatas cosidas por cima do peito, o outro um par de colunas vertebrais como cinto; ambos tinham espalhados pela roupa maxilares, falanges e clavículas. As suas cabeças eram achatadas, calvas e orladas por esparsos fios de cabelo branco, os pequenos olhos amarelos fundos, os narizes puxados para cima e as bocas largas com dois grandes e cruéis caninos brancos. Ambos fitaram Hazabel durante alguns instantes, dividindo a atenção entre a harahan e os dois cadáveres a seus pés.

A minha oferenda para vós, caçadores disse, apontando para os corpos. Regozijai-vos e ouvi a minha proposta depois.

Os udagai nada disseram, mas acenaram com a cabeça e desembainharam duas facas de osso polido, com as quais esfolaram destramente os mortos, deixando-os duas massas de carne morta na neve em pouco tempo. Com os sangrentos e gordurosos trofeus nas mãos, voltaram as suas atenções para Hazabel e um deles falou, numa voz rouca e áspera.

A oferenda é satisfatória, filha d'O Flagelo. proclamou o udagai. O que queres de nós?

A questão não é o que de vós quero... respondeu Hazabel, levantando a voz para se fazer ouvir no meio da ventania ... mas o que vos posso oferecer.

Fala. As vozes das criaturas pareciam ser carregadas pelo vento.

Receberam duas oferendas. Mais cinco estão à vossa disposição. Muitas mais podem ser tomadas disse, apontando para trás dos udagai.

As criaturas olharam nessa direcção, apesar de o acampamento estar oculto pela nevasca àquela distância.

Uma zagaia de espíritos está presente. Ela tem poder sobre nós. *"Zagaia de espíritos?"*, pensou a harahan Aquela megera, a

xamã? Os udagai acenaram com a cabeça em perfeita sincronia. Ela não será problema...

As duas criaturas não pareciam piscar e não se mexeram, mas um acabou por falar.

Ofereces-nos um banho de sangue e um festim de morte. Que desejas em troca?

A voz de Hazabel tomou um tom acerado.

Matem todos. Menos o filho da Sombra.

Aewyre tiritava de frio, acorrido vigiamente atrás de uma pedra. A vontade de todos era aconchegarem-se uns aos outros numa fogueira, principalmente desde que a estranha nevasca começara, mas não o podiam fazer, não com um pequeno exército de ocarr fora do círculo de pedras, que só os deuses sabiam por que não haviam atacado outra vez. O vento dava a volta à pedra e embatia violentamente contra o cobertor que o guerreiro pusera aos ombros, bafejando-lhe os cabelos e gelando-lhe a ponta do nariz. Os ocarr pareciam calmos, mas era difícil ver sem as tochas que normalmente se colocavam num cerco. A nevasca não ajudava, mas a Lua estava brilhante nessa noite e garantia uma certa visibilidade. Taislin já se havia voluntariado para infiltrar as linhas do inimigo, mas Lhiannah proibira-o expressamente. Worick, já recuperado e apenas com uma ligadura na cabeça, tivera uma violenta alteração com a princesa a respeito do assunto e Aewyre tivera de os mandar calar. Taislin viera ter com o guerreiro para se oferecer uma vez mais, mas Aewyre dispensara-o, dizendo que iria pensar no assunto.

O ranger de metal anunciou a chegada de Worick, que se ajoelhou atrás do jovem guerreiro.

Porra de tempo... praguejou de barba a abanar ao vento. O thuragar ficara muito irritado ao ver a fenda no seu elmo, que consertara como pudera com o pequeno martelo de artesão. Mas a verdade é que até nos facilitaria um pouco as coisas...

Já sei onde queres chegar, Worick. Mas e depois? Fugimos para onde? Somos mais rápidos que aquelas montadas deles, que galopam horas a fio?

Não é isso, estúpido. Chama-se contra-ataque; deixar o inimigo com dúvidas, causar baixas e fugir para a posição defensiva, obrigá-los a atacar em vez de nos deixarem aqui à espera.

E iríamos aguentar um novo assalto?

Não sei como é contigo, mas eu prefiro que nos ataquem agora do que daqui a algumas semanas. Achas grande diferença?

Olha, Worick, não faço a mínima ideia. Trouxe-vos aqui, fiz-vos correr perigo de morte e não sei como raio vos hei-de tirar daqui, percebeste? Não sei! *Não-sei!* Não faço ponta de ideia e agora vamos todos morrer aqui por minha causa e...!

Antes que Aewyre pudesse continuar com a sua tirada, Worick deu-lhe um tabefe na nuca.

Au! Quê?...

E não resfolegues. Estás parvo ou quê? Que espécie de conversa é essa?

Aewyre nada disse, esfregando a cabeça e desviando o olhar do thuragar como uma criança amuada.

E olha para mim quando falo contigo. Aewyre fê-lo relutantemente. Ainda não meteste nesses chifres que está toda a gente aqui por vontade própria? Achavas o quê, que nós julgávamos que isto ia ser sol e boa comida em Karatai? É verdade que eu queria ver a Lhiannah em todo o lado menos aqui; bem, menos Asmodeon, claro; mas ela é que quis vir, vá lá saber-se o que se passa naquela cabeça dura. Eu estou aqui para a proteger, o mago acompanha-te porque quer e o burrik tem tanto esterco na cabeça que se lhe fores perguntar o que acha desta situação, ele responde que está a ser divertido. Ah, e há outra coisa que normalmente são os thuragar que não percebem: somos todos companheiros aqui... amigos. Os olhos de Aewyre arregalaram-se. Sim, foi o que eu disse. Amigos. *Amigos*. Queres que solete? A-mi-gos. Do peito, do coração e essas fantochadas todas. Depois de tudo o que passámos não iria ser por causa dum drahreg maricas nas estepes que te deixaríamos sozinho, e não vão ser aqueles amantes de burros lá fora, que todas as chuvas do Inverno lhes afrouxem os fios dos arcos, que vão acabar connosco. Entendido?

Os dois olharam-se durante longos momentos de olhos semicerrados devido ao vento que lhes batia na cara. Os pequenos olhos pretos do thuragar eram dois focos de reprimenda, mas também de franqueza e experiência. Aewyre deu por si a reparar que a linha do cabelo cinzento de Worick estava a recuar, já que Lhiannah lho puxara para trás de modo a colocar a ligadura no ferimento que Kror lhe infligira na cabeça. Quando o thuragar abanou a cabeça e se preparou para voltar ao seu posto, Aewyre abraçou-o com força.

Ei, ei! Deixa-te lá de mariquices! estrebuchou Worick.

Obrigado... meu amigo disse Aewyre, emocionado e de voz abafada pelo ombro do thuragar.

Ah não! Choros é que não! Para isso vai para o colo do Allumno, comigo não!

O abraço do jovem era forte, mas Worick acabou por conseguir contorcer-se para fora do amplexo. Estava escuro demais para ver o brilho molhado nos olhos de Aewyre, que nesse momento ria alegremente.

Irra! Um homem abre um pouco a boca e chove-lhe logo baba e ranho em cima! Pedras me partam... e retirou-se, resmungando.

Aewyre riu. A franqueza brutal e violenta do thuragar tirara-lhe um peso enorme dos ombros. Sentia-se aliviado, esperançoso. Nada pararia o Quenestil, dissera Worick. Pois bem, nada tão pouco os pararia a eles!

Então ouviram-se os primeiros gritos.

A venerável xamã levantou-se e caminhou para longe do acampamento provisório do *ayan* para satisfazer as suas necessidades. Os homens ficaram logo nervosos aquando da sua partida, principalmente devido à súbita nevasca, mas a anciã dançou à volta de cada medroso, benzendo-o com as ladainhas que lhe vinham à cabeça. Gostava de ser requisitada (tão mundanos que os jovens eram hoje em dia!), mas estava aflita e queria despachar-se. Quando o último rapazola se sentiu seguro, a xamã praticamente saltitou para longe dos ocarr apoiada no seu cajado nodoso com os seus penduricalhos a chocalharem. Quando julgou que estava longe o suficiente, olhou em redor como se pudesse ver, fungando e chupando os lábios, ajeitou o gorro vermelho e cravou o cajado no chão. Os seus joelhos rangeram quando se acocorou ligeiramente para fazer o que tinha a fazer, mas algo repentino lhe tirou os pés debaixo do corpo e a xamã caiu desajeitadamente, enfiando a cara na neve gelada. O seu primeiro impulso foi tentar levantar-se, mas algo lhe agarrou a cabeça descoberta e enfiou-a ainda mais na brancura das estepes. Os braços da anciã estavam velhos e frágeis, não tinha força para se levantar; as suas pernas finas estrebucharam, mas pouco mais fizeram que remexer a neve.

Dedos fortes fincaram-se-lhe no pescoço e puxaram-lhe a cabeça para o ar, que inalou rouca e sofregamente. Outra mão agarrou-lhe o ombro e virou-a para confrontar o seu agressor.

Urinaste na minha perna há dias, bruxa disse Hazabel com um sorriso sádico. Agora quero ver-te a urinar de medo.

A xamã não percebeu nenhuma palavra, mas percebeu de quem se tratava e das suas intenções. Debateu-se violentamente, desferindo pontapés e bofetadas, mas Hazabel agarrou-lhe a cara com força, colocando os polegares de unhas negras um pouco abaixo dos olhos da mulher.

Já lhes perdeste o uso, cabra velha... lembrou-lhe a harahan, mantendo-a firmemente em posição. Será que te farão muita falta?

A resposta da xamã veio na forma de um escarro gosmento que acertou em cheio a cara de Hazabel.

Putá maldita! gritou, fazendo força com os polegares. Sangue esguichou a cara da harahan e a xamã uivou de agonia.

Ayan, o que foi isso? perguntou um guarda de olhos bem abertos, agarrando a haste da lança com força.

O ocar alto e zarolho ergueu-se, sabendo que era chegada a hora de comandar os seus homens, mas, tal como todos os cavaleiros das estepes, era muito supersticioso e também se sentia assustado.

Fiquem juntos! Chamem os outros! Peguem nas armas! gritou.

Ayan, aproximam-se dois irmãos! avisou o outro guarda, apontando para dois ocar que corriam na sua direcção.

Um grupo reuniu-se em redor do *ayan* e houve um rebuliço geral no acampamento enquanto aguardavam a aproximação dos dois guardas.

O que se passa, meus filhos? Que grito foi aquele? quis o *ayan* saber.

Os recém-chegados, porém, permaneceram em silêncio, perscrutando os homens do grupo um por um com olhos inexpressivos.

Ouviram o *ayan!* disse um jovem exaltado. Respondam! Os dois ocar então levaram as mãos à cara, como se a quisessem

cobrir de vergonha, e arrancaram-na.

Todos ficaram estarecidos quando as diabólicas criaturas chiaram, pingando sede dos colmilhos e descartando as peles ocar que haviam usado como máscaras. Um udagai sacou de um fémur e com ele rachou o crânio do ocar mais próximo, que caiu por terra de olhos bem abertos e fios de sangue a pingarem das narinas. O seu parceiro rasgou a cara de outro com uma chicotada de uma coluna vertebral.

Do chão saltaram outros udagai que haviam rastejado até lá, gritando desvairadamente e abatendo-se sobre os desprevenidos e apavorados ocar. Depois disso, o pânico foi geral. Os cavaleiros das estepes eram combatentes valentes e destemidos, mas a superstição era muito

forte no seio do povo das estepes, e a xamã não estava lá para os ajudar. Não se tratava, no entanto, de um ataque ao acampamento, mas sim um antepasto antes do assalto ao cromeleque.

Mas que raio se está a passar? berrou Worick de mãos crispadas no cabo do martelo.

Agora! Vamos agora! guinchou Taislin, excitado. Aewyre estava no centro do círculo e olhava em redor, Ancalach na mão. O que estava a acontecer? Gritos de luta e morte emanavam do cerco o carr, transportados e distorcidos pelos aulidos do vento.

Ali! gritou Lhiannah, puxando o fio do arco.

Todos olharam na direcção para a qual a arinnir apontava e distinguiram um vulto armado a correr a passos largos para o círculo. A princesa soltou a seta e atingiu o alvo, que oscilou bruscamente para trás, mas se manteve de pé.

Outro! avisou Allumno, apontando com o cajado para trás dos companheiros.

Às posições! bradou Worick, correndo para um espaço entre duas pedras.

Lhiannah preparou outra seta e apontou-a ao vulto que atingira, mas distinguiu outros dois que já o haviam ultrapassado e atirou antes a um deles, acertando-lhe no ombro. Taislin encostou-se a uma pedra, girando os punhais nervosamente nas mãos. Allumno concentrava-se e Aewyre preparou-se.

Um urro vindo de cima estilhaçou a tensão como pedra sobre vidro. Um monstro horrendo de enormes colmilhos, cabelos brancos esvoaçantes e armado de dois fémures saltara de cima de uma rocha, parecendo planar com o vento, e ia abater-se sobre Lhiannah, que gritou e soltou a seta que preparara, atingindo-o no peito. A criatura urrou e caiu em cima da princesa com todo o seu peso.

Algo estalou.

Worick urrou desmesuradamente, precipitando-se sobre os dois de martelo ao alto. Aewyre e Allumno preparavam-se para ajudar, mas urros nas suas costas obrigaram-nos a lutar pelas próprias vidas.

Aparentemente do nada haviam surgido várias das criaturas, correndo e saltando e uivando como cães selvagens. Ancalach cortou um que pulara para cima de Aewyre, molhando o guerreiro com o sangue escuro, mas três outros estavam a caminho. Allumno não tinha tempo de recitar e usou a Essência para fulminar uma criatura com uma rajada do rubi do seu cajado.

Taislin acocorou-se ao ver os monstros a passarem pela sua pedra a correr, esperando por uma boa oportunidade para atacar, mas algo lhe pingou no barrete. O burrik olhou para cima e viu um vulto de olhos brilhantes agachado no cimo da rocha, gotejando dos colmilhos.

Worick agarrou os esparsos cabelos brancos da criatura que estava em cima de Lhiannah, pegando no martelo perto da cabeça, e a princesa gritou quando o thuragar lhe espetou o bico recurvo da arma numa têmpera.

Cachopa, estás bem? perguntou o thuragar aflito, ignorando os gritos de mais monstros que se aproximavam.

Não! protestou a arinnir ao tirar a pesada criatura de cima de si com a ajuda do thuragar e constatar que esta lhe partira o arco. Raios, o meu arco!

Pega-me mas é nessa espada disse-lhe Worick não sem algum alívio, levantando-a pelo braço, e vamos limpar o sebo a estas animalárias! Uma forte martelada descendente na testa de um monstro acentuou a determinação do thuragar.

Mas o que são estes bichos! gritou Lhiannah, desembainhando a espada e a adaga e colocando-se de costas com o seu mentor.

Coisas feias com sangue nojento que morrem como qualquer um! explicou o thuragar, rachando mais uma cabeça de modo a atestar o que afirmara.

Aewyre cortou uma espada de osso que o tentara golpear, passando de seguida a sua lâmina pelo flanco de quem a empunhara.

De onde vêm eles? Não se vê nada! gritou a Allumno, despedaçando uma moca feita de uma tíbia e uma bacia atadas com tendões.

O mago aparou dois compridos ossos com o cajado e desferiu uma bordoad a seu atacante, proferindo algo de seguida que fez com que a sua voz ressoasse com um eco ensurdecedor, obrigando as criaturas à sua frente a taparem os ouvidos, guinchando de dor.

Temos de ir para perto deles! disse o mago, recuando e indicando Worick e Lhiannah.

Um guincho.

Taislin! alarmou-se Aewyre, podando uma cabeça cujo corpo tombou, jorrando sangue escuro às golfadas do pescoço.

O burrik dera uma cambalhota para trás ao ver o monstro a saltar-lhe para cima, mas algo lhe rasgara a roupa e a carne no flanco, e um peso enorme enterrou-o de barriga para o chão. Os gritos de Taislin foram emudecidos pela neve e começou a espetar com as

adagas às cegas, afundando-as várias vezes no que esperava ser carne. Dedos grosseiros agarraram-lhe o cabelo e puxaram-lhe a cabeça para cima, expondo-lhe a pequena garganta. Ambos gritaram, Taislin de medo e o monstro de triunfo, mas foi uma adaga arremessada por Lhiannah que teve a última palavra, encaixando-se na junção das clavículas do monstro, que fitou o punho da arma sangrenta e a princesa antes de tombar.

Alternar! gritou a arinnir, baixando os joelhos segundo as directivas de combate que Worick lhe ensinara.

O thuragar reagiu de imediato, brandindo o martelo por cima da cabeça para afastar atacantes e ambos deram a volta de costas um para o outro, trocando de posição. Quando a assumiram, Lhiannah estava pronta uma vez mais e prosseguiram o combate. O júbilo de batalha havia-se apoderado de Aewyre e este gritava em uníssono com os monstros, deixando Ancalach dar largas à sua silenciosa fúria, ceifando os monstros numa colheita mortal. Allumno decidiu fazer algo a respeito da fraca visibilidade e canalizou Essência directamente para os seus olhos, que brilharam com uma flamância escarlate e cuja visão ficou mais apurada que a de uma águia. Os atacantes estavam agora visíveis como corpos refulgentes no meio da neve e do vento e um deles foi abatido por um relâmpago do mago.

Outro saltou na sua direcção.

Apenas dois dos Cho Tirr que estavam perto do *ayan* reuniram coragem suficiente para defender o seu líder, atacando os udagai com sabres. Um deles levou a espada atrás para cortar o monstro ao meio, mas este investiu, cravando as duas costelas que empunhava na barriga do ocar e esventrando-o de seguida. O outro ainda conseguiu desferir um corte no braço do seu atacante antes de este lhe abrir a garganta com as vértebras afiadas da coluna vertebral que usava como chicote.

O *ayan* estava apavorado, mas empunhou o seu sabre com as duas mãos e preparou-se para morrer como um guerreiro. Havia gritos a toda a sua volta e os dois udagai aproximavam-se com as toscas armas sangrentas. De repente, pararam.

Kror urrou ao saltar detrás do seu líder para o meio dos monstros das estepes, rodopiando os alfanges com destreza letal. Os udagai recuaram, sem saber o que fazer devido ao pedido da harahan. O drahhreg não tinha esse problema. Dois passos e as suas lâminas partiram as armas dos udagai e esboçaram linhas sangrentas nos seus corpos, deitando-os por terra.

Ayan, encontro-te ferido? perguntou Kror, ainda em pose flectida e olhando em redor. Os homens corriam, mas não via mais udagai.

Estou... bem, Potro Negro disse o oarr, ainda trémulo. Os sons de luta provinham agora todos do cromeleque, e foi para lá

que os dois dirigiram os seus olhares. Dentro das pedras desenrolava-se uma raivosa refrega, com udagai a saltarem das pedras, a correr, a uivar e a morrer.

Os ímpios são atacados? Mas que querem os udagai do seu sangue impuro? questionou-se o *ayan*. *Tu! gritou*, agarrando um oarr que corra para junto do seu líder. Organiza os homens, os Cho Tirr não fogem! O inimigo entrou no poço!

O guerreiro acenou com a cabeça e fez como o seu líder lhe ordenou, correndo a avisar os outros.

E procura a venerável! Precisamos dela! acrescentou, tornando a olhar para o cromeleque de seguida. Os esfoladores insurgem-se contra os ímpios. Não percebo... O lobo ataca os seus irmãos quando o rebanho está à mão?

Kror não respondeu, limitou-se a olhar fixamente para o círculo de pedras, vislumbrando por vezes uma espada. *Ele* estava lá dentro. Kror esperava que sobrevivesse.

Se o drahreg não estivesse de olhos fixos no cromeleque, teria talvez visto um vulto tenebroso a deslizar velozmente na direcção da luta, cortando um caminho através do vento níveo.

Taislin já se recuperara do choque e agora distribuía punhais de arremesso pelos monstros que ziguezagueavam em redor dos seus amigos. Nenhum matou, mas pelo menos distraía os atacantes e dava algum fôlego aos restantes companheiros. O grupo havia sido incapaz de formar um círculo defensivo, já que os monstros se atravessavam constantemente no seu caminho, uns já feridos, com setas cravadas ou cortes de lâmina ou mesmo braços partidos, mas continuavam a lutar obstinadamente. Os companheiros já estavam sujos de sangue, ofegantes e cansados pelos ataques desnorteantes das criaturas, mas ainda lhes ardia vigor nos corpos e não iriam desistir.

Lhiannah aparou uma espada de osso, passou a lâmina pelo braço que a empunhava e cravou a ponta na barriga do seu atacante. Este levou a cara à frente, ficando a escassa distância da face da princesa, e abriu a boca de dentes assustadores. A arinnir grunhiu e torceu-lhe a lâmina no ventre, puxando-a para fora e acutilou-lhe o pescoço, derrubando-o.

Atrás da princesa, Worick recebeu uma pancada no elmo e bloqueou outra com o escudo, ripostando com uma investida do espeto do martelo, que se cravou em cheio na boca do seu agressor.

Allumno imbuíu o seu cajado com palavras de força e vergastou um monstro, que se defendeu com o braço, que se partiu como um galho seco. A criatura uivou e uma bordoadada do mago no seu queixo fê-lo voar para trás. Quando se preparou para agredir outro, os seus olhos refulgentes captaram algo que estava praticamente invisível ao resto dos companheiros: um vulto que planava na direcção do seu protegido.

Cuidado Allumno! E a harahan! gritou a voz de Zoryan dentro da sua cabeça.

Aewyre, à tua direita! avisou o mago.

O jovem teve apenas tempo para decepar o braço de um monstro e colocar-se em posição de defesa para receber o ataque.

Esperava ver tudo menos uma mulher gritante lançada na sua direcção.

Hazabel colidiu violentamente contra Aewyre, embatendo contra a sua couraça com um ruído metálico e deslizando com o jovem pela neve para longe da peleja. A harahan gritava desvairadamente, fincando as unhas da mão esquerda no braço do jovem e tentando agredi-lo com a outra. Quando esbarraram contra uma pedra, Hazabel tentou agarrar a garganta de Aewyre, cujo instinto já lhe levantara os braços para se proteger. Os murros da harahan eram fortes, batendo violentamente contra os braços do guerreiro, e um conseguiu passar, explodindo na sua cara. A visão de Aewyre ficou preta e com pontos cintilantes, e o seu mundo troou outra vez quando recebeu um segundo golpe. As suas mãos enluvadas prescindiram do controlo da mente e moviam-se por sua própria iniciativa, tentando preservar o corpo do perigo, fincando-se onde se conseguiam agarrar. A mulher gritou mais alto quando o polegar de Aewyre se enfiou em algo mole e a sua mão teve a sorte de agarrar um pulso. As unhas que estavam cravadas no seu ombro largaram-no e a mão que magoara a harahan dirigiu-se às cegas para as agarrar. Os olhos de Aewyre estavam abertos, mas a sua visão estava turva e pouco conseguia ver. Hazabel gritou e tentou libertar os braços, sacudindo-se como um animal. A força da mulher era impressionante e os membros de Aewyre começaram a tremer de esforço, cada músculo tenso e de veias palpitantes. A harahan já praticamente rugia em antecipação da matança, de eviscerar o maldito rapaz, rasgar a sua carne, mas Aewyre aproveitou a própria força de Hazabel para enfiar uma das

mãos que agarrava na neve ao lado da sua cara. Com uma mão livre, esmurrou-a com as costas do punho e com a mesma mão esmurraçou-lhe o nariz em cheio, partindo-o. O berro da harahan foi abafado pelas mãos que levou à cara e o guerreiro tirou-a de cima de si, rebolando para longe e remexendo a neve à procura de Ancalach, pois a sua visão ainda estava fosca. Hazabel ficou curvada de joelhos no chão, apoiando-se com uma mão e molhando a outra com sangue escuro.

Allumno tentara ir em socorro do seu protegido, mas sem a ajuda de Aewyre ele próprio estava de mãos cheias. Não fosse pela atempada intervenção de Taislin, que surgira na luta armado com uma estaca para abrir caminho a Allumno para que este se pudesse juntar a Lhiannah e Worick, o mago poderia ter sido isolado e morto. Combatia agora a lado do thuragar e da princesa, dando-lhes novo alento. Os monstros que ainda atacavam estavam todos maltratados e os companheiros reconheciam ocasionalmente um ou outro que haviam derrubado ou ferido momentos atrás. Os ataques das criaturas começavam a vacilar e os gritos perdiam a intensidade; nunca haviam esperado encontrar tão feroz resistência de tão poucos! O interior do cromeleque já tinha um tapete de corpos de oarr, hemíonos e udagai, a sua neve pisoteada e molhada com sangue de homens, animais e monstros, coberta de ossos e armas e exalando suspiros de vidas perdidas, arrastados pelos ventos até aos confins da estepe. O número das criaturas parecia estar a diminuir, bem como a intensidade dos ataques, o próprio vendaval esmorecia e os companheiros não tiveram mãos a medir e atacaram com redobrado alento.

Os dedos da mão direita de Aewyre crísparam-se por fim no punho de Ancalach, justamente quando a sua visão começava a voltar. O guerreiro levantou-se e vacilou, ainda tonto, empunhando a espada com as duas mãos, ponta ao nível da garganta. Começavam a formar-se inchaços no canto da sua boca e maçã do rosto. Hazabel ergueu-se, a sua cara uma máscara de sangue escuro e ódio, as suas mãos pouco mais que garras, os seus olhos duas brasas negras atíçadas. Teve todavia o bom senso de avaliar a situação, olhando em redor enquanto Aewyre se mantinha na defensiva. Os udagai estavam a ser escorraçados, mortos, postos em fuga!

Idiotas! urrou Hazabel, cerrando os punhos em protesto. Cobardes! Fracos!

Aewyre deu um passo em frente.

Quem és tu? perguntou em voz alta, pois o vento lançava os seus derradeiros uivos.

A harahan fitou-o com raiva e rancor.

Venceste hoje, Aewyre Thoryn. O nosso próximo encontro será diferente.

Mas quem és tu, mulher? exigiu o guerreiro saber, dando mais um passo em frente.

A TUA PERDIÇÃO, uivou, fundindo-se à sombra de uma pedra e voando para longe do local do combate.

Pela espada cruenta de Gilgethan! praguejou o guerreiro de olhos bem abertos.

Kror e o *ayan* viram os udagai a fugirem com o desalentado vento, correndo desvairadamente para longe do cromeleque.

Eles triunfaram constatou o ocar. O drahreg concordou.

Que fazemos agora, *ayan*?

Boa pergunta, Potro Negro... onde se meteu aquela velha desgraçada?

Ayan! gritou um ocar.

Kror virou-se e o seu coração começou a bater mais depressa quando viu dois Cho Tirr a carregarem a xamã aos ombros. Ambos foram ter com os salvadores a correr, e os seus olhos arregalaram-se ao ver o estado da anciã: os poucos filamentos de cabelo que lhe sobravam pendiam-lhe erráticamente da cabeça descoberta, tinha uma ligadura sangrenta em volta dos olhos e os seus lábios tremiam, enquanto murmurava palavras incoerentes e chupava os fios de sangue que lhe escorriam pelas maçãs do rosto até à boca desdentada.

Encontrámos a venerável a enfiar neve nos olhos! *Ayan*, ela foi mutilada!

Espíritos da estepe... quem foi, venerável? Quem foi?

Castigo... errámos... errámos... os espíritos castigam...

O quê?

Não percebemos o que diz, *ayan*. Encontrámo-la assim.

Kror pegou gentilmente na cabeça da xamã, e esta calou-se, erguendo as sobrancelhas perante o familiar toque áspero das mãos do drahreg.

Venerável, quem te fez isto?

Os espíritos castigam... repetiu a mulher, chupando os lábios Errámos, não nos queriam mal. Não deveríamos ter atacado. Os espíritos castigam, e o castigo foi merecido.

Venerável, estás a dizer que os ímpios deveriam ter sido deixados em paz?

A anciã acenou com a cabeça, retomando a sua ladainha. Kror e o *ayan* olharam um para o outro.

A lei da contrapartida vigora, então concluiu o chefe oarr, e o drahreg teve de concordar.

Eu... eu mesmo os avisarei. Sei falar a língua deles declarou. O *ayan* acedeu.

Muitos filhos meus morreram aqui, Potro Negro, mas diz aos ímpios que não correrão perigo de vida e que... partilharemos leite com eles. O *ayan* parecia contrariado, mas não iria desobedecer a uma das mais fundamentais leis das estepes.

Assim farei, *ayan disse* Kror, pondo-se a caminho.

O oarr começaram então a funesta tarefa de contar os mortos e entoar as elegias de batalha. Os uivos do vento pareciam tomar parte nas lamentações dos perecidos filhos da estepe, julgou Kror enquanto caminhava na direcção do cromeleque, afundando os pés languidamente na neve a cada passo. Havia perdido muitos irmãos naquela batalha, e não poucos haviam sido mortos por *ele*... O drahreg ouviu o retesar de um arco e vislumbrou os cabelos dourados da humana, parando e levantando as mãos num gesto de paz. *Ele* apareceu, seguido do thuragar e um humano que vira na batalha mas que não conhecia. O pequeno saltitou à vista com a mão numa ferida no flanco acabada de tratar.

Quero falar gritou, mantendo as mãos no ar.

Ele pôs a mão no ombro da humana e esta baixou o arco de má vontade. Kror retomou o passo, sem tirar os olhos do guerreiro humano, parando quando se encontrava a poucos passos do grupo.

O *ayan* decidiu não vos matar. Oferece comida e abrigo...

Ai é? interrompeu Worick. Pois diz a esse *ayan* que eu lhe ofereço o meu martelo! Na cabeça!

Aewyre nada disse, fitando o drahreg em silêncio. Lhiannah mal se continha; a sua vontade era atravessar a garganta do drahreg com uma seta, pela sua humilhante derrota e pelo que fizera a Worick. A voz da razão veio da boca de Allumno.

Acreditem ou não, o povo das estepes tem uma rigorosa tradição de hospitalidade, e levam-na muito a sério.

Hospitalidade? Então isto foi o quê, a comissão de boas-vindas? perguntou Worick, crispando os dedos no cabo do martelo.

Kror não percebeu, mas sentiu a hostilidade.

Não serão magoados... a xamã disse que não devíamos ter atacado.

Ah pois não deviam. Levaram uma tosa...

Worick... advertiu Allumno. O melhor é aceitarmos. Sempre será mais fácil atravessar as estepes se estivermos acompanhados.

Eu cá não dou confiança... tentaram matar-nos e agora dizem que nos dão cama e comida na boca? Olha que essa...

Eles não nos vão fazer mal declarou Aewyre de repente. Todos olharam para o guerreiro, que não mexera um músculo e

cujos olhos estavam presos nos do drahreg. Havia uma tensão quase palpável entre os dois, e as mãos de ambos comichavam.

Não... concordou Kror, não vos vamos fazer mal. O ayan vai partilhar leite convosco.

Nós aceitamos.

O quê? vociferou o thuragar.

Worick... por uma vez, confia em mim pediu Allumno. Não nos vai acontecer nada.

Aewyre acenou com a cabeça.

Vamos buscar as nossas coisas disse, dando um passo atrás e virando as costas ao drahreg a custo.

Kror ficou a olhar para os outros companheiros, recebendo olhares de ódio do thuragar e da humana quando foi avisar os Cho Tirr de que podiam vir buscar os corpos dos seus irmãos. A noite avançava enlutada nas estepes.

SUBTERFÚGIOS

O sajellir de Tannath que acompanhava Slayra na carruagem observava-a atentamente. A eahanoir parecia distante mesmo dentro daquele baloiçante veículo, confortavelmente sentada nos assentos acolchoados, dedos a revolverem o rabo-de-cavalo e olhar longínquo. O seu senhor incumbira-o de a vigiar enquanto tratava dos seus assuntos, mas não falara em sair de casa, e fora precisamente isso que a mulher fizera pouco após a saída de Tannath. Estava literalmente vestida para matar, com o seu apertado corpete de cabedal, longas botas e mitenes que lhe chegavam ao cotovelo. O sajellir dera várias vezes consigo a apreciar-lhe as formas do corpo, mas sabia que aquela não era flor que se cheirasse. Pior, era a flor de Tannath...

A carruagem parou de repente e ouviu-se o resfolego dos cavalos no exterior. Slayra acordou do seu sonho desperto e o eahanoir saiu pela porta, oferecendo a mão para a ajudar a sair. A eahanna agradeceu com um curto aceno de cabeça e baixou-a para sair pela porta. Quando avançou para a entrada em frente e reparou que o sajellir a seguia, pôs as mãos nas ancas e olhou-o nos olhos.

Ordens do senhor Tannath explicou o eahanoir sem grande convicção.

Como te chamas?

O guarda ergueu o sobrolho, mas não viu razão nenhuma para não responder.

Thasan.

Pois bem, *Thasan*, o que eu vou fazer é privado. Fica aqui. Isso não pareceu dissuadir o eahanoir. Slayra suspirou, mas a sua voz saiu mais firme.

Lá dentro não me vai acontecer nada, e ninguém vai saber que tu tiraste o olho de cima de mim, o que aliás até é mentira comentou a eahanoir com um sorriso maroto. Agora ou ficas aqui ou eu digo ao Tannath que tu me fizeste propostas indecorosas. Que tal?

Thasan hesitou. Eahanoir eram promíscuos, mas o seu senhor era extremamente possessivo e certamente não iria gostar da mentira de Slayra. Mentira; mas seria a palavra dela contra a sua, e Thasan não podia abrir as pernas ao temido eahanoir...

"Vaca...", pensou. Aguardo na carruagem. Tente não demorar.

Slayra riu e virou-lhe as costas, batendo na porta de ferro. Abriu-se uma fresta gradeada e a eahanna anunciou-se, o que lhe abriu o caminho.

A chave da cela do eahan. Vou fazer uma visita disse, recebendo-a com uma mão e erguendo a outra. - E sei o caminho. Não se incomode.

O carcereiro eahanoir, que tinha cabelo comprido atrás e cortado à frente, parou a meio caminho e encolheu os ombros, sentando-se outra vez na cadeira. Slayra percorreu então o corredor de celas, ignorando os gemidos e súplicas e desceu as escadas escorregadias com cuidado. Dava voltas com a chave no seu aro enquanto os seus passos ressoavam nas passagens molhadas e infestadas de ratos. Destrancou a porta assim que a encontrou e pegou numa tocha antes de entrar, usando-a para acender a que estava no interior da cela, iluminando-a.

Quenestil estava com um ar miserável, sujo e de cabelos húmidos à frente da cara. As suas peles de carcaju estavam manchadas e havia sangue seco proveniente dos pulsos esfolados nos seus antebraços. A sua cabeça pareceu mexer-se ligeiramente, mas não a levantou. Slayra pendurou o archote que empunhava e dirigiu-se lentamente ao eahan, cujos braços se começaram a mexer, fazendo as correntes tilintar. A eahanoir pegou-lhe na cabeça com as duas mãos, passando-lhe os dedos pelos cabelos húmidos e levantando-lhe a cara.

Estava num estado lastimoso. O olho negro pouco melhorara e os inchaços na cara estavam acastanhados. O olho bom entreabriu-se, não mais o cinzento forte como uma rocha, mas baço e pardacento. A eahanna ergueu sobrancelhas franzidas ao vê-lo assim, mas Quenestil nem parecia respirar. Aparentava estar em estado de choque.

Oh, Quenestil...

Ao ouvir estas palavras, o olho do eahan abriu-se mais e fitou Slayra. Ficou decididamente aberto quando a eahanoir o beijou com força nos lábios inchados.

Oh, Quenestil! O que te fizeram? O que é que eu fiz? exalava Slayra exasperadamente entre os beijos com os quais estava a

cobrir a face do eahan, passando-lhe as mãos suave e carinhosamente pelo cabelo. Oh, meu amor! Meu pobre amor!

Quenestil só podia estar a sonhar. Só podia... Mas os lábios de Slayra estavam quentes demais à sua boca quase insensível para ser um sonho. Slayra não o largou até que por fim os seus lábios se soltaram e a eahanoir pousou o queixo no ombro do shura, abraçando-lhe o pescoço com força e soluçando de olhos fechados.

Vais dizer-me que estavas de mau humor no outro dia...? perguntou o eahan com voz rouca.

Slayra riu e soluçou ao mesmo tempo.

Estúpido insultou, afagando-lhe a nuca e libertando-o do abraço. Quenestil viu lágrimas nos seus olhos azuis. Ouve, tenho muito para contar. E explicar...

Não saio daqui...

Pára com isso! exclamou, batendo-lhe no peito mas beijando-o de seguida. Desde aquela noite, eu...

Como te levaram? interrompeu o eahan.

Apareceram assassinos enquanto estávamos a dormir, enviados pelo Tannath começou, assentando as mãos nos flancos do eahan, ainda incapaz de o olhar nos olhos. Se eles não me tivessem reconhecido, por esta altura estávamos todos mortos. E agradece a esses teus lindos cabelos ruivos por eles só te terem drogado. Iriam torturar-te depois por seres eahan, mas decidiram acordar-me antes e...

Continua...

Como já deves ter percebido, estavam à minha procura, e prontificaram-se para vos degolar a todos. Tive de inventar uma história...

Sempre foste muito boa a fazê-lo... comentou o eahan. Slayra levantou a cabeça. O gelo dos seus olhos derretia-se em lágrimas.

Quenestil, não, por favor! Tens de acreditar em mim! Agarrou-lhe os braços. Não te estou a mentir! Tive de os enganar, senão eles tinham-vos morto a todos! Não estou a mentir agora, só lhes menti a eles! A eahanoir abraçou-o uma vez mais, mas o eahan parecia rígido.

Slayra largou-o, olhou-o no olho e viu nele frieza pétrea. A postura do eahan mantivera-se apática desde o beijo, tornava-se agora evidente que estava a organizar os seus pensamentos. A eahanoir baixou a cabeça e largou-o.

Acho... acho que não te posso culpar. Não te deixei muitas razões para acreditares em mim. Afinal, sou uma eahanoir, não é? Sorriu fracamente, olhando para o chão e abanando a cabeça.

Ainda sem fitar Quenestil, mas sentindo o peso do seu olho em cima de si, a eahanoir deu um passo atrás e preparou-se para sair.

Slayra ouviu atrás de si.

Virou-se e viu que Quenestil continuava cabisbaixo.

Anda cá.

A eahanna hesitou, afagou os braços e dirigiu-se ao cativo agarrada a eles. Começava a sentir o frio da cela.

Mais perto pediu Quenestil, e Slayra deu mais um passo em frente.

O eahan ergueu a cara outra vez e o seu olho bom parecia vivo, atento, selvagem, tal como se lembrava dele. A eahanoir baixou a cabeça.

Olha para mim, Slayra.

Suspirando e secando os olhos, a eahanna levantou o queixo, fungando. O orbe cinzento de Quenestil então mergulhou neles, submergindo-se nas suas profundezas álgidas. O olhar de Slayra manteve-se fixo à medida que Quenestil perscrutava os glaciares nos olhos da eahanoir, penetrando nas fissuras do que julgara ser gelo e vendo a água amarga que delas brotava em abundantes jorros de arrependimento. A face de Quenestil assumiu uma expressão consternada e este fechou o olho, deixando a cabeça cair. Slayra fez o mesmo, resignada, e preparou-se para sair outra vez, mas o eahan não deixou.

Desculpa... pediu o shura, quase em surdina.

A inesperada palavra avivou a eahanoir, que ergueu a cabeça subitamente de olhos bem abertos. Os dentes de Quenestil estavam cerrados, bem como o seu olho.

Desculpa, Slayra... desculpa. Eu... a sua voz então aumentou de volume eu vou matá-los pelo que nos fizeram. Vou matá-los a todos! Malditos desgraçados, EU VOU DAR CABO DE VOCÊS! gritou, ferindo os pulsos ao fazer força com as correntes.

Slayra agarrou-lhe os braços, passando-lhe as mãos pela cara e murmurando palavras aquietadoras, sossegando-o. Quando sentiu a tensão no corpo do eahan a diminuir, continuou:

Calma, meu amor... eu tiro-nos daqui... mas ouve, há mais coisas que deves saber.

O quê?

Assim que sairmos daqui, temos de encontrar os outros o quanto antes. Eles correm grave perigo.

Porquê? Que tipo de perigo? perguntou Quenestil, alarmado.

Os eahanoir que nos encontraram; eles disseram-me que haviam sido... *atraídos* até nós.

O eahan piscou o olho e franziu a testa.

Não me souberam dizer como, mas a verdade é que alguma coisa os chamou. Era muita sorte eles encontrarem-nos entre Jazurrieh e o local para o qual eu fui destacada.

Temos de os encontrar depressa então... e o Babaki? lembrou-se.

Slayra mordeu o lábio inferior e olhou para baixo.

Não sei como o tirar dali. Tem paciência, amor. Hei-de pensar nalguma coisa.

Não saímos daqui sem ele... advertiu o eahan.

Eu sei, eu sei! exclamou a eahanoir. Por favor, pára de me tratar como uma inimiga!

Quenestil arrependeu-se e teve vontade de a abraçar, de a consolar, mas estava preso.

Desculpa...

Slayra agarrou-lhe a cara e beijou-o. Toda a frieza havia desaparecido. Com os narizes a tocarem-se, a eahanoir sussurrou.

Vou ter de te pedir que aguentes mais um pouco. Tenho de pensar numa maneira de te tirar daqui e ao Babaki. Slayra viu o esmorecer do olho de Quenestil e agarrou-lhe a cara, quase aflita.

Eu sei que é difícil, mas tens de aguentar!

Não é só isso... explicou Quenestil. Sinto falta do ar, falta do sol, falta do verde. Esta cidade está a envenenar-me lentamente, tudo nela são sombras, é como uma enorme peçonha para mim...

Slayra não pensara nisso. Quenestil era um shura, e o enclausuramento afectá-lo-ia mais que a uma pessoa normal, pois o elo que o unia à Natureza era a sua maior vulnerabilidade naquela situação, privado de tudo o que lhe dava energia e vigor.

Eu vou arranjar uma maneira depressa, prometo-te! jurou.

Mas por favor, aguenta-te.

Vou fazer os possíveis... meu amor.

Contente por ouvir novamente aquelas palavras da boca do eahan, Slayra beijou-lha apaixonadamente.

Como te têm tratado? perguntou, acariciando-lhe a maçã do rosto com os lábios.

Dão-me comida e água. E tu? O que tem feito esse... Tannath?

A menção do nome do eahanoir fez com que Slayra recuasse momentaneamente, mas investiu de seguida, agarrando a cabeça de Quenestil com força.

Quenestil, eu juro-te e tu vais acreditar: o meu corpo pode ser dele neste momento, mas ele nunca me terá. Eu sou tua e de mais ninguém, percebeste? Percebeste?

O shura permaneceu em silêncio, mas não parecia estar a condená-la. Slayra conhecia bem os preceitos dos outros eahan, e sabia que Quenestil não iria aceitar bem o facto de estar com Tannath, mas era preciso.

Diz-me que compreendes, Quenestil. Não saio daqui enquanto não o ouvir.

A ideia... repugna-me confessou o eahan, mas... confio em ti e esboçou um fraco sorriso.

Slayra beijou-o uma vez mais e ficou abraçada ao seu pescoço, apertando-o com força. Alguém abriu a porta.

A reacção de Slayra foi automática. Afastou-se do shura e deu-lhe um pontapé na virilha. A eahanoir fê-lo com o máximo de cuidado, mas Quenestil ainda grunhiu de dor, arregalando o olho.

Vais sofrer, eahan! ameaçou Slayra, pegando-lhe pelos cabelos, não com o carinho de momentos atrás mas com força. Vou ver-te a chorar no chão de ceroulas molhadas e a implorar por piedade!

O riso feminino que Slayra ouviu congelou-a. Foi a custo que olhou para trás e viu Shanaya de mão na anca e com a outra pegar no carcereiro eahanoir pelo colarinho, que sorria estupefacto. A shionna largou-o e o eahanoir caiu, drogado de letargia.

Slayra, mas que agradável surpresa disse a mulher, dirigindo-se à eahanoir com a elegância de um gato, a sua capa penumbrenta a ondular pelo chão.

Que fazes aqui, Shanaya? perguntou Slayra, recomposta mas com um tom de cautela na voz.

Eu? Pensei em visitar este nosso interessante cativo. Gosto sempre de ver caras novas.

Ele é meu, Shanaya. Não lhe toques com essas tuas garras.

Ai é o teu novo brinquedo? Pois é, constou-me que ele veio atrás de ti. Mais um a quem tu deste a volta, hum?

Como disseste, é o *meu* brinquedo. Agora sai daqui. Quenestil respirava fundo para controlar a dor na virilha.

Sim... tenho a certeza de que te irás divertir muito com ele. Mas porquê tanto egoísmo? Por que não... partilhar? perguntou a shionna, estendendo a mão para tocar no eahan.

Slayra agarrou-lhe o pulso e torceu-lho, forçando-a a levar o joelho ao chão numa posição submissa. Shanaya emitiu uma exclamação de dor, mas pareceu deleitar-se com algo quando a eahanoir manteve a luxação.

Hummm... medo e raiva. Duas das minhas preferidas. Olhou para Slayra por baixo. Algo mais. Desejo...?

A eahanoir largou a shionna, recuando. Podia sentir os tentáculos a perfurarem a sua mente, vasculhando o seu tumulto emocional. Shanaya levantou-se, esfregando o pulso e avançando na direção de Slayra conforme esta ia recuando.

Sim... ardor carnal, fome lasciva. Desejas o eahan, os seus cabelos de fogo, o seu espírito indomável, o seu vigor animal... Slayra bateu com as costas na parede e Shanaya encostou-se a ela, pousando a mão na pedra. Ânsia de prazer, deleite sensual. Hmmm, tanta voracidade... a cara da shionna estava tão perto da de Slayra que esta lhe podia sentir o calor do hálito ... tanto desejo.

Quando a ponta da língua de Shanaya lhe tocou nos lábios, Slayra gritou e esmurrou-a no estômago. A shionna recuou, vacilante, levando a mão à barriga.

Se voltas a fazer isso, cabra, corto-te a garganta ameaçou, puxando uma madeixa de cabelo solto para trás.

Shanaya riu, sufocada.

Deuses, tenho pena do eahan. Vais primeiro devorá-lo e depois malhar-lhe a resistência para fora do corpo? Ou esvaziá-lo primeiro e quebrá-lo depois?

Não te diz respeito. É a última vez que te peço para saíres avisou Slayra, cerrando os punhos.

A shionna riu uma vez mais e enviou um beijo a Quenestil.

Talvez noutra ocasião. A shionna endireitou-se. Arranjaste uma mestra muito possessiva... tenta deixar um pouco para as outras, sim Slayra?

Sai.

Com uma última gargalhada, Shanaya saiu da cela, passando pelo carcereiro ainda num estado de estupor.

Sê prestável e acorda este depois, sim? Não queremos que os prisioneiros morram de fome, já que tu te recusas a partilhar os novos...

Slayra aguardou até deixar de ouvir os passos das botas da shionna e fechou a porta, correndo para Quenestil.

Acho que sei por que o fizeste... antecipou-se-lhe o eahan mas não podia ter sido noutro sítio?

Desculpa... foi espontâneo. Tinha de ser convincente.

Bem, convenceste-me a mim; só não sei é de quê...

Quenestil... Slayra sorriu, apesar da situação, tu nunca foste de dizer piadas estúpidas. O Aewyre é que... e calou-se.

Os dois ficaram silenciosos, principalmente Quenestil, assaltado por uma torrente de memórias dos seus amigos. Até o Worick gostaria de ver outra vez, até o *Worick*.

Eu vou tirar-nos daqui e vamos encontrá-los logo a seguir garantiu Slayra e Quenestil conseguiu sorrir.

Quem era aquela?

Uma cabra perigosa. Conhece o Tannath e lê emoções. É uma shionna.

Quenestil mexeu-se, alarmado.

Não te preocupes, com ela sei eu lidar. Mas o melhor é esconder a chave para que não recebas nenhuma visita... inesperada.

Uma... shionna?

Sim, é normal elas conviverem com eahanoir. São uma espécie de primas afastadas. Não te preocupes, não é nenhuma harahan que te vai comer os fígados...

Mas...

Preocupas-te demais, amor tranquilizou-o Slayra, afagando-lhe a cara. Eu agora vou-me embora, tenho de pensar em como te tirar a ti e ao Babaki desta cidade. Há-de ocorrer-me alguma coisa...

Amo-te declarou Quenestil sucintamente. Slayra sorriu e beijou-o.

Não te preocupes comigo que eu fico bem. Sou a favorita do Tannath e ninguém se atreve a tocar-me.

Acerca desse Tannath...

Agora não. Tenho um guarda à minha espera e já demorei muito tempo. Com um último ósculo, Slayra retirou-se.

Deixou as tochas propositadamente acesas para deixar um mínimo de luz ao eahan e enviou-lhe um beijo de despedida.

Vou fazer com que te tragam boa comida. E água limpa. Adeus,

meu amor.

Conseguiu reunir forças suficientes para fechar a porta e dirigiu-se ao carcereiro espojado no chão. Deu-lhe duas palmadas na cara e o eahanoir abriu os olhos repentinamente, erguendo-se atabalhoadamente enquanto se apoiava na parede.

A meio do dever? perguntou Slayra em tom de desprezo. O homem olhou para ela como quem havia acabado de despertar.

Deixar-se dormir durante o trabalho é grave explicou.

Mas... o homem começava a aperceber-se eu não estava a dormir, foi só uma... quer dizer... não...

Os seus superiores haviam de gostar de saber. Como reagiriam? Os olhos do homem arregalaram-se de medo. Tartamudeou algumas palavras, mas nada de coerente.

Não sabe? Na verdade, eu também não. Agora estou curiosa... Talvez fale com eles...

Não... não pode! O carcereiro parecia genuinamente alarmado pela possibilidade. Por favor! O que quer?

Antes de mais nada, quero que me dê essa faca. A menos que queira ver como Tannath reagiria se eu fosse molestada...

Praguejando silenciosamente de frustração pelo falhanço do seu ardil, o eahanoir atirou para o chão a navalha que tinha escondida atrás das costas e empurrou-a com o pé.

O que quer...? Desta vez parecia sincero e Slayra sorriu, pegando na navalha.

Vai esconder a chave desta cela. Mas ninguém deve entrar, e espero que se encarregue pessoalmente disso. Só eu. Quero que o prisioneiro receba a melhor comida e água que arranjar, fruta e legumes de preferência. Também quero que alargue as correntes mais vezes para ele se poder sentar. Acho bem que ele esteja em bom estado da próxima vez que eu vier; ainda me vou divertir muito com ele... Fui clara?

Como a água...

Muito bem. *Até a próxima então. E mais brio no trabalho...*

Slayra deu três passos atrás e virou as costas ao carcereiro, subindo as escadas. Agora só tinha de tecer um plano brilhante para tirar Quenestil das masmorras, Babaki da arena e fugir com eles da cidade. Isso, e arranjar maneira de distrair Tannath... A eahanoir deu por si a questionar-se se não gostaria tanto do shura por este a meter nas situações mais bicudas...

Shanaya fechou a porta das masmorras atrás de si, piscando o olho a um sajellir que estava postado perto de uma carruagem. O eahanoir desviou o olhar e a shionna sorriu, incapaz de conter uma risada. Não só devido ao medo do guarda, que esta quase conseguia cheirar, mas devido a Slayra. A temperamental eahanoir era quase um livro aberto... O seu plano original apenas envolvia sondar o eahan, mas a presença de Slayra facilitara tudo; as suas emoções eram como explosões de cor para Shanaya e fora delicioso senti-las: desejo, raiva, medo... e amor. Essa fora a surpresa. Se não tivesse vitimado humanos antes, a shionna provavelmente nem conseguiria ter identificado essa estranha emoção, mas ela estivera latente na eahanoir, pulsante como um coração palpitante, intenso como o contacto de ferro em brasa com pele. Muito interessante, e o Tannath certamente iria adorar saber. Slayra nutria sentimentos pelo eahan... Muito interessante mesmo.

A ÁGUIA E O CORCEL

Era noite de festa no salão de Allahn Anroth, o palácio real de Ul-Thoryn. Aereth organizara um jantar para dialogar com Sunlar Syndar, regente de Vaul-Syrith, que comparecera acompanhado pela sua esposa, Alnara, o seu séquito e Jestiban Kilune, capitão da guarda de Syrith. Os convivas estavam sentados numa mesa em forma de U a apontar para as portas duplas de madeira com a águia de Thoryn nelas esculpida que davam entrada à sala. As paredes contavam histórias na forma de vivos frescos de amantes e heróis, reis e cavaleiros, florestas e montanhas, campos de cultivo e batalha, sobranceados por gravuras que retratavam os brasões das províncias de Nolwyn: a águia vermelha sobre o Sol de Thoryn, o corcel amarelo sobre as duas rosas brancas de Syrith e vários outros. O tecto marmóreo e abobadado estava pintado com as figuras dos nove deuses de Allaryia, e do seu topo pendia um enorme e esplendoroso candelabro dourado com centenas de velas. Havia três fogueiras a aquecerem a grande sala e as costas dos comensais, uma de cada um dos lados da mesa. Umas escadas de madeira na parede conduziam a um varandim marchetado por cima da entrada e em cima do qual tocava um quinteto de músicos: três violinos e duas flautas, enquanto um menestrel se passeava em redor da mesa, trinando suavemente o seu mandolim e cantando uma ária.

A mesa em questão estava coberta por uma toalha vermelha com renda amarela sobre a qual haviam sido espalhadas cheirosas pétalas de rosa enceradas em honra do brasão de Syrith. Os comensais, esses vestidos com a melhor roupa do ano, muita comprada ou feita à medida especialmente para a ocasião, regalavam-se com o banquete: capão enfaixado com tiras de toucinho e decorado com penas de

faisão, quadril de javali polvilhado com tomilho e luzente de gordura e suco de limão, pombos cozidos em barro servidos com rodela de cebola, salmão banhado em molho de manteiga, enguias frescas enroladas à volta de pirâmides de sal adornadas com langostins, variadas e coloridas frutas, desde uvas e figos a maçãs vermelhas e verdes...

Aereth exibia a corte de Thoryn em todo o seu esplendor, com castiçais de ouro na mesa, rescaldeiros de bronze embutidos a prata que conservavam os molhos quentes, gemas e pedras preciosas cosidas aos vestidos das damas, que exibiam jóias mais brilhantes ainda nos dedos e pescoços. O próprio regente de Thoryn estava um modelo a seguir: a coroa que ostentava na fronte fora polida e vestia um pesado manto vermelho brocado a ouro por cima de uma toga amarela bordada com pele de arminho nas orlas das mangas. Cada um dos seus dedos tinha um anel com uma gema de cor diferente, o seu cabelo fora perfumado com lavanda e a barba que entretanto deixara crescer fora oleada. Em torno do pescoço usava um colar de ouro cravejado de rubis-estrela lapidados. Toda a sala irradiava decadência, luxo, pompa e sumptuosidade, e era precisamente essa a intenção de Aereth Thoryn.

Sunlar Syndar, no entanto, não dava impressão de se sentir ofuscado. Era vinte anos mais velho que o regente de Thoryn e conhecera o seu pai, o que lhe causava mais desagrado ainda ao constatar o quão patético era o filho do homem a que havia fielmente servido. Vestia um despretensoso gibão branco com uma clâmide azul presa sobre o ombro direito por um broche de ouro na forma de um corcel empenado. Usava o cabelo escuro comprido como todos os cavaleiros de Syrith, e entrançara os fios brancos que a idade lhe fizera crescer nas têmporas. Tinha olhos castanhos debaixo de sobrelhas quase angulares, uma barba meticulosamente aparada e um proeminente maxilar inferior que lhe conferia um ar nobre e não deixava dúvidas de que em tempos fora fonte de suspiros na corte de Syrith. A sua esposa, a segunda, era discreta e educada, e sem dúvida uns dez anos mais nova. Viera com um elegante vestido amarelo e puxara o cabelo castanho entrançado para trás com um diadema na forma de dois cavalos prateados empenados. Jestiban mantinha-se sentado numa posição recta, com os curtos cabelos castanhos impecavelmente penteados e olhando em redor com angular semblante indiferente, vestido com um sóbrio gibão verde com as suas medalhas de peltre esmaltado nele cravadas. Ao lado de Aereth sentava-se Daveanorn, o seu paladino e

mestre-de-armas. O veterano parecia pouco à vontade e ajustava constantemente o seu talabarte vermelho com medalhas douradas sobre o seu gibão alaranjado.

Espero que esteja tudo do vosso agrado, milorde, senhora? perguntou Aereth ao casal de Syrith.

Está uma festa esplêndida, lorde Thoryn disse a esposa de Sunlar educadamente.

Sunlar limitou-se a acenar com a cabeça, sorrindo a uma serviçal que lhe estendeu uma bacia de bronze de água quente ensaboada para que lavasse as mãos. Não estava a gostar do exibicionismo do jovem regente, que o recebera com uma pomposa parada militar e fizera questão de passar pelos campos de treino durante o passeio guiado por Ul-Thoryn. A sua esposa ficara encantada com a riqueza da cidade, mas Sunlar sabia bem os motivos por detrás de tanto alarde e ostentação.

Não me perdoaria se desse a tão ilustres convidados menos do que aquilo que lhes é devido bajulou Aereth, levantando-se. Um brinde a Nolwyn, senhoras e senhores!

A corte de Thoryn ergueu as taças, copos e cálices mecanicamente, como se de um gesto combinado se tratasse, mas o séquito de Syrith olhou de forma incerta para o seu senhor, que fitava Aereth de olhos bem abertos. Alguns brindaram, hesitantes e com receio de parecerem descorteses, mas nem Sunlar nem Jestiban tocaram nos seus cálices. Daveanorn parecia incerto e murmurou algo a Aereth.

Tal brinde parece-me pouco... apropriado... lorde Thoryn disse o capitão da guarda de Syrith.

A sala ficou em silêncio. Mesmo os serviçais ficaram quietos de pratos e bandejas na mão. Aereth riu, exibindo dentes fortes.

A sobriedade syrithiana vem à tona... comentou, originando risos forçados pela parte dos convivas. Por favor, continuai a comer e beber, hoje é uma noite de paz e amizade.

A um gesto seu, os comensais continuaram a sua refeição e a conversa ressurgiu pouco depois, primeiro hesitante mas cedo de ânimo reavivado. Aereth sentou-se, sorrindo para Jestiban, que lhe retribuía com um olhar tão expressivo como granito. Daveanorn resmungava quase inaudivelmente, coçando a barba grisalha.

Esse brinde foi desnecessário e inoportuno, lorde Thoryn insistiu Sunlar.

Perdoai-me, lorde Syndar. Exaltei-me. Faamos de assuntos mais prementes enquanto nos deliciamos com este magnífico veado,

sim? sugeriu Aereth, indicando dois criados que carregavam numa bandeja de prata um suculento pernil decorado com raminhos de salsa e guarnecido com castanhas. Fruto de uma soberba tarde de caça.

Sim... comentou Jestiban a perícia de lorde Thoryn com a lança é... sobejamente conhecida.

Jestiban... admoestou-o Sunlar, que era acima de tudo um homem prudente.

Aereth parecia imperturbável, no entanto, riu.

Desconhecia o sentido de humor do capitão da guarda de Syrith! Não deixais de me surpreender, Jestiban Kilune!

Alnara Syndar sorriu perante a boa disposição do jovem regente e lançou um olhar reprovador ao capitão da sua guarda enquanto os criados lhe trinchavam uma fatia do pernil. Um serviçal de cabelos louros encaracolados a ferro surgiu detrás de Sunlar, solícito.

Milorde deseja vinho?

Com água exigiu o regente de Syrith.

Enquanto servia Sunlar, o servente chamou outro, que prontamente trouxe uma jarra de prata cuja boca estreita representava a cabeça de uma *águia* de bico aberto, que verteu água perfumada com folhas de menta no cálice. Sunlar ergueu a mão quando julgou que era o suficiente e mexeu o copo para diluir o vinho, mas os seus olhos estavam em Aereth, que enclavinhava os dedos resplandecentes, retribuindo o olhar.

Em relação aos *assuntos prementes...* *principiou* Sunlar.

Ah, sim. A questão da princesa e o meu desnaturado irmão... um incidente no mínimo pitoresco.

A atitude do regente de Thoryn começava a bordejar a impertinência e Daveanorn deu-lhe um discreto toque na perna com o pé, que Aereth ignorou.

Não seria essa a palavra que eu usaria para a descrever asseverou o lorde de Syrith, bebendo um trago do vinho diluído sem tirar os olhos dos do jovem.

Não achais? O irresponsável filho mais novo do antigo regente de Nolwyn a fugir com a linda princesa rebelde de Syrith? É caso para dizer que fugiu a corça e o bezerro foi o culpado!

A voz de Sunlar tornou-se álgida.

A minha filha não é nenhuma corça, jovem Thoryn. E se ela fugiu, *foi* por culpa do vosso irmão que, segundo me foi relatado, levou consigo a mais preciosa relíquia de Allaryia. Também achais isso pitoresco?

Aereth parou de sorrir pela primeira vez. Daveanorn abanou a cabeça, lembrando-se de Aewyre, o seu melhor aluno, e das bofetadas que lhe devia ter dado.

Eu sabia que devia ter impedido aquele rapaz,,, censurou-se o veterano.

Pitoresco talvez não... mas será motivo para o cortar de uma amigável relação de tão longa tradição? respondeu Aereth.

Quero ver algo feito a respeito, lorde Thoryn esclareceu Sunlar, menos exaltado. E exijo compensações.

O menestrel terminou a sua canção e os dois regentes aplaudiram com o resto dos convivas, sem deixarem de se fitar mutuamente. Aereth esperou que os músicos comessem a tocar para continuar a conversa.

Pelo que me foi dito, a guarda de Syrith já interpelou o meu irmão e a princesa vossa filha, debaixo do comando de Jestiban Kilune, se não estou em erro...

A minha filha recusou-se a vir. Disse que estava a assegurar *"uma maior proximidade entre as casas de Syrith e Thoryn..."*

Um nobre fim... declarou Aereth.

Sunlar bateu com a mão na mesa e o silêncio abateu-se sobre a sala. Todos os presentes olharam para onde os dois regentes estavam sentados.

Nobre fim? Ou conveniente, jovem Thoryn? Não me tenteis enganar com os vossos jogos e falinhas mansas; estrume escondido ainda fede! Alnara agarrou o braço do seu esposo, mas este ergueu-se, deitando a sua cadeira ao chão. Não sei qual o vosso objectivo, mas não sois metade do homem que o vosso pai era, e se Nolwyn se vier alguma vez a unir, não será debaixo da vossa égide! Aereth permaneceu em silêncio. Podia tolerar as vossas pretensões a rei de Nolwyn, mas haveis metido a minha filha no jogo, através dela quisestes atingir-me a mim e isso não vos perdoo! O lorde de Syrith fez uma breve pausa e inspirou, mas a sua voz acidificou-se. Estais muito enganado se julgais que poderíeis ludibriar o povo de Syrith e a mim com tão conveniente matrimónio. Mesmo que a minha filha se deixe seduzir pelas promessas de poder que o vosso irmão decerto lhe está a segredar ao ouvido, o povo de Syrith não se deixará enganar. Vaul-Syrith jamais permitirá que os pés de um Thoryn conspurquem o seu nobre solo!

Aereth ergueu-se e a sua corte seguiu-lhe o exemplo, alguns chegaram a abandonar os seus lugares e a postarem-se atrás do seu

soberano. Daveanorn assumiu o seu papel de protector do regente e colocou-se a seu lado.

Insultais-me, lorde Syndar...

Vós haveis insultado o meu senhor contrapôs Jestiban, colocando-se ao lado de Sunlar e revelando o punho de uma adaga que tinha embainhada ao cinto.

Perante essa visão, vários homens de Thoryn empunharam as suas facas pessoais, serrilhadas, de lâmina larga e fina, de trincar e de cortar. O séquito de Syrith ergueu-se também e fez o mesmo, empurrando as suas mulheres para trás. Estas começaram a gritar e não tardaram a entrar guardas armados de lanças na sala. Jestiban puxou o seu soberano para trás de si e outros homens formaram um círculo protector à sua volta.

Era esta então a vossa intenção, jovem Thoryn? Assassinato? perguntou Sunlar. É assim que pretendeis unir as províncias, através de traição?

Aereth revirou os olhos e atirou as mãos ao ar.

Sois paranóico, lorde Syndar! Daveanorn sussurrou-lhe ao ouvido.

Meu senhor, assim não!...

Quando os ânimos se estavam prestes a exaltar, uma risada acompanhada por um leve tinir fez-se ouvir pela sala. Caiu o silêncio uma vez mais e todos olharam para uma das colunas que ladeavam a entrada. Após outra risada, projectou-se uma cabeça enfeitada com um colorido chapéu detrás da coluna, olhando em redor e escondendo-se outra vez. Com uma cambalhota, Dilet revelou-se aos presentes, cuja atenção era totalmente sua. O bobo levantou-se, sempre a rir levemente, e dirigiu-se à mesa com pulos, saltos e cambalhotas.

Voaram os insultos, vararam as ameaças, não de homens incultos, mas dos senhores das massas. Aço silvou, traição!, o visitante gritou; disparate, disparate! Cessai antes que alguém se mate.

Ninguém percebia ao certo o que se estava a passar. Os homens começaram a olhar para as suas facas, para as suas mulheres abraçadas umas às outras e para os seus soberanos de olhos fixos um no outro como dois galos na mesma capoeira. Dilet saltou para cima da mesa e começou a fazer malabarismos com maçãs.

Acalmai-vos, bebei, comei, tendes outra visita, isso o sei; aprontai-vos e tirai as caras de mau, menestrel, toca, prepara um solau terminou, atirando três peças de fruta para dentro de cálices, entornando os seus conteúdos, e pulando de cima da mesa com um

salto mortal lateral enquanto trincava uma maçã. Assim que os seus pés tocaram o chão, entrou um anunciador, que se postou ao lado da porta, tirando um pergaminho do bolso, limpando a garganta e dando largas à sua possante voz.

Lorde Tylon Nehin, regente de Lennhau, defensor do Teixo de Bahabel, protector da Floresta de Lyr; sua esposa senhora Lethia Nehin; sua filha a princesa Iollina Nehin; seu paladino Cortun Allark, o Urso Castanho, campeão dos bosques e sua mui ilustre corte de bom nome e nobre descendência...

O homem continuou a sua litania enquanto os anunciados entravam. As cortes de Thoryn e Syrith recompuseram-se o suficiente para levar os joelhos ao chão e Aereth virou a cara a Sunlar.

À frente da procissão que agora entrava na sala estavam dois porta-estandartes vestidos de verde que exibiam o brasão de Lennhau: um teixo sobre um fundo branco com quatro bagas vermelhas a descrever um arco por cima da árvore. Lorde Tylon era um homem alto e tinha os ombros e as costas de um lenhador. Disfarçava a sua iminente calvície rapando o cabelo, mas a barba castanha sarapintada de branco que lhe crescia debaixo do queixo era espessa como as raízes de uma árvore. Vestia uma túnica verde-escura com mangas de pele de esquilo e um capelo castanho cortado e cosido em forma de folhas aos ombros. A sua mulher trazia um vestido azul com um bordado de flores nos braços e uma saia pregueada que se arrastava pelo chão. Iollina, a princesa de Lennhau, destacava-se entre o recém-chegado séquito.

Não era uma jovem particularmente bonita, tinha formas arredondadas, uma boca pequena, uma bossa de queixo e uma expressão pouco inteligente, mas o seu pequeno peito fora realçado com um apertado corpete amarelo-claro, as maçãs do seu rosto tinham um rubor ainda pueril, os seus estreitos e tristes olhos azuis tinham uma sombra de fuligem nas pálpebras, os lábios estavam pintados da cor de morangos e o seu espesso cabelo negro fora apartado por meio de risca em duas porções enroladas, ornadas com brilhantes pendentes prateados e assentes sobre as têmporas. O vestido era de linho branco com raspas de ouro coladas com goma, os seus pés caminhavam modestamente sobre sapatilhas de camurça e tinha suaves luvas de pelica nas mãos. Atrás de si caminhava Cortun, o paladino do senhor de Lennhau e protector da princesa. Era um homem enorme, vestido com uma túnica castanha com o brasão de um urso negro e botas de topo revirado. Tinha barba e bigode fartos mas bem aparados e o seu

bravio cabelo castanho fora domado para trás com uma generosa porção de óleo, erguendo-se em espetos.

Jestiban olhou para o seu senhor e viu a indignação nos olhos deste. Daveanorn abanou a cabeça, sem querer acreditar no que se estava a passar.

A corte de Lennhau parou e lollina avançou sozinha para a mesa, olhando timidamente para o chão. Aereth curvou-se educadamente perante Sunlar e sua esposa e deu a volta à mesa, aguardando a princesa no seu centro. Quando esta chegou, ergueu a cara acanhada e falou quase em surdina.

Meu pai e minha mãe agradecem o convite e sentem-se honrados por comparecer, milorde.

Poucos ouviram o que lollina dissera, mas Aereth pegou-lhe nos dedos e beijou-lhos, virando-se para os recém-chegados de mão dada com a princesa.

Estais radiante, princesa, linda como a manhã. lolinna corou.

Muito me honram os senhores e as senhoras com a vossa presença declarou, e a corte de Lennhau acenou graciosamente com as cabeças. Aereth virou-se então para os convivas. Hoje estamos aqui para cimentar uma aliança de amizade com a excelsa província de Lennhau. Estendo o meu convite a Vaul-Syrith...

Impudência! exclamou Jestiban ao seu senhor.

Sunlar Syndar tremia visivelmente de emoções refreadas. A sua esposa agarrava-lhe o braço, tentando acalmá-lo.

Lorde Thoryn... disse numa voz que ecoou pela sala, haveis transmitido a vossa mensagem com a clareza da água. Retiro-me então, com a promessa de reflectir... *profundamente* sobre a noite de hoje. E assim fez, atirando o guardanapo de pano para cima da mesa.

Obrigada pela maravilhosa festa, lorde Thoryn. Tenho a certeza de que o meu esposo... tentou Alnara dizer, puxada pelo braço de seguida.

Jestiban lançou um olhar glacialmente ameaçador a Aereth, inclinou a cabeça em sinal de respeito guerreiro a Daveanorn e retirou-se com um porte digno, seguido pelo séquito de Syrith, que abandonou a sala numa organizada fila, escoltada pelos guardas de Thoryn a um aceno de Aereth. O anunciador fez uma vénia e retirou-se, fechando as portas.

Lorde Syndar não me pareceu muito animado com a ideia, lorde Thoryn comentou Tylon numa profunda voz de barítono.

Aereth encolheu os braços e bateu com as mãos.

Por favor, não permitis que este incidente vos estrague o apetite. Dirigiu o olhar aos serviçais, que ainda estavam parados.

Vocês, arrumem a mesa, arranjem um lugar digno destes ilustres visitantes, meus convidados de honra e nossos amigos.

Indicou ao séquito de Lennhau que se sentassem nos lugares vagos e conduziu o regente e a sua família à mesa principal, levando a princesa pela mão.

Vossa filha está um encanto, lorde Nehin disse Aereth.

Envergonhais as senhoras da minha corte com a sua presença, lolinna corou e baixou a cabeça, erguendo-a de seguida quando o seu pai grunhiu. A sua mãe Lethia não proferiu uma única palavra.

Falemos de coisas sérias, lorde Thoryn disse o regente, cofiando a barba enquanto aguardava que os serviçais pusessem pratos limpos no seu lugar. Olhava para a filha como se fosse um bem negociável.

Certamente, certamente... mas nunca de pé. A noite mal começou e afigura-se proveitosa... respondeu Aereth.

Longe dos olhares, longe da conversa, Dilet cruzava os braços à sombra de uma coluna. O sorriso na sua cara nada tinha de cómico ou idiota, e os seus olhos quase brilhavam na penumbra que tremulava como uma labareda negra à sua volta.

Chovia a bátegas na Latvonia, perto do Vale dos Ventos. Um grupo de soldados com capas e capuzes de lã encharcados labutavam na muralha destruída, colocando as pedras arrastadas por uma carreta de bois no lugar para que os verdadeiros trabalhadores pudessem retomar a sua função assim que a chuva parasse. Uns estavam ali por insubordinação, mas a maior parte dos homens fora demasiado gananciosa a pilhar as aldeias que alegadamente deveriam defender, e mesmo os senhores da guerra latvonianos sabiam que em tempo de batalhas a disciplina tinha de ser mantida. Um mínimo aceitável, pelo menos. O castigo era o trabalho que agora desempenhavam, enquanto os servos e trabalhadores descansavam num acampamento nas redondezas.

Então? Isso anda ou não? gritou um homem de longos bigodes castanhos à frente da carreta de bois.

Encalhou! respondeu outro que agarrava uma roda pelos raios.

A subida era algo íngreme, e os bois estavam a ficar cansados de se arrastarem e à sua carga pelo chão lamacento.

Tragam-me essas pedras ou ponho-vos debaixo delas! berrou um oficial encostado à muralha. Também ele fora castigado e os seus bigodes pendiam, molhados.

Ajudem-me aqui! pediu o soldado que empurrava a roda e cujos pés deslizavam na lama a cada vez que os tentava fincar no chão.

O latvoniano que estava à frente agarrou os chifres molhados dos bois.

Dêem lá uma ajuda àquele mandrião. E vocês, suas bestas cornudas, toca a puxar!

Dois outros soldados foram assistir o seu colega e, ao contar de três do que ia à frente, empurraram com toda a força. A carruagem rangeu, mas a roda não saiu do buraco.

Empurrem, seus lingrinhas! praguejou o que segurava os bois.

Os três assim fizeram, grunhindo em uníssono de esforço, e a roda cedeu perante o peso e a tracção, estalando ruidosamente. A carruagem inclinou-se para a esquerda e os latvonianos tiveram de correr pelas suas vidas para evitar serem esmagados pelas pedras que caíram, despedaçando o veículo e enterrando-se no solo húmido.

Idiotas! Imbecis! praguejou o oficial, correndo para o local do acidente e escorregando na lama. Eu capo-vos! continuou enquanto se tentava levantar.

O soldado que puxara os bois olhava incrédulo para o desastre. Como iriam agora levar os pedregulhos, à mão? Só ficou verdadeiramente preocupado quando viu alguém a aproximar-se ao longe.

Meu capitão? Vem aí alguém disse ao homem que continuava estendido na lama.

O indivíduo aproximava-se a longos passos firmes, com o porte de alguém que comandava, não parecendo muito incomodado com a chuva. Nem sequer trazia capuz, apenas uma capa negra ensopada.

Os três soldados ajudaram o capitão a levantar-se e este pareceu também ficar apreensivo. Afinal, aqueles quatro estrolas haviam ficado à *sua* responsabilidade, e ele também teria contas a prestar pelo que sucedera. Limpou a garganta e avançou de encontro ao indivíduo, fazendo sinal aos soldados que o acompanhassem. O vulto caminhava sem parar na sua direcção, sempre a olhar para baixo como para proteger a cara da chuva. Os bois deixaram-se ficar a pastar a erva molhada descansados.

Quem vem aí? perguntou o capitão, orando para que fosse um conhecido seu.

O vulto não respondeu mas continuou a andar, sempre a olhar para o chão. O grupo parou então, incerto. Havia algo de estranho naquele indivíduo, que envergava uma esplêndida armadura negra, ostentava um elmo com quatro chifres e se cobria com a capa preta.

Quem sois? quis o capitão saber, ouvindo os murmúrios incertos atrás de si e levando a mão para perto do punho da sua *falchion*, uma espada de ponta curva.

Soube que ela de nada lhe serviria no instante em que o vulto ergueu a cara e revelou uma caveira sem maxilar inferior com um brilho vermelho nas órbitas vazias.

O homem gritou, mas a criatura desembainhou uma porosa espada de aço negro e decepou-lhe a cabeça num único possante movimento. Os outros ficaram a olhar, paralisados pelo horror, para o corpo do seu capitão, cujas mãos se ergueram e cujo pescoço se tornou uma fonte de sangue antes de cair de joelhos. Com um silvo, a criatura deu um passo em frente e rachou o crânio de outro latvoniano ao meio e, antes que os dois sobreviventes conseguissem fugir, trespassou a barriga de um deles. O último virou as costas ao monstro e tentou correr, mas escorregou e estatelou-se de cara no chão molhado. Os bois mugiam, assustados, e o homem tentou desesperadamente levantar-se, escorregando e arrastando-se pela lama. Então sentiu um pesado pé metálico a assentar nos seus rins e a mantê-lo no lugar. Lançou um fútil grito de socorro antes de o cruel aço o espetar ao chão, atravessando coluna, carne e terra. O corpo do latvoniano entrou em choque e naquele momento pareceu-lhe que todos os seus ossos haviam estalado. A sua cara afundou-se de lado na lama castanha, sobre a qual em breve se formou uma poça escarlate, e a vida não tardou a abandoná-lo. Os bois tentavam libertar-se do seu jugo, aterrorizados, mas a criatura ignorava-os, admirando o seu trabalho. Há muito que estava saciado e não havia necessidade de absorver o néctar vermelho destas vítimas. Então pareceu acordar para o seu propósito e olhou na direcção do vale.

Ancalach... proferiu Baodegoth, retomando o seu incessante avanço.

SOB O COUTO DO INIMIGO

A noite ia já adiantada quando se vislumbraram os tímidos lumes do acampamento ocurrir à distância. O que sobrava da força de ataque dos guerreiros das estepes pouco mais era que uma procissão fúnebre a arrastar os seus mortos pela neve em esquifes improvisados de selas, arreios e mantas. Os companheiros sentiam-se como intrusos no meio dos silenciosos guerreiros, não só por terem lutado contra estes mas também devido ao conhecimento de que muitas viúvas iriam maldizer os seus nomes naquela noite. Montavam hemíonos que haviam perdido o dono, menos Allumno, que encontrara Alfarna na brincadeira com as montadas dos ocurrir. Cavalgavam lado a lado numa linha, cercados por cavaleiros taciturnos e liderados por Kror, uma velha marreca de olhos vendados com um pano sangrento e pelo que parecia ser o líder. Nenhuma palavra fora proferida no silêncio nocturno da vasta estepa, apenas o esmagar de cascos contra a neve seca se fazia ouvir. O frio estalava no ar, mas pelo menos não havia vento para o fazer incidir contra o corpo e penetrar pelo vestuário adentro, apenas o rosto ficava vulnerável às suas álgidas carícias.

De cara exposta ao frio, Aewyre arrependia-se de ter usado o seu lenço para tratar da ferida de Lhiannah. Pelo menos o frio adormecia a pele da sua cara e os inchaços roxos na maçã do rosto e no canto da boca não o incomodavam tanto. A proximidade de Kror perturbava-o, e tinha a certeza de que o drahreg sentia o mesmo. Ambos evitavam cruzar olhares, pois de cada vez que o faziam era como se duas lâminas deslizassem uma pela outra, silvando agudamente nas suas cabeças. Worick olhava em redor, resmoneando, e Lhiannah permanecia em silêncio, olhando em frente. Os únicos que mantinham

uma postura descontraída eram Allumno e Taislin, e o burrik parecia mesmo excitado com a perspectiva de entrar num acampamento dos temidos guerreiros das estepes, tecendo fantasias mirabolantes sobre aquilo que iria ver. O mago estava simplesmente curioso. O seu saber acerca do povo de Karatai era quando muito superficial e influenciado pelos dizeres populares, e esta era uma oportunidade única para o aprofundar pessoalmente. Certo de que nenhum dos espécimes saberia falar Glottik, dirigiu Alfarna à montaria do curioso drahreg.

Kror, se não estou em erro? indagou.

O referido limitou-se a olhar para o mago. A gema na testa de Allumno chamou a atenção das suas pupilas vermelhas, que depressa se tornaram a fixar nos olhos do humano.

Kror... é o meu nome.

Este drahreg é... estranho achou a voz de Zoryan.

Deveras, mestre concordou o mago. Folgo em ver que a memória não me falha. Diga-me, por que nos cedem hospitalidade após um ataque que claramente visava eliminar-nos?

Se falas com floreios ele não percebe, Allumno comentou Aewyre, olhando em frente.

Kror *dirigiu-lhe* o olhar, passando por cima do outro humano.

Mata-o! Agora, ataca com celeridade quando o inimigo está cercado!

sussurrou-lhe Kerhex.

Não, não o deves fazer! Eles estão debaixo da protecção que o teu líder lhes concedeu! objectou Sassiras's.

Kror devolveu a sua atenção ao humano da pedra na testa.

As minhas desculpas. Por que nos oferecem comida se nos atacaram antes?

As... leis das estepes...

Leis? Não me diga. Por favor, continue.

Kror franziu o cenho, sem perceber o entusiasmo do humano, o único do grupo que não conhecia.

Deve oferecer-se... abrigo. Lembrou-se da palavra que Hazabel lhe ensinara. E onde estava a mulher? A xamã parecia saber algo, mas recusava-se a falar sobre ela, dizendo que fora com os udagai.

Deve oferecer-se abrigo a quem se fez mal... sem querer.

Deves ter querido pouco, deves... resmungou Worick.

Ah, entendo. Um pedido de desculpas formal, então?

Kror começava a arrepender-se de ter respondido. Este humano era estranho.

Desculpas? Não... amigos recebem comida e calor, desconhecidos são mortos se forem... maus. Se desconhecidos forem atacados sem razão, devem ser... recompensados? perguntou, incerto quanto à escolha da palavra.

Compensados, talvez? sugeriu Allumno.

Sim, compensados.

Deveras interessante; uma ética das estepes. Têm o seu próprio código de conduta.

Aewyre abanou a cabeça. Toda a situação era ridícula. A sua vontade era desembainhar Ancalach e fazê-la faiscar contra os alfanges de Krór, medir forças com ele, fazê-lo provar o sabor acerado da sua lâmina na carne, acabar com aquilo de uma vez por todas. Mas não podia; seria desonroso, pois, pelo que lhe fora dado a entender, eram agora hóspedes da tribo, e Krór fazia parte dela. Tinha de se controlar, mas desde aquele surto de energia que o puxar do "tendão", como o guerreiro viera a chamar à estranha força que o arrastava para junto de Krór, se tornara quase insustentável, como se o equilíbrio tivesse sido de alguma forma destabilizado. Controlo., concentração,,

... e durante quanto tempo seremos hóspedes? continuou Allumno, francamente interessado.

Até se irem embora respondeu o drahreg secamente.

Quer dizer que podemos ficar... quanto tempo quisermos?

Enquanto houver leite.

Evidentemente. E se partirmos antes de o leite acabar? Seremos atacados?

Krór fitou o mago, parecendo indignado.

Não, e virou-lhe a cara, ignorando as perguntas seguintes. O mago resignou-se com o silêncio do drahreg, certo de que o ofendera, e afastou-se. Mais nenhuma palavra foi proferida até chegarem ao acampamento. A chegada da procissão foi solene, e os dois ocarr que estavam de sentinela baixaram as cabeças ao verem o número de mortos. Mulheres começaram a sair das tendas, acompanhadas por crianças e tanto umas como as outras correram de imediato de encontro ao *ayan*, agarrando-lhe as selas, apalpando as suas pernas e botas, como se todos quisessem um bocado dele. Os companheiros não puderam deixar de notar o comparativamente pequeno número de mulheres que acorreram aos cadáveres para chorar ruidosamente as suas mortes.

Das duas uma... comentou Worick ou gostam muito do líder ou odeiam os maridos.

Era de facto estranho: menos de dez mulheres para mais de vinte mortos, mas ninguém se atreveu a perguntar a que se devia esse comportamento. A atmosfera era de pesar e todas foram prestar as condolências às viúvas e lamentar os mortos, mas esse era apenas um gesto de solidariedade; aparentemente o facto de o *ayan* estar vivo é que importava.

A xamã cega grasnou algo e apontou para onde julgava que os companheiros estavam. O seu dedo indicava na verdade o curral das cabras, mas as mulheres e crianças perceberam e olharam para o grupo de estranhos. Continuou a falar e todos a escutaram em silêncio, mesmo as viúvas, que interromperam o seu pranto para ouvir as palavras da anciã. Krór não se incomodou a traduzir; olhava tristemente para as famílias sem pai, partilhando a sua dor. O *ayan* falou então, apontando também ele para os companheiros e batendo no coração como se estivesse a jurar algo.

Parece que nos estão a declarar a sentença de morte... achou Worick, roçando o cabo do seu martelo com os dedos.

Não, Worick discordou Aewyre. Eles não nos vão fazer nada.

Ainda não confio neles. Muito menos na palavra de um drahreg teimou o thuragar.

Vá lá, Worick interveio Taislin. Vai ser giro.

Giro era que eles atassem cada um dos teus membros a burros e... Krór virou o seu hemíono para os companheiros.

São agora... hóspedes dos Cho Tírr. Devem entregar as armas ao nosso líder, o *ayan*.

Oh sim, e ele escusa de se incomodar: nós atamos as mãos e os pés sozinhos.

Worick, se nos quisessem mortos, já poderiam ter atacado há muito tempo lembrou Allumno.

O thuragar e o mago começaram a discutir, alheios aos seus anfitriões. Aewyre dirigiu-se a Krór, agarrando as rédeas com força.

Eu não posso dar a minha espada ao... *ayan*.

Krór olhou para o guerreiro e foi como se desembainhasse duas lâminas vermelhas. Ficaram de olhos fixos um no outro em silêncio, e os próprios Cho Tírr sentiram a tensão. Worick e Allumno também repararam e acabaram por se calar também.

Porquê? perguntou Krór por fim.

Pode ser perigoso para ele foi a única coisa que Aewyre soube dizer. Desconhecia o verdadeiro carácter do líder da tribo. Podia ser

honrado, mas se correspondesse às descrições que as gentes faziam dos ocarr, seria fulminado por Ancalach se lhe tocasse. O jovem torcia as rédeas para evitar levar a mão à espada e enfrentar o drahreg.

Kror, no entanto, olhou para Ancalach e pareceu entender o que o humano queria dizer. Comunicou algo ao *ayan*, que olhou dubiamente para a magnífica espada do guerreiro e para o seu portador. Kror acrescentou algo, indicando os seus próprios alfanges, e aí o líder dos cavaleiros aparentemente percebeu.

Os outros devem entregar as armas disse Kror, virando-se outra vez para Aewyre, que olhou para os seus companheiros.

Allumno olhou para cima como se não fosse nada consigo, pois duvidava de que quisessem tirar um cajado a um homem coxo. Os outros desmontaram para entregarem as suas armas, menos Lhiannah que permaneceu em cima do hemíono.

Então? perguntou Worick.

A arinnir parecia atrapalhada, transferindo o seu peso ora para um lado ora para outro em cima da sela, como se estivesse indecisa.

Passa-se alguma coisa? quis Taislin saber, reparando nos olhares dos ocarr.

Aewyre cofiou a barba do queixo, ergueu-o de seguida em sinal de entendimento e avançou, estendendo os braços à arinnir.

Estás habituada a desmontar com a perna ferida, não é? praticamente afirmou.

A princesa olhou-o imperiosamente de cima, escondendo mal a indignação e inclinando-se para o lado oposto ao do guerreiro, que suspirou.

O Worick e o Taislin não chegam aí, o Allumno não pode contigo e duvido de que queiras que o Kror ou qualquer outro ocarr te toque. Vá fez-lhe sinal com os dedos, posso?

Lhiannah ainda ponderou uma última vez a hipótese de desmontar com a outra perna, mas seria mais indignante ainda precisar do apoio de um burro para se manter em pé que do Aewyre, pelo que acabou por assentir com a cabeça. O jovem pegou em Lhiannah pela cintura com as suas mãos fortes e tirou-a da sela, grunhindo pelo nariz, pois a princesa não era de todo leve e tinha a armadura vestida. Quando a pousou, a arinnir afastou-se dele rapidamente, coxeando para perto de Worick enquanto escondia o rubor nas suas faces esfregando o nariz. O jovem suspirou e cruzou os braços enquanto Lhiannah desembainhava a espada e tirava o arco do ombro para os entregar a um ocarr. Taislin teve o cuidado de manter uns punhais escondidos nas suas

mangas e botas antes de fazer o mesmo. Worick resmungou, mas deu o seu martelo a um jovem guerreiro.

Trata-me bem disso, ou parto-te os chifres.

O *ayan* desmontou então e Kror seguiu-o, indicando aos companheiros que fizessem o mesmo. O *drahreg* coçava o pescoço frequentemente, quase como uma desculpa para ter as mãos perto dos punhos dos alfanges embainhados nas costas. Os Cho Tírr observavam os estranhos com uma mistura de curiosidade e medo; os homens punham os braços por cima dos ombros das mulheres e as crianças agarravam-se às saias das mães, e isso em nada contribuía para o conforto dos companheiros.

Vamos para o *yugr* do *ayan*. Há comida lá informou Kror, tomando a dianteira com o seu líder.

O *a.yan* pareceu então dispensar a tribo, pois a maior parte dos ocarr voltou a entrar nas suas habitações redondas de feltro, mas um pequeno grupo seguiu-os até à maior tenda do acampamento.

Pelo covil do lobo adentro... resmoneou Worick, mantendo-se perto de Lhiannah.

Karatai era uma terra estéril e seca, isolada dos ventos do mar pela Cinta, que a rodeava. Os seus poucos lagos secavam no Verão e gelavam no Inverno, mas eram focos de vida em qualquer altura, uns dos poucos locais nos quais se podia encontrar aglomerados de antílopes e hemífonos selvagens. O lago Aigun era um deles, mas nessa noite encontrava-se excepcionalmente tácito, embalado pelos sussurros do vento. A sua margem tinha uma crosta branca de gelo e a superfície estava traiçoeiramente dura como um espelho baço. Um ponto negro caminhava tropeçadamente para uma das bordas do lago. Era Hazabel, e estava exausta. O seu cabelo encontrava-se em total desalinho, a sua cara estava suja de sangue escuro gelado, tinha manchas arroxeadas debaixo dos olhos e o nariz inchado. Deixou-se cair de joelhos na margem do lago e esmurrou a crosta de gelo, rachando-a e enfiando o punho na água frígida, que lhe queimou a mão. A harahan não ligou e limpou algum do sangue, regelando a cara, e inspirou fundo para o que ia fazer a seguir. Levou os dedos indicador e médio das duas mãos ao nariz ferido e, antecipando a dor com um grito prematuro, alinhou a cana, sentindo a cartilagem a raspar no osso. Atirou outra mão cheia de água à cara e esmigalhou a neve dura que tinha à mão, enfaixando-a com um pedaço da sua roupa rasgada para a colocar no nariz. Os seus dedos molhados ficaram entorpecidos ao

frio, mas a dor no nariz diminuiu após algum tempo, quando o gelo o dessensibilizou. A harahan exalou de olhos fechados, tremendo de frio, e permaneceu de joelhos, deixando que o toque algido do gelo lhe aliviasse a dor e colocando a dormente mão direita debaixo da axila para a aquecer.

Quando se levantou, doíam-lhe as pernas, quase não sentia a mão esquerda, estava com os joelhos molhados e tiritava de frio. Arrependia-se agora de ter tirado as suas luvas antes da luta, pois apesar de saber que não ficaria doente, era incómodo e desconfortável, e o nariz em nada ajudava. Hazabel era vaidosa, e a ideia de ficar com aquela deformação na cara horrorizava-a, pelo que começou a sentir o estado do seu nariz cuidadosamente. Quando tateou um edema entre as narinas, inspirou fundo uma vez mais e fez uma pequena incisão com a unha para impedir que o sangue coagulasse. Assim que o sangramento parou, rasgou pequenos pedaços da sua saia, enrolando-os e enfiando-os dentro das narinas para tentar manter a cana no lugar.

Sentiu-se fraca e extenuada, pelo que tirou um dos fígados que trazia na bolsa e saciou-se com o seu amargo fel. Algo restabelecida, levou o trapo com gelo ao nariz outra vez e olhou para o imenso céu escuro, no qual deslizavam nuvens cinzentas.

”Mais uma pela qual pagarás, Aewyre Thoryn...”, pensou, lembrando-se do seu mestre. *”E o maldito não perde pela demora; juro que será sangue por sangue. Cada gota...”*

O interior do *yugr* era pardo e fumarento, apesar do buraco no topo da tenda. Os montes de estrume seco que ardiam em braseiros de osso exalavam a sua distintiva fragrância e os companheiros levaram algum tempo para se habituarem ao odor. Estavam sentados em silêncio num círculo em redor da fogueira com Krór, o *à.yan* e outros *ocarr*, todos eles homens. Worick não estava a gostar de todos os olhares que Lhiannah recebia, mas a *arinnir* mantinha-se alheia a tudo com uma postura digna de princesa. Allumno observava tudo atentamente, e os olhos felinos de Taislin estavam escuros e bem abertos. Apenas Aewyre e Krór tinham os olhos presos ao estrume em brasa, erguendo-os apenas para receber as tigelas que umas mulheres distribuíram pelo grupo.

Fala com ele, Aewyre recomendou Allumno. Só temos a ganhar se soubermos mais sobre os nossos anfitriões.

O jovem olhou para o mago, sabendo que ele tinha razão, mas parecia-lhe tão estranho trocar palavras com Krór; era como se

estivessem a esgrimir com as línguas, a desferirem estocadas hesitantes para se testarem mutuamente. Mas Allumno estava certo, como sempre...

As mulheres começaram a servir uma estranha papa vermelha e pastosa; Aewyre não resistiu e teve de perguntar ao drahreg:

O que é isto?

Lazag. Leite coalhado outra palavra que aprendera com Hazabel das nossas irmãs para dar amor e sangue dos nossos irmãos para dar força.

Quando viu os olhos do humano arregalados, apressou-se a clarificar.

Não dos nossos irmãos de duas pernas...

O que é isto, Aewyre? quis Allumno saber também.

Leite de égua coalhado e sangue de hemíono... respondeu o jovem.

Deveras invulgar... comentou o mago, provando uma colherada Hmm, não é mau.

O guerreiro levou uma amostra à boca, fazendo de conta que eram papas de aveia. A mistela até era tolerável, mas talvez isso se devesse à sua fome e à dos seus companheiros, que estavam a comer com apetite. Seguiu-se um prato com o que Aewyre veio a saber serem ratos cozidos com rodela de cebola selvagem, mas também isso os companheiros comeram sem grande cerimónia, bebendo leite de égua fermentado, que os ocarr chamavam *boozlan*, servido de uma vasilha.

A tribo está com problemas em arranjar comida? perguntou a Krór, fazendo uma careta ao ingerir a bebida forte e acre.

O drahreg conseguiu olhar o humano nos olhos com o devido esforço.

O céu tem sido cruel. A seca que houve antes do Inverno matou a nossa erva, e os ratos que comemos agora comeram quase tudo o que sobrou. As neves vieram cedo, enterraram o resto e ainda não desapareceram. O frio começou a matar o nosso gado fraco. O céu está zangado e não há comida para as nossas crianças e para os nossos irmãos.

O guerreiro ficou a meditar na invulgarmente longa resposta e Allumno meteu-se na conversa.

É por isso que estão a atacar a Latvonia? Krór não contestou, mas a resposta era evidente.

Pedras me partam, uma alcateia de milhares de lobos da estepe famintos!

Se o nosso amigo diz a verdade, parece-me que sim, Worick

concordou o mago, trincando um lombinho de rato. A fome pode bem instigar uma invasão.

Por que não comem os cavalos? sugeriu Taislin.

Os companheiros cerraram os olhos em sincronia, insultando o burrik mentalmente. Kror fulminou-o com os seus orbes vermelhos.

Comerias o teu irmão? perguntou o drahreg com veemência.

Bem, não sei. Não faço ideia a que é que ele saberia... seria uma questão de...

Lhiannah enfiou uma colherada de cebola na boca de Taislin antes que este dissesse mais disparates. Mesmo estrangeiros podiam ver o evidente amor e devoção que o povo das estepes tinha pelas suas montadas, e haviam visto os desenhos quase religiosos no cromeleque.

Os ocurr gostam mesmo dos... seus irmãos disse Aewyre, tentando mudar de conversa.

São nossos irmãos. Os primeiros ocurr feitos da terra das estepes, um homem e uma mulher, sofreram no primeiro Inverno. A mulher teve uma criança e morreu. O drahreg pareceu esquecer a hostilidade por momentos, como se fosse uma história que gostasse de ouvir e contar. A criança precisava do leite da mãe, mas ela estava morta. O pai pensava que a primeira filha ocurr ia morrer, mas apareceu uma égua que lhe deu leite. Com o leite, a criança ficou forte e sobreviveu ao Inverno. Quando cresceu, a criança teve filhos do pai

Lhiannah tirou os olhos do estrume em brasa e nasceram um menino e um potro. Assim começou a primeira tribo das estepes.

Lhiannah olhou para a sua taça com leite fermentado e pensou em crianças a mamarem tetas de égua e em incesto e viu-se forçada a pousá-la no chão.

Uma história deveras interessante... comentou Allumno, ignorado por Kror.

Os restantes ocurr comeram durante a conversa toda, mas nunca haviam parado de observar cada movimento dos companheiros, como se estivessem a tentar deduzir a conversa através dos gestos. Lhiannah e os seus cabelos atraíam a maior parte dos olhares, bem como a gema na testa de Allumno, os olhos de Taislin, o punho de Ancalach, o aspecto de Worick. Nunca haviam visto nada como aquele grupo, e a curiosidade havia-se aparentemente sobreposto ao medo ou ao rancor.

Outra coisa... quis Aewyre saber. As mortes dos vossos homens foram choradas por poucas mulheres. Porquê?

Kror estranhava o facto de o humano falar com ele, mas à medida que respondia ia descobrindo que interagir com o guerreiro de alguma forma aliviava a tensão, como se ambos fossem dois galos que já não necessitavam de influências exteriores para se debicarem até à morte.

Muitos dos que morreram... eram filhos do *ayan*. As suas mães pertencem-lhe. Lhiannah tirou os olhos do estrume uma vez mais.

Pedras me partam, eles fazem como os cavalos!

Se bem me lembro, os *thuragar*... tentou Allumno objectar.

Connosco é diferente! Cada um apanha aquela que pode, mas este fica com todas!

O *drahreg* olhava para um e para outro alternadamente, sem perceber a conversa.

Costumes diferentes... constatou o mago, bebendo mais um trago do leite fermentado, que agora lhe sabia a cultura. Hum, é verdade Aewyre: pergunta-lhe acerca da *harahan*.

O jovem esquecera-se completamente da mulher. Teria sido ela a atacá-lo no cromeleque? Os inchaços na cara pareciam latejar com a memória dos seus golpes.

Então, não te lembras? Daquela vez em que eu...

Lembro-me muito bem, Allumno interrompeu, dirigindo-se a Kror. Havia uma mulher contigo. Onde está ela? interrogou, directo.

O *drahreg* estivera a ouvir a conversa dos humanos, e percebera algumas coisas. Deviam estar a falar de Hazabel.

Não sei. O que é que vocês queriam fazer com ela?

Aewyre não esperara uma pergunta desse tipo. Allumno pousou o copo, interessado.

O que nós...? Ela atacou-me, quer dizer, toda a tribo nos atacou, mas ela... onde está a *harahan*?

A quê? arquejou Kror, como se tivesse ouvido um terrível agravo.

A *harahan*. Onde está a maldita *harahan*?

Aewyre, tem calma... recomendou Allumno. O próprio mago sentia que o mínimo de fricção entre os dois poderia desencadear um combate de morte.

Por sorte, Kror não ouvira o resto. Apenas a palavra "harahan" lhe ecoava nos ouvidos. Isso explicava tudo, a estranha empatia que sentira para com Hazabel, o sentimento quase fraternal que a mulher lhe inspirara...

Ela enganou-te. Eu sempre te avisei... admoestou Sassiras's.

Eu... não sei onde ela está... admitiu Kror por fim, apoiando a cabeça nas mãos para pensar e dando a entender que desejava ser deixado em paz.

Allumno encolheu os ombros e Aewyre fez a vontade ao drahhreg, prometendo a si mesmo confrontá-lo com a questão mais tarde.

Quando a refeição terminou, o *ayan* ergueu-se e os companheiros prepararam-se para fazer o mesmo, seguindo as regras de cortesia que vigoravam fora das estepes, mas os olhares que receberam dos ocarr foram suficientes para perceberem que em Karatai as normas de conduta eram bem diferentes. Tornaram a sentar-se no chão e aguardaram. O *ayan* então deu a volta à fogueira, parando junto a cada hóspede e proferindo algumas palavras. Aewyre olhou para Kror para pedir uma tradução, mas o drahhreg manteve-se em silêncio, acenando com a cabeça de cada vez que o seu líder acabava uma frase. Quando o *ayan* acabou, ficou parado em pé como se esperasse uma resposta, e foi aí que Kror falou.

O *ayan* deu-vos as... boas-vindas ao seu acampamento e disse que o leite dele é vosso.

Diz ao *ayan* que nós agradecemos a hospitalidade respondeu Aewyre.

E não te esqueças de agradecer o terem tentado matar-nos... resmungou Worick.

Aewyre ignorou o thuragar e foi por sua vez ignorado pelo drahhreg.

As leis das estepes dizem que os... hóspedes devem oferecer algo em agradecimento.

Oh sim, muito obrigado por ter tentado fazer ouriços de nós... rabujou Worick.

O que é que o... *ayan* quer? perguntou Aewyre.

O que vocês puderem dar.

As respostas lacônicas do drahhreg começavam a irritar o jovem guerreiro... ou talvez fosse só o "tendão"... Controlo, concentração...

Vendo que o olho famélico do líder ocarr recaía sobre si, Lhiannah apressou-se a vasculhar a sua mochila e dela tirou um embrulho de linho, que ofereceu ao *ayan*. Este abriu-o e franziu o nariz ao sentir o odor que emanava da estranha pasta amarelada que continha.

Chama-se mostarda... explicou Lhiannah, tirando uma lasca de carne da sua mochila.

Em frente do ocarr, enfiou-a na mostarda e deu uma trincadela, acenando com a cabeça como para indicar que sabia bem. O *ayan*

imitou o gesto e cuspiu o naco de carne que trancara, surpreso pela acidez da pasta amarela. Proferiu o que pareceu ser um praguejo, mas calou-se de repente e olhou para cima com o seu olho, estalando os lábios com o sabor colateral. Experimentou outra vez e pareceu tomar-lhe o gosto, pelo que aceitou a oferta com um grunhido de aprovação, se bem que desse a entender que havia preferido provar outra coisa amarela que não a mostarda.

A oferta é boa traduziu Krór de seguida.

A arinnir sorriu, satisfeita, e sentou-se. O *ayan* disse algo parecido com uma frase de boas-vindas, cobrindo os companheiros com um gesto largo da sua mão, e os presentes murmuraram algo em conjunto.

A tribo vai chorar os mortos agora. Podem descansar, se quiserem disse o *drahreg*, indicando umas mantas no chão.

Worick ainda não estava convencido, mas Taislin foi o primeiro a gatinhar para as peles e a enrolar-se numa delas. Lhiannah seguiu-se-lhe inevitavelmente e Allumno encolheu os ombros, imitando-os.

Vais dizer-me que agora queres dormir para que estes selvagens te cortem a garganta durante o sono? perguntou o *thuragar* a Aewyre, que vasculhava a sua mochila.

Worick, eles não nos vão fazer nada de mal insistiu o guerreiro, tirando um chifre e um cantil.

Ei, aonde vais? perguntou, vendo que o jovem se dirigia à entrada da grande tenda.

Lavar a boca. Sabe a rato... explicou, abrindo o reposteiro de pele e saudando o frio da noite.

O acampamento estava silencioso, exceptuando os gemidos abafados e irregulares de mulheres que provinham de dentro dos vários *yugr*. Não havia viva- alma fora do calor das tendas e a estepe estava respeitosa- mente calada. Aewyre abriu o cantil, bebeu um trago e bochechou, cuspi- do para o lado. De seguida, sacudiu uma porção do conteúdo do chifre, um pó alaranjado constituído por sal com conchas e casca de choco triturados para um pedaço de pano e fê-lo numa pasta com umas gotas de água. Esfregou os dentes vigorosa- mente com o pano e limpou a boca com água para aliviar a sensação abrasiva do composto, mastigando ainda umas sementes de funcho para suavizar o hálito. Enquanto mascava, observou o céu das estepes, que se encontrava limpo com a excepção de alguns cirros. A abóbada celeste nunca lhe parecera tão vasta, tão ampla, e o guerreiro acabou por se perder na sua imensidão estrelada, navegando pelos pontos luminosos do céu.

Aewyre estava de tal maneira absorto que nem ouviu o arrastar do reposteiro a poucos passos de distância. Foi o formigueiro nos pêlos do seu pescoço que o fez virar-se. Krór estava a olhar, meramente a olhar, mas os seus olhos vermelhos pareciam sangrar na escuridão e os seus caninos brilhavam ao luar. Ambos estavam desarmados, mas o primeiro impulso foi o de saltarem para as gargantas um do outro, enfiarem a cara do adversário na neve, partir-lhe o pescoço... As pernas do humano e do drahreg flectiram-se discretamente e o sangue correu-lhes livremente pelas veias, aquecendo os seus corpos e acalorando-lhes o temperamento. Os sentidos de ambos estavam no limite e centrados um no outro, nada mais existia, nada mais importava...

Mas a voz de uma criança fez-se ouvir e o encantamento foi quebrado. Os dois oponentes olharam para o lado e viram uma criança ocarr com o branco dos olhos avolumado pelo medo e com os dedos nervosamente enfiados na boca. Krór olhou para Aewyre e, vendo-o de postura relaxada, afastou-se e foi ter com a criança. O humano exalou a tensão para fora do corpo, não sem algum desapontamento, e sentiu o "tendão" a puxá-los teimosamente aos dois. Krór pareceu ignorá-lo e ajoelhou-se diante da criança, pondo-lhe as mãos nos pequenos ombros e murmurando-lhe palavras aquietadoras. Aewyre virou-lhes as costas e entrou no *yugr*, sentindo o ritmo do corpo a desacelerar. Os seus amigos já estavam enrolados nas peles e de olhos fechados, mesmo Worick, que acabara por adormecer com o elmo fendido por cima da cara. Os ocarr estavam de pernas cruzadas, baloiçando as cabeças para a frente e para trás, orando em silencioso uníssonos na sua estranha língua. O guerreiro dirigiu-se em bicos de pés para o amontoado de peles, deitou-se nelas e aconchegou-se com os braços atrás da cabeça. As orações dos ocarr em breve se tornaram num indistinto zunir, e o calor da tenda fazia com que as pálpebras do guerreiro parecessem pesadas. Lhiannah mexia-se, Worick ressonava e Taislin emitia ruídos durante o sono. Esta estranha sinfonia embalou Aewyre que, esforçando-se por tirar Krór dos seus pensamentos, acabou por adormecer. Sonhou com alfanges durante o que sobrou da noite.

SEGREDOS DESABRIGADOS

Tannath estivera estranhamente distante desde manhã. Adormecera cedo na noite anterior e cedo se havia erguido, tão silencioso que nem sequer acordara Slayra. Havia recebido cada um dos avanços da eahanoir com um balde de água fria, e falara pouco quando esta tentara conversar, emitindo pouco mais que grunhidos. A refeição matinal de ovos com pão servida na sala de jantar pareceu-lhe fria e insulsa como Tannath, e a janela exibia um dia cinzento. O único som era o leve tinir dos talheres de prata contra os pratos e o ocasional fluir de vinho para um dos cálices.

Tratamos hoje do eahan então? perguntou, tentando iniciar uma conversa. Havia sugerido ontem a Tannath obrigar Quenestil a assistir a um combate de Babaki e o eahanoir dissera que iria pensar no assunto.

Não houve resposta.

Slayra observou os venirr que serviam a refeição, mas estes pareceram-lhe ainda mais resolvidos a manter os olhos no chão do que era habitual. Havia qualquer coisa no ar, e os criados também a sentiam. O silêncio era a sua melhor defesa.

Tannath... disse a eahanoir por fim quando os venirr se retiraram com a louça o que tens? Passa-se alguma coisa?

O eahanoir limpou calmamente a boca com um pano e olhou Slayra nos olhos pela primeira vez desde manhã. O azul pouco mais era que um pingente gelado, mas o cinzento faiscava como uma pederneira a embater contra aço e a tatuagem que o rodeava parecia arder, rubra. Era um olhar ao qual poucos haviam sobrevivido para o descrever e a eahanoir deu por si a torcer nervosamente a toalha

branca nas mãos por baixo da mesa. Tannath manteve-a assim paralisada durante três batidas de coração, mas a sua boca acabou por se esticar num sorriso oblíquo e o eahanoir soergueu-se, ligeiramente inclinado sobre a mesa. Slayra olhou para a mão que se dirigia lentamente à sua cara como se de uma víbora se tratasse. Os dedos de Tannath roçaram-lhe a orelha e a maçã do rosto, suaves e amenos como um último suspiro.

Perdoa-me. Hoje é o teu dia e acordei algo indisposto. Os dedos deslizaram até aos lábios da eahanoir e esta semicerrou os olhos.

Deves ter imaginado os mais horrendos tormentos para o Quenestil, não é... Slayra arquejou quando os dedos do eahan se cerraram no seu cabelo e lhe puxaram a cabeça para trás, fazendo com que derrubasse um copo num gesto involuntário sua endemoninhada?

Tannath agarrava-lhe o cabelo com força, apoiando uma mão na mesa, sobre a qual estava inclinado, e ainda sorria. Slayra forçou-se a fazer o mesmo.

Espero que tenhas estômago para tudo o que lhe vou fazer... desafiou, mordendo o canto da mão de Tannath com a força necessária para não quebrar pele.

O eahanoir largou-lhe o cabelo e pôs os dedos debaixo do queixo de Slayra, levantando-lho e forçando-a a fitá-lo.

Sempre levas as coisas dele? perguntou.

Sim... respondeu a eahanoir, levantando-se. Vou queimá-las à sua frente. Ele nutre mais amor por aquele equipamento que pela maior parte das pessoas.

Mais do que por ti?

A pergunta de Tannath atingiu Slayra com a força de um projectil de catapulta. A eahanoir ficou aturrida por momentos, sem saber o que dizer, sem saber o que fazer, esquecendo-se mesmo de respirar.

Tannath riu.

Sim, porque aquilo parece um ódio verdadeiramente passional. Deste-lhe a volta à cabeça, não foi? gozou o eahanoir, pegando em Slayra pela cintura e puxando-a para si por cima da estreita mesa.

Dás mesmo a volta à cabeça a todos...

A eahanna ficou algum tempo de boca aberta, emudecida, sem que nada lhe ocorresse para dizer, mas Tannath nunca deixou de sorrir. Por fim, Slayra conseguiu rir e beijá-lo, mas não havia fome nos lábios do eahanoir, e este afastou-a.

Vai lá buscar as coisas; o combate não tarda. Estou à tua espera lá fora disse, virando-lhe as costas e saindo da sala.

A eahanna ficou na mesma posição por algum tempo, olhando estupidamente para a porta pela qual Tannath saíra como se esta lhe pudesse dar respostas. *”Mais do que por ti?”* Saberla Tannath alguma coisa? Só de pensar nessa possibilidade, as pernas de Slayra fraquejavam e o seu estômago inflamava-se. Não podia...

”Estou a ser paranóica. Que razões pode ter ele para suspeitar seja do que for?... A Shanaya, talvez?” Teria de falar com Tannath a caminho da arena. Sabia muito bem como derreter o gelo do eahanoir, mesmo dentro de uma carruagem. Não se podia dar ao luxo de estar sob suspeita, não agora. Conseguira elaborar um plano para juntar Quenestil e Babaki, sob o pretexto de torturar o amigo do eahan à frente deste. Nem tivera de mentir para convencer Tannath a levar os objectos pessoais de Quenestil; era verdade que o shura prezava muito o seu equipamento. Queimá-lo à sua frente seria outro cruel castigo, Tannath concordara. O eahanoir mandara guardar as coisas de Quenestil num baú num quarto desocupado da sua casa, que se encontrava cheio de tralha e cheirava a pó. A eahanna acendeu um lampião de óleo e entrou no cubículo, interrogando-se acerca da origem daquele acervo de mobília e objectos, pois Tannath era algo espartano nas suas posses. Recordações de amantes falecidas, porventura? Talvez *falecidas* não fosse a palavra certa, não com Tannath... mas por que pensava ela agora nestas coisas?

”Põe a cabeça no lugar, mulher. O Quenestil e o Babaki precisam de ti”, repreendeu-se.

Slayra inspirou fundo e tossiu devido ao pó inalado, que lhe começava a irritar os olhos. Felizmente, o baú não foi difícil de encontrar, pois era uma ilha de asseio no meio daquele mar de poeira. Tapou o nariz e a boca com a mão, pousou o lampião no chão, ajoelhou-se perante o contentor e abriu-o, começando a retirar lá de dentro as peças do equipamento de Quenestil. A pequena mochila do eahan não estava lá, mas de resto não faltava nada. A faca cuja lâmina o próprio shura forjara num forno de barro, embutindo-a num ramo de ponta cortada e deixando que este crescesse com o metal embebido no seu cerne; a aljava de camurça com setas de pontas sem rebarbas; a tosca bacia de pele e couro com fivelas para o cinto; a escabrosa pedra de amolar num saco de pele; o arco do qual Quenestil tanto se orgulhava, feito de madeira, osso e tendão, e o seu estojo de couro com um dedal de osso para proteger os dedos, três fios sobressalentes e um frasco de chifre com cera de abelha para o fio. Slayra lembrou-se de todas as precauções que Quenestil tomava

para resguardar o arco da humidade e olhou com alguma consternação para o mofo que se formava nos cantos poeirentos. Com sorte, o interior do baú fora suficientemente seco...

A eahanoir ficou a olhar para as armas durante algum tempo. Eram parte do seu amado, haviam sido feitas por ele com esforço e dedicação, e era evidente que para ele eram muito mais que meros objectos. Desembainhou o facalhão e limpou os olhos lacrimejantes para o ver melhor. O gume ainda estava afiado da última amolação, e limpo. Havia algum sangue seco no rebordo onde a lâmina penetrava a madeira do punho, que Slayra limpou com a unha. O metal era baço, fruto de um trabalho com meios toscos, e não espelhava a sua imagem, mas a eahanoir não precisava de ver para se recordar da ocasião na qual fora testada no rio, reflectindo as suas acções no estilete. A folha castanha arrastada pela corrente do Caar havia encailhado na lâmina, e Quenestil revelara-lhe que isso significava que a Mãe reconhecera nela um potencial. Não adiantara mais detalhes, mas a partir desse momento as coisas haviam mudado muito entre ambos...

”Os caminhos das nossas montanhas cruzaram-se na montanha...”, pensou, lembrando-se das palavras de Quenestil e do quão atabalhoado o eahan parecera então, principalmente após ouvir o que a nayana dissera.

Mas não era a altura para reflexões. Embainhou a faca, colocou a aljava e o estojo do arco ao ombro e saiu do quarto, esquecendo-se de fechar a porta na sua pressa. Tannath já devia estar à espera, e não era aconselhável dar-lhe mais motivos para suspeitas. Se é que o eahanoir estava desconfiado, podia ser apenas paranóia sua... Desceu as escadas apressadamente, passando por humildes venirs que limpavam o chão, e tirou a sua capa de um gancho na parede, cobrindo os ombros com ela e abotoando-a ao pescoço. Agradeceu com um aceno ao sajellir que lhe abriu a porta para a rua, olhando-o de soslaio. A morte podia vir rápida e inesperada em Jazurrieh, e normalmente vinha mesmo.

Uma carruagem de porta aberta aguardava-a, e o cocheiro de capa e capuz acenou-lhe que se aproximasse. Talvez fosse só a sua imaginação, mas a carruagem nunca fora tão parecida com um carro fúnebre e o cocheiro encapuzado afigurava-se-lhe como o vulto de um cangalheiro. Slayra parou e esfregou os olhos, que ainda estavam irritantemente vermelhos por causa do pó. Só disparates... De onde estava, pôde distinguir sombras nos becos e vielas: a escolta oculta de Tannath, pronta a intervir caso alguém atacasse o veículo do seu senhor.

Seguindo as regras de conduta eahanoir, bateu uma vez na porta, de modo a anunciar que estava só. Recebeu duas batidas em resposta. Apoiou o pé num pedal para subir, mas parou repentinamente. Duas?

Entra, Slayra disse a voz de Tannath, e esta acabou por cumprir com o pedido, hesitante.

Dentro da carruagem estavam o eahanoir e Shanaya, ambos sentados no mesmo banco.

Slayra ficou paralisada à entrada, observada pela shionna, cujos olhos amarelos desprovidos de pupilas incidiam nela. Os lábios encarnados de Shanaya formaram um sorriso.

Slayra, entra. O combate...

O que é que ela está aqui a fazer? quis a eahanoir saber, sem se sentar.

Senta-te. A voz de Tannath não deixava espaço para discussão. Slayra assim fez, sem tirar os olhos da shionna.

O que é que ela faz aqui? repetiu, pousando o equipamento no seu colo e nutrindo pensamentos de fazer bom uso da faca de Quenestil naquele momento.

O silêncio do eahanoir era um indício de que começava a ficar irritado, mas Shanaya interveio, jovial.

O Tannath tem uma dívida a pagar, querida. Virou-se para o eahanoir, apoiando o cotovelo no seu ombro. E ele paga sempre as suas dívidas, não é?

O eahan negro continuou sem responder e limitou-se a fechar a porta, gritando ao cocheiro que se pusesse a caminho. O seu olhar azul e cinzento parecia perdido em contemplações, tal como na noite passada.

Então por que não pagas a esta cabra o que lhe debes e a mandas sair? insistiu Slayra. Detestava a shionna, e ela sabia-o, mas isso apenas parecia diverti-la.

Tannath não reagiu de forma alguma; oscilava ao ritmo dos abanos da carruagem.

Shanaya riu, espreguiçando-se com a graça de um gato. O seu revelador justilho estava voluptuosamente apertado, realçando as abundantes curvas do seu corpo de pele arroxeadada, e prendera o longo cabelo negro a meio caminho. Pôs o braço por cima dos ombros de Tannath e roçou o seu nariz na orelha do eahanoir, sem que este parecesse tomar nota. Os lábios de Slayra estreitaram-se. A shionna começou a percorrer a orla da orelha curva de Tannath com a ponta da língua, mas nada parecia excitar o eahan negro. Foi

só quando a serpente húmida se aproximou da sua boca que Tannath empurrou a cabeça de Shanaya para longe de si. Esta riu e dedicou então a sua atenção a Slayra, examinando a sua indumentária com fingido interesse.

Estás linda, Slayra. Esse decote no corpete fica-te a matar. Era esse o tipo de tortura que tinhas em mente para o pobre eahan?

Não, mas já imaginei vários para ti replicou a eahanoir acidamente. Só então começou a considerar as implicações da presença da shionna. Ela esteve *na cela*. *Será que sentiu alguma coisa?... Será que disse algo ao Tannath?*

Shanaya semicerrou os olhos e emitiu um gutural gemido quando começou a sentir o medo de Slayra. Tannath não pareceu reparar, mas ainda assim, um nervoso jorro quente irrigou a barriga da eahanoir. A shionna lambeu os lábios.

”Controla-te, mulher. A cabra sente tudo”, admoestou-se. Fica já sabendo que o eahan é meu. Se te atreveres a tocar-lhe num só cabelo... arrependeu-se assim que as palavras lhe saíram da boca. *”Cala-te estúpida! Não lhe dêes mais razões para desconfiar!”*

Eu sei que ele é teu, querida. A forma como Shanaya o confirmara não agradou a Slayra. O Tannath tem outras formas de me pagar...

Depois disso, Slayra não disse mais nada, preferindo manter-se em silêncio. Essa também foi a opção de Tannath, que continuou sem dizer uma única palavra. Shanaya olhava para ambos como uma lampreia sedenta.

”Ele não sabe de nada. Eu já estaria morta se ele soubesse...”, tentava a eahanoir convencer-se *”Quando muito suspeita, mas com suspeitas posso eu. Por favor, dêem-me só tempo suficiente para juntar o Quenestil e o Babaki...”*

Quenestil estava livre. Corria soltamente pelo sopé da montanha, calcorreando bosques e bosquetes sobre quatro fortes patas, esmagando a caruma seca e pulando sobre rochas e penedos. O vento soprava forte e frio, mas o seu pêlo era quente e o seu sangue jorrava-lhe cálido pelas veias, avivando-lhe os sentidos. A língua pendia-lhe de lado e arfava do cansaço, mas era um bom cansaço, sentia-se vivo.

Vivo e livre.

Chegou a um ribeiro espumante e interrompeu a corrida para beber do frescor da água pura. Após umas revigorantes lambidelas, olhou em redor, farejando. Predominava o odor a pedras húmidas, terra molhada e frescura, a doce fragrância dos regatos da montanha,

o cheiro da despreocupada liberdade. Os seus apurados ouvidos deixaram-se relaxar pela suave constância do fluir do ribeiro, mas algo destoou. Quenestil olhou em redor e viu vários chapinhares na água. Salmões lutavam contra a corrente, saltando inexoráveis para alcançarem o seu berço de nascença. Antecipando uma succulenta refeição, entrou lentamente na água, uma pata de cada vez, cabeça esticada para a frente e focinho atento. Os salmões continuavam a saltar, alheios ao perigo, e Quenestil retesou-se, pronto para a caça. Os peixes pulavam incessantemente, brilhantes dardos reluzentes a perfurarem as águas. Quenestil fixou o seu olhar num ponto particularmente activo do riacho, um amontoado de seixos sobre o qual os salmões teriam inevitavelmente de saltar. Tenso e pronto a pular, aguardou que um peixe rompesse a superfície escumosa da água. Assim que viu uma ferida ser aberta no ribeiro, saltou de boca aberta, mas falhou o seu alvo e caiu na água.

As suas garras não se conseguiram fincar nas pedras escorregadias e a força da corrente fê-lo deslizar e cair de lado na água. Tentou erguer-se, mas estava a ser arrastado, arrebatado pelo furioso ribeiro. Debateu-se, mas havia água por todo o lado, a escorrer, a jorrar, a encharcar, a afogar...

Quenestil acordou com a cara molhada. Olhou em redor e viu a cela iluminada pela tocha que ardia na parede, as correntes que ainda lhe prendiam os membros, as quatro paredes que ainda o enclausuravam. Algo lhe pingou na cara e o eahan olhou para cima, mas o tecto estava escuro. Limitou-se a mudar de posição, pois desde a visita de Slayra as correntes haviam sido alargadas durante mais tempo, permitindo-lhe permanecer sentado e descansar as pernas e os pulsos esfolados. O gotejar continuou, formando o início de uma poça a seu lado, mas o shura ignorou-o, nem sequer considerou abrir a boca seca para beber. A água de Jazurrieh estava inquinada, tal como o resto da maldita cidade. Quando viria Slayra buscá-lo?

O eahan espreguiçou-se tanto quanto as correntes lho permitiram. Continuava sem ver do olho esquerdo, as contusões na sua cara estavam rígidas, os seus músculos estavam hirtos, e sentia-se sujo, só que o seu tormento não era do corpo, mas sim do espírito. Jazurrieh era uma enorme úlcera negra, era veneno, e Quenestil estava imerso nele há demasiados dias. Iria morrer por dentro se permanecesse naquela cela por muito mais tempo, mas tinha de aguentar; se não por si, então por Slayra e pelo Babaki. Tinha de ser forte para os ajudar a sair de Jazurrieh quando essa oportunidade se lhes apresentasse. Encostou-SE

resignadamente à parede húmida, exalando um longo suspiro e apoiando os braços acorrentados por cima dos joelhos.

Uma ratazana curiosa observava-o, farejando o ar com o focinho de trémulos bigodes. Era um grande roedor de pêlo cinzento molhado, mas para com animais Quenestil não tinha preconceitos de qualquer espécie e ratazanas nunca o haviam enojado como o faziam a tanta gente. Pelo contrário, o shura via os pequenos animais como sobreviventes, animais de grande astúcia e tenacidade, que prevaleciam em qualquer ambiente. Pôs a mão no chão e agitou os dedos, chamando a ratazana com leves estalidos da língua, e o roedor aproximou-se cautelosamente. Quenestil viu os afiados incisivos alaranjados do roedor quando este ergueu o focinho para lhe cheirar os dedos, dentes que causariam uma ferida feia e infecta, mas acariciou-lhe o pêlo debaixo do focinho com o indicador na mesma. A ratazana pareceu gostar do gesto e esfregou o focinho no dedo do eahan, que lhe pegou gentilmente. O pequeno animal deixou-se levar e Quenestil fez-lhe festas na cabeça, um gesto que o acalmou a si e ao roedor. Nem tudo era corrompido por Jazurrieh... Naquele momento desejou ser uma ratazana, tão pequeno que nenhuma grilheta o poderia prender, nenhuma porta lhe poderia barrar o caminho, nenhum eahanoir o poderia impedir de escapar.

Passos no exterior da sua cela despertaram o shura para a realidade e largou o animal, que correu a esconder-se num recôndito escuro da cela. O ferrolho da porta deslizou e esta abriu-se, revelando Tannath, Slayra e a shionna que aparecera no cubículo sem ser convidada no dia anterior (ou dois, era difícil dizer, confinado na cela).

”Já? E por que não veio sozinha?”

Boas tardes, Quenestil saudou-o o eahanoir. Hoje vamos dar um passeio.

Não, obrigado. Estou muito bem aqui.

Tannath não esperara uma resposta, muito menos com teor irónico, e isso notou-se na sua expressão. Havia algo diferente no eahanoir hoje, as suas feições e a sua postura evidenciavam-no, mas Quenestil não soube dizer o quê ao certo.

Encontramos-te loquaz... reparou. Folgo em ver que recuperaste a língua.

O shura ignorou o comentário e olhou para Slayra, tentando descobrir o que se passava, mas a eahanoir envergava uma máscara de ódio frio e nada deu a entender. Fitou a shionna e viu que esta o saboreava com os olhos amarelos, lambendo os lábios ao reparar que o eahan lhe retribuía o olhar.

Virás pacificamente? quis Tannath saber. Quenestil deu-lhe a sua atenção.

Não.

Slayra avançou de punhos fechados.

Amansamo-lo um pouco... sugeriu, mas o eahanoir bloqueou-lhe a passagem com o braço.

Slayra... quantas vezes tenho de...

Mas quem pensas tu que és? perguntou Quenestil, para grande surpresa de todos. Algum paladino? Quem queres enganar com essas exibições de *honra* quando és escumalha traiçoeira igual aos outros?

Tannath pareceu ficar lívido. A shionna olhou para o eahanoir e entreabriu a boca, aparentando saborear algo. As finas sobrancelhas de Slayra arregalaram-se.

Sim, um verme do esgoto que não hesita em apunhalar os seus pelas costas; não passas de escória manhosa como todos os eahanoir. Achas que impressionas alguém com esse teatro?

Por longos momentos, não houve resposta. Slayra mal respirava e a shionna já semicerrava os olhos de prazer. Os olhos de Tannath não largaram o de Quenestil durante esse tempo todo, duas gemas azul e cinzenta incrustadas num bloco esculpido de mármore que parecia prestes a ruir de fúria. Quando o shura se preparou para acrescentar mais sal à ferida que sabia ter aberto, o eahanoir avançou, desembainhou o estilete e encostou a ponta à narina de Quenestil. Slayra teve de se refrear.

Quando eu era jovem... começou Tannath, exalando para retirar o tremor da sua voz quando eu era jovem, era o orgulho da minha mãe, o seu pequeno assassino de berço, que humedeceu o estilete aos doze. A vontade do eahanoir parecia ser humedecer este também em Quenestil. Mas certo dia portei-me mal e parti o pulso a uma das meninas da minha mãe, uma cabra chata que não me largava. Era jovem, e impulsivo, e a minha mãe achou por bem corrigir esse defeito na idade em que o barro ainda pode ser moldado. Nessa mesma noite, entrou um grupo de mestras do deleite pelo meu quarto adentro, estava eu na cama. Com os números, imobilizaram-me, uma cabra para cada membro meu, e depois ensinaram-me um pouco acerca da dor através dos seus métodos subtis. Acredita, aquelas cabras conhecem o corpo melhor que qualquer um, e não precisam de punhos ou lâminas para causar as dores mais atrozes. Foi uma lição que até hoje não esqueci... não só a dor; a sensação de estar indefeso... e ser torturado...

Tannath calou-se então, respirando pelo nariz, e baixou a ponta do estilete sem tirar os olhos dos de Quenestil. Por fim, virou-lhe as costas e dirigiu a palavra à shionna.

Amansa-o, Shanaya.

Não! disse Slayra, um pouco mais alto do que pretendia. Toca-lhe, e eu...

Chega, Slayra interrompeu-a o ehanoir. Ele não virá pacificamente.

Ele é meu! Esta cabra não lhe toca!

O ehanoir não parecia estar com disposição para discussões, e o seu olhar transmitiu-o muito bem, silenciando Slayra.

Não te preocupes, querida sossegou-a Shanaya. Eu não sou sôfrega como tu. Vai sobrar que chegue para ti.

Limita-te a *amansá-lo* enfatizou Tannath.

Havia algo na sua voz que fez com que a shionna achasse melhor fazer como o ehanoir pedira, mas não pôde deixar de sentir o turbilhão emocional dele. Suspirando, foi ter com Quenestil, cada gesto seu vigiado por Slayra. O ehan nunca vira uma shionna antes, mas conhecia bem as histórias. Lampreias de emoções. Rameiras roxas. Meretrizes da Sombra. Tannath e a sua estranha confissão abandonaram rapidamente os pensamentos do shura, que se concentrou naquela que o ehanoir chamava Shanaya, que se aproximava com passos bamboleantes. Quenestil emitiu um rosno gutural.

Ooh, o carcaju encarcerado acirra-se. Pareces mais... extrovertido desde o nosso primeiro encontro.

O shura não respondeu, mas havia um brilho animal no seu olho bom que *atraía Shanaya como* uma abelha para o mel.

Não te preocupes, lindo. Não te vou magoar, muito pelo contrário. Deixa-me aliviar as tuas dores, aplacar os teus ardores... sugeriu a shionna, postando-se em frente do ehan e curvando-se de mãos apoiadas nos joelhos de modo a dar-lhe um belo panorama do seu peito.

As emoções do shura começaram a descontrolar-se. Não podia evitar o desejo que o seu corpo principiava a sentir, não conseguia reprimir a sua raiva por estar preso, era incapaz de ignorar o ódio que sentia por ehanoir. Shanaya cheirava e bebia todas estas emoções e degustava-as, deliciada. Levou as mãos à cara de Quenestil, passando os dedos pelo inchaço escuro no seu olho esquerdo, agarrando-o suavemente pelos lados da cabeça e prendendo-lhe o olhar. Os olhos amarelos da shionna eram duas covas nas quais o ehan poderia vazar todas

as suas mágoas, todas as suas tristezas e amarguras, todas... O shura entreabriu a boca e avançou a cara até esticar o seu pescoço ao máximo, parecendo querer chegar aos lábios de Shanaya. Esta sorriu e Slayra disse qualquer coisa com um tom de voz premente, mas Quenestil não ouviu, estava tudo difuso menos a shionna, as suas mãos quentes e suaves e os seus lábios prometedores. O eahan apoiou as mãos no chão, mas não encontrava a força para se levantar e beijá-la. Shanaya sorriu e fez-lhe a vontade, achegando a sua cara à do shura, humedecendo os lábios com a ponta da língua e passando-a provocantemente pela orla dos do eahan. Quando as bocas se encontraram, a língua de Quenestil abriu caminho avidamente e a shionna permitiu-lho, acompanhando suavemente os seus movimentos, bebendo das agruras do eahan e vazando-o de emoção, vazando-o de sensação...

A dor foi repentina e lancinante. Os olhos de Shanaya abriram-se, fogo amarelo ateados pelos dentes que se lhe cravavam na língua. A shionna agora sentia as vibrações do rosnido gutural de Quenestil na própria boca e urrou de dor com o seu órgão falador preso, molhando o queixo do shura de vermelho. As suas unhas fincaram-se na face e no couro cabeludo do eahan, que levou a cabeça atrás, obrigando Shanaya a deixar-se ir para evitar arrancar a língua. A shionna estava então perto o suficiente, e os dentes de Quenestil largaram-lhe a língua e os seus braços agrilhoados agarraram-na, virando-a de costas e envolvendo o seu pescoço com as correntes que os prendiam.

Tudo acontecera em segundos, e Tannath e Slayra estavam imobilizados no mesmo sítio, ambos de olhos esbugalhados. O shura fitava-os de dentes avermelhados, reforçando o aperto na garganta de Shanaya, que grunhia enquanto o sangue lhe escorria dos cantos da boca.

Soltem-me. Agora, ou parto-lhe o pescoço.

A shionna fincara os dedos nos elos das correntes, em vão. Como nenhum dos eahanoir esboçou qualquer tipo de reacção, Quenestil apertou um pouco mais.

Eu juro que a mato. Nada tenho a perder.

Slayra continuava atónita, mas Tannath conseguiu por fim falar, a sua voz firme como aço.

Não te vai servir de nada. Julgas que ela significa algo para nós, ou para qualquer um em Jazurrieh? Larga-a, ou nunca mais verás o teu amigo.

Shanaya emitia ruídos sufocados. Quenestil sabia que o eahanoir estava a dizer a verdade, uma refém não lhe serviria de nada, não com...

malditos eahanoir, que não se preocupavam minimamente uns com os outros. Com um rápido sacão, libertou o pescoço da shionna e empurrou-a para a frente, fazendo com que se estatelasse no chão. Tannath ajoelhou-se para a ajudar a levantar-se, mas Slayra não saiu do lugar.

”Quenestil, em que é que estavas a pensar, meu adorável selvagem?” A eahanoir foi incapaz de reprimir um sorriso de satisfação ao ver a cabra estendida no chão a sangrar da sua língua viperina.

A shionna tossiu, deixando manchas vermelhas no chão e Tannath ajudou-a a pôr-se de pé, de costas para Quenestil. Shanaya teve de se apoiar no ombro do eahanoir com um braço enquanto a sua mão livre lhe aplacava a garganta.

Slayra, vai chamar o carcereiro disse Tannath. A eahanoir olhou desconfiada para ambos.

Não lhe vamos fazer nada. Vai *ordenou*, a sua paciência esgotada.

Contrariada e preocupada com a segurança de Quenestil, Slayra teve de ir, correndo pelas escadas a chamar o carcereiro. Tannath ficou a segurar Shanaya enquanto esta tossia, ainda incapaz de falar, e tirou um lenço branco do seu bolso, pondo-o debaixo do queixo da mulher, que o agarrou. O tecido foi tingido de escarlate quando a shionna tapou a boca com ele.

Vai pagar-mas... declarou Shanaya de voz abafada pelo lenço molhado.

Talvez... mas não agora asseverou Tannath, olhando para o eahan, que estava acorado como um carcaju pronto a saltar. Talvez depois da tua recompensa.

TENSÃO ACERADA

O grande *yugr* estava enevoadado de vapor, quente e abafado. Suor escorria copiosamente pelos corpos nus de Aewyre, Allumno, Worick e Taislin, as suas faces estavam em fogo, os seus cabelos colados às suas cabeças, e nenhum se lembrava de alguma vez se ter sentido assim tão bem. Com eles estavam uns trinta ocarr, homens, mulheres e crianças, todos despreocupadamente desnudos. O povo das estepes não se banhava, limitavam-se a aquecer pedras no fogo, empilhá-las num buraco no chão dentro de um *yugr* sem abertura no tecto e verter água sobre elas. Depois disso despiam-se e deixavam que o vapor quente lhes limpasse a pele enquanto permaneciam sentados de pernas cruzadas no chão coberto por tapetes. Ninguém falava naquela atmosfera pesada e poucos tinham vontade de o fazer, principalmente os companheiros, sujos e mal habituados ao frio das estepes. Ainda assim, Aewyre tinha assuntos prementes a tratar com Allumno, e forçou-se a abrir os olhos. O mago estava a seu lado, as suas pálpebras relaxadamente fechadas, os dedos suavemente enclavinhados, farripas do seu cabelo fixadas à testa alta, a gema húmida como um morango orvalhoso a reflectir a luz dos mortícios braseiros.

Allumno! sussurrou o guerreiro.

Como o mago não reagiu, Aewyre chamou-o outra vez, tocando-lhe na perna.

Allumno!

Desta vez, Allumno abriu um olho, fitando Aewyre languidamente.

Que foi? perguntou com voz desperta.

Tenho de falar contigo.

O mago suspirou, fechou o olho, apoiou as mãos no chão, movendo-se para perto do seu protegido, e lá se deixou ficar.

Diz...

Não posso lutar com ele.

Allumno permaneceu de olhos fechados e não respondeu de imediato, e por momentos o silêncio voltou, mas cedo a voz baixa do mago o tornou a contar.

Também não me parece aconselhável. Somos hóspedes agora.

Eu sei, mas... a única razão pela qual não seguimos por Thyr foi o Krór...

Um infeliz percalço...

Agora tenho-o à mão, mas...

É verdade, lembraste-te de lhe perguntar acerca da rota a seguir?

Aewyre suspirou, irritado com a interrupção.

Sim, e ele disse-me que os Tcho Dir...

Os Cho Tírr.

O seu tutor conseguia ser enervante por vezes.

... que os *Cho Tírr* vão migrar agora. A comida que sobrou nesta área já foi desbastada pelos ratos, e o gado e os burros comeram as sobras. Vão seguir para Norte...

Até às montanhas?

Não, vão virar para Oeste depois. Ele não me disse até onde iam, mas deixou claro que não iam para as montanhas. Parece que as tribos se reúnem uma vez por ano durante uma fase lunar qualquer numa espécie de conclave, onde traçam as rotas que cada tribo deverá seguir nessa época. É assim que evitam conflitos internos.

Interessante. Quer dizer que teremos de nos separar. O silêncio de Aewyre confirmou-o.

Sobrevivemos ao ataque dos Cho Tírr porque estávamos protegidos pelo cromeleque. Se outra tribo nos encontrar e atacar, não teremos qualquer hipótese.

Eu sei, eu sei... disse o jovem. Mas não podemos voltar atrás, o caminho mais curto fica a Norte. Acompanhá-los-emos enquanto pudermos e depois confiamos na sorte até chegar às montanhas. Aí estaremos a salvo.

Ai sim?

Pronto, não estaremos completamente seguros, mas pelo menos já não é esta maldita extensão em campo aberto. Desenrascamo-nos em qualquer sítio, desde que tenha árvores.

O que é uma árvore? perguntou Worick. Mas que péssimo hábito era este que todos tinham de ouvir as suas conversas? Já não me lembro. Come-se? Ou também sabe a rato e a leite de égua? Pedras me partam e a este lugar...

Ambos ignoraram o thuragar.

Muito bem... mais alguma coisa?

Só aquilo que eu te ia perguntar antes de me interromperes...

Diz lá... O mago parecia imune a sarcasmo.

O Kror foi a única coisa que me impediu de seguir para Asmodeon logo a seguir a encontrar a manopla sussurrou. Agora não posso lutar com ele. O que faço, vou para Asmodeon, deixo-o vivo para trás? Conseguiria viver com isso?

Allumno reflectiu, puxando para trás uma madeixa de cabelo que se descolara da testa.

Vou ser franco contigo, Aewyre. Não sou nenhum estudioso no assunto, o vosso é o primeiro caso que eu presencio relacionado com a Essência da Lâmina. Pelo que vimos, aguentaste-te bem enquanto não o encontravas...

Sonhava com o desgraçado todas as noites. E havia sempre alguma coisa a zumbir na minha cabeça disse o jovem, coçando os espinhos escuros que lhe cresciam na face que não rapava há semanas.

Está bem, mas eu também tenho dores todos os dias por causa do meu joelho e é-me custoso andar sem o cajado. Aquele crocodilo feriu-me a perna, mas ainda vivo. Dói, irrita, é desconfortável dia após dia após dia, mas vivo. Achas que também consegues?

Aewyre nunca considerara esse aspecto. Sempre tivera a impressão de que era obrigado a matar Kror, caso contrário nunca conheceria a paz. Talvez até fosse verdade, mas então seria uma questão de força de vontade, de aguentar o chamamento, de suportar a pressão do "tendão"...

Duas mulheres oarr entraram no *yugr*, baixando as cabeças e atando o reposteiro seguidamente, de modo a não deixar o vapor sair. Uma carregava um grande jarro de água e a outra, mais encorpada, uma selha de vime forrada a pele cheia de pedras fumegantes, que despejou dentro do buraco no centro da tenda. A outra verteu de seguida a água do jarro sobre as pedras quentes, que sibilaram e fumegaram em fúria, enevoando ainda mais o *yugr*. Feito isto, retiraram-se.

És capaz de ter razão, Allumno. Separar-nos-emos então. E se o Kror quiser lutar, ele que venha ter comigo.

Seria a solução ideal para ti e para nós. Mas será que aguentas? Estava a falar do joelho, mas reconheço que não deve ser a mesma coisa...

Este Allumno... apresentava argumentos irrefutáveis para o convencer e depois contradizia-se deliberadamente. Ainda estava para perceber se o mago se divertia a fazê-lo...

Não há-de ser pior que o que já enfrentei até agora... Allumno nem precisava de ver a expressão do guerreiro para se aperceber da forçada confiança.

Ainda bem. Quanto tempo até nos separarmos?

Devemos andar mais umas semanas com a tribo. Depois disso...

Ficamos nas mãos dos deuses. Parece-me bem...

Os deuses andam um bocado frouxos das mãos comentou Taislin, com tudo o que nos tem acontecido ultimamente...

Aewyre suspirou uma vez mais. Ninguém tinha nada melhor para fazer que ouvir as suas conversas? Uma vaga de calor fez-se sentir devido ao novo vapor, e os companheiros calaram-se, deixando-se envolver pela relaxante quentura. O reposteiro do *yugr* foi aberto por alguém vindo de fora, mas só Aewyre se deu ao trabalho de abrir os olhos para ver de quem se tratava. Estes arregalaram-se apesar do calor que os abrasava, pois quem entrara fora Lhiannah, nua como no dia em que nascera.

A princesa olhou em redor, procurando os companheiros e semicerrando os olhos devido ao vapor. Aewyre já lhe vira as formas desnudas uma vez, mas fora durante a noite no seu quarto escuro em Vau do Caar e estivera tão bêbedo que mal se lembrava; certamente que não se recordava de ter visto o que agora se lhe deparava. Lhiannah era... magnífica... o seu corpo era de uma beleza estatúária, e os seus cabelos fulguravam na névoa como labaredas douradas. O guerreiro nunca reparara no quão longas as suas pernas eram, e como os contornos atléticos não precisavam de calças para serem realçados. Admirou-lhe os restantes atributos enquanto a arinnir olhava em redor, até que ambos cruzaram olhares. O gesto instintivo de Lhiannah foi cobrir a sua intimidade e o seu peito com os braços, mas refreou-se dignamente de o fazer. Aewyre nunca louvou tanto a dignidade como naquele momento. Ainda assim, as faces da arinnir ruborizaram-se, mas talvez isso apenas se devesse ao calor. Certamente seria essa a explicação que a princesa daria. Havia raiva nos seus olhos, mas naquele momento tinha apenas duas opções: virar as costas e sair ou sentar-se perto dos companheiros. Podia tomar o seu lugar longe

do guerreiro, mas isso também seria admitir a sua vergonha, pelo que se dirigiu ao grupo, sempre com os olhos de Aewyre em cima de si.

O jovem não pôde deixar de extrair algum gozo da situação; era como uma pequena vingança contra Lhiannah pela sua atitude ao longo da viagem pelas estepes. A princesa sentou-se ao lado de Worick, cruzando as pernas e vendo-se forçada a pôr as mãos no meio delas para salvaguardar um mínimo de decoro. Aewyre contentou-se perfeitamente em ver o resto.

Pouco depois, as duas mulheres oarr entraram outra vez no *yugr* e começaram a distribuir taças, servindo água com conchas. Os companheiros abriram os olhos para beber, mas todos menos Aewyre baixaram educadamente os olhos ao ver que Lhiannah estava presente. A princesa bebeu, começando a suar, e tentou fingir-se alheia ao atento estudo do guerreiro, mas parecia sentir os olhos de Aewyre a rolares indecorosamente pelo seu corpo. O jovem sorriu um sorriso maroto, que há muito não encontrava o seu caminho na sua cara, e dirigiu a palavra a Allumno, sem tirar Lhiannah da vista.

Há outra coisa, Allumno...

O mago suspirou, lambendo gotas salgadas no seu lábio superior sem abrir os olhos.

Durante o combate no cromeleque, não sei se reparaste, aconteceu uma coisa esquisita...

Só uma?

Os comentários estúpidos são comigo, Allumno rosnou o jovem, farto de interrupções. Estava a tentar ter uma conversa séria, raios! Foi quando o Kror apareceu, depois de ter atingido o Worick. Dois oarr dispararam setas nas minhas costas quando eu estava a olhar para ele. O jovem engoliu a humidade que se lhe acumulara na boca. Nessa altura... deu-me a impressão de que o tempo parou, ficou tudo mais lento, eu... eu conseguia ver tudo, sentir tudo...

Allumno agora parecia silenciosamente interessado.

Depois, quando virei as costas e vi as setas a voarem contra mim, usei a Ancalach... quase por instinto... mas só cortei ar com ela. Só que esse ar... eu não percebo, Allumno, parecia um dos teus feitiços: o ar cortou os dois oarr ao meio!

O *mago* abriu os olhos e olhou para Aewyre, que ainda fitava Lhiannah e os contornos luzentes do seu corpo. O seu protegido parecia ter exaurido a sua reserva de palavras e limitava-se a olhar para a princesa, movendo por vezes os lábios em aparentes tentativas de formar sons.

Como já disse, não sou especialista no que diz respeito à Essência da Lâmina lembrou o mago, mas a descrição que fazes condiz com os relatos dos mestres-de-armas, dos espadeiros que por ela foram eleitos. Mas isso é impossível, não o venceste ainda...

Quando ele viu as setas, gritou... ele também sabe o que aconteceu... disse Aewyre, mais para si que para o seu tutor. Ele também sabe...

Bom, sendo assim sugiro que vás falar com ele. Temo que tenhamos alcançado o limite dos meus conhecimentos acerca da matéria...

O guerreiro limitou-se a anuir com a cabeça, e Allumno não insistiu. Decididamente, o assunto da Essência da Lâmina tornava-se mais complicado a cada dia que passava...

Os momentos que se seguiram foram passados em vaporoso sossego. Worick cofiava bigode e barba molhados, Taislin deliciava-se em silêncio, Allumno emulava o burrik e Lhiannah fechava os olhos, inclinando a cabeça para trás, mas o músculo do seu maxilar estava tenso devido ao estudo que sabia que Aewyre estava a efectuar.

"Dama de ferro...", gracejou o jovem para tirar Krór por momentos da cabeça. *"Linda e com o feitio de uma javalina preta... quem te mandou beber? Eu é que não fui..."*

Como se tivesse ouvido, Lhiannah abriu os olhos e fitou Aewyre com um ar de desafio. O guerreiro pensou em fazer-lhe a vontade, mas os olhos da princesa, por muito bonitos que fossem, podia vê-los todos os dias, quando Lhiannah se dignava a dirigir-lhe palavra olhando-o de frente. Em vez disso, baixou o olhar e acenou aprovadamente com a cabeça, franzindo os lábios. Por essa altura, Aewyre já tinha a certeza de que verter água em cima de Lhiannah faria mais vapor que as pedras quentes no buraco. Muito mais.

Quando as mulheres tornaram a entrar, Lhiannah fervia em raiva fria, mas o ar danado, a pele luzente e os cabelos molhados escorridos apenas faziam com que parecesse mais bela aos olhos de Aewyre. As oarr entraram e saíram umas sete vezes, carregando uma grande selha de madeira e vários jarros de água. Uma delas, a mais encorpada, bateu palmas e os homens, mulheres e crianças do *yugr* levantaram-se quase mecanicamente, colocando-se em fila à entrada. Os companheiros despertaram do seu torpor e ergueram-se sonolentos, postando-se no fim da fila, que aparentemente se destinava à ablução. Uma mulher entrou na selha e foi-lhe lentamente esvaziado um jarro na cabeça, cuja água a oarr aproveitou para esfregar o suor e a sujidade para

fora da pele. A fila foi avançando e quando chegou a vez de Aewyre teve de ser o próprio a verter a água do seu jarro, pois nem de bicos de pés e braços esticados a encorpada mulher lhe chegava à cabeça. Estava fria, mas a sensação que causava na sua pele afogueada era estimulante. Esfregou-se vigorosamente, usando também a água que se acumulara dentro da selha para lavar as axilas, e abriu o reposteiro para entrar numa tenda mais pequena, iluminada por braseiros de estrume, onde os presentes haviam deixado as roupas espalhadas por cima dos tapetes. Pingando, procurou as suas vestes no meio do amontoado de túnicas, grato por os oarr usarem roupas tão diferentes das suas. Pensou se não seria possível que homens e mulheres acabassem por vestir roupas que não as suas no meio daquela confusão, mas sendo todas elas praticamente iguais, não deveria fazer grande diferença. Encontrou as suas peles debaixo dos pés de uma mulher cujos cabelos chocalhavam devido aos ossículos que deles pendiam enquanto enfiava as pernas em calças. Ninguém olhava para os corpos dos seus vizinhos, mas mesmo assim o jovem enxugou-se rapidamente com um pano e vestiu as suas ceroulas e meias de lã. Quando estava a apertar as calças, ouviu a voz de Worick a resmungar enquanto abria caminho pela confusão de corpos que reinava na pequena tenda.

Então estes javardos tomam banho e depois juntam-se numa tenda a cheirar a estrume?

Os oarr vestiam-se em silêncio.

Andas muito fino para um thuragar... comentou Aewyre.

Fino? Worick pensou, e apercebeu-se de algo. É verdade... sempre vivi com humanos, e parece que assimilei alguns dos vossos hábitos maricas.

Deixa estar que continuas tão resmungão e de maus fígados como qualquer thuragar que se preze consolou-o o jovem.

Vou aceitar isso como um elogio. Mas o melhor é ficares calado...

Aewyre riu e enfiou-se na sua camisa de linho. Worick procurou as suas roupas, mas só as encontrou quando o guerreiro já estava a calçar as botas, e por essa altura já os restantes companheiros se haviam limpado e também cavavam pelas suas vestimentas. Lhiannah era toda ela fúria silenciosa e não dirigiu palavra a ninguém, coisa que Taislin não pôde evitar.

Que bom! Era capaz de ficar ali durante horas! exclamou o burrik, deliciado e de faces rubicundas.

Então por que não ficas? quis Worick saber.

Ora, assim nunca veria o lindo que ficas com...

Aqui não, Taislin... interrompeu-o Aewyre, pressentindo a provocação. Se o queres picar, fá-lo lá fora ao frio e sem toda esta gente.

Isso pareceu silenciar o burrik, que acabou de se vestir em silêncio, sempre com os olhos de Worick em cima de si, como se o thuragar pensasse no que é que o burrik estivera para dizer.

Já vestidos, os companheiros saíram da pequena tenda e saudaram o vento frio do exterior com espirros. Apressaram-se a entrar no *yugr* do *ayan*, onde os aguardava uma aconchegante fogueira de estrume e um grupo de músicos. Usavam uma espécie de alaúde com três cordas, uns violinos pontudos, pares de cascos que embatiam uns contra os outros e uma tábua com cordas estendidas sobre a sua superfície. Três mulheres sentadas e de mãos cruzadas cantavam em coro enquanto um homem de olhos fechados emitia um estranho ruído parecido com um ornear contínuo. Os ocar já haviam começado a beber *boozlan*, pelo que os companheiros se foram sentar perto da fogueira e esperaram para serem servidos. Para além do odor a estrume, pairava um outro cheiro no ar.

Estão a assar carne a sério? inquiriu Worick, cheirando o ar ruidosamente. Lombinhos de rato não têm este cheiro.

O thuragar havia-se tornado um autêntico perito nas vicissitudes culinárias de roedores nos últimos dias, e os companheiros acreditaram nele, procurando em redor alguma pista que lhes pudesse indicar o que o prato seria. Aewyre espreitou atrás de si, e viu Kror a conduzir a que parecia ser a xamã para perto da fogueira. As pessoas pelas quais a anciã passava vergavam-lhe a cabeça, pelo que o jovem achou educado proceder da mesma maneira, tentando ignorar Kror. No entanto, quando ergueu a cabeça viu que o drahreg a ajudava a sentar-se a seu lado. A xamã sofrera um horrível ferimento nos olhos e andava agora vendada, chupando os encarquilhados lábios para dentro da boca desdentada.

A venerável quer... falar contigo informou Kror, sentando-se ao lado da xamã, usando-a como uma barreira entre si e o humano.

Aewyre não esperara esta. A velha não lhes havia dirigido palavra uma única vez e evitara-os desde o primeiro dia em que foram acolhidos debaixo do tecto do *ayan*. Agora queria falar com ele?

Bem, claro... o que quer a... venerável saber?

Kror disse algo à anciã, mas esta não virava a cara para nenhum dos dois, limitava-se a "fitar" o estrume em brasa. As palavras que proferiu

eram incompreensíveis para os ouvidos de Aewyre, e este pensou se não o seriam também para o drahreg, tão desdentada era a sua fala.

A venerável quer saber o que vocês fizeram à mulher.

Foram servidos pratos com nacos de carne cobertos por bolbos esventrados aos companheiros, e as suas bocas aguaram perante o que se assemelhava a uma refeição decente.

Carne verdadeira... constatou Taislin, pegando no seu prato com reverência.

Qual mulher? perguntou Aewyre.

A humana que vocês perseguiam. A... Hazabel.

Carne verdadeira, dizes tu? perguntou Worick, trincando um naco rijo e nervoso. Este animal pouco mais tinha que pele por cima do osso.

A *harahan*?

Algo latejou na cabeça de Krór ao ouvir essa palavra.

A venerável quer saber...

Espera aí, já te perguntei uma vez, desta não foges interrompeu Aewyre. O que é que a *harahan* fazia contigo?

Worick e Taislin suspenderam a sua conversa acerca do prato. Mesmo eles sentiam que a menor faísca entre Krór e o seu amigo atearia um fogo roaz.

A venerável é que...

Para a fossa com a venerável, porra! Aewyre começava a soar exaltado. Aquela cabra roubou-nos a manopla, fartou-se de nos causar problemas, por causa dela íamos morrendo! Allumno agarrou o braço do seu protegido, mas o jovem sacudiu-o. E ela estava contigo! O que planearam os dois, maldito drahreg? Diz-me, ou juro que dou cabo de ti!

Seguiu-se o silêncio, no qual os dois guerreiros mediram olhares que prometiam a morte um do outro. No meio de ambos, a xamã ergueu a cabeça, sentindo a crescente tensão. Todos os presentes olhavam para Aewyre e Krór, mas tanto um como o outro estavam alheios aos olhares.

Aewyre, não te exaltes... aconselhou Allumno, quase ciciante.

O jovem parecia pronto a isso mesmo. Por sorte, Krór ergueu-se, lentamente, e caminhou para a entrada, olhando ainda de relance para o guerreiro antes de sair. A atenção dos oarr concentrou-se então toda no guerreiro, que deu por si quase a corar de vergonha. *Francamente*, pareciam os seus companheiros dizer quando olhou para eles, e sabia

que tinham razão. Lhiannah teria dito outras palavras menos educadas, chamá-lo-ia de boi, idiota, cretino, diria que pensava com uma cabeça abaixo e que a outra não prestava nem para deixar crescer cabelo, e provavelmente também teria razão.

Eu... peço desculpa escusou-se o jovem, esfregando uma envergonhada nuca.

Nenhum dos ocarr percebeu, mas retomaram a sua refeição de qualquer maneira. Aewyre pareceu subitamente muito interessado no conteúdo do seu prato e não tirou os olhos dele. Os companheiros entreolharam-se, preocupados.

A FÚRIA DO ANTROLEO

Agarrando a corrente de um braço com uma mão, Babaki remexeu na sua tanga com a outra e tirou algo lá de dentro. Não pôde deixar de se sentir envergonhado, imaginando o que Lhiannah teria pensado se visse onde o antroleo colocara a nesga de cabelo que a princesa lhe dera na sua despedida... Mas essa era uma tradição do seu povo, uma das poucas que Babaki fazia questão de manter: colocar um bocado de pêlo (ou cabelo) da pessoa amada nas partes íntimas era uma declaração de afecto, praticada por prometidos e apaixonados. Não havia um único dia em que Babaki não se maldissesse por não ter professado o seu amor a Lhiannah quando o grupo se separara, sabendo que aquela podia ser a última vez que a veria. Observou a mecha de cabelo que entrançara durante um dos períodos de descanso que Quenestil lhes havia permitido durante a sua perseguição dos captores de Slayra. Não perdera o seu tom dourado nem o seu toque macio, embora o cheiro já não fosse o de Lhiannah. Mesmo assim, Babaki levou-o à cara, maldizendo-se uma vez mais.

”Devias ter-lhe dito... tu devias ter-lhe dito.”

Mas estava feito, agora tinha era de se concentrar em sair daquela situação e ajudar os seus amigos. Segundo o que o eahanoir de toga lhe dissera, ser-lhe-ia concedida uma oportunidade para escapar no seu próximo combate, mas já haviam passado dois dias (medidos pela regularidade da entrega de refeições) e nada mais lhe fora adiantado acerca da vindoura luta. Não lhe agradava a ideia de combater, muito menos sob o comando de um eahan negro, mas já prometera a si mesmo que iria fazer o que fosse necessário...

Babaki despertou com o já familiar ruído de passos no exterior e enfiou a mecha de cabelo dentro da sua tanga. A porta abriu-se e

entraram cinco eahanoir munidos de tochas e lanças, que foram baixadas na sua direcção. As pupilas dos olhos do antroleo brilharam com a luz do fogo e um dos guardas aproximou-lhe a tocha da cara.

Vais combater, antroleo anunciou numa voz ciciante. Causarás problemas?

Perante o abanar negativo da cabeça de Babaki, o eahanoir que falara puxou de um molhe de chaves e estendeu a mão para o antroleo colocar o seu pulso. Babaki assim fez e a grilheta que lhe esfolara a pele foi aberta e atirada ao chão sem cerimónia. Seguiram-se as que lhe agrilhoavam os tornozelos e a da mão direita, essas removidas com mais cautela e com mais que um olhar indiscreto dirigido aos eahanoir que empunhavam lanças. Babaki ergueu-se lentamente, espreguiçando-se com languidez enquanto o seu "salvador" recuava, relaxando a mão no pomo de um estilete. As suas articulações estalaram, perras, e os seus membros pareciam pesados, mas a mente estava focada e o espírito determinado.

Estou pronto declarou.

Os eahanoir permitiram-se relaxar um pouco. Quatro lanceiros recuaram para lados opostos da parede, deixando o quinto no meio, que fez moção ao antroleo que avançasse. Babaki assim fez, postando-se no meio de quatro pontas de aço, e saiu da cela com a sua escolta. Podia cheirar-lhes o nervosismo; não se sentiam à vontade perto dele, como se estivessem próximos a um animal selvagem, mas isso estava longe de o incomodar naquele momento. As paredes eram frias e das suas frestas escorriam pequenos fios de água que formavam poças no chão de lajes igualmente frias. Compridas sombras precediam o grupo, aproximando-se e dando lugar a outras conforme eram estendidas pelas tochas penduradas num padrão regular pelas paredes. A viagem pelos túneis das masmorras foi curta, e cedo as vozes e apupos do público se fizeram ouvir, bem como as sonoras reverberações das batidas de pés. Babaki respirava fundo, inalando o ar húmido e abafado calmamente quando sentiu que o seu coração começava a acelerar. Tinha de se manter sereno, esperar pelo momento certo. Encheu a sua mente com a imagem das vastas planícies de Anathol, um mar fulvo a ondular ao sabor dos frescos zéfiros estivais, um oceano viçoso aspergido pelas chuvas invernosas. Essas memórias, no entanto, vinham acompanhadas por um sentimento de nostalgia que o antroleo poucas vezes experimentava, pelo que tentou pensar noutra coisa... Lhiannah veio-lhe facilmente à cabeça, mas a princesa suscitava-lhe outro tipo de emoções... não se podia distrair, tinha de se

manter focado no que teria de fazer mal entrasse na arena. Na verdade, o eahanoir fora bastante vago: os lutadores ajudá-lo-iam a *saltar* para fora da arena? Devia ter feito mais perguntas, devia ter interrogado mais o eahanoir acerca de Quenestil, devia... devia ter feito muita coisa que não fez. E agora tinha a hipótese de se redimir. Não iria falhar. Nunca mais.

O chão começou a subir gradualmente e os ruídos da arena iam aumentando de intensidade. Os eahanoir estugaram o passo, como se tivessem pressa de se verem livres de Babaki, e o antroleo viu-se forçado a acompanhá-los. Chegaram à grade de ferro enferrujado que vedava o acesso à arena, guarnecida por dois vigilantes eahanoir de lanças cruzadas. Detrás das sentinelas vinha luz, calor, um odor a sangue e o intenso bulício de uma multidão excitada e sedenta de violência. Babaki retesou-se. Os guardas trocaram rápidas palavras e os dois que vigiavam a grade apressaram-se a fazer rodar o mecanismo que a abria. Com um prolongado grito áspero e ferruginoso, a grade ergueu-se e o público rejubilou com um sonoro clamor.

Babaki ficou parado a olhar em frente, para a areia sangrenta, para a parede de pedra coberta de cicatrizes, desde buracos de armas contundentes a sulcos de golpes de lâmina falhados. Os eahanoir que estavam atrás bateram-lhe nos rins com as pontas dos cabos das lanças, incitando-o a avançar. O antroleo inspirou fundo, rodou a cabeça para relaxar o pescoço e deu o primeiro passo.

Uma das sentinelas barrou-lhe o caminho com uma lança.

Babaki ficou confuso com tal gesto, mas o eahanoir fez-lhe sinal para que se baixasse, como se quisesse dizer-lhe algo. Quando o antroleo assim fez, o eahan negro entregou-lhe as *shwafwif* e segredou-lhe:

Mudança de planos. O Tannath vai estar presente no combate, disseram-nos agora. Tannath? Quem era Tannath? Vais lutar contra dois. Finge que combates um pouco, depois quando estiveres pronto, recua depressa. Eles vão perceber o sinal e ficarão prontos para te ajudar a saltar. Quando estiveres fora da arena, ninguém te vai impedir. Procura o eahanoir com uma tatuagem no olho esquerdo. E esse que tens de matar. De resto, prossegue com o plano original. Entendido?

O eahanoir viu-se forçado a repetir perante um Babaki atrapalhado, e foi necessária uma terceira vez para se fazer entender. O antroleo fora tomado de surpresa; nunca esperara que a sua fuga fosse fácil, mas agora haviam-na complicado ainda mais.

Entendido? Consegues fazê-lo? insistiu o eahanoir.

Ignorando todas as suas dúvidas, o antroleo acenou convictamente com a cabeça e enfiou as *shwafwif* no cinto. A sentinela abriu-lhe o caminho para a arena.

Não iria falhar... nunca mais.

O público da arena abriu caminho para os recém-chegados, afastando-se respeitosamente. Quem não percebia, era empurrado pelos guardas, que saudavam de seguida o estranho grupo com acenos de cabeça. O eahanoir com uma tatuagem no olho esquerdo vinha acompanhado pela sua escolta de seis hasslir desprovidos de qualquer marca na testa, o distintivo dos assassinos que dessa forma proclamavam a sua individualidade numa sociedade rigidamente estruturada como a dos eahan negros. Acompanhavam-no uma shionna com pele cor de inchaço, uma bela eahanoir com um olhar átono e um eahan ruivo com mãos e pés acorrentados, praticamente empurrado por um dos hasslir. Tannath ignorava as saudações, descendo com passos serenos os degraus de pedra que descendiam pelos anéis do anfiteatro. Slayra alheava-se do público que os observava, mas a sua calma exterior escondia o tumulto interior da tempestade de pensamentos que lhe assolava a mente. O que ia Tannath fazer após o combate? O que queria a Shanaya do Babaki? Quanto sabia ela acerca do Quenestil? A eahanoir evitava olhar para o shura, mas podia sentir o seu olhar preocupado nas suas costas esbeltas. Respirou fundo. O ar da arena era pesado e quente, mas com a sua parca roupagem a temperatura não a incomodava. Ainda assim, começou a transpirar das mãos que seguravam o equipamento de Quenestil, mas isso talvez não se devesse apenas ao ambiente. E os odores e calores de todos aqueles corpos ajuntados eram opressivos...

”Acalma-te, mulher...”

Quenestil não guardava boas memórias da arena, e ela parecia-lhe tão ou mais opressiva que da primeira vez, com a única diferença que desta vez era o centro das atenções: um eahan ruivo acorrentado e com um aspecto miserável. Mas era sobretudo Babaki quem ocupava os seus pensamentos. Que espécie de jogo estaria o Tannath a jogar? Iria forçá-lo a assistir a quê, mais um combate? Um eahanoir falava por cima das cabeças de todos os presentes, suspenso dentro de uma jaula pendurada com correntes por cima da arena, mas Quenestil não prestou atenção às suas palavras.

Quando chegaram aos primeiros lugares no parapeito do anfiteatro, dois hasslir sentaram-se, um deles puxando Quenestil consigo.

Tannath, Shanaya e Slayra ficaram no meio, com dois assassinos de cada lado e um na fila de trás a vigiar as costas do seu senhor. Quenestil olhava em redor como um animal enjaulado e cercado de inimigos. Slayra alternava regularmente o seu aperto molhado nas peças do equipamento do eahan. Shanaya engolia a custo devido à língua ferida, presenteando Quenestil por vezes com um odioso olhar de esguelha. Tannath aguardava.

Foi então que o eahanoir gritou os nomes dos combatentes.

A luz das quatro fogueiras espalhadas pela arena era fulgurante para os olhos de Babaki, e o calor quase palpável. O gáudio da multidão manifestou-se num sonoro clamor que reverberou por todo o anfiteatro e o antroleo viu dois combatentes a saírem da grade oposta à sua. Ambos eram homens altos e corpulentos, mas um empunhava um chuço de guerra capaz de varar um javali e o outro brandia uma espada de lâmina larga e um broquel. Um tinha a cara enfaixada com tiras de feltro, cujas falhas revelavam pele desfigurada, o outro era barbudo e faltava-lhe uma orelha. Um envergava uma camisa de couro com rebites metálicos, o outro uma túnica de cota de malha. Ambos eram matadores natos, e cada um caminhou para seu lado com passos experientes, empunhando as armas com firmeza. O público ovacionou-os. Babaki olhou em redor, perscrutando a multidão por um eahanoir com uma tatuagem no olho esquerdo. A luz das fogueiras dourava as caras que o antroleo podia ver, e todas as que não estavam borradas pelo calor do fogo pareciam-lhe iguais de onde se encontrava. Roupas de todas as cores e feitios, homens gordos e magros, grandes e pequenos, barbudos e de cara rapada, morenos e louros, ruivos e... Ruivo!

Os olhos de Babaki prenderam-se nos cabelos que refulgiam como labaredas com o brilho do fogo. Quenestil!

Quenestil... disse o antroleo para si mesmo em voz baixa, mal querendo acreditar.

O eahan também o viu e inclinou-se no parapeito, mas um eahanoir puxou-o bruscamente para trás. O público gritava, batia com os pés na pedra, mas as únicas batidas que Babaki ouvia eram as do seu coração a retumbarem nos seus ouvidos. As suas pernas flectiram-se, as suas veias abrasaram-se, o seu peito entrou em fogo e as suas orelhas encolheram-se para trás. O antroleo estava tenso como um fio de aço esticado ao limite, e os seus adversários separaram-se mais para o flanquear.

Babaki investiu contra o maior, o que empunhava o chuço.

Correndo aos ziguezagues, cobriu metade da distância que o separava do seu oponente com incrível rapidez, mas o da espada tinha um curto tempo de reacção e a meio da trajectória lá estava ele, varrendo o ar com um golpe lateral baixo. O público bradou. Babaki limitou-se a pular por cima da lâmina, sem reparar que ela visara os seus joelhos com o lado plano. O do chuço fincou o pé de trás no chão e flectiu a perna da frente, colocando a sua arma em posição para receber a carga do antroleo. Babaki fintou-o a escassa distância, saltando para o lado e investindo de través. O homem mal teve tempo para pôr o chuço entre si e o seu oponente, mas Babaki limitou-se a agarrar o cabo da arma com força e a empurrar, transferindo todo o seu peso para a frente e para cima do humano com a intenção de o impelir contra a parede. A única coisa que o homem conseguiu fazer foi desferir um pontapé na canela do antroleo, o que fez com que se desequilibrasse e caísse ao chão. O chuço estava nas mãos de Babaki. Virou-se rapidamente e viu que o da espada arremetia na sua direcção. A multidão berrou em furor. O antroleo girou a lança, varrendo o ar à sua frente para manter distância, mas o humano aceitou o desafio e quis apresentar o aço da sua lâmina à madeira do cabo do chuço. Babaki declinou sabiamente e recuou perante as varredelas da espada, permitindo ao seu adversário avançar. Este não se fez de rogado e insistiu. O antroleo não estava habituado a lutar com lanças, não sabia como compensar a fragilidade da madeira contra uma espada e aproveitar o alcance maior, nem como estocar sem deixar que o adversário penetrasse na sua fraca defesa. E o outro oponente já estava em pé de adaga desembainhada.

Decidiu improvisar.

O humano olhou estupefacto por instantes quando o antroleo atirou a lança desajeitadamente ao ar na sua direcção. Os seus reflexos impulsionaram-lhe o braço do broquel a bloquear a haste e Babaki aproveitou esse único momento para lhe saltar em cima, desferindo-lhe um pontapé na barriga. Alguma coisa lhe cortou o flanco, mas o antroleo ignorou-a. Com o humano a rebolar pelo chão, apressou-se a pegar no chuço uma vez mais e olhou em redor. O chão arenoso era demasiado macio para aquilo que ia fazer. O que... as fogueiras! Olhou para um dos pontos ardentes e constatou que o chão era mais duro, possivelmente de pedra. O humano da cara enfaixada aproximava-se cuidadosamente e o outro já se estava a levantar, mas Babaki ignorou ambos. Sim, sabia o que fazer.

Correu na direcção da fogueira, chuço em riste.

O público gritava em entusiasmo. Quenestil gritava em desespero. Os adversários olhavam, atónitos.

A ponta do chuçó encalhou no chão duro da fogueira e o antroleo usou a arma para se impulsionar por cima dela. Babaki deixou a arena para trás, aproximou-se do tecto. Por momentos voou.

No seguinte estatelou-se contra a parede e braço e perna direitos agarraram-se com força ao parapeito.

O caos foi então entornado no anfiteatro.

Os gritos de histeria tornaram-se autênticos, agravados pelo medo. A primeira fila desbaratou-se, correndo por cima dos que estavam sentados nos lugares anteriores. Babaki içou-se, rosnando, e de seguida estava de pé e fora da arena, olhando em redor, um lobo à solta no meio de carneiros apavorados em fuga. O pânico foi geral, e muitos guardas eahanoir foram derrubados antes de sequer tentarem impor a ordem. O antroleo perscrutou a amálgama de corpos e membros agitados, cheirando o medo, e avistou a cabeleira ruiva do outro lado do círculo. Empunhou as *shwafwif* e correu nessa direcção.

Cinco hasslir desembainharam os estiletos e quebra-espadas e posicionaram-se entre o seu senhor e a fera enquanto o sexto se afastou, puxando Quenestil. Shanaya estava atordoada pelo turbilhão de emoções extremas que fora criado no anfiteatro. Tannath levantou-se, já com as armas nas mãos, olhando para Slayra com incerteza. A eahanoir estava paralisada, e antes que pudesse recuperar a compostura, Babaki já estava em cima dos hasslir, descrevendo curvas e contracurvas com as rutilantes *shwafwif*.

Com um rosnido, Quenestil projectou a cabeça para trás e sentiu o despedaçar molhado do nariz do eahanoir na sua nuca. Quase ao mesmo tempo, levou o braço à frente e de seguida para trás, espetando uma barriga mole com o cotovelo. Girou em si e envolveu o pescoço do hasslir com as correntes que o prendiam, mas desta vez não hesitou. Assentou a cabeça do eahanoir para cima do seu ombro e deixou um joelho cair, puxando com toda a força. As vértebras estalaram-lhe ao ouvido e o shura deixou o morto cair, procedendo a procurar as chaves para as grilhetas no seu cinto.

Slayra já se havia levantado e desembainhara um punhal para o espetar nas costas de Tannath, mas alguém lhe agarrou o pulso. Antes que se pudesse virar, um punho embateu dolorosamente contra os seus rins e a mão que lhe agarrara o pulso torceu-lho, forçando Slayra

a largar o punhal. Um pé bateu-lhe no jarrete, duas mãos puxaram-lhe o braço para baixo e a cabeça da eahanoir bateu contra um joelho, fazendo com que o mundo de Slayra vacilasse. Antes que o abalo terminasse, Shanaya estava em cima de si e pouco depois o seu punho.

Babaki rugia como o animal selvagem que queria que todos acreditassem que fosse. As *shwafwif* dançavam com ar, aço e carne. Os estiletos dos eahanoir já o haviam furado várias vezes, mas naquele momento eram para ele pouco mais que picadas de abelhas. A única coisa que importava era tirar o Quenestil e a Slayra dali, nem que para isso tivesse de cortar todos os eahanoir que se lhe metessem no caminho. Os *hasslir* eram lutadores notáveis, mas nada os podia ter preparado contra um adversário tão feroz e tão desapegado à própria vida. Um havia caído ante a arremetida do antroleo, os outros quatro saltavam, esquivavam-se e investiam à volta de Babaki como zangões furiosos. Tannath circundou a peleja, procurando uma oportunidade para uma estocada mortal, mas então viu o que se passava para além da refrega com o antroleo: Slayra e Shanaya engalfinhadas e Quenestil a soltar-se!

A shionna preparava-se para esmurrar Slayra outra vez quando o

joelho desta colidiu contra a sua ilharga e uma dor lancinante fez com que arqueasse as costas. A eahanoir pegou-lhe na gola da capa e

despediu-lhe um soco em cheio na cara, tirando-a de cima de si

e contra o assento de pedra da primeira fila.

Quenestil não conteve um grito de liberdade quando as grilhetas estalaram com a última volta da chave, caindo no chão com um ruído metálico. Viu Slayra zozna no chão e a shionna caída perto dela, mas a recuperar. Para além das duas, viu o seu equipamento e, para além do equipamento, Babaki, que lutava contra quatro *hasslir*. Levantou-se de seguida, correndo a ajudar Slayra e Babaki, mas viu uma sombra com um ferrão brilhante a pular de um assento e a planar na sua direcção. O shura atirou-se ao chão e a lâmina arrancou-lhe parte da camisa de pele de carcaju ao ombro. Dois pés pousaram graciosamente no solo de pedra, mas antes que Quenestil pudesse sequer pensar em os agarrar, um deles voou contra o seu tronco. O ângulo do golpe foi mau, mas magoou-lhe as costelas na mesma. Quase por instinto, os seus braços envolveram a perna e puxaram-na, levando o seu agressor ao chão. Tannath então estocou em frente com o estilete, visando o coração de Quenestil, mas o shura conseguiu desviá-lo com a mão, ferindo os dedos no processo. Então veio o joelho do eahanoir contra as suas costelas, seguido de um golpe com o pomo do estilete na cara, que tirou o shura de cima de Tannath.

Slayra ergueu-se, apoiada no parapeito e limpando o canto da boca com as costas da mão. Shanaya também se levantou, mas ao ver que a eahanna estava disposta a levar a luta até ao fim e observar a furiosa refrega que se estava a desenrolar, pareceu chegar à conclusão de que não pertencia ali e recuou. Slayra fez tentações de a seguir, mas ouviu sons de luta atrás de si e viu Tannath e Quenestil. O eahanoir e o shura lutavam à beira do parapeito, e Tannath estava por cima do eahan, que tentava evitar que a ponta do estilete lhe chegasse à garganta enquanto fazia os possíveis para não ser atirado para dentro da arena. Tannath estava em vantagem. Esquecendo a shionna, Slayra pegou no seu punhal caído e foi na direcção dos dois, mas antes que estivesse à distância certa para o cravar nas costas do eahanoir, o pé de Tannath subiu bruscamente, apanhando Slayra em cheio no estômago. A sua perna chicoteou-lhe a cara de seguida e a eahanoir foi derrubada pelo golpe, estatelando-se no chão. Esse movimento deu a Quenestil o tempo e o equilíbrio para enganchar o tornozelo do seu adversário com o pé e tirá-lo de cima de si, mas o corpo delgado de Tannath torceu-se como o de um gato e o eahanoir ficou lado a lado com o shura, ambos à beira do parapeito. Quenestil levou a cabeça para a frente com ímpeto, mas atingiu a testa do eahanoir e o impacto magoou-o tanto quanto ao seu adversário, que não perdeu tempo e puxou o eahan contra o seu joelho. O shura expeliu o ar ruidosamente para fora, mas agarrou a coxa de Tannath teimosamente com o braço livre, gritando de dor quando a mão que agarrava o pulso da arma de Tannath perdeu a força e o estilete lhe furou o trapézio. Com um rosnado, levantou o eahanoir pela perna e atirou-o por cima de si. Tannath tentou absorver o impacto da queda, mas o tombo no chão foi desajeitado e os ossos receberam grande parte do embate.

Uma das *shwafwif* de Babaki foi apanhada entre os dentes de um quebra-espadas, que o seu empunhador torceu bruscamente, quebrando a lâmina. O antroleo rugiu, esmurando o sítio onde a cabeça do eahanoir devia estar antes de este se baixar e rugindo uma vez mais quando algo lhe fez uma profunda incisão atrás da coxa. Deu um passo atrás, girando em si, e enfrentou um assassino que investia de estilete em riste. Viu-o tarde demais para evitar que a ponta aguçada lhe furasse o ventre, mas teve tempo de oscilar selvaticamente os compridos braços, degolando o seu agressor com a lâmina de uma *shwafwif* e perfurando-lhe a cara com os espinhos da guarda da mão da outra. Um tombou, três atacaram ao mesmo tempo e o corpo de Babaki tremeu com o frio do aço que o perfurou.

Tannath ergueu-se, a dor da queda apaziguada pela adrenalina, e confrontou Quenestil e Slayra, ambos lado a lado. O eahan pegara a sua faca caída no chão e Slayra desembainhara estilete e quebra-espadas. O eahanoir não teve tempo sequer para esmaecer com a crueza da verdade, pois eahan e eahanna atacaram com determinação nos olhos. Então o ódio jorrou do seu fígado e Tannath rilhou os dentes de raiva, enfrentando os dois de pernas flectidas. Quenestil investia de frente como um carcaju selvagem enquanto Slayra saltava para cima de um assento de modo a ganhar altura e flanquear Tannath, mas o eahanoir fez o mesmo e desviou-se da estocada da eahanna com um golpe de ancas. Agarrou-lhe o pulso, puxando-a para a frente, e levou o joelho à barriga de Slayra. Com a mesma perna desferiu um pontapé na cara de Quenestil ao mesmo tempo que batia com o cotovelo na base da coluna da eahanoir, lançando-lhe um paralisante choque pelo corpo inteiro. Descartou-a como um manequim de treino e saltou de encontro a Quenestil, que se encontrava uma vez mais à beira do parapeito. O shura aparou um murro de Tannath com o braço, tentando abrir caminho para uma estocada com a faca, mas a mão do eahanoir num momento estava afastada da sua cara e no outro já lhe rebentava o inchaço do olho ferido enquanto a outra abruptamente lhe esvaziava os pulmões. Em rápida sucessão, Quenestil foi atingido no queixo, barriga, rim, e queixo outra vez, traçando uma linha de sangue no ar enquanto dava uma volta e caía de peito no peitoril. O mundo era para o eahan um imenso negrume pontilhado de branco como um céu nocturno, e só conseguia ouvir um zumbido que abafava os ruídos da luta. Tannath considerou Quenestil incapacitado e virou a sua atenção para Slayra a tempo de ver a eahanoir atacar com um grito.

O primeiro murro foi fácil de evitar. O segundo veio com uma rapidez que Tannath nunca vira na eahanna, atingindo-o no epigastro, e mal foi capaz de fluir com o impacto do terceiro na sua cara. O eahanoir apoiou-se com os braços num assento, convidando um pontapé no seu estômago exposto, que o virou de costas. Slayra estava agora em cima de si, agarrando-o pelo colarinho e dispensando-lhe repetidos socos. No entanto, não eram os golpes que magoavam Tannath, mas sim a chama viva nos olhos da eahanoir, raiva gerada por dor, dor partilhada com Quenestil.

Quenestil.

Quenestil.

Todas as dúvidas, todas as incertezas, todas as indecisões, tudo isso escorreu do seu coração, chapejando venenosamente na sua bile, quente

e fumegante, que entrou em ebulição. O punho de Slayra achatou-se na palma da mão de Tannath, e a eahanoir teve apenas um breve instante para captar a álgida fúria nos olhos do assassino antes de estes explodirem de cólera e de esta lhe transbordar em cima.

O aço frio dos eahan negros mordera a carne de Babaki demasiadas vezes, incontáveis pequenas punções que vertiam profusas lágrimas vermelhas. A visão turvava-se-lhe, os movimentos tornavam-se progressivamente lerdos, a dor de tantos ferimentos cada vez mais aguda. Os hasslir eram dardejantes borrões negros munidos de cruéis espinhos cruentos e luzentes. A sua *shwafwif* incólume ainda dançava, mas há muito que os eahanoir lhe haviam lido o padrão e evitavam-na facilmente. Começava a sentir-se cansado, como um urso fustigado por infatigáveis cobras...

O zumbido nos ouvidos de Quenestil amainou e o eahan conseguia mais uma vez distinguir os sons da refrega, os rugidos de Babaki, os beijos afiados das lâminas, os grunhidos e arfares dos combatentes, mas sobretudo os baques surdos de golpes. Apoiando as mãos no peitoril, ergueu-se o suficiente para poder virar a cara e ver Slayra a ser castigada pelos punhos de Tannath. O afluxo de sangue à cabeça pareceu clarear-lhe a visão fosca e o shura impulsionou-se com os braços, mas as trémulas pernas traíram o concutido eahan e este caiu de joelhos.

A velocidade de Tannath era incrível. A única coisa que Slayra podia fazer era manter os cotovelos junto às costelas e os braços cerrados, resguardando a cara, mas os punhos do eahanoir conectavam com o seu alvo demasiadas vezes, originando estouros de dor alimentados pela sua fúria. A defesa da eahanna baixou com um golpe no estômago e a sua cabeça bamboleou para um lado e para o outro com dois murros na cara. Mais por instinto que qualquer outra coisa, o seu braço saltou, visando qualquer ponto no corpo de Tannath, mas este deflectiu o golpe e retribuiu com dois em rápida sucessão nas costelas de Slayra. A mente do assassino era uma conflagração de emoções, amor não retribuído, ódio por sentir amor, a certeza da traição, a traição da convicção, tudo brasas incandescentes implacavelmente vergastadas pelo atizador da fúria. Um pontapé lateral no joelho de Slayra fez com que este a levasse ao chão, ajudado por mais um soco na cabeça, mas reunindo um último resquício das suas forças, a eahanna ergueu-se de súbito e projectou o punho na direcção da cara de Tannath. Este agarrou-lhe facilmente o pulso, colocou-lhe a mão no ombro e impeliu-a para baixo, empurrando o braço para o lado. *Estalo.*

O grito de dor de Slayra ecoou pelo anfiteatro e pelos ouvidos de todos os presentes, principalmente Babaki, cujas orelhas se arrebitaram.

E então tudo ficou vermelho.

Ao grito de Slayra sobrepuôs-se um possante rugido. Os hasslir estacaram momentaneamente, aterrados, recuperando o controlo sobre os seus corpos apenas quando um dos seus foi literalmente rasgado ao meio pelo antroleo. Ignorando os dois sobreviventes, Babaki cobriu a distância que o separava de Slayra e o seu agressor com um único pulo.

Tannath ficou paralisado pela visão de um enorme humanóide de olhos vermelhos, presas e garras cruentas e pêlo manchado de sangue que lhe saltava em cima com fúria animal. Ainda teve a presença de espírito para se baixar e saltar para o lado, mas as garras da besta rasgaram-lhe capa, roupa e costas, dilacerando-lhe a carne até ao osso e atirando-o ao ar, rodopiando como uma ave ferida. Um grito de dor saiu dos lábios do eahanoir, que não parou de gritar enquanto caía para dentro da arena. Foi silenciado pelo baque arenoso da sua queda.

Babaki devolveu a sua atenção aos dois hasslir que pareciam querer fugir, preparando-se para lhes saltar em cima, mas algo ou alguém lhe pulou para as costas, envolvendo-lhe a cabeça com os braços. O primeiro reflexo do antroleo foi o de se contorcer selvaticamente, atirar-se de costas ao chão, partir os ossos de quem lhe saltara em cima, rasgá-lo em pedaços...

Mas algo de inesperado aconteceu.

O animal fugia-lhe.

Agarrada ao pescoço e cabeça do antroleo, Shanaya emitiu um sonoro gemido, quase um grito de prazer. Nunca sentira nada igual: ódio, raiva, medo, desespero, um jorro em dilúvio de uma alma atormentada. Era indescritível, inconcebível. Os seus olhos amarelos fecharam-se. Queria mais.

Babaki rugiu, mas mal conseguiu levantar os braços. O animal estava a escapular-se-lhe literalmente por entre os dedos: podia sentir a sua presença, mas esta minguava, como se estivesse a cair num escuro abismo, o seu rosnado cada vez mais indistinto, a sua até há pouco palpável presença desvanecia-se lentamente. A primeira reacção do antroleo foi o pânico, mas também este foi engolido, sugado pela mancha escura que sentia mas que não podia ver. Foi então que Babaki se começou a aperceber do efeito tranquilizador do abismo, a placidez da apatia, a serenidade do vazio deixado pelo animal... Nunca

se sentira tão bem... Quenestil... tão em paz... Slayra... a acalmia... Quenestil... livre do animal... Slayra... pura ataraxia... Quenestil... Slayra... Quenestil!

Babaki teve um vislumbre da realidade da qual a mancha o estava a puxar, e viu o seu amigo, pronto a enfrentar dois eahanoir, e Slayra, caída. Prometera, jurara, vez após vez após vez. Não mais falharia para com os seus companheiros. Nunca mais.

NUNCA-MAIS.

Babaki levou os seus braços bruscamente ao ar, cerrando os punhos com tal força que alojou as garras na palma da mão, vertendo sangue. A sua boca escancarou-se, exibindo as temíveis e vermelhas presas. Das profundezas da sua garganta, do âmago do seu ser, veio um rugido como tal nunca fora ouvido na arena, um urro de tal roaz furor que as próprias paredes pareceram estremecer e que fez com que os corpos dos presentes vibrassem. Shanaya sofreu uma enorme pressão na cabeça, e sentiu que tinha de fechar os olhos para os impedir de saltarem das órbitas. Algo quente começou a escorrer pelo seu nariz abaixo, mas a shionna estava absolutamente extasiada com o afluxo de emoções provenientes do antroleo e abraçou-o com mais força, abrindo-se a toda aquela cólera. O rugido aumentou de intensidade, e Quenestil e os hasslir viram-se forçados a tapar os ouvidos. Shanaya não o fez; tal era o arroubo que nem sentia o calor do sangue que lhe vertia das narinas nem a incrível pressão na cabeça, que parecia pronta a explodir. Abria-se cada vez mais às emoções do antroleo, absorvendo-as como uma esponja, mas tarde demais a shionna apercebeu-se de que era apenas isso, uma esponja, enquanto a raiva de Babaki era uma torrente. Quando o antroleo fez um último apelo ao animal, lançando o seu derradeiro rugido, os olhos de Shanaya arregalaram-se, vidrados, e algo quente jorrou também dos seus ouvidos, abafando todo o ruído menos o do seu palpitante coração, que se contraiu com tal força que lhe pareceu explodir no peito.

Antroleo e shionna tombaram.

Quenestil gritou. Mal conseguia ouvir, pois fora ensurdecido pelo possante rugido, mas viu o seu amigo a cair de frente com Shanaya por cima, o que o incitou a atacar os dois eahanoir sobreviventes. Um deles, ainda atordoado pelo poderoso rugido, foi prontamente estocado no peito pela comprida faca do shura, que se enterrou profundamente na sua carne. Tão profundo foi o golpe que Quenestil não conseguiu libertar a lâmina a tempo de se defender da investida do último hasslir, que atacou com o estilete. Saltou para trás para o

evitar, mas o eahanoir dardejou em frente com um brilho assassino na lâmina. O shura tropeçou em algo e caiu de costas no chão, convidando o assassino a atacar. As suas mãos procuraram algo freneticamente atrás das suas costas e os dedos de uma crispavam-se num objecto frio e duro. Quenestil varreu o ar à sua frente e a corrente das grilhetas que agarrara enrolou-se violentamente no pulso do eahanoir, desarmando-o. O eahan puxou o hasslir de seguida para o chão e pôs-se em cima dele, enrolando a corrente à volta do punho. Com os olhos e dentes cerrados de raiva, começou a esmurrar o eahanoir com abandono, batendo e batendo e batendo e continuando a bater até nada mais sobrar da cara do assassino que uma deformada ruína vermelha. Salpicado de sangue, Quenestil livrou-se da corrente e apoiou-se com as mãos no chão, sentindo tudo a andar à roda e o seu corpo a pulsar com jorros estimulantes. Permitiu-se uns breves instantes de descanso para relaxar o latejante corpo, mas cedo se lembrou de Babaki... e Slayra! Levantou a cabeça e viu a eahanoir, que se estava a mexer, caída perto do antroleo. Levantou-se sem mais demoras, o seu coração a acelerar cada vez mais, e correu na direcção da eahanna, passando por Babaki, o chamamento do coração mais forte que o da amizade.

Slayra sentia frio. Arrepios percorriam-lhe o corpo, fazendo-a tremer de convulsões involuntárias. A dor no seu ombro era cruciante e o seu braço estava paralisado, morto. Lágrimas afluíam-lhe aos olhos, borrando a figura que lhe apareceu por cima e lhe agarrou os braços. Só mexer no seu membro ferido foi o suficiente para que a eahanna arfasse de dor, mas essa mesma dor clareou-lhe a visão e pôde distinguir as feições do seu amado.

Quenestil... sussurrou a custo.

Não fales, não fales... pediu-lhe o eahan, a sua testa respingada de sangue enrugada de preocupação.

O meu ombro... deuses, o meu ombro... soluçou Slayra.

O shura observou-lhe o braço, tocando-lhe tão gentilmente quanto possível, mas cada toque seu parecia fazer com que o osso deslocado roçasse contra a clavícula e Slayra gemia de dor. Quenestil percebeu e desabotoou-lhe a capa, cerrando o maxilar com força ao ver a saliência debaixo da pele inchada do ombro da eahanoir. Sabendo o que fazer, olhou em redor, procurando algo que Slayra pudesse morder, mas não encontrou nada que servisse.

Coragem, meu amor acabou por lhe pedir, afagando-lhe a testa e agarrando-lhe o pulso com delicadeza. Coragem... repetiu, pondo-lhe a outra mão por cima do ombro. Isto vai doer.

O eahan repôs o osso na sua articulação bruscamente, e o grito de Slayra quase lhe dilacerou o coração. A eahanoir bateu violentamente no chão com a mão fechada e as suas costas arquearam-se, cada membro do seu corpo esticado até ao limite.

E então a inconsciência envolveu-a no seu tranquilizador abraço.

Quenestil suspirou, grato por não ter de ouvir os gritos de agonia de Slayra. Uma sombra abateu-se repentinamente sobre os dois eahan e o shura virou-se, cerrando os punhos e determinado a morrer antes de permitir que mais algum eahanoir tocasse na sua amada.

Babaki estava à sua frente, sustido sobre duas pernas trémulas. Empunhava apenas uma *shwafwif* inteira, a outra pouco mais era que uma sequeira com espinhos. O seu pêlo tinha a cor da pelagem de uma raposa, amarelo tinto de sangue, rasgado por lacrimajantes feridas abertas, mas eram os olhos do antroleo que mais impressão causavam a Quenestil; estavam vazios, desprovidos de vida, bem podiam ser os olhos de um morto.

Deuses, Babaki! Precisas de ajuda! vociferou o eahan, erguendo-se e agarrando os braços sangrentos do seu amigo.

Não... recusou Babaki. Temos... de sair daqui. A voz do antroleo era oca, como o som dentro de uma casca seca e vazia.

A shionna, ela...

Não há tempo... Quenestil. Temos de sair... interrompeu o antroleo, curvando-se e levantando Slayra a custo nos seus braços. Leva... as tuas coisas...

O eahan queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas nada lhe ocorreu. Babaki parecia decidido e olhava para o shura com Slayra nos seus braços como se esperasse por ele, pelo que Quenestil pouco mais pôde fazer que ir recolher o seu equipamento. Desconhecia as intenções do seu amigo, mas sabia que teriam de passar por muitos eahanoir antes que pudessem sair da cidade. Nem sabia como o fazer, o mais certo era morrerem antes de chegarem sequer aos portões...

Mas não importava. Iria tirar Slayra e Babaki de Jazurrieh, ou morrer a tentar. Enfiou o arco ao ombro, atou a aljava ao cinto, atirou o estojo para trás das costas e embainhou o facalhão, mas manteve a bainha na mão esquerda. Foi aí que reparou pela primeira vez o quão feridos os seus dedos estavam de terem deflectido a estocada do estilete, mas ignorou a dor, bem como a quente humidade no seu trapézio direito.

Vamos então disse, tocando no dente de carcaju do seu colar.

"Ajuda-me, Mãe, pois não sei se as minhas forças me falharão agora que mais preciso delas..."

DUELO

Aewyre mordeu a língua involuntariamente quando os seus dentes tiritaram de frio enquanto remexia no seu incisivo. Praguejou, mas os impropérios foram arrastados pelo vento gelado que os céus da estepe bafejavam. O jovem puxou o capuz mais para a frente, apesar de as suas orelhas já estarem frias ao toque, e cruzou os braços para melhor se agasalhar.

”Será que a ideia dele era deixar-me morrer de frio enquanto o procurava?”, considerou por breves instantes.

As suas botas de couro robusto esmagavam a neve seca e dura em largos passos regulares desde que a noite caíra sobre o acampamento e a luzente Lua cheia ascendera. Krór dera-lhe indicações para seguir na direcção na qual o Sol se pusera. Acabaria por o encontrar, também dissera o drahreg, mas o problema era que Aewyre já não sabia se estava a ir para Leste ou Oeste, ou mesmo se já descrevera círculos em redor do acampamento. Cada vez que olhava para trás via os pontos brilhantes das fogueiras das sentinelas do acampamento, mas esse era um incerto indicador do rumo a tomar, pelo que o jovem continuava teimosamente em frente, em direcção a Krór, em direcção àquela que decerto seria a morte de um deles.

O dia fora um autêntico pesadelo. A presença do drahreg, física ou na sua cabeça, fora uma constante. Comera com ele, tentara falar com ele, cheirara o seu odor, parecia-lhe ouvir a sua voz de cada vez que alguém lhe dirigia palavra, e sempre que se viam, os seus músculos retesavam-se instintivamente, como dois animais em território neutro. O ”tendão” havia-se tornado insuportável, sempre a puxar, sempre tenso, atraindo fatalmente os dois guerreiros para um combate do

qual só um poderia sair vivo. A última vez que vira Kror fora ao jantar, enquanto comia uma pratada de ratos estufados. O drahreg estivera ao seu lado, como sempre o fazia, como não podia deixar de o fazer, e comera em silêncio durante toda a refeição. O dia podia ter acabado ali pacificamente, mas o próprio "tendão" parecia ter interferido, literalmente. Fora um incidente bastante ridículo até, agora que pensava nele, mas acontecera e provocara as suas reacções. Kror estivera a comer um rato e ferrara o dente nele, puxando-o para arrancar a carne. Calhou que no processo de dilacerar o pitéu um pedaço de molho voasse contra o olho de Aewyre. A partir desse momento fora a loucura. O jovem saltara para cima de Kror, fazendo com que este entornasse a taça de *boozlan* em cima do *ayan*, e os dois haviam começado a lutar como dois cães engalfinhados. Aewyre esfregou a parte do seu antebraço que fora mordida pelo drahreg quando o jovem lhe havia prendido o pescoço numa chave. Fora incrível, a maneira como uma gota de molho despoletara uma reacção totalmente instintiva e animalesca em si, fazendo-o esquecer onde estava e com quem estava, vendo apenas Kror à sua frente, nada mais querendo que matar o drahreg. Após uma breve troca de socos e já de mãos nas gargantas um do outro, ambos foram separados, mas foram necessários vários homens fortes para os manter afastados. A única coisa que Aewyre recordava desses momentos era a expressão chocada de Lhiannah, a consternação na cara de Allumno e a voz berrante de Worick ao seu ouvido. Lamentou uma vez mais ter envolvido os seus amigos nesta confusão, mas agora nada havia a fazer. Quando os ânimos se haviam acalmado, e após uma breve conversa entre o *ayan* e Kror, Aewyre e o drahreg foram forçados a apertar as mãos e abraçarem-se como irmãos. Ao fazê-lo, Kror sussurrara ao ouvido do guerreiro que se encontrasse com ele no exterior, e saiu de seguida do *yugr*.

Aewyre fez como lhe fora indicado e encontrara o drahreg a urinar perto do curral das escanzeladas cabras. Dirigiui-se a ele e Kror explicou-lhe o seu plano, parecendo desafiar Aewyre com o olhar a urinar naquele local também. Coisa de loucos... O drahreg explicara-lhe que, enquanto hóspedes do *ayan*, Aewyre e os seus amigos não podiam ser molestados. O olhar de Kror, porém, irradiava o desejo de fazer precisamente isso naquele preciso momento. Mas o seu autocontrole não era inferior ao do humano e refreou-se de o fazer, se bem que as suas mãos não parassem quietas. Dera-lhe então as indicações para o que dizia ser "um sítio onde podemos lutar" e desaparecera.

Aewyre não tivera muito tempo para refletir, apenas o suficiente até o Sol se pôr. Nunca reparara no quão cedo a noite caía na estepe invernal até então, ou talvez o tempo tivesse passado mais depressa por ter estado a pensar. Allumno perguntara se estava tudo bem, e Taislin também quisera saber o que se passava, mas o jovem desculpou-se com o incidente do jantar, o que não era de toda mentira. Por fim, quando viu o globo flamejante a enterrar-se na estepe, colorindo a neve de laranja, tomou a sua decisão. Saíra sorrateiramente do acampamento, sem sequer vestir a armadura para não chamar atenção, e agora aqui estava ele, tendo como único inimigo o frio, tentando encontrar o seu rumo naquela desolada vastidão de neve parcamente iluminada pelo brilho selénico.

”Raios partam o tendão... Hoje isto acaba.”

Avistou Kror pouco depois. O drahreg esperava-o de braços cruzados dentro de um círculo que criara com as próprias pegadas. Mesmo àquela distância o guerreiro viu a vermelhidão das pupilas do seu adversário, dois juramentos de morte. A sua morte, ou a dele. Kror aguardava, observando cada passo do humano atentamente, procurando fraquezas mesmo àquela distância.

Foste esperto em afastá-lo dos seus amigos elogiou Kerhex.

- Agora toma a iniciativa, apanha-o desprevenido...

Tenta pelo menos falar recomendou Sassiras’s. Talvez isto não seja necessário...

Calem-se vocês os dois! Ele é meu e não preciso dos vossos conselhos! declarou o drahreg, sentindo a ira fervente de Kerhex e a gelada indignação de Sassiras’s quando ambos se retiraram da sua mente.

Kror piscou os olhos para aclarar a cabeça e quando os abriu, Aewyre já tinha a sua espada desembainhada, empunhando-a com uma mão apenas e mantendo a ponta baixa. Os passos do guerreiro eram agora cuidadosos, quase lentos, fazendo com que a sua aproximação parecesse durar uma eternidade. O vento uivava em antecipação.

Inesperadamente, veio à memória de Aewyre a noite após a incursão em Moorenglade, quando estivera deitado naquela clareira da qual se podia ver o céu estrelado. O que havia prometido a si mesmo? *”Não serei uma peça no jogo de ninguém.”* Bem, este jogo era o da Essência da Lâmina, e se não estava a agir como uma peça... Resignado, o guerreiro deu um último passo e parou à distância de uma estocada, puxando o capuz para trás. Prendera o cabelo num ridiculamente pequeno rabo-de-cavalo, já que este havia crescido ao ponto de se tornar incómodo numa luta, mas mesmo assim as lufadas frias

arrancaram-lhe umas madeixas e deixaram-nas a abanar ao vento. Kror levou calmamente as mãos por cima dos ombros e tirou os alfanges, cujas lâminas lamberam as bainhas, sibilantes. As suas pesadas tranças dançavam com as rajadas, oscilando como serpentes negras, e o drahreg cruzou os alfanges numa espécie de saudação. A tensão entre os dois guerreiros era palpável, a aparente calma um fio prestes a estalar, as suas espadas duas cobras prontas a arremeter. Aewyre ainda pensou em tirar as luvas, mas viu que o drahreg ainda tinha as suas postas e achou que era melhor ter mãos pouco maleáveis que dedos entorpecidos.

Antes de começarmos... uma coisa pediu. Kror aguardou.

Se eu... se tu ganhares, o que vai acontecer aos meus amigos? O drahreg não tirou os olhos dos do humano enquanto parecia

pensar numa resposta, ou talvez estivesse apenas à procura das palavras certas. Quando por fim falou, a sua voz foi franca, quase compreensiva.

Não lhes vai acontecer nada. Os Cho Tirr fizeram-lhes mal sem querer. A lei das estepes exige compensação.

Obrigado agradeceu Aewyre num meio suspiro. Ainda quis perguntar o que aconteceria se ganhasse, mas notou que as pernas de Kror já estavam flectidas e os seus alfanges em posição de combate. O "tendão" puxava, rangia como os fios de uma corda esticada até ao limite.

"Para os infernos com o paleio, então..."

Ancalach empinou-se e desceu com ímpeto, saudando os alfanges cruzados com um tinir como uma troca de cumprimentos entre velhos companheiros.

Gulan, o rapaz o carr, vira Aewyre a sair sorrateiramente do acampamento quando se fora aliviar fora da tenda. Achara o guerreiro circunspecto demais, e a memória do incidente durante o jantar ainda estava bem viva. Com a curiosidade espicaçada e devidamente agasalhado graças às insistências da sua mãe, Gulan seguira o hóspede sorrateiramente para longe dos *yugr*. Olhara duas vezes para trás, apreensivo, mas a curiosidade fora mais forte que a prudência e continuara a sua perseguição. O que ia o estranho fazer tão tarde? As primeiras coisas que lhe haviam vindo à cabeça deveram-se às histórias de cama da sua mãe, contos dos esfoladores que vinham a coberto da noite para arrancar a pele às crianças desobedientes, mas Gulan

sempre se julgara capaz de enfiar uma seta no olho de um udagai. Pelo menos o seu pai sempre lho dissera, orgulhoso, durante os treinos de arco. Claro que agora não tinha um... bem, podia sempre fugir e correr a avisar a tribo. Sim, era isso mesmo que iria fazer caso o estranho estivesse em conluio com os esfoladores que haviam atacado os guerreiros da sua tribo no Poço de Songul.

Mas assim que vira Potro Negro as coisas haviam-se tornado bem mais interessantes. Iriam continuar o combate fora do acampamento? Teria Potro Negro ido à caça sem ninguém saber e o estranho agora apanhara-o longe dos seus? Tinha de ir avisar alguém, mas estava tão longe... Todavia, apesar de todos os preocupantes pensamentos que lhe vieram à cabeça, Gulan ficou hipnotizado assim que a luta começou. Já vira Potro Negro a lutar antes, durante as sessões de treino com os guerreiros da tribo, e sempre admirara a sua fluidez e graciosidade, os movimentos dos seus alfanges suaves como brisas, rápidos como rajadas e mortais como relâmpagos. Mas o estranho era diferente, rápido à sua maneira, com uma comprida lâmina que dardejava impetuosamente em frente e que descrevia rutilantes arcos no ar que mantinham Potro Negro à distância. As lâminas de ambos acasalavam estridulamente enquanto efectuavam a sua mortal dança, silvando e rilhando numa desconforme sinfonia. Os chofres que as espadas produziam no ar acompanhavam os arquejos dos lutadores, o vento ora vaiava ambos ora ululava em admiração, agitando-lhes os cabelos enquanto o fazia. Fascinado com o combate, Gulan deixou-se ficar acororado onde estava, observando a cativante luta.

As lâminas curvas rodopiaram em resposta numa mortal sincronia, lambendo Ancalach, avançando de modo a impedir o adversário de usufruir do alcance superior da espada longa, mas algumas rápidas passadas para trás foram suficientes para que Aewyre afastasse Krór com uma larga varredela. O jogo de pés dos dois oponentes era estonteante para quem os observasse; tanto a dança do drahreg como os passos marciais do humano. Ambos os combatentes estavam agora alheios ao frio, os seus músculos bombeados por corações retumbantes. A sensação era estimulante: o ardor do combate, os reflexos aguçados como lâminas, os instintos primitivos da sobrevivência do mais forte a virem ao de cima. Nenhum dos dois se odiava, nenhum precisava de matar o outro para sobreviver, e, no entanto, aqui estavam eles, dois galos numa capoeira sem galinhas. O tempo da razão e do pensamento acabara.

Aewyre deu um longo e rápido passo em frente, visando a garganta de Kror com a ponta, mas quando esta foi desviada transferiu o seu peso para trás e recuou, flectindo as pernas. Perante o avanço do drahreg, girou Ancalach à sua frente e desferiu um corte transversal para baixo, que Kror bloqueou, mergulhando de seguida a ponta do outro alfange por cima. De modo a evitá-la, o humano levou a perna direita para trás, executando uma larga parada para a desviar, mas Kror seguiu o movimento e penetrou na defesa de Aewyre, alfanges em riste. Ou pelo menos assim julgava, pois o humano executou uma súbita troca de pés e levou Ancalach num movimento em arco ascendente. Graças aos seus reflexos, o drahreg sofreu apenas um golpe no ombro em vez de perder o braço quando a lâmina reforjada por Tharobar lhe cortou roupa, couro e pele. O primeiro golpe fora de Aewyre, mas ambos sabiam bem que o último era mais importante.

Kror afastou-se depressa para reavaliar a situação, rodopiando os alfanges desvairadamente, mas Aewyre não lhe permitiu esse momento de descanso e insistiu com o seu ataque, determinado a aproveitar a vantagem. Ancalach arremetia, as lâminas gémeas zuniam, Kror sangrava do ombro e Aewyre mostrava os dentes como um predador, investindo e estocando para penetrar a defesa do drahreg.

Gulan guinchou quando viu Potro Negro a ser ferido e subsequentemente afastado com uma saraivada de golpes do estranho. Fora a primeira vez que o vira ser atingido, nunca nenhum dos Cho Tirr alguma vez lhe havia conseguido tocar, e isso causou-lhe uma certa aflição. Se pelo menos tivesse trazido o seu arco... Tão absorto estava o pequeno ocarr no combate que nem reparou no vulto que se aproximava dele pelas costas.

Perante o implacável avanço do humano, Kror girou os alfanges nas mãos, de modo a que as pontas apontassem uma à outra como um par de pinças. Encaixou a seguinte estocada entre as lâminas e cerrou-as como uma tenaz, prendendo Ancalach. Aewyre deu umas passadas laterais para libertar a arma, mas o drahreg acompanhou-as, forçando o humano a agarrar a espada com as duas mãos de modo a conseguir soltá-la à força. Enquanto Aewyre recuperava a sua posição, Kror teve tempo de recobrar o fôlego e colocar-se numa postura defensiva. Quando o guerreiro humano retomou a ofensiva, já o drahreg estava pronto e a canção das lâminas retomou o seu frenético e descompassado ritmo: estocada, parada, riposte, rodopio, oscilação, corte reverso.

Eram dois adversários de grande perícia, cada qual compensando aquilo em que era inferior em relação ao outro com uma vantagem que esse mesmo não tinha, numa batalha de incessantes contrabalances. Aewyre mantinha a sua distância daquele remoinho de lâminas curvas e Kror evitava as longas espadadas e largas varredelas da comprida Ancalach. As rápidas passadas dos combatentes abriam sulcos na neve, quebrando a crosta, e os seus ofegos condensavam-se em vaporosos jorros.

Os dois adversários pararam para recuperar o fôlego, sem nunca tirarem os olhos um do outro nem baixarem as espadas. O ombro de Kror sangrava, mas era apenas um ferimento superficial, pouco incómodo. No entanto, podia fazer toda a diferença num combate entre dois adversários de tão equiparável perícia, e Aewyre estava determinado a aproveitá-la ao máximo.

Uma súbita lufada de vento empurrou uma madeixa de cabelo solta para os olhos do humano, fazendo-o piscar.

Quando os abriu, Kror saltava para cima dele, alfanges a meio de um devastador golpe que o partiria em dois. O seu reflexo foi baixar o joelho esquerdo e flectir a perna direita, levando Ancalach acima na "horizontal, apoiando a ponta na mão livre. As lâminas embateram sonoramente na espada devido à dura parada, e antes que o drahreg conseguisse afastar-se demasiado, Aewyre levou a perna dobrada para o lado, ajudando o corte baixo em arco que desferiu. Mais uma vez, Kror foi salvo pelos seus reflexos, que lhe levantaram a coxa, evitando que o membro fosse decepado pelo joelho, mas não foram rápidos o suficiente para impedir Ancalach de deslizar pela perna do drahreg até lhe rasurar o osso. Kror grunhiu de dor e, desequilibrado pelo impetuoso movimento e pelo ferimento, caiu de costas na neve. A exultação de Aewyre foi arrebatadora ao ver o seu oponente caído, e o instinto predador apoderou-se das suas acções. Virou a ponta da espada para baixo, agarrando o punho com as duas mãos, e executou um movimento para empalar o drahreg, mas este rebolou para o lado e, a meio do movimento, o seu pé atingiu a cara do humano. O nariz de Aewyre molhou-lhe a maçã do rosto e o guerreiro grunhiu ruidosamente, cambaleando para trás. Kror estava sobre os seus pés uma vez mais, mas a sua perna estava inflamada pelo sangue que escorria da dolorosa ferida. Aewyre estava de pernas flectidas, levando uma mão enluvada cheia de neve à cara, tingindo-a de vermelho, e os seus olhos lacrimejavam, borrando-lhe a visão. O desempenho de ambos estaria seriamente prejudicado, mas nenhum pensou sequer em desistir. Antes

pelo contrário, cada um estava motivado a explorar a desvantagem da qual o adversário agora padecia, e avançaram de armas em riste, dispostos a levar o combate até ao seu mortal fim.

Chegou a altura... vociferou Aewyre, esfregando os olhos lacrimejantes.

Sim... concordou Kror, levando a perna ferida atrás e flectindo a da frente. Chegou a altura...

Potro Negro! ouviu-se uma esganiçada voz.

Ambos os guerreiros feridos olharam na direcção do som e viram uma criança a espernear nos braços de uma mulher, cujos longos cabelos negros esvoaçavam ao vento. Kror arfou, reconhecendo Gulan, e deu uma passada em frente.

Mais um passo e a criança morre avisou Hazabel, fincando unhas negras na garganta desta. Kror estacou de imediato.

Apesar do brilho selénico, estava escuro demais para distinguir algo mais que uma silhueta, mas Aewyre reconheceu a mulher pelo seu porte e voz.

Tu outra vez?

A mulher pareceu olhar na direcção do guerreiro.

Sim, Aewyre Thoryn. *Eu* outra vez.

Mas quem és tu, maldita harahan? Como sabes o meu...

Chega! Não tenho tempo para isto. Aewyre Thoryn, mata-o ordenou a harahan, apontando para Kror.

Humano e drahreg ficaram aturdidos. O segundo não proferiu uma palavra, mas da boca de Aewyre saíram várias atabalhoadas.

O quê...? Mas que...?

Mata o drahreg, empala-o com a tua espada. Fá-lo ou arranco a garganta da criança.

Aewyre olhou para Kror, mas o drahreg não tirava os olhos dos do rapaz, tenso como um arame e de mãos bem crispadas nos punhos dos alfanges.

Fá-lo! gritou a mulher, enfatizando a sua premência com uma ligeira pressão na garganta da criança, que gritou quando as unhas verteram sangue.

Kror fez tenções de avançar, mas o seu bom senso impediu-o de dar um passo. Nunca conseguiria chegar perto o suficiente para *atacar* antes que a mulher matasse Gulan, ainda mais com uma perna ferida. Olhou então para Aewyre, e viu a dúvida e a confusão nos olhos do humano.

Faz... o que ela diz disse.

O quê? Mas... Tinha de matar Kror, sim, mas em combate, não desta maneira, não como se o seu adversário fosse um bezerro para a matança. Eu não posso...

Empala o drahreg e deixa a tua espada no seu corpo! Mata-o, já! tornou a mulher a gritar.

Kror baixou os braços e as pontas dos alfanges tocaram o chão.

Faz o que ela diz repetiu o drahreg.

Não, covarde! Não o faças! Mata a cabra! gritava-lhe Kerhex na cabeça.

Kror, não podes deixar a criança morrer! afligia-se Sassiras's.

Faz o que ela diz reiterou, resoluto.

Aewyre não queria acreditar no que estava a acontecer. Matar o drahreg desta maneira? O que queria a harahan? Empalar Kror e deixar Ancalach nele cravada? E a Essência da Lâmina? E...?

Só vou dizer isto mais uma vez avisou Hazabel. Atravessa o maldito drahreg com a tua espada e deixa-a ficar. Outro gemido da criança oarr enfatizou a premência do cumprimento da ordem.

Aewyre continuava a olhar para Kror, como se lhe perguntasse o que fazer, e o drahreg acenou com a cabeça, expondo-se de braços abertos. O humano ainda abanou a cabeça negativamente, mas Kror fechou os olhos e levantou o queixo. O vento estava silencioso e o gemido da criança tornara-se num emudecido lamento. A ponta de Ancalach subiu para o campo de visão de Aewyre.

Fá-lo! gritou a harahan.

O jovem empunhou Ancalach dubiamente com as duas mãos. Então era assim que iria acabar aquela curta e intensa rivalidade? Pouco ou nada sabia acerca do drahreg, mas sentia-se como se já o conhecesse há muitos anos, como se ambos tivessem partilhado a Essência da Lâmina desde sempre, e desde sempre tivessem querido matar-se um ao outro. Tudo iria acabar agora, tão cedo... mal tivera tempo de perceber o que o "tendão" era, o que a maldita Essência representava ao certo, o que o próprio Kror era: um drahreg armado de dois estranhos alfanges que se comportava de uma maneira tão avessa ao temperamento da sua raça. O gemido da criança acordou-o dos seus pensamentos, e Aewyre sabia que teria de o fazer.

Não era assim que eu queria que isto acabasse... confessou. Hazabel sorriu ao ver Aewyre fincar os pés no chão. Finalmente,

Ancalach estava ao seu alcance! O jovem Thoryn iria empalar o drahreg com a espada e, desarmado, seria morto por Hazabel. Depois, teria apenas de despedaçar o corpo de Kror, arrancando tudo o que

não fosse necessário, e usaria o cadáver para transportar a Espada dos Reis. Era um plano brilhante, e estava perto da fruição. Nem sequer vira o laçao do seu mestre, e iria adorar a cara do desgraçado ao vê-la a regressar triunfante com Ancalach. Sim, e assim que estivesse livre do seu serviço, tendo cumprido aquilo que lhe fora requisitado, iria partir-lhe cada osso do corpo e fazê-lo pagar bem caro por tudo aquilo que a fizera passar...

Uma dor aguda explodiu-lhe no flanco pelas costas. Hazabel gritou e largou o rapaz, caindo de joelhos e levando a mão à haste da seta que lhe perfurara ailhaga. A criança fugiu aos guinchos, e Krór abriu os olhos vermelhos, saltando para a acção com uma velocidade fulminante, como se tivesse esperado pelo momento. Aewyre ficou parado, sentindo-se como um espectador numa cena que se estava a desenrolar demasiado depressa para que nela pudesse participar. Krór percorreu a distância que o separava da mulher, da traidora, da maldita cabra traçoieira.

- Fá-la em pedaços! incitou Kerhex.

Mata-a! concordou Sassiras's.

Os seus irmãos, mortos por causa dela. A venerável, cega por causa dela. Gulan, quase degolado por ela. Os alfanges brilhavam à luz do luar como os dentes de um predador faminto. Hazabel ainda estava abalada, mas viu a morte aproximar-se com coléricos olhos vermelhos”, e de imediato soube que tinha de fugir. As sombras da noite receberam-na quando nelas mergulhou, tornando-se uma indistinta forma negra a deslizar pela penumbra nocturna. Krór parou de olhos arregalados. Aewyre havia-lhe dito que Hazabel era uma harahan, mas ainda assim o assombro não foi menor.

A estepe permaneceu silenciosa por instantes, como se a própria estivesse surpresa, mas cedo os ventos tornaram a uivar. Gulan atirou-se de encontro a Krór, abraçando-lhe a cintura com força e chorando convulsivamente com a cara encostada à barriga do drahhreg, que lentamente se recuperou do espanto, embainhou os alfanges e pôs as mãos sobre a cabeça do rapaz. Aewyre recuperou por fim e olhou para além do sítio onde a harahan antes estivera. Uma silhueta delineada pelo brilho da lua caminhava coxeante na direcção dos dois combatentes, empunhando um arco recurvo ocarr, mas Krór não parecia prestar-lhe a mínima atenção, apesar de a estar a ver. Curioso e com o corpo ainda a tremer com o afluxo de adrenalina, embainhou Ancalach e avançou ao encontro de Krór. Grande foi a sua surpresa ao ver os inconfundíveis cabelos louros a reluzirem ao prateado luar.

Lhiannah...?

A arinnir fitou-o com um olhar impossível de decifrar. Tanto podia traduzir raiva como desprezo, ou até mesmo indiferença, tudo menos alegria por o ver. Olhou para Kror e o drahreg retribuiu-lhe o olhar, afagando o cabelo da criança.

Obrigado agradeceu com nada para além de sinceridade nos seus orbes vermelhos.

Lhiannah anuiu com a cabeça, lançou outro daqueles estranhos olhares a Aewyre e virou-lhes as costas, começando a caminhar na direcção do acampamento e conseguindo manter um porte digno mesmo a coxear. O guerreiro coçou a cabeça, ainda sem perceber ao certo o que havia acontecido.

Então o "tendão" puxou.

Kror perscrutava-o intensamente, sem no entanto largar a criança. Todos os instintos dos dois combatentes queriam que continuassem a lutar, mas depois do que sucedera... ambos relaxaram. "Hoje não", pareciam os atenuados ombros do drahreg e do humano dizer. Kror murmurou palavras aquietadoras à criança e esta levantou a cara marejada de lágrimas, fungando e soluçando. Pegou-lhe ao colo e lançou um último olhar ao humano antes de também ele se pôr a caminho, manquejando da perna ferida.

Aewyre olhou para o céu, lançando um longo suspiro. A Lua iluminava as bordas de nuvens cinzentas que mareavam pela abóbada como ondas num oceano negro. A dor no nariz fê-lo esquecer as nuvens e levou mais uma mão-cheia de neve ao apêndice ferido, sossegando-se com o facto de não parecer estar partido. Uma vez mais o combate fora interrompido.

"Será que isto nunca mais vai acabar?", perguntou-se a si mesmo. *Será?* repetiu em voz alta para quem ou o que quer que pudesse estar a ouvir.

Resignado, foi atrás de Kror.

O pequeno *yugr* para o qual Aewyre fora conduzido estava vazio, com a excepção do tapete sobre o qual se sentava, um braseiro e uma tigela de madeira com água. Duvidava de que fosse costume dos ocarr terem duas tendas medicinais; o facto de apenas terem querido mantê-lo longe de Kror parecia-lhe bem mais plausível. Os seus amigos haviam-no recebido com surpresa, sem perceberem ao certo o que havia acontecido, e Lhiannah não mostrara vontade nenhuma de lhes explicar. O seu nariz fora tratado por uma assistente da xamã, que se ocupara de

Kror, e agora estava sozinho a inalar os fumos de umas ervas que haviam sido deixadas a arder no braseiro de estrume do *yugr*. Seria alguma espécie de acto de expiação o carr? A única coisa que sentia vontade de expiar era o maldito esterco, que misturava o seu odor ao das plantas, criando uma atmosfera enjoativa. Fechou os olhos e suspirou, sentindo que já havia alcançado o seu pico nesse dia e sem vontade de se irritar com mais nada. Ensopava regularmente um pano na tigela de água gelada ao seu lado para aliviar as dores no nariz, que entretanto enrubescera como um morango maduro. O pontapé de Kror não partira a cana, mas nem por isso deixava de ser doloroso, forçando o jovem a inclinar a cabeça para trás e deixar que o frio da água lhe aliviasse o nariz. Foi durante esse tratamento que ouviu o reposteiro da tenda a ser aberto e baixou os olhos para ver quem entrara.

Lhiannah estava de braços cruzados à porta. Ainda vestia as mesmas roupas de Inverno com as quais a vira fora do acampamento, mas aparentemente deixara o arco na tenda.

Aewyre endireitou a cabeça e pôs o pano dentro da tigela, levantando-se.

Lhiannah... disse por falta de algo mais. O olhar da princesa continuava enigmático quando esta avançou. Vieste para... O guerreiro nem viu a mão enluvada da arinnir que rebentou numa sonora bofetada na sua cara, apagando todas as luzes do mundo por um instante. O seu nariz parecia um ferrão espetado na face quando Aewyre levou as mãos ao rosto.

És atrasado mental?! quis Lhiannah saber, dissipando quaisquer dúvidas em relação ao que o seu olhar significara. Que raio de ideia foi essa? Esperavas o quê, matar o Kror e receber elogios da tribo depois? Estás parvo, completamente estúpido? Por que é que ele não te cortou a cabeça, já que não a usas? O que achas que eles nos iriam fazer se o matasses? Pensaste nisso sequer, seu idiota? O que teria acontecido se eu não te tivesse *por acaso* visto e seguido e *por acaso* não tivesse surripiado um arco, sabes dizer-me? E que história é essa de te pores a olhar para mim daquela maneira no banho de vapor, seu tratante, seu... a minha vontade era...

Lhiannah continuou a fustigar Aewyre com insultos, mas o guerreiro mal ouvia devido ao zumbido nos seus ouvidos. Quando abriu os olhos e viu o sangue do nariz nas mãos, rosnou e agarrou a princesa pelos braços. Ao ver as rugas de raiva na cara do jovem, o reflexo de Lhiannah foi desferir-lhe um pontapé na canela, mas Aewyre mexeu o pé rapidamente e enganchou o tornozelo de Lhiannah, derrubando-a

com um empurrão e caindo em cima dela. A arinnir estrebuchou, mas as mãos do guerreiro agarraram-lhe os pulsos com força e o seu peso imobilizou-lhe o resto do corpo.

Porra, Lhiannah! Não sou o teu saco de pancada! barafustou Aewyre com dois fios de sangue a escorrerem-lhe das narinas para o queixo. O Krór já me ia partindo o nariz e tu ainda vens...!

Larga-me! ordenou a princesa, debatendo-se.

Não, não, isto não é bater e fugir! Agora *tu* vais ouvir-me! Os últimos resquícios de paciência do jovem haviam-se esgotado. Tu...

Larga-me ou eu grito! ameaçou Lhiannah, tremendo com a força que fazia, tentando libertar-se do pesado guerreiro.

O quê, vais começar a gritar como uma rapariguinha assustada, é? Foi remédio santo. As feições da princesa congelaram após ouvir essas palavras e os seus músculos relaxaram de imediato.

Agora ouve-me bem: se me tentares bater mais uma vez, mais *uma* vez, eu pego-te pelo cachão e dou-te a tarefa que o teu pai te devia ter dado mas nunca o fez, percebeste?

Lhiannah abriu uma boca indignada, mas nenhuma palavra dela saiu. Os dois já não se fitavam nos olhos há tanto tempo que Aewyre já se havia esquecido das pepitas douradas que a princesa tinha nos orbes azuis. Ambos ficaram assim a olharem-se mutuamente, com os corpos tão achegados que podiam sentir os corações a baterem com a força colateral do momento de tensão. Nunca haviam estado assim tão próximos... pelo menos não enquanto sóbrios... houve algo naquilo que acalmou Aewyre, dissipando-lhe toda a raiva, e o guerreiro sentiu necessidade de dizer alguma coisa.

Eu... Umas gotas de sangue pingaram do seu queixo para o peito de Lhiannah. Oh, porra... exclamou, saindo de cima da princesa e sentando-se de cotovelos apoiados nos joelhos a seu lado. Não és capaz de falar como uma pessoa civilizada, raios? perguntou ainda, esfregando o sangue da áspera barba do queixo, pinçando o nariz e inclinando a cabeça para trás.

Lhiannah apoiou as mãos no chão e ergueu-se lentamente, fitando o guerreiro em silêncio. Aewyre reparou no olhar de relance que a arinnir dispensou às manchas vermelhas na sua roupa e atirou-lhe o pano molhado.

Limpa isso disse, numa voz nasalada.

A princesa atirou-lho de volta num gesto de recusa. Aewyre suspirou exasperadamente, rasgou o pano em dois e lançou a metade limpa a Lhiannah com força, tapando o nariz com a ensanguentada.

Casmurra... murmurou de voz abafada.

Se Lhiannah ouvira, não o deu a entender, limitando-se a esfregar o sangue no seu peito com o pano molhado, reparando ainda nas marcas no ombro quando o guerreiro lho agarrara com a mão molhada e limpando-as também. Aewyre endireitou a cabeça e espremeu o pano dentro da tigela de água.

Lhiannah eu... eu sei que ia cometendo o Terceiro Pecado... outra vez. A arinnir parou de esfregar. Não pensei, fui simplesmente ter com ele e... desculpa, vocês também estão metidos nisto e também corriam perigo, mas eu... O guerreiro provou o sabor férreo do sangue outra vez quando fios quentes lhe escorreram pelo lábio superior, e inclinou a cabeça, limpando a boca e tapando o nariz. É só que... raios, não dá para explicar! Vocês não fazem ideia do que é estar sempre com o desgraçado do drahreg na cabeça; quer ele esteja longe ou perto. Eu sei que não é desculpa, mas ajudava... era bom ter um bocadinho de compreensão da tua parte, sabes?

Lhiannah nada disse, mas fitava o guerreiro sentado de braços cruzados.

Sim, não precisas de dizer nada. Já estou habituado. Mas se é preciso levar chapadas para te ouvir falar, então dispenso confessou. Queria apenas que soubesses...

Seguiram-se mais uns momentos de silêncio, durante os quais o guerreiro permaneceu com a cabeça inclinada e a olhar para o tecto do *yugr*, sentindo os olhos julgadores de Lhiannah sobre si. Por fim, a princesa quebrou o silêncio.

Vou... pedir ao Allumno que traga qualquer coisa... disse, para o nariz.

Sim, já agora...

A princesa dirigiu-se à entrada e abriu o reposteiro.

Lhiannah? A arinnir virou-se. Desculpa. A sério. Outro momento silencioso.

Está bem aceitou Lhiannah, virando as costas a Aewyre e saindo apressadamente do *yugr*.

O guerreiro tornou a suspirar, olhando para o sangue no pano molhado.

Melhor do que nada... ou que outra chapada... conformou-se, tapando o nariz.

Na margem do lago Aigun, encostada a um penedo, Hazabel grunhia de dor, empurrando a haste da flecha de modo a que a ponta

de osso lhe saísse pela frente numa agonizante e aparentemente interminável operação. Quando a seta estava a meio caminho, pegou na haste pela frente com uma mão e puxou, continuando a empurrar com a outra. Com um último puxão, o volante de couro da seta saiu-lhe dolorosamente da carne e a harahan atirou o projectil ensanguentado para longe de si, deixando-se cair de costas. Os seus dentes estavam cerrados de dor e a sua cabeça latejava, mas sabia que era só uma questão de tempo até tudo passar. O ferimento seria grave para uma mulher normal, mas muita gente ficaria surpresa com os abusos que uma harahan podia aguentar, e este era dos menores. Ainda assim, exigia um mínimo de tratamento, mas Hazabel dispunha de poucos meios para o efectuar. Remexeu nas suas bolsas e tirou uma mão-cheia de folhas de arruda, que enfiou na boca e mastigou pausadamente, pois tinha o nariz entupido e não conseguia respirar por ele. Por fim, cuspiu a pasta acre para a mão. Em doses excessivas a planta podia ser venenosa, mas veneno era a menor das preocupações da harahan naquele momento, pelo que arregaçou as suas vestes e enfiou uma porção do unguento nas duas aberturas da ferida, que ardeu. Como precisava urgentemente de recobrar as forças, tirou o seu último Fígado da bolsa de couro e espremeu o fel coagulado para dentro da boca até o líquido amarelo-esverdeado lhe começar a escorrer pelos cantos. Saciada, Hazabel limpou a boca com a manga, lambendo o que podia, e encolheu-se debaixo do penedo, fechando os olhos para repousar.

”Mais uma, pela qual o jovem Tborn e o maldito pagarão... sangue por sangue...”

Os seus sonhos foram de ódio.

O ULTIMO SHAKAREX

Babaki ainda conseguia andar com os próprios pés e carregava Slayra nos seus braços, mas aos olhos de Quenestil parecia mais morto que vivo, e não só devido aos seus profusos ferimentos. A maldita shionna era responsável de certeza; o antroleo parecia vazio por dentro. Os guardas eahanoir que se lhes depararam na sala de entrada do edifício da arena pareciam pensar o mesmo, mas por alguma razão afastavam-se dos dois foragidos, olhando dubiamente uns para os outros. Quenestil estava tenso, de faca em punho e pronto para lutar. mas o antroleo caminhava confiante, alheio às sentinelas como se não existissem.

Babaki, o que se passa? sussurrou-lhe o eahan, sem obter resposta.

”... virar à minha esquerda, entrar no terceiro beco à direita... virar à minha esquerda, entrar no terceiro beco à direita..”, repetia o antroleo mentalmente, olhando sempre em frente, fixando os olhos na porta da saída.

Um eahanoir deu um passo em frente, mas um dos seus colegas vociferou-lhe algo tão bruscamente que Quenestil não percebeu o que dissera, mas fosse o que fosse fez com que o atrevido recuasse. O shura não estava a perceber nada. O que se estava a passar? Por que ignorava Babaki os guardas, como se estes não fossem ameaça, e por que não atacavam eles? A meio dos seus pensamentos, o eahan deu consigo defronte da porta pela qual tão apressadamente saíra na sua primeira tentativa de fuga do edifício da arena. Virou-lhe as costas, tacteando a madeira à procura da aldrava enquanto mantinha os eahanoir debaixo de olho, apesar de estes continuarem sem manifestar quaisquer intenções

de interferir. Babaki esperava, segurando Slayra como um bebê, e

Quenestil reparou pela primeira vez no rasto de sangue que o seu amigo deixara para trás.

”Mãe, ele está a morrer em pé! Tenho de o tirar daqui!”

Os seus dedos cerraram-se na aldrava assim que sentiram o seu ferro frio e giraram-na, abrindo a porta.

Sai, Babaki disse, e o antroleo acatou sem hesitar, quase mecanicamente.

Com um último olhar desafiador, Quenestil retirou-se também, fechando a porta com força. A opressiva atmosfera abateu-se sobre o shura com a mesma força e impacto da primeira vez, despoletando uma reacção instintiva no eahan que fez com que iniciasse uma corrida desenfreada com um salto.

Espera! parou-o a voz de Babaki.

Quenestil virou-se e viu o seu amigo parado, obviamente incapaz de correr. Os vitupérios que lhe vieram à cabeça e lhe pareceram aplicáveis a si mesmo foram imensos.

Desculpa, Babaki, eu...

Não é isso. Segue-me. Eu sei como podemos sair da cidade.

Essa o eahan nunca esperara. Babaki a assumir o comando da situação? Mas o que sabia ele? Em que estava a pensar? Para onde queria ir? O que ia fazer? Quenestil deu por si a fazer essas mesmas perguntas ao antroleo, constatando que não se ouvira a si mesmo falar, mas Babaki parecia ignorar as interrogações e dava curtos mas apressados passos para trás, como se desejasse pôr-se a caminho. Sem saber como agir, lembrando-se do que acontecera na última fuga e de alguma forma aplacado pela aparente calma e serenidade do antroleo, o eahan acabou por seguir o seu amigo, por muita confusão que isso lhe fizesse.

”... virar à minha esquerda, entrar no terceiro beco à direita... virar à minha esquerda, entrar no terceiro beco à direita...”, repisava Babaki incessantemente na sua cabeça.

Virara à direita? Sim, confirmou. Na verdade, nem sabia se os eahanoir lá estariam. O plano original não correspondia com o que se acabara de passar na arena, não era suposto ter morto o eahanoir ali, não era presumido ter combatido antes de fugir. Não sabia, não podia saber, mas era a última esperança, e a de Quenestil e Slayra. Um, dois, três, contou os becos.

”... entrar no terceiro beco à direita...”

Quase o fez, mas o seu instinto impediu-o, o instinto da autopreservação e protecção dos seus amigos. Deteve-se.

Que se passa? perguntou Quenestil, cada vez mais confuso e nervoso.

O antroleo pousou Slayra no chão, encostando-a de costas à parede, e pôs as grandes e sangrentas mãos nos ombros do eahan, sentindo a tensão dos seus músculos e o calor húmido da ferida no seu trapézio.

Neste beco estão eahanoir com uma carruagem. Se os deuses fossem clementes, estariam mesmo lá. Com ela podemos fugir da cidade.

Eahanoir...? Mas...

Tem de ser. Temos de...

Babaki, como sabes? E tu mal te aguentas em pé... nós temos de...

Fugir. E só o conseguimos com a carruagem. Agora fica aqui... O antroleo curvou-se para pegar em Slayra uma vez mais, e grunhiu com a dor que lhe percorreu todo o tronco.

Babaki...

Espera aqui, meu amigo.

É a nossa única hipótese sossegou-o o antroleo, levantando a eahanoir nos seus braços e tapando-lhe a cara com o capuz. Cada músculo seu, mesmo os que não haviam sido lacerados, gritava de dor. Espera aqui...

Babaki estava calmo quando entrou no beco e viu as silhuetas negras de eahanoir à sua espera e uma carruagem. Impossivelmente calmo, como se estivesse apenas a observar a situação. Concebera um plano assim que saíra do anfiteatro, e sabia ser esta a única oportunidade que poderiam ter de conseguir escapar da maldita Jazurrieh. Os cinco eahan negros não pareceram surpresos com a sua chegada, nem tão-pouco reparar nos inúmeros ferimentos do antroleo, mas Babaki já aprendera a esperar reacções pouco emotivas da raça. Porém, deram a impressão de estranhar o corpo que carregava, pois isso não fazia parte do plano.

Pára, antroleo ordenou um deles. Que trazes?

O corpo do... como lhe chamara o guarda? Tannath. Os eahanoir entreolharam-se.

Não era necessário... disse o que parecia estar a comandar, e os outros cercaram Babaki discretamente enquanto um se dirigiu à carruagem e o cocheiro os observava, apreensivo.

O antroleo baixou-se devagar e pousou Slayra no chão, tendo o cuidado de não lhe descobrir a face. Um fugaz manto de escuridão cobriu-lhe os olhos, desaparecendo de seguida. Estava a ficar mais fraco a cada instante com a perda de sangue... conseguira que não o atacassem de imediato, agora tinha de agir depressa.

Podem ver convidou, mantendo as mãos afastadas das *shwafwif* de modo a evitar suspeitas.

Os eahanoir trocaram outra série de olhares dúbios, alguns olhando para o guarda que falava com o ocupante da carruagem pela janela, e nesse momento Babaki atacou, rugindo, apelando ao resqúcio das suas forças. As garras de uma mão dilaceraram a face de um sentinela e as da outra trincharam o ombro de um segundo. O seu rugido foi abafado quando abocanhhou de lado o pescoço do eahanoir à sua frente, cuja mão se encontrara a caminho do punho de um estilete antes de parte da sua garganta ser arrancada. De todos, o cocheiro foi quem teve os reflexos mais rápidos, gritando aos cavalos e vergastando-lhes as garupas à chicotada. Os dois eahanoir vivos desembainharam as armas e atacaram assim que a carruagem arrancou, mas a atenção de Babaki estava no cocheiro e no veículo no qual depositava as suas esperanças de fuga, pelo que correu atrás dele e agarrou-o pela traseira. A força do antroleo, no entanto, começava a falhar-lhe, e cedo percebeu que não iria conseguir sustentar o ímpeto dos cavalos.

Quenestil observou até achar que deveria intervir, o que sucedeu assim que o ataque começou. De faca em punho, o shura saltou pelo beco adentro, onde de imediato deparou com dois assustados quadrúpedes negros a cavalgarem na sua direcção. Sem hesitar, ergueu os braços, agitando-os e uou um grito refreador, que fez com que os garanhões negros se empinassem, parando a sua cavalgada.

Babaki bateu com o focinho na carruagem quando esta parou bruscamente e largou-a, vacilando para trás. O bater das solas dos eahanoir nas pedras da calçada fez com que o antroleo desembainhasse a sua *shwafwif* incólume e se virasse para defrontar os seus adversários, rosnando e exibindo os dentes. Um dos eahan negros continuou a correr em frente e o outro separou-se, fazendo tenções de avançar para o flanco de Babaki.

A função do cocheiro não era combater, mas sabia bem que se não saltasse em defesa do seu mestre a paga seria a morte, pelo que usou o seu chicote para vergastar o eahan de cabelos ruivos que fazia tenções de lhe saltar em cima. O chicote enrolou-se em volta do braçal de pele de Quenestil, que o agarrou com as duas mãos e puxou com toda a força, deixando-se cair para trás, arrancando o cocheiro do seu assento. O eahanoir estatelou-se no chão, partindo alguma coisa na queda, mas Quenestil não quis saber o quê e assim que se levantou desferiu-lhe um pontapé na cabeça, aniquilando-o.

Babaki aparou a investida de um aguçado estilete no seu flanco, mas deixou-se exposto ao do segundo adversário, que lho deslizou por entre duas costelas. Rugindo, o antroleo oscilou cegamente a *shwafwif*, afastando ambos os eahanoir, mas deu um inesperado seguimento ao golpe com um salto em frente, que o tornou num alvo fácil para o eahanoir em cima do qual caiu. Uma lâmina afundou-se na sua barriga, mas Babaki mal a sentiu, tapando a cara do adversário com uma mão e empurrando-a enquanto caía com ímpeto contra o chão, contra o qual o crânio do eahanoir se rachou audivelmente. Ainda com a lâmina enterrada no seu abdómen, saiu de cima do moribundo, rebolando para o lado e erguendo-se, e viu o seu adversário e um novo eahanoir, que lhe arremessou dois punhais que se lhe cravaram no braço e ombro esquerdos que o antroleo ergueu para se proteger. Babaki rugiu e o outro eahan negro investiu.

Quenestil viu a porta da carruagem aberta e o seu amigo a lutar pela vida contra dois algozes, um dos quais preparava punhais de arremesso enquanto o outro atacava. Com fúria nos olhos, o shura avançou pelas costas do maldito eahanoir, agarrou-lhe o queixo, levantou-lho e passou-lhe bruscamente o gume da faca pela garganta.

Babaki não conseguiu impedir a investida do estilete, que lhe punccionou a coxa, falhando a artéria por pouco. A adrenalina já não bastava, os músculos do antroleo cediam, os ossos fraquejavam... sem saber como, deu de si ajoelhado, incapaz de aguentar o insustentável peso do seu corpo, o mundo um grande borrão negro... o frio do aço nas suas entranhas... o brilho do estilete pronto a desferir o golpe de misericórdia...

Quenestil abateu-se sobre o eahanoir antes que este desferisse a estocada mortal, espetando-lhe a comprida faca nas costas, e depois mais uma vez, e outra e outra, grunhindo a cada golpe como um animal selvagem. Só parou quando ouviu passos atrás de si e viu um vulto a escapular-se. Pôs o eahanoir imediatamente de lado e correu atrás do que fugia, alcançando-o rapidamente devido à toga que este vestia e agarrando-lhe as pernas ao saltar para o chão. O eahanoir debateu-se, mas Quenestil imobilizara-lhe as pernas e posicionava-se-lhe em cima das costas com intenções de morte.

Quenestil, não! Precisamos dele vivo! gritou Babaki a custo.

Só então o eahan se lembrou do antroleo, e nesse momento viu o seu amigo caído de costas, ofegante. Hesitou por instantes, mas encontrou uma solução e o eahanoir gritou de dor quando os tendões dos

seus jarretes foram cortados. Deixando o eahan negro a chorar de dor para trás, Quenestil foi a correr ter com o seu amigo e ajoelhou-se perante o antroleo caído, que tremia e sangrava do canto da boca, duas facas de arremesso espetadas no braço, um quebra-espadas enfiado no abdómen e demasiados ferimentos abertos.

Mãe, não... por favor, não... Babaki...

O antroleo olhou para o eahan e tentou falar, mas apenas conseguiu tossir sangue. A mão do shura crispou-se instintivamente no punho do quebra-espadas e puxou, mas um grunhido agonizado de Babaki fê-lo parar e retirar a mão.

Farpas... não puxes... arrancas... tripas... tartamudeou, agarrando uma das facas espetadas no braço e removendo-a.

Quenestil ajudou-o a tirar a segunda.

Não te mexas, Babaki, não te mexas. Eu...

Não interrompeu o antroleo, a sua mente clareada pelo surto de dor. Ajuda-me a levantar.

Babaki, não podes. Temos de...

Ajuda-me, Quenestil... temos de tirar a Slayra daqui. Como o antroleo prevera, o nome da eahanoir despertou o shura. Põe-na dentro da carruagem... leva o eahanoir contigo... para os portões da cidade... foge... tossiu.

Não. Não te vou deixar aqui declarou o eahan, olhando para o eahanoir que deixara ferido, constatando que não se mexera, e agarrando o braço menos dilacerado do antroleo. Agora levanta-te.

Resignado e incapaz de discutir, Babaki dobrou uma perna, apoiando o pé e uma mão no chão, e deixou-se puxar por Quenestil, que grunhiu com o peso. O antroleo foi levantado a custo, e o shura colocou o braço dele por cima dos seus ombros, amparando-o enquanto o dirigia à carruagem.

Não mates o eahanoir... precisamos dele...

Não fales, Babaki, não fales... eu tiro-nos daqui... sossegou-o o shura, ajudando-o a subir para dentro do veículo. O antroleo quase lhe caiu em cima, mas agarrou um apoio e conseguiu içar-se lá para dentro.

Quenestil olhou uma vez mais para o eahanoir ferido, que continuava no mesmo sítio, e foi buscar Slayra rapidamente, trazendo-a nos braços para a carruagem, dentro da qual a enfiou com a ajuda de Babaki, que a abraçou como a um bebé. Sem parar por um momento para pensar, fechou a porta e foi ter de faca desembainhada com o eahanoir que aleijara. Pegou-lhe pelo capuz e virou-o de frente colocando

a ponta dentro de uma narina, a tatuagem vermelha na sua testa coberta por amedrontadas bagas de suor.

Percebes o que eu digo? O eahan negro acenou afirmativa e tremulamente, o branco dos seus olhos azuis fixos na lâmina bem visível. Vais ficar à frente da carruagem e eu ao teu lado. Vais tirar-nos daqui. Levas-nos até aos portões. Percebeste?

Perante outro aceno afirmativo, Quenestil pegou o eahanoir pelo colarinho e levantou-o, envolvendo-lhe o tronco com o braço e arrastando-o até à carruagem, murmurando palavras aquietadoras aos nervosos cavalos pelo caminho. Ajudou-o a subir para o assento e foi buscar a capa negra dum eahanoir morto antes de subir ele também, entregando as rédeas ao novo cocheiro.

Leva-nos aos portões. Se chamares os guardas ou nos lebares para outro sítio qualquer, mato-te ameaçou, mostrando a faca uma última vez antes de a esconder na capa. O eahanoir acenou com veemência e deu ordem de partida aos cavalos.

O início de movimento fez com que a carruagem vacilasse antes de começar a andar. Babaki inalou por entre os dentes quando o ombro de Slayra tocou no punho do quebra-espadas que tinha espetado na barriga. Não o podia remover, pois os dentes da lâmina certamente lhe trariam os intestinos atrás. Sentia um calor no seu pulmão direito, que se estava lentamente a encher de sangue, o que lhe dificultava a respiração. A punção nas costelas fora profunda... as restantes feridas também ardiam e sangravam, mas o que Babaki sentia acima de tudo era o vazio que aquela mulher lhe deixara, o buraco no seu peito pelo qual a fera caíra... tossiu mais um pouco e encostou a nuca, observando Slayra, cuja cabeça apoiava na coxa ferida. A eahanoir tinha o princípio de alguns inchaços na cara, um corte um pouco acima da sobrancelha e uma ferida no lábio inferior, mas o pior era sem dúvida o ombro, que o antroleo manuseava com um cuidado quase maternal. Sem saber por que o fazia, afagou o cabelo da eahanoir, descobrindo-lhe uma curva orelha pontuda, e começou a falar. Talvez ela pudesse ouvir.

Slayra... falámos poucas vezes, nós os dois constatou. Estavas sempre a chatear o Quenestil... mas ele também te chateava, é verdade... as únicas alturas em que falávamos eram as noites em que dormíamos ao relento, quando eu, tu, a Lhiannah e o Allumno partilhávamos a tenda, lembraste-te? Também estavam sempre a discutir, vocês as duas, e eu e o Allumno tínhamos de vos ouvir...
Babaki

riu e tossiu, esfregando o sangue do canto da boca com a mão. Se eu estivesse shakarex, isto não me tinha feito grande coisa... mas aquela mulher roubou-me, Slayra, ela roubou-me a fera. É quase ridículo... todos estes anos a lutar para me livrar da desgraçada e agora que já não a sinto dentro de mim... um vazio. Sinto-me vazio, Slayra. Pensei que iria ficar contente, mas a única coisa que sinto é este frio, insuportável, vazio... vazio. Como se parte de mim tivesse sido arrancada à força... Tossiu um pouco mais e recostou a cabeça, observando o tecto enquanto remexia na sua tanga, tirando dela a nesga de cabelo louro entrançado. Este cabelo foi a Lhiannah que me deu no dia a seguir a tu desapareceres. É verdade, o que te aconteceu? Nem cheguei a saber, eu e o Quenestil fomos separados... mas não importa, estamos juntos agora e vai correr tudo bem. Tudo... O antroleo passou a nesga de cabelo pelos seus dedos enquanto afagava a cabeça de Slayra e ficou em silêncio durante alguns momentos, alheio ao abanar da carruagem. Eu amava-a, Slayra, e nunca lho cheguei a dizer. Conseguiria ela alguma vez amar-me? Duvido, eu acho que ela gosta do Aewyre, embora pareça que não. Ou talvez esteja enganado, como a respeito de tantas outras coisas... em relação a ti, por exemplo, também me enganei. Achava-te má, e na verdade és uma boa mulher. Descobriste isso com o Quenestil naquela noite, não foi? De outra maneira, ele nunca teria vindo atrás de ti com tanta fúria e desespero. Espero que ambos sejam felizes... como eu e a Lhiannah talvez pudéssemos ter sido, noutra altura, noutro lugar... Babaki procurou um bolso ou algo parecido nas roupas de Slayra, mas a indumentária da eahanoir era demasiado justa e apertada, pelo que lhe enfiou a nesga despidoradamente no decote. Leva isso. Devolve-o à Lhiannah. Se te lembrares, diz-lhe que eu a amei... ou talvez seja melhor não o dizer, pobre rapariga, para quê causar-lhe mais aflição...? Olha, faz como achares melhor.

Depois disso o antroleo permaneceu calado durante algum tempo, abanando ao sabor dos solavancos da carruagem, aproveitando aqueles que sabia serem os seus últimos momentos na silenciosa companhia de Slayra.

Pede... recomeçou. Pede desculpas ao Quenestil por mim. Eu sei que isto lhe causará muita dor, mas diz-lhe que era a única maneira, diz-lhe que eu não posso continuar a viver assim, com parte de mim arrancada. Nasci com a fera, sem ela vou morrer... devia ter percebido isto há muito tempo. Ter-me-ia poupado muita dor e sofrimento, a mim, a vocês, à minha família, à minha tribo, e a tantos

outros... especialmente a vocês. Tentaram ajudar-me, fizeram o vosso melhor, e por isso estou-vos mais grato do que alguma vez poderão imaginar... Tossiu mais um pouco e sentiu uma picada de dor nas entranhas. Não vos teria pedido nada, mas ainda assim vocês tentaram, mesmo quando correram perigo de vida, mesmo quando eu vos podia ter magoado ou mesmo morto, nunca me rejeitaram. Acto algum da minha parte poderá mostrar o quão agradecido vos estou a todos por isso...

A carruagem parou bruscamente e Babaki calou-se. Não ouviu nada no exterior, mas soube que a hora estava cada vez mais próxima ao puxar a cortina negra e ver a praça de Jazurrieh lá fora. Lágrimas mornas brotaram-lhe dos olhos, abrilhantando-os.

Quero... quero que lhes digas, Slayra. Digo-to a ti mas quero que lhes digas a eles também. Quenestil, Aewyre, Lhiannah, Taislin, Allumno, Worick... estou feliz por ter passado estes meus últimos tempos convosco. Dedos de angústia apertaram a garganta do antroleo. Foram os melhores e mais queridos amigos que alguém poderia desejar...

Quando a apertada ruela entre dois edifícios se abriu no amplo espaço da praça da entrada de Jazurrieh, Quenestil ordenou ao cocheiro que não o era, que parasse. Pela primeira vez desde há muito tempo, o shura viu o céu. Mesmo cinzento e nublado, nunca lhe pareceu tão belo como naquele momento, mas não se podia distrair com contemplações. Havia uma certa actividade na praça, pois ainda era cedo, e Quenestil estudou atentamente as rotas que pessoas e veículos tomavam nos caminhos de ladrilhos brancos e pretos que se projectavam do centro. Lembrou-se de que os brancos eram para entrar, os pretos para sair.

A... a praça é aqui... disse o eahanoir a seu lado, agarrado aos jarretes feridos.

Já vi... respondeu Quenestil, desferindo-lhe uma bordoadada com o pomo da faca na têmpora, atirando-o inconsciente para fora da carroça.

E agora? Conseguiria passar sem mais nem menos pelos guardas do portão? Duvidoso... mas teria de o tentar. Era a única coisa a fazer, não tinha tempo para planos ou cautelas, não com a Slayra ferida e o Babaki quase a morrer. Cobriu a cabeça com o capuz da capa negra, deu um golpe de rédeas e os cavalos retomaram o passo, dirigindo-se a um caminho de ladrilhos pretos. As pessoas afastavam-se das bestas

e davam-lhes passagem, permitindo a Quenestil um rápido avanço. O círculo do meio da praça tinha duas linhas cruzadas obviamente destinadas à circulação de veículos, e depois delas o último caminho negro para fora da cidade. O eahan seguiu o seu rumo de forma ordeira e cumpridora, querendo fundir-se à carroça, tão circunspecto quanto humanamente possível para quem conduzia dois resfolegantes garanhões, que pareciam perceber que algo estava errado. Apesar da sua determinação, as tripas de Quenestil deram um nó quando este se aproximou dos guardas postados ao portão dos veículos. O eahan atreveu-se a ter esperanças ao constatar que nenhum deles esboçou qualquer tipo de reacção ao ver a carroça, mas estas foram deitadas por terra quando uma mão enluvada se ergueu, duas lanças se cruzaram à frente dos cavalos e um guarda avançou na sua direcção. O shura inspirou fundo e encolheu-se para melhor ocultar as suas feições. A sentinela perguntou-lhe algo que julgou ser pertinente a quem levava dentro da carroça.

”E agora, o que lhe digo?”, pensou.

Tannath foi o que lhe ocorreu.

Os guardas trocaram olhares dúbios e o que falara com o eahan “dirigiu-se à porta da carruagem. Outros estavam a dirigir-se ao local também, estranhando algo. Quenestil praguejou e crispou os dedos no cabo da faca, pronto para tudo.

A porta rebentou e colidiu contra o eahanoir que a queria abrir, projectando-o a uma considerável distância. Ouviu-se um possante rugido e todos os guardas assumiram posições de combate. Com Slayra ao ombro, Babaki saltara para fora do veículo, rugindo como uma fera desvairada e semeando o pânico na multidão. Quenestil praguejou audivelmente e saltou para fora do assento, colocando-se entre os guardas e o seu amigo, mas antes que pudesse fazer fosse o que fosse, uma poderosa mão agarrou-o pelo colarinho e puxou-o para trás e contra o chão.

Babaki, não! gritou Quenestil em desespero ao cair.

O eahan só viu o antroleo a saltar por cima de si e, perante o avanço dos guardas, arrancar da barriga o quebra-espadas que nela tinha espetado e que trouxe consigo uma viscosa serpente escarlate. A grotesca visão e o rugido do antroleo paralisaram os eahanoir por momentos, que Babaki aproveitou para pôr Slayra de barriga em cima de um dos cavalos e partir com um golpe o jugo que o prendia à carruagem. Aterrado, o animal iniciou o galope com um salto que obrigou os guardas a darem-lhe caminho enquanto o seu companheiro

se empinava em pânico. Dois virotes vindos de buracos sobre o portão da entrada atingiram Babaki no peito.

”*Nunca mais falharei para convosco...*”, repetia o antroleo na cabeça, embotando a cruciante dor.

Não! tornou o shura a gritar.

Foge Quenestil! rugiu Babaki, atirando-se contra os guardas munidos de lanças, que nele se cravaram. Não deixes a Slayra sozinha!

Não! repetiu o eahanoir, levantando-se, vendo o seu amigo ser ferido e Slayra a ser transportada para fora da cidade por um cavalo em pânico.

Um eahanoir investiu contra ele de lança em riste, mas Quenestil desviou-se dela e penetrou na defesa do adversário, cortando-lhe a garganta num brusco movimento. O antroleo rugia.

Babaki não! berrou, correndo a ajudar o seu amigo.

FOGE QUENESTIL! A voz e o derradeiro vigor de Babaki vinham do desespero, que lhe deu forças para despedaçar os eahanoir que o haviam ferido, agarrar Quenestil e atirá-lo contra o aterrorizado cavalo preso. Três virotes perfuraram o seu já martirizado corpo, fazendo-o cambalear.

O eahan ficou ocupado no chão a tentar evitar ser esmagado pelos apavorados cascos do garanhão, que relinchava em pânico enquanto Babaki rugia e se abatia sobre mais eahanoir munidos de lanças. Quando o shura rebolou para longe do alcance das patas da besta, ergueu-se e preparou-se para investir outra vez, mas algo o fez olhar para fora dos portões e viu a selvagem galopada do garanhão que transportava Slayra. A sua amada corria perigo. Babaki ia morrer.

Quenestil, por favor, vai! Vai! VAI! suplicou-lhe o antroleo ao agarrar a haste de uma lança que lhe atravessara o abdómen para alcançar quem a empunhava.

Algo rasgou o shura por dentro quando fez a mais agonizante escolha da sua vida, que lhe dilacerou o coração. Saltou para cima do aterrado cavalo, cortou as faixas de cabedal que o prendiam ao jugo e deixou-o lançar-se na sua cavalgada. O eahan uivou ao sair dos portões da cidade, o mundo que tanto ansiara tornar a ver borrado por amargas lágrimas de dor.

O antroleo rugiu ao cravar a *shwafwif* no peito de um eahanoir, quebrando-lhe os elos da cota de malha, mas dois virotes perfuraram as suas costas ao mesmo tempo que lâminas cruéis lhe cortavam as pernas, ajoelhando-o.

"Nunca mais falharei para convosco..."

De olhos fechados, Babaki agarrou uma perna com as duas mãos e partiu-a como a um graveto. Uma ponta de aço encaixou-se-lhe entre a clavícula e o pescoço. As suas garras fincaram-se em carne mole e trincharam-na ao mesmo tempo que o gume de uma lâmina lhe cortava a pele entre os maxilares da sua boca escancarada e duas lanças o varavam de barriga ao chão.

"Nunca mais falharei para convosco..."

Esperneando, ainda cravou as garras num pé e mordeu a haste de uma lança que agarrou, mas muitas outras quase o espetaram contra o chão. Ia morrer, mas o último resquício de orgulho antroleo impediu-o de se deixar matar no chão como a um animal. Sem perceber como, violentas convulsões acompanhadas de selvagens oscilações das suas garras puseram-no de cócoras sobre uma poça do seu sangue e isolado no meio de um círculo de eahanoir. Com um prodigioso rugido, o último shakarex levou os braços aos céus, olhando pela última vez o Sol, que rompia num luminoso facho que atravessava as nuvens cinzentas.

"Adeus, meus amigos. Amo-te Lhiannah..."

E os inimigos abateram-se sobre ele, tombando-o.

Quenestil perdera a noção do tempo. A dada altura, conseguira tirar Slayra de cima do assustado cavalo e cavalgara com a inconsciente eahanoir à sua frente até o Sol se pôr. Perdera a conta das ribeiras atravessadas, ladeiras subidas, troncos saltados, penedos evitados; incitava a besta sem qualquer prudência, alheio ao perigo de lhe partir uma perna, alheado do ofegar da sua boca espumosa, indiferente à dor de montar sem sela. As lágrimas dos seus olhos haviam há muito secado devido às batidas do vento frio na sua cara, bem como a sua boca e garganta.

Por fim, decidiu parar por causa do constante bater da cabeça de Slayra contra o seu ombro e a forma como os cabelos negros da eahanoir lhe esvoaçavam na cara. O shura puxou a crina do cavalo e o garanhão desacelerou de boa vontade, o galope gradualmente reduzido a um trote, que em breve se tornou num passo regular e arquejante. Quenestil deixou a besta andar até perto de um regato, onde desmontou e deixou Slayra cair nos seus braços, encostando-a ao tronco de uma triste bétula desnuda de casca quase tão cinzenta como o céu pardacento e nublado. O cavalo foi beber do regato enquanto o eahan averiguava o ombro de Slayra, que se tornara a desarticular com

a violência da cavalgada. Como ainda estava inconsciente, Quenestil aproveitou para lhe reposicionar o osso, o que originou um quase inaudível gemido da eahanoir. O shura não ouviu e levantou-se, flectindo os joelhos involuntariamente com a dor nas pernas e dirigindo-se ao regato enquanto fazia um inventário do seu corpo, apesar de pouco sentir naquele momento. Os seus membros e a sua mente estavam embotados com o choque. Mesmo assim, apercebeu-se da ferida no trapézio e do corte nos dedos, que estavam vermelhos e inchados, e tirou a sua camisa. Ajoelhou-se à beira do regato ao lado do cavalo e passou a mão ferida pela água fria enquanto limpava o sangue no seu ombro e a perfuração no trapézio. Remexeu um pouco no saco da sua pedra de amolar e encontrou duas das caixinhas de latão que Allumno lhe dera antes de seguirem caminhos separados. Abriu-as e espalhou o unguento que continham, nos seus ferimentos, enfaixando a mão magoada com a fita da sua cabeça e deixando a ferida no trapézio estar por enquanto, pois não conseguiria ligá-la só com uma mão. Ergueu-se de pernas trémulas de dor e olhou em redor, procurando algo para fazer. Não podia ficar parado, tinha de fazer alguma coisa, manter-se em movimento, ou o mais provável era atirar-se de cabeça contra o tronco de uma árvore e arrancar as unhas a arranhar-lhe a casca. Se não se mexesse, iria enlouquecer. Viu os gravetos caídos em redor da bétula e decidiu começar a reuni-los para fazer uma fogueira. Estavam moles e húmidos, mas o shura não se importou, tinha era de se mexer. Ajoelhou-se e foi pegando nos paus e pequenos ramos um por um, sem qualquer pressa, escolhendo cada um judiciosamente, embora nenhum servisse sequer para atear o mais pequeno dos fogos.

Quenestil...? ouviu-se uma voz fraca.

O eahan virou-se e viu Slayra a piscar os olhos e fazer uma careta de dor ao levar a mão ao ombro.

Não te mexas. Fica quieta recomendou-lhe, continuando o seu absurdo trabalho.

Quenestil... o que aconteceu? A eahanoir olhou em redor.

Onde... onde está o Babaki? O eahan não respondeu, mas se Slayra lhe pudesse ver a cara, notaria o músculo cerrado do maxilar.

Quenestil...? Como não houve resposta, Slayra levantou-se a custo, empurrando o corpo para cima com as pernas.

Deixa-te estar onde estás. O teu ombro não está bom. A voz do shura soava contraída. Vou fazer um fogo para nós. Vai estar frio hoje à noite...

Slayra começou a pressentir a horrível verdade e as suas pernas fraquejaram ao mesmo tempo que algo se lhe parecia revolver na barriga. Palavras ternas de despedida ecoavam-lhe na cabeça, despertadas pela recusa de Quenestil em falar, acompanhadas pela iminência da inegável e esmagadora realidade, mas algo dentro de si recusou-a de imediato. Não. Não podia ser. Não podia. Não...

Quenestil...? tornou a eahanoir a perguntar, recompondo-se o suficiente para se aproximar a passos lentos. Onde está... o Babaki? O eahan não tinha a camisa vestida e os músculos das suas costas estavam tensos e contraídos como uma grande câibra. Quenestil...?

Está morto, porra! gritou, virando-se repentinamente para Slayra, que caiu com o susto, resguardando-se dos gravetos que o eahan espalhou pelo ar. Morto, ouviste? Morreu, está morto! *Morto!* A eahanoir tivera a sorte de não aparar o tombo com o braço ferido, mas os seus olhos estavam grandes e assustados. Ele morreu por nós, morreu por minha culpa, que o levei! Os eahanoir mataram-no e a culpa é toda minha! Minha porque o levei, e ele matou-se para que eu pudesse fugir! Porquê? Eu é que devia ter morrido, eu é que tinha de vir atrás de ti! Eu, e não ele! Porquê?

PORQUÊ? bradou aos céus, fitando a eahanoir com olhos coléricos

como pedras em brasa, veias do pescoço latejantes e cara enrubescida.

Slayra começou a soluçar e os seus olhos azuis brilharam-se.

Por favor, Quenestil, não me culpes. Não faças isso, por favor... As suas palavras atingiram o shura com a força de um virote. As

feições do eahan suavizaram-se e a tensão dos seus músculos desapareceu, deixando como rasto uns ligeiros tremores.

Slayra... não... culpar-te, eu nunca... Ajoelhou-se perante a eahanoir e agarrou-lhe a cara com a delicadeza que usaria para pegar um floco de neve, ajudando-a a deitar-se. Eu não queria... eu... eu... A eahanoir afagou-lhe a nuca, abanando a cabeça enquanto os seus lábios se mexiam, proferindo palavras mudas. Sentindo os tremores do shura, puxou-lhe a cabeça para si e encostou-a ao peito, acariciando-lhe os cabelos.

E então Quenestil cedeu e desfez-se num pranto, libertando gemidos abafados no peito de Slayra, também ela lacrimosa e soluçante. Ambos os eahan ficaram ali, a lamentarem a morte do seu amigo debaixo do melancólico céu invernal da Latvonia.

LIVRO QUARTO

INSÍDIA

Aereth Thoryn avançou com o cavaleiro e eliminou o barão de Tylon Nehin.

Regicídio em quatro jogadas afirmou, permitindo-se um meio sorriso enquanto bebia um trago de vinho aromatizado com pétalas vermelhas de craveiro.

Os dois regentes, ambos vestidos com simples togas forradas a pele, estavam perante um par de tabuleiros quadriculados, um mais elevado que o outro, ambos o campo de batalha para a partida de Demanda pelo Trono que jogavam. Aereth tinha olheiras e a sua postura denotava algum cansaço: dormira pouco e passara quase todo o dia anterior no seu trono, recebendo enviados de várias províncias, tratando do acolhimento da corte de Lennhau e de algumas disputas que haviam estourado entre os recém-chegados e a corte de Thoryn, mas sobretudo discutindo violentamente com os seus conselheiros e representantes. Todos se pareciam opor à união entre Ul-Thoryn e Lennhau que fora a única região de Nolwyn que se rendera ao Flagelo durante a Guerra da Hecatombe mas principalmente por temerem a reacção das outras províncias ao verem violado o nunca escrito acordo de segregação de Nolwyn. O jovem regente ergueu o seu cálice dourado, fazendo sinal ao pajem postado à porta que lhe servisse mais. O rapaz de cabelos pretos encaracolados a ferro quente viu o gesto e dirigiu-se à mesa ornamentada sobre a qual se encontravam as bebidas. A partida estava a desenrolar-se numa das salas de convívio de Allahn Anroth, um recinto sumptuosamente decorado com tapeçarias de caça e iluminado por um candelabro e castiçais com motivos aquilinos. Defumadores de prata em dois nichos côncavos nas

paredes exalavam um relaxante odor a narciso e um acolhedor fogo ardia na lareira orlada por asas de pedra minuciosamente esculpida. O hálito do Norte há muito perdera o fôlego, e a janela de vidro ladeada por reposteiros vermelhos apanhados com cordões amarelos mostrava um céu que lentamente ia purgando as nuvens em antecipação da Primavera.

Lorde Nehin ponderava, observando o jogo em silêncio com o queixo apoiado no punho e o cotovelo no joelho. As disposições das peças de mármore branco e vermelho em ambos os tabuleiros indicavam que o jogo estava a ser fortemente contestado. Muitas encontravam-se do lado de Aereth, mas as mais importantes haviam sido eliminadas por Tylon. O regente de Lennhau pareceu tomar uma decisão pouco depois e cofiou a raizada da sua espessa barba com os dedos grossos e peludos.

A vossa perícia é considerável, lorde Thoryn, mas jogais como um comandante drahreg, enviando as vossas ensandecidas tropas para a morte em massa afirmou, mexendo o seu ginete vermelho no tabuleiro mais baixo, no qual a ralé se debatia, eliminando o general branco e colocando o clérigo numa situação perigosa. Haveis ouvido as últimas acerca de lorde Syndar?

Aereth admoestou-se silenciosamente por ter negligenciado a situação no tabuleiro de baixo. O regicídio teria de esperar...

Sim, o homem está paranóico. E não é que ele foi destituir as confrarias de Thoryn em Vaul-Syrith dos seus bens? Sem tirar os olhos cansados do jogo, ergueu o cálice para que o pajem o servisse. O rapaz surdo fê-lo mudamente, focando o seu olhar átono apenas no copo e retirando-se para o seu lugar à porta com uma respeitosa curta vénia.

Antes fosse apenas isso... desejou Tylon, decidindo que chegara a altura de fazer uso da sua peça traidora. Pegou no escudeiro branco de Aereth, virou-o para mostrar a sua base marcada a vermelho no início do jogo, e avançou com ele para o fim do tabuleiro. Investidura anunciou, tirando o escudeiro do jogo e devolvendo o seu cavaleiro vermelho ao tabuleiro de cima.

Os olhos de Aereth arregalaram-se involuntariamente. Uma jogada brilhante, que estragara por completo os seus planos. Por detrás daquela fachada de lenhador tosco, lorde Nehin era um astuto adversário.

Então... e que mais? perguntou, dobrando-se sobre o tabuleiro como um abutre despojado de carniça.

Tylon sabia muito bem que os conselheiros de Aereth já lhe haviam relatado os factos, mas acedeu ao desejo não formulado do jovem regente de lhe conceder tempo para repensar a sua estratégia.

Foi declarado o boicote geral ao peixe de Thoryn e ao carvão e madeira de Lennhau informou, recostando-se na cadeira de costas acolchoadas. Argil já manifestou o seu desagrado para com a situação. Lorde Piergan diz que este entrave na circulação compromete as suas relações comerciais com Syrith.

Esses bebedores de barro... maldisse Aereth, coçando o queixo enquanto os seus olhos seguiam possíveis movimentos das peças.

Mineram também não está particularmente satisfeita. Não viram com bons olhos o incremento da minha guarnição na ponte do lalven.

Ambos sabíamos das consequências desta nossa... aliança...

lembrou Tylon, enclavinhando os dedos e apoiando o queixo sobre eles. A propósito, ficou pendente o assunto da mobilização de alguns homens de Thoryn. Devido às exaltadas reacções de lorde Syndar as minhas gentes não se sentem seguras com a proximidade de Vault Syrith...

Sim, claro... Aereth estava agora de sobremodo concentrado no jogo e optou por mover o seu cavaleiro para trás, provocando Tylon a movimentar a rainha para o eliminar e esperando apanhá-la entre os seus dois barões. Devo dizer que há muito que não era tão desafiado na Demanda pelo Trono.

Fostes bem treinado admitiu lorde Nehin, movimentando o seu recém-chegado cavaleiro e jogais com uma mestria para além da vossa idade... Aereth reflectiu e contra-atacou com o seu, eliminando mais um peão de Tylon mas falta-vos presciência, e essa vem apenas com os anos afirmou, movendo a sua balista em arco sobre o tabuleiro, pousando-a sobre o beligerante cavaleiro e eliminando-o.

Aereth sufocou um gemido. A reviravolta fora estonteante, estava a agir depressa demais, sem pensar, sem reflectir. A face daquele que em breve seria o seu sogro nem sequer denotava marcas de satisfação: estava a ser um massacre frio cuidadosamente orquestrado e desprovido de paixão. Uma gota de suor escorreu-lhe por entre as omoplatas abaixo e o crepitar da fogueira mais parecia os seus dentes a estalarem quando os rangia. Odiava perder, e a derrota afigurava-se-lhe inevitável. Apesar de o seu cálice ainda estar pela metade, Aereth ergueu-o para chamar o pajem surdo, que prontamente avançou de gomil em punho.

Evito beber demasiado durante uma partida... o vinho entorpece os sentidos e o juízo aconselhou Tylon, erguendo uma espessa sobranceira perante o cálice levantado.

Mas apenas durante as partidas, não?... comentou Aereth nervosamente enquanto era servido, conhecendo a reputação de prodigioso bebedor do seu adversário.

Tylon aceitou a tentativa de humor com um ligeiro erguer do canto da boca, mas não mais, e Aereth não insistiu. O pajem levou o gomil ao peito e deu um passo atrás, pronto para se retirar, mas lorde Thoryn achou que o jovem servira pouco e gesticulou com o cálice, pedindo mais. Perante a hesitação do seu serviçal, Aereth dirigiu-lhe o olhar, desviando um pouco a atenção do jogo.

Então? Quantas gotas puseste? perguntou, sabendo bem que as suas palavras só seriam ouvidas por Tylon. Vendo que o jovem continuava a hesitar, insistiu de forma mais veemente: Mas enche-me isto, miúdo!

O pajem pareceu entender e verteu o vinho cuidadosamente, tentando com delicadeza agarrar o cálice para evitar que este entornasse, mas Aereth gesticulou impacientemente e o líquido escarlate escorreu pela manga do regente adentro.

Moço dum raio! praguejou Aereth, erguendo-se e deixando o cálice cair no chão. O pajem deu um passo atrás, agarrando o gomil ao peito com as duas mãos e proferindo palavras mudas de perdão com os lábios. Eu vou...!

O vosso cálice estava quase cheio, lorde Thoryn lembrou-lhe Tylon, que permanecia calmamente sentado. Não castigueis o rapaz com tanta severidade.

Aereth fitou ambos alternadamente, ainda eriçado, mas a calma do regente de Lennhau era quase contagiante e os seus nervos amainaram.

Eu... ah, para quê, ele nem sequer ouve concluiu, dispensando o pajem com um gesto da sua mão e retomando o seu assento.

Pareceis cansado, lorde Thoryn. Poderemos retomar a partida noutra altura...

Não, ora essa... tu, limpa isto... lembrou-se de ordenar ao rapaz, indicando a mancha de vinho no tapete com o dedo.

O pajem percebeu e foi apressadamente buscar uma tigela de água e uma decocção de folhas de hera para tirar a nódoa, ajoelhando-se de seguida e procedendo a esfregar.

Um rapaz muito diligente... comentou Tylon.

Nem sei o nome dele reconheceu Aereth, coçando a barba enquanto esperava que lhe ocorresse uma nova estratégia. Acho que foi um bailio qualquer que mo enviou. É surdo, é mudo e, de facto, bastante aplicado.

Em suma, o servo ideal...

Sim, sim... concordou distraidamente enquanto perscrutava os tabuleiros. *"Desgraçado, apanhou-me bem. Como é que eu me safo desta?"*

Um leve tinir ergueu a atenção de ambos os regentes do tabuleiro para a entrada, encostada à qual se encontrava uma figura multicolorida com os braços cruzados e uma vara com uma bexiga cheia entre eles. Alheio ao recém-chegado, o pajem surdo continuou a esfregar a nódoa escura no tapete.

Bobo? Como entraste? inquiriu Aereth. Dei ordens para não sermos interrompidos excepto em caso de novidades urgentes.

As palavras vinham sem grande indignação, no entanto, pois a interrupção até fora oportuna.

A boca de Dilet rasgou-se num sorriso de grandes dentes alvos e o jogral avançou em passos largos e desajeitados.

Muito prezo eu a privacidade de vossas altezas, tudo relativo a vossas altezas é estimado por mim, mas tempos difíceis são estes, desprovidos de certezas, pelo que é necessário interromper-vos assim.

Tylon ergueu o sobrolho e Aereth franziu a testa. Que vejo eu, o que vejo? questionou Dilet, olhando para os tabuleiros. Vossa alteza salta de um trono para outro? E que é feito do ócio, do repouso, das forças que tão urgentemente necessitais de recuperar? Para enfatizar, o bobo bateu com a bexiga cheia na cabeça do pajem, que se virou abruptamente e que, ao ver Dilet, se assustou e caiu de traseiro, entornando o jarro de água em cima da mancha de vinho e respingando os sapatos de camurça de Aereth.

Desta vez, o regente de Thoryn reagiu com mais calma.

Lorde Tylon, que fazeis aos servos desastrados em Lennhau? Dilet fitou o pajem, fazendo os sinos do seu barrete tinir ao inclinar a cabeça para o lado. O jovem retribuía-lhe o olhar com orbes arregalados.

Eu tento ser indulgente, mas a minha mulher já ordenou ao Cortun que fizesse um serviçal sangrar tanto quanto o vinho que entornara...

Aereth riu fracamente, mas ao ver a sinceridade na expressão de Tylon, a alegria esforçada depressa se lhe desvaneceu.

Bom, duvido de que haja necessidade para tanta inclemência, mas... O jovem regente foi interrompido pelas mãos do bobo a assentarem nos seus ombros, seguidas do seu queixo.

Uuh, nada bom, nada bom, não. Quando soberanos se digladiam, a terra treme, mas afigura-se-me que a águia pousou no teixo e comeu bagas envenenadas... comentou, saltitando então para trás do regente de Lennhau e espreitando com os seus olhos assimétricos por cima dos consideravelmente maiores ombros deste. Lógica fria e estratégia são os trunfos do rei vermelho, mas muita batalha foi ganha com uma seta errante, uma morte inesperada, uma mudança imprevista. O peso da balança pode reverter através de acções que não podeis prever...

Dito isto, Dilet fez uma roda para o lado e estatelou-se no chão, onde ficou estendido. A sobranceira de Tylon continuava erguida, mas a expressão de Aereth alterou-se assim que devolveu o seu olhar ao tabuleiro superior e o fixou numa das suas peças. O bobo... a mais imprevisível do conjunto, que tanto podia levar um jogador à inesperada vitória como à humilhante derrota.

Tendes uma estranha criatura entre vós... afirmou Tylon, franzindo o cenho perante o prostrado jogral.

Aereth não pareceu ouvir. O bobo, claro... nada tinha a perder. De uma reentrância num dos cantos do tabuleiro, tirou um dado de oito faces e um de seis. Tylon apercebeu-se do movimento e devolveu a sua atenção ao jogo, mas o seu cenho franziu-se ainda mais.

O bobo? pronunciou a palavra com óbvio desagrado.

O bobo... confirmou Aereth, rolando o primeiro dado, cuja segunda face apontou para cima. Para a esquerda e para cima... explicou o jovem regente, indicando a direcção na qual a peça se iria mexer enquanto rolava o segundo dado. Quatro casas adiantou, mexendo o bobo esse mesmo número e sendo incapaz de conter um sorriso ao eliminar o renascido cavaleiro de Tylon.

Uma rápida expressão consternada marcou a face de lorde tylon por instantes, mas depressa desapareceu. O grande homem ponderou as suas opções e reviu as suas estratégias enquanto Aereth exultava.

O jogo é vosso acabou por declarar, erguendo-se da cadeira. Uma boa partida...

Sem dúvida admitiu Aereth, levantando-se também, mas confesso que tive sorte. Quer parecer-me que o bobo... O lorde de Thoryn calou-se ao constatar a ausência de Dilet. Não havia vestígios da presença do jogral na sala. Mas... onde se meteu ele?

Tylon pareceu reparar em algo no tapete e os seus joelhos rangeram quando este se acocorou, pegando num pequeno objecto reluzente com os dedos: um guizo.

Dais muita liberdade àquela criatura julgou, examinando o objecto atentamente.

Não tendes bobos na vossa corte?

Não, a minha mulher é muito... susceptível explicou Tylon, erguendo-se. Não leva a bem piadas a seu respeito. Que tem o vosso pajem? perguntou, apontando para trás de Aereth, que se virou.

O rapaz continuava sentado no chão, os seus olhos grandes e assustados e fixos num ponto indeterminado da sala.

Mas o que é que deu a este moço? quis Aereth saber. Levanta-te, rapaz. Estás em cima da nódoa acrescentou, tocando ao de leve na coxa do pajem com o pé.

O rapaz despertou com um tremor que lhe percorreu o corpo todo e retomou a respiração, lenta e profundamente.

Ele não parece sentir-se bem... constatou Aereth, sem que Tylon lhe respondesse. Que tens tu, rapaz? Alguém bateu à porta. Entrai.

A porta foi aberta e lolinna entrou, acompanhada por duas aias com cones velados nas cabeças. A princesa de Lennhau *trazia* um vestido bege com um bordado floral rosado entrelaçado nos braços e, compridas mangas que quase roçavam o chão. Preso ao peito tinha um broche anelar dourado incrustado de ametistas e o seu cabelo estava atado numa elaborada trança em forma de aro em redor da nuca e cingido com um cintilante diadema. Com uma pinça, havia arranjado as sobrancelhas, que agora pouco mais eram que dois arcos sobre os olhos azuis de pálpebras pintadas de índigo que olhavam para o chão.

Princesa... exclamou Aereth, dirigindo-se a ela de imediato para lhe beijar a mão, gesto que lolinna graciosamente aceitou. Sois a luz que nos ilumina neste pardacento dia. Senhoras... As aias executaram uma vénia.

Agraciais-me, milorde... corou a filha de Tylon.

Olha em frente, rapariga disse-lhe o seu pai, e a sua voz fez com que erguesse a cabeça de imediato. E tenta não ficar vermelha de cada vez que alguém te dirige palavra.

Sim, meu p... meu senhor. Perdoai a minha falta de cortesia.

Linda lolinna, a que devo esta inesperada e tão agradável visita? quis Aereth saber, algo desagradado pela relação que pai e filha tinham.

Gostaríeis... gostaríeis de dar um passeio, milorde? perguntou a princesa, como se recitasse um discurso decorado.

Muito me agradaria, mas não estará a temperatura um tanto desagradável para vós? Preocupo-me com a vossa saúde...

Ide passear com a vossa prometida, lorde Thoryn recomendou Tylon imperativamente, ainda a revolver o guizo nos seus dedos. Far-lhe-á bem apanhar um pouco do ar salgado da vossa cidade. E vocês, aias, tratem deste rapaz disse, apontando para o pajem com a mão livre.

Aereth hesitou um pouco, questionando-se acerca da autoridade na voz de lorde Tylon, mas acabou por aceder quando as aias pegaram no pajem e o levantaram cuidadosamente pelos braços.

Se é esse o desejo do senhor vosso pai... aquiesceu, estendendo-lhe o braço, no qual lollina pegou como se de uma cobra se tratasse. Ver-nos-emos ao jantar, lorde Tylon?

Certamente... O regente de Lennhau parecia distraído, pelo que Aereth saiu com a filha deste.

Parou ainda à entrada para admoestar os guardas que haviam deixado Dilet entrar, mas as suas palavras foram abafadas quando uma das aias fechou a porta. Tylon não saiu do seu lugar, olhando para o vazio, mexendo no guizo com os dedos, e por breves instantes uma sombra pareceu cobrir-lhe os olhos quando as pequenas labaredas dos castiçais encolheram.

Por fim, um sinal...

Aduz e Urit, dois batedores ocar da tribo dos Gal Shamul, cavalgavam pelas estepes varridas por um vento pontilhado com flocos brancos. Envergavam peles e vestimentas de couro e as suas cabeças estavam resguardadas por barretes forrados, mas ainda assim sentiam o toque frio da estepe. Os seus hemíonos estavam cansados, os seus bafos arquejantes já se sobrepunham aos ventosos uivos, mas havia que chegar ao acampamento o quanto antes. O *ayan* tinha de ser informado acerca da profanação do Poço de Songul, tal acto não podia passar impune! Estivera estabelecido no Conclave Lunar que os Cho Tírr iriam passar pelo local nas passadas sete luas, pelo que só podiam ter sido eles. Teriam perguntas a responder, e muito lhes convinha que as respostas fossem satisfatórias, pois caso contrário seriam todos passados a fio de sabre, homens, mulheres e crianças. Tal heresia seria também, por acréscimo, a perfeita desculpa para os Gal Shamul se apossarem do gado dos Cho Tírr, e nenhuma outra tribo poderia dizer

algo contra. Sim, pensavam ambos, seria algo que o *ayan* queria ouvir com a maior brevidade possível.

Os dois jovens *ocarr* haviam acordado em cavalgar todos os dias tanto quanto os *hemíonos* aguentassem, mas foram-se lentamente apercebendo de que o vento estava a secar as gargantas das suas montadas, que já tossiam e que corriam ainda o risco que se lhes formassem cristais de gelo dentro dos pulmões. Para além disso, sete dias de uma quase incessante cavalgada era potencialmente mortal, mesmo para os reputadamente incansáveis burros da estepe, pelo que Aduz e Urit decidiram parar. Nuvens de vapor saíam das narinas e bocas dos *hemíonos* enquanto estes abrandavam o passo gradualmente até pararem, lançando aliviados ofegos. Os dois *ocarr* desmontaram, cambaleando nos primeiros passos devido às coxas doridas, e apressaram-se a remover as selas e a carga dos *hemíonos* e a desenrolar cobertores para com eles cobrir os animais, que estavam quentes ao ponto de transpirar. Com a celeridade gerada por treino intensivo, trituraram partes da crosta da neve com os pés para os *hemíonos* beberem e acariciaram-lhes os pescoços com afecto fraternal, agradecendo-lhes o esforço.

Com os *hemíonos* fora de perigo e à procura de erva seca debaixo da crosta de neve, os jovens *ocarr* começaram a preparar a sua tenda, atando de cócoras a armação de madeira e osso com tendões. Os seus rostos de rotundos maldosos estavam mais secos e curtidos que os do típico *ocarr*, devido à prolongada exposição ao vento, e estavam vincados por rugas que não deveriam surgir senão numa idade mais avançada. Ainda assim, de cada vez que os seus olhares se cruzavam, os seus olhos estreitavam-se em frestas com pés-de-corvo e os seus dentes amarelados mostravam-se num sorriso. Era uma vida livre, a que levavam e partilhavam com os seus irmãos de quatro patas, e quando os Gal Shamul eliminassem os Cho Tírr, ambos cairiam sem dúvida nas boas graças do *ayan* e seriam louvados por terem sido os portadores da justificação do ataque. Enquanto Urit fazia os arranjos finais à tenda dentro desta, Aduz foi buscar o equipamento que haviam deixado numa pilha em cima das selas. Pôs a mochila das provisões e os estojos dos arcos ao ombro e agarrou numa das aljavas pela faixa de couro, que estalou, despejando o conteúdo da aljava na neve. Aduz praguejou, ajustou o seu gorro forrado e acorrou-se para recolher as setas, mas nesse momento ouviu resfôlegos nervosos. Olhou para os *hemíonos* e viu como estes batiam com os cascos no chão e erguiam os focinhos nervosamente. O jovem *ocarr* baixou o

ombro e deixou o equipamento cair, pegando o seu arco recurvo e alojando uma flecha entre os seus dedos, apontando-a para várias direcções. Chamou por Urit enquanto se dirigia a passos lentos para perto dos hemíonos, que estavam a ficar cada vez mais nervosos, como se uma aproximação invisível os estivesse a assustar. O vento ululava parecendo ele próprio estar a fugir de algo, e os flocos de neve tornavam-se mais intensos, fustigando-lhe a cara. Aduz chamou por Urit uma vez mais, mas dentro da tenda e com a ventania o mais certo era o seu amigo não o ouvir, pelo que começou a recuar. Foi então que distinguiu dois pontos escarlates no meio do vento nevoso e retesou o fio do arco, perguntando quem se aproximava com um certo tremor na voz. Um hemíono empinou-se, orneando, e pareceu a Aduz ouvir uma abafada pergunta de Urit do interior da tenda. Assim que o vulto da... *coisa* que se aproximava tomou forma, o jovem ocarr largou o fio e a seta singrou na sua direcção, mas atirara contra o vento e o projectil falhou o alvo por um dedo. Antes que Aduz pegasse noutra flecha, o rubor dos olhos do vulto intensificou-se, alumando uma caveira desprovida de maxilar inferior. A sua capa negra sarapintada de branco contorcia-se violentamente ao vento e os dedos metálicos da sua manopla crispavam-se numa espada umbrosa e famélica. O batedor quis gritar, quis atirar o arco ao chão, quis fugir, quis fazer qualquer coisa que o tirasse dali, para longe daquele terrível olhar, mas o seu corpo não lhe obedecia e a única resposta que dele obteve foi o soltar da sua bexiga. Vapor formou-se nos seus pés quando urina quente derreteu a neve, mas nem o calor molhado nas suas trémulas pernas fez com que estas se mexessem. Os dois hemíonos ornearam em aterrado unísono, empinando-se, e Urit gritou algo da tenda, tentando sair apressadamente mas conseguindo apenas que lona e armações quebradas pelo súbito movimento caíssem em cima de si. Aduz via cada passo lento do vulto com maravilhado temor à medida que este se aproximava, as suas órbitas vazias duas estrelas escarlates, duas promessas de morte.

Urit gritava pelo nome do seu amigo, debatendo-se com a lona e rebolando pelo chão, mas as únicas respostas eram os ornejos espavoridos dos hemíonos. Não foi senão quando algo caiu na neve ao seu lado e lhe tocou no ombro que o jovem ocarr conseguiu tirar a lona de cima de si, embora as suas pernas continuassem presas. Olhou na direcção do baque que ouvira e a sua voz enrolou-se-lhe numa bola seca na garganta. A cabeça de Aduz fitava-o de olhos vidrados, os derradeiros esguichos vermelhos do seu pescoço fumegantes e uma

última expressão de terror inscrita na sua cara pálida. Urit gritou, estrebuchando para longe daquela macabra visão, e deparou com uma greva negra à sua frente. Olhou para cima e o sangue gelou-se-lhe ao ver a sua morte a resplandecer em dois pontos escarlates nas órbitas vazias de uma caveira. A descida da lâmina foi quase misericordiosa.

Baodegoth ergueu a espada porosa e cruenta, cuja vermelhidão fumegava. Estava saciado, não necessitaria sequer do sangue daqueles dois. Embainhou a lâmina e deixou-se estar, fitando um ponto longínquo no horizonte obscurecido pela neve. Ancalach bebera sofregamente algures na distância, executara a sua dança mortal e ceifara um grande número de vidas. E o chamamento continuava, tão forte como dantes, um luzir no escuro, um gemido na vastidão, um odor distinto num espaço aberto.

Ancalach... vociferou, retomando o passo de cabeça baixa

contra o vento.

Tannath caminhava inseguro num longo e pardacento corredor arqueado. Não havia iluminação de qualquer espécie, tudo estava difuso e indistinto, mas o eahanoir conseguia ver aos seus lados paredes brancas lisas; à frente um fraco ponto de luz que o chamava e prometia libertação; atrás uma escuridão medonha, uma imensa mancha mais terrível que qualquer penumbra de Jazurrieh, que avançava lenta mas inexoravelmente, farejando-o como um imenso mastim negro. O eahanoir não sentia medo, mas a escuridão que o perseguia causava-lhe uma certa ansiedade que o impelia a andar em frente e o dissuadia de olhar para trás com muita frequência. Os seus passos ressoavam no chão branco e liso como as paredes, ora apressados, ora pausados, mas sempre em movimento. Contudo, não importava o quanto caminhasse, parecia estar sempre no mesmo lugar, pois o ponto de luz não se aproximava e a sombra não se distanciava, mas ainda assim Tannath continuava a andar, parar estava por alguma razão fora de questão.

Um indistinto rosnar fez-se ouvir pelo corredor.

Pela primeira vez, o eahanoir parou, escutando atentamente e movendo as pupilas azul e cinzenta para os cantos dos olhos amendoados, sem no entanto olhar para trás. Um segundo rosnido, desta vez mais intenso, confirmou os receios de Tannath. Vinha de trás, da sombra, o *monstro* faminto que se aproximava para o devorar. O eahanoir retomou e estugou o passo, impedindo-se a si mesmo de olhar para trás, tentando concentrar-se no *dac, dac* das suas botas na pedra

lisa, mas o som repetia-se, cada vez mais intenso, cada vez mais próximo. As passadas aceleradas em breve se transformaram numa ligeira corrida quando o *monstro* rugiu pela primeira vez ao de leve, mas cedo se tornaram numa correria desenfreada à medida que a presença hostil lhe parecia roçar os pêlos do pescoço. Em breve Tannath corria pela sua vida, ouvindo as mandíbulas do *monstro* a estalarem atrás de si, as suas garras ferinas a rasparem o chão liso, sentindo o cheiro do seu hálito quente e húmido. O ponto de luz parecia distanciar-se cada vez mais e mais, e podia jurar que a sombra já lhe tocava os calcanhares. Reunindo toda a sua coragem, Tannath forçou-se a olhar para trás.

E então viu o *monstro*, presas cruentas e brilhantes e salivantes, garras curvas e ferozes, pelagem ensopada de vermelho, olhos que ardiam de raiva e furor assassinos. Em pânico, o eahanoir gritou e o sangue foi bombeado em jorros para as suas pernas. Correu e correu, sempre a ouvir os rosnidos e rugidos, correu e correu até mais não poder e tombar por fim no chão. Virou-se de barriga para cima e colocou os pés protectoramente entre si e o *monstro*, mas garras cruéis enterraram-se-lhe na carne das pernas, dilacerando-as. O eahanoir gritou de dor e os seus berros intensificaram-se quando todo o seu corpo foi selvaticamente mutilado por presas e garras afiadas que pareciam estar em toda a parte, esguichando as paredes brancas de vermelho, ateando fogos de agonia na sua carne, fazendo-o provar o sabor quente e férreo da sua própria essência vital...

Tannath despertou com um berro. Estava de tronco nu, deitado de barriga para baixo numa cama macia de lençóis ensopados no seu próprio suor. A sua cabeça estava quente, os seus braços estavam estendidos a seu lado e tanto eles como as pernas estavam amarrados ao leito, e um lençol húmido cobria-lhe as costas, que lhe doíam. Começou a estrebuchar, mas assim que ergueu a bacia, a pele nas suas costas crepitou e o eahanoir deixou-se cair de barriga na cama, acometido de dores.

Não te mexas assim ou magoas-te recomendou-lhe uma voz feminina.

Tannath olhou para o lado, fios de cabelo molhado a obstruírem-lhe parcialmente a visão, mas mesmo na iluminação esbatida do quarto onde se encontrava reconheceu a eahanoir que estava de braço encostado à parede.

Vinxenia! O que aconteceu? Onde estou? perguntou com uma voz febril.

A pequena boca em forma de coração da eahanna negra alinhou um sorriso e esta dirigiu-se a passos lânguidos para a cama.

Foste gravemente ferido. Estás num sítio seguro. Agora fica quieto ou vais magoar-te.

Que sítio é este? Por que estou amarrado? As veias dos compactamente musculados braços de Tannath dilataram-se, mas a força que fez no tronco atçou-lhe faíscas de dor nas costas e o eahanoir grunhiu.

Se continuas assim, deixo-te sozinho até acalmares ameaçou Vinxenia, acorando-se sorridente defronte da cara de Tannath, que relaxou resignadamente.

O que aconteceu? perguntou uma vez mais, a sua voz mais calma.

A besta por pouco não te rasgava as costas explicou Vinxenia, tirando as madeixas húmidas de frente da cara do eahanoir com delicados dedos. Atirou-te para dentro da arena, nem sei como não partiste nada... és duro de matar... comentou com um sorriso, esfregando-lhe as gotas de suor do queixo.

O eahan negro não estava com disposição para aquilo, e afastou a cara da mão de Vinxenia.

Então? Fui eu quem te rasgou as costas?

Continua... ordenou, algo contrariado com a situação.

Quando caíste na arena, começaste a esvair-te em sangue. Se tivesses perdido a consciência, o mais certo era estares morto por esta altura, mas de alguma forma despertaste e tiveste a presença de espírito para te atirares de costas para uma das fogueiras da arena... os olhos do eahanoir arregalaram-se com a memória avivada: o extremo esforço a arrastar-se para as labaredas, o ardor das feridas abertas das costas, o calor insuportável, o cheiro a carne queimada, a sua própria voz gritante a soar-lhe aos ouvidos ... rebolaste pela areia e apagaste as chamas das tuas roupas, e depois deves ter perdido a consciência. Foi muito esperto, cauterizaste as feridas e paraste o sangramento, mas ficaste com umas queimaduras muito feias nas costas...

Estou vivo... constatou, algo atordoado com a memória.

Lá isso estás. Agora deixa-me ver essas chagas... disse Vinxenia, erguendo-se e dirigindo-se a uma mesa com utensílios medicinais. Tens sede?

Sim respondeu Tannath relutantemente.

A eahanna negra serviu uma taça e levou-a à boca do seu contrariado paciente.

Mal empregado... comentou Vinxenia, passando as mãos por baixo da barriga de Tannath para lhe atar as ligaduras ao tronco.

Então por que não o fazes, agora que estou tão convenientemente amarrado? perguntou o eahanoir com um tom de voz que dava muito bem a entender o que faria caso estivesse solto.

Bem sabes como detesto derramamento de sangue desnecessário. É um atentado ao potencial de cada indivíduo, sim? E tu tens bastante...

O que queres de mim, Illoth? já estava Tannath a adivinhar.

Fui eu quem providenciou a fuga do antroleo confessou. Contava engendrar uma situação propícia na qual ele te pudesse matar, mas a tua inesperada visita forçou a uma alteração de planos, sim? Os olhos azul e cinzento de Tannath foram atizados com estas palavras. Fora Illoth, então... O antroleo deixou-te por morto e fugiu com o seu amigo eahan e a... Slayra.

Então? Não faças tanta força com as costas que ainda abres as feridas... advertiu Vinxenia, atando uma ligadura.

Enquanto fugiam, o antroleo foi morto, mas pelo caminho mataram a shionna, cinco hasslir teus, sete sajellir meus e aleijaram o meu filho, que os devia ter recebido em meu lugar, sim?

"A Shanaya também..."

Slayra,..", pensava Tannath, aturdido com o relato.

Vou ser directo, sim? És um empecilho para mim, Tannath, e teria gosto em matar-te de forma lenta e de sobremodo dolorosa, mas um insulto como este que a mim foi proferido não pode passar impune. Ninguém me ludibria, mata os meus homens, aleija o meu filho e escapa incólume. Vais ficar aqui até te sentires restabelecido, e nessa altura irás em busca desse eahan e da Slayra e matá-los-ás a ambos. Decerto também sentes uma certa sede de vingança, sim? Tannath não respondeu. Estava atordoado com tantas revelações e com a menção de Slayra. Depois disso, nunca mais te quero ver em Jazurrieh. Os teus homens abandonaram-te e agora trabalham para mim, as tuas posses foram confiscadas e a tua casa apropriada. Nada mais te prende a esta cidade, o único propósito da tua vida está fora das muralhas e em fuga para partes incertas. Enviei batedores, mas perderam-lhes o rasto, e neste momento não tenho disponibilidade nem a inclinação para investir mais recursos na sua captura, pelo que te encarrego dela. Illoth respirou fundo. Espero ter sido claro. Que dizes da minha... proposta?

Tannath continuava atordado. Slayra... o antroleo morto... o Quenestil com a Slayra... a Shanaya morta... ele ferido... num único dia, Illoth desapoderara-o de tudo, o antroleo ferira o seu corpo e Slayra chagara a sua alma. Eram muitas e violentas revelações, até mesmo para alguém com o sangue-frio de um assassino. Os dedos de Vinxenia nas suas costas pareciam prontos a crisparem-se no punho de um estilete e varar-lhe o coração. Apercebia-se agora também de que a eahanna trabalhara como espia para Illoth, e o facto de não se ter apercebido disso mais cedo era amargo como bile. Essa mesma amargura despertou-o e o eahanoir olhou Illoth nos olhos.

O que te garante que não volto para te matar? perguntou, consciente do quão vazia era qualquer ameaça a um *etharr*, principalmente Illoth.

O eahan negro de toga encolheu os ombros despreocupadamente.

O mais certo é morreres lá fora. Mas se porventura voltares, podes ter a certeza de que terei tomado as devidas precauções, sim? Então, que me dizes?

Acho que depois disto uma mudança de ares me fará bem...

Uma curta pausa. Aceito.

Esplêndido disse Illoth, batendo as palmas e levantando-se.

Deixo então a tua recuperação ao cargo da adorável Vinxenia. As melhoras, sim? e retirou-se, fechando a porta atrás de si.

A eahanoir acabou de atar as ligaduras e saiu de cima de Tannath, dando-lhe duas palmadas avaliadoras no traseiro.

Vou arranjar-te algo que comer. A febre deve ter-te esgotado, e não queremos perder a tonicidade desse corpo...

Foi por causa da Slayra? praticamente afirmou Tannath, fazendo com que Vinxenia parasse a meio caminho.

A eahanoir olhou por cima do ombro e o canto da sua boca cordiforme ergueu-se num sorriso.

Alguém que julga conhecer tão bem as mulheres faria bem em temer uma eahanoir ciumenta... limitou-se a dizer, saindo ela também da sala de seguida, deixando o eahanoir com o seu tormento pessoal.

IRMÃOS DE SELA

Após os acontecimentos da noite do duelo entre Aewyre e Krór, o comportamento da tribo para com o grupo sofrera uma drástica mudança. Lhiannah salvara a criança ocar da bruxa e fora recebida como uma heroína após Krór ter relatado os acontecimentos à xamã. Por arrastamento, os restantes companheiros tiveram um acolhimento parecido. *Tamsagan*, chamavam-lhes agora os ocar: irmãos de sela. A consagração dera-se ao ar livre no dia seguinte, apesar do frio e do vento, pois exigia que cada um dos companheiros montasse um hemíono e cavalgasse em redor do acampamento, bebendo uma taça de *boozlan* ao fim de cada volta e continuando a fazê-lo até cair da montada. Allumno, prudente, fingira-se incapaz de subir a sela à segunda volta, Taislin caíra à terceira, Lhiannah à sétima, Aewyre prendera o pé no estribo à nona e Worick fizera com que o *ayan* perdesse a conta antes de escorregar da sela e adormecer no chão. Todos excepto Allumno foram transportados para uma tenda dentro da qual ardiam braseiros e onde dormiram durante longas horas, debaixo da vigília do mago. Aewyre despertou primeiro nessa noite, acordado pelo cavernoso ressonar de Worick. A sua boca parecia ter sido estofada com areia, tão seca estava ela, e as têmporas latejaram quando lhes encostou os nós dos dedos. Allumno estava sentado de pernas cruzadas, observando uma chaleira de cobre a aquecer em cima de um braseiro, erguendo o olhar quando ouviu o sofrido despertar do seu protegido.

Boas-noites, Aewyre saudou, passando-lhe uma tigela de água. O jovem olhou para o objecto, indeciso entre beber ou imergir a cara nele, acabando por fazer ambas as coisas. Que tal os privilégios de ser *tamsagan*?

Aewyre gemeu, pingando do nariz e dos cabelos, que puxou para trás.

Já te disse que os comentários parvos são comigo, Allumno... respondeu, coçando o já não tão módico crescimento piloso na face.

”Estúpidos”, ”comentários estúpidos”, para ser mais preciso, mas longe de mim roubar-tos, sejam eles quais forem... que fazemos agora?

Agora...? Os olhos do guerreiro estavam semicerrados de contrariedade. Agora o quê? Que dor de cabeça... lamentou-se, apoiando a testa nas mãos.

Agora que estamos de boas relações com a tribo. Aproveitamos para partir ou continuamos com eles?

Aewyre permaneceu em silêncio, amparando a cabeça para a manter no sítio enquanto o *yugr* andava à roda. Quando a tontura passou, bebeu o resto da água da tigela e atirou-a incriminiosamente ao chão.

Andamos com eles enquanto eles se dirigirem para Norte. Assim que mudarem de rumo, separamo-nos.

Muito bem... olha, trouxe-vos comida. Allumno entregou a Aewyre uma tigela com bocados de carne.

Ratos? O mago acenou com a cabeça. Não tenho fome...

Passaste boa parte de um dia sem comer. Vai, mastiga isso e engole. Relutantemente, o guerreiro fê-lo, apesar de o *boozlan* ter queimado as suas papilas gustativas. Em relação ao que aconteceu na passada noite...

Nem me fales... interrompeu Aewyre de boca cheia.

Na verdade, estava à espera de que tu o fizesses... O jovem suspirou.

Lutámos. Eu ia-lhe cortando a perna, ele ia-me partindo o nariz. Apareceu aquela cabra de negro...

A harahan?

Sim. Apareceu com uma criança ocar e obrigou-nos a parar. Disse-me para matar o Krór. Se não fosse a Lhiannah, tê-lo-ia feito...

A Lhiannah?...

Sim, ela apareceu também e cravou uma seta nas costas da cabra, que acabou por fugir... Distraído a falar, o jovem ia comendo.

Estou a ver... então e que farás em relação ao drahreg? continuou o mago, confirmando que manter o jovem a falar era a melhor maneira de fazer com que comesse.

Em relação a ele? O que é que eu hei-de fazer? Se estás com medo de que eu o enfrente outra vez, não te preocupes. Aprendi a lição.

Gostava de saber qual... sendo assim, posso presumir que o Krór seja agora um objectivo secundário?

O jovem mastigou pensativamente antes de responder.

Eu decidi segui-lo porque senão não ia conseguir seguir para Asmodeon descansado. E também porque julgava que ele estava com a cabra...

Tanto nome feio...

Com a harahan... sabes que andas cada vez mais chato, Allumno? O mago encolheu os ombros, dando um desconto ao jovem pela sua má disposição.

E ele irá cooperar? Também quer tréguas?

Não sei... admitiu Aewyre, terei de lhe perguntar. Mas é o que eu quero fazer.

Então e a... Essência da Lâmina?

mudou o mago de assunto. Outra pausa para a mastigação.

O meu pai é mais importante. Não tenciono morrer antes de saber o que lhe aconteceu. De repente, o jovem pareceu ficar algo sóbrio, esquecendo a dor de cabeça,

Allumno suspirou perante a volubilidade do seu protegido, mas acedeu silenciosamente com um acenar de cabeça e deixou o guerreiro entregue à sua resolução, observando os restantes companheiros. Taislin tinha um braço em cima da cara de Worick, que resmungava impropérios mesmo em sonhos. Lhiannah mexia-se durante o seu sono irrequieto, esticando as pernas, curvando-se numa posição fetal, estendendo os braços e virando a cabeça para um lado e para outro. Numa das suas incursões ao espaço dos seus companheiros de tapete bateu com a testa no elmo de Worick, o que a despertou.

Boas-noites, Lhiannah saudou o mago.

A princesa piscou os olhos, esfregando-os e à testa, mas cedo se arrependeu de os ter aberto, pois algo parecia querer empurrá-los para fora das órbitas.

Ohhh... gemeu.

Toma disse Allumno enquanto lhe passava uma tigela de água, para apaziguar a garganta.

Garganta...? Preciso é de algo para a cabeça... Acqon me cure, tão cedo não volto a beber...

O mago abanou a cabeça como faria um pai perante filhos irresponsáveis que se apercebiam das consequências das suas travessuras.

Olhou para a chaleira de cobre, cujo conteúdo já fumegava, perto da temperatura ideal.

Vai bebendo água, Lhiannah. Estou a preparar-vos uma coisa para a ressaca...

”Ressaca”, Allumno? inquiriu a princesa, erguendo as sobrancelhas dos olhos semicerrados.

Foi o que eu disse...

Sim, mas... não sei, de ti esperava algo como ”mal-estar” ou uma coisa parecida... confessou, esfregando a testa com as palmas das mãos.

”*Agora ela também? Andar ao laré, ressaca, mas já não posso falar à vontade?*”, duvidou o mago. Esforço-me por ser claro... dispensou um olhar à chaleira, da qual já serpenteavam fios de fumo branco. Ah, está pronto. Isto deve ajudar... afirmou, pegando na asa da vasilha com um pano em volta da mão e vertendo o líquido que continha numa taça.

O que é isso? quis Aewyre saber, devolvendo a sua atenção ao mago.

Chá de urtigas.

Urtigas? Homem, tens uma floresta inteira dentro da tua sacola? admirou-se Lhiannah.

Apenas o estritamente necessário... respondeu Allumno, sentindo-se como uma desculpa para que os jovens não falassem um com o outro.

Seguiu-se um dos habituais silêncios que surgiam sempre que Aewyre e Lhiannah estavam juntos e o mago ocupou-se a verter o chá noutra taça. Os mudos companheiros de Allumno beberam sem trocar palavra.

Não prima pelo sabor, mas vai ajudar-vos com... o *mal-estar*. Ambos acenaram com as cabeças e o mero gesto fez com que estas lhes doessem, pelo que beberam um longo trago, como se dessa forma pudessem afogar a dor. Taislin acordou pouco depois, com a garganta tão seca que se viu incapaz de falar até esvaziar a sua taça de água. Como não estava particularmente ansioso por ouvir os queixumes do burrik, Allumno passou-lhe logo de seguida o chá e ficou sentado de pernas e braços cruzados a ver os três a sorverem o líquido com desagradada avidez.

Até quando ficará o Worick assim? perguntou a Lhiannah.

Podíamos acordá-lo agora, mas o melhor é deixá-lo estar sossegado. Esta tenda é pequena demais para o aturar.

O mago anuiu com a cabeça e esperou que todos acabassem de beber, incapaz de conter um modesto sorriso ao ver as caretas que faziam após cada trago. Assim que terminaram, tirou os seus unguentos da sacola.

Taislin e Lhiannah, cheguem-se aqui. Deixem-me ver as vossas feridas...

O burrik ergueu-se de imediato, despindo a sua camisola para mostrar a laceração ligada no seu flanco, e Lhiannah puxou a calça da perna ferida para cima. Aewyre ficou a olhar para o vazio enquanto Allumno tratava dos seus companheiros, e de repente pegou no casaco de couro e pele, vestiu-o, pôs-se de gatas e dirigiu-se à entrada da tenda.

Onde vais? perguntou o mago sem tirar os olhos da perna ferida de Lhiannah que tratava.

Falar com ele respondeu o jovem secamente. Não se preocupem, prometo que não vou lutar acrescentou.

Os três viram o jovem sair e Lhiannah continuou a fitar apreensivamente o reposteiro da tenda mesmo enquanto Taislin o fechava.

Não levou a Ancalach constatou o burrik. Ninguém disse nada.

A estepe deu as boas-vindas a Aewyre com uma gélida e prolongada lufada de vento. O jovem tirou as luvas forradas a pêlo de coelho do cinto e enfiou-as nas mãos, mexendo os dedos para esticar o couro pouco flexível. Olhou em redor e só viu *yugrs* com pequenas caudas de fumo a serpentearem dos buracos nos seus tectos; não havia vivalma fora do calor das tendas. Puxou pela cabeça e lembrou-se de que a lona da tenda da xamã estava pintada com símbolos estranhos, começando a procurá-la de seguida. Passou por uma oarr que estava acorada por cima de um buraco fumegante no chão e desviou educadamente o olhar. A mulher disse algo na sua língua, que tanto podia ser o desejo de uma boa noite como a vontade de o obrigar a comer aquilo que estava a fazer, pelo que o jovem se limitou a murmurar algo em resposta e continuou no seu caminho. Após algumas voltas ao acampamento, acabou por encontrar o *yugr* da xamã e, desconhecendo os gestos de cortesia oarr, bateu ao de leve no reposteiro de lona. Como não obteve resposta alguma, tornou a bater. Após a terceira batida, achou que já fora educado o suficiente e curvou-se para entrar. O *yugr* da xamã estava escuro, com um único braseiro de estrume a arder no centro, e dentro dele pairava o inevitável odor a esterco misturado

com um amargo perfume de artemísia. Penduricalhos, ossos e ossículos pendiam das armações da tenda, atados com tendões, e a cabeça do guerreiro fez com que vários chocalhassem e se lhe emaranhassem no cabelo, lembrando-lhe do quanto este crescera.

A xamã estava sentada de pernas cruzadas ao lado de Kror, esse deitado e envolto em peles. O queixo da anciã tocava-lhe a junção das clavículas, pelo que ou dormia ou meditava; era difícil de dizer com os olhos vendados e com a quase imperceptível respiração. Não pareceu reconhecer a presença de Aewyre de qualquer uma das formas. Kror estava desperto, e os seus orbes vermelhos haviam fitado o seu figadal adversário desde que este entrara. Instintivamente, os corpos de humano e drahreg retesaram-se com o puxão do "tendão", mas ambos conseguiram dominar os seus impulsos. Ainda assim, os olhos de Aewyre fixaram-se na trouxa de peles que pendia de uma armação e que o jovem sabia conter os dois estranhos alfanges.

Como está a perna? indagou, permitindo-se esse pequeno rodeio.

Bem respondeu o drahreg sem hesitar, destapando a perna enfaixada em ligaduras de lã. A ferida fora feia, mas a anciã fizera aparentemente um bom trabalho. O... nariz? perguntou ainda, erguendo o tronco para se colocar numa posição sentada.

Consigo respirar... O nariz ainda estava avermelhado, mas não fora partido. Temos de falar.

Sim... concordou Kror, indicando a Aewyre que se sentasse. O jovem assim fez, enclavinhou os dedos e os dois guerreiros ficaram a olhar como que hipnotizados para o estrume ruborizado. Tanto um como o outro tinham a sensação de que abrir a boca seria o equivalente a desembainhar uma espada. Aewyre perdeu a paciência primeiro e quebrou o silêncio que se instalara no *yugr*.

Como é que vai ser?

O olhar de Kror deu a entender que não percebera.

Como é que vamos fazer agora? Eu vou-me embora; e depois? O que é que *tu* vais fazer?

Ambos fitaram-se um ao outro durante um intervalo de várias batidas de coração, até que o drahreg respondeu.

Eu vou matá-la. Aewyre ergueu o sobrolho. Ela fez mal a mim e aos meus irmãos. Vou encontrá-la e vou matá-la.

Algo estalou no monte de estrume, e depois disso o silêncio tornou a reinar. Aewyre coçou a barba e pensou no que dizer.

E... tu? perguntou Kror.

Eu? Vou seguir o meu caminho. Eu nem queria entrar nas estepes, a culpa disso foi... Não, não iria causar conflito. Eu... e os meus amigos vamos para Norte, para fora das estepes. O drahhreg acenou com a cabeça. Vamos ter problemas?

Kror encolheu os ombros.

Vocês são *tamsagan*. Os Cho Tírr não vos vão fazer mal.

Sim, já sei que os Cho Tírr são uns catitas, mas e as outras tribos? Os outros ocar são tão simpáticos? Aewyre mordeu a língua pelo seu sarcasmo. O maldito "tendão" desembainhara a sua língua na falta de Ancalach.

Aparentemente, a zombaria passou ao lado de Kror.

Vocês podem andar com os Cho Tírr enquanto quiserem, mas quando se forem embora, não sei o que os outros ocar fazem, se há ocar a Norte...

Pois... teremos de confiar na sorte. O drahhreg acenou com a cabeça, apesar de Aewyre não ter a certeza se ele percebera. Então e depois de a matares, a harahan?

O nome nunca deixava de fazer Kror encolher-se involuntariamente.

Depois... não sei... admitiu o drahhreg.

Pois, eu também não...

Pois...

Pois... insistiu o humano.

Outro momento de silêncio, que na verdade nem era de todo desconfortável para nenhum dos dois. Após dias de intensa tensão entre ambos, passaram um momento silencioso juntos perante um monte de estrume ardente era quase alivante. A cabeça da xamã começou a abanar quando esta principiou a tartamudear palavras ininteligíveis, como em transe.

O que é que a... venerável está a fazer? perguntou Aewyre para mudar um pouco o assunto.

A pedir aos... espíritos que tratem da minha perna.

Ah.

Sim...

Pois...

A xamã calou-se. O *yugr* estava cada vez mais sossegado, apesar de dois dos presentes serem capazes de desencadear uma furiosa tempestade caso os sentidos certos fossem desencadeados por algum impulso. Mas ambos estavam calmos, estranhamente calmos, como se tivessem declarado tréguas não verbalizadas.

Aewyre limpou a garganta.

Depois de matares a harahan, vens atrás de mim, não vens? Kror pensou antes de responder, mas a resposta era óbvia.

Sim.

Pois... disse Aewyre resignadamente, como se o drahreg lhe tivesse confirmado que a estepe era fria no Inverno. E então... teremos de lutar.

Pois... Kror assimilava palavras depressa, notou o humano. Se passasse mais uns tempos com ele, tinha a certeza de que conseguiria falar Glottik fluentemente.

Bom, então só podemos esperar até que o dia chegue. Até lá também tenho coisas para fazer...

Pois... Agora já começava a parecer um corvo a crocitar palavras de volta.

Certo. Ainda bem que concordamos. O guerreiro levantou-se, mantendo a cabeça baixa. Então até amanhã.

Boa noite... desejou Kror, deitando-se outra vez.

Boa noite. Aewyre encaminhou-se até à saída do *yugr*, mas parou antes de a abrir e olhou para trás.

Kror retribuiu o olhar e nesse breve instante os dois guerreiros sentiram um afluxo quente no peito e as batidas dos seus corações retumbaram-lhes nos ouvidos. Os punhos de ambos cerraram-se e os pêlos nos seus pescoços eriçaram-se, mas assim que a xamã retomou a sua ladainha, veio a calma. Aewyre foi ter com Kror uma vez mais e estendeu-lhe a mão.

Enterraste os clérigos e poupaste a vida à Lhiannah e ao Taislin. O drahreg olhava para a mão estendida com um misto de curiosidade e apreensão. És um grande combatente e o melhor adversário que já enfrentei. Depois de nos separarmos, a próxima vez que nos virmos, será de espadas desembainhadas, e aí um de nós vai morrer. Eu... queria apenas que soubesses que te respeito. Kror.

O drahreg continuou a olhar para a mão de testa franzida, e Aewyre pensou que usara palavras demasiado complicadas, mas de alguma forma Kror entendera, pois acabou por lhe agarrar a mão, cautelosamente primeiro, e depois num franco aperto. Os dedos de ambos formigaram, e humano e drahreg apertaram com mais força que a que seria necessária, mas conseguiram reprimir os instintos de combate que os incitavam a atirarem-se um ao outro.

Eu... também te respeito. Aewyre.

Ambos puxaram então as mãos para longe uma da outra, levando-as ao cabelo e à barba como se de um movimento natural se tratasse.

És um drahreg estranho, e essas tuas espadas também são esquisitas. Mas não debes querer falar disso, pois não?

Se não tivesse olhado para o chão ao perguntá-lo, Aewyre teria visto um fugaz brilho nos olhos vermelhos de Kror, uma derradeira vontade de falar, de vazar tudo o que lhe ia na alma num único momento fraternal, que rapidamente se desvaneceu. Quando ergueu a cara, Kror já olhava para o braseiro de estrume outra vez.

Pois... bem, fica para outra vez então. Talvez. Boa noite e... desculpa lá a perna.

Isso Kror percebeu e estranhou, mas Aewyre não lhe viu a expressão franzida porque lhe virou as costas e caminhou para a saída do *yugr*. O drahreg sentiu necessidade de dizer uma última coisa, qualquer coisa, mas nada lhe ocorreu.

Pois... foi a única palavra que lhe saiu da boca quando Aewyre fechou o reposteiro. Kerhex e Sassiras's chamavam-no sussurrantes da trouxa pendurada, e o drahreg convenceu-se de que fizera bem em os deixar fora do seu alcance.

Os companheiros continuaram com os Cho Tirr durante mais um mês após essa noite, acompanhando-os na sua migração para Norte. Não mais foram tratados como reféns hospedados, mas sim como verdadeiros membros da tribo, partilhando da taça de *boozlan* do *ayan* e compartilhando histórias com este à fogueira com a ajuda de Kror. Taislin participava nas gloriosas caçadas a ratos com as crianças, competindo nos lançamentos de funda com os mais hábeis dos jovens caçadores, e Allumno entretinha a tribo à noite com exibições luminosas criadas através da Palavra. Sempre que Kror estava ausente, Aewyre treinava duelando contra os jovens espadachins da tribo armados de sabres. Worick mantinha a sua distância e passava a maior parte dos dias pronto a ajudar Lhiannah contra as investidas do *ayan*, que a cortejava como um pombo ufano. A princesa recusara educadamente todos os seus avanços, apesar de não saber se se estava ou não a fazer entender ou se pelo contrário não estaria a encorajar o chefe ocarr.

O meu martelo ele compreende, aí disso não tenhas dúvida afirmara sempre Worick, mas por sorte a arinnir conseguira sempre evitar quaisquer excessos protectores do thuragar.

Ao fim da quarta semana, Kror informou os companheiros de que os Cho Tirr iriam por fim mudar o rumo para Oeste. Chegara a hora da despedida. Foi feita uma festa em honra dos *tamsagan* na última

noite em que os companheiros dormiram no acampamento, com música, lombinhos de rato e muito *boozlan*, que todos menos Allumno uma vez mais beberam em excesso.

Na manhã seguinte o grupo acordou no *yugr* para o qual o mago os arrastara com a ajuda de uns prestáveis jovens que haviam treinado com Aewyre nos últimos dias. Com a exceção de Allumno, grande foi a surpresa de todos assim que saíram da tenda e a única coisa que viram foi Alfarna, que lhes orneou os bons-dias. Do acampamento não havia quaisquer vestígios, apenas umas trouxas com lombinhos de rato fumados encostadas ao *yugr*. Parecia que tinha sido arrancado pelo vento e arrastado para parte incerta.

Partiram de madrugada informou o mago, voltando para dentro da tenda.

Pedras me partam, não gostam mesmo de despedidas... comentou Worick.

Se calhar por isso é que ontem estavam tão efusivos... achou Aewyre, coçando a barba.

Gente estranha... disse Taislin, esfregando as mãos com o frio.

Lhiannah aconchegou-se na sua capa e fitou o pardacento céu matinal com os cabelos louros a abanarem ao vento.

E agora? perguntou, deixando incerto a quem se dirigia. Aewyre respondeu de qualquer maneira.

Continuamos para Norte disse, apontando nessa direcção, na qual ao longe já se distinguiam os picos de montanhas. Vai ser um alívio pisar terreno acidentado...

...e ver árvores... acrescentou Taislin.

... e rachar os chifres a um corço montanhês para o comer... ajuntou Worick.

E tomar um banho num regato adicionou Lhiannah, passando os dedos pelo cabelo sujo e peganhento. Pouco me importa que seja de água gelada.

... assá-lo bem devagarinho num espeto sobre brasas até a gordura começar a chiar... continuou o thuragar a fantasiar.

É capaz de ser um pouco frio demais, Lhiannah... advertiu Taislin, tapando as orelhas com o gorro vermelho.

Já disse, vou mergulhar na primeira poça que vir, nem que tenha gelo por cima.

... rasgar a carne bem tenrinha e comer o bicho até ao tutano...

Worick, pára, estás a fazer-me fome pediu Aewyre.

Allumno saiu do *yugr* e dirigiu-se a Lhiannah com um arco recurvo ocarr dentro de um estojo de couro e uma aljava cheia de setas ao ombro. Perante o ar confuso da princesa, o mago explicou.

Uma cortês prenda do *ayan disse*, estendendo-lha. Diz que espera um dia ter filhos teus de cabelos cor do sol e beber o teu leite fermentado.

Olhem, quem diria, o *ayan é* um romântico... comentou Worick.

Lhiannah corou, mas aceitou o arco de chifre, madeira e tendão e a aljava recheada como as prendas úteis que eram.

Leva isto também continuou o mago, estendendo o seu cajado à arinnir, que o olhou dubiamente. Eu monto a burra, não preciso dele. A tua perna ainda está ferida... explicou, estendendo-lho. Toma. Relutantemente, a princesa acabou por aceitar. Ah, o nosso amigo *drahreg* tinha umas palavras para ti, Aewyre.

Quais? Allumno tinha toda a atenção do guerreiro.

Agora não é a altura, mas ela virá. Deduzo que saibas o que quer dizer?

A memória do primeiro encontro de Aewyre com Kror assomou-se-lhe, um primeiro e fatídico cruzar de olhares. Ninguém percebeu o sorriso conformado que surgiu na cara do jovem.

Perfeitamente... vamos então?

Ninguém se opôs, pelo que começaram a desmontar o *yugr* com cuidado, pois as armações da tenda não eram tão sólidas quanto aquelas às quais os companheiros estavam habituados. Alfarna resfolegou de satisfação quando Allumno lhe subiu para a sela e os seus alforjes foram carregados com o equipamento.

A burra está diferente constatou o mago, afagando-lhe o cachaço. Mais vigorosa. Os ocarr tratam bem os animais.

Pudera não, deve ter andado a pinar com aqueles burricos todos. Sempre soube que ela tinha um fraquinho por ruivos, a vagabunda...

Só Worick riu, pois a sua alusão a Quenestil avivou as saudades dos companheiros pela primeira vez em muitas semanas. Allumno limpou a garganta e Alfarna abanou as orelhas como se tivesse ouvido algo desagradável.

Vamos. Aewyre deu o primeiro passo e os companheiros não tardaram em o seguir.

Cambada de macambúzios... e depois dizem que o rezingão sou eu... resmungou o thuragar, ajustando as faixas da mochila aos ombros antes de dar início à caminhada.

UMA CABANA NOS BOSQUES

Era tarde na Latvonia, mas estivera escuro o dia inteiro, com o céu esfarrapado por pardos cirros cinzentos que vaticinavam chuva para breve. Quenestil segurava a crina do garanhão negro com uma mão e cingia a cintura de Slayra à sua frente com o braço ferido de dedos ligados com a sua fita do cabelo. Fizera-lhe uma suspensão para o ombro com um bocado da capa negra desta, cortado à faca, e a eahanoir por sua vez ajudara o shura com o seu braço bom a tratar a ferida no seu trapézio, estofando-a com teia de aranha orvalhosa e enfaixando-a com outro pedaço de capa passado por baixo da axila oposta.

O cavalo caminhava debaixo do desnudo abrigo dos ramos de faias e bétulas a passo regular mas lânguido, obrigando Quenestil por várias vezes a puxar-lhe a crina para o impedir de parar para comer fetos. Estava sem dúvida contrariado por ter de levar duas pessoas às costas, e as palavras calmas e sossegadoras do eahan entravam por uma orelha arrebitada e saíam por outra a abanar. Era um animal mimado e soberbo, que aos olhos de Quenestil trazia consigo uma pequena parte de Jazurrieh, mas não se podia dar ao luxo de o mandar embora, não com os ferimentos de Slayra. Resignado, o shura olhava sempre em frente, a sua expressão rígida, os seus lábios fechados. O seu olho sarara no decorrer da semana que haviam passado a palmilhar os bosques latvonianos, embora ainda estivesse envolto por uma orla de pele amarelecida, mas pelo menos já conseguia ver bem. Slayra agarrava o pulso de Quenestil que lhe cingia a cintura, afagando-lhe o braço por vezes, mas parecia estar a acariciar granito. O eahan estava hirtó, seco. Chorara todas as suas lágrimas naquele dia, e agora

estava numa espécie de luto frio e taciturno, distante de tudo e todos, incluindo Slayra. Cuidava dela, claro, tratara do seu ombro, aliviara-lhe os inchaços na cara com compressas de musgo húmido e suturara o corte acima da sua sobrançelha com mordidas de enormes formigas, cujas mandíbulas das suas cabeças decapitadas com o seu estilete ainda lhe mantinham o corte fechado. Mas aquela distância, aquele silêncio, aquela hirsutez, aquela relutância em buscar conforto nos seus braços, tudo isso lhe era doloroso, até por que ela própria precisava de o abraçar, de chorar as suas mágoas, de ter a certeza de que não a culpava, mas dia após dia o silêncio apenas se agravava. A última vez que haviam falado fora há quase uma semana, quando decidiram o rumo a tomar. Slayra aconselhara que fossem para Leste, em direcção a uma aldeia costeira chamada Tomska, na qual poderiam apanhar um barco para Tanarch.

Os outros já têm um grande avanço sobre nós afirmara a eahanoir. Se formos pelas estepes, nunca mais os apanhamos. De barco, chegamos mais depressa a Tanarch e pode ser que os apanhemos no Istmo Negro.

O shura aceitara o seu conselho com um curto acenar de cabeça e "nada mais dissera desde então. Slayra não o pressionara, mas custava-lhe muito não o fazer, quase tanto como lhe custava manter uma expressão serena na cara, visto não poder franzir a testa, correndo o risco de o aperto das mandíbulas das formigas se soltar e abrir a ferida.

Uma gota de água pingou-lhe na testa, escorrendo-lhe pelo lado do nariz até à ferida no seu lábio inferior.

Está a chover constatou, agasalhando-se com a capa, pois a única roupa que trazia vestida era um corpete, botas até aos joelhos e luvas até aos cotovelos de dedos cortados.

Hmmm e esse seria provavelmente o último som que o eahan proferiria nesse dia.

Puxou a crina do garanhão ao de leve e olhou em redor, procurando um abrigo à medida que a precipitação se intensificava. Slayra puxou o capuz da sua capa para a frente, mas Quenestil ignorava a chuva como se fosse um penedo. A água já lhe pingava do nariz quando incitou o garanhão a um passo mais apressado na direcção de uma faia particularmente grande, cujos ramos altos e amplos pareciam braços abertos a recebê-los. O shura desmontou e pegou Slayra delicadamente pela cintura para a tirar da sela, mas mesmo esse gesto foi maquinal, desprovido de qualquer emoção. Conduziu a eahanoir

ao colo feto da árvore, deixando-a lá acocorada e minimamente abrigada da chuva enquanto atava as patas dianteiras do cavalo com um dos seus fios de arco sobressalentes, deixando-o folgado o suficiente para que o animal pudesse andar mas não conseguisse ir para muito longe. Feito isso, sentou-se ao lado de Slayra e ambos se aninharam no tronco, sendo invariavelmente acariciados pelos húmidos fetos abanados pelo vento.

O ombro? perguntou.

Há-de sarar...

Tens fome?

Nem por isso... Os nervos e a tristeza haviam tirado todo o apetite à eahanoir, e aparentemente a Quenestil também, pois este limitou-se a assentir guturalmente e apoiar a cabeça sobre os braços para dormir.

Slayra encostou a sua ao ombro do eahan, apesar de a casca da faia parecer menos dura, e passou-lhe parte da sua capa por cima dos ombros, agarrando-lhe a mão ferida. Passaram uma noite fria e molhada, aninhados nos fetos que cresciam na base da faia, e na manhã seguinte Slayra acordou rígida e com dores nos músculos ao levantar-se.

Vou arranjar qualquer coisa para comermos disse Quenestil, que não parecia ter dormido mal. Estava habituado a passar noites no ermo, e de qualquer forma era difícil ficar mais hirto ainda.

A chuva tornara-se num chuvisco que borrifava a cara de Slayra enquanto esta olhava para o céu, esperando pelo regresso do shura, uma solitária figura encapuzada no meio do bosque. As derradeiras palavras de Babaki haviam-na assombrado durante os últimos dias e repetiam-se constantemente na sua cabeça, apesar de mal se recordar de as ter ouvido. Eram memórias vagas: o rolar de rodas na calçetada, o passo cascoso de cavalos, abanões, o pêlo quente de Babaki atrás da sua cabeça, a sua voz calma e profunda a fazer-lhe confidências... isso e outra coisa. Enfiou os dedos entre os seus seios e do meio deles tirou uma nesga de cabelo louro entrançado, cabelo da Lhiannah.

"Eu amava-a, Slayra, e nunca lho cheguei a dizer..."

Até há bem pouco tempo atrás, essa frase ter-lhe-ia arrancado uma sonora e zombeteira gargalhada, mas após conhecer Quenestil a eahanoir mudara muito, tal como o shura não mais era o mesmo. Agora, esse último acto de amor trazia-lhe lágrimas mornas aos olhos frios. Pobre Babaki...

Assim que ouviu o restolhar dos passos de Quenestil, apressou-se a esconder a nesga no seu corpete e esperou que as gotas de chuva na sua

cara lhe disfarçassem as lágrimas. O eahan trouxe consigo o cavalo, que se afastara do local durante a noite para ir beber a um regato, e a mesma ementa dos últimos dias: frutos amargos de faia e casca de bétula, tudo paladares estranhos aos quais Slayra ainda não se conseguira habituar mas se obrigava a engolir. Tomaram um pequeno-almoço silencioso antes de montarem o cavalo e retomarem a sua longa jornada até à costa latvoniana. Slayra estimava que ainda demorassem umas boas duas semanas até chegarem a Tomska, e a viagem não se lhes afigurava risonha, julgando pelo céu lúgubre. O único ruído que se ouvia no bosque, para além do resfolegar contrariado do garanhão, era o ocasional gloterar de uma cegonha. A meio da tarde, a chuva piorou, tornando-se num autêntico dilúvio castigador, e tornou-se necessário procurar outro abrigo.

Que tal ali? sugeriu Slayra, apontando com o seu braço bom para um barranco à beira da estrada com um tecto de raízes.

Vejo fumo mais adiante informou o shura, sem sequer olhar para onde a eahanoir apontara.

Slayra nada acrescentou e Quenestil obrigou o cavalo a virar para subir a ladeira que conduzia ao local de onde o fumo provinha. Encontraram um trilho lamacento que passava por um fetal, no qual assustaram uma raposa molhada que correu para longe dali com um coelho ensopado na boca, parando após alguns saltos para olhar para trás com indignação nas arrebitadas orelhas, que se abanavam constantemente para sacudir a água. Continuando pelo trilho, acabaram por chegar a uma pequena clareira no meio da qual viram uma diminuta cabana feita de tiras de madeira tecidas cobertas por uma camada de estrume, palha e barro. Um tentáculo de fumo cinzento serpenteava para fora de um buraco no tecto de colmo, dando sinais de habitação. Quenestil fez tenções de desmontar, mas Slayra agarrou-lhe o braço que lhe envolvia a cintura.

Espera. Latvonianos são traiçoeiros, canalhas de maus fígados, todos eles. Mais vale dormirmos ao relento.

Eahanoir também afirmou o shura categoricamente. Se dormirmos cá fora com esta chuva, ficamos doentes. E desmontou, deixando uma aturdida Slayra para trás, certo de que o significado das suas palavras fora claro. Ó da casa! gritou, esperando por uma resposta.

A única abertura do miserável casebre era a porta de tábuas de madeira mal pregadas e com fendas, e foi nela que Quenestil bateu, tornando a gritar pelos seus habitantes. Não foi senão à terceira vez

que ouviu vozes lá de dentro e a porta foi aberta por um homem. Era um latvoniano de idade adiantada, com cabelo branco esparsos na nuca e têmporas e manchas castanhas na calva. Usava um bigode cinzento que lhe tapava a boca debaixo de um nariz com um grande furúnculo avermelhado na narina direita. Alguns pêlos das suas sobrancelhas tinham um comprimento prodigioso, dando um ar desconfiado e velhaco aos seus olhos avermelhados pelo fumo da fogueira. Vestia um casaco de pele de cabra e teve o cuidado de manter a faca do seu cinto bem à vista quando ladrou algo incompreensível a Quenestil.

Eu falo Urial disse Slayra, que se aproximara com o cavalo. Ajuda-me a desmontar.

Quenestil assim fez e a eahanna puxou o capuz para trás quando o shura a pousou no chão, descobrindo o seu sedoso cabelo negro e os seus penetrantes olhos azuis. A sua cara pálida estava betada com manchas castanhas, resquícios dos inchaços. O homem arfou e os seus olhos irritados arregalaram-se. Começou a falar muito alto e a gesticular com as mãos, como se estivesse a afastar algum mal da porta da sua casa. Uma voz feminina veio de dentro da cabana, mas o homem pareceu mandá-la calar.

O que é que ele está a dizer? inquiriu Quenestil, puxando o cabelo molhado para trás.

É difícil perceber... Slayra disse algo em Urial, mas o homem falava um dialecto da região de tal forma cerrado e indistinto que a eahanoir teve extrema dificuldade em juntar as palavras que percebia.

Eahanoir, pena de nós! Tenho mulher e filha e menino pequenino! Não façam mal! foi o que Slayra julgou entender. Entretanto, aparecera a que devia ser a esposa do homem detrás das costas deste, meio encoberta por sombras.

Eles têm medo de eahanoir informou Slayra, como se já o soubesse de antemão. O homem continuava a falar, parecendo não se importar com o facto de os dois estranhos estarem à chuva.

Diz-lhe que só queremos um sítio seco para dormir até a chuva passar, que não incomodamos.

Slayra repetiu as palavras de Quenestil em Urial calmamente, e o homem calou-se e ouviu com atenção.

Diz-lhe que arranjamos a nossa comida.

O homem acalmou visivelmente quando a eahanoir traduziu essa frase e baixou a cabeça humildemente perante ela e o shura. Um rapaz

de cara suja e cabelos negros espigados apareceu detrás da perna do velho, que disse à mulher que o levasse para dentro antes de recomeçar a falar.

Podemos... dormir com... a cabra! traduziu Slayra, dúbia. Quenestil esticou o pescoço para o lado, como se pudesse ver as traseiras da cabana.

Eles têm um curral informou. Diz-lhes que serve perfeitamente.

A eahanoir aceitou a oferta do homem e este executou um gesto largo com a mão como para dizer que podiam ir lá à vontade e fechou-lhes a porta na cara com uma certa premência. O eahan deu a volta à cabana, puxando o garanhão pela crina, e viu a entrada para o minúsculo curral, fechado com um portão de madeira podre. Lá dentro estava uma cabra de longa pelagem preta e castanha, orelhas descaídas e chifres espiralados a amamentar uma sôfrega prole. A chiba olhou para os dois eahan enquanto mastigava palha, questionando-se quanto à presença de estranhos. O curral era muito pequeno, com chão coberto de palha suja, e cheirava a fezes e bodum, mas aparentemente teria de servir. Sem nada dizer, Quenestil atou as patas do cavalo com um fio de arco, abriu o portão e entrou, e nesse instante a cabra parou de mastigar e virou-se para ele, baixando a cabeça. O eahan ajoelhou-se lentamente e murmurou palavras aquietadoras, executando gestos calmos com as mãos de palmas abertas. O animal inclinou a cabeça, fitando Quenestil, olhou para os lados e acabou por virar as costas ao eahan, retomando a sua refeição.

Já se pode entrar? perguntou Slayra, mais para ouvir Quenestil falar que por necessidade de resposta à pergunta.

O shura limitou-se a guturalizar afirmativamente e a fazer uma selecção de palha minimamente limpa para a empurrar para o canto afastado da cabra. Slayra suspirou tristemente e entrou, dando distraídos pontapés numa bola de palha e esterco seco enquanto Quenestil fazia a cama improvisada.

Vou buscar fetos disse de passagem a Slayra antes de sair para o fazer, sem sequer ver o resignado acenar da cabeça desta.

A eahanoir ficou à espera, observando as crias a balirem ruidosamente por tetas, lutando por aquela à qual achavam ter direito.

”O Babaki é que gostava tanto de animais...”, pensou, melancólica.

Quenestil voltou pouco depois, trazendo fetos verdes nos seus braços e a habitual refeição de cascas de árvore, que Slayra comeu sem apetite enquanto o eahan espalhava os fetos sobre o monte de

palha no qual iriam dormir. Durante o resto do dia não mais viram os habitantes, e a única voz que ouviram era feminina, ruidosa e entarmelada. Se Quenestil estava minimamente curioso, não o mostrava, deixando-se estar deitado de costas e com os braços atrás da cabeça. Slayra estava deitada a seu lado, com a cabeça sobre o seu peito. Quase se deu por satisfeita pelo simples facto de sentir o coração do eahan a bater. Ficaram assim até anoitecer, e nessa altura a eahanoir sentiu necessidade de fazer algo, caso contrário entraria em paranóia. Começou por roçar a coxa de Quenestil com as unhas e esfregar a cabeça no seu peito, mas como este não reagiu, deslizou a sua mão por entre as virilhas do eahan. Perante este gesto, os dedos do shura cerraram-se no seu pulso e os olhos cinzentos, mortiços nos últimos dias, avivaram-se de repente. Slayra interpretou mal esse gesto e passou a perna por cima da bacia de Quenestil, sentando-se em cima dele.

O que é que estás a fazer?

A eahanoir não respondeu e levou a mão atrás das costas para começar a desapertar o corpete.

Slayra, o que é que estás a fazer? pela primeira vez em dias, havia emoção de alguma espécie na voz do eahan, e só por isso Slayra continuou, olhando-o nos olhos. Slayra, pára! vociferou, puxando-lhe o braço bruscamente para a frente.

Isso! gritou a eahanoir, surpreendendo Quenestil. Grita comigo! Puxa-me! Bate-me! Ao dizer isto, desferiu um murro no ombro do eahan. Faz qualquer coisa que mostre que eu ainda existo!

Slayra, pára! Vais magoar-te! acautelou o shura, agarrando-lhe o pulso antes que lhe batesse outra vez.

Sim, magoa-me! Achas que só tu é que estás triste, que eu não me importava com ele? Achas que ele morreu por minha culpa? É isso? As lágrimas borraram-lhe os olhos enquanto gritava, e quando a sua visão clareou, Quenestil estava em cima dela com todo o cuidado para não lhe pressionar o ombro ferido, afagando-lhe a cabeça, sossegando-a com sons tranquilizadores ao ouvido enquanto ela chorava abraçada ao seu pescoço.

Os dois eahan demoraram boa parte da noite a habituarem-se ao cheiro do curral, e Slayra acordou pelo menos três vezes com a chiba a morder-lhe o cabelo, mas pelo menos o tecto de colmo deixava passar apenas umas poucas gotas de água e dormirem aconchegados em cima

de palha e fetos sempre era mais quente que ao relento. Slayra acordou de manhã com a boca seca e a saber mal, provavelmente devido às coisas que andava a comer. De Quenestil não havia vestígios, mas a eahanoir já estava habituada às desapareições matinais do eahan. Sabia bem que todos os homens precisavam do seu tempo sozinhos, e o do eahan aparentemente era de manhã, pelo que se levantou para se espreguiçar. A cabra baliu-lhe à laia de cumprimento e as suas crias fitavam-na com grandes olhos pretos. Lá fora, continuava a chover, apesar de ter amainado para um chuvisco matinal, e Slayra distinguiu a silhueta de Quenestil e do garanhão a aproximarem-se. O animal parecia extremamente contrariado, e estava tão ensopado que o seu pêlo luzia como piche.

Este cavalo ainda fica doente disse o eahan, mas não há espaço para ele no curral.

Pois não... concordou Slayra com um pouco da secura que recebera do shura nos últimos dias.

Os dois ficaram a olhar um para o outro, Quenestil à chuva agarrado à crina do garanhão e Slayra encostada à entrada do curral. O eahan suspirou, baixando a cabeça.

Ouve, Slayra, em relação a ontem... Tornou a erguer a cabeça e largou a crina, indo ter com a eahanoir. Não preciso de te explicar por que estou assim, e acho que é por essa mesma razão que te zangaste ontem. Slayra ia dizer alguma coisa, mas o shura ergueu um dedo. Deixa-me acabar. E isto não é para ficares ofendida. Eu sei como os eahanoir encaram a morte, e não quero dizer que não estejas triste, mas é... diferente. Nós os dois estamos a lidar com o que aconteceu ao Babaki e tu ontem... quiseste confortar-me a mim e a ti, só que eu reagi mal porque isso para mim, para os do meu povo, era como uma falta de respeito para com o Babaki, e...

Quenestil, a vida continua... interrompeu Slayra, a morte do Babaki dói, dói muito, mas temos de nos apoiar um ao outro, não podes ficar isolado, sem falar comigo, como se eu não existisse...

Eu sei, eu sei... chama-me o que quiseres, mas é assim que eu sou. Mas tens razão numa coisa... pegou no queixo de Slayra podemos apoiar-nos um ao outro. Deu-lhe um beijo de lábios molhados e Slayra levou-lhe a mão à cara. Dá-me tempo, sim? Só te peço um pouco de paciência...

Quenestil... tu deves estar a pensar que eu sou a maior egoísta, quê isso está na minha natureza, e que eu...

O shura silenciou-a com outro beijo, mais prolongado e profundo.

Vamos lá para dentro. Preciso que me traduzas uma coisa disse, entrando com Slayra no curral. Tenho de lhes perguntar se posso fumigar isto na fogueira deles explicou, tirando outro fio de arco da sua bolsa.

A eahanoir traduziu e repetiu a frase várias vezes com Quenestil, embora não percebesse porquê.

Para que é que queres fazer isso?

Armadilha para coelhos. Precisamos de comer. Tenho de o fumigar para lhe tirar o meu cheiro. Já volto. Preparou-se para tornar a sair do curral, mas parou, lembrando-se de algo e voltou atrás para beijar Slayra uma vez mais.

Depois disso, foi bater à porta da cabana e esperou que o velho a abrisse. Mal viu o eahan de cabelos ruivos molhados começou a falar alto e a gesticular, como se estivesse surpreso por ainda não se terem ido embora, indicando o céu com as duas mãos, provavelmente querendo dizer que já se podia viajar com o tempo assim. O eahan estendeu-lhe a mão com o fio do arco e recitou a frase que Slayra lhe ensinara. O homem franziu a testa e virou a cara de lado para ouvir melhor. Quenestil reiterou pacientemente, esperando estar a dar a entoação correcta às palavras. O seu interlocutor palavreou qualquer coisa em Urial em resposta.

Sim, sim, posso entrar ou não? Como se tivesse percebido, o homem olhou para o chão, coçou o furúnculo no nariz e acabou por lhe indicar que entrasse. Obrigado.

O shura baixou a cabeça e entrou dentro da cabana. Era um casebre muito pequeno e esquelético, com chão de terra calcada e uma atmosfera escura e fumarenta. A única mobília consistia de dois baús de dobras enferrujadas, uma tábua e cavaletes que serviam de mesa encostados a um canto e camastrinhos de palha espalhados pelo chão. No centro estava uma fogueira cercada por pedras, e à volta dela a família do latvoniano: a esposa que cosia uma peça de roupa e cujos caracóis cinzentos lhe saíam rebeldes do toucado sujo, o rapaz de cabelos pretos espigados e olhos curiosos e uma rapariga que Quenestil não vira antes. Estaria perto da sua idade, talvez um pouco mais nova, mas devia ser mais alta que ele e era definitivamente mais corpulenta. Os seus caracóis de um castanho quase avermelhado tapavam-lhe a cara enquanto ela tecia algo invisível com os dedos e se balouçava para a frente e para trás, cantando na voz entaramelada que o eahan ouvira durante a noite. O rapaz era novo demais para ser filho da velha, pelo que a rapariga dos caracóis devia ser a mãe.

Bons dias cumprimentou Quenestil, recebendo um olhar de esguelha da matrona e uma contemplação curiosa da parte do rapaz.

A rapariga não reagiu, pelo que Quenestil pediu licença e acorrou-se à fogueira, enrolando o fio do arco num graveto e estendendo-o por cima da fumarenta fogueira, alheio à contemplação dos presentes. Ninguém falou durante o tempo que o eahan levou a fumigar o fio, porém a rapariga dos caracóis parou de se baloiçar a dada altura, apercebendo-se da presença do estranho e emitindo um som interrogativo. O shura ergueu os olhos para olhar para ela, baixou-os e tornou a erguê-los. A rapariga tinha uma dentição proeminente e amarelada no maxilar superior, que permanecia à mostra mesmo de boca fechada. Os seus olhos eram grandes e assimétricos, um deles maior que o outro e posicionado mais acima, e o seu nariz crescia para o lado, provavelmente partido. Ao ver que era fitada pelo eahan, mordeu os dedos de uma mão e emitiu grunhidos de contente, piscando os olhos díspares. Quenestil estava incerto quanto ao que demonstraria maior falta de tacto: ficar a olhar ou virar a cara. Ficou-se por um curto aceno da cabeça e tornou a focar a sua atenção no graveto. A rapariga emitiu mais alguns grunhidos, tentando chamar a atenção do estranho, mas Quenestil não lhe deu e ela acabou por voltar à sua canção balouçante. Assim que o eahan achou que o fio já perdera o seu cheiro, ergueu-se e saiu, desejando um bom dia a todos sem que ninguém lhe respondesse. O homem trocou olhares com a esposa enquanto coçava o seu furúnculo.

O shura preparou a armadilha ainda de manhã e passou a tarde abraçado a Slayra a olharem para fora do curral, observando a chuva. Pela primeira vez em uma semana sentia fome, e Slayra também. Um coelho assado far-lhes-ia bem aos dois, pensou o eahan. Ao entardecer, quando a chuva tornou a amainar, levantou-se do leito de palha e fetos, esfregando a forragem para fora das suas peles de carcaju.

Onde vais? perguntou Slayra.

Ver se apanhei alguma coisa. O eahan espreitou para fora do curral, vendo as nuvens pintadas a roxo pelo Sol poente. Ficas bem?

Sim assegurou a eahanna, massajando o ombro suavemente.

Não demoro.

Quenestil seguiu o trilho lamacento até uma bifurcação, na qual subiu um carreiro que levava a um terreno mais elevado perfurado por

tocas de coelhos. Assim que lá chegou, viu de imediato uma figura cinzenta e felpuda pendente da sua armadilha de puxão, constituída pelo fio do seu arco atado a um tronco flexível. O sacão partira a pata ao coelho, que pouco mais mexeu que o sempre farejante focinho ao ver o eahan, que o matou com uma pancada na nuca.

Tomo a tua vida para que eu possa viver. Desculpa-me pela dor que te causei recitou Quenestil, procedendo a esfolar o roedor e a cortar-lhe a cabeça e as patas com o estilete de Slayra, abrindo-lhe o abdómen de seguida para lhe remover as miudezas, que deixou juntamente com a pele para outros predadores.

Dirigiu-se de seguida ao regato para o qual o garanhão fugira na noite anterior e lavou bem a carcaça vermelha. Por alguma razão, o facto de estar acorocado à beira de um regato ao anoitecer a lavar o sangue das suas mãos trouxe-lhe a memória do ataque dos drahregs, no qual os companheiros souberam da maldição de Babaki pela primeira vez. O antroleo parecera tão sereno, afagando a ganacha do corço que matara, fitando o céu tristemente com Aewyre a seu lado... Aewyre... e Allumno, Lhiannah, Taislin, até o Worick... tinha saudades de todos.

”Vou tornar a ver-vos a todos, meus amigos, e morrerei antes que algo de mal vos aconteça a vocês”, jurou a si mesmo, enxugando as mãos na pele de carcaju e voltando para o trilho que conduzia à cabana. -

A meio do caminho a chuva intensificou-se e o eahan estugou o passo, baixando a cabeça. Slayra esperava-o, aconchegada na sua capa e com o capuz puxado.

Grande caçada... comentou, arrancando a tentativa dum sorriso ao shura.

Agora só tenho de lhes pedir para assar o coelho na sua fogueira... Quando a eahanoir achou que Quenestil pronunciava bem a frase

já era noite e o eahan bateu suavemente à porta. Após o habitual atraso, o homem veio entreabrir-lha, dizendo qualquer coisa que o shura não percebeu. No entanto, assim que Quenestil mostrou o coelho, nem foi preciso recitar a frase que Slayra lhe ensinara, pois o latvoniano escancarou-lhe a porta e fez-lhe menção que entrasse rapidamente. A sua voz assumiu então um tom quase suplicante, apontando para si e para a sua mulher e para a sua filha e para as barrigas de todos, executando gestos expressivos de miséria e azar e infortúnio. A mulher largou de imediato a peça de roupa que estava a coser e os olhos díspares da rapariga dos caracóis arrebiteram-se quando esta começou a salivar.

Pronto, pronto, eu partilho. Há que chegue para todos... Na verdade, o eahan estava algo contrariado, pois o casal concedera-lhes o imundo curral de má vontade e nem se mostraram minimamente preocupados com o frio ou a fome que poderiam estar a sentir.

Com um suspiro, desembainhou o estilete e cortou o coelho em duas partes, entregando uma ao homem e só então repetindo a frase de Slayra. O latvoniano desfez-se no que certamente eram agradecimentos e desejos de sorte e saúde para ele e para toda a sua família, e Quenestil acocorou-se diante da fogueira, atravessando o coelho com um ramo e deixando-o a assar. Reparou que o rapaz não estava presente e olhou em redor, esperando vê-lo escondido algures, mas não havia sinal dele na cabana. Encolheu os ombros e devolveu a sua atenção ao coelho, cuja gordura começava a chiar, mesclando-se ao burburinho segredado da família. O shura tornou a olhar para a frente e viu o agregado reunido de cócoras em volta do pai, que segurava a metade da carcaça com reverência. Havia algo de perturbador naquela cena, e Quenestil achou a visão da carne do coelho a tostar mais aprazível. Algum tempo depois, alguém abriu a porta e o vento chuvoso arrastou o silêncio para dentro da cabana, motivo suficiente para Quenestil olhar para trás do ombro. A silhueta molhada do rapaz delineada pelo luar estava postada à entrada a agarrar uma das tábuas soltas da porta. A mulher agarrou a manga do seu esposo, que trocou um olhar estranho com o rapaz. A rapariga dos caracóis grunhiu uma interrogação. O que se estava a passar?

Foi quando o relinchar do cavalo e o balir da cabra se fizeram ouvir que o caos entrou pela cabana adentro.

O rapaz foi violentamente empurrado para dentro e a porta foi destroçada por um pontapé para dar entrada a um corpulento homem andrajoso que empunhava uma adaga, seguido de outros dois, armados de porretes. Quenestil agiu por instinto. Deixou o coelho cair na fogueira e desembainhou o facalhão, mas não a tempo de aparar a investida impetuosa do seu primeiro atacante, cujo pulso agarrou e projectou-o por cima do seu ombro. A mulher gritava e a rapariga grunhia agudamente, encolhidas a um canto da cabana, mas Quenestil não lhes prestou atenção e recebeu o ataque dos outros dois agressores, que faziam tenções de lhe moer a cabeça à bordoadada. Desviou-se da primeira oscilação transversal e aparou a segunda com a faca, cujo gume se embebeu até quase metade do porrete, ficando preso. O shura agarrou então o braço do homem e puxou-o para o lado, bloqueando o golpe do seu companheiro com a sua cabeça, que estalou

e cujo nariz lhe respingou a cara com gotas de sangue. Quenestil aproveitou o breve instante durante o qual o outro atacante ficou estonteado com o que fizera para lhe arrancar o porrete das mãos e fazer bom uso dele na sua cara. Quando se ia a virar, braços fortes envolveram-lhe o pescoço e empurraram-no contra uma das traves que sustentavam a cabana, contra a qual embateu de testa, deixando o porrete cair. Uma voz rouca e rústica grunhiu-lhe ao ouvido. Cerrando os olhos para ignorar a tontura, o eahan pisou o pé do seu agressor com o calcanhar com toda a força, e o seu grito de dor quase lhe ensurdeceu o ouvido. Ainda de olhos fechados, o shura levou o seu cotovelo às costelas do indivíduo, que lhe exalou todo o ar dos pulmões acompanhado de saliva para cima do pescoço, e abriu os olhos para lhe desferir uma pancada com as duas mãos que o fez rolar em si antes de cair redondo ao chão. A família gritou em uníssono quando Quenestil lhes dirigiu o olhar, mas um grito de Slayra fez com que os esquecesse e desencravasse a faca do porrete enquanto saltava para fora da cabana.

Assim que o cavalo relinchou, todos os instintos de Slayra avisaram-na de que estava em perigo. Um vulto abriu o portão violentamente e obstruiu a entrada. A cabra baliu e as crias berregaram, amontoando-se atrás da mãe quando o homem entrou, olhos brilhantes e dentes sorridentes. Não era possível ver grande coisa dele, mas o seu cheiro cediço sobrepôs-se ao do estrume, ao qual Slayra já se acostumara.

Que temos nós aqui? perguntou o homem em Urial, embainhando a adaga e desatando prontamente as calças.

Slayra manteve a calma e não se mexeu enquanto o latvoniano retirava as ceroulas apressadamente, exibindo pernas peludas e sarentas.

Anda, tira lá a capa. Vou ser o primeiro a ver a tua...

Assim que o indivíduo se aproximou, algo brilhante na mão de Slayra descreveu um arco à sua frente ao nível das partes baixas do homem, que estacou, incrédulo, e que ao olhar para baixo principiou a berrar, o seu corpo inteiro a tremer. Alguém mais entrou e empurrou-o para o lado, desferindo um pontapé na mão de Slayra, atirando o estilete sangrento para o canto do curral. A eahanoir gritou quando o novo agressor lhe agarrou o pulso e o braço ferido, cujo ombro latejou de dor, mas foi momentaneamente silenciada por uma forte bofetada com as costas da mão, que lhe reabriu a ferida no lábio.

O homem era pesado, estava em cima dela, a eahanna sentia-lhe o seu bafo azedo, o toque das suas mãos calosas... e de repente o peso foi-lhe tirado de cima. Quenestil atirou o latvoniano ao chão e espetou-lhe a faca no peito, embebendo a lâmina profundamente através da caixa torácica com um ruidoso estalo. O homem ainda estrebuchou, mas a vida abandonou-lhe o corpo em golfadas quando a faca foi retirada. Ao erguer-se, o shura parecia possesso, com pingos e manchas de sangue um pouco por todo o seu corpo, e Slayra teve de dizer o seu nome para se certificar de que era mesmo Quenestil. O eahan não pareceu ouvi-la e dirigiu-se ao homem seminu que mugia de dores de barriga para o chão, mãos por baixo da bacia. Levantou-lhe a cabeça pelos cabelos e passou-lhe o gume da faca pela garganta, substituindo os uivos de agonia por um aflito gorgolejar.

Quenestil... disse Slayra em surdina.

O shura olhou em redor, rosnando como um carcaju em busca de mais vítimas, e saiu do curral. Slayra reuniu toda a força do seu braço bom para se levantar e ir atrás dele.

Quenestil entrou de rompante pela cabana adentro, pingando sangue e água da chuva, e a família tornou a gritar, desta vez de puro terror. Havia um brilho quase maníaco nos olhos do eahan ruivo sarapintado de sangue e cujo facalhão cruento parecia ter sede de mais. O homem ajoelhou-se entre o shura e o seu agregado e ergueu os braços em gesto de súplica, mas Quenestil desferiu-lhe um pontapé em cheio na cara, deitando-o por terra. Slayra entrou a tempo de ouvir as súplicas abafadas pela mão que o latvoniano levava à boca sangrenta:

Família, pobre família! Olha o menino, a menina! Não faz mal a pobre família, senhor! Muito pobre, muito pobre, não tem dinheiro, não tem comida! Não faz mal, senhor, por favor...

Quenestil... tentou Slayra chamar-lhe a atenção. Na verdade, achava que esta família merecia ser toda degolada, pois estavam claramente em conluio com os bandidos. O rapaz era provavelmente filho da rapariga e de um fora-da-lei e o homem devia comprar a segurança do seu agregado abrigando viajantes para os entregar aos malfeitores. Mas não podia deixar Quenestil fazer algo do qual tinha a certeza de que ele se iria arrepender amargamente. Quenestil... repetiu a eahanoir, pousando-lhe a mão num ombro rijo como uma rocha. Não faças isso.

O eahan respirava ruidosamente como um animal selvagem e o homem continuava de costas no chão a implorar enquanto o resto da

família chorava. Por fim, o toque de Slayra acabou por dissolver a tensão no ombro do shura e daí o resto do seu corpo.

Vai... o eahan inspirou fundo. Vai buscar as nossas coisas e o cavalo.

A eahanoir hesitou em largar-lhe o ombro, e apertou-lho antes de o fazer, saindo da cabana. Quenestil fitou a família longamente, esfregando a mão ferida que se ressentira com o esforço, e estes tremeram quando o shura avançou para tirar a metade de coelho que deixara cair na fogueira e que entretanto quase fora esturricada. Perante os olhos atemorizados envolveu a meia carcaça com o pedaço de pele de cabra que a matrona estivera a coser e pilhou os corpos, obtendo um espólio de uma adaga, um capuz e capelo de pele de cabra que o resguardariam da chuva, uma lasca de aço e pederneira, uma bexiga que passava por cantil, cinco carcomidas moedas de prata e um saco cheio de nozes. Retrocedeu para a entrada, lançando um último olhar na direcção da família e cuspiendo o seu asco para o chão. O lamento do homem continuou a ouvir-se enquanto os dois eahan montavam o garanhão, que por sorte não fugira quando um dos malfeitores o tentara agarrar, e perdeu-se gradualmente nas árvores à medida que se embrenhavam na floresta.

A CINTA

Nenhum dos companheiros julgara alguma vez ficar tão contente por ver as montanhas azuladas cobertas de neve que se lhes depararam, altivos picos coroados pelas nuvens que recortavam o cerrado céu matinal, vertentes neblinadas e faces rochosas enrugadas como veneráveis semblantes anciãos. Porém, o vislumbre da escura linha arbórea que debruava a imensa barreira rochosa pareceu-lhes naquela altura de longe a mais portentosa visão das suas vidas.

Pedras me partam, nunca pensei que fosse ficar tão contente de ver árvores... confessou Worick. Estava capaz de matar um lenhador.

Nem todos partilhavam a vontade do thuragar, mas após a jornada de duas semanas o grupo inteiro era unânime no seu contentamento. Aewyre deu palmadas reconfortantes no flanco da Alfarna e Taislin abraçou-se alegremente à perna de Lhiannah, que entretanto sarara.

Vamos lá então fazer uma bela duma fogueira... propôs ainda o thuragar ao retomar o passo, esfregando as mãos enluvadas em antecipação.

Aewyre abriu a boca para proferir palavras de advertência, mas não disse nada e encolheu os ombros. Sentia-se capaz de enfrentar todas as tribos de Karatai se esse fosse o preço para se aquecer com uma fogueira decente... Allumno não achava prudente, mas sabia que os seus avisos cairiam em ouvidos moucos, pelo que pressionou os flancos da Alfarna com os calcanhares para que esta seguisse o seu protegido.

Tal era a pressa dos companheiros que estes comeram enquanto subiam o progressivamente mais íngreme terreno, e ao entardecer

chegaram por fim ao sopé arborizado. Espruces e pinheiros solitários de ramos vergados pela neve pontilhavam prados brancos com cicatrizes acastanhadas de relva. Worick postou-se diante de um dos isolados espruces, braços cruzados e postura observante. Antes que alguém lhe perguntasse o que estava a fazer, o thuragar desafivelou a faldra da armadura e começou a desapertar as calças.

Worick? inquiriu Aewyre.

O thuragar estava de costas para o jovem, que apenas viu uma nuvem de vapor a erguer-se na base da árvore.

Ahhh... exclamou Worick, deliciado.

Mas... o que é que pensas que estás a fazer?

A apanhar cogumelos... estou a mijar, o que é que te parece que estou a fazer? Perante o silêncio geral, o thuragar continuou: Jurei que a primeira coisa que faria depois de sair da estepe seria mijar numa árvore. Algum problema?

Então e a conversa sobre matar lenhadores? lembrou Taislin.

Ela devia estar com frio... achou Worick, apertando as calças. Agora está bem quentinha... acrescentou, afivelando a faldra.

Aewyre abanou a cabeça e virou-se para trás, contemplando a imensa vastidão das estepes que deixara para trás de mãos na cintura e com exalações condensadas a saírem-lhe da boca. Krór estava ali, algures, envolvido na sua própria demanda pessoal contra a harahan.,,

"Agora não é a altura..", pensou *"mas ela virá..."*

Ó Aewyre, mexe-te! berrou-lhe Worick. Já agora, subimos um bocadinho mais!

O guerreiro olhou para cima, para o meio do sopé, onde havia maior abundância de árvores e abrigo, e daí para os seus cansados companheiros, que apesar da fadiga já se aprontavam para retomar a marcha.

Está bem... concordou, desembainhando Ancalach. Mas primeiro deixem-me aproveitar para arranjar lenha...

Já era noite quando o grupo por fim assentou debaixo de um barranco quase vertical em cuja face crescia uma irregular barba de raízes. Os lariços e choupos que os rodeavam transmitiam uma certa sensação de segurança, após tantas semanas num espaço tão aberto e vazio como o das estepes. Aewyre cortou o pequeno pinheiro desbastado que Alfarna arrastara desde o início do sopé enquanto os restantes companheiros preparavam o *yugr*, e em pouco tempo ardia uma fogueira que desprendia um aprazível odor resinoso.

Bem melhor que o cheiro do estrume... achou Taislin, e nesse aspecto até Worick concordava com ele.

Comeram um jantar de tiras de carne salgada com raspas de queijo e o vinho que lhes restava. As rações que haviam trazido da Latvonia e mesmo os lombinhos de rato começavam também a escassear; em breve teriam de caçar ou arranjar outro método de subsistência, e Lhiannah era a única com um arco.

Nem pensem recusou prontamente a princesa, como que lendo os pensamentos do grupo. Hoje não dou nem mais um passo. Prefiro comer ratos.

Não se preocupem assegurou-lhes Taislin, amanhã vou caçar.

Se voltares com ratos, atiro-te de uma ravina ameaçou Worick.

Amuado pela rejeição da sua solicitude, o burrik calou-se, estendendo as mãos à fogueira e franzindo a zangada testa. Lhiannah suspirou e pôs-lhe a mão por cima do ombro, puxando-o para si.

Não lhe liguês, é um chato. Amanhã vamos os dois caçar.

Se trouxerem ratos, vão os *dois* pela ravina abaixo...

A arinnir ignorou o seu protector e ficou a olhar para a fogueira com o braço por cima dos ombros de Taislin, que ronronava e cujas pupilas se haviam tornado em frestas felinas perante a luz do fogo. Todos ficaram em silêncio enquanto a Lua subia no céu, uma bola selénica entrecortada pelas nuvens. Foi um longo momento de silêncio, durante o qual todos se deixaram hipnotizar pela dança ígnea das labaredas, acalentados pelo seu hálito, rendendo-se ao seu cálido abraço confortante. Taislin dormia pouco depois, e Lhiannah começava a vacilar, as suas pálpebras pesadas e a sua mão a afagar languidamente o cabelo do burrik, cuja cabeça lhe assentara na perna. Aewyre levantou-se e pegou em Taislin ao colo, levando-o para dentro do *yugr*, no qual a arinnir entrou pouco depois, desejando uma sonolenta boa-noite a todos. Aewyre sentou-se encostado ao barranco, trazendo um dos punhais de Taislin numa mão e uma pedra de amolar noutra.

O que é que estás a fazer com essa faca de cozinha? perguntou Worick, que entretanto retomara o seu trabalho de esculpir o pequeno bloco de pedra preso entre os seus joelhos.

Vou afiá-la. Sempre gostei de afiar lâminas, mas a Ancalach não precisa...

O thuragar grunhiu e nada mais disse. Allumno estava de capuz puxado para a frente e olhos fechados, mas os seus dois companheiros

sabiam que estava a meditar e não a dormir, alheio ao áspero lambar do aço a pedra e ao bater agudo da cabeça do pequeno martelo no cinzel. Passado algum tempo, o amolar foi diminuindo e em breve apenas se ouvia o repique de metal contra metal e o crepitar da fogueira. Allumno despertou da sua meditação pouco depois, piscando os olhos e olhando em redor, vendo apenas Worick acordado. Puxou o capuz para trás e enclavinhou os dedos, contemplando a fogueira. Havia algo de estranhamente paternal naquela vigília por parte dos dois membros mais velhos do grupo, deu o mago consigo a pensar... Mas as crianças que os outros eram estavam a crescer a cada dia, amadurecendo com os dissabores, temperados pelas provações e pela dor, principalmente o Aewyre. Só tinha pena de que tivesse de ser assim, que tivessem de passar pelo fogo de modo a encontrarem o seu próprio brilho, mas fora o caminho que haviam escolhido...

Erguendo as sobrancelhas e estalando os lábios resignadamente, o mago deu a sua atenção a Worick, que parecia concentrado na sua obra.

Posso fazer-te uma pergunta, Worick?

Sem parar o seu trabalho, o thuragar ergueu os pequenos olhos, que de noite pareciam mais vivos e sagazes.

Não seria a primeira.

Nem a última, espero eu... por que é que um guerreiro de renome como tu venera Tharobar?

Worick pousou o martelo e o cinzel e tirou o bloco de pedra de entre os seus joelhos, perscrutando-o atentamente de vários ângulos. Estava lentamente a assumir forma, mas o mago não soube dizer de quê.

Gosto de umas boas cachaporradas, mago, mas no fundo sou um artífice. Olhou de relance para ver se Allumno rira, mas as feições do mago permaneciam inalteradas e atentas. Fui eu quem fez a armadura, a espada e o escudo da Lhiannah, tudo na minha forja em Vaul-Syrith (em cuja bigorna Sunlar vai mandar esmagar a minha cabeça, se eu voltar). Até lhe fiz o enfeite da gargantilha, aquela coisinha branca em forma de rosa...

Um trabalho exemplar.

É, não é? E quando ela era criança, eu fazia-lhe todo o tipo de brinquedos, cavalinhos de mármore, flores de pedras preciosas, bonecas de madeira que se mexiam e que ela vestia, essas coisas de que as meninas gostam... Distraído a falar de um tópico que o interessava,

Worick apercebeu-se por fim de que a coisa estava a ficar demasiado íntima.

Bem, é isso. Sou um artífice e retomou a sua tarefa.

Estou esclarecido assegurou-lhe o mago, sem insistir no assunto. Apoiou as mãos nos joelhos e ergueu-se, esboçando uma fugaz careta de dor devido à rótula que provavelmente nunca iria sarar por completo. Vou deitar-me. Boa noite.

Worick resmoneou algo que podia passar por um desejo semelhante e o mago retirou-se para dentro do *yugr*, acordando Aewyre pelo caminho para que este também se fosse deitar. O *thuragar* ficou a olhar um pouco para o vazio e de seguida pegou nos seus instrumentos outra vez.

"Pedras me partam...", pensava. *"Agora a abrir-me com o mago..."* O repique agudo fez-se ouvir pelo sopé até tarde.

Os companheiros tiveram uma noite tranquila e acordaram refeitos na manhã seguinte. Refrescaram as gargantas com a água que gotejava das pontas das raízes do barranco e saudaram o fresco alvorecer de braços estendidos, espreguiçando-se. O facto de comerem um pequeno-almoço quente quase fez com que conseguissem ignorar a insulsez da comida.

Há muito tempo que não dormia assim tão bem... confessou Taislin.

Se gostaste tanto, eu posso fazer com que nunca mais acordes...
- resmungou Worick, esfregando a barba.

Worick, que embirante que tu estás! repreendeu-o Lhiannah. Andavas mais bem-disposto nas estepes!

Bom, levantemos o acampamento... interrompeu Allumno, incapaz de conter um breve sorriso, lembrando-se da noite anterior.

Esperem interveio Aewyre por sua vez, empunhando o punhal de Taislin que afiara a noite passada. Lhiannah, cortas-me o cabelo?

Fora das últimas coisas que qualquer um dos companheiros esperara ouvir. A *arinnir* ficou a olhar para o guerreiro, testa franzida, olhos a piscar e cabeça a abanar ligeiramente como se não estivesse a perceber. Aewyre estendeu-lhe o punhal, girando o punho para a frente.

O que é que estás a fazer com o meu punhal? perguntou o *burrik*, sem que ninguém lhe desse atenção.

Estás a gozar comigo? inquiriu Lhiannah, ainda sem perceber.

Falo a sério, ele está demasiado comprido. O Worick arrancava-me o escalpe, o Taislin ainda me pregava uma partida, o Allumno não está para estas coisas e eu não o consigo cortar sozinho explanou, tornando a estender-lhe o afiado punhal. Cortas-mo?

Hesitante, Lhiannah acabou por pegar no punho da arma, apesar de ainda não ter tomado nenhuma decisão. Mas que raio...?

Vá lá, é a tua oportunidade para me magoares um pouco. Só não me arranques tufos de cabelo...

A expressão da arinnir tornou-se firme então e esta crispou os dedos no punho da lâmina.

Senta-te praticamente ordenou, tirando as luvas, e Aewyre assentou-se numa rocha, mantendo as costas direitas.

A princesa começou por lhe remexer o comprido cabelo sujo, desenvencilhando com os dedos os nós e emaranhados que se haviam formado com semanas de desleixo.

Mas o meu punhal... tentou Taislin protestar.

Taislin, por que não aproveitas para caçar? sugeriu Aewyre. O burrik pensou em insistir, mas achou que não valia a pena e foi procurar pedrinhas para usar com a funda. Allumno decidiu dar de comer à Alfarna e Worick foi aquecer outra árvore enquanto Lhiannah remexia o cabelo do guerreiro.

Não mexas a cabeça avisou, esticando-lhe uma mecha e cortando-a com um movimento de serra. Allumno, quando puderes aqueces-me uma taça de água, por favor? O mago assentiu com a cabeça e foi tratar de pôr a sua chaleira sobre a lareira.

Água? ecoou Aewyre. Água para quê?

Para as minhas mãos. Vou ficar com frieiras depois disto. E o teu cabelo está um nojo. Agora fica quieto.

Ah... O guerreiro não pensava porém que fossem essas as verdadeiras razões, embora desconhecesse a verdadeira.

Aewyre esperara que Lhiannah fosse bruta, que aproveitasse para se vingar de alguma forma, que lhe arrancasse alguns cabelos ou que lhe picasse a cabeça com a ponta do punhal. Contudo, os dedos da arinnir eram delicados e esta tinha o cuidado de não lhe magoar muito o couro cabeludo ao puxar e cortar os cabelos, algo certamente difícil quando feito com um punhal, por muito afiado que estivesse. O guerreiro notou que a princesa mordida o lábio inferior em concentração quando lhe começou a cortar o cabelo à frente. Nesgas negras caíam como a desfolha de uma árvore na neve suja e calcada.

Quando terminou, Lhiannah pôs os punhos nas ancas numa pose que sugeria estar a avaliar o seu trabalho. Aewyre passou a mão pelo cabelo e sentiu-o curto, um pouco mais curto do que o que costumara usar. Pensou em perguntar que tal ficara, mas não esperava grande resposta da arinnir, pelo que se tentou levantar.

Bom, obri...

Onde é que vais? inquiriu a princesa, empurrando-o pelos ombros de modo a que se tornasse a sentar. Já me viste bem essas cerdas na cara? Allumno, trazes-me a água, se fazes favor?

O guerreiro não percebeu à primeira, mas assim que entendeu que Lhiannah se referia à sua barba, coçou-a nervosamente.

Eh... não faz mal. A barba não me atrapalha numa luta...

A tua cara parece um rabo de javali. Agora fica sentado e calado ordenou Lhiannah, girando a faca na mão, para a qual o guerreiro olhava com uma certa apreensão.

O mago trouxe uma taça de água quente, um pano, um odre com loção de barba e uma lâmina de barbear com dois gumes.

Tomei a liberdade... explicou enquanto entregava os objectos a Lhiannah, merecendo um suspiro de alívio de Aewyre por providenciar uma alternativa ao punhal de Taislin.

Obrigada agradeceu a princesa, enrolando o pano à volta do pescoço do guerreiro e chapinhando-lhe a cara com a água morna da taça. Apesar de não estar fria, Aewyre ainda cerrava os olhos e fazia caretas desagradadas ao contacto do líquido.

Com a barba do guerreiro devidamente ensopada, Lhiannah puxou-lhe a cabeça para si e inclinou-lha para o lado, deslizando a lâmina pelo crescimento a partir da orelha até à ponta do maxilar. A nuca de Aewyre assentou entre as saliências para o peito da armadura da arinnir, mas outras coisas ocupavam os seus pensamentos naquela altura, tais como a integridade da sua face. Ficou ainda mais nervoso quando Lhiannah passou para a barba debaixo do queixo e no pescoço, sentindo o gume afiado da lâmina a deslizar perigosamente por cima da sua jugular. E se lhe desse para isso? Um movimento brusco e... o guerreiro estremeceu quando a princesa inalou através dos dentes, apesar de não ter sentido o pequeno corte que Lhiannah inadvertidamente lhe infligira no queixo.

Desculpa pediu a arinnir em surdina, sem no entanto interromper o seu trabalho.

Ainda assim, as mãos de Lhiannah pegavam-lhe na face com uma gentileza quase maternal. Não eram macias como as das criadas de

taberna e servas do palácio, tinham a aspereza e calosidades esperadas de quem manejava uma espada com frequência e se metia em situações como aquelas nas quais os companheiros se envolviam, mas o seu toque era estranhamente suave, como se os dedos transmitissem todo o cuidado que a arinnir estava a tomar. Quando terminou, Lhiannah vascolejou o odre, verteu na mão um pouco da loção de camomila e lavanda e espalhou-a pela cara de Aewyre, talvez batendo com força desnecessária, mas o guerreiro estava demasiado aliviado para reclamar, mesmo quando os cortes ligeiros na pele começaram a arder. Lhiannah pôs-se a avaliar o seu trabalho uma vez mais, limpando as mãos com o pano enquanto Aewyre passava a mão pela face, sentindo a pele macia ao toque pela primeira vez em mais de um mês.

Está... ótimo. Obrigado. Gostava de me ver ao espelho...

Ai é? Pois não penses que isto se vai tornar um hábito assegurou-lhe a princesa, atirando-lhe o pano à cara e retirando-se a passos aparentemente irritados.

O guerreiro tirou o pano da face.

Mas o que é que eu fiz desta vez? perguntou a ninguém em especial enquanto via Lhiannah a afastar-se tempestuosamente.

Allumno fingia-se distraído a meditar e Worick escolhera aquela altura para voltar da sua acção benevolente para com as árvores, pelo que Aewyre se levantou.

Pareces um cachopo imberbe outra vez... comentou o thuragar. Mas pelo menos já não estás com cabelo de rabilas.

Por que é que a Lhiannah ficou tão irritada? perguntou o guerreiro, tendo há muito aprendido a ignorar os insultos do thuragar.

Worick olhou na direcção que a princesa tomara, mas esta já desaparecera nas árvores e o thuragar encolheu os ombros. Já sabes como ela é...

Não, discordou o guerreiro, desta vez foi alguma coisa.

Os pequenos olhos pretos de Worick tornaram-se sérios, descontente por ter sido contestado, mas quase instantaneamente relaxou a paternal postura defensiva que sempre assumia em assuntos relacionados com Lhiannah.

Estás com sorte que eu hoje até nem acordei mal-disposto...

Tu és mal-disposto contrapôs o jovem, retribuindo os anteriores insultos.

Aaai... advertiu o thuragar. Tu não abuses. Queres ouvir ou não?

Conta.

Está com saudades do pai explicou sucintamente, encaminhando-se para a fogueira e sentando-se numa rocha.

Aewyre foi atrás e ficou a olhar para o thuragar de braços cruzados enquanto este contemplava as brasas, esperando. O acampamento ficou silencioso durante algum tempo, até Worick começar a sentir o peso dos olhos do jovem em cima de si.

O que é que foi? quis saber, olhando de lado.

Continua.

Continuo o quê? Já disse.

Tem saudades do pai...? ajudou o guerreiro, inclinando o tronco de braços cruzados para a frente.

Curioso dum raio... mas o que é que isso te interessa?

Se não me interessasse, não perguntava. Eu sei que te é difícil, mas tenta explicar-me.

Worick fitou Aewyre dubiamente, sem saber ao certo se devia sentir-se insultado ou não, mas acabou por ceder com um abespinhado suspiro.

A cachopa é mais ligada ao pai do que aquilo que quer fazer 'parecer começou, atirando um graveto para dentro das brasas.

Aquela couve com pernas que o Sunlar tomou como mulher nunca gostou particularmente dela, e acho que por isso ele serviu de pai e mãe para a Lhiannah, apesar de ter pouco tempo para ela... Aewyre estava ciente de que apanhara o thuragar num dos seus raros momentos de loquacidade e permaneceu em silêncio durante a pausa para não o quebrar. Uma das coisas que ela mais gostava de fazer era barbeá-lo. Quando era pequena, todas as manhãs ia ter ao quarto dele antes dos serviços, acordava a couve, que depois se lamuriava o dia inteiro, e molhava a cara do pai enquanto este ainda estava meio a dormir. Worick soltou uma curta risada, sem nunca tirar os olhos das brasas. Depois chegava o barbeiro e ela insistia em fazer a barba ao pai e todos os dias o homem acabava por ceder e ensinava-a a barbear. A cachopa aprendeu e algum tempo depois a única penugem que o barbeiro tirava era a das galinhas na cozinha...

E depois de menina? arriscou Aewyre.

Continuou. Já não acordava o Sunlar de madrugada, mas todos os dias ia fazer-lhe a barba. Uma vez dormiu até tarde e o barbeiro teve de ser chamado à cozinha para fazer o serviço. A cachopa ficou fura quando acordou, gritava que a deviam ter acordado em vez de chamarem o barbeiro. Atirou a loção de barba à cara do homem e o

desgraçado ficou com prurido nos olhos durante uma semana... Outra risadinha. Havia de ter levado das poucas e boas naquela cabeça teimosa depois disso, mas Tharobar bem sabe que eu nunca lhe bati quando o devia ter feito, pedras me partam... lamentou-se, cuspiendo para as brasas.

Aewyre brincava pensativamente com o incisivo, começando a perceber a reacção da arinnir. Bom, perceber talvez não, mas pelo menos tornava-se mais compreensível à luz da explicação de Worick.

Não adivinhas qual foi a última coisa que ela fez antes de sair de Vaul-Syrith naquele desgraçado dia em que te encontrámos a ti e ao mago?

O guerreiro nem respondeu à pergunta.

Pois... uma última raspada na cara do pai. Deve ter-se lembrado de alguma coisa enquanto fazia de ti um imberbe.

Hm-hm... no fundo, a Lhiannah foi o filho que Sunlar nunca teve. Ou, aliás, teve, mas... quer dizer... Tarde demais, Aewyre apercebeu-se de que tocara num ponto sensível e proibido. Acto contínuo, a expressão de Worick tornou-se severa e os pêlos da sua barba mexeram-se quando o seu maxilar se fechou. Ah... eu... tentou ainda falar. *"Cala-te, já disseste porcarias que chegue..."*

A postura do thuragar tornou-se rígida e o guerreiro achou melhor afastar-se, optando por ir arrumar as suas coisas para a barba, vilipendiando-se a si mesmo pela sua estupidez. Enfiou-se envergonhado no *yugr* e resolveu pôr-se a arrumar o equipamento na tenda, seu e dos seus companheiros. Quando saiu, Worick continuava sentado de costas para ele e Allumno estava a seu lado, mas Aewyre achou que o melhor era não interromper a sua meditação. Pensou em ir treinar um pouco, mas o terreno era íngreme demais e não lhe apetecia começar a suar com a loção impregnada na cara. Optou antes por subir a uma rocha e ficar a observar as estepes, das quais tinha uma boa vista. O guerreiro nunca reparara como aquela imensidão vazia era de certo modo relaxante, pelo menos agora que a mirava do lado de fora.

"Pela espada cruenta de Gilgethan, o que nós calcorreámos...", admirou-se. *"Por esta altura já devíamos estar em Wolhynia, talvez mesmo em Tanarch..."* Os seus cálculos levaram-no a pensar nos seus amigos eahan e antroleo. *"E tu, meu eahan exaltado... onde será que estão, tu e o Babaki e a Slayra? Será que alguma vez nos tornaremos a ver?"*

Por qualquer razão, Aewyre foi acometido pela memória do seu primeiro encontro com o shura, durante um dos últimos concílios dos regentes de Nolwyn com a população eahan da Floresta de Lyr. Os

eahan não estavam satisfeitos com as acções de lorde Tylon Nehin, que andava a abusar da floresta na qual também viviam, cortando árvores indiscriminadamente e matando demasiados animais para a crescente população de Lennhau. Uma delegação de eahan da montanha viera também, para discutir a construção de pontos de vigilância no Portão do Norte, e o seu mais jovem membro fora Quenestil. Aewyre nunca gostara de concílios, eram eventos chatos nos quais se ouviam homens chatos a discutir assuntos ainda mais chatos, mas Allumno sempre insistira que acompanhasse Aereth pelas mais variadas razões: que havia muito a aprender, que no caso de alguma infelicidade acontecer seria ele o regente de Thoryn e tinha de estar preparado, que um membro da casa de regência devia conhecer os seus pares... Nessa ocasião, ambos os rapazes se cumprimentaram um ao outro, e nesse preciso instante nasceu um estranho laço que desde logo os uniu. Nada tinham em comum: Aewyre tecia comentários pouco galantes acerca das eahannas presentes, Quenestil passava o tempo todo a falar de árvores e animais; o humano dizia "fogo", o eahan contrapunha "água"; Aewyre defendia o confronto directo, quer com espadas ou palavras, Quenestil advogava a subtilidade, tanto a "combater como a dialogar. Mas algo tinham em comum, e era aquela amizade que ninguém percebia mas que todos viam que era algo para durar...

Passos despertaram Aewyre dos seus pensamentos e este viu Taislin a descer por entre as árvores com Lhiannah a seu lado. O burrik trazia duas lebres brancas que oscilavam frouxamente pelas orelhas; aparentemente a caçada correrá bem. Desceu de cima da pedra e foi ter com os dois, contando à partida ser evitado pela arinnir, que ainda lhe lançou um olhar estranho mas sem dúvida pouco amistoso antes de seguir em frente.

Então, campeão? Arranjaste-nos um rico almoço para hoje laudou, ajoelhando-se para falar à altura de Taislin.

pois foi. Mas vais ser *tu* a esfolá-los. Com o *meu* punhal... disse o burrik, deixando um admirado Aewyre para trás.

"Andava tudo tão bem-disposto...", pensou, coçando a cabeça. *"Mais valia não ter cortado o cabelo..."*

O guerreiro levantou-se e dirigiu-se resignadamente aos seus companheiros, que começaram a levantar o acampamento para retomarem a viagem.

TOMSKA

Quenestil e Slayra haviam seguido para Leste durante uma semana, orientando-se através das montanhas da Cinta a Norte. Já haviam vadeado o rio Tunuza e a eahanoir afirmava que a vila costeira de Tomska estava a apenas alguns dias de viagem. Ainda bem, pensou Slayra para consigo, pois após o incidente da cabana Quenestil começara a agir de forma quase paranóica: passava grande parte das noites vigiantemente acordado e de cada vez que tinha de deixar a eahanoir sozinha, fosse para caçar ou qualquer outra actividade na qual Slayra não o podia acompanhar, ficava tão nervoso que as suas saídas eram pouco proveitosas, pois raramente regressava com alguma coisa. Um dia conseguira relaxar e manter um aperto suficientemente firme no arco com a mão ferida para abater uma perdiz, mas ao ouvir o garanhão a relinchar ao longe não hesitou em correr de volta, só para constatar que o animal apenas dera largas ao seu enfado e que Slayra estava perfeitamente bem. Previsivelmente, assim que regressou ao local de caça já a perdiz tinha sido levada por um predador menos desatento. A eahanoir nada dissera, mas isso não minorara o estado do shura, que se sentia frustrado e desalentado. Slayra queria abraçá-lo, confortá-lo, dizer-lhe que não se preocupasse tanto, mas apesar de Quenestil não estar tão distante como estivera nos primeiros dias após Jazurrieh, parecia impermeável às suas palavras.

Perdi o Babaki. Morrerei antes de te perder a ti também era só o que lhe dizia, passando de seguida um braço protector por cima do seu ombro bom e puxando-a para si.

Todas as noites assegurava-se de que a eahanoir estava bem agasalhada, comia apenas após ela estar saciada, verificava-lhe o ombro e

dava-lhe um beijo na testa, esperando então que adormecesse nos seus braços. Slayra não reclamava, apesar de se sentir tratada como uma criança. Talvez fosse a maneira de o eahan lidar com a morte do Babaki, talvez fosse alguma depressão, mas fosse o que fosse, a eahanoir sabia que Quenestil precisava de o fazer e não lhe dificultou a tarefa como o seu orgulho lhe ordenava que fizesse. No mínimo, era uma forma de o eahan se distrair das melancólicas cismas acerca do seu amigo antroleo e do sentimento de culpa que o perseguiam. Na verdade, os cuidados do shura até nem eram de todo injustificados: a sua capa ficava ensopada ao fim de cada dia, o seu braço estava rígido e sentia-se exausta à noite apesar de montar a cavalo o tempo todo. Continuava com pouco apetite, e a única coisa que lhe soubera minimamente a comida nas últimas semanas fora a metade de coelho esturricada, que nem dois dias durara. Era normal acordar subitamente durante a noite e desatar a chorar no ombro de Quenestil, que desde a morte de Babaki adquirira uma consistência que parecia capaz de lhe absorver as lágrimas e toda a chuva que lhe caísse em cima. Por vezes, Slayra tinha a impressão de que ela própria era a única coisa que mantinha o shura vivo, e isso preocupava-a. Tinha o cuidado de lhe falar todos os dias dos seus amigos, da promessa de tornar a encontrar Aewyre, tudo o que pudesse atizar o mais pequeno fulgor nas mortijas brasas da alma do eahan, mas Quenestil limitava-se a acenar com a cabeça e a assegurar-lhe de que não se esquecera, pedindo-lhe de seguida que dormisse. Assim fora quase todas as noites, e esta não seria diferente. Ou pelo menos assim o julgava.

Slayra? perguntou o shura perto da madrugada.

O quê? O que foi? sobressaltou-se a eahanoir, sentindo o seu coração a bombear repentinamente, gotas de orvalho a escorrerem-lhe pela capa abaixo com o movimento.

Nada, nada. É só... Quenestil hesitou.

Slayra pôs-lhe a mão na cara e olhou-o de frente, apesar de pouco conseguir ver na escuridão do abrigo de grossas raízes cobertas por fetos onde dormiam.

O que foi? tornou a perguntar.

O eahan ficou silencioso por momentos antes de responder.

O que é que o Babaki te disse na carruagem?

Slayra hesitou. Era a última pergunta que esperaria a meio da noite, e o seu silêncio confirmou as suspeitas de Quenestil, que o antroleo de facto falara com ela.

O que é que ele te disse?

Ele... eu só não te disse porque...

Deixa estar. Diz-me só quais foram as suas palavras, por favor o eahan não estava zangado, parecia apenas querer saber.

Slayra suspirou tristemente e recordou o que Babaki lhe dissera.

Ele pediu-me que te pedisse desculpa em seu nome... que sabia o quanto te iria custar, mas que não tinha alternativa, que nascera com a... fera, e que sem ela não podia viver. Quenestil ponderou silenciosamente. Ele só lamentava não se ter apercebido disto mais cedo, por ter causado tanto sofrimento a outros...

Eu sei interrompeu-a o eahan.

... o quê? Sabes?

Agora sei. Agora percebo porquê, por que é que ele teve de o fazer afirmou o shura, rodando nos seus dedos o dente de carcaju pendurado ao pescoço.

Mas...

Dorme. Está tudo bem assegurou-lhe, afagando-lhe o cabelo. Ainda falta algum tempo para o Sol nascer.

Slayra continuava sem compreender, mas não insistiu e tornou a adormecer pouco depois. A ascensão do Sol passou quase despercebida no céu densamente nublado, conseguindo pouco mais que orlar as nuvens de vermelho e trespassar pequenas frestas com os seus raios luminosos. Um deles incidiu sobre os dois eahan, atravessando os or- valhosos ramos desnudos, passando através das folhas húmidas dos frondosos fetos que lhes resguardavam as cabeças, e a sua luz acordou-os aos dois. Ambos ergueram-se, piscando e esfregando os olhos, e Quenestil foi buscar a bexiga que deixara encostada a uma bétula, na qual fizera uma incisão no dia anterior e que passara a noite inteira a sangrar a sua nutritiva seiva para dentro da bexiga, que passava por cantil. Slayra já se habituara ao líquido espesso, era como um desagradável xarope que sabia fazer-lhe bem mas que inevitavelmente sabia mal. Os seus dentes estavam botos com a acidez das plantas que comia, provavelmente amarelados, o seu cabelo estava em desalinho, a sua capa uma desgraça, as suas indecorosas roupas sujas e as suas unhas pretas. Estava grata por não haver nenhum espelho nas redondezas no qual pudesse contemplar a sua esqualidez, mas sabia que não podia estar muito melhor que o Quenestil, cujos cabelos ruivos estavam baços e pesados de sebo, as marcas de preocupação na sua testa delineadas a sujidade preta e as suas peles de carcaju imundas. Para além disso, os intestinos da eahanoir estavam a ter dificuldade em se adaptarem a uma dieta tão verde e ressentiam-se, forçando Slayra a

limpar-se depois com musgo. Nunca se apercebera do quão bem carne de coelho sabia, esturricada ou não, e todos os dias acalentava esperanças de que o eahan apanhasse outro...

Vamos? interrompeu Quenestil os seus pensamentos negativos.

Vamos... concordou a eahanoir, limpando seiva do canto da boca com o polegar.

O shura ajudou-a a levantar-se e a montar no garanhão, que aprendera a odiar Slayra por todos os golpes de calcanhar que esta lhe dava de cada vez que se fazia teimoso. Segundo os cálculos da eahanna negra, deveriam chegar a Tomska pelo fim da tarde desse mesmo dia, e Quenestil queria lá chegar o quanto antes, apesar de não estar particularmente ansioso pela iminente viagem de barco. Quando o Sol já devia ter alcançado o seu zénite, pararam num ribeiro que roçagava o trilho que seguiam, onde o eahan foi buscar amentilhos à água, cujos rizomas descascou e ralou numa pasta branca. Enquanto Slayra comia, procurou chicória para mais tarde fazer uma infusão para os intestinos da eahanoir, que sabia estarem desregulados apesar de a eahanna não lho dizer. Após Slayra ter forçado a última mão-cheia de pasta de rizoma pela garganta abaixo, recomeçou a chover, o que forçou Quenestil a comer a sua porção apressadamente para seguirem caminho. As primeiras gotas haviam sido tímidas, mas outras bem menos discretas se lhes seguiram pouco depois e em bem maior quantidade. Pequenos ribeiros corriam pelas pregas e vincos da capa de Slayra, escorrendo pelos flancos do cavalo, que caminhava de focinho baixo. A chuva batia sonoramente no capuz de pele de cabra de Quenestil, borrava a visão de tudo o que estivesse à distância de vinte passos, tornava o trilho lamacento e enchia o ar com a sua sinfonia descendente. Como estavam de cabeça baixa, nenhum dos dois viu um grupo de pássaros que subitamente levantou voo de uma árvore, abanando os ramos, e devido ao barulho da chuva, não ouviram o aproximar de cavalos.

Um resfolegar alguns passos à frente alertou Quenestil, que largou Slayra e a crina do cavalo e saltou para o chão lamoso, já com o arco pronto e a tirar uma seta. Aproximavam-se três cavaleiros, todos de cabeça baixa e nenhum ainda ciente da presença dos dois eahan um pouco mais à frente. Não foi senão quando o da frente por acaso ergueu a cabeça e os avistou que ergueu a mão e vociferou algo que fez com que os seus companheiros parassem. Os três usavam bigodes compridos e barba curta que pingavam da chuva e envergavam capas

de lã encharcadas sobre túnicas pretas debruadas a vermelho que lhes davam pelos joelhos. Traziam sobre as cabeças barretes cilíndricos de topo chato feitos de pele de gato selvagem e usavam calças folgadas apanhadas a partir do joelho com tiras de feltro que lhes enfaixavam pernas e botas. Todos tinham escudos redondos às costas e lanças na mão, bem como *falchion* embainhadas à cintura, que decerto sabiam usar. Nenhum assumiu uma postura agressiva, mas certamente não iriam deixar estes dois viajantes simplesmente passar.

Saudações. De onde vêm e qual o vosso destino? perguntou o que aparentava ser o líder, olhando para Quenestil, que mantinha uma seta pronta apontada ao chão. O eahan não percebeu e a resposta veio de Slayra.

Saudações, guerreiros. Eu e o meu escravo vimos de Jazurrieh. Temos assuntos a tratar em Tomska.

O interlocutor latvoniano não retorquiu logo, ficando a olhar para o curioso par à sua frente enquanto os seus dois companheiros falavam entre si, as suas vozes abafadas pela chuva. Slayra esforçou-se por manter um ar calmo e confiante. Sabia bem a reputação que os da sua raça tinham em Latvonia, tão temidos e detestados quanto em qualquer outro lugar de Allaryia, mas aqui a sua presença era tolerada devido aos espaços de entretenimento que as suas cidades providenciavam. Os serviços de assassinato e espionagem eram também muito apreciados, o que servia também como dissuasor de qualquer ataque às cidades eahanoir. Afinal, os eahan negros podiam não ter grandes hipóteses numa batalha em larga escala, mas a sua reputação de assassinos sombrios que vinham pela calada da noite matar quem os tivesse ofendido nos seus próprios aposentos era sobejamente conhecida, pelo que os senhores da guerra em geral os deixavam em paz. Deixá-los-iam estes energúmenos também?

Como te chamas, eahanoir?

O meu nome só a mim e aos meus superiores diz respeito, guerreiro.

O homem não pareceu ficar convencido e Quenestil puxou o fio do arco um pouco mais.

Meu senhor Vladan não gosta de eahanoir em Tomska. Vocês assustam a população.

Slayra não esperara tanta resistência. Estes obviamente não temiam eahanoir, e o facto de estar montada num cavalo sem sela, acompanhada por um eahan das montanhas armado e com um aspecto pouco apresentável não estava a ajudar o seu artil. Pensou depressa, vendo

que os dois outros latvonianos já crispavam os dedos nos cabos das lanças e que os seus cavalos estavam a ficar excitados, traíndo as emoções dos seus cavaleiros.

Venho da parte de Tannath, o eahanoir do olho cinzento declarou em voz alta. Ele não gostará de saber que o seu nome foi ouvido e menos ainda que eu fui acossada enquanto cumpria as suas ordens.

Quenestil percebeu o nome do assassino e olhou para Slayra como se ela tivesse proferido o mais vil dos impropérios. A eahanoir não retribuiu o olhar; estava ocupada a orar enquanto mantinha os seus olhos fixos nos do latvoniano, procurando sinais de medo ou pelo menos hesitação. Tannath era conhecido, mas não sabia se a sua infâmia se estendia até ao litoral de Latvonia. Julgando pela hesitação do líder e pelo cessar da conversa dos outros dois, a resposta parecia afirmativa.

Desejo-te... boa viagem, eahanoir acabou o homem por dizer, conduzindo o cavalo até à beira do trilho e indicando aos outros que fizessem o mesmo.

Que as sombras vos ocultem, guerreiros retribuiu Slayra, incitando o cavalo a retomar o passo. Vem, Quenestil, mas não montes ainda disse em Glottik ao eahan com voz imperiosa.

Os dois eahan passaram pelo grupo, sentindo o peso dos seus olhos nas suas costas até entrarem numa curva que os colocou fora do alcance visual destes. Quenestil não tornou a montar senão muito mais à frente, quando se assegurou de que não estavam a ser seguidos.

Mesmo morto, o Tannath ainda nos persegue constatou ao saltar para as costas do cavalo.

Slayra nada disse, ciente de que esse era um assunto delicado que preferia esquecer. O shura dissera-lhe que Babaki rasgara as costas do eahanoir e atirara-o para dentro da arena, que não podia ter sobrevivido a um ferimento daqueles. A eahanna negra rezava para que estivesse certo.

Mais tarde nesse dia, as nuvens começaram a murchar como flores desidratadas e principiaram a dissipar-se lentamente, permitindo a passagem dos raios do Sol, que se começava a retirar atrás de Quenestil e Slayra. A luz vermelhusca criou um arco-íris no ar húmido com cheiro a terra molhada e começou a esticar longas e esbeltas sombras em frente dos dois eahan e do cavalo, providenciando-lhes um agradável calor nas costas molhadas. O shura puxou a crina do garanhão para que este se virasse e pudesse por fim olhar para o Sol, que há tanto tempo não via. O irmão dourado da Lua era uma incandescente bola vermelha no céu alaranjado e bordado com filamentos nublosos, coroando

de ferrugem as copas das árvores à distância. Poucas vezes parecera tão belo aos olhos de ambos os eahan, que o admiraram em silêncio até ficar recortado por uma linha de árvores, lembrando-lhes de que tencionavam chegar à vila antes do anoitecer.

Começaram a ouvir os primeiros latidos quando as estrelas já despontavam na escurecida abóbada celeste. Tomska apareceu como que descortinada assim que Quenestil e Slayra saíram da orla do bosque: uma vila piscatória constituída por um amontoado de edifícios de madeira dos mais variados tamanhos à beira do mar. O cheiro a maresia e frescal chegava-lhes aos narizes mesmo àquela distância, acompanhado pelos odores de fogos de cozinha. A actividade nas suas ruelas lamacentas estava visivelmente a diminuir, os únicos sons eram os latidos dos cães, os ruídos de portas e adufas de janelas a serem fechadas e as vozes de mães que chamavam pelos filhos.

Ainda há sítios destes na Latvonia? admirou-se Quenestil, dando voz aos seus pensamentos.

Slayra suspirou com a ingenuidade do eahan, mas limitou-se a afagar-lhe o braço afectuosamente e nada mais foi dito durante o caminho que faltava percorrer até à aldeia. Os edifícios eram rusticamente simples, feitos de tábuas de madeira com tectos triangulares de colmo acinzentado. Enquanto andavam, interrompiam o emanar de feixes de luz dourada que saíam por entre as frestas das janelas e portas fechadas, criando silhuetas no chão sulcado e lamacento.

E agora? perguntou Quenestil.

Procuramos uma estalagem, a estas horas não deve haver barcos a partir. Temos dinheiro?

Cinco moedas de prata.

Deve chegar para aquele tugúrio... achou Slayra, apontando com o braço bom para o que só podia ser um estabelecimento, julgando pela sua porta aberta e iluminação.

Era dos maiores edifícios da vila, feito do mesmo material mas com um andar adicional e um tecto com águas-furtadas, mas fora isso nada indicava que se tratasse de uma estalagem, nem sequer uma insígnia ou tabuleta. Tinha, porém, um par de estalas atapetadas a palha e cobertas por um alpendre no seu flanco, uma das quais ocupada por um garrano castanho-escuro de crina negra. Sentado num banco encostado à parede estava um sonolento rapaz de encrespados caracóis cor de avelã de braços cruzados, que se levantou perante a aproximação dos estranhos. Tinha um nariz bolboso e uma boca pequena, que sibilava os *esses*.

Boas noites saudou, abafando um bocejo.

Boas noites, rapaz retribuiu Slayra enquanto Quenestil desmontava e a ajudava a fazer o mesmo. Tomas-nos conta do cavalo?

Só tomo conta dos cavalos de quem dorme na estalagem. É o que a avó desdentada diz.

A eahanoir ergueu uma fina sobancelha.

Nós vamos dormir na estalagem da... avó, não te preocupes...

Então está bem concordou o rapazola, retomando o seu assento.

Slayra ficou à espera de que o catraio se levantasse e prendesse o cavalo numa das estalas, como achava que devia proceder, mas aparentemente o rapaz latvoniano não fazia tenções de se erguer, refastelando-se contra a parede de mãos atrás da cabeça.

Não amarras o cavalo? Se não estivesse tão ensonado, o rapaz ter-se-ia provavelmente assustado com a voz da eahanoir.

Do que é que vocês estão a falar? indagou Quenestil.

Só tomo conta dos cavalos... justificou-se o catraio despreocupadamente, fechando os olhos.

Slayra suspirou exasperadamente, com vontade de arrancar o capuz ”e gritar ”eahanoir!” na cara do rapaz.

Vamos arrumar o cavalo... acalmou-se, afagando o ombro. O shura amarrou o garanhão com a corda de um anel metálico na

parede, evitando por pouco uma dentada do mal-humorado animal, ao qual não parecia agradar a perspectiva de passar a noite preso naquela estala malcheirosa. Seguiram então para dentro da estalagem que, tal como Slayra previra, era um autêntico tugúrio. Tratava-se de um estabelecimento pequeno e escuro, iluminado pelas diminutas chamas de velas coladas com o seu próprio unto derretido em cantos e por cima de mesas, libertando um odor a gordura rançosa. As tábuas do chão estavam soltas e rachadas em vários pontos, desajeitadamente tapados por conchas rachadas de variados tamanhos, e alguns passos escorregavam ligeiramente sobre o ocasional cuspe gosmento. Da trave principal pendiam búzios e esqueletos de peixes, que chocalhavam quase imperceptivelmente devido às correntes de ar que provinham da porta aberta e das inúmeras frestas nas paredes. Mesas redondas e molhadas estavam espalhadas pela sala, que tinha ainda um balcão sujo na parede oposta à da entrada e umas escadas pouco firmes que levavam ao segundo andar. Uma rapariga de longos cabelos castanho-claros limpava copos ao balcão e uma senhora idosa esfregava laboriosamente uma das imundas mesas. Havia três convivas

na sala, dois homens que falavam silenciosamente e um outro que bebia descansado a um canto. Os dois eram latvonianos, julgando pelas suas roupas e bigodes, mas o outro, um indivíduo baixo e calvo com barba curta queimada pelo Sol e uma auréola de cabelo preto solto e despenteado, parecia ser estrangeiro. Os três dispensaram-lhes um mero olhar de curiosidade antes de retomarem as suas actividades, e a rapariga que se encontrava ao balcão a limpar copos mal olhou para os recém-chegados, apenas a velha lhes deu atenção.

Que é isto? Hóspedes? A estas horas? perguntou num agudo grasnar.

Cessou de limpar a mesa e postou-se diante dos dois eahan, pondo o pano sujo e molhado que usara atrás do ombro. Era uma mulher bastante velha, com uma cara profundamente vincada por rugas, uma boca desdentada de lábios chupados para dentro e um peludo queixo proeminente. Porém, aparentava ter um vigor incomum para a sua idade, visível nos seus brilhantes olhos azulados, na firmeza dos seus movimentos e no incessante bater do pé no chão. Por baixo de um casaco verde com tufo vermelho espalhados pelo tecido vestia uma singela camisa branca e um avental bordado num colorido padrão com pompons amarelos na borda. Calçava botas de couro vermelho, usava um colar de conchas e o seu cabelo branco estava tapado por uma alaranjada mantilha bordada.

Boas-noites cumprimentou Slayra, puxando o capuz para trás. Queremos comida, cama e uma estala para o cavalo.

Os olhos da velha arregalaram-se momentaneamente ao ver a eahanoir à sua frente, mas depressa se recompôs. Avaliou os dois, mastigando de boca vazia, olhando-os de alto a baixo e erguendo um vincado sobrolho perante a estranheza do par.

Só tenho um quarto. Os outros estão ocupados. Pelos marinheiros.

Marinheiros?

De Tanarch.

Ótimo disse Slayra, mais para si que para a proprietária. Ficamos com esse quarto.

Só uma cama.

Não faz mal.

Muito bem acedeu a velha, virando-lhes as costas. Sentem-se. Há caldeirada de peixe. Ah lembrou-se, virando-se para Slayra e apontando-lhe um dedo caloso, têm como pagar?

A eahanoir olhou para o dedo, fazendo com que a velha o baixasse, e observou o estabelecimento com ar casual.

Para dormir e comer nesta espelunca, e alojar o meu cavalo, dou-lhe cinco moedas de prata. E estou a ser generosa.

Quenestil manteve-se calado, mas apercebeu-se de que estava a decorrer uma negociação quando viu a velha hesitar e lamber os lábios chupados.

Menos que sete não, eahanoir.

Slayra fitou a proprietária com um olhar gélido.

O meu escravo vai ter de dormir no chão. As estalas onde o meu garanhão está têm mais estrume que palha. *Cinco* moedas... havia uma ameaça não pronunciada na voz da eahanna, que fez com que a velha pensasse depressa e acabasse por reconsiderar.

cCinco moedas. Muito bem. Sentem-se e retirou-se contrariada para a cozinha pela porta atrás do balcão.

O que foi isso? quis Quenestil saber.

Nada. Falar sobre dinheiro com latvonianos é sempre assim. Anda disse, agarrando o braço do eahan, vamos sentar-nos.

As cadeiras rangeram quando o par nelas assentou, e a superfície das mesas não era minimamente convidativa para os cotovelos.

E então? O que é que vamos fazer? perguntou Quenestil, olhando em redor e especialmente para os convivas.

Já disse, dormimos aqui e amanhã apanhamos um barco. A velha disse que há marinheiros de Tanarch a dormirem na estalagem, podemos falar com eles.

E como é que pagamos a viagem?

Simples. Vendemos o cavalo.

O eahan pensou em algo mais para perguntar, mas como nada lhe ocorreu, calou-se e ficou a olhar para as marcas de facadas na mesa de cotovelos apoiados nos joelhos. Não estava habituado a este tipo de coisas, pelo que o melhor era mesmo deixar Slayra tratar delas. A eahanoir leu-lhe os pensamentos e agarrou-lhe a mão debaixo da mesa, mas largou-lha assim que a velha regressou e lhes pôs dois pratos de barro à frente e um caldeiro fumegante com postas de peixe, mexilhões de cascas entreabertas e caranguejo.

Paga já? inquiriu a velha com um ar algo desconfiado.

Sim. A comida, a cama e a estala disse Slayra, pondo-lhe cinco moedas de prata na mão. A velha raspou-as com uma chave, grunhiu aprovadamente, entregou a chave à eahanoir e retirou-se.

O caldo cheirava a cebola e alho e soube deliciosamente aos dois eahan, que o devoraram quase até às espinhas, tal era a fome. Slayra

esqueceu por momentos a dignidade e lambeu o prato de barro quando achou que ninguém estava a olhar enquanto Quenestil mastigava as folhas de salsa que haviam sobrado.

Deuses, cinco moedas de prata por isto é pouco... afirmou a eahanoir convictamente, lambendo os cantos da boca.

O shura não lhe secundou a opinião, mas era óbvio que se deliciara tanto como ela, e pouco depois veio a rapariga do balcão levantar os pratos. O seu simples vestido cinzento estava ruço e a saia tinha nódoas.

Desejam algo para beber...? perguntou cabisbaixa enquanto pegava na louça e no caldeiro.

Quenestil começava a ficar farto de ser posto de parte nas conversas, mas resignou-se com o facto de não perceber uma palavra de Urial.

Não, mas responde-me a umas perguntas...

Eu... é melhor falar com a avó...

Espera, rapariga! Não te vás embora! A criada virara fugazmente as costas à eahanoir mas deu meia volta. Vocês têm marinheiros de Tanarch a dormir aqui, não é? A rapariga acenou com a cabeça. Algum deles está aqui, na sala? Relutantemente, a criada apontou para o homem isolado. Ótimo. Obrigada, podes ir.

O que é que se passou? perguntou o eahan enquanto a criada se retirava com injustificada pressa.

Aquele atrás de nós é um marinheiro indicou. Devíamos falar com ele.

O eahan encolheu os ombros em resignada concordância e levantou-se. O marujo recebeu os dois com um olhar baixo e desconfiado, que rapidamente cintilou de interesse ao assentar em Slayra. Pousou a caneca, puxou o cabelo desgrenhado nas têmporas para trás com as duas mãos e tirou uma comprida espinha dos despojos do seu prato para começar a palitar os dentes acastanhados, aguardando.

Boas saudou Slayra em Urial.

Se falas latvoniano, o melhor é ficares calada enquanto fazes o serviço, moça. Não tenho pachorra para paleios nessa língua, prefiro ouvir peidos de cachalotes resmungou o marinheiro num Glottik pegado e com um estranho sotaque de *ch* guturais.

A eahanoir sorriu, embora Quenestil não tivesse gostado do que o homem dissera.

Estás com azar, marujo, porque não é para isso que eu vim.

E que mais pode uma cabra eahanoir fazer? retorquiu com um sorriso acastanhado e com dentes em falta.

Quenestil deu um passo em frente e Slayra teve de o refrear com o braço bom, o que chamou a atenção dos outros presentes.

Confusão aqui não! grasnou a velha detrás do balcão. Vão para a rua!

Está tudo bem, minha senhora assegurou-lhe a eahanna em Urial. Quero comprar passagem para dois no teu navio, marujo.

A única passagem que te arranjo é com estes dois disse o homem, afagando grosseiramente as partes baixas.

Quenestil pressionou o seu avanço e Slayra teve de o empurrar com mais força para trás.

Talvez mais tarde. A promessa velada pareceu interessar o marinheiro. Por agora quero apenas passagem no navio.

O homem reflectiu, devorando a eahanoir com os olhos enquanto palitava pedaços de peixe para fora dos dentes. Slayra sentia o rosar do eahan no peito deste enquanto o mantinha afastado com a mão. Por fim, o marinheiro pareceu chegar a uma decisão.

Como pagas? A pergunta era obviamente condicionada, mas a eahanoir tinha outros planos.

Tenho um belo garanhão negro para venda informou, descobrindo o seu apertado corpete lentamente. Vale bastantes moedas de ouro... acrescentou com voz requebrada, enfatizando com um sugestivo flectir da perna em frente da coxa.

O capitão não compra cavalos... respondeu o homem, olhando fixamente para as formas da eahanoir, enfiando a espinha na boca e pegando na caneca.

Slayra achou que a altura era certa e tornou a cobrir-se.

Pena... disse, virando as costas ao marinheiro e puxando Quenestil consigo enquanto se retirava.

O homem não demorou mais de três passos para mudar de ideias.

Espera aí, cabra! Slayra parou e olhou por cima do ombro. Um cavalo pela vossa passagem?

Foi o que disse...

O marujo reflectiu um pouco mais, manobrando a espinha com os lábios, avaliando Slayra como o faria com mercadoria.

"... mata-se o bicho amanhã, salga-se... e sempre poupamos na carne...", pensou. Está bem. Acho que convenço o capitão.

Slayra largou Quenestil, encaminhou-se na direcção do homem e pousou as mãos por cima da mesa deste, inclinando-se sorridente para ele.

Esplêndido. Quando partimos?

Amanhã... pela tarde.

A eahanoir piscou o olho ao marinheiro e mandou-lhe um beijo antes de se retirar, bamboleante. Os músculos do maxilar de Quenestil estavam hirtos, e Slayra achou melhor puxá-lo consigo para as escadas enquanto desejava uma falsamente cordial boa-noite aos convivas. Assim que acabaram de subir os instáveis degraus rangedores, o shura agarrou-a pelo ombro bom e encostou-a à parede.

O que é que foi isso? perguntou exasperadamente, surpreendendo a eahanoir.

Que queres dizer...?

Sabes muito bem, andares a oferecer-te àquele cretino! O que foi isso?

Slayra abriu a boca de incredulidade, tendo dificuldade em fazer as palavras saírem quando estas lhe ocorreram.

Quenestil, tu achas mesmo que... como é que querias convencê-lo a... tu... A eahanoir empurrou-o e afastou-se repentinamente, dirigindo-se à porta mais próxima.

O shura ficou no mesmo sítio, parado a olhar enquanto Slayra tentava sem sucesso enfiar a chave na fechadura, tremendo visivelmente. Passou para a próxima porta e também nesta teve dificuldades em acertar, os seus movimentos bruscos e trémulos. Na terceira, acabou por atirar a chave ao chão e bateu com o punho na porta, à qual encostou a cabeça, soluçando e originando protestos por parte de outros hóspedes.

A mão de Quenestil pousou-lhe suavemente no ombro, hesitou, e puxou a eahanoir para si, abraçando-a. Slayra retribuiu e encostou a cabeça à espádua do shura, chorando.

Desculpa pediu o eahan, enfiando a cara nos cabelos de Slayra. Desculpa...

CHEGADA A TANARCH

A travessia das montanhas durou umas penosas duas semanas ao frio e ao ar rarefeito das alturas da Cinta. Cada dia fora extenuante para os companheiros e para a mula, forçados a enfrentar a neve, os ventos fortes e o hálito gélido que dançava pelas escarpas, arrastando perigosas pedras e penedos. O mais difícil fora subir, mas mesmo agora que se encontravam na recta final da descida, livres por fim dos incessantes ventos ululantes, os companheiros tinham de permanecer atentos a fendas e quedas de pedra, que lhes podiam cobrar muito caro um passo em falso. Haviam descido o dia inteiro mas era difícil medir os seus progressos, visto encontrarem-se ao nível das nuvens e a visibilidade ser bastante reduzida, sendo-lhes também impossível procurar sinais de civilização no vale em baixo. Segundo os cálculos de Allumno, deviam estar em Tanarch, embora não soubesse precisar a região e se recusasse a dar nomes de cidades.

Estamos em Tanarch, isso vo-lo garanto assegurou-lhes o mago, atento aos passos que Alfarna dava no tortuoso desfiladeiro como se a estivesse a conduzir.

Temente do abismo que abria as suas enevoadas e escarpadas mandíbulas aos companheiros à esquerda, Taislin caminhava de tal forma encostado à rocha que roçava nela com o ombro. Worick empunhava o seu martelo com a corrente do pomo atada ao pulso, pronto a usar o bico recurvo da arma como picareta, caso fosse necessário. O thuragar tropeçou, caiu de frente e proferiu um sonoro impropério, que lhe saiu num jorro condensado da boca e ecoou pelas encostas.

Não tão alto, Worick! advertiu Lhiannah enquanto se ajoelhava para impedir que o thuragar escorregasse e ajudá-lo a

levantar-se. Uma pequena cascata de neve precipitou-se pela borda do desfiladeiro fora juntamente com algumas pedras devido ao estrebuchar de Worick.

Sim, queres que nos caiam as montanhas em cima? perguntou Taislin.

Se estás com medo, posso atirar-te daqui para baixo para te despachares... rabujou o thuragar, ajeitando o elmo.

Continuem... disse Aewyre vários passos à frente com a voz abafada pelo denso nevoeiro. O carreiro começa a alargar-se.

Não te afastes muito preveniu-o Allumno, temos de ficar juntos. O jovem parou, pois sabia que quando o mago afirmava que *tinham* de fazer algo em vez de sugerir o que deviam fazer era porque estava de facto preocupado. Com cuidado agora. Continuemos... não pode faltar muito para chegarmos ao vale.

Já perdi a conta das vezes que disseste isso, mago resmoneou Worick, sem sequer olhar para trás.

Se não estivesses sempre a cair, se calhar já lá tínhamos chegado opinou Taislin, batendo com o ombro contra uma saliência na parede de rocha.

Se *tu* não estivesses no grupo, se calhar já tínhamos...

Chega... interrompeu Allumno. Quanto mais falam, mais se cansam e correm o risco de desencadear uma avalanche. Mais um pouco de paciência, já devemos estar a chegar...

O thuragar ia continuar a sua ladainha, mas Lhiannah pôs-lhe as mãos por cima das espaldeiras e empurrou-o em frente, suspirando.

Ei! Não sou nenhuma mula, cachopa! Está quieta, ainda me fazes cair!

Então anda e pára de te portar como uma, Worick...

Felizmente para o grupo, o nevoeiro dissipou-se antes que o thuragar pudesse insistir na discussão, revelando perante todos o frondoso vale coberto de neve que se estendia em frente. Os companheiros pararam e ficaram a contemplar a paisagem em silêncio, quase avassalados pela bucólica visão dos vastos prados alpestres e brenhas néveas que se lhes deparavam, cortados ao meio por um sinuoso curso de água e granidos por pequenos pontos fumegantes, provavelmente quintas e cabanas de lenhadores. A tardia Primavera ainda não se mostrara em todo o seu colorido esplendor e o único florescimento era o das raízes que haviam sido espremidas para fora da terra pelo degelo. Ao fundo do vale avistavam-se as altas muralhas com passadiços carregados de neve de uma cidade, um marco de civilização que

lhes pareceu mais belo do que na realidade seria noutras circunstâncias. O Sol estava prestes a pôr-se, colorindo de laranja as nuvens, o vale e os telhados das casas da distante cidade enquanto procurava o seu ocaso atrás das montanhas. Taislin abraçou a perna de Lhiannah, que lhe pôs a mão na cabeça embarretada e mesmo Worick grunhiu de satisfação, apoiando o martelo ao ombro. Aewyre ousou mesmo abrir os braços e soltar uma sonora risada de contentamento, que se propagou pouco devido à atmosfera carregada, merecendo ainda assim os olhares surpresos do grupo.

O que foi? Alegrem-se! Árvores, casas de madeira, até uma cidade com uma muralha! Não é lindo?

Worick abanava a cabeça, mas os restantes companheiros, mesmo Lhiannah, não puderam evitar meios sorrisos, pois estavam de facto contentes por terem abandonado o imenso vazio das estepes e o inferno álgido das montanhas.

Olhem, ali indicou Taislin com o pequeno dedo.

Um casarão. Todos olharam na direcção para a qual o burrik apontara e viram o que devia ser o solar de uma família abastada. O fumo que dele provinha indicava que estava habitado. O que é que vos parece?

Parece-me o sítio ideal para passar a noite. Andor, pode ser que tenham *soyg*. Sei que há comunidades thuragar por esta zona. Ou pelo menos havia, há muitos anos atrás, quando Allaryia ainda era um lugar civilizado... respondeu Worick, começando a descer sem esperar pelos outros.

Apesar da fome e do cansaço, o grupo retomou a descida com reavivado alento, até porque o pedregoso carreiro se começava a nivelar e alargar à medida que se aproximavam do prado que precedia o penhasco no qual o solar se localizava. Coníferas despontaram à frente dos companheiros, tapando-lhes a visão conforme iam descendo, mas mesmo através delas o fumo que o solar libertava cada vez parecia menos o de uma chaminé. Madeira que não a de lenha fora queimada. O grupo parou, cada um levando as mãos às armas. O Sol já desaparecera e o vale estava escuro, silencioso... não, ouvia-se algo. Neve a ser esmagada... passos?

Alguém se aproxima constatou Allumno, desmontando com vagar.

A Lua abriu lentas brechas por entre as nuvens, banhando o vale com o seu fulgor selénico. Lhiannah pousou um joelho no chão, ombreando-se a um pinheiro e preparando uma seta enquanto

Aewyre fincava os pés na crosta de neve, agarrando Ancalach de lado com as duas mãos. Worick posicionou-se com o escudo da manopla de frente, Taislin desembainhou os punhais e correu a esconder-se atrás de uma árvore e a gema na testa de Allumno cintilou. Lentamente, começaram a ouvir-se os ofegos e arquejos de quem corria na sua direcção, aproximando-se. Os companheiros prepararam-se para o pior.

Uma rapariga de curtos cabelos desgrenhados surgiu do arvored, correndo ofegante e trôpega, mas a escuridão tornava difícil ver nela mais pormenores. Assim que avistou o grupo, estacou, encolhendo-se e olhando em redor como um animal encurralado, agarrando algo ao peito. Tanto a rapariga como os companheiros ficaram parados por momentos, presos em surpresa recíproca, e antes que qualquer um pudesse dizer ou fazer algo, um chuço de caçar javalis espetou-se no chão a uma mão cerrada dos pés da fugitiva, que gritou e desatou a correr para o lado. Foi então que os seus perseguidores surgiram, um grupo de homens armados com chuços e escudos redondos e machados ao cinto. Ao contrário dos companheiros, não hesitaram quando os viram e a sua primeira reacção foi a de investir contra os estranhos, prontos a arremessar uma salva de chuços enquanto um deles corria atrás da rapariga. A Palavra ecoou pelo prado e a neve aos pés dos atacantes entrou em erupção, cegando-os e enchendo-lhes as bocas com gelo pulverizado. Lhiannah soltou uma flecha, que se alojou no braço direito de um homem, e correu atrás do outro que perseguia a rapariga, decidida a ajudá-la.

Lhiannah, espera! pediu Allumno em vão no momento em que Aewyre e Worick correram pelo prado abaixo, abatendo-se sobre o desorientado grupo com um efeito desbaratador. O martelo do thuragar despedaçou um escudo, Ancalach decepou as cabeças de três chuços com um só golpe e vários homens caíram feridos por terra com o seguimento.

Enquanto Allumno hesitava, indeciso entre ajudar os dois guerreiros ou ir atrás de Lhiannah, um outro atacante perdeu os dedos ao tentar agredir Aewyre com a haste e o seu companheiro foi projectado para trás com uma martelada que precariamente defendeu com o escudo. Numa questão de instantes, o ataque transformara-se numa retirada caótica, mas mais ruídos vinham detrás das árvores, anunciando a iminente chegada de reforços. Aewyre e Worick optaram por deixar os restantes fugir, recuando para não se afastarem demasiado dos outros, mas assim que os atacantes em fuga desapareceram nas

árvores, outros surgiram de imediato para os substituir, liderados por um humanóide baixo e atarracado. Era careca, tinha a cara rapada, envergava uma armadura metálica completa e empunhava dois manguais de correntes com esferas espinhosas.

ANIMAL! urrou o pequeno guerreiro, iniciando uma corrida desvairada em direcção a Aewyre e Worick, com outros homens armados na sua alçada a uma respeitosa distância.

Um thuragar?! admirou-se Worick.

Allumno fez uso da Palavra de modo a parar a ensandecida investida, mas a Essência dissolveu-se nos resquícios de Entropia do corpo do atacante. Sem abrandar com o feitiço, o thuragar abateu-se sobre Worick e Aewyre, rodopiando os seus manguais num furioso remoinho farpado. O humano desviou-se do ataque, mas o thuragar recebeu-o de frente, erguendo o escudo.

IMANAL! berrou o thuragar desbarbado quando uma das suas esferas espinhosas embateu contra o metal do escudo de Worick, amolgando-o e furando-o.

Os outros homens atacaram Aewyre com golpes de chuço antes que este pudesse responder à investida do seu líder, mas o jovem brandiu Ancalach e varreu o ar à sua frente, cortando abruptamente o ímpeto à arremetida dos seus agressores, já de si difícil devido ao alcantilado do terreno. Em vez de recuar, pressionou o ataque, castigando os escudos de madeira e as hastes dos chuços dos homens, que tentavam a todo o custo bloquear os rápidos golpes do guerreiro, e forçando-os a retirar para cima dos seus companheiros que ainda subiam.

Ao ver o número de inimigos que se aproximavam, Allumno principiou a recitar algo que teria efeitos mais drásticos que uma mera erupção de neve, mas ouviu passos apressados no seu flanco e antes que se pudesse virar para ver quem se aproximava, um pequeno corpo colidiu contra as suas pernas e deitou-o por terra ao mesmo tempo que ouvia algo silvar-lhe perto da cabeça. Rebolou pela crosta nevosa abaixo até conseguir parar e tirar Taislin de cima de si.

Taislin, o que...?

Um arqueiro avisou o burrik, apontando e olhando para a luta que se desenrolava alguns passos mais abaixo. Os seus olhos estavam grandes e pretos. Mantém-te baixo recomendou ainda antes de gatinhar apressadamente para trás de uma árvore.

O mago olhou na direcção para a qual Taislin dirigira o seu olhar, reforçando os seus olhos com pura Essência, e de facto distinguiu para

além dos combatentes um homem meio escondido atrás de uma árvore, empunhando um arco longo e preparando outra seta. Alfarna orneou, subindo a encosta.

Os dois thuragar combatiam acirradamente e os sonoros clangores de metal ressoavam pelo prado de cada vez que os manguais atingiam o escudo e o martelo atingia a armadura.

NI AM AL! bramiu o thuragar careca, espumando da boca e amolgando mais um pouco o escudo do seu adversário.

Berra algo que se perceba, pedras me partam! respondeu Worick, batendo com força na manopla do seu agressor e fazendo com que este largasse um mangual.

AMINAL!

Arre!

Os guerreiros digladiaram-se como dois pequenos colossos encouraçados, fazendo o metal das suas armaduras gritar e gemer e criando uma área vazia em seu redor na qual ninguém ousava penetrar.

Sozinho, Aewyre retardava o avanço do grupo de homens armados, que se viram forçados a adoptar uma postura puramente defensiva contra os ataques de tão determinado guerreiro, que aproveitava muito bem a sua posição superior. Os seus escudos estavam quase fendidos pelos incessantes golpes de Ancalach e muitos dos seus números já haviam caído, feridos, mas um novo combatente entrou na pugna sem qualquer aviso. Envergava uma veste de couro fervido reforçada com rebites de aço e empunhava um estoque, uma comprida espada que na verdade pouco mais era que uma rígida vara desprovida de gume com uma ponta aguçada, destinada a bater e penetrar em armaduras. Agarrando a arma pelo punho e pela base como um cajado, o recém-chegado desviou um revés de Ancalach e varreu os pés do guerreiro para fora do chão, causando a sua queda. Aewyre deixou-se ir, apoiou a queda com a mão, girou em si e retribuiu com outra varredela, que teria decepado os pés do seu adversário se este não tivesse saltado. Em pleno ar, o homem virou a ponta do estoque para baixo e preparou-se para a cravar na garganta de Aewyre ao descer, mas o jovem inverteu a direcção de Ancalach, agarrou-a com as duas mãos e desviou o estoque com a base da lâmina por um triz, ouvindo a ponta a espetar-se na crosta de neve ao lado da sua cabeça. Antes que o seu adversário a pudesse retirar, Aewyre encostou-lhe o pé à barriga e empurrou-o para longe de si. Ao ver a quantidade de homens que estavam prontos a cravá-lo contra o chão com chuços pensou que estava em sérios apuros, mas então ouviu a voz de Allumno e um

clarão de luz explodiu em silêncio atrás da sua cabeça, cegando os seus atacantes, que levaram as mãos aos olhos.

No meio do barulho da escaramuça, o mago ainda ouviu o silvo de uma flecha por cima de si, e sorriu ao constatar que o arqueiro também fora afectado pelo fulgor. Acocorou-se e principiou a recitar algo para auxiliar Aewyre.

Um pedaço do escudo de Worick voou com outro golpe do manguel do thuragar careca, que espumava da boca como um cão raivoso.

Fui eu quem fez este escudo, seu filho duma croça! vituperou Worick, concutindo o adversário com uma martelada no flanco, que lhe amolgou as escarcelas. Bestiagem dum cabrão, barrelona que te pariu! continuou com uma estocada com o espeto do martelo, que encalhou na fresta da espaldeira do oponente.

MAINAL! respondeu o thuragar ensandecido, malhando o que sobrava do escudo de Worick.

Aewyre nem teve tempo para se ocupar dos inimigos cegos que o rodeavam, visto que o homem do estoque aparentemente evitara o clarão e tornara a atacar, desferindo um golpe de cima ao qual o guerreiro respondeu cruzando o pulso esquerdo sobre o direito, volteando a espada e dessa forma desviando o ataque e estocando em frente, perfurando a ombreira de couro do adversário e escoriando-lhe o ombro. O homem recuou, tentando ganhar distância, mas Aewyre pressionou com uma investida frontal. Fora precisamente essa a intenção do seu adversário, que surpreendeu o jovem dando um passo lateral, torcendo os pulsos para agarrar a base e a ponta do estoque, de modo a usar a arma como um martelo num inesperado ataque vindo de cima. Aewyre só teve tempo para se encolher e receber o golpe dos copos da arma na espaldeira esquerda, que lhe ressoou ao ouvido e lhe magoou o pescoço. O seu adversário deu um passo atrás, colocou a mão no pomo do estoque e empurrou a ponta, direccionando-a com a outra mão para a garganta do jovem, que apenas o evitou com uma rápida torção dos pulsos de modo a interpelar a fatal estocada com Ancalach.

A litania arcana de Allumno originou uma baforada de ar quente que varreu o chão nívico debaixo dos pés dos homens cegos, que de imediato começaram a tropeçar e escorregar na neve parcialmente derretida. O mago deu-se então ao luxo de avaliar a situação: Aewyre estava de mãos cheias com o seu adversário, Worick e o outro thuragar pareciam querer matar-se um ao outro, Lhiannah fora atrás da rapariga e Taislin pura e simplesmente desaparecera... O mago optou por ajudar Worick e murmurou palavras de sono e cansaço com os quais

pretendia impregnar o thuragar careca que urrava desmedidamente. Só não reparou numa coisa: a seta que o visava. O arqueiro escondido ainda não recuperara totalmente a visão, mas já conseguia distinguir o suficiente para ver o brilho vermelho da gema e dos olhos do mago. O seu antebraço de músculos nodosos estava herto e firme à medida que puxava com o corpo o tenso fio do arco até sentir a já familiar carícia das penas de ganso na orelha. A cabeça da seta estava alinhada com o corpo do mago, era um tiro que certamente iria acertar... possivelmente matar... era só largar...

O fio estalou por baixo e roçou-lhe a cara num movimento de chicote. A haste da flecha deslizou-lhe pelo antebraço e caiu no chão. Antes que o arqueiro pudesse sequer admirar-se com o que sucedera ao fio que tivera o máximo cuidado de manter seco, algo aguçado picou-lhe as partes baixas ao de leve.

Não sei se me percebes... ouviu uma voz diminuta dizer. Mas acho que o que tens aqui em baixo fala por si. Arco para o chão e mãos em cima da cabeça, vá.

Taislin fora aparentemente claro, pois o arqueiro largou a sua arma e pôs lentamente as mãos atrás da nuca.

Muito bem, agora diz aos teus amigos que parem e... Devido aos ruídos da luta que se desenrolava em frente, o burrik

não ouviu os passos atrás de si e só se apercebeu de que alguém se aproximara quando uma mão lhe tocou o ombro e outra lhe apareceu por cima para tocar no do arqueiro. O corpo de Taislin tensionou-se para reagir, levar a cabo a sua ameaça e espetar o novo inimigo com o outro punhal, mas um inesperado calor balsâmico no seu corpo fez com que deixasse de parte todas as suas intenções agressivas e baixasse as suas armas, a ideia de fazer mal a alguém inesperada e subitamente abjecta. O arqueiro também não reagiu e pareceu relaxar como o burrik, virando-se para a pessoa que lhe tocara e sorrindo-lhe.

As palavras de Allumno tornaram os olhos do thuragar careca pesados, os seus membros afrouxaram, os seus golpes tornaram-se lerdos. Antes que pudesse combater o repentino torpor, Worick desferiu-lhe uma forte martelada de lado, que o enviou a rebolar pela encosta abaixo na direcção de Aewyre e do outro espadachim. Furioso, o veterano correu atrás do seu rebolante adversário, brandindo o martelo enquanto urrava de raiva e atropelando pelo caminho alguns dos homens que haviam escorregado. Contudo, um deles já recuperara a visão e atirou-se às curtas pernas de Worick, envolvendo-as num forte amplexo pelos joelhos e derrubando-o, rolando com ele pela

neve. Ancalach e o estoque silvavam um no outro como duas cobras assanhadas, precedidas pelos grunhidos e arfares dos guerreiros que os empunhavam. A acerada canção foi interrompida pelo corpo encouraçado do thuragar careca quando este rebolou pelo meio de ambos, que tivera de saltar para trás para o evitar. Antes que pudessem retomar o combate, uma voz feminina gritou.

Parem!

A ordem não fora proferida num tom imperioso, antes pelo contrário, fora quase um pedido, suave mas bem vozeado, brusco na sua inflexão porém brando, e funcionou, pois todos os envolvidos na escaramuça pararam e olharam na direcção da voz. Conduzindo Taislin e um homem alto pelas mãos, uma mulher caminhava calmamente, aproximando-se do thuragar careca, que embatera contra uma rocha e que estrebuchava devido aos seus membros dormentes. A mulher largou as mãos do burrik e do humano, que a fitaram com olhares adoradores, e tocou na testa do thuragar, murmurando-lhe palavras aquietadoras. O guerreiro cessou as suas convulsões e ficou parado a olhar para ela, sorrindo-lhe como uma criança.

Animal disse, sossegado.

Enquanto a mulher o ajudava a levantar-se, os outros guerreiros, feridos e trôpegos, foram na sua direcção e cercaram-na protectoramente. A mulher recebeu-os a todos com um sorriso e deu então a sua atenção aos desconhecidos que a fitavam numa mistura de admiração e surpresa.

Saudações, estranhos cumprimentou, afagando a cara de Taislin, que permanecia a seu lado como uma criança perto da mãe. Falava Leochlan, a língua de Tanarch, suficientemente parecida com Glottik para que os companheiros entendessem. Afinal, era directamente derivada d'a Palavra, a mãe de todas as línguas.

Mamã, por que falas com os asseclas? acautelou-se um dos homens, empunhando um machado ao ver que o mago se juntava aos seus amigos.

Não são Filhos do Flagelo, Luthim assegurou-lhe a mulher, sorrindo para Taislin. Eles nunca aceitariam um burrik entre eles.

Inamal concordou o thuragar careca.

Saudações, senhora retribuiu Aewyre apreensivamente, pois a mulher tinha Taislin em sua posse. Não temos contenda convosco, mas fomos atacados.

Perante o ar desconfiado do jovem guerreiro, a senhora à qual haviam chamado "mamã" pegou na mão de Taislin e encaminhou-se na sua direcção. O arqueiro acordou da sua calmaria e, juntamente

com o espadachim e o thuragar, seguiram a mulher, acompanhando-a lado a lado. Worick empunhava o seu martelo com uma mão apenas, trocando olhares belicosos com o seu adversário desbarbado. O braço do escudo pendia, sangrando dos rombos e furos na manopla, cotovela e braçal.

O que é que ela fez ao burrik? perguntou em surdina a Aewyre. Está com um ar ainda mais parvo do que é costume na cara.

Parece enfeitiçado... admitiu Allumno.

A estranha procissão parou à distância de um golpe do estoque do espadachim, perto o suficiente para que Aewyre os pudesse ver bem, graças ao luar. A mulher vestia um dominó vermelho, um traje formado de uma longa túnica, capuz e mangas, com um cachecol escarlate de casimira ao pescoço, do qual pendia um colar com uma rosa no meio de um anel dourado: o símbolo de Assana, deusa do amor. Os cabelos que lhe saíam do capuz eram castanhos com as listras prateadas da idade, os seus olhos tinham papos em baixo e o sorriso com o qual os presenteou revelava um incisivo alongado e torto no maxilar superior. Havia, no entanto, algo de carinhoso e terno no seu olhar, cada gesto seu denotava um afecto maternal por aqueles que a rodeavam, e isso fez com que mesmo Worick relaxasse a sua postura agressiva. O arqueiro era visivelmente mais velho que a mulher, com um tufoso bigode cinzento que lhe tapava a boca, vincando-se nos cantos e descaindo para o queixo, pele trigueira de montanhês, cabelos pardos presos com uma fita na testa vincada e sobrelhas acentuadamente arqueadas. Os seus antebraços resguardados por braçais de couro tinham os nodosos músculos de um arqueiro veterano, embora, para a surpresa dos companheiros, lhe faltassem os dedos anelar e mínimo da mão direita. O espadachim, que agarrava o ombro que Aewyre ferira, era mais novo que o seu adversário, com feições alongadas, cabelos pretos encaracolados e uns grandes olhos com pestanas quase femininas. O thuragar careca, que sangrava de vários golpes e cuja couraça e espaldeiras estavam amolgadas, tinha um brilho maniaco, quase animalesco nos pequenos olhos escuros. Os cantos da sua boca estavam espumosos e os seus pronunciados maxilares moviam-se como se estivesse a rilhar os dentes de boca fechada. Uma cicatriz redonda no crânio rapado podia ser a explicação para o seu comportamento selvático.

A líder do grupo largou a mão de Taislin, que pareceu despertar e se afastou de imediato dela, refugiando-se atrás das pernas de Aewyre. A mulher sorriu.

Não vos desejamos mal, asseguro-vo-lo...

Imagina só se desejassem... resmoneou Worick, pousando a mão que agarrava o martelo no braço ferido.

Foi um mal-entendido. A nossa luta não era convosco, mas os rapazes viram-vos, e...

Por que razão perseguia um grupo de homens armados aquela rapariga? quis Aewyre saber, ainda na defensiva.

A mulher suspirou como uma mãe faria perante a teimosia de uma criança.

A rapariga pretencia aos Filhos do Flagelo, cujo solar acabámos de atacar. Pode parecer cruel, mas ninguém devia ter sobrevivido ao ataque...

Os quê?

Espera aí interrompeu Worick, olhando para trás, onde está a Lhiannah?

Ela foi atrás da rapariga... recordou Allumno.

E um daqueles marmanjos também! lembrou-se o thuragar, principiando a correr pela encosta acima, parando de seguida ao ver a arinnir emergir das árvores.

Cachopa, estás bem?

Lhiannah não respondeu, limitando-se a continuar a descer na direcção do grupo. A sua espada estava desembainhada e havia sangue na lâmina.

Lhiannah, o que aconteceu? inquiriu Aewyre, sem na verdade esperar uma resposta. Sentiu a tensão na mulher e nos seus acompanhantes atrás de si quando estes viram o sangue mal limpo na espada da princesa.

Sem parar a descida, a arinnir fitou Ancalach por sua vez, constatando que também estava manchada de sangue, e passou por Worick sem uma troca de olhares sequer. O thuragar franziu o cenho.

Matei o homem que perseguia a rapariga, mas ela fugiu informou Lhiannah, acercando-se de Aewyre.

A cabeça da mulher descaiu e o arqueiro agarrou-lhe os braços de modo a apoiá-la, mas depressa se restabeleceu, dispensando a ajuda.

Morreram vários dos meus rapazes hoje, e mais ainda foram feridos. Espero que este tenha sido o último... por favor pediu, estendendo a mão aos companheiros, que se viraram para ela, aceitem a nossa oferta. Permitam-nos atenuar as dores que aqui foram infligidas e lamentem connosco os que hoje morreram. Partilhem

connosco o vosso amor.

Sobrancelhas franzidas foram a reacção geral no seio dos companheiros, menos Lhiannah, que olhava inexpressivamente para aqueles que há bocado haviam sido seus adversários. Não obstante, havia algo de terno e maternal na voz da mulher, algo que atenuava a desconfiança e os assegurava de que não corriam perigo. Allumno quebrou o silêncio.

Certamente. Lamentamos este incidente e ajudaremos como pudermos. O mago foi então alvo do escrutínio conjunto dos companheiros e dos acompanhantes da mulher. Impassível, Allumno retribuiu com o seu típico olhar que dava a entender que sabia muito bem o que fazia e que discussões seriam fúteis. Digam-nos apenas: quem são? Clérigos de Assana? E que querela têm vocês com os Filhos do Flagelo?

Os quem? tornou Aewyre a perguntar.

A mulher sorriu, contente e indicou os seus acompanhantes e o grupo atrás deles com um gesto da mão.

Fiéis. Somente devotos fiéis da guardiã do leito conjugal. Somos os Corações Quebrados. Todos assentiram com a cabeça, como se tivessem orgulho no nome do grupo ao qual pertenciam. Explicar-vos-emos tudo a seu devido tempo, mas por ora devíamos retirar-nos para um lugar seguro. Se a rapariga fugiu, inimigos não tardarão a aparecer.

Muito bem... conseguiu Aewyre dizer, apesar de ainda não saber o que os Filhos do Flagelo eram, aceitamos.

A mulher revelou o seu incisivo torto com mais um sorriso, mas um apertar da sua manga indicou que o arqueiro lhe puxava uma prega do dominó enquanto lhe segredava algo ao ouvido. Aewyre e Allumno permaneceram em educado silêncio, mas Worick não gostou do que viu.

Quando acabarem de cochichar, podem partilhar isso connosco? Ou há alguma coisa que não devíamos saber?

O arqueiro calou-se, obviamente desagradado com a interrupção, mas a mulher limitou-se a sorrir de forma quase condescendente.

Evidentemente, os rapazes têm dificuldades em confiar em vocês... admitiu, avançando para os companheiros e erguendo uma mão para indicar aos seus homens que não desejava protecção. Por essa razão vos peço: abram-me os vossos corações.

Perdão? pediu Aewyre.

Abram os vossos corações, permitam-me tenteá-los... a mulher postou-se diante dos companheiros e fechou os olhos. Aewyre olhou para Allumno, confuso, mas o mago limitou-se a encolher os

ombros e fechar os olhos. O jovem procurou apoio em Worick, mas o thuragar nada mais fez para além de postar a cabeça do martelo no chão e pôr as duas mãos no pomo, aguardando com uma expressão determinada na cara. Resignado, o guerreiro preparava-se para seguir o exemplo de Allumno quando sentiu algo a afagar-lhe o peito por dentro, como se suaves dedos invisíveis lhe estivessem a acarinhar o coração. Aewyre levou as mãos ao peito e olhou alternadamente para baixo e para a mulher, que permanecia de olhos serenamente fechados, e assim ficou até os tornar a abrir, momento no qual a sensação de carícias no seu coração terminou. Vocês têm as almas puras, e são capazes de dar e receber amor, exceptuando o thuragar, claro está disse com mais um sorriso maternal, olhando para Worick, mas mesmo ele é um bom homem. Já a jovem...

Todos se viraram para Lhiannah, que enfrentava o olhar da mulher de braços cruzados numa obstinada postura.

O coração é meu e não é para tu espreitares afirmou a arinnir.

Como queira suspirou a mulher, parecendo subitamente cansada, não posso obrigar ninguém a abrir a sua alma. Venham então disse, virando-lhes as costas e originando uma organizada debandada com esse gesto enquanto pedia a dois homens que fossem buscar o seu companheiro morto. Maneta ficou para trás com três outros homens, avaliando os companheiros.

A Mamã confia em vocês, mas não gostei que a menina não lhe tenha aberto o coração confessou. Vou tê-la debaixo de olho.

Lhiannah encarou o velho arqueiro com ar desafiador, mas o homem ainda não acabara.

Homens nossos morreram neste ataque. Portem-se bem que as emoções estarão voláteis terminou em tom de aviso, fazendo-lhes sinal de que comesçassem a andar e dando a entender que começaria a vigiá-los naquele preciso momento.

Corações Quebrados... murmurou Aewyre, seguindo caminho resignadamente após lançar um último olhar dúbio à princesa.

Mas por que é que de cada vez que somos atacados nos pedem desculpas e nos querem compensar? admirou-se Taislin, saltitando ao lado de Allumno.

Devias estar grato por ser assim, meu pequeno amigo replicou o mago, chamando Alfarna, que entretanto se aproximara.

O velho arqueiro.

Sem esperar que a burra regressasse, Lhiannah foi atrás de Aewyre, ignorando Worick.

Está tudo bem, cachopa?

Tudo respondeu a arinnir sucintamente sem sequer olhar para trás.

O thuragar continuava sem perceber, mas a princesa ignorou as suas perguntas subsequentes, recusando-se a abrandar o passo e de olhos postos no guerreiro.

Escondida dos olhares do grupo, uma figura observava a cena detrás de um cerrado pinheiro de ramos baixos. Aí permaneceu, imóvel, até ver o arqueiro e os três Corações Quebrados a desaparecerem nas árvores, retirando-se então sorrateiramente para as sombras do bosque.

O uivo da demoníaca criatura esquelética gerou o pânico nas montadas dos Gal Shamul que a cercavam, fazendo as bestas empinarem-se de medo e derrubarem os seus cavaleiros. Uma chuva de setas trespassou-a quando se aproximava para matar os guerreiros caídos, mas os projecteis não a pareciam incomodar de sobremodo, apesar de estar crivada deles. Os irmãos que haviam voltado do grupo de batedores que fora em busca de Aduz e Urit bem os haviam avisado de que a criatura era um terrível monstro que matara metade do seu número em poucas batidas de coração, mas nenhum esperara encontrar tão feroz e terrífico adversário. Ainda assim, as mortes dos seus irmãos seriam vingadas, e a dívida de sangue para com os Gal Shamul apenas aumentava a cada guerreiro tombado.

O monstro degolou outro irmão com a sua espada negra mas um cavaleiro partiu uma lança contra o seu flanco e deitou-a por terra. Antes que esta se pudesse erguer, outros surgiram e vararam-na contra o chão com as suas lanças enquanto o carrão a pé corria de sabres desembainhados e escudos de vime empunhados, uivando de raiva e orando aos espíritos da estepe que os protegessem, confiando plenamente nos amuletos com os quais a xamã os presenteara para os ajudar em tão importante e perigosa missão. A criatura uivou em resposta, mas naquele momento os guerreiros da estepe estavam acometidos por um vingativo júbilo de batalha e o uivo não teve o habitual efeito aterrador. Quando o primeiro sabre se abateu sobre a sua armadura, o monstro contorceu-se violentamente, partindo uma lança e ameaçando ripostar, mas outro se lhe seguiu e depois outro e outro e mais outro até que os uivos da criatura foram abafados pelo choro clangoroso

do metal da sua negra armadura. A sua espada cruenta ainda se ergueu num derradeiro gesto, mas a ponta de um sabre penetrou-lhe a fresta da manopla e cravou-a contra o chão, imobilizando-a. Os cavaleiros presenteavam os ventos da estepe com hinos de vingança, levando os queixos acima e cantando com toda a força dos pulmões. Os clangores foram diminuindo até ao último golpe, que fendeu a frente do elmo do monstro, rachando-lhe o crânio e o maxilar superior. Todo o movimento cessou então e os Gal Shamul pararam de cantar, deixando o vento a entoar um solitário cântico. Os guerreiros apeados recuaram, observando o monte de metal negro despedaçado aos seus pés, sem uma única gota de sangue sequer vertida pelas mortes que causara. Um autêntico monstro, uma afronta às estepes, aos espíritos e aos seus antepassados de duas e quatro pernas... Os guerreiros que estavam montados desmontaram e, tal como os seus irmãos a pé, ajoelharam-se, abrindo os braços e remerceando a benesse que lhes fora concedida para derrotar a criatura. Todos recolheram um pouco de neve manchada de sangue nas mãos enluvadas e atiraram-na ao ar, proferindo os seus agradecimentos em voz alta. Executado o ritual, ergueram-se e trataram de preparar os esquifes com arreios e mantas para levarem os irmãos que haviam tombado no combate de volta ao acampamento. Ia ser uma longa e triste viagem, mas haviam cumprido a sua missão e seriam sem dúvida agraciados pelo *ayan*.

Ninguém reparou no difuso brilho escarlate numa das órbitas rachadas do monstro, que se apagou vagarosamente, deixando uma cavidade escura.

A TRAVESSIA

Slayra e Quenestil haviam passado a manhã inteira à espera da partida do navio, jejuando forçosamente devido à falta de dinheiro. A eahanoir informara-se nas docas acerca do barco no qual iriam viajar, e descobrira que pertencia a mercadores de Tanarch que tratavam da importação de mel e de pedra-íman, dois recursos abundantes na Latvonia e muito apreciados no Norte, principalmente o segundo, necessário para os compassos dos navegadores tanarchianos. Era um navio de dimensões modestas, destinado a pequenas cargas, com uma grande vela quadrada, um pendente com a insígnia da companhia que servia no topo do mastro e uma carranca de proa na forma de um peixe-espada, cujo esporão servia de gurupés. A insígnia representava o que aparentava ser um compasso amarelo num fundo azul como o mar.

Os dois eahan observaram a tripulação a empurrar os barris de mel por rampas acima, a carregar pesados caixotes cheios de pedra-íman e participaram, inclusive, na matança do garanhão, executada em segredo pelo cozinheiro do navio e os seus ajudantes. Quenestil desferira a facada de misericórdia na garganta do animal, pedindo-lhe perdão em surdina, e os auxiliares do cozinheiro apressaram-se a esfolar e despedaçá-lo com facas, cutelos e machados, parecendo fruir de um estranho gozo por serem os únicos a conhecer a origem da carne que iriam dar aos seus companheiros. Já devidamente preparados, os pedaços foram então enfiados em barris com salmoura e transportados a bordo do navio com os restantes mantimentos.

Os homens da tripulação não pareciam piores que quaisquer outros marinheiros, no ver de Slayra, mas a perspectiva de passar semanas

trancafiado com aqueles homens não parecia agradar minimamente a Quenestil, que os fitava desconfiado.

Não me agradam dizia, lacónico.

Pouco mais restava à eahanoir que suspirar. De facto, cada um daqueles marinheiros rudes, barbudos, pouco limpos e de pés descalços parecia querer comê-la com os olhos e não só, mas tinham de aproveitar este barco, caso contrário nunca mais encontrariam os outros. Resignada, Slayra olhou para o céu coberto de cirros escuros. Perto da costa pairavam as omnipresentes lânguidas silhuetas de gaivotas, cujos grasnidos compunham a sinfonia matinal da vila, juntamente com o bater dos cascos das embarcações contra os cais, o praguejar das vozes grosseiras dos marinheiros, o lamber das ondas na areia e o som de pesados objectos a serem arrastados e rolados sobre o convés.

Então cabra, satisfeita? perguntou uma voz atrás dos dois eahan, que se viraram para dar de caras com o marinheiro da estalagem de braços cruzados. À luz do dia puderam vê-lo melhor. A pele da sua cara que não estava tapada por barba queimada pelo Sol era morena e curtida pelo vento, que também desalinhou permanentemente o cabelo escuro que lhe sobrava, restando na sua tostada calva apenas alguns sobreviventes isolados do que antes fora uma farta cabeleira. Uma barriga protuberante esticava a sua camisa de cárbaso de mangas curtas até aos limites, pendendo por cima da linha das calças de lona que lhe davam pelas canelas. Tinha uma faca e um esporão de veleiro no apertado cinto e caminhava descalço como se estivesse a bordo do navio, exibindo os pés peludos e calosos quase com orgulho.

Ainda bem que tudo pôde ser levado a cabo sem problemas e com tanta rapidez respondeu Slayra.

Pois olha que eu não vou ser rápido. Eu ponho sempre o peixe a render...

É o mais indicado... interrompeu a eahanoir, atenta ao temperamento de Quenestil, que fitava o homem como um carcaju prestes a saltar. Ouvia-se um leve rosnar gutural.

E vê se pões o teu cão ruivo na ordem. Se ele se arma em esperto comigo, varo-o com o espeto e dou-o de comer aos caranguejos... ameaçou o marinheiro, acariciando o esporão de veleiro.

O silêncio do shura era o de um animal selvagem antes do ataque. Slayra pôs-lhe a mão no ombro.

Ele é muito protector, e é também para isso que ele serve.

O marujo ia dizer outra coisa, mas alguém o chamou do navio e o homem viu-se forçado a acatar o chamamento, resmungando o que parecia ser uma promessa à eahanoir e fitando Quenestil com ar desafiador enquanto se retirava a passos apressados.

Não me agradam repetiu o eahan, sem tirar os olhos das costas do marinheiro.

Quenestil, são *homens*, e são homens que passam semanas enfiados num barco explicou Slayra, exasperada. O shura não parecia convencido. Todos os marinheiros são assim. Preferes ir a pé até Tanarch? Por Karatai?

Não gosto especialmente dele acrescentou, parecendo nem sequer estar a ouvir.

Ele também não morre de amores por ti, Quenestil.

Slayra agarrou-o pelo braço e forçou-o a olhar para ela, não te preocupes. Eu não deixo que ele ou os outros me façam nada, e tu estás comigo. Acariciou-lhe a face. O que é que eu tenho a temer contigo ao meu lado?

O eahan fechou os olhos, suspirou e pegou na mão de Slayra, beijando-lhe os dedos. Os dois ficaram de mãos dadas no cais, esperando e deixando o tempo passar, alheios a ele. O sino que anunciava a partida do navio não tardou a tocar.

Slayra observava de cima do tombadilho a ondulante planura cerúlea que se estendia à sua volta e até onde a vista alcançava. O Sol descia no horizonte, dourando as resplandecentes águas ondeantes. A eahanoir desistira de puxar o capuz, visto que o vento salgado acabava sempre por lho tirar enquanto olhasse em frente, e os seus longos cabelos negros serpenteavam ao sabor das rajadas. A costa ainda estava à vista, uma discreta linha escura coroada de nuvens no horizonte, mas ainda assim a eahanoir padecia de uma estranha apreensão, como se estivesse a afastar-se de tudo o que lhe era familiar e a entrar num mundo novo e desconhecido. Até certo ponto era verdade, pois apesar de navios não lhe serem estranhos, nunca embarcara numa viagem prolongada em alto mar, e também nunca estivera tão fora do seu meio, cercada por homens potencialmente perigosos que não conhecia... Slayra despertou desses pensamentos e ocupou o espírito a olhar em redor em vez de manter os olhos fixos no infindável azul, que a fazia sentir-se tão pequena. A tripulação atarefava-se no convés, desapertando as amuras, afrouxando as arrotaduras, ajustando o cordame, baixando as velas, dispensando um olhar ocasional

ou um fortuito piscar de olho à eahanoir, mas os homens descalços eram acima de tudo diligentes e não permitiam que a bela eahanna os distraísse. Muito. Já perdera a conta dos piropos ordinários que lhe haviam sido dirigidos, e isto contando apenas aqueles que percebera, pois o Leochlan dos marinheiros era carregado e rude. Olhou então para cima, para a vela aconcavada pelo fustigar do vento. Havia um homem sentado na *gávea* no topo do mastro, tocando flauta alegremente como um menestrel, o que Slayra estranhou.

Está a tocar para os deuses disse uma voz salivante atrás da eahanoir, seguida de dois passos que posicionaram o homem que a proferira a seu lado. Se eles gostarem da música, sopram o seu agrado e dão-nos bons ventos para a viagem.

Acho que ainda não fomos apresentados... constatou Slayra.

Sou o capitão. No meu barco, chamam-me capitão, e não há razão para vocês dois eahan me chamarem por outro nome, por isso chamem-me capitão. O seu Leochlan era claro e inteligível, apesar da quantidade de dentes que lhe faltavam, diferindo do Glottik quase apenas no sotaque. Era um homem alto e espadaúdo, de barba já quase inteiramente branca mas com a postura ativa de um rapaz com metade da sua idade e músculos que mais pareciam nós de cordame. Da sua dentadura apenas um incisivo era visível, e não devia haver muitos mais, julgando pela maneira de falar do homem. Os seus olhos eram castanhos, ladeados por inúmeras estrias e pés de galinha, e um deles tinha a pupila enevoadada por uma catarata. Não lhe restava um único fio de cabelo, pelo que a sua farta barba encaracolada devia ser o seu orgulho, julgando pelo bom estado no qual se encontrava, decerto fruto de um cuidadoso tratamento. Olhava em frente com os braços cruzados atrás das costas, balouçando uma chibata numa mão e fazendo trejeitos estranhos com os lábios carnudos e gretados.

Certo... capitão. A eahanoir pensou em algo para dizer. Obrigada... obrigada por nos aceitar a bordo.

Foram vocês que pagaram com uma vaca, não foi ? Slayra foi incapaz de esconder um sorriso e o homem grunhiu perante o seu acenar afirmativo. Não costumo aceitar pagamentos desses. E não julguem que escapam se nos deram carne manhosa. Não vamos comer outra coisa até ela acabar, e aí de vocês se alguém ficar doente.

Garanto que ninguém ficará doente. O animal era forte e saudável. Até aqui, nenhuma mentira.

O homem assentiu com um grunhido.

As regras a bordo são simples, e conto com o seu cumprimento. Vocês eahanoir não têm a melhor das reputações, mas os latvonianos é que sujam as calças só de vos ver. Não sei o que fizeram nem o que querem fazer em Tanarch, e também não me interessa, desde que se portem bem a bordo. No meu navio não há discriminações, mas quem sai da linha é posto a ferros, passageiro ou tripulante.

É justo... assentiu Slayra.

Não há cabinas para mais ninguém, mas mesmo que houvesse, vocês pagaram com uma vaca, por isso vão dormir como uma, no porão, com os rapazes.

A eahanoir concordou em silêncio. Fizera uma visita passageira ao improvisado dormitório com Quenestil, e não podia dizer que fora das mais agradáveis. Os marinheiros acomodavam-se em apertados beliches de madeira pregados lateralmente ao casco, dormindo em camastrinhos de palha e tela num ambiente pesado e bafiento com o pungente odor a suor e pés sujos descalços.

É capaz de ser chato para a menina... bom, os rapazes voltam esvaziados lá da vila, por isso devem portar-se bem durante uns dias, mas nunca se sabe. Se os deixo de âncora levantada, caem-lhe em cima que nem um cardume de sardinhas, por isso, se algum deles se armar em esperto, diga-me logo que eu desanco-o à chibatada.

Obrigada, capitão. Assim farei.

O capitão tornou a grunhir. Ainda não olhara para a eahanoir uma única vez.

Onde está o outro eahan?

Slayra apontou para o corpo dobrado sobre a borda do navio. O shura apoiava-se precariamente com as mãos no resguardo, estava quieto, mas as suas costas contorceram-se subitamente em convulsões.

Primeira vez num barco? A eahanna anuiu. Passa em três dias. Ele que olhe para o horizonte e mude a posição da cabeça frequentemente. Não comer e beber muito, mas se não gosta de cerveja, está bem arranjado.

Acho que não se importa...

Ainda bem. Vamos servir o jantar daqui a pouco. Se tiver problemas com os rapazes, já sabe terminou o capitão, retirando-se sem ter pousado os olhos uma única vez sobre a eahanoir.

Obrigada, capitão... Bom, pelo menos nem todos na tripulação eram rufias. Claro que as aparências podiam enganar, mas o capitão parecia ser um homem honesto e isso melhorava um pouco a perspectiva da viagem.

Slayra agasalhou-se com a capa e decidiu ir partilhar estas notícias com Quenestil. A sua breve caminhada pelas escadas abaixo e pelo convés não passou despercebida, principalmente quando o vento lhe descobriu as pernas, mas manteve-se serena perante os apupos. Pousou a mão nas costas do shura, esfregando-lha entre as omoplatas.

Estás bem?

Não... admitiu o eahan com voz nauseada, erguendo a cabeça. Estava pálido, tinha os lábios molhados e o seu hálito estava azedo.

O capitão disse para olhares para o horizonte e mudares a posição da cabeça frequentemente. Dá-me a mão...

O capitão...? perguntou Quenestil, deixando que Slayra lhe agarrasse o pulso.

Estive agora a falar com ele. Parece ser um homem decente... pelo menos se o compararmos aos outros... disse a eahanoir, aplicando pressão no pulso do shura com o polegar.

Que estás a fazer...?

A ajudar-te com o enjoo. Ensinaaram-me isto quando estive num barco pela primeira vez. Quenestil gemeu resignadamente. Pobrezinho... queres que te vá buscar cerveja?

A cerveja aqui é ainda pior que a das tabernas...

Tens de beber alguma coisa. Vomitaste a tarde inteira lembrou-lhe a eahanoir com voz preocupada.

Como para lhe dar razão, Quenestil libertou o braço bruscamente para se apoiar no resguardo e vomitar pouco mais que suco gástrico borda fora.

Anda, o melhor é mesmo ficares deitado... aconselhou, cingindo o tronco do eahan com o braço e puxando-o sem que ele resistisse na direcção da escotilha que ia dar ao porão.

Os marinheiros teceram comentários certamente pouco elogiosos acerca do estado do shura, acompanhados de risos de chacota e divertidas fungadelas. Slayra ignorou-os e abriu a escotilha com o pé, começando a descer os íngremes degraus cuidadosamente com Quenestil à sua frente, sendo quase atirada pelas escadas abaixo por uma oscilação mais forte do navio. Ambos os eahan caminharam tropeçadamente pelo porão, apoiando-se nos caixotes e barris empilhados e evitando tropeçar nos amontoados de cordame enrolado. Estavam presentes quatro marinheiros, dois sentados em cima de caixotes, um deitado num beliche com uma perna de fora e outro de pernas cruzadas no chão, entretido a fazer nós com fios de cordame. A sua indumentária era praticamente igual à do marinheiro da taberna, diferindo

apenas na cor e no número de rasgos, e o cheiro que permeava o lugar podia muito bem provir dos seus pés descalços. Os quatro pareciam estar entretidos a falar, mas perderam o interesse na conversa quando o casal apareceu e olharam-nos com curiosidade.

Boas, marinheiros. O jantar está quase servido informou Slayra casualmente enquanto conduzia Quenestil a um beliche, os seus movimentos atentamente seguidos. A eahanoir ajudou o shura a enfiar-se dentro de um apertado camarote baixo, no qual este se aconchegou como pôde, deitando alguma palha fora com os seus movimentos.

Mãe, isto é um inferno... queixou-se, levando a mão à cabeça. Havia vômito coagulado nos cantos da sua boca seca.

Eu sei... fecha os olhos, é melhor, e mexe a cabeça... recomendou Slayra, afagando-lhe o cabelo. Tens de beber alguma coisa...

Cerveja sugeriu um marujo. A eahanoir deu-lhe a sua atenção e viu que o homem, um dos que estavam sentados em cima de um caixote, lhe estendia um odre. Cerveja repetiu, atirando-lho para as mãos. Muito bom.

Primeiro hesitante, Slayra optou por aceitar a oferta do marinheiro.

Obrigada agradeceu, tirando a rolha do bocal de osso. Ouviu risadas atrás de si que a aconselharam a cheirar o conteúdo do odre antes de o servir a Quenestil, mas o odor era o de cerveja, embora de qualidade duvidosa, pelo que a deu de beber ao shura.

Descansa agora. Vou ver se como qualquer coisa e depois volto.

Tem cuidado... advertiu o eahan, desembainhando o seu facalhão e escondendo-o atrás das costas.

A eahanoir sorriu e retirou-se, devolvendo o odre ao marinheiro com um agradecimento que o homem aceitou com um grunhido. Os seus companheiros pareciam estar a gozá-lo. Enquanto subia os degraus, Slayra pensou naquilo que faria durante a noite. Os beliches eram apertados e estavam sobrepostos, pelo que o melhor seria deitar-se nos de cima, o que a colocaria numa boa posição para enxotar eventuais intrusos ao pontapé, caso fosse necessário.

Quando chegou ao convés, já a tripulação estava disposta em fila frente à porta do paiol, onde o cozinheiro distribuía o jantar. Acto contínuo, o estômago de Slayra rosnou e a eahanna negra pôs-se logo na fila para o aquietar, o que tardou em acontecer, visto que fora a última. A noite descera entretanto, unindo o seu manto negro às águas escuras do mar e reflectindo nele

as suas cintilantes estrelas. Quando a vez de Slayra chegou por fim, foi-lhe oferecida uma caneca de cerveja e uma porção de farelentos biscoitos secos e carne salgada, que a eahanoir prontamente devorou, empurrando os nós duros de comida pela garganta abaixo com a cerveja velha, lambendo o sal e as migalhas que ficaram nos dedos. Semanas a comer plantas e cascas de árvore haviam-na deixado esfomeada e ávida de comida sólida, o que fez com que mesmo tão frugal refeição lhe soubesse deliciosamente. Saciada, Slayra olhou em redor e viu que os marinheiros ainda comiam, e como fazia tentões de passar o menos tempo possível trancafiada no fedorento porão, optou por observar o mar e encaminhou-se para a borda do navio, na qual apoiou o cotovelo. O seu braço ferido já quase não lhe doía, mas o ideal era mesmo deixá-lo em repouso total até recuperar completamente.

A noite estava tranquila, embalada pelo meigo lambar das ondas no casco do navio, os queixumes estalantes de tábuas betumadas e o ranger de cordas como os ligamentos de um velho gigante. Slayra fechou os olhos, encheu os pulmões com a salgada brisa nocturna e deixou-se ficar assim, permeando o seu espírito com aquela calma e serenidade que há tanto tempo estavam ausentes da sua vida e pelas quais o seu espírito conturbado tanto ansiava. A vida parecera tão simples antes de ter embarcado naquela fatídica missão de reconhecimento na fronteira, antes de conhecer Quenestil... alguma vez se teria imaginado assim, suja, de roupas esfarrapadas, com um ombro deslocado, enfiada num barco com um eahan da montanha enjoado em direcção a Tanarch, onde esperava encontrar um grupo que até há bem pouco tempo a desejara morta? Decididamente... E o que sentia por Quenestil? Era de loucos! Nem sequer sabia que eahanoir podiam sentir essas coisas, ia contra a sua natureza, embora essa mesma natureza não passasse de um mero aviltamento das idiossincrasias dos eahan, levada a cabo não por uma Entidade, mas pelo Flagelo, o Bastardo que nutrira exacerbadas quimeras de divindade. Era tão estranho, mas ao mesmo tempo tão bom...

Passos no convés despertaram a eahanoir dos seus devaneios. Slayra notou que a tripulação desaparecera quase toda, reparando apenas em algumas sombras isoladas que realizavam o turno da noite. Apercebeu-se de que estava com sono e achou que talvez já fossem horas de se retirar para o porão, por muito que o lugar lhe desagradasse, e tentar dormir um pouco, rezando para que a noite passasse depressa.

"Vão ser umas semanas longas...", suspirou a eahanoir, encaminhando-se para a escotilha.

Uma gota de água caiu-lhe no nariz e a eahanoir tornou a olhar em redor. O mar estava calmo, pelo que olhou para o céu e viu a Lua parcialmente tapada por nuvens, que começaram a chorar. Slayra apressou o passo e abriu a escotilha, fechando-a por cima da cabeça após entrar. Percorreu o lance de íngremes degraus, tendo o cuidado de manter a cabeça baixa, e o ruído dos seus passos fez companhia ao ressonar e roncar dos marinheiros adormecidos nos seus beliches no compartimento ao lado. Slayra estendeu logo a mão assim que chegou ao fim da escada, tacteando pelo manipulo da porta, mas em vez do toque frio do metal apalpou uma volumosa barriga. O seu corpo subitamente tenso, a eahanna afastou-se, ficando de costas para a parede e com os degraus a seu lado.

Estás com pressa, cabra? A visão da eahanoir ainda não se adaptara à escuridão, mas a voz que trazia consigo o fedor a cerveja barata era a do marinheiro que abordara na taberna.

Não, só com sono. Com licença...

Espera aí. Pelo pouco que conseguia ver, o homem cobria a porta com todo o seu porte, e não parecia fazer tenções de sair dali para a deixar passar. Fiz o que pediste, mas não penses que foi um favor.

Nunca me passou pela cabeça. Agora queres sair-me da frente? O marujo riu ao de leve, mas não arredou pé. Slayra ouviu-o estalar os dedos das mãos e mesmo à distância a que se encontrava dele pôde sentir uma baforada pungente de cerveja.

Vamos lá agora, sem barulho. Não queres que os outros ouçam, pois não? indagou o homem, denotando a sua falta de interesse numa resposta através de um primeiro passo, seguido de outro.

O capitão não vai gostar de saber... avisou a eahanoir, ainda de costas para a parede. O seu braço iria ser um empecilho.

O capitão não te pode ouvir. E se lhe contares, corto o carapau do teu namorado enquanto ele vomita as entranhas borda fora...

Slayra desferiu um pontapé, contando atingir o homem nas virilhas, mas calculou mal a distância devido à escuridão e o seu pé atingiu apenas uma grossa coxa. A mão sapuda do marinheiro veio em resposta de encontro à cara da eahanoir, fazendo com que perdesse o equilíbrio e caísse de lado para as escadas. Com um golpe de rins, Slayra conseguiu dar as costas aos degraus, evitando embater neles com o seu ombro, mas ainda assim este latejou de dor com o impacto, forçando a eahanna a cerrar os olhos. Antes que os pudesse abrir, os dedos grossos do marinheiro crispavam-se nos seus tornozelos, fazendo

força para lhe apartar as pernas enquanto arfava de antecipação. Slayra estrebuchou, mas o aperto do homem manteve-se firme e este não tardou a afastar-lhe as coxas e pousar nela parte do seu peso. Slayra começou a gritar, mas o seu ombro gritava mais alto ainda, ardendo na articulação.

Cala-te cabra, ou eu... O marujo engasgou quando os dedos hirtos da eahanoir quase se afundaram na sua garganta, travando-lhe a respiração. Quando o homem levou as mãos ao pescoço, Slayra conseguiu colocar uma perna entre ela e o seu agressor e tirá-lo de cima de si, empurrando-o para longe com força.

Já se ouviam vozes incomodadas no porão, mas a atenção do homem estava toda na eahanoir quando este se ergueu com raiva nos olhos e um esporão de veleiro empunhado. Com a dor no braço, Slayra falhara o golpe, caso contrário o homem estaria a contorcer-se no chão de cara azulada com a laringe esmagada.

Devias ter ficado quieta... agora levas primeiro com o veleiro, e depois com o carapau... ameaçou com a voz sufocada, avançando de esporão em riste.

Slayra deu um passo atrás, subindo um degrau, mas sabia que se virasse as costas ao marinheiro, seria varada contra as escadas, pelo que esperou. O seu adversário oscilava o esporão, dando passos bruscos para a assustar, mas a eahanoir limitou-se a subir outro degrau. O homem investiu, tencionando picar a coxa de Slayra, que inesperadamente saltou, levando as pernas atrás, e o esporão bateu apenas num degrau. Ainda no ar, a eahanoir desferiu um certo pontapé na cara do marujo, que largou a sua arma para levar as mãos ao nariz, urrando e cambaleando para trás. As vozes incomodadas no porão transformaram-se em gritos agitados, mas Slayra não lhes podia dar atenção visto que o homem, cego de raiva e com sangue a tingir-lhe a barba de vermelho, tornava a investir, desta vez só com o seu corpo como arma. Sem sítio para onde se desviar e com a capa no caminho de uma passada para trás, a eahanoir desembainhou o seu estilete e recebeu o ataque com um pouco elegante golpe que cortou a palma da mão esticada do marinheiro, dando-lhe seguimento com uma punção na barriga que Slayra cria ter gordura suficiente para proteger as entranhas. O homem retrocedeu, agarrando a barriga ferida em pânico e olhando para a eahanoir com olhos arregalados.

À primeira sobrevives. A próxima mata. Sai já da minha vista

ou eu...

A porta que ia dar ao porão abriu-se, irradiando o corredor de luz de lamparinas antes que Slayra pudesse terminar e dela saíram vários marinheiros, que estacaram perante a cena.

Então foi o caos. O marinheiro, indicando a sua barriga e mão feridas e o sangue na cara, apontava para a eahanna, berrando num Leochlan demasiado rápido para Slayra perceber, e os outros seguiram-lhe o exemplo, parecendo todos dizer "eahanoir" numa ou noutra altura com vozes acusadoras. A eahanna negra tentou falar, mas um homem agarrou-lhe o pulso e quando tentou resistir outros fizeram o mesmo, abatendo-se sobre ela como um mar de mãos grosseiras que a agarravam com excessiva firmeza. Duas pegaram-lhe o braço ferido e aí Slayra gritou, o que lhe custou um par de bofetadas silenciadoras. Pareceu-lhe ouvir a voz de Quenestil a tentar sobrepôr-se no meio do tumulto, depois os baques surdos de murros e gritos ininteligíveis e por fim o próprio eahan lhe apareceu à frente, preso por inúmeras mãos que o seguravam. Como uma massa disforme que obedecia ao mesmo comando, os marinheiros procederam então a arrojá-lo pelos dois eahan pelas escadas acima, um apressado percurso no qual muitas cabeças bateram contra o tecto e muitos tropeções ocorreram. Quenestil e Slayra pouco mais puderam fazer que deixarem-se arrastar pela turba.

Quando chegaram ao convés, já o capitão aguardava, decerto avisado pelos membros da tripulação que haviam subido primeiro. Chovia com força e o homem estava descalço e de tronco nu, vestindo apenas as suas calças e não parecia nada satisfeito quando ergueu as mãos e berrou por silêncio. Os marujos obedeceram e de repente o único som que se ouvia a bordo era o da chuva e o grunhir de um marinheiro que subia pela escotilha acima com esforço. Slayra e Quenestil ainda estavam agarrados com firmeza.

O que é que aconteceu? quis o capitão saber, dando desde logo a entender que não estava interessado em desculpas. Pequenos rios de água escorriam pelo seu tronco nu abaixo e a sua barba pingava.

A tripulação continuou em silêncio, olhando uns para os outros como se estivessem à espera de que alguém falasse. Slayra estava prestes a tentar, quando o marujo que a atacara surgiu, empurrando o seu caminho por entre a pequena multidão enquanto se dirigia ao capitão, ostentando a palma da sua mão ferida como prova. O seu nariz estava vermelho, a sua barba tinta de sangue e tinha uma mancha escura na barriga. Apontou um dedo molhado à eahanna,

proferindo a palavra "eahanoir" com asco, e assim que Slayra abriu a boca para falar em sua defesa o homem deu duas passadas inesperadamente rápidas para o seu peso e esmurrou a eahana brutalmente no estômago, forçando-a a expelir todo o ar dos pulmões num único e violento arquejo. O tempo pareceu parar por breves instantes, nos quais apenas se ouviu o aflito e prolongado arquejo de Slayra. Ninguém tentou impedir o marinheiro quando este mostrou vontade de continuar, erguendo o punho redondo para esse efeito, mas então Quenestil libertou-se e abateu-se sobre ele em desenfreada fúria e o tempo tornou a parar. Todos ficaram paralisados enquanto o eahan caía em cima do marujo, rosnando como um carcaju e rebolando com ele pelo convés molhado. O shura acabou por ganhar a posição superior e, mantendo a cabeça do homem no chão com uma mão, começou literalmente a moer-lhe a cara com murros, que nela despediu com abandono e de dentes cerrados. Quando a presença de espírito de três marinheiros regressou e estes se apressaram a agarrar no ensandecido eahan, Quenestil abocanhara o antebraço de um, ferrando os dentes nele e estrebuchou como um animal capturado quando outros se juntaram à pequena refrega para o tirar de cima do marujo caído, que se mexia debilmente no chão com boa parte da cara a sangrar. A situação no convés tornou-se caótica, com gritos, pragas e ordens a serem proferidos ao mesmo tempo numa autêntica cacofonia centrada na massa de gente que se aglomerava em volta de Quenestil. O shura soltou o braço do marinheiro que abocanhara e rosnou, desferindo uma cabeçada a alguém que o agarrava por trás, exibindo dentes vermelhos e agitando a cabeça, espalhando água da chuva em redor. O capitão berrava, mas nem a sua voz de estentor conseguia impor a ordem, até que surgiu um marinheiro a empunhar um prepau com o qual tencionava aniquilar o eahan. Os outros deram-lhe passagem e assim que estava ao alcance de Quenestil, o marujo tentou atingi-lo na cabeça, mas com o estrebuchar do seu alvo acabou por acertar na testa de um membro da tripulação, que o fitou com olhar esgazeado e foi como que engolido de seguida pela pequena multidão ao cair. O marujo berrou algo e os amplexos que restringiam Quenestil ficaram mais apertados, tentando mantê-lo quieto, mas o shura ainda desferiu um pontapé no estômago de um indivíduo que lho tentara segurar antes de o marinheiro o atingir na têmpora com um coque seco e certo do prepau. A pancada ensurdeceu Quenestil e cobriu o seu mundo de escuridão, entorpecendo-lhe braços e pernas. Slayra tentou gritar, mas estava demasiado

ocupada a tentar respirar de barriga para o convés, esquecida por todos menos o capitão, que a fitava e ao eahan ruivo alternadamente, gritando palavras que chegavam distorcidas pela chuva e pelo barulho aos ouvidos da eahanoir. A tripulação ergueu Quenestil, cujos membros pingavam e pendiam frouxamente como se estivesse morto, e gritava pelo que só podia ser a sua morte. O capitão agitava os braços freneticamente, vociferando ordens que passavam despercebidas no encolerizado bulício do navio.

Quenestil...! A exasperada exclamação foi pouco mais que um sussurro quando a eahanoir plantou as mãos no convés molhado e fez força para se levantar. Outras duas agarraram-na pela cintura e ajudaram-na a erguer-se antes que Slayra tivesse sequer tempo para se alarmar.

Virou-se rapidamente, assustada e ainda sem fôlego, mas o homem que a ajudara estava calmo e sereno e parecia querer dizer-lhe qualquer coisa. As únicas palavras que a eahanna ouviu, no entanto, foram as da tripulação.

Para a água! Para a água com ele!

A fera que afogue!

Vai para o mar!

Slayra deu as costas ao homem que a ajudara, ignorando-o por completo. i”

Deuses, não... No momento em que Slayra se virou, viu vários braços a arremessarem o corpo frouxo do seu amado para fora do navio. QUENESTIL!

Apelando a uma desconhecida reserva de forças, as pernas da eahanoir foram acometidas de um súbito vigor e esta precipitou-se pela multidão adentro, empurrando os marinheiros para fora do seu caminho e saltando também ela borda fora, para grande espanto da tripulação. As frias águas do mar deram as boas-vindas a Slayra, envolvendo o seu corpo com um abraço que tanto podia estar gélido como a ferver e silenciando o mundo, saudando-a com uma promessa de paz e tranquilidade. A eahanna recusou a oferta e chicoteou com as pernas até à superfície, arfando por ar, cuspiendo cabelos ensopados para fora da boca e gelando a cara com uma lufada de vento acompanhado de fustigantes gotas de chuva. O frio molhado entorpecera-lhe o braço ferido, de modo que quase não sentia a cruciante dor de o estar a mexer. Slayra olhou em redor e gritou pelo nome de Quenestil, agradecendo a todos os deuses pelos respectivos nomes quando distinguiu um vulto a flutuar precariamente à superfície.

Nadou a custo na sua direcção e agarrou-o pela cintura com o braço ferido, o que ainda lhe causou dor suficiente para ter de ser expelida por um grunhido de dentes cerrados. A eahanoir viu o barco a afastar-se, lenta mas progressivamente. Batia freneticamente na água com o braço livre e agitava as pernas incessantemente, mas sabia que não iria aguentar-se a si e ao corpo inerte de Quenestil muito tempo. Iam morrer.

Curiosamente, os únicos momentos da sua vida que a eahanoir viu passar à frente dos seus olhos foram aqueles preciosos e poucos que partilhara com Quenestil; nenhuma memória da sombria Jazurrieh, nenhuma recordação dos da sua espécie, nenhuma lembrança da sua existência antes de ter conhecido o shura. Nenhuma.

Os saltos beijos do mar tornavam-se insistentes na sua face, salgando-lhe a boca com demasiada frequência. Quenestil pesava no seu braço ferido, e uma das suas pernas esticou-se numa dolorosa câibra, por pouco não arrastando os dois eahan para baixo da superfície. As dúvidas acerca da futilidade de resistir já se haviam começado a infiltrar na alma de Slayra quando distinguiu no meio da chuva o ruído de algo a cair levemente na água a curta distância. A eahanoir olhou na direcção do som e viu algo a flutuar. Acometida de novo alento, a eahanoir encontrou forças que já não esperava ter para nadar rumo ao que orava que pudesse ser a sua salvação. O grito que soltou ao fincar as unhas na superfície cortiçada do objecto foi de alívio e profundo agradecimento e os seus pensamentos centraram-se momentaneamente à volta da dúvida acerca de quem lho atirara. O capitão? O marinheiro desconhecido que a ajudara? Um deus? Não interessava, concluiu. Tinha era de se manter viva. Pensando já na eventualidade de ficar ali muito tempo, envolveu o tronco de Quenestil com as pernas para descansar o braço magoado e manteve um firme aperto na bóia de cortiça com o outro. Não sabia quão longe estariam da costa ou se o frio os mataria antes de sequer poderem pensar em alcançá-la. Só sabia que tinham de sobreviver. Ainda assim vieram-lhe à mente as histórias que lhe haviam contado nas suas primeiras viagens de barco, contos de seres do mar que devoravam homens, surgindo das obscuras profundezas para os engolirem inteiros. A despeito da futilidade do gesto, Slayra olhou para baixo, vendo apenas a superfície negra do mar. Sentiu um arrepio nas pernas, que se podia dever ao frio ou à estranha impressão de que haviam mandíbulas escancaradas bem debaixo dela. O frio da água começava também a fazer-se sentir nas suas extremidades, trazendo consigo as primeiras

picadas de dor. Nesse momento só quis que Quenestil acordasse para a confortar e assegurar-lhe naquele seu tom de entendido de que não havia perigo, que estava tudo bem. Mas estava sozinha, Quenestil estava inconsciente (a eahanoir descartou de imediato qualquer outra possibilidade) e ambos dependiam só dela. Slayra teve medo.

OS CORAÇÕES QUEBRADOS

Os companheiros seguiam o grupo contra o qual há pouco haviam lutado, deixando-se conduzir pelo carreiro do vale abaixo. Os feridos eram transportados aos ombros e às costas, e estes não faziam o mínimo esforço para disfarçar a falta de apreço que sentiam para com quem lhes infligira os ferimentos. Na retaguarda do grupo estavam três homens e o arqueiro, cujo arco longo parecia pronto a cravejar os companheiros de setas pelas costas caso lhe dessem algum motivo para o fazer. Worick olhava desconfiado para os desconhecidos, principalmente o thuragar que combatera e que lhe magoara o braço, mas nada dizia, limitando-se a manter-se junto de Lhiannah. A princesa continuava a agir de forma invulgarmente calma para a situação na qual se encontravam, pensava Worick. Mas também... sempre dissera que a arinnir era tão previsível como uma tempestade de montanha, e Lhiannah costumava ficar retraída após matar alguém, coisa que passara a acontecer frequentemente durante o meio ano que passara com os companheiros. Provavelmente desataria a responder mal em pouco tempo, e a esse comportamento seguir-se-ia uma irascibilidade que duraria uns quantos dias até por fim amainar. O thuragar já aprendera que o melhor era esperar, e tinha a paciência para o fazer mas não para tentar saber o que lhe ia na cabeça...

Taislin saltitava como um coelho curioso em redor do díspar grupo, estudando as caras novas com interesse felino. Os homens tentavam ignorá-lo por poderem dar-se ao luxo de o fazer, visto não trazerem consigo posses para além das suas armas, mas ainda assim os estrídulos e inoportunos quesitos do burrik não tardaram a irritar alguns deles, que cedo manifestaram o seu desagrado com verborreias pouco lisonjeiras em Leochlan.

O carreiro continuava a descer e conduzia o grupo perpendicularmente ao declive do vale, em direcção ao aglomerado de casas de uma aldeia na vertente da montanha. Porém, a dada altura os Corações Quebrados pararam, viraram-se para a ladeira e, um por um, começaram a descer por ela abaixo, para surpresa dos companheiros.

O que...? tentou Aewyre perguntar, sendo prontamente esclarecido pela mulher, que esperara por eles.

Temos um esconderijo lá em baixo. Andem com cuidado que isto pode ser traiçoeiro à noite, recomendou, levantando as saias e sendo assistida na descida por um dos seus "rapazes".

Os companheiros hesitaram, mas ao ver que cinco Corações Quebrados aguardavam que comessem a descer, Allumno tomou a iniciativa e incitou Alfarna a um passo cuidadoso para descender a ladeira. Lhiannah seguiu o mago prontamente e os outros não tardaram a ir atrás, mas não sem antes lançarem olhares prudentes para os homens que iriam descer atrás deles. A pedregosa ladeira não devia ser particularmente segura durante o dia, e de noite era de facto traiçoeira, como Aewyre e Worick puderam constatar através de duas quedas cada que por pouco não descambaram em reboletes descidas pelo barranco abaixo. O solo tornou-se menos íngreme quando chegaram a uma área de blocos de pedra branca toscos e escarpados cujas fendas eram preenchidas por urze. Perante os olhares desconfiados dos homens que iam atrás de Worick, o thuragar acorreu-se por breves momentos para tactear o chão.

Pedra calcária rachada... informou ao erguer-se, parecendo inesperadamente satisfeito. Estamos em cima de uma caverna. Antes que Aewyre pudesse comentar, o grupo chegou a um algar, uma grande fissura no solo, cuja entrada estava vincada pelas rotas que a água da chuva tomara como suas para dentro dela escorrer ao longo dos anos, cobrindo-as de verde musgoso no processo. Já começo a gostar mais destes *Corações Quebrados*... pelo menos tiveram bom gosto na escolha do covil.

Nenhum dos companheiros respondeu, pois Worick era o único a quem viajar debaixo do solo não causava qualquer apreensão. Na solarenga Ul-Thoryn, sempre haviam dito a Aewyre que os homens precisavam de Sol, que só thuragar podiam viver debaixo de terra, indicando sempre os defeitos da raça e as enfermidades das quais os mineiros humanos sempre padeciam. Isso para não falar das criaturas da Sombra que se haviam retirado da face de Allaryia, retraindo-se nas suas entranhas, prontas para voltar na altura apropriada. Muito do

que o jovem ouvira eram apenas histórias, mas a ideia de entrar naquela fenda fê-lo reconsiderar subitamente o convite dos Corações Quebrados.

O que fazemos com a mula? perguntou Allumno a ninguém em especial.

Ela não vai conseguir descer... concordou Mamã, soando como se estivesse a repreender-se por não se ter lembrado disso. Terá de ficar cá fora.

Mamã, o animal pode chamar atenções... advertiu-a Maneta.

Uma mula a pastar descansadamente num local cheio de urze? Não te preocupes.

Estás a ser descuidada, Mamã... admoestou-a o velho arqueiro.

Aminal pareceu o thuragar careca anuir, e o rapaz do estoque acenou a sua concordância com a cabeça.

Aqueles três pareciam ocupar posições importantes na hierarquia do grupo, constatou Aewyre, pois eram os únicos que contestavam as decisões da mulher que, para todos os efeitos, era a líder, e os outros ouviam-nos sempre com atenção. Mamã pareceu contrariada como só uma mãe podia ficar ao ser contestada pelos seus filhos, mas duas sentinelas saídas da entrada da fenda vieram em seu auxílio.

Boas-noites, rapazes dispensou-lhes, virando-se de seguida para os que com ela discutiam. E que sugerem vocês, que se mate a mula? Deixem o pobre do animal a pastar descansado e venham daí. Vá, todos para dentro.

A contragosto, o arqueiro e o espadachim assim fizeram, mas o thuragar ficou para trás, postando-se ao lado da mulher como um cão de guarda perante os desconhecidos.

Por favor, entrem. Lá dentro há comida, água e unguentos para as vossas feridas. Estarão seguros assegurou, acariciando o topo da cabeça calva do thuragar.

Amanil secundou este.

Apesar de todos os instintos de Aewyre lhe dizerem que não

aceitasse o convite, o jovem assim fez, agradecendo e acenando um cumprimento com a cabeça às duas sentinelas pelas quais passou.

O algar era uma profunda ferida infligida às pedras brancas pelo escorrer da chuva, que havia providenciado vários apoios escorregadios para mãos e pés na curta descida, que pôde ser efectuada sem grandes dificuldades pelos companheiros. Lá dentro aguardava outra sentinela, empunhando uma tocha para iluminar o caminho pela

galeria seca que continuava em frente pela escuridão adentro, na qual só se ouvia o indistinto eco de Leochlan, passos arrastados, o retinir de armas e o ranger de couro. Um inesperado odor a comida ao lume pairava pelo túnel. A sentinela, armada com uma espada curta e envergando uma túnica de cota de malha, perscrutou os estranhos atentamente, estranhando a sua presença, antes de encolher os ombros e lhes fazer sinal que continuassem a andar, agitando a tocha.

Continuem, por favor pediu-lhes a voz de Mamã. Estou atrás de vós e os companheiros fizeram-lhe a vontade.

Umaz dezenas de passos à frente estava postada outra sentinela com uma tocha, e após mais umas quantas passadas chegaram ao covil dos Corações Quebrados. Tratava-se de uma caverna alta, iluminada por candeias de óleo posicionadas em nichos naturais nas paredes húmidas, com estranhas formações calcárias que pendiam do tecto como cortinados ondulantes e duas varandas acessíveis através de escadas nas quais estavam guardados víveres e apetrechos vários. A caverna terminava abruptamente num grande monte de cascalho que só podia ter resultado de um desabamento e cuja fronteira estava bem demarcada com uma cerca improvisada. O chão e as paredes irregulares estavam decorados com despreziosas tapeçarias de lã, cuja função era sobretudo reter calor. Dentro da caverna atarefavam-se uns vinte homens que recebiam os feridos que os recém-chegados traziam, pousando-os em cobertores dispostos no chão irregular e molhado e procedendo a tratar dos seus ferimentos como se de família se tratasse. Espalhadas pelo chão ardiam várias fogueiras em volta das quais os presentes se haviam aquecido antes da chegada do grupo e sobre as quais ferviam potes e chaleiras que exalavam o odor a cozinhado que os companheiros haviam captado no túnel. Para além dos humanos presentes, Aewyre constatou ainda que ao lado destes trabalhavam várias figuras baixas e entroncadas, corcovadas, peludas e com barbas abundantes, quase desprovidas de roupa e que caminhavam com as mãos a roçarem o chão.

Thuragar? duvidou.

Não exactamente... corrigiu Worick, apoiando a cabeça do martelo no seu ombro. São garigonor.

Gari quê?

Garigonor, escravos. Mais toupeiras que thuragar. Não faço ideia do que estão aqui a fazer com estes...

Creio que umas apresentações seriam apropriadas agora... disse Mamã, achegando-se a Aewyre e Worick com Allumno a seu lado

e o thuragar careca aos seus calcanhares. A caverna tornou-se silenciosa de repente e toda a actividade cessou, excepto a assistência aos feridos.

Aewyre hesitou antes de responder, sentindo o peso dos olhares de todos em cima de si e pedindo ajuda a Allumno em silêncio.

A senhora conhece os nossos corações, Aewyre... afirmou o mago, sorrindo para Mamã. Pouco mais podes dizer que a verdade.

Aliviado com a confiança que Allumno parecia depositar na líder do bando, o jovem fez-lhe a vontade.

Saudações a todos. Sou Aewyre e estes são Allumno, de Ul-Thoryn, Lhiannah e Worick, ambos de Vaul-Syrith e Taislin Mãosdelã. Preocupado em manter o anonimato, o guerreiro não mencionou os respectivos apelidos e rapidamente mudou de assunto. Nós... pedimos desculpa por eventuais males causados, mas devido a um mal-entendido, vimo-nos confrontados com uma situação de perigo e tivemos de nos defender e...

Isso já foi esclarecido, Aewyre... assegurou-lhe a mulher com toda a familiaridade. Por aqui, nós tratamo-nos de forma diferente, por isso peço-vos que não pensem que vos escondemos os nossos verdadeiros nomes por malícia ou desconfiança. Os rapazes chamam-me Mamã, o arqueiro que gosta de me contrariar é o Maneta, o rapaz calado da espada sem gume é o Pestanas e o adorável thuragar é o Animal. Os outros que me desculpem mas não os vou apresentar a todos um por um, dêem-se vocês a conhecer. Worick e Animal, devíamos tratar de vocês... e não estou a gostar nada desse ombro, Pestanas.

Mamã, Maneta, Pestanas e Animal? segredou Taislin a Lhiannah. E depois gozam com o meu nome?

A arinnir nada disse, observando de braços desconfiadamente cruzados os que a cercavam. Worick mostrou certa relutância em deixar-se tratar, mas perante a maternal e persistente insistência de Mamã, acabou por aceder a que lhe tirassem as placas de aço que lhe resguardavam o braço ferido.

Aewyre, Allumno, Taislin e Lhiannah, vocês que não estão feridos, queiram sentar-se comigo, por favor pediu, indicando-lhes um dos tapetes de lã que cercavam uma fogueira. Os rapazes prepararam-nos um repasto de ganso com cogumelos, e vocês parecem estar com fome...

Animal ajudou a líder a sentar-se enquanto Maneta e Pestanas auxiliavam os restantes Corações Quebrados nos seus afazeres. Os companheiros assentaram-se quando Mamã disse ao thuragar que

fosse tratar dos ferimentos e foram-lhes prontamente oferecidas taças de madeira por garigonor. A luz da fogueira era possível reparar em mais características dos estranhos thuragar: os seus olhos eram inteiramente pretos e pequenos como contas negras, os dedos curtos das suas mãos em forma de pás encontravam-se munidos de grossas garras recurvas e as suas barbas e bigodes eram hirsutos. Assemelhavam-se de facto a toupeiras, como Worick dissera.

O que fazem garigonor convosco? quis Allumno saber, esfregando as bordas da sua taça com os polegares.

Ia perguntar o mesmo acerca de tão díspar grupo, mas julgo que como anfitriã cabe-me a mim responder primeiro às vossas perguntas disse Mamã com um sorriso. Os garigonor que aqui vêm, bem como o Animal, são os últimos sobreviventes de um desastre subterrâneo. A mulher, cruzou as pernas e assentou as suas nádegas, como se se preparasse para contar uma longa história. Estas cavernas fazem parte de um antigo complexo thuragar, serviam de posto avançado para as transacções com a superfície, neste caso Val-Oryth, a cidade que devem ter visto lá de cima. Sirvam-se, por favor. Usem a colher. Aewyre tomou a iniciativa e estendeu a mão para Mamã, pedindo-lhe o prato. A mulher aceitou com um sorriso e continuou enquanto o jovem a servia. Os garigonor labutavam sobretudo aqui, pois a terra ainda

é relativamente macia para as suas garras. Cavavam túneis de comunicação e procuravam lençóis de água para alimentar os engenhos que os thuragar usavam para trabalhar nos níveis inferiores. Obrigada agradeceu quando Aewyre lhe devolveu a taça. Infelizmente, esses mesmos engenhos que tanta prosperidade trouxeram aos thuragar acabaram por ser a sua ruína. Uns quantos anos atrás, houve um Inverno particularmente chuvoso, e as torrentes subterrâneas tornaram-se uma autêntica enchente. As cavernas dos níveis inferiores, fragilizadas pelo peso dos engenhos e pelas intensas escavações, ruíram em grande parte, arrastando consigo muitos thuragar. Podem imaginar a tragédia só de olharem para o monte de cascalho ali... Que nós saibamos, só os garigonor, que trabalhavam aqui perto da superfície, sobreviveram. Dos outros nunca mais se ouviu...

Que triste... opinou Taislin, enfiando um bocado de pato na boca com os dedos. O prato estava delicioso e para os companheiros era um autêntico manjar após a longa temporada a subsistir à custa de ratos das estepes.

A ambição acarreta sempre um elevado preço... comentou Allumno.

É bem verdade concordou Mamã. Mas duvido de que essa fosse a vossa única pergunta...?

Não foi confessou Aewyre. Antes de mais nada, o que são vocês? E quem são os Filhos do Flagelo?

Mamã colheu delicadamente um pedaço de pato com os dedos e mastigou-o antes de responder.

Saibam que, acima de tudo, somos fiéis de Assana explicou, tirando o cachecol de casimira escarlate para melhor exhibir a rosa cercada por um anel dourado que trazia ao pescoço. Tanarch já há muito que é uma terra fria e inclemente, e as suas gentes estão a ficar parecidas com ela. Falta-lhes carinho, falta-lhes amor. Deduzo que saibam o que se passa em Tanarch? Os companheiros acenaram afirmativamente com a cabeça, mas Taislin não.

Eu não sei!

Mamã tornou a sorrir, exibindo o seu incisivo torto e alongado. Apesar disso, das estrias prateadas do seu cabelo e dos papos cansados debaixo dos seus olhos que traíam a sua idade, ainda era uma mulher bonita.

Conheces Sirulia, Taislin?

Sim, é a terra dos sirulianos, que são altos e jeitosos como o Aewyre e que estão entre Allaryia e Asmodeon, mas que deixam sempre os drahrefs passar e...

Exactamente. E sabes por que é que a Sirulia é tão pequena? O burrik abanou a cabeça negativamente. Porque os sirulianos são cada vez menos. As suas mulheres estão todas em Tanarch, já que os seus homens são da opinião de que a qualquer momento podem entrar em guerra com as forças de Asmodeon. Quando acham que é chegada a altura de espalharem a sua semente, os sirulianos vêm cá e voltam meses mais tarde para colherem os frutos. Se forem varões, fortes e de puro sangue siruliano, vão com os pais aprender a serem soldados. Senão, ficam com as mães. Achas que alguma criança se pode sentir amada assim, sem pai?

Bem, depende, eu gostava muito do meu pai, mas um conhecido meu tinha um que era mesmo chato. Já era gordo e velho, sem pachorra para nada, e de cada vez que esse meu conhecido... não, não era esse, era outro. Este de que eu estava agora a falar era o filho do moleiro, ou se calhar era aquele que...

Mamã sorriu para si mesma e abanou a cabeça perante a futilidade de tentar ter uma conversa séria com um burrik. Aewyre calou-o para que pudesse continuar.

Como estava a dizer, Tanarch, tal como todos nós, precisa de amor e eu e os rapazes fazemos o que podemos para que assim seja. Eu sei que devem estranhar o facto de portarmos armas, mas existem aqueles dispostos a fazer uso da violência para nos impedir, e temos de nos defender, por vezes de forma igualmente violenta, infelizmente, suspirou.

Mas afinal, o que fazem vocês? insistiu Aewyre, limpando molho de cogumelos do queixo com as costas da mão.

Corrigimos injustiças, ajudamos os que precisam, acolhemos os necessitados e os abandonados... tudo em nome da guardiã do leito conjugal e para propagar o amor.

Estou a ver comentou o jovem, estranhamente cativado pela procrastinação da mulher. E o nome...?

Corações Quebrados? Bem, todos nós tivemos os nossos dissabores na vida. Eu encontrei apoio e conforto no regaço de Assana, e procuro partilhá-lo com os outros. Ali o Pestanas, por exemplo apontou para o jovem, que supervisionava o tratamento dos feridos, nunca conheceu o pai. Aprendeu a lutar com um mestre de armas velho que o adoptou e que subiu à sua montanha passados alguns anos. De certa forma, teve dois pais e perdeu-os a ambos, e apesar de não o mostrar, o pobre rapaz é carente, e raramente profere uma palavra. Já o Maneta... apontou para o arqueiro veterano, que preparava um novo fio para o arco era um excelente espadeiro. Casou muito jovem, e quando a sua mulher morreu, a sua única paixão passou a ser as espadas. Tornou-se num mercenário, um bom mercenário, mas foi capturado e cortaram-lhe os dedos anelar e mínimo. Quando o encontrei, era pouco mais que uma casca *vazia*, mas cedo encontrou uma nova vocação no arco, que esperou tornar-se numa nova paixão, mas há coisas que não podem ser preenchidas tão facilmente... O Animal indicou o thuragar, que estava completamente nu e a ser tratado ao lado de Worick foi outro dos sobreviventes do desastre nas cavernas. Pouco mais sabemos sobre ele, já que bateu com a cabeça e quando os garigonor no-lo trouxeram parecia que os seus olhos iam saltar devido ao sangue que lhe estava a encher a cabeça. Um dos nossos homens teve de lhe fazer um furo no crânio para aliviar a pressão, mas ele nunca recuperou completamente, como terão visto.

A trepanação é sempre um risco... comentou Allumno.

Não sei, disso não percebo nada. Só sei que é uma pobre e boa alma que só precisa de carinho.

Uma necessidade pouco usual para um thuragar...

Mas uma necessidade não obstante. Ele tem vindo a aprender, e apesar das virtudes da sua raça, sinto que ele gosta tanto como qualquer outro de um pouco de amor.

Boa! Vamos bater na cabeça do Worick com uma pedra! sugeriu Taislin, recebendo olhares ralhadores de todos menos Lhiannah e Mamã. Não era giro? Imaginem-no só a grunhir "*Worick, Riwock, Irwock*"!

Mamã riu, mas Aewyre deu uma palmada na nuca do burrik, que olhou para Lhiannah a pedir protecção, mas a princesa não parecia disposta a fazê-lo, limitando-se a comer de olhos postos na tigela e aparentemente alheia à conversa.

É feio gozar com as enfermidades dos outros, Taislin admoestou a líder dos Corações Quebrados, mas sei que não o fazes por malícia. Em relação à outra pergunta do Aewyre, parece-me pela curta conversa que tive com o Allumno no túnel que ele sabe tanto sobre os Filhos do Flagelo como eu, por isso, se ele não se importar...

De modo algum. Nem sequer a deixaram comer com todas as perguntas... predispôs-se o mago.

A mulher sorriu e pôde por fim começar o seu repasto. Allumno limpou a garganta antes de tomar a palavra.

Como sabem, ninguém viu o Flagelo morrer na Guerra da Hecatombe, só é sabido que as criaturas da Sombra estão em aparente torpor e que desde então nunca mais tomaram uma acção em larga escala. No início da guerra, após a retirada dos sirulianos, Tanarch foi a primeira nação a sentir o seu poder e o povo foi subjugado. Os soldados de Sirulia e uns fragmentos do exército tanarchiano conseguiram refugiar-se em Wolhynia e lá se fortificaram enquanto os exércitos d'O Flagelo passavam pela Cicatriz. A guerra vocês já sabem como decorreu, mas o que muitos ignoram é que a ferida que deixou em Tanarch nunca sarou completamente, pior, infectou ao longo dos anos. Aewyre revirou os olhos. Allumno era capaz de dramatizar uma história de berço. O povo conquistado sobreviveu, mas muitos se passaram para a Sombra durante a ocupação, tanto por ressentimento para com os sirulianos como por simples medo do poder d'O Flagelo, e esses sentimentos perduraram mesmo após a sua morte. Muitos os ignoram ou fingem desconhecer a sua existência, talvez por medo, talvez por vergonha, talvez por os acharem inofensivos, mas ainda existem aqueles que proferem o nome do Anátema à noite, na esperança de que Ele volte, os Saudosistas da Sombra, os Filhos do Flagelo...

Mas se vocês os atacaram é porque não são tão inofensivos assim... interrompeu Aewyre, ciente de que o mago tão cedo não pararia.

Obrigada, Allumno. É um notável orador. Não, Aewyre, não são de todo inofensivos, muito pelo contrário, são muito perigosos. Não se limitam a orar pelo regresso do seu senhor, propagam activamente aquilo que julgam ser a vontade Dele. Há mesmo quem afirme que participam em rituais obscuros, cerimónias de sangue e sacrifício em honra do seu senhor, mas ninguém que conheço o pode confirmar. Tal como O Flagelo, são manhosos e subtis, e o facto de a maior parte das pessoas escolher ignorar a sua existência só lhes dá maior liberdade para agir.

É verdade que O Flagelo não dá sinais de vida há vinte anos, mas a fé é algo de poderoso, e também há muitos que se juntam às seitas apenas por partilharem dos ideais pouco íntegros dos asseclas, ladrões, assassinos e rufias sem escrúpulos na sua maioria. Os sirulianos impuseram leis severas aos Filhos do Flagelo, mas não dispõem dos homens necessários para as aplicar e a simpatia do povo de Tanarch também não está do lado deles, pelo que não podem contar com grande ajuda para erradicar os asseclas antes que se tornem uma ameaça séria. A verdade é que a maior parte das gentes duvida de que o venham a ser, mas nós não, e faremos o que for necessário para os impedir de virem a tornar-se verdadeiramente perigosos.

O ressentimento de Tanarch para com Sirulia é mesmo assim tão grande? inquiriu Aewyre, embrenhado na conversa de Mamã.

Infelizmente, Aewyre, infelizmente... Tanarch cresceu e tornou-se numa grande nação, mas o medo de Asmodeon ainda é grande e Sirulia é a única barreira de que dispomos. O povo habituou-se aos sirulianos, e muitos ainda os vêem com uma certa reverência, mas as animosidades escondidas são as que mais azedam, sobretudo com o passar do tempo. Imaginem uma nação vizinha que fazia incursões periódicas na vossa, agindo como se fossem reis e tratando-vos como meros lacaios, deixando as suas mulheres ao vosso cargo e impedindo-vos de terem intimidades com elas. Passado algum tempo, voltam para fazer filhos e, tal como se estivessem a criar cavalos para a guerra, levam os varões e deixam as raparigas e as crianças que consideram fracas convosco, punindo aqueles que tiveram qualquer tipo de contacto com as mulheres sirulianas. Conseguem imaginar? Como reagiriam? Aewyre olhou de soslaio para Lhiannah, esperando uma reacção efusiva da parte dela, mas a princesa limitava-se a comer calmamente, dispensando apenas um ou outro olhar aos que a rodeavam.

Pois... é uma situação complicada, e temo pelo que possa vir a acontecer. O povo também tem o seu ponto de ruptura, e Tanarch está a crescer enquanto Sirulia enfraquece...

Está a sugerir que existe a possibilidade de anexação violenta?

perguntou Allumno.

Não sei... mas dia após dia, a minha sensação é de que bastará uma pequena faísca para atear um fogo que poderá muito bem deixar Sirulia em cinzas. As próprias sirulianas nutrem ressentimentos para com os seus homens que as abandonaram; já se sentem mulheres de Tanarch e anseiam pela liberdade de poderem escolher o esposo que quiserem e viver as suas vidas. Não as posso censurar, acho desumano aquilo que os sirulianos fazem, mas o meu medo é que a situação se descontrole...

O que diz o Triunvirato?

O quê? quis Taislin saber.

O conselho de magos que rege Tanarch esclareceu Mamã.

Os Três não se importam. Sirulia não interfere de modo algum na economia, e é aí que residem os seus interesses. Se os tanarchianos se insurgirem, certamente não será contra eles e nessa altura duvido de que se incomodem sequer em puxar as rédeas do povo. Os sirulianos para eles não passam de meros guardas de fronteira, e se o pagamento que exigem pelos seus serviços consiste de umas quantas mulheres que no fundo nem são de Tanarch, tanto melhor para eles.

Entendo. Agora que falamos do Triunvirato, os Corações Quebrados são sancionados pelos Três? questionou o mago.

Mamã esboçou um sorriso quase envergonhado.

Não, as nossas acções não são aprovadas, porque não agimos apenas contra os Filhos do Flagelo. As injustiças que corrigimos e os necessitados que ajudamos nem sempre correspondem aos planos e intenções do Triunvirato...

Apesar de a terem ouvido proclamar-se abertamente como fora-da-lei, nenhum dos companheiros conseguiu censurar ou desconfiar de Mamã, de tão afável e dada que a mulher era, e começavam a perceber os motivos pelos quais recebera tal alcunha no grupo. Para os Corações Quebrados e provavelmente para todos os que necessitassem de afecto, tinham a certeza de que Mamã faria jus ao nome.

Bom, agora se me dão licença pediu a mulher, erguendo-se de mãos apoiadas nos joelhos, tenho de tratar dos rapazes. Estejam à vontade e descansem; há cobertores ali nas varandas. Estão em segurança e entre amigos.

Os companheiros agradeceram-na com sorrisos e viram-na ir ter com os feridos, passando por Worick pelo caminho e supervisionando o enfaixar do seu braço.

Podemos confiar nela, não? perguntou Aewyre a Allumno.

Nela sim, os outros não sei, mas já que eles obedecem a cada comando seu como filhos...

Pois, também acho... ainda assim, vamos embora amanhã.

É óbvio que os Corações Quebrados gostam de se meter em problemas...

Mais ainda do que nós? duvidou Taislin, arrancando um sorriso ao guerreiro.

Tens alguma razão nessa. Então pronto, não precisamos de mais problemas para além dos nossos. Está melhor assim? O burrik anuiu, satisfeito. Ótimo. Que dizes tu, Lhiannah?

A arinnir demorou a perceber que o jovem se estava a dirigir a ela, notando que todos os olhos do grupo estavam postos em si.

Que... digo eu? De quê? A princesa parecia ter despertado de um sonho.

Achas que devemos ficar mais algum tempo com eles, para descansar e saber mais sobre Tanarch, ou vamos já para a cidade?

Lhiannah franzia o cenho, estranhando a desagradável atenção de cada um dos companheiros e fitando cada um por sua vez.

Não sei... façam como quiserem acabou por sugerir, escondendo os olhos de seguida na taça vazia que tinha nas mãos.

Aewyre ergueu o sobrolho para Allumno, mas o mago deu a entender que nada iria dizer acerca do assunto com um desinteressado encolher de ombros. Worick veio quebrar o desconfortável silêncio que se instalara em volta da fogueira.

Então? Estes também nos querem compensar? Vamos ser o quê desta vez, irmãos do coração? perguntou, abanando o braço enfaixado como se as ligaduras o incomodassem e sobraçando com o outro as placas danificadas que o haviam coberto.

Como está o braço? inquiriu Allumno.

Bah, isso é o menos. O que me irrita é que vou ter de encontrar um ferreiro para reparar o braçal, a cotovela e a manopla. Do escudo nem se fala, aquela azémola esfrangalhou-mo bem e vai custar-me os dois túbaros fazer um novo. Pedras me partam... então e tu, cachopa? Já encontraste a língua?

Vendo que se estavam a dirigir a ela uma vez mais, Lhiannah tornou a erguer a cara, parecendo arrelviada.

Querem deixar-me em paz? exclamou, levantando-se e afastando-se do grupo, o que lhe mereceu olhares dos outros presentes na caverna para além dos companheiros.

O que se passa com a Lhiannah? estranhou Taislin, coçando o barrete.

Ninguém soube responder.

A arinnir percorreu a caverna em passos furiosos até perto da entrada do túnel, onde foi abordada por um dos guardas.

Onde é que a menina vai? quis saber, agarrando-lhe o braço. Lhiannah libertou-se com brusquidão e afastou-se numa postura

defensiva.

Vou apanhar ar, ou não posso? perguntou em voz alta.

O homem estava pronto para lhe explicar muito claramente o que podia ou não fazer, mas Mamã interveio.

Deixa-a, Albeirin. Lhiannah, és livre de ir e vir quando quiseres. Não és nenhuma prisioneira aqui.

A princesa fungou em desdém, olhando o guarda de alto a baixo, e retirou-se pelo túnel sem se dignar sequer a dirigir uma palavra de agradecimento à sua anfitriã. Mamã suspirou e sossegou o guarda, erguendo as palmas das mãos. Aewyre ergueu-se, indignado e pronto a segui-la, mas foi Worick quem o impediu, pondo-se no seu caminho.

O que é que estás a fazer?

A evitar mais cenas. Deixa-a estar. Já sabes como a cachopa é, isto passa-lhe...

Worick, ela matou um deles e agora ainda se põe com...

Se fores ter com ela, acabam à castanhada outra vez. Eu até gostaria de ver, mas acho que não queres fazer isso à frente da Mamã, pois não?

A vontade do jovem era discordar, mas o thuragar tinha razão. Lhiannah parecia estar particularmente volátil, e qualquer aproximação da sua parte só poderia causar faíscas. Resignado, retomou o seu assento de pernas cruzadas defronte da fogueira e esperou que Worick fizesse o mesmo.

Agora, o que é que há para comer? Se forem ratos, juro que corro tudo nesta caverna à cachaporrada, pedras me partam...

O GUARDIÃO DO MAR

O mundo de Quenestil era escuridão, silenciosa e envolvente, isolando-o das sensações mundanas como um manto mortuário.

A sua primeira chispa de consciência foi de que estava morto. O seu corpo não reagiu, pois parecia que ainda não havia entrado completamente nele, que flutuava sobre uma figura inanimada de carne e osso que lhe recusava obstinadamente a entrada. No entanto, um por um, os seus sentidos foram regressando. Aos seus ouvidos chegaram-lhe ruídos indistintos que não soube identificar. Rangidos? Madeira? Era difícil dizer. A sensação seguinte foi a de sal na boca salsa e seca, isso e uma camada de algo seco e quebradiço que lhe cobria a pele. Esse desconforto inicial despertou-o para outro bem mais agudo.

Dor.

A sua cabeça latejava de dor, que lhe tapou os ouvidos acabados de despertar. O eahan grunhiu e os seus lábios gretados estalaram dolorosamente quando cerrou os dentes. Algo ardente lhe punccionava a testa e fez com que Quenestil abrisse por fim os olhos, e então sentiu um tipo diferente de dor quando a luz lhos queimou.

O shura grunhiu, abrindo os cantos gretados da boca enquanto escudava com as mãos os olhos da ardente luz que os castigava, fazendo estalar a camada seca que lhe cobria a pele. Algo... alguém lhe agarrou os pulsos, e uma voz tentava a custo fazer-se ouvir.

Quenestil! Quenestil, sou eu, Slayra, *Slayra!* Quenestil, pára, está tudo bem!

O shura acalmou de imediato. Duas mãos pegaram-lhe gentilmente a cara e uma sombra abrigou-lhe os olhos da luz. Quando os tornou a abrir, Quenestil viu apenas um vulto escuro, que lentamente se

transformou numas feições borradas, que acabaram por se moldar no belo semblante de uma eahanna.

Slayra...? rouquejou.

A eahanoir abraçou-lhe o pescoço, e esse aperto pareceu reter toda a pressão na sua cabeça dorida de forma penosa. O grunhido do shura fez com que Slayra o libertasse, mas não antes de o beijar com lábios e língua salgados, humedecendo a sua boca ressequida.

Fica quieto, meu amor. Tens a cabeça ferida, deixa-me tratar-te...

Onde estamos...? perguntou, olhando em redor mas distinguindo pouco com a ainda fraca visão. Algo lhe pendia defronte do olho esquerdo e o shura fez tentações de o remover, mas Slayra agarrou-lhe a mão.

Não tires, são pontos! Estamos a salvo, não te preocupes. Agora fica quieto e...

Que sítio é este? insistiu o eahan, sentindo o toque de madeira quando apoiou as mãos no chão para se erguer.

Slayra tentou impedi-lo, mas o shura acabou por cambalear para os seus pés e a eahanoir optou por o apoiar, segurando-lhe o braço. Uma brisa salgada saudou Quenestil quando este se ergueu, avivando-lhe os sentidos. Esfregou os olhos com pestanas encrostadas de sal e tornou a olhar em redor, apercebendo-se pela primeira vez de que estavam numa bizarra embarcação, uma enorme jangada de madeira com mastro e vela. Com os sentidos mais avivados, começou a sentir a camada cerosa e seca que lhe cobria a pele, mas antes que a tentasse raspar, o eahan sentiu outra presença para além de Slayra e virou-se para a confrontar, levando a mão ao punho do facalhão embainhado, que por sorte não se soltara. Os seus músculos retesaram-se e um rosnido escapou-se-lhe da garganta assim que viu o homem que os observava sentado de pernas cruzadas, mas Slayra envolveu-lhe o tronco num amplexo restnngente.

Quenestil, está tudo bem! Este homem salvou-nos, foi ele quem nos tirou do mar! Se não fosse ele, podíamos estar mortos, acalma-te!

Era demasiada informação para alguém que acabara de despertar após um incidente tão violento como o que vitimara ambos os eahan, e Quenestil não estava disposto a confiar em nada para além dos seus instintos.

Quem é você? perguntou, mais um rosnar que uma série de palavras. Slayra ainda o agarrava, mas o shura permanecia de pernas flectidas e músculos tensos.

O indivíduo sentado limitava-se a olhar, inclinando a cabeça com curiosidade enquanto estudava Quenestil. Era um homem velho,

idoso mesmo, com uma longa barba e bigode brancos que se aninhavam no regaço formado entre as pernas cruzadas pela sua toga azul desbotada pelo Sol, que também lhe tostara a pele após o que só podiam ter sido anos seguidos de exposição. A sua testa alta, que ganhava terreno com a progressiva perda de cabelo níveo, estava vincada por rugas como um campo sulcado, com um par de sobrancelhas brancas farfalhudas no lugar de arbustos por desmoitar por cima de olhos estreitos e um nariz de grandes narinas. O cabelo estava apanhado na nuca num comprido rabo-de-cavalo e dele pendiam o que pareciam ser algas ressequidas. A sua única peça de indumentária era a desbotada toga azul, de resto andava descalço e adornava-se com oferendas do mar: um colar de conchas ao pescoço, brincos de pequenos caramujos nas orelhas, pulseiras de osso e pele de peixe nos pulsos, um enorme búzio a fazer de espaldeira ao ombro e inúmeros penduricalhos de espinhas e ossículos na barba. Vendo que o seu escrutínio estava a deixar Quenestil impaciente, o homem falou.

Saudações, shura. Folgo em ver que o teu ferimento não é tão grave quanto parecia...

Quem é você? interrompeu o eahan.

Apenas um humilde servo da Mãe. Vendo que isso não aquietara o seu interlocutor, o homem ergueu-se com a ponderabilidade dos anos. Apesar de compreensível, a tua postura é injustificada. Estão em segurança na minha jangada e não tenho motivo algum para vos querer mal, pois nada fizeram nos meus domínios que pudesse ser considerado desrespeitoso... e há tanto tempo que não tenho uma boa conversa...

Quenestil ainda estava hesitante, pois ainda não se sentia capaz de confiar em nada para além dos seus instintos, mas teve a presença de espírito para se aperceber de que estava a falar com um druida azul, um protector dos mares.

Ouve o que ele diz, Quenestil. Agora pára de ser teimoso e senta-te para eu te tratar dessa ferida! repreendeu-o Slayra, puxando o shura, que se deixou sentar.

Eu... peço desculpas, Guardiã disse o eahan, meio *atabalhado*.

São aceites, shura. Ambos passaram por uma dura provação, pelo que a menina me contou...

Quenestil fechou e abriu os olhos, mas quando tentou esfregar as têmporas, Slayra esbofeteou-lhe a mão.

Não mexas aí! Tens uma ferida feia e eu ainda não acabei de a tratar disse a eahanoir, pegando numa espinha e no que pendia à frente do olho do eahan, um fio de barba de baleia que usara na falta de linha para suturar o corte por cima do sobrolho do eahan. Agora fica quieto enquanto eu coso isto.

Slayra parecia quase alheia à presença do druida, que permanecia de pé e de braços cruzados, mas Quenestil não o conseguia ignorar e fitava-o com atenção recíproca.

O que aconteceu? perguntou a Slayra, cerrando o olho quando sentiu o picar da espinha na sua pele.

Não enrugues a testa! exclamou a eahanoir num misto de comiseração e irritação. Foi tudo muito rápido, tu atacaste o marinheiro, os outros caíram-te em cima e um deles acertou-te com um pau na cabeça. Atiraram-te ao mar depois disso e eu mergulhei atrás de ti. Com um olho entreaberto, Quenestil olhou brevemente para Slayra com o outro, e nesse fugaz vislumbre a eahanna viu mais amor que durante todas as semanas que passara com o shura no ermo desde Jazurrieh. E... e...

Sim...?

... e alguém nos atirou uma bóia. O capitão, aquele marujo que te deu a cerveja, ou se calhar foi só algo que caiu na confusão, não sei, mas eu deitei-lhe a mão e foi isso que nos salvou, porque com o meu ombro e contigo inconsciente eu nunca teria conseguido aguentar com nós os dois. Slayra calou-se por momentos para puxar o fio de barba de baleia pela nova punção que fizera na testa do eahan. Não sei quanto tempo ficámos ali a flutuar; não sabia qual a direcção da costa, não valia a pena seguir o navio e acho que também não me aguentava se tivesse começado a nadar, mas a meio da noite distingui uma embarcação no escuro e comecei a gritar. Era esta jangada, e aquele senhor salvou-nos: tirou-nos da água e ajudou-me a cobrir-te com gordura para não morreres de frio. Quenestil olhou para o seu antebraço e viu com outros olhos a camada gretada que lhe cobria a pele.

Gordura de gaivota esclareceu o druida. Pode raspá-la agora, se quiser, bem sei que é incómoda, foi só para não morrer de frio. Quenestil semicerrou o olho por cima do qual estava a ferida que Slayra suturava e tentou acalmar-se para reflectir sobre tudo o que acontecera. Fora tudo tão rápido e desordenado desde a morte de Babaki... A menina disse-me que pretendem ir para Tanarch. Por coincidência, é para lá que me dirijo, e terei todo o gosto em vos

escoltar até lá, isto é, a menos que não o queiram. Posso levar-vos para terra e daí seguem o vosso rumo, se assim o desejarem... Slayra sorriu, sem tirar os olhos daquilo que estava a fazer.

Acho que essa hipótese nem se põe... Olhou para Quenestil como a pedir concordância, mas o eahann não correspondeu.

Muito bem... estejam à vontade. Dêem-me só uns momentos... O druida sentou-se, pegou em dois búzios e colocou-os por cima dos ouvidos. Slayra olhou para a bizarra figura que o homem fazia e devolveu a sua atenção a Quenestil, falando em voz baixa.

Pareces um eahanoir. Nós podemos confiar nele; se nos quisesse mal, já o podia ter feito há muito, estivemos nas suas mãos e ele só nos ajudou. O shura fitou a eahanna nos olhos, desfocando o fio de barba de baleia que se interpunha entre as faces de ambos. Poderia confiar nele, em quem quer que fosse? A primeira coisa da qual se lembrara fora o sério revés às suas convicções que sofrera às mãos do druida negro de Moorenglade, isso e a cilada armada pela família latvoniana, bem como o recente ataque dos marinheiros. Naquele momento, não se sentia muito inclinado a confiar num desconhecido, mesmo que Slayra se fiasse nele, mesmo que se tratasse de um Guardião. A eahanoir leu tudo isso nos olhos de Quenestil e suspirou. Qual dos dois havia mudado mais; e para melhor ou para pior? Executou uma última punção nos lábios da ferida na testa do shura, que lançou um último estremeção e soltou o comprimento de fio que sobrava na espinha, descartando-a.

Bom, já está.

Quenestil tacteou o ferimento suturado e ergueu-se. A cabeça ainda lhe doía e os lábios gretados da boca sangravam das inúmeras pequenas aberturas que fizera ao abri-la e cerrar os dentes. Apoiou-se no mastro da jangada, cuja vela de lona se encontrava remendada em vários sítios com pele de animais marinhos, e observou o mar que o rodeava até onde a vista alcançava. O céu estava claro, com alguns isolados farrapos de nuvens errantes, e a luz do Sol reflectia-se nas águas cerúleas, criando estonteantes padrões luminescentes dos quais achou melhor desviar o olhar. A jangada em questão era de construção simples, constituída por troncos sólidos escurecidos pela água, um mastro com vela, um pequeno abrigo improvisado de madeira com um sobrecéu de lona e uma pequena cerca coberta por mais lona onde o druida guardava as suas posses. Na parte traseira da embarcação havia ainda uma armação de madeira e rede atrelada à jangada. Havia algo de meticuloso e arrumado na estranha embarcação: cada concha

aparentava ter o seu lugar, os esqueletos de peixe davam a ideia de estarem pendurados numa ordem específica e as linhas de pesca estavam ordeiramente enroladas nas varas atadas aos postes dispostos na borda. Tudo indicava que a jangada era também a casa do druida, um lar que podia ser percorrido de uma ponta à outra em quatro passos, sem contar com a armação atrelada. O homem continuava sentado de pernas cruzadas, de olhos fechados e com os búzios enfiados nos ouvidos, como se estivesse a auscultar as redondezas.

Quanto tempo...? perguntou a Slayra sem tirar os olhos do homem que, sem aviso prévio, pousou os búzios e levantou-se em resposta.

Oito mudas da Lua, shura. Isto se as condições continuarem favoráveis, é claro... com estas correntes e ventos é difícil precisar.

Os olhos do eahan arregalaram-se e Slayra pôs-lhe de imediato a mão no ombro.

Não sei quanto isso é, mas não pode ser mais do que demoraríamos se fôssemos por terra...? duvidou a eahanoir, algo incerta.

Não... acabou Quenestil por concordar. Não pode.

Não costumo ter visitas... comentou o druida, alheado das trocas de palavras dos eahan. O peixe que tenho é pouco para três bocas, e a água que apanhei das últimas chuvas não vai durar muito, principalmente porque vocês vão ter de lavar o sal dessas vossas delicadas peles. Para além disso, as noites são frias e as vossas roupas, principalmente as da menina, não são adequadas. Hummm, vamos ter de tratar disso tudo... Ambos os eahan ficaram a olhar em silêncio para o druida, que continuou a murmurar sem esperar qualquer resposta deles. Mas não temam. A Mãe é generosa, e o mar providencia-nos aquilo de que necessitamos se soubermos procurar... bom, primeiro, se calhar teremos de beber água do mar para conservar a doce de que dispomos...

Água do mar?!

Não tenham medo que ela não vos faz mal nenhum. Convém começar a bebê-la logo de início, pouco, não mais que uns quantos goles, os vossos corpos hão-de se habituar... bom, tenho a certeza de que tudo se resolverá a seu tempo. Se me dão licença... O druida puxou a túnica despidoradamente por cima da sua cabeça e pendurou-a numa das cordas do mastro. Tanto Quenestil como Slayra ergueram as sobrancelhas perante o longilíneo e atlético corpo daquele homem que certamente teria mais anos que os dois eahan juntos. Décadas a nadar no mar haviam-lhe esculpido o tronco, visivelmente

dotado de vigorosos pulmões, e as suas pernas pareciam alongadas como barbatanas. Como eremita que era, padecia de uma certa falta de modéstia, que se manifestava na maneira despreocupada como caminhava desnudo pela jangada enquanto fazia as últimas preparações antes de mergulhar.

Têm peixe ali na despensa, comam à vontade convidou, indicando a cerca coberta de lona. Lá dentro há também umas carapaças de tartaruga com água doce; só vos peço que tenham muito cuidado para não a entornar... ah, mas a menina já sabe, eu já lhe disse isto tudo, não foi? Ótimo, então estejam à vontade que eu já volto e antes que o pudessem impedir, o homem pulou jangada fora, mergulhando com toda a elegância de um peixe e desaparecendo da vista dos dois eahan.

Será que também vais ser assim quando fores mais velho? perguntou Slayra pouco depois, jocosa, pois eahan não enfezavam como os humanos e conservavam uma aparência saudável mesmo durante a velhice, apesar de dificilmente poderem almejar um porte atlético como o do druida.

O shura pareceu não ligar, olhando apreensivamente em redor, principalmente para o ponto do mar no qual o druida desaparecera e ao qual afluíam bolhas. Ainda não estava sossegado. A eahanoir suspirou e agarrou-o pelos ombros, forçando-o a cruzar o olhar com o seu.

Quenestil, estamos juntos, estamos a salvo e estamos a dirigir-nos para Tanarch. O que é que tens?

O eahan ruivo tinha muita coisa naquele momento, mas os olhos azul-claros de Slayra, inchados e avermelhados com a falta de sono e contacto com o sal, despertaram-no para outras preocupações.

O teu ombro? perguntou, pegando-lhe delicadamente o cotovelo do braço ferido.

Olha... no meio disto tudo quase me ia esquecendo dele apercebeu-se a eahanoir. Já deve estar quase bom. Deve estar, se aguentei contigo agarrada a uma bóia de cortiça durante a boa parte de uma noite e...

O beijo inesperado de Quenestil abafou-lhe as palavras. Braços fortes apertaram-na contra o tronco do eahan num cuidadoso amplexo abaixo das omoplatas, que ainda assim não passou despercebido ao ombro ferido de Slayra, que o ignorou por completo. Lábios secos e estalados arranhavam-lhe a boca, mas a eahanna recebeu-os com avidez, deixando-se levar pelo arrebatador abraço. Quando foi liberta,

Slayra pendia languidamente dos braços do shura, vendo finalmente algo mais que dureza e mágoa nos olhos cinzentos pelos quais se apaixonara.

Para que foi isso...?

Para o braço explicou Quenestil, esboçando um sorriso com os lábios feridos e limpando com o polegar as pequenas manchas de sangue que deixara nos da eahanoir. Tens fome?

A eahanna acenou positivamente com a cabeça, sem tirar os olhos dos do shura, sem nada dizer, temendo quebrar aquele momento.

Sabes onde ele guarda os peixes? perguntou o eahan.

Sim, ele mostrou-me umas carapaças de tartaruga cheias de sal com peixes lá dentro.

Isso come-se? duvidou Quenestil, que só agora começava a sentir a secura na sua garganta.

Acho que sim, mas não antes de bebermos qualquer coisa... Slayra virou de imediato o olhar para o abrigo do druida. Ele deu-me de beber antes de acordares. Vem, eu mostro-te convidou, puxando-o pelo braço e destapando a cerca que servia de despensa.

Lá dentro havia várias sacolas de pele de peixe, três carapaças de tartaruga cheias de sal e duas grandes com água que oscilava consoante o vacilar da jangada. Com muito cuidado, Quenestil pegou numa delas pelas bordas e ergueu-a para fora, repreendendo-se por algumas gotas entornadas. A primeira reacção do eahan perante a mera visão de água foi a de a atirar à cara para a beber, mas por sorte Slayra foi rápida o suficiente para o impedir.

Calma! Não o ouviste? Temos de a poupar.

Algo envergonhado com a sua reacção, o shura nada disse.

Toma, usa isto sugeriu a eahanoir, passando-lhe um coniforme búzio rosado que aparentemente servia de copo. Humedece bem a boca primeiro e gorgoleja um pouco, foi o que ele me disse.

Quenestil assim fez e bebeu a água salobra avidamente, fingindo não ouvir Slayra enquanto sorvia uma segunda dose e apenas conseguindo controlar-se antes de ingerir a quarta.

Deuses... exalou, aliviado. Parecia que me tinham enchido a boca de sal.

Foi mais ou menos o que aconteceu... observou Slayra, bebendo comedido. Vamos experimentar aquilo então?

Os dois eahan tiveram de desenterrar os peixes dos seus jazigos salinos dentro das carapaças, abrasando as feridas nos dedos, e assim que os provaram questionaram-se de imediato se o esforço valera a

pena. Para além de intensamente salgada, a carne tinha uma consistência correenta e parecia sugar toda a saliva que tinham na boca. Não obstante, era um alimento sólido, e os seus estômagos estavam vazios, pelo que começaram a engolir forçadamente os salgados filetes. Cuspindo espinhas para o mar e apaziguando as gargantas suplicantes com moderados goles de água, os eahan comeram com o único intuito de dar energia aos seus corpos cansados. No fim da pouco agradável refeição aperceberam-se do quanto já haviam drenado da carapaça de tartaruga e decidiram parar, embora a sede os continuasse a atormentar mesmo após terem bebido por três vezes um último trago.

E agora? inquiriu o shura, olhando em redor. Esperamos?

Que mais podemos fazer...? Olha, ali está ele! disse Slayra, indicando um pequeno ponto branco na água que depressa tornou a submergir. Espero que esteja à pesca.

Sim... concordou Quenestil, absorto, puxando a eahanoir para si, sem tirar os olhos de onde o druida desaparecera. Era evidente que uma tempestade de pensamentos se estava a desenrolar na cabeça do shura.

O que se passa? quis Slayra saber. O eahan suspirou longamente.

Nada... tudo... nem sei ao certo. Tenho de pôr as coisas em ordem na minha cabeça. A eahanoir encostou a sua ao ombro tenso de Quenestil, que nela apoiou o lado do rosto. Mas pelo menos tenho-te comigo.

Sim... concordou Slayra por sua vez, abraçando a cintura do eahan com o braço bom. Pelo menos estamos juntos.

"Juntos...", repetiu o shura na cabeça, conjurando imagens de um passado não muito distante...

Não te vamos deixar enfrentar os perigos que te esperam sozinho assegurou Babaki. Estamos todos contigo.

Muito obrigado, meus amigos. Não sabem o quanto isto significa para mim.

O antroleo pôs a sua enorme mão no ombro do seu amigo. Juntos?

Aewyre parou e colocou a sua mão por cima da de Babaki. Juntos enfatizou...

... juntos... reiterou Quenestil, mirando as nuvens revoltas no céu, imaginando-as como campos niveos nos quais um antroleo para sempre rugiria, eterno.

PREDADORES DA NOITE

O silêncio reinava incontestado na húmida caverna. Extenuados e feridos, os Corações Quebrados que haviam participado na incursão convalesciam no sono dos justos, cobertos por quentes mantas de lã. Aewyre estava deitado de barriga para cima, Ancalach a seu lado, Allumno permanecera na sua posição sentada de pernas e braços cruzados e cabeça baixa, parecendo meditar em vez de dormir, Lhiannah oscilava entre o sonho e o mundo real, executando gestos nitidamente despertos e Worick por uma vez encontrara a posição certa para o pescoço e não ressonava. Apenas Taislin permanecia acordado, agarrado às pernas e de queixo apoiado nos joelhos, balanceando-se para a frente e para trás enquanto entoava uma quase inaudível canção gutural. Era sempre assim, locais novos com pessoas novas tiravam-lhe o sono, queria conhecer, falar, observar, cheirar, e fatalmente todos acabavam por adormecer quando o burrik ainda estava a meio das suas explorações.

”Cambada de chatos, dorminhocos...”, pensou, erguendo-se num brusco movimento, cheio de energia por gastar.

Os olhos felinos de Taislin aproveitavam a luz das mortijas brasas das fogueiras e moribundas lamparinas e o burrik conseguia ver tão bem como se estivesse no exterior ao entardecer, observando as filas de corpos refastelados que respiravam regularmente. Lhiannah mexeu-se mais um pouco e olhou em redor, sem reparar no burrik que permanecia nas sombras, e tornou a deitar-se sem no entanto dar mostras de adormecer. Taislin considerou a hipótese de ir falar com a princesa, mas a arinnir estivera tão assanhada após o combate que reconsiderou e optou por dar o seu terceiro passeio nocturno pela caverna. Entreteve-se a caminhar aos pinotes, saltando por cima dos corpos e aterrando com destreza entre

pernas e braços sem nunca tocar em ninguém. Aproximou-se da cerca que separava o resto da caverna do monte de cascalho para uma melhor observação, mas a luz era insuficiente para ver algo que lhe satisfizesse a curiosidade, apenas pedregulhos e calhaus enormes entre cujas frestas e debaixo dos quais os garigonor dormiam, enterrados como toupeiras. Taislin achara piada à cena da primeira vez, mas já não lhe via a graça e suspirou de enfado, tornando a palmilhar o seu percurso de corpos adormecidos na direcção do túnel que dava para o exterior. Já saíra uma vez para fazer as suas necessidades e não achara minimamente difícil passar pelas entediadas sentinelas da sinuosa galeria.

”Pelo menos lá fora sempre se passa alguma coisa. Se calhar dou uma volta com a Alfarna, ou vou apanhar ratos, ou então ponho-me a fazer barulho para acordar estes chatos...”, matutou o burrik enquanto deslizava com pés de lã pelo túnel, atento ao piso irregular. Havia duas sentinelas no turno da noite; uma a meio do túnel e outra postada à entrada, nenhuma das quais fora particularmente difícil de evitar.

Foi com um certo desapontamento que Taislin constatou que a cadeira da primeira sentinela estava vazia, iluminada por uma candeia aninhada num nicho na parede. Que chatos, nem sequer essa satisfação lhe davam! Ainda se permitiu uma réstia de esperança ao ouvir um ruído vindo do fim do túnel, mas não era o de passos e não se repetiu. Suspirando como uma criança à qual fora tirado um brinquedo, Taislin avançou resignado com uma curta e aborrecida caminhada. No entanto, o ruído acabou por se repetir e o burrik parou tão bruscamente que dava a ideia de que todos os seus músculos haviam gelado. Não fora o ruído de passos de bota, mas sim algo cuidadoso e sorrateiro, um deslize de alguém que não queria ser ouvido.

Um deslize de alguém que vinha na sua direcção.

O burrik recuou uns passos, acocorou-se como um gato e apurou olhos e orelhas em frente. Conseguia distinguir agora os passos cuidadosos de um grupo, certamente mais do que dois homens, tão cautelosos que apenas o mero peso dos seus números os tornava audíveis. Após mais alguns passos entraram no campo de visão de Taislin, que engasgou ao ver os feixes amarelos coados de uma lanterna esburacada carregada por um dos sorrateiros desconhecidos que caminhavam de pernas flectidas e lâminas desembainhadas.

O guincho que lhe escapou da garganta foi agudo e ecoou pelo túnel e pela caverna adentro. Os intrusos pararam, surpresos, mas o burrik ergueu-se de um salto e principiou a correr para trás.

Acordem, acordem! berrou Taislin, correndo como poucas vezes correria. As suas pernas começaram a mexer-se de sua própria

vontade quando passos pesados e vozes fragosas estrondearam atrás de si com matança no seu intento. O burrik pegou na candeia ao passar pelo posto da sentinela e atirou-a para a retaguarda, estilhaçando-a e espalhando o seu conteúdo numa pequena carpete flamejante que esperava conseguir-lhe mais uns instantes para se distanciar dos seus perseguidores pernlongos. Acordem! ACORDEM! Inimigos!

A caverna na qual entrou não parecia a mesma. Homens agitados levantavam-se atarantadamente, tropeçando e estendendo as mãos às armas que mantinham perto de si. O burrik desembainhou dois punhais e, virando-se para trás, arremessou-os contra o intruso que carregava a lanterna, alojando-lhos no tórax. O homem engasgou-se e levou as mãos ao peito, largando a lanterna e caindo de joelhos. Os outros entraram de armas em riste, gritando em Leochlan e prontos para a matança.

Aewyre fora dos últimos a adquirir controlo sobre o seu corpo dormente, mas crisar os dedos no punho de Ancalach fora das primeiras acções involuntárias que tomara. Estava escuro e os seus olhos tardaram em adaptar-se às condições de luz enquanto o guerreiro fazia uma fútil tentativa de se levantar, conseguindo apenas acorazar-se. O pé de um desconhecido pisou-lhe a lâmina da espada e manteve-a contra o chão, impedindo Aewyre de a erguer. Com um novo jorro de calor a afogear-lhe o peito, o guerreiro olhou para cima para ver quem pisava Ancalach, mas um outro pé atingiu-o em cheio no queixo, projectando-o para trás antes que os seus olhos pudessem distinguir o seu agressor e fazendo com que largasse a espada. Os seus dentes estalaram com força uns contra os outros e o guerreiro ficou estendido de costas no chão, atordado e à mercê de quem o atacara.

Allumno fora arrancado da sua meditação à força pelos gritos de Taislin e os seus ensonados joelhos cambaram quando o mago se tentou levantar. Por sorte, meditara com o cajado estendido sobre as pernas e teve a presença de espírito para o agarrar e nele apoiar o seu peso enquanto canalizava Essência quase inconscientemente para os seus olhos de modo a ver o que se estava a passar, apesar de ter de imediato percebido que estavam a ser atacados graças ao estertor da luta que começou. O seu primeiro instinto foi o de focar a sua atenção em quem estivesse mais perto da entrada da caverna e lá viu vultos a combater. O cântico arcano que recitou teria resultado em vários feixes energéticos que atingiriam os atacantes, mas a voz do mago saiu-lhe indistinta, as palavras atabalhoadas, a sua mente desfocada, e o feitiço não resultou. Foi o som de passos atrás de si e o silvo do aço que verdadeiramente

avivaram o mago, clareando-lhe a mente. Allumno reforçou o seu cajado com a Palavra e com ele varreu para trás de si, bloqueando no último instante uma espadada lateral. Nos movimentos borrados do combate, não distinguiu o seu adversário, mas também estava mais preocupado com as duas espadas que este empunhava. Sabia que o seu cajado não iria aguentar outro embate assim que viu o seu oponente levar as duas armas acima para desferir um mortífero duplo golpe lateral. Por sorte, o seu adversário atrapalhou-se com o piso irregular da caverna e o mago limitou-se a acompanhar a desajeitada cutelada e desviá-la, ficando cara a cara com o atacante e vendo quem era.

Lhiannah...? pasmou-se.

A princesa rosnou e puxou a espada para trás, agredindo Allumno na cara com o pomo rosáceo da arma e derrubando-o. Ergueu a outra mão, que empunhava Ancalach, e preparou-se para acutilar o pescoço do mago tombado, mas todo o peso de Aewyre abateu-se sobre a suailharga numa desesperada carga de ombro, deitando-a por terra e privando-a de ambas as espadas.

Como já era hábito, Worick dormira dentro da sua armadura (sentindo-se nu com o braço do escudo enfaixado e descoberto), pelo que para o belicoso thuragar fora apenas uma questão de pegar no martelo e levantar-se assim que ouvira os primeiros gritos. A luta começara pouco depois e, vendo melhor que qualquer um dos presentes na escuridão, o general em Worick avaliou de imediato a situação. Sete indivíduos seguramente bem armados e bem treinados contra vinte e cinco acabados de acordar e de roupa interior.

A coisa podia correr mal...

Com um urro, o thuragar precipitou-se sobre a pugna, aproveitando o espaço deixado por um Coração Quebrado que tombara agarrado à barriga. Investiu em frente com o espigão do seu martelo, obrigando um dos intrusos a recuar, e antes que alguém pudesse reagir, puxou-o para trás e varreu com ele o ar à sua frente. Em perfeita sincronia, os atacantes recuaram, relaxando e expandindo a refrega, mas de pouco mais serviu, pois os Corações não sabiam o que esperar de Worick e baixaram as cabeças e recuaram eles também.

AMANIL! urrou o thuragar careca, lançando-se desarmado contra um dos agressores, que lhe desferiu um corte no abdómen antes de cair violentamente ao chão com o desenfreado guerreiro por cima.

Um dos atacantes preparava-se para ajudar o seu companheiro, mas Worick deu-lhe uma boa razão para se preocupar consigo mesmo

na forma de uma oscilação de martelo destinada ao seu ombro. O homem evitou-a com um passo lateral e respondeu com uma estocada que rompeu as ligaduras do ombro descoberto do thuragar e lhe punctionou a carne.

Pedras me partam, e eu ainda estou a ajudar a alimária que me partiu a armadura do braço?!? espumou Worick, varrendo em fúria e mantendo amigo e inimigo à distância.

Animal! bramiu o próprio como em resposta, esmigalhando com uma cabeçada o nariz do atacante que derrubara.

Lhiannah, o que é que estás a fazer? perguntava Aewyre incrédulo, agarrando os pulsos da princesa, que se debatia furiosamente debaixo de si. Pára!

A arinnir esticou o pescoço para o lado e, ao ver Ancalach fora do seu alcance, devolveu a sua atenção a Aewyre com uma cabeçada na boca e uma pancada na face com a palma da mão que o tirou de cima de si. Começou a arrastar-se na direcção da Espada dos Reis e estendeu a mão para a agarrar, mas Aewyre pegou-lhe o tornozelo e puxou-a para trás. Lhiannah escoiceou com o pé livre, mas o guerreiro prendeu-lho entre o braço e o tronco e manteve o aperto numa tentativa de impedir a princesa de se mover, mas era a mesma coisa que tentar reter uma gata pegando-a pela cauda e Lhiannah continuou a contorcer-se em violentas convulsões para se libertar. A arinnir parecia possessa, totalmente indiferente à sua integridade física e apenas preocupada em ter Ancalach em sua posse a todo o custo. Com os espasmos do seu tronco ia arrastando Aewyre para a frente e para perto de Ancalach, esticando o seu braço até ao limite para a agarrar.

Lhiannah, pára! O que é que estás a fazer?

Com uma derradeira contorção, a princesa conseguiu chegar perto o suficiente da Espada dos Reis para a tomar em mão. Aewyre arregalou os olhos ao ver o princípio do golpe em arco descendente que lhe iria partir a cabeça em dois e largou as pernas de Lhiannah para se desviar para o lado, sentindo nos pés a vibração causada pelo estrídulo embate da lâmina de Ancalach na pedra. O guerreiro sabia que a força do golpe percorreria o braço da arinnir e faria com que os seus dentes rangessem, mas se a princesa o sentira não deu mostras disso, pois a sua acção seguinte foi tentar varar Aewyre ao chão, o que o guerreiro evitou rebolando para o lado e deixando a princesa cravar a ponta de Ancalach em pedra calcária. Apoiando-se com as mãos contra o chão, Aewyre varreu a espada das mãos de Lhiannah com o pé e a lâmina deslizou pelo

piso irregular, clangorando para trás da cerca que os separava da parte ruída da caverna e embatendo contra um dos pedregulhos, assustando os já apavorados garigonor, que se escondiam gemebundos entre as frestas dos penedos. A arinnir perdeu então todo o interesse no guerreiro e correu atrás da arma, alheia ao combate e aos gritos e clangores. Aewyre levantou-se e perseguiu a princesa, saltando-lhe em cima assim que alcançou a distância desejada e despedaçando a frágil cerca ao cair agarrado a Lhiannah, que rebolou com o guerreiro pelo chão até o ímpeto de ambos ser bruscamente travado por um penedo. Os dois guerreiros lutaram brevemente pela posição superior e Aewyre, mais forte e pesado, ganhou, embora fosse um triunfo de pouca dura, pois as unhas de Lhiannah ferraram-se-lhe na cara e perto o suficiente dos olhos para cegar o guerreiro momentaneamente. Aewyre não viu nem pôde evitar que o pé da arinnir lhe batesse no peito e foi uma vez mais descartado pela princesa, cujos passos ouviu a arrastarem-se para perto do local onde Ancalach encalhara. O guerreiro tateou cegamente com uma mão enquanto a outra lhe resguardava os olhos lesados, procurando algo em que se pudesse apoiar, e assim que encontrou um amparo, levantou-se de imediato, tentando enxergar. Ouviu Ancalach silvar ao ser erguida do chão e soube que estava em apuros mesmo antes de conseguir distinguir vagamente a silhueta atacante da princesa. Desviou-se de um golpe e de outros mais que se lhe seguiram numa fulminante e desajeitada sequência na qual a lâmina vibrava e tinia ao embater contra pedra, faiscando e fazendo entalhes na rocha. Um calhau deslizou do seu encaixe assim que Aewyre o pisou, fazendo com que o guerreiro tropeçasse e forçando-o a tentar transferir o seu peso para outro, que também não aguentou e cedeu, afundando-se. Ancalach seguia cada movimento seu, silvando e faiscando como uma serpente acerada sequiosa de enterrar as suas presas em carne, e foi necessária toda a perícia do guerreiro só para se conseguir levantar sem perder um membro ou a cabeça. Lhiannah grunhia ferozmente enquanto ambos saltavam pelos enormes pedregulhos numa furiosa dança de caçador e presa, tropeçando e rebolando até que, por fim, um pedregulho surgiu detrás das costas de Aewyre, bloqueando-lhe o caminho. O guerreiro ponderou instintivamente as rotas alternativas para os lados, mas a arinnir não lhe deu tempo de escolher e investiu, orientando a ponta de Ancalach para o estômago de Aewyre, que a evitou com um golpe de ancas, deixando-a embater agudamente contra a pedra.

Chega! gritou o guerreiro e, antes que a princesa pudesse puxar a espada para trás, não se conteve e desferiu um sólido murro na

cara de Lhiannah, que expeliu saliva com a força do golpe, girou em si e baqueou redonda. Ancalach tiniu de alívio, caindo a seu lado e o guerreiro ficou momentaneamente parado, ofegando e mantendo o punho cerrado enquanto olhava para o agora inerte corpo da arinnir, que jazia de barriga para o chão.

Alarmado pelos ruídos da refrega, pegou na espada e decidiu pensar mais tarde acerca do que se passara, mas antes que pudesse levar a cabo as suas intenções, o pedregulho sobre o qual estavam inclinou-se bruscamente, forçando o jovem a agitar os braços para manter o equilíbrio.

Mas que raio...? praguejou antes de se aperceber de que a pedra estava a inclinar-se cada vez mais e que Lhiannah começava a escorregar. Algo rachou ruidosamente debaixo dos seus pés e cascalho principiou a escorrer.

Aewyre agarrou o pulso de Lhiannah, mas uma súbita inclinação do pedregulho impossibilitou-o de puxar a princesa para trás e o guerreiro também escorregou, derrapando com o traseiro pela pedra e para a escuridão em baixo. Instintivamente, largou Ancalach e agarrou Lhiannah com as duas mãos, abraçando-a protectoramente.

Uma súbita sensação de vazio fez-se sentir quando nada se interpôs entre Aewyre e as trevas ascendentes para as quais estava a cair, montando uma onda de penedos e pedregulhos.

Pedra a rachar, fender e estalar por todo o lado.

Dor nos embates contra rocha fria e dura.

O coração a bombear, retumbante.

Sangue a pulsar nos ouvidos.

Os seus amigos em perigo.

O corpo de Lhiannah.

Quenestil, Babaki.

Um grito mudo.

Iam morrer.

O seu pai.

Ancalach.

Nabella.

Caindo.

Negro.

Breu.

Não.

340

Sangue quente escorria no lado da face de Allumno, proveniente do lanho causado pela pancada de Lhiannah. O mago mantinha-se cambaleante em pé com a ajuda do cajado, avaliando a situação. Os seus sentidos haviam-se apagado por momentos e agora não via a princesa em lado nenhum, pelo que se concentrou no furioso combate à entrada da caverna e em como podia ajudar os Corações Quebrados na difícil situação em que se encontravam. Todos haviam sido violentamente despertados pelo guincho de Taislin e, à excepção de Worick, nenhum envergava armadura de qualquer tipo. Os seus movimentos eram lerdos e desajeitados comparados às investidas e golpes fulminantes dos seus adversários, que, apesar de em menor número, pareciam estar a comandar a refrega e a causar mais baixas. Apenas cinco dos sete atacantes permaneciam de pé, mas o mago viu pelo menos dez Corações Quebrados caídos, e como não via suficientemente bem para saber se algum deles se tratava ou não de Aewyre, exaltou-se e o único intuito das palavras arcanas que seguidamente proferiu foi o de provocar o caos. A ponta do seu cajado explodiu em luz escarlata, que pouco mais fez que cegar os intrusos e quebrar-lhes momentaneamente o ímpeto. Apesar de virados de costas para o mago, nem todos os Corações deixaram de ser afectados pelo clarão de Allumno e alguns também levaram as mãos aos olhos. O mago preparava outro feitiço, mas Mamã aproveitou a abertura presenteada pelo fulgor escarlata e abriu os braços, partilhando com todos o amor de Assana e prolongando dessa forma o breve cessar do combate que o mago causara. Infelizmente para os companheiros, o amor da deusa estendia-se a todos e os Corações não puderam aproveitar a oportunidade.

Um brusco silêncio instalou-se na caverna.

Worick, refractário a carícias de qualquer espécie, quebrou-o com um possante urro e o seu martelo clamou um dos atacantes, despedaçando-lhe a cabeça e reabrindo as hostilidades. Maneta esmagou a laringe de um adversário com um golpe da ponta do arco ao qual tirara o fio e que usava como cajado na falta de outra arma. Um intruso ergueu-se, encalhou o golpe de um Coração com a adaga que empunhava numa mão e cortou-lhe a garganta com a espada curta da outra, mas foi a última vida que tomou antes de ser varado de um lado ao outro pelo estoque de Pestanas. Os três sobreviventes aperceberam-se de que o balanço fora invertido e tomaram a sábia decisão de retirar, embora nenhum dos Corações estivesse disposto a deixar que o fizessem. Porém, um deles bradou algo em Leochlan e brandiu a sua curta espada, varrendo o ar à sua frente e precipitando-se com abandono

sobre os seus adversários enquanto os outros dois fugiam. Várias lâminas recompensaram o acto ousado do intruso, atravessando-o friamente, mas este agia como se não as sentisse, oscilando maquinalmente com a espada curta, cortando um nariz e parte dum escalpo. O martelo de Worick partiu-lhe o ombro e a clavícula, mas com um braço para além de inutilizado, o outro esticou-se em frente numa convulsão, falhando a garganta de Worick apenas graças ao gorjal do thuragar, no qual a lâmina resvalou.

Pedras me partam! barafustou, recuando de surpresa enquanto os Corações Quebrados faziam de tudo para derrubar o adversário, de cuja boca começou a escorrer fleuma negra. Que bruxaria é esta?

Os olhos do homem permaneciam vidrados em Worick enquanto este tentava avançar, impedido de o fazer pelas lâminas que lhe mutilaram as pernas. Os dedos de uma mão ainda se fincaram no tornozelo de um Coração, mas foram prontamente cortados.

Afastem-se do corpo! gritou Mamã com urgência e os seus homens obedeceram prontamente mesmo antes de verem com os próprios olhos a razão de tanta premência: o cadáver principiou a

”definhar a olhos vistos, a sua carne a apodrecer e a abrir-se em feridas das quais escorriam os seus infectos fluidos.

Faíscas da Bigorna! tornou o thuragar a praguejar enquanto via o corpo a decompor-se a uma velocidade estonteante.

Mainal... secundou Animal, franzindo o cenho manchado de sangue espargido à cabeçada.

A dádiva negra...! murmuraram os Corações, tementes e apreensivos.

Presos pelo horror da visão que se lhes deparava, ninguém pensou sequer em perseguir os dois atacantes que haviam escapado. Taislin, Allumno e Mamã não tardaram a juntar-se ao grupo para observarem o grotesco espectáculo. A líder agarrou-se ao braço do mago, perturbada e mesmo o burrik arregalou os olhos.

Que nojo... comentou.

Morto ou não, o toque do Flagelo ainda se faz sentir disse Allumno, estendendo a mão ao cadáver putrefacto e fazendo uso da Palavra para o atear em chamas.

Os Corações Quebrados recuaram perante o fogo e fitaram o mago com uma certa apreensão nas suas expressões. Finda a batalha, alguns começavam a pensar nas razões do ataque e os estranhos tornaram-se o centro das desconfiadas atenções.

Ainda bem que vos avisei a tempo gabou-se Taislin com a sua característica intempestividade. Imaginem se eles vos tinham apanhado a dormir...

Ninguém parecia disposto a agradecer-lhe e um desconfortável silêncio instalou-se. Os garigonor começaram a convergir lenta e nervosamente ao ajuntamento num misto de curiosidade e receio.

Estão a olhar para nós para quê? E onde está a Lhiannah? inquiriu Worick, olhando em redor. Ei! *Onde* está a Lhiannah?

E o Aewyre? acrescentou Taislin, emulando os movimentos do thuragar.

Allumno perguntava-se o mesmo, mas manteve a boca sensatamente fechada, pois apercebeu-se da delicada situação na qual se encontravam. Maneta, Pestanas e os restantes Corações pareciam ter encontrado alguém para culpar pelo ataque, e ao mago nada ocorria para os demover.

Onde é que eles estão? Lhiannah! berrou Worick, preocupado, preparando-se para virar a caverna do avesso à procura da sua protegida.

Maneta postou-se à sua frente, empunhando o seu longo arco com as duas mãos.

Vamos com calma, thuragar... aconselhou vivamente.- Passa-se aqui algo de que eu não estou a gostar.

E vais gostar ainda menos se não saíres do meu caminho rosnou Worick em resposta, cingindo o aperto no cabo do martelo com as duas mãos. Os garigonor recuaram por prudência, sentindo a hostilidade crescente.

Por favor, acalmem-se todos pediu Mamã. Não se exaltem.

Mamã, de alguma forma os Filhos souberam onde nós estávamos escondidos disse o velho arqueiro enquanto Pestanas se postava a seu lado, achando por bem manter o seu estoque em riste.

E o grandalhão e a loura desapareceram notou um dos Corações, que não se esforçava por disfarçar a adaga que tinha desembainhada.

Estão a insinuar o quê? quis Worick saber, cada vez mais colérico. Querem que vos rache os chifres a todos?

Acalmem-se, por favor! suplicou Mamã, demasiado perturbada para interferir e ciente de que dificilmente conseguiria demover o thuragar.

Animal juntou-se aos seus companheiros, parecendo ansioso por reatar o seu combate com Worick, e o thuragar deu a entender que correspondia a esse desejo.

Taislin? disse Allumno ao burrik a seu lado, mantendo os olhos em Worick.

Sim?

Se o que eu vou fazer não resultar, tenta impedir que o Worick mate alguém ou a mim.

Como...?

O mago nada mais adiantou e pronunciou palavras arcanas, apontando para o thuragar que se preparava para fazer uso do martelo e orando para que resultasse. Suspirou de alívio assim que Worick paralisou subitamente e permaneceu de pé, imóvel mas na mesma posição. Os Corações Quebrados dirigiram-se quase todos ao mago, apontando-lhe lâminas e vociferando ameaças, mas Allumno ergueu as mãos e baixou a cabeça.

Fi-lo apenas para evitar hostilidades. Não desejo lutar, mas sim esclarecer este assunto declarou, abrigo Taislin atrás das suas pernas. Os homens continuavam desconfiados e o mago sabia que não os podia culpar por isso, mas felizmente Mamã conseguiu manter a cabeça fria e acalmou os seus rapazes. Obrigado. Eu também não sei ao certo o que se passou, mas admito a possibilidade de um de nós ter sido o responsável por este ataque.

O quê? guinchou Taislin.

Já agitados devido ao combate, os Corações por pouco não se exaltaram com a confissão do mago. Mamã fez os possíveis para impedir os ânimos de se inflamarem, mas era evidente que aquilo de que os homens mais necessitavam naquele momento era de um bode expiatório, e os companheiros afiguravam-se como os candidatos ideais.

Ouçam-me, por favor pediu o mago. Os nossos dois companheiros desapareceram. Não tenho como vos provar que não fomos nós quem trouxe os Filhos do Flagelo, mas...

Ai não? Então por que é que só fez aquele brilho, que nos atrapalhou tanto como aos Filhos? quis um Coração saber.

O thuragar matou um... lembrou outro, saltando inesperadamente em defesa dos companheiros.

Os Filhos são ardilosos e matam os seus sem problemas proclamou Maneta, convicto.

Chega! interrompeu Mamã. Eu senti-lhes os corações. Eles *não* são Filhos do Flagelo.

E a menina que não quis ser posta à prova? recordou o arqueiro.

A essa questão a mulher não soube responder e olhou para Allumno a pedir ajuda, mas o mago também não sabia ao certo o que dizer.

Eu... acreditem que estou tão confuso como vocês. A Lhiannah atacou-me indicou a ferida na maçã do rosto, que ainda sangrava, mas não sei porquê, e agora ela e o Aewyre desapareceram. Ninguém os terá porventura visto durante o combate?

Os Corações trocaram breves olhares e encolheres de ombros, e nenhum aparentou ter visto Aewyre ou Lhiannah durante o combate.

Ninguém os viu? insistiu Allumno, olhando para os corpos em redor. Quantas saídas tem esta caverna?

Só aquela por onde entraram... respondeu Mamã. Essa e... quer dizer... o monte de cascalho ali bloqueia o acesso às cavernas mais profundas...

O monte? Oh não... O mago só pensava em Lhiannah armada com a espada e Aewyre desprevenido, e fez tenção de se dirigir à zona ruída da caverna, mas os Corações Quebrados não lhe saíram do caminho. Posso pelo menos procurá-los? Compreendo as vossas suspeitas, mas acho que já dei provas suficientes de que pelo menos não fomos nós os três irritou-se o mago. Os homens hesitaram, mas Mamã repreendeu-os e puxou-os para trás pelos colarinhos, abrindo o caminho a Allumno. Obrigado. Taislin, vai procurá-los.

O burrik correu prontamente para o monte de cascalho, perseguido por vários garigonor, e o mago foi ter com Worick, que continuava paralisado. Sabia que o thuragar estivera a ouvir a conversa toda, apesar de ter estado virado de costas para o grupo, e tinha a certeza de que não gostaria de ouvir os seus pensamentos naquele momento. Allumno suspirou e pôs-se em frente de Worick, baixando-se para o fitar nos olhos. Os Corações Quebrados prepararam as armas, tendo já visto uma amostra do temperamento do thuragar.

Worick, sei que estás furioso comigo e tens razões de sobra para isso, mas tive de o fazer para evitar mais confrontos. Eu vou libertar-te agora e vamos procurar a Lhiannah, está bem? Os teus músculos vão relaxar de repente, provavelmente de forma dolorosa, e pode ser que caias, por isso prepara-te. Fazendo breve uso da Palavra, o mago desfez o feitiço que retesara os músculos do thuragar aquele tempo todo. As pernas de Worick vacilaram e todos os seus músculos se ressentiram do súbito aliviar de tensão, mas conseguiu manter-se

de pé graças ao aviso de Allumno, que se preparou para o pior assim que o thuragar retomou o controlo sobre os seus membros.

A minha vontade era fazer-te a gema saltar da testa mago admitiu, mas vamos primeiro procurar a Lhiannah.

Sim... vamos. Allumno achou melhor deixar o assunto por ali e foi atrás do thuragar com os Corações Quebrados aos calcanhares. Taislin já calcorreava o monte de cascalho, perseguido por inúmeros garigonor curiosos.

Só eles é que andam nesse sítio disse Mamã. Nós nunca pusemos os pés aí, e acho que vocês também não deviam...

De pedras entendo eu, mulher afirmou Worick, transpondo a cerca partida de imediato. Isto já estava assim?

Não... ninguém mexeu na cerca, pois não?

Eles estiveram aqui então asseverou, dando leves batidas nos enormes pedregulhos que o rodeavam. Dizes tu que ela te atacou, mago?

Com violência, devo acrescentar.

Já viste alguma coisa, ó mafarrico? berrou Worick para se fazer ouvir por Taislin.

Está aqui alguma coisa! respondeu a voz estridente do burrik.

O thuragar galopou de imediato na direcção do grito e Allumno quis fazer o mesmo, mas Mamã refreou-o fisicamente.

É demasiado perigoso. O Taislin é pequeno e leve e o Worick é um thuragar, mas ainda acontecia alguma coisa ao Allumno. E devia tratar desse lanho na cara; está a sangrar. O mago dispensava cuidados materiais mas sabia que a mulher tinha razão, pelo que aceitou o lenço que ela lhe ofereceu e limitou-se a esperar.

Worick chegou ao local onde Taislin estava acorado e rodeado por garigonor, olhando para um buraco no chão.

Pedras me partam, oh pedras me partam...

Eu, ah... parece que houve uma derrocada aqui e...

Isso vejo eu, porra! Pedras me partam, Lhiannah. LHIANNAH! berrou o thuragar para o buraco, sendo preciso Taislin a agarrá-lo para o impedir de se aproximar demasiado. Oh porra, está fresco, acabou de acontecer... Que profundidade é que isto tem? Uma tocha, ninguém aqui tem o raio duma tocha? Preciso de ver se é muito fundo! Oh, pedras me partam...

Calma Worick! guinchou Taislin, esforçando-se ao máximo para restringir o thuragar no seu fraco amplexo.

O que é que se passa? gritou Allumno, sem obter resposta.

Maldição... praguejou e, ignorando os conselhos de Mamã, aventurou-se pelo monte de cascalho adentro, mantendo o lenço sobre a ferida com a mão livre.

Larga-me! vociferou Worick, libertando-se do burrik e circundando o buraco, inspirando fundo numa tentativa de se acalmar.

Worick, Taislin, o que é que se passa? perguntou Allumno assim que chegou.

Não vês o buraco, porra? O que é que achas que aconteceu?

chispou o thuragar, circulando à volta da abertura como uma barata decapitada.

Oh não... esmaeceu o mago, deixando o lenço sangrento cair. Oh não.

O burrik tartamudeava incoerentemente numa tentativa de acalmar o thuragar, que percorria o buraco de um lado ao outro, mas foi completamente ignorado até que Worick finalmente parou e o empurrou para fora do seu caminho ao dirigir-se aos garignonor. Os corcovados humanóides assustaram-se inicialmente com a aproximação do thuragar, mas Worick gritou algo em Garogar, a língua subterrânea do seu povo, e acto contínuo os seus animalescos conterrâneos foram aplacados. O bastão de Allumno luzia enquanto o mago se aproximava tanto quanto possível da orla do buraco, gritando os nomes de Aewyre e Lhiannah. Taislin achou melhor ir ajudá-lo e deixar Worick com os garignonor, que o estavam a ouvir atentamente. As frases em Garogar eram lentas e ponderadas como o moroso deslizar de uma placa tectónica, embora se notasse uma certa premência na voz de Worick, transmitida pelas enfáticas pancadas que dava no chão com o pomo do seu martelo. A língua dos thuragar era a língua da terra, a língua de um mundo desprovido de sons fortes e audíveis, arrastada e com inflexões parecidas com o rachar de pedra e estalos de língua à semelhança dos pingos de estalactites. Como bons escravos, os garignonor ouviam obedientemente e respondiam quando lhes era requisitado, totalmente alheios aos gritos de Allumno e aos guinchos de Taislin. Quando achou que extraíra toda a informação possível, Worick retirou-se sem uma única palavra de agradecimento, pois o reconhecimento era negado aos garignonor, cujo mero conceito desconheciam.

Worick, onde vais? perguntou Allumno com o que parecia ser desespero na voz ao reparar que o thuragar estava a voltar para a caverna.

Anda mago, aqui não temos mais nada a fazer disse Worick com tal convicção que Allumno e Taislin o seguiram prontamente.

O que é que eles te disseram? Por que é que não procuramos no buraco?

O thuragar nem sequer olhou para o mago ao responder.

É fundo demais, não há luz para ver nem corda que chegue até lá abaixo; foram parar aos níveis inferiores das cavernas, e aí há água. Há umas nascentes do outro lado do vale, é por aí que a água lá de baixo sai. Se eles forem espertos, segui-la-ão. Senão, vamos à procura deles, e para os infernos com todo o resto.

Mas uma queda daquelas...

Não quero ouvir isso, mago! gritou Worick, virando-se bruscamente para trás e apontando um dedo ameaçador a Allumno. Não quero mesmo... e continuou a andar, resolutos.

Allumno queria acreditar no thuragar, mas a sua mente analítica não lho permitia. Mesmo assim, levaria a cabo o empreendimento que Worick lhe propunha, nem que fosse só para levar o corpo de Aewyre para casa... não, não podia pensar nisso. Tinha de ter esperança.

Worick ordenou a Taislin que recolhesse o equipamento, incluindo o de Aewyre e Lhiannah, e pegou nas armaduras de ambos antes de ir ao encontro dos Corações Quebrados com uma determinação acerada na sua postura que dava a entender que não aceitaria contrariedades. Mamã foi a primeira a tentar dirigir-lhe palavra, mas nem isso o thuragar lho permitiu.

Vamos lá ver se nos entendemos... começou, pousando as armaduras que carregava. A minha cachopa e o rapazola caíram num buraco desta vossa pedreira e foram parar aos níveis inferiores das cavernas. Eu, o mago e o caganito vamos sair daqui, contornar a montanha e vamos à procura deles. Se alguém se puser no nosso caminho, damos-lhe cabo do canastro. Fui claro? Ou preferem que seja o meu martelo a explicar?

Allumno estava demasiado aturdido para exercer a sua habitual função de diplomata, na qual Worick deixava muito a desejar. Maneta foi o primeiro a dar-lho a entender.

Você não pense que vamos simplesmente...

Pelo amor de Assana, Maneta, deixa-os estar! rogou-lhe Mamã, farta de hostilidades. O rapaz é...

Mamã, foi um deles o responsável! recordou-lhe um dos Corações.

Perdemos mais de metade dos nossos homens continuou Maneta, não podemos deixá-los agora...

Animal! protestou o próprio.

Eu estou-vos a avisar...

Não é com ameaças que nos convences, thuragar.

Por favor, parem! Ouçam-me!

... e agora querem sair? Isso é que era...

Worick, espera...

Amanil!

O Aewyre é filho de Aezrel Thoryn! gritou Mamã por fim. Os três companheiros ficaram a olhar para a mulher, espantados, e

as caras dos Corações não lhes ficaram muito atrás. A mera menção do rei sem linhagem tirara a voz a todos, desbaratara as hostilidades.

Como sabe ela? segredou Taislin audivelmente.

Aezrel Thoryn...? redisse um homem, incrédulo.

Aquele rapazola é o filho de Aezrel *Thoryn*? *duvidou* um outro.

Sim, é Aewyre Thoryn, o segundo filho de Aezrel Thoryn, e a espada que portava era Ancalach.

Ancalach? repetiram os Corações em uníssono.

Mamã... tens a certeza? duvidou Maneta.

Niamal?

Descrês da minha palavra e da de Assana? Eu toquei o coração do jovem e ele revelou-se-me pelo que é. Agora, ainda querem matar os amigos dele?

Todos ruminaram a inesperada revelação em silêncio, sentindo que estavam a tomar parte numa das histórias da Guerra da Hecatombe com as quais muitos haviam crescido e que haviam feito parte do passado de outros tantos. O filho de Aezrel Thoryn e Ancalach, o Flagício da Sombra, haviam estado entre eles... e desaparecido debaixo das suas barbas, talvez vitimizados pelo ataque dos asseclas do Flagelo. Uma mistura de culpa e vergonha fez com que todos baixassem as cabeças, prontos a acatar qualquer decisão.

Desculpa-nos, thuragar pediu Maneta. Ainda não sei ao certo o que se passou, mas ajudar-vos-emos a encontrar o filho de Aezrel Thoryn.

Worick fitou os Corações um por um e pediu silenciosamente conselho a Allumno antes de tomar

uma decisão, mas o próprio mago parecia incerto quanto ao que fazer.

A mim parece-me bem... opinou Taislin.

O thuragar grunhiu, mas acabou por assentir.

Muito bem. Podem vir connosco se quiserem. Só não se metam no caminho... rosnou, tornando a pegar nas armaduras e seguiu em frente, deixando que lhe dessem passagem para avançar.

Mamã e os outros então olharam para Allumno e Taislin enquanto os restantes Corações preparavam o equipamento e as provisões.

Vamos Allumno? inquiriu Taislin, carregado com as mochilas de Aewyre e Lhiannah para além da sua.

Sim, vamos? perguntou Mamã, aliviada.

O mago suspirou. Mesmo estando aturdido, as pessoas continuavam a pedir-lhe conselhos e a esperar que tomasse a iniciativa certa. Como pudera isto acontecer? A Lhiannah e o Aewyre... a demanda do seu protegido começava a transformar-se numa tragédia, e parte da responsabilidade seria sempre sua por não o ter retido em Ul-Thoryn.

Vamos.

Maneta deu ordem de partida, organizando um grupo separado com a função de levar os feridos e mortos para um lugar seguro, e os Corações Quebrados começaram a preparar o seu equipamento com rigor marcial. Enquanto o faziam, Mamã achegou-se de Allumno e puxou-o pela manga para lhe segredar ao ouvido.

Perdoe-me, Allumno. Não queria revelar o segredo do Aewyre, mas tive de o *fazer*, senão...

Minha senhora... interrompeu o mago, segurando-lhe a mão. O toque maternal dos dedos da mulher era para ele como um bálsamo para a sua aflita consciência, um refolgo para as suas preocupações. Os Corações observavam-nos como crianças ciosas da sua mãe, o que não lhe passou despercebido. Acredite que foi o melhor que podia ter feito. Agora limpou a garganta, afastando-se da mulher para lhe falar de costas, o melhor é ir andando antes que o Worick decida ir sozinho...

Mamã pegou na sua mão enquanto via o mago desaparecer no túnel, lágrimas nos olhos e de coração desfeito pelo que sentira quando Allumno quase se lhe entregara a chorar nos braços.

BONANÇA

Contrariando todas as expectativas de Quenestil e Slayra, o tempo que ambos passaram na jangada com o druida acabou por ser um período de repouso e calma como há muito tempo não tinham. A Primavera parecia ter finalmente chegado, o céu ia clareando dia após dia e o sol deixara de ser um estranho aos eahan. Os primeiros dias haviam sido penosos devido aos enjoos de Quenestil e à quase abstinência de água doce, que tivera de ser substituída por água salgada e pelo líquido aquoso dos olhos e ossos de peixes, mas cedo as chuvas primaveris começaram, enchendo as carapaças de tartaruga sem desencadear tempestades, e o shura acabou por se habituar às oscilações da jangada. As peles sensíveis dos eahan foram inicialmente castigadas pelo Sol, avermelhando-se como carapaças de lagostas, e o contacto frequente com sal secara-as e produziu feridas, mas cedo aprenderam a proteger-se das queimaduras aplicando a gordura das aves marinhas que apanhavam e a tratar das feridas enfaixando-as com pele de peixe embebida em água doce. Arranjar comida tão pouco fora um problema: durante a noite penduravam búzios cheios de óleo ardente, cuja luz atraía cardumes de peixes voadores, que aterravam sobre a lona dependurada e lá aguardavam o seu destino. Quenestil aperfeiçoara as suas técnicas de caça com um arpão improvisado de madeira e ossos afiados e iscas espalhadas no mar para apanhar gaivotas, cuja carne lhes parecia deliciosa e cuja medula, gordura e penas aproveitavam para comer, proteger a pele e insular as roupas respectivamente. O druida apanhava peixe diariamente com redes, e quase todos os anzóis que pendiam das varas da jangada estavam mordidos ao final do dia. A armação de

madeira era afinal uma espécie de viveiro, em cuja rede coberta de algas os eahan apanhavam lapas, mexilhões e outros pequenos inquilinos de casca. Por recomendação do seu anfitrião e para evitarem escorbuto, Quenestil e Slayra comiam também o plancto que era apanhado durante a noite, ignorando o cheiro repugnante das minúsculas criaturas e removendo laboriosamente as suas substâncias espinhosas e tentáculos picantes.

Os eahan passavam a maior parte dos seus dias sozinhos na jangada, visto que o druida desaparecia todas as manhãs, voltando esporadicamente para comer e apenas assentando à noite. Nessas alturas comiam, molhavam os pés na água, banhavam-se ocasionalmente no viveiro, tratavam das linhas e das redes e protegiam-se do Sol repousando debaixo da lona no abrigo do seu anfitrião. Slayra tirara a capa e as botas; Quenestil andava descalço e de tronco nu, pois queria evitar ao máximo molhar as suas peles de carcaju com água salgada. O shura parecia mais calmo, mas Slayra sabia muito bem que toda aquela falta de actividade, o facto de nada poder fazer além de esperar até chegarem a terra firme, atormentavam-no dia e noite. Após a morte de Babaki, a eahanoir estava certa de que Quenestil nunca mais ficaria descansado enquanto não estivesse perto dos seus amigos para se certificar de que nada de mal lhes acontecera.

Na segunda semana, o druida apareceu com uma enorme tartaruga marinha. Havia perseguido o animal e conduzira-o até perto da jangada, arpoando-o então na garganta e içando-o a bordo com a ajuda dos eahan.

Muito bem, quem quer aprender a preparar uma tartaruga? perguntou o homem na habitual vontade de partilhar os seus conhecimentos que demonstrara durante todo o tempo que passara com Quenestil e Slayra.

O shura voluntariou-se e o druida cruzou os braços de surpreendentes músculos luzidios a brilharem ao Sol.

Muito bem. Primeiro, corta-se a cabeça. Temos de a sangrar, senão a carne fica rançosa muito depressa e é mais difícil de secar.

Quenestil desembainhou o seu facalhão e assim fez, deitando a cabeça fora e procedendo a erguer a traseira do pesado animal, cujo comprimento excedia a sua altura, para que o sangue escorresse todo para fora da jangada, deixando um trilho escarlata na água. Slayra observava sem estar verdadeiramente interessada.

É um belo exemplar constatou o homem enquanto a tartaruga era sangrada. E logo uma fêmea. Os seus ovos são uma delícia.

Normalmente não as apanho porque são muito pesadas para eu levar, mas agora que tenho mais duas pessoas para me ajudarem... e também são mais duas bocas para alimentar, senão não a apanhava de qualquer forma. Já viu o tamanho do animal? Nem numa semana eu acabava isto... e por essa altura já a carne estaria rançosa com toda a certeza... Quenestil acenou com a cabeça, embora não tivesse grande paciência para a conversa do druida. Todos os dias sem excepção passava-os a nadar até a noite chegar, e quando voltava, não se calava até os eahan adormecerem. Os três esperaram pacientemente até a tartaruga ficar exangue.

Muito bem, acho que já chega. Vire-a de barriga para cima. Agora, enfie aí a lâmina nessa racha entre as carapaças superior e inferior... isso... como uma serra, agora, vá cortando à volta, siga a linha da carapaça, muito bem... óptimo, assim mesmo. Já a pode arrancar. O shura assim fez e continuou a seguir as instruções do druida, colhendo os viscosos ovos da tartaruga com cuidado, colocando-os numa concha que Slayra lhe estendeu e removeu todos os órgãos para servirem de isco menos o coração, que o druida insistia ser um regalo. Muito bem. O resto já sabem fazer, não? Cortar a carne em tiras e deixá-las a secar, agora que temos Sol. Não se esqueçam da gordura e da medula dos ossos. E guardem a carapaça; estão a ver a pele lisa e macia que a cobre? Vou fazer-vos roupas novas com ela, ficam tão boas como couro. Bom, tenham o resto de um bom dia e mergulhou, desaparecendo da vista dos eahan.

Ele não é bem o anfitrião ideal, pois não? perguntou Slayra, cortando a carne da tartaruga com o seu afiado estilete. O ombro da eahanoir sarara graças à água salgada e aos banhos de algas no viveiro, segundo o druida.

Não respondeu o shura sucintamente, concentrando-se em arrancar nacos de carne para Slayra cortar em filetes.

Também se compreende. Há quanto tempo achas que ele não falava com pessoas?

Demasiado.

A eahanoir suspirou.

Ficares assim não faz a viagem passar mais depressa.

Não comeces. Outro suspiro, desta vez mais exasperado, que Quenestil não pôde deixar de ouvir. Desculpa... isto está a roer-me a paciência. Se pelo menos estivéssemos em terra só dependeríamos dos nossos pés...

... tínhamos de atravessar as estepes...

... pelo menos teria a sensação de estar a fazer alguma coisa! Aqui estamos deitados de barrigas para o Sol, a amanhar peixes e a orar por vento!

Mas se nós... olha, sabes? Esquece! Tornas-te insuportável com essas tuas teimas! estalou Slayra, levantando-se, atirando o seu filete de tartaruga para a cara do eahan e afastando-se para o viveiro no outro lado da jangada, em cuja borda se sentou, agarrada às pernas e de queixo apoiado nos joelhos.

Passaram-se alguns momentos até a mão de Quenestil pousar no seu não mais ferido ombro e o shura se sentar a seu lado, puxando-a para si.

Desculpa pediu o eahan, beijando-lhe a têmpora. Slayra aninhou as suas pernas sobre as coxas de Quenestil e abraçou-lhe o pescoço. Às vezes consigo ser um autêntico cretino.

Pois consegues concordou a eahanna com o resquício de um tom de amuo na voz.

Eu mereço... reconheceu o shura. Deita-te. Já sei de que é que tu precisas. Quenestil pegou-lhe nos tornozelos e puxou-lhe as pernas, forçando-a a deitar-se.

Está quieto! protestou a eahanoir alegremente. Pára com...! Mmm... Calou-se quando Quenestil lhe pressionou a palma do pé com os polegares Mais abaixo... Eahan da montanha sabiam bem como tratar pés exauridos por árduas caminhadas pelos montes, e os dedos do shura pareciam pressionar-lhe toda a tensão para fora do corpo ao carregar. Deve haver eahannas muito felizes nas montanhas...

O canto da boca do shura ergueu-se num meio sorriso, o primeiro genuíno desde Jazurrieh.

Só as que o merecem.

Slayra sorriu e espreguiçou-se enquanto o seu pé era massajado.

Já pensaste no que vamos fazer depois disto tudo? Quenestil ergueu uma dúvida sobrancelha. Eu sei que ainda é cedo, mas já pensaste nisso? Depois de encontrarmos os outros, depois de o Aewyre fizer o que tem a fazer em Asmodeon... o que vai ser de nós?

Eu... realmente ainda não pensei nisso.

Mentiroso acusou a eahanoir, batendo-lhe com o calcanhar do pé livre na coxa. Eu sei que já pensaste, não me tentes enganar.

Não sei... viajar um pouco por Allaryia. Há tanto para ver e tanto que eu te queria mostrar...

Ah sim? Não posso dizer que esteja ansiosa. Se forem parecidos com os sítios onde me tens levado desde que te conheço...

Tais como?

Moorenglade, para não dizer mais... O shura mordeu-lhe o dedo grande do pé em represália. Slayra riu histericamente e estrebuchou. Aíí! E ainda por cima perdeste-te lá...! Quenestil rosnou e trincou-lhe o dedão até a eahanoir bater com as mãos nos troncos da jangada em sinal de desistência, e só nessa altura o eahan retomou a massagem. Agora a sério... inspirou limpando as lágrimas, já pensaste nisso? Num futuro mais... longínquo?

A resposta de Quenestil tardou ao ponto de a eahanoir pensar que não a obteria, mas por fim o shura limpou a garganta para falar.

Bem sabes que eu prefiro pensar no dia em que acordei, em como sobreviver e passar para a manhã seguinte. É isso que me mantém vivo. Slayra ouvia com atenção, deitada com as mãos atrás da cabeça. Mas desde que ando em grupo, desde aquele dia em que me ias estrangulando, tenho de facto pensado no futuro.

Uma longa pausa.

E...? puxou a eahanoir.

E não é nada fácil. Sei lá o que vai acontecer amanhã ou na semana que vem ou no próximo mês. Mas... uma coisa sei.

O quê?

Não vai ser nada como os meus pais me disseram. Slayra piscou os olhos sem compreender. Não vou voltar para casa no fim, não podia mesmo se quisesse. Não contigo... O próprio eahan se debatia com as suas palavras, sem saber se estava a ofender ou a elogiar Slayra. O que eu quero dizer é: também não me importo, não me importo de não poder voltar, de não passar o resto dos meus dias entre os da minha espécie. É contigo que os quero passar, e é só isso o que eu sei... e o que importa. E... pois, é isso.

Foi a vez de a eahanna ficar em silêncio, e Quenestil não parecia ter pressa de o quebrar, pois nem a olhava nos olhos, limitando-se a massajar-lhe o outro pé. De repente, Slayra ergueu o tronco e pôs-se ao colo do shura, abraçando-lhe o pescoço e beijando-o apaixonadamente. Quenestil largou-lhe o pé e correspondeu com igual ardor, apertando-a a si com tal força que a eahanoir cedo ficou sem ar e teve de recuar, inspirando fundo. Ambos se contemplaram mutuamente, acariciando as faces um do outro.

Vamos fazer um bebé disse a eahanna. O shura engasgou.

Slayra agarrou-lhe os cabelos com força e tornou a beijá-lo sem lhe dar hipótese de sequer responder.

Vamos. Aqui. Agora A eahanoir levantou-se, postando-se defronte de um atónito Quenestil antes de levar as mãos atrás das costas e começar a desatar o corpete.

Slayra... eu...

Não digas nada praticamente ordenou, deixando o seu corpete deslizar pelo corpo até aos pés e enfiando os polegares nas calcinhas. Não digas mais nada...

O shura permaneceu imóvel e silencioso, tentando articular palavras que se recusavam a sair-lhe dos lábios. Slayra estava desnuda à sua frente e Quenestil deu consigo a pensar que já se esquecera do quão bela era a mulher que amava. Ergueu-se lentamente e estendeu a mão para lhe tocar, mas a eahanna recuou como um cervo espantado e mergulhou fugidia para dentro do viveiro, ressurgindo à tona de cabelos puxados para trás pela água. Slayra ficou a nadar no mesmo sítio, olhando para Quenestil com olhos brilhantes à espera de que este se decidisse e dando-lhe a entender que a sua decisão já estava tomada. O eahan ainda hesitou, mas lentamente os seus dedos dirigiram-se aos cordões das suas calças e principiaram a desatá-los à medida que ia ficando mais resoluto. Quando baixou as calças, o seu corpo estava tenso e erecto, mas desta vez Quenestil sabia que não eram apenas os seus instintos a ditarem-lhe o curso de acção; era algo que ele queria fazer. Sem mais hesitações, mergulhou na água e nadou de encontro a Slayra, envolvendo-a nos seus braços e contemplando a sua face para uma derradeira confirmação. O coração da eahanna retumbava contra o seu peito, as suas pupilas estavam dilatadas, os seus lábios escurecidos, a sua pele arrepiada. Parecia tudo tão certo, tão perfeito... As costas de Slayra foram acariciadas pelas algas que revestiam a rede do viveiro quando o shura a empurrou lentamente contra a borda, à qual se agarrou enquanto a eahanna lhe envolvia o tronco com as pernas. Os pequenos ocupantes de barbatanas do viveiro mordiscavam-lhe a pele, fazendo-lhe arrepiantes cócegas. Tudo lhes pareceu estranhamente familiar: ambos sozinhos, o frio, um local isolado; só que desta vez cada investida de Quenestil era carregada de uma paixão que a eahanoir não sentira naquela toca que haviam escavado nas montanhas, algo mais que o ardor animal que então o instigara, algo mais profundo, mais belo e terminantemente sublime. Ambos alcançaram o pináculo do seu prazer aquando do embate de uma pequena onda, que coincidiu com o fecundo ímpeto final do shura.

As duas semanas seguintes passaram-se na mesma relativa calma, e o druida previa que faltava pouco tempo para que alcançassem terra. Os dois eahan estavam estendidos na jangada nos braços um do outro, deitados languidamente a apanhar sol. Para além das suas roupas maltratadas, ambos vestiam bizarras togas pequenas de pele de tartaruga, semelhante a couro macio, que lhes chegavam às coxas. O mar lambia docemente a embarcação, embalando-a e aos seus passageiros com um afecto quase maternal, exalando o seu perfume salgado. Os dedos de Quenestil e Slayra estavam entrelaçados e o shura passava a sua mão pelo descoberto ventre liso e avermelhado da eahanoir, questionando-se sobre a semente que dentro dele plantara.

Eu sinto-o disse Slayra de olhos fechados, sorridente.

Está a crescer dentro de mim. O nosso bebé...

Por alguma razão absurda, Quenestil pensou em Tannath e no seu olho cinzento tatuado. Escorçoando esse odioso pensamento, acariciou a barriga da eahanna e beijou-lhe a testa.

Como é que o vamos chamar?

Hmm, não sei... diz-me tu. Se for rapaz?

Rapaz? Talvez...

Não finjas que não andaste a pensar nisso! riu-se Slayra”

Vá, diz-me lá.

Pronto, pronto. Se for *rapaz*, que tal Gifeahn?

É bonito. E se for rapariga?

Innala?

Slayra fez um delicado esgar.

Eh... Alilya?

A eahanoir torceu o nariz.

Pronto, que nome sugeres tu?

Estava a pensar em algo como... Kyrina.

Kyrina? *Parda?*...

Como os lindos olhos do pai. O que é que achas? sugeriu a eahanoir, dando um piparote no nariz do shura.

Dito assim, como posso recusar? perguntou o eahan, trocista.

Gifeahn ou Kyrina... são os dois bonitos sorriu Slayra.

Será menino ou menina?

Isso só a Mãe o sabe... para mim é igual.

É mesmo? Muito bem... como achas que vai ser? Cabelos ruivos fogosos e olhos azuis? perguntou, enroscando uma nesga do cabelo

do eahan com o indicador. Ou uma cabeleira negra como a noite e uns duros olhos de pedra?

Quenestil riu.

Já imaginaste isso tudo?

Não tenho pensado noutra coisa... admitiu a eahanoir.

Olha a terra! gritou a voz do druida, assustando os eahan, que se sobressaltaram. O homem apoiava-se na borda da jangada de barba e cabelo a escorrerem, mas as suas pernas ainda estavam dentro da água.

Era verdade, a costa aproximava-se, assinalada por um cúmulo de acinzentadas nuvens fixas rodeadas por um numeroso séquito de gaivotas, cujo canto já era audível mesmo àquela distância. Os dois eahan levantaram-se de imediato, esquecendo o raspanete que lhes havia ocorrido para o indiscreto druida e pegando nas mãos um do outro.

Oito mudas de Lua, que disse eu? Heh, heh, esta cabeça velha ainda consegue calcular!

O par permaneceu em silêncio, encantados como estavam perante a visão de terra firme pela qual tanto haviam ansiado. A linha da costa era bem visível, uma mancha cinzenta orlada de branco espumoso, mas para Quenestil e Slayra era uma visão quase quimérica.

Chegámos... constatou o shura. Chegámos! repetiu, puxando Slayra para si para a beijar.

Sem sair da água, o druida ficou a observar as carícias dos eahan.

Fazem um casal adorável... comentou. A minha altura já passou, infelizmente, mas foi uma escolha que fiz ao aceitar o abraço da Mãe. Não que me arrependa, longe disso... quer dizer, uma vez ou outra vou pensando em *como teria sido se*, mas remoer acerca de escolhas feitas no passado é tão útil como devolver os ovos a um peixe depois de fritos...

Quenestil e Slayra suspiraram e apoiaram as testas uma na outra, sorrindo apesar de tudo. A travessia acabara por fim e estavam mais perto dos seus amigos. Não demoraram muito a chegar à pedregosa costa, na qual a jangada encalhou sem grande delicadeza, fazendo seixos e calhaus saltarem com o impacto. Quenestil pulou com Slayra de mãos dadas para fora da embarcação, chapinhando na água fria com os pés a caminho da maravilhosamente horrenda areia, sobre a qual se atiraram de joelhos e com a qual encheram as mãos, levando-a à cara.

Esta é a areia mais feia que já vi! gritou o eahan, deixando-a escorrer pelos braços.

Slayra ria como uma criança, rebolando despreocupadamente pela areia húmida. O druida continuava a observar os dois, sorrindo de braços cruzados com aquela demonstração de cândida felicidade.

Bom, trouxe-vos onde queriam. Suponho que seja a altura de dizer adeus?

As palavras do homem fizeram com que ambos parassem, apercebendo-se que devido ao entusiasmo haviam esquecido o homem que os trouxera ali. Envergonhados, os eahan levantaram-se, esfregaram as mãos na água e dirigiram-se ao druida.

Desculpe, Guardiã pediu Quenestil, embaraçado.

Ora essa! Se eu não pusesse os pés em terra umas quantas vezes por ano, também ficaria assim. Estejam à vontade, jovens. Ainda bem que vos pude ajudar... vá, vão lá à vossa vida que já devem estar fartos deste velho chato...

O shura tornou a subir à jangada e estendeu a mão ao druida.

Obrigado, Guardiã. Pelo que fez por nós... e por mais do que pode saber.

É mesmo? riu o homem, apertando a mão de Quenestil.

E que coisas foram essas?

Por me ter ajudado a reencontrar... algo que julgava ter perdido.

Falas por enigmas, shura!

Ele é sempre assim quando se lhe pede para falar do que sente...

ralhou Slayra alegremente, puxando o braço do eahan para abraçar o druida. Obrigada por tudo.

Com um sorriso quase paternal, o homem deu palmadinhas nas costas da eahanoir.

Ah, antes que me esqueça... lembrou-se subitamente, vasculhando os bolsos no interior da sua toga azul desbotada. Tomem. Seriam uma prenda bonita para a menina, mas acho que vos servirão mais para se desenrascarem em Tanarch. Posso ser um velho eremita, mas ainda sei muito bem o que faz o mundo dos homens mover-se. Infelizmente, há coisas que não mudam...

O druida pegou na mão de Slayra e presenteou-a com um colar de contas de translúcidas pedras amareladas. O azul dos olhos da eahanoir avivou-se perante a preciosidade que tinha em mãos.

É âmbar. Devem poder vendê-lo por um bom preço...

Guardião interrompeu Quenestil, já fez tanto...

Disparate recusou o homem, abanando o indicador e a cabeça. Fiquem com isso que bem vão precisar. A mim de nada serve.

Muito obrigada agradeceu Slayra, levando o colar ao peito com as duas mãos e pondo-se em pontas de pés para beijar a face do druida.

Bela recompensa, sim senhor! alegrou-se o idoso, levando a mão à bochecha curtida. A carícia dos suaves lábios de uma bela eahanoir por um colar de ranho de baleia! Adeus, queridos eahan! Este velho eremita agradece-vos a companhia e deseja-vos sorte, mas agora é tempo de irem. Ainda são jovens e a vida guarda-vos demasiadas coisas para a passarem aqui atracados numa praia com um velho senil.

Os dois eahan recolheram as suas poucas posses e Quenestil ajudou a empurrar a jangada até a água lhe chegar aos joelhos e aí se deixou ficar, acenando ao druida, que retribuía enquanto manejava a vela para se afastar da costa.

Não se esqueçam! gritava o homem. Façam bem as vossas escolhas que a vida não vos deixa voltar atrás! Lembrem-se disso...!

A voz do druida acabou por se confundir com os sons da praia e os dois eahan limitaram-se a acenar até a jangada se tornar um ponto no horizonte marítimo. Quenestil arrastou as pernas para fora da água e pegou nas mãos de Slayra enquanto lançavam um último olhar à já distante jangada.

Coitado... compadeceu-se o eahan. Agora que se foi embora, fiquei com pena de não ter sido melhor companhia.

Só a nossa presença bastava-lhe consolou a eahanoir, entrançando o colar por entre os dedos da sua outra mão. O homem entretia-se a falar, não precisava de respostas.

Espero que tenhas razão... O shura olhou para trás, para o penhasco que demarcava os limites da praia e para o trilho rochoso que para fora dela conduzia. Onde vamos agora?

Com um suspiro, Slayra obrigou-se a si mesma a despertar do sonho azulado que vivera nas últimas semanas e acordar para a realidade.

O melhor é dirigirmo-nos à cidade mais próxima. Aí compramos aquilo de que precisarmos, comida, roupas, um mapa, e pedimos direcções.

Para onde?

A eahanoir encolheu os ombros.

Eles vieram das estepes. Não devem ter ficado longe da Cinta, a menos que estejam muito atrasados ou adiantados em relação a nós...

"Ou que tenham morrido...", pensou o shura naquilo que a eahanoir não verbalizara, matando de imediato o aziago pensamento.

... o que não quer necessariamente dizer que eles tenham ficado à nossa espera na cidade em questão. Vamos ter de os procurar, e não vai ser nada fácil... quer dizer...

O quê? Quer dizer o quê?

Eu... bem, lembras-te do que eu disse acerca dos eahanoir e os outros? Que houve algo que os atraiu?

O que é que queres dizer?

Essa coisa... também me atraiu, seja lá o que ela for. Se os outros estiverem por perto, devo conseguir levar-nos até eles, e é importante que os encontremos o quanto antes. Se eahanoir foram atraídos e eles estão perto de Asmodeon, então correm perigo. Só não disse antes porque julguei que fosse impressão minha, mas desde que soube em Jazurrieh...

Está bem. O melhor é começarmos a andar, nesse caso. Sinto-me capaz de palmilhar meia Allaryia. E tu...? O eahan pareceu lembrar-se de algo. Mas... o bebé...

Slayra sorriu e deu-lhe a mão.

Ainda temos muito tempo. Mas para conseguirmos chegar a Asmodeon antes de eu ficar barriguda e com tetas de vaca, o melhor é despacharmo-nos. Vá, anda disse, puxando Quenestil, que acabou por ceder.

És maluca...

Deve ser por isso que gostas de mim...

Ambos riram, deixando sulcos na areia cinzenta enquanto corriam pela praia acima na direcção do trilho rochoso. Ambos sentiam que” aqueles podiam bem ser os últimos momentos despreocupados que passariam juntos em tempos vindouros.

DESCIDA AS TREVAS

Ancalach jazia caída no chão, brilhando com uma luz própria que produzia um globo luminoso na vasta e escura caverna. Aewyre estava sentado sobre os escombros da derrocada, dedos enclavinados e queixo apoiado neles enquanto observava a Espada dos Reis. Lhiannah permanecia inconsciente a seu lado, espaiada de barriga para o ar na mesma posição na qual o jovem a deixara. Por vezes, tirava os olhos de Ancalach e olhava em redor, observando a princesa e a caverna na qual haviam caído, tentando ordenar os eventos na sua cabeça.

A sua vida a passar-lhe à frente dos olhos, tudo à volta a desmoronar, o corpo inerte de Lhiannah nos seus braços... e de repente, fora como se tudo tivesse subitamente parado. Tivera a sensação de que flutuava no ar, sentindo as rochas, penedos e pedregulhos mergulharem inofensivamente à sua volta, ouvindo-os estilhaçarem-se com grande estrépito no solo uns poucos pés abaixo. Surgira então uma luz proveniente de Ancalach, que girava em pleno ar um pouco acima do guerreiro e Aewyre pensou que começara a subir a sua montanha e que Lhiannah tivera o mesmo destino. Contudo, a espada principiou a descer, sem nunca parar de girar, e os dois guerreiros acompanharam-na involuntariamente na lenta descida até ao chão repleto de escombros, sobre os quais Ancalach caiu assim que os pés de Aewyre assentaram. Depois disso, o guerreiro pousara Lhiannah e tivera de se sentar de modo a impedir o coração de lhe saltar para fora do peito, tal era a força com que ele lhe batia. O jovem desconhecia o tempo que passara sentado a olhar para a Espada dos Reis e para a caverna, mas um fraco ruído de movimento despertou-o repentinamente para a realidade.

Lhiannah mexia-se.

As memórias anteriores à queda assomaram-se-lhe: a arinnir a atacar Allumno e a luta na qual a princesa tentara matá-lo com Ancalach. Um jorro de adrenalina percorreu-lhe os membros e Aewyre praticamente saltou para cima de Lhiannah, agarrando-lhe os pulsos com uma força que noutras circunstâncias consideraria excessiva. A arinnir acordou com um ofego, arregalando os olhos sem parecer conseguir reconhecer quem via diante de si.

O que é que se passa contigo, Lhiannah? O que *é que se passa contigo?* exigiu o guerreiro saber, apertando-lhe ainda mais os pulsos e sacudindo-a. O que é que pensavas que estavas a fazer? Eu dou cabo de ti!

Aewyre? Aewyre? A princesa parecia confusa, as palavras saíam-lhe arquejantes. Oh, Aewyre, és tu! Desculpa...!

Desculpa?

É isso que tens a dizer? Tu fazes ideia do que é que...?

Não era eu, Aewyre! Não era eu! Juro! A resposta de Lhiannah e o tom quase suplicante da sua voz tiveram o mesmo efeito que um coice no guerreiro, que piscou os olhos e relaxou o seu aperto nos pulsos da arinnir enquanto as suas feições relaxavam e as rugas de raiva suavizavam; toda a sua agressividade esvaneceu como uma pedra fervente imersa em água. Foi o colar da rapariga! Foi ela, eu não sabia o que estava a fazer, não me conseguia controlar! Eu nunca vosiria fazer mal, juro! Tens de acreditar...!

Calma, calma, calma! *pediu* o jovem, tornando a sacudir Lhiannah. Explica lá isso, devagar solicitou, mais brando.

A princesa respirou fundo antes de continuar.

A rapariga, aquela que estava a fugir dos Corações Quebrados, eu fui atrás dela e do homem que a perseguia. Quando os apanhei, ela parecia estar a dominar a situação: o tipo estava parado de pé, a olhar embasbacado para ela, e a rapariga estava quieta. Não percebi o que tinha acontecido e aproximei-me dela, pensei que precisasse de ajuda, mas então ela sacou de um amuleto e disse umas palavras esquisitas, parecidas com o que o Allumno costuma dizer, e eu... eu... não sei o que se passou, ficou tudo escuro durante algum tempo, mas depois disso foi como se eu estivesse dentro do meu corpo mas não o conseguisse controlar! Foi bruxaria, de certeza! Eu desembainhei a espada, matei o homem e a rapariga ficou a olhar para mim com... olhos vidrados, mandou-me embora sem dizer palavra. E então eu voltei para junto de vocês, mas não era eu a falar, não era eu a andar... era outra pessoa, era ela. A expressão de Aewyre tanto podia ser

céptica como hesitante. Tens de acreditar em mim, Aewyre! Tens de acreditar! Eu nunca faria nada que vos magoasse!

O guerreiro tentava ler os olhos da princesa à luz de Ancalach. Não se considerava grande juiz de carácter, mas julgando pelos grandes olhos azuis de Lhiannah, a sua testa franzida de preocupação e a sua respiração ofegante davam-lhe a impressão de que estava a dizer a verdade, pelo que exalou longamente e a largou, saindo-lhe de cima com cuidado. A arinnir esfregou o princípio de nódoas negras nos pulsos e sentou-se de pernas cruzadas, olhando em redor pela primeira vez.

Onde est... Uma súbita dor estalou-lhe na cabeça, à qual levou as mãos. Auuu... bateste-me lembrou-se.

Aewyre não conseguiu evitar uma divertida fungadela.

Eu bati-te? retorquiu de sobrancelhas incredulamente erguidas. Tu deste-me uma cabeçada na boca, uma pancada na cara e um pontapé no peito. Tentaste cortar-me àsostas e espetar-me contra a parede, e isto para não falar dos raspões e do cotovelo esfolado que consegui enquanto caíamos!

Caíamos...? Onde estamos nós? inquiriu, esfregando as têmporas e encolhendo-se ao tocar na equimose.

O guerreiro tornou a acalmar-se e cruzou os braços, observando as redondezas com um suspiro.

Não faço ideia. Uma caverna qualquer bem mais abaixo do sítio onde estávamos. Quando te apaguei as velas, o pedregulho em cima do qual nós estávamos ruiu e nós caímos com ele.

Deuses... A arinnir viu os escombros que a rodeavam. Como é que nós...? O que é aquilo? Reparara pela primeira vez em Ancalach e na luz que dela provinha.

Aquilo é a Ancalach, acho eu... Como é que nós sobrevivemos à queda? Acho que também foi ela. Só não me perguntes como...

Onde estão os outros?

Só sei que estão lá em cima. Não faço ideia do que lhes aconteceu.

Oh, deuses. A princesa cobriu a cara com as mãos. Desculpem-me...

Deixa estar... disse o guerreiro, desacostumado a ver Lhiannah tão desalentada. Agora temos é que nos preocupar em sair daqui. Aewyre deu consigo a pôr a mão no ombro da princesa, mas esta pareceu recuperar a sua postura do costume e empurrou-a para longe.

Sim concordou a arinnir, levantando-se. Vamos sair daqui e encontrar os outros. O Worick ensinou-me umas coisas sobre cavernas...

Muito bem... concordou o guerreiro, pegando em Ancalach e virando-a na sua mão como se estivesse a estudar um objecto desconhecido. Não temos comida e o nosso único equipamento são as roupas que temos vestidas. O resto ficou tudo lá em cima.

Água. Temos de encontrar água continuou Lhiannah, parecendo não ouvir o que Aewyre dizia. Se encontrarmos água, podemos seguir-lhe o curso e acabaremos por dar com uma nascente.

Está bem... presumo que aquelas poças sejam um começo? gozou o jovem, indicando com Ancalach um conjunto de charcos alguns passos à frente. Lhiannah olhou para o guerreiro e franziu-lhe o nariz sem achar piada alguma, dando a entender que o acto de donzela indefesa já acabara. Fungou com desdém e tomou a iniciativa de começar a caminhada. Força, ilumina o caminho...

A arinnir parou, baixou a cabeça e cerrou os punhos. Dignou-se a olhar de lado para Aewyre para lhe conceder a sua pequena vitória.

Vai em frente...

Por estranho que parecesse ao próprio, irritar Lhiannah não deu ao guerreiro o gozo do costume e Aewyre deu consigo a lamentar tê-lo feito após a quase proximidade que haviam por momentos partilhado. Empunhou Ancalach em riste como uma tocha e avançou, sem se esforçar por esconder o seu genuíno suspiro pela oportunidade que sentia ter acabado de perder.

Um grupo de figuras encapadas e encapuzadas estava reunido numa obscura alcova, cercando uma mulher que se encontrava numa espécie de transe. À semelhança dos outros presentes, a mulher chamada Linsha envergava uma larga túnica negra, embora a sua fosse desprovida de capuz e mangas e lhe deixasse expostos os delgados braços adornados com apertadas argolas e braceletes prateados. O seu negro cabelo curto, desgrenhado e selvagem que mal lhe chegava aos ombros pendia-lhe em desalinhadas madeixas defronte da cara, riscando as suas feições. A sala era fracamente iluminada por diminutas candeias de ferro penduradas nas paredes e o silêncio, sepulcral. As figuras permaneciam imóveis como estátuas, observando Linsha a agarrar um amuleto com as duas mãos, que lho encostavam ao peito. O talismã tinha a forma de uma garra provida de três dedos de obsidiana que agarravam um olho humano envolto em cristal e pendia de uma corrente de ferro preto. O olho tetro que a mulher

segurava, fora usado para se apossar do corpo da guerreira loura que a perseguira após o ataque dos Corações Quebrados. Fora o veículo ideal para descobrir o covil dos desgraçados foras-da-lei e para se aproximar do homem que empunhava Ancalach, cuja mera presença fora como um sino a ressoar na cabeça de cada um dos Filhos, um apelo às armas do seu Senhor. Quase conseguira apossar-se da Espada dos Reis, mas o guerreiro derrotara a sua portadora e Linsha perdera o controlo sobre ela, embora ainda retivesse uma empatia sensorial. Era essa mesma empatia que naquele momento lhe permitia ouvir as conversas dos dois, sentir o cheiro húmido subterrâneo e observar as costas do guerreiro como se este caminhasse à sua frente empunhando a detestada Ancalach, que luzia com uma luz sobrenatural. Contudo, por mais que tentasse e por muito frustrante que fosse, era impossível a Linsha controlar as acções da mulher. A perda de consciência quebrara a sua influência sobre a portadora, embora o elo permanecesse intacto, e isso teria de chegar.

Os seus olhos abriram-se e Linsha endireitou a cabeça, fazendo com que os desgrehados fios do seu cabelo lhe descortinassem a face. Tinha feições exóticas, com uns felinos olhos castanhos debaixo de graciosas sobranceiras arqueadas, uma tez muito branca e uma boca petulante. Os lóbulos das suas orelhas estavam cravejados com dois pares de brincos em forma de garras e o seu pescoço era cingido por uma grotesca gargantilha de ferro com um pingente vermelho.

Eles vivem declarou e encaminham-se para a saída das cavernas.

Encontrá-la-ão? questionou uma das figuras.

Eventualmente. Uma alternativa seriam as nascentes disse outra, áspera.

Quantas existem na outra face da montanha?

Cinco das quais se tem conhecimento.

Devemos vigiá-las, então.

Sem dúvida.

Senhora, com a vossa permissão, destacaremos sentinelas? perguntou uma última

Façam o que deve ser feito respondeu Linsha. Não desaponteis mestre Malagor.

Nunca, senhora.

Pel'O Flagelo, pela glória de Seltor entoaram todos antes de se retirarem como sombras perante a aproximação da luz.

Aewyre e Lhiannah caminharam durante o que lhes pareceu ser a maior parte da noite, o sono, a fome e o cansaço duas preocupações menores. A apreensão que haviam sentido antes de entrar na caverna dos Corações Quebrados e que haviam momentaneamente esquecido após a queda transformara-se num nervoso miudinho que se manifestava num escrutínio demasiado atento a todas as sombras produzidas pela luz de Ancalach. Decididamente, os humanos haviam sido feitos para viver na superfície; só mesmo os thuragar podiam habitar aquele vasto mundo escuro e húmido no qual as rochas frias murmuravam segredos milenares entre si, segredos que ninguém do mundo exterior devia ouvir, segredos há muito guardados nas cavernosas vísceras de Allaryia. O parco descanso que permitiram a si mesmos foi irrequieto e pouco revitalizante, servindo a única função de enganar o corpo com uma ilusão de repouso. A Espada dos Reis luzia como uma tocha de aço, irradiando um brilho que, sem ofuscar, alumia o corredor descendente com todo o fulgor do Sol, apesar de ironicamente manter Aewyre no escuro quanto à causa de tão repentina transformação. Desde que a tirara do pedestal de mármore em Allahn Anroth, Ancalach nunca dera mostras de ser algo mais que uma soberba espada de inigualável fabrico, e agora de repente salvava-o de uma queda e brilhava como as espadas mágicas faziam nas histórias. Se pelo menos estivesse com o Allumno... ele haveria de saber; o mago tinha uma resposta para quase tudo...

Não se ouvia a água que Lhiannah procurava, apenas os ecos indistintos de pingos ao longe; fora isso, apenas os sons dos passos dos dois humanos se faziam ouvir. Aewyre olhou para trás para a princesa e esta desviou de imediato o olhar, ganhando um súbito interesse no tecto rugoso do corredor que percorriam e parecendo ver nele virtudes que não existiam no guerreiro, julgando pelo tempo que passou de olhos fixos nele, o suficiente até Aewyre virar a cara, suspirando.

Há quanto tempo estamos nisto, Lhiannah? perguntou, tendo de esperar alguns momentos até obter resposta.

Não sei disse a arinnir secamente. Seis horas, talvez sete... já deve ser manhã.

Não era isso que eu queria dizer deixou o jovem pendente, certo de que Lhiannah havia percebido. Contudo, o silêncio da princesa levou-o a parar, virar-se e confrontá-la. Vamos lá ver, há quanto tempo saímos de Vau do Caar? Cinco meses? Seis? A arinnir dignara-se

por fim a olhá-lo nos olhos, fosse por que razão fosse. Meio ano a ignorar-me, a desprezar-me, a insultar-me, a contestar tudo o que digo e faço? Raios partam, Lhiannah, não achas que já chega?

O jovem levantara a voz e as suas palavras ecoaram pelo túnel abaixo quando acabou de falar. Baixara Ancalach e a luz da lâmina incidia-lhes debaixo dos queixos, sombreando-lhes as faces austeramente. Lhiannah não respondia, mas Aewyre estava disposto a ficar ali à espera até que a princesa o fizesse. Daquela não passava, desta vez não haveria passos atrás nem amuos nem escapadelas a meio da conversa. A arinnir pareceu ler isso nos determinados olhos do jovem, pois os seus punhos cerraram-se naquilo que podia ser frustração.

Achas que não tive razões de sobra para isso? inquiriu com um raivoso nó na garganta.

Razões de sobra? grasnou o jovem, incrédulo e de sobranceiras bem erguidas. Bebemos os dois, ficámos um pouco alegres e fomos para a cama! Qual é o teu grande problema para me odiar assim tanto?!

Tu embebedaste-me de propósito...

Ai agora fui eu? Aewyre tocou jocosamente no seu peito "com o indicador. Obriguei-te a beber? Enfiei-te a cabeça dentro das pipas?

Podia ter engravidado... rilhou Lhiannah.

Mas não engravidaste, eu usei a porra da tripa de porco! *Qual é o teu problema?* Não gostas de homens? És frígida? És...

Foi a minha primeira vez! gritou a princesa, batendo com os braços no ar. Percebeste? *Foi a minha primeira vez!* O guerreiro calou-se, atordoado, esmagando todas as outras palavras que lhe iriam sair com um engasgo e ficando a olhar para Lhiannah de boca aberta. Percebes agora? A minha primeira vez e fui embriagada e montada como uma cadela! Lágrimas cintilaram à luz de Ancalach debaixo dos olhos da princesa.

Enquanto Lhiannah fungava e esfregava a cara, trémula, Aewyre permaneceu mudo, incapaz de formular qualquer frase coerente para lhe dizer, incapaz de sequer pensar. A primeira vez?

Achas bonito? perguntou a arinnir de voz apertada, olhando para o chão e afagando o braço.

É deste tipo de coisas que te costumavas gabar aos teus amigos, que desfloraste uma princesa depois de a embebedar?

A boca do jovem mexeu-se, mas nada dela saiu. Lhiannah virou-lhe as costas, cruzando os braços e encostando a cabeça à parede.

”A primeira vez, repetia Aewyre incessante e incredulamente na sua cabeça, dando consigo a pensar nas histórias que Worick lhe contara acerca da arinnir. ”A primeira vez?”

A súbita vontade que sentia de confortar a princesa era esmagadora, mas tinha quase a certeza de que seria rejeitado e afastado como todas as outras vezes. Que podia dizer? Que devia dizer? Que *tinha* que dizer?

Eu... não sabia saiu-lhe, e o guerreiro repreendeu-se logo de seguida por essa patética tentativa de desculpa.

E se soubesses? Terias agido de forma diferente? duvidou a arinnir, falando contra a parede.

Se eu soubesse... Todas as lições de retórica de Allumno esvaneceram-se-lhe da mente naquele preciso momento. Se eu tivesse sabido na altura... não, não teria agido de forma diferente.

Lhiannah virou-se para Aewyre com as pestanas molhadas, as suas feições cobertas por uma máscara de ambiguidade. Se eu tivesse sabido... agora... não o teria feito. Era difícil dizer se a princesa o compreendera ou não, pois a sua expressão mantinha-se inalterada.

O que eu quero dizer é... O jovem coçou a cabeça como se esperasse que alguma ideia de lá lhe saltasse. Desculpa.

Nenhum dos dois proferiu uma única palavra durante longos momentos. Aewyre olhava para o chão mas sentia o peso do escrutínio de Lhiannah sobre si.

Desculpa repetiu, suspirando e inclinando o pescoço para trás de olhos fechados e mão livre na anca, baixando a cabeça de seguida para a abanar em consternação. Ancalach quase imitava a postura cabisbaixa de quem a empunhava.

A princesa continuou sem nada dizer e o guerreiro não insistiu, disposto a esperar pelo veredicto em silêncio.

Está bem. Aewyre ergueu os olhos ao ouvir estas palavras.

Podemos ir?

O guerreiro achou que faltava alguma coisa no meio daquilo tudo, pelo que hesitou em se mexer apesar de Lhiannah parecer pronta para continuar a caminhada. Hesitante, estendeu a mão livre e, após o que pareceu uma eternidade, pousou-a sobre o ombro da arinnir que, para grande surpresa do jovem, não recuou nem lha esbofeteou para longe.

Eu... estava a falar a sério. Quando pedi desculpa. Mesmo. Eu sei que já te pedi, não por... aquilo, por outras coisas, mas parece que isso nunca resolve nada... eu gostava de fazer mais, quero fazer mais,

se pelo menos soubesse o quê. Diz-me se há alguma coisa... que eu possa fazer. Pela primeira vez em muito tempo, demasiado tempo, os olhos de ambos cruzaram-se sem qualquer animosidade ou rancor. O brilho infantil dos orbes de Aewyre dera lugar a uma invulgar seriedade e franqueza e o ressentimento desaparecera por fim dos de Lhiannah. Se tu me pedires, eu...

Cala-te interrompeu Lhiannah, erguendo a mão como para pedir silêncio. Vais dizer algum disparate, de certeza. Não digas mais nada... O guerreiro levantou as suas mãos e baixou a cabeça em sinal de desistência. Eu também já estou cansada, cansada de lutar contigo, cansada de estar sempre a discutir, cansada de infernizar a vida dos outros por nossa causa. Vamos... vamos começar de novo, sim? Esquecer tudo o resto, esquecer o que se passou, esquecer que és um arrogante, emproado, presumido...

Começamos bem.

Desculpa... Lhiannah inspirou fundo. Podemos fazê-lo?

Claro. E... uma boa ideia. Começamos agora?

Sim, agora.

Ótimo.

Sim...

Por falta de palavras providas de significado, ambos ficaram calados. Aewyre apercebeu-se de que a sua mão ainda estava no ombro de Lhiannah, notando que este não se encontrava tenso. O tecido da camisa vermelha estava ruço e gasto e o guerreiro deu consigo a deslizar-lhe os dedos pela espádua até tocar na pele macia do braço. Um calor aflorou ao peito de ambos e a arinnir fechou os olhos, mas nenhum recuou. As pontas dos dedos do jovem continuaram o seu percurso pelo antebraço, roçando nos mitenes de cabedal até chegar à mão da princesa, na qual se fecharam gentilmente, originando arrepiaamentos pelos membros de cada um. Lhiannah acabou por colocar a sua mão livre por cima das duas como para selar o pacto e Aewyre acenou com a cabeça, fechando ele também os olhos. Levou as duas mãos aos lábios e beijou-as suavemente, e foi quando a princesa não se alvoroçou que o guerreiro soube que estava perdoado.

Vamos então? sugeriu.

Sim, quero sair destas cavernas o quanto antes... A arinnir levou repentinamente a mão ao temporal e cambaleou por breves instantes.

O que foi? perguntou Aewyre, segurando-a pelo braço.

Nada... valente soco, o que me deste... O guerreiro sentiu-se visivelmente mal. Mas também não escapaste sem moça... veio o orgulho à tona.

Lá isso não admitiu o jovem, esfregando o lábio superior inchado devido à cabeçada que levava.

Eu estou bem. Podemos ir disse Lhiannah, presenteando o jovem com um sorriso.

De certeza?

Sim. Aewyre duvidava claramente. Ou talvez não...

Estamos os dois cansados. Aproveitamos para dormir um pouco aqui? Apontou com a ponta da espada para um recesso na parede do túnel, esperando que a princesa recusasse. Uma vez mais, foi surpreendido quando Lhiannah assentiu e se recolheu no recanto que indicara, e ainda por cima certificando-se de que havia espaço para o guerreiro!

Aewyre acoitou-se no apertado esconso, acomodando-se junto de Lhiannah com cuidado para não parecer demasiado ansioso. A arinnir tentou dar-lhe o maior espaço possível, mas consigo dentro daquele nicho húmido e gotejante, o espadaúdo jovem dificilmente caberia confortavelmente pelo que, após alguma hesitação, Lhiannah deu-lhe o lugar e encostou-se ao seu tronco, ficando praticamente sentada ao seu colo. Boquiaberto, Aewyre nada disse e deixou que a princesa se aconchegasse ao seu peito retesado. O que estava ela a fazer?

Aewyre?

Sim...?

Não te vais pôr com ideias, pois não? A cara do jovem afogueou-se com tal rubor que Aewyre julgou que brilhava no escuro. Estás perdoado, só isso. Bocejou e nada mais disse.

Não te preocupes... asseverou o confuso guerreiro em surdina. Está descansada...

Após o prolongado repouso, os dois puseram-se a caminho uma vez mais, Ancalach servindo-lhes de estrela-guia naquele mundo de noite eterna. O túnel que percorriam ia descendo gradualmente, para grande preocupação de ambos. Água havia-a por todo o lado, mas ainda não haviam encontrado um único curso que pudessem seguir e a noção de progresso era mínima. Tinham a impressão de que desciam cada vez mais fundo, de que eram intrusos num domínio ao qual não pertenciam. Os antebraços de Aewyre estavam cansados

de empunhar Ancalach alternadamente e as suas pernas ressentiam-se do parco descanso após dias de intensa caminhada, mas tanto ele como Lhiannah estavam determinados a voltar o quanto antes à superfície.

A dada altura o túnel começou a alargar-se progressivamente, acabando por se abrir numa enorme caverna. Ancalach iluminou uma vasta gruta de cujo tecto pendiam estalactites castanho-alaranjadas em forma de sincelos das quais as lágrimas das cavernas pingavam regularmente. O pranto gotejava sobre charcos arredondados represados por crustas de minerais, que constituíam um padrão alveolar no chão da caverna, ecoando serenamente pelas paredes rochosas. Dentro dos charcos encontravam-se montículos, pequenas ilhotas calcárias que provavelmente não passavam de estalagmites em fase de concepção. O ar ali dentro era ancestral, nele o odor de séculos aprisionados era pungente, pouco ou nada diluído pela passagem do tempo, que naquelas cavernas parecia não ter significado.

Magnífico... admirou-se Aewyre, percorrendo a caverna com os olhos e com a luz da espada.

Magnífico... concordou Lhiannah

Afinal, os thuragar não são assim tão miseráveis por viverem onde vivem achou o guerreiro, retomando o passo, de Ancalach em punho.

Há grande beleza que se esconde debaixo da terra. O Worick contava-me histórias de oceanos subterrâneos, estalagmites mais altas que palácios, grutas de cristais brilhantes...

Pois, mas eles nem têm luz para o ver...

Não precisam, os thuragar têm uma sensibilidade diferente da nossa. Eles vêem bem no escuro, mas aquilo que não conseguem ver sentem-no com dedos e pés, conseguem dizer-te de que tipo de pedra se trata só de lhes tocar. A língua deles tem centenas de palavras só para descrever a textura de uma rocha, outras tantas para a sua densidade e mais algumas só para o som que fazem quando se lhes bate com diferentes tipos de metal.

Impressionante. Aewyre estava a gostar de ouvir a voz da princesa dirigida a si, o que o levava a alimentar uma conversa que, noutra ocasião, provavelmente o enfadaria.

E mesmo. Todos pensamos neles como anões truculentos, toscos e desajeitados, mas a verdade é que os thuragar são todos eles potenciais artistas... Os dois guerreiros caminhavam cuidadosamente por entre os charcos, cuja água tinha à superfície uma até então

intocada crosta calcária que estalava a cada passo seu. Subitamente, Lhiannah estacou, engasgando ao olhar para uma das ilhotas no meio de um charco.

O que foi? perguntou Aewyre, apontando a ponta de Ancalach na direcção em que a arinnir fixara os olhos. Que se passa?

Oh não...

Lhiannah, o que é que foi? repetiu o guerreiro, quebrando com um apressado passo uma crosta mineral que represava um charco.

Está quieto! vociferou a princesa, levantando a mão de palma estendida. Estamos num cemitério!

O quê...?

Isto é um cemitério thuragar!

Aewyre não dava mostras de estar a perceber, pelo que Lhiannah o ajudou, apontando para a ilhota da qual ainda não tirara os olhos.

Olha bem para ali.

Aonde? O jovem chegou a ponta de Ancalach à estalagmite embrionária. Não vejo... ah... Debaixo da camada calcária era visível um maciço crânio ao qual um elmo estava atado, cujas pontas dos chifres ainda não haviam sido cobertas e espetavam para fora. Um escrutínio mais atento revelou entre outros o gume de um martelo e o rebordo de uma espaldeira; o indivíduo fora ali colocado envergando uma armadura completa. O que é isto?

Os thuragar são "enterrados" assim explicou Lhiannah, que não dera nem mais um passo. Deixam-nos deitados debaixo de estalactites com as suas armas e armaduras e esperam que calcifiquem.

Mas... o tempo que isso demora...?

Muito. Os cadáveres aguentam-se um pouco mais com o ar das cavernas, mas não chega para impedir que apodreçam antes de estarem devidamente... sepultados. Não deve ser bonito de se ver.

Não se podia esperar muito mais de thuragar... mas não digas ao Worick que eu disse isso. Lhiannah não achou piada, pois sentia que estava a profanar solo sagrado.

Anda, vamos sair daqui e contornar isto. Não me sinto bem a pisar estes charcos.

O guerreiro estava de acordo e assim fizeram, voltando atrás e procurando uma rota alternativa para atravessarem a caverna. Optaram por usar as estalagmites de topo arredondado que cresciam coladas à parede e que serviam como degraus rudimentares.

Escuta, ouves isto? perguntou a arinnir, equilibrando-se sobre as estalagmites. Havia de facto um ruído no ar que se assemelhava vagamente ao rumorejar de água em cachão. Deve ser mais lá à frente. Vamos.

Findo o trajecto improvisado, os guerreiros, moralizados pelo som pelo qual tanto haviam ansiado, estugaram o passo. A caverna na qual se encontravam bifurcava-se em vários túneis, mas apenas de um provinha o ruído de água a escorrer, qual chamamento da liberdade, e foi esse que ambos rapidamente calcorrearam. Chegaram a uma nova caverna, mais pequena que a anterior, e a luz de Ancalach incidiu numa superfície aquosa que a reflectiu, uma lagoa subterrânea alimentada por lacrimosas estalactites e por um curso de água que vertia do tecto, abatendo-se na superfície em borbulhantes borbotões.

Muito bem, encontrámo-la. E agora? indagou Aewyre, erguendo Ancalach como uma tocha.

Agora... será que acaba aqui? Vamos andar mais um pouco. Assim fizeram, iluminando cada recanto da gruta com a Espada dos Reis à procura de uma saída ou de algum fio de água que estivesse a escorrer para o exterior, mas não tiveram sucesso. A lagoa, no entanto, estreitava-se em frente e continuava num pequeno rio para longe dos guerreiros. Lhiannah coçou a cabeça em apreensão com a mão livre e Aewyre enfiou Ancalach na água para ver a profundidade.

Sabes nadar? perguntou o jovem.

Claro que sei! replicou a princesa, ofendida.

Só estava a perguntar... a tua casa não é perto do mar.

Nadei em rios. Qual é a grande diferença?

Nenhuma, nenhuma... olha, isto não parece muito fundo. Pronta para um mergulho?

Lhiannah olhou inquieta para a lagoa escura.

Quer dizer... a margem do rio não era assim tão funda... reparou, acocorando-se na borda e tacteando a água. Nem tão fria...

Pois, o Estuário do Suão também era um pouco mais quente... Aewyre inverteu o aperto no punho de Ancalach. Mas dá-me a ideia de que o único caminho é mesmo em frente.

Será...? Havia outros túneis... enganou-se a arinnir a si mesma, pois sabia muito bem que caso se aventurassem pelas outras galerias, o mais certo era perderem-se de vez. Não, a água era a única solução... Esquece, esquece. Vamos lá ao banho.

Inspirando fundo e aquecendo os membros, o par preparou-se para saltar para dentro de água, embora nenhum mostrasse vontade de mergulhar primeiro.

Bom, o melhor é eu ir à frente, não? Para iluminar o caminho? Lhiannah não contestou. Ora muito bem... O jovem abanou mais um pouco as pernas. *"Vamos morrer ali dentro... ninguém nunca nos encontrará"*, pensou antes de inspirar fundo e se atirar de cabeça à água, cuja superfície perfurou com grande estrépito. Lhiannah seguiu-se-lhe de imediato e as cabeças de ambos vieram rapidamente à tona.

Está *gelada!* arfou a princesa.

Vamos mas é pôr-nos a nadar! balbuciou Aewyre, dando o exemplo.

Os dois guerreiros esbracejaram pela lagoa fora, alcançando o rio em poucas braçadas e não tardaram a ser puxados pela corrente. Aewyre agarrava Ancalach de lâmina para baixo, mas mesmo assim a espada era um fardo dentro de água e dificultava-lhe a natação. A marcha da água arrastava-os com pouca delicadeza e crescente força pelo curso descendente como um traiçoeiro amante que os puxava para um envolvente e fatal abraço.

Rocha! gritou o jovem, engasgado.

O quê?

Rocha à frente! Mergulha! " Ancalach iluminara um local no qual o tecto da estreita gruta se

afundava e contra o qual estavam prestes a ser esmagados. Incapaz de ajudar Lhiannah, Aewyre apenas pôde orar para que a princesa o tivesse ouvido e enfiou a cabeça debaixo de água. Todo o ruído desapareceu então e o mundo ficou calmo e silencioso. A Espada dos Reis alumia as sinuosas paredes moldadas pelo correr do rio e as depressões e concavidades por cima, nas quais residiam inalcançáveis bolsas de ar, mas o tecto parecia prolongar-se até onde a curta vista alcançava. O guerreiro olhou para trás e viu Lhiannah de bochechas cheias a nadar com aflitas braçadas, os seus longos cabelos a esvoaçarem como um véu dourado. Os seus pulmões começaram a contrair-se-lhe dentro do tórax, aguardando ar que não estava a entrar. Ancalach iluminava apenas pedra. Pânico quente aflorou-se-lhe ao torso. Pedra e água, só pedra e água, nada mais para além de pedra e água...

A luz da espada atravessou subitamente a conturbada superfície do rio. Aewyre esbracejou freneticamente para cima e inalou o ar roucamente, enchendo os pulmões até estes quase rebentarem. Lhiannah

produziu ruídos semelhantes quando surgiu à tona, mas antes que qualquer um pudesse falar, aperceberam-se de que ainda eram arrastados, embora os seus pés já roçassem o chão. Tropeçando ao tentarem manter-se de pé, nenhum reparou na parede em frente e ambos embateram desprevenidos contra ela. A água acachoa para fora da parede e um ruidoso borborejar enchia o ar.

Encontrámo-la! proclamou Lhiannah, triunfante. Chegámos à nascente!

Estou a ver que sim... Aewyre olhava em redor, para as apertadas paredes nas quais os raios de luz de Ancalach reverberavam, distorcidos pela água. E agora?

Tão repentinamente quanto aparecera, o entusiasmo da arinnir esfumou-se assim que se apercebeu do obstáculo que ainda se lhes deparava na forma da parede calcária em frente. Tinha um buraco, e a Espada dos Reis fazia ressair as suas rachas e fendas, das quais provinha ar do exterior, mas ainda assim parecia sólida o suficiente para deitar fracas esperanças por terra.

Oh não... lamentou-se a princesa, apoiando as mãos na pedra húmida da parede, como se a pudesse empurrar. Raios, não! Não pode ser...! praguejou, esmurrando a rocha.

Alheio aos vitupérios de Lhiannah, Aewyre olhou quase involuntariamente para Ancalach. Desde a queda, a espada já o surpreendera várias vezes e das mais inesperadas formas. Seria possível...? Não custava tentar.

Afasta-te pediu em voz alta para se fazer ouvir no meio do borborejar, arrastando os pés pela água turbulenta.

A arinnir fitou-o com cabelos molhados colados à cara, um brilho nos olhos que mais pareceu um fulgor de esperança reavivada que o reflexo de Ancalach e fez como lhe fora pedido. Aewyre empunhou a espada com as duas mãos, relaxou os dedos, crispando-os de seguida, e investiu, grunhindo enquanto orientava a lâmina num poderoso golpe descendente. O impacto contra a pedra foi sólido e estrídulo, mas pouco mais causou que um talho na rocha, umas dolorosas vibrações pelos braços do jovem acima e um pungente ranger nos seus dentes. Para grande consternação de Lhiannah, Aewyre chamou a si mesmo todos os insultos possíveis e imaginários, e foi por sorte que não perdeu a espada. Daveanorn ter-se-ia rido às gargalhadas.

Estúpido... resmoneou o guerreiro, afagando os maxilares com a mão livre enquanto estudava a parede mais atentamente. Os

esperançosos olhos de Lhiannah pesavam-lhe nas costas. Assim não... talvez... hmmm... sim, por que não? O que é que o Worick chamou a esta pedra?

O que é que ele...? Como?

Ele deu-lhe um nome especial. Como é que lhe chamou?

O nome? Ele disse que era pedra calcária rachada... mas o que é que isso interessa? Estamos presos...

Pedra calcária rachada... reiterou o guerreiro.

O que é que vais fazer? Em resposta, o jovem enfiou bruscamente a lâmina por uma das frestas da parede adentro, deixando-a pendente um pouco acima do buraco pelo qual a água saía. Largou o punho para relaxar, estender e estalar os dedos, girar o pescoço e rodar os ombros. Aewyre?

O jovem tornou a agarrar o punho de Ancalach com as duas mãos, apoiou o pé na parede e, inspirando fundo, começou a puxar. O seu penoso grunhido de dentes cerrados ouviu-se mesmo com o constante correr da água. Lhiannah ergueu as sobrancelhas ao ver os músculos palpitantes dos braços de Aewyre e as veias pulsantes no seu pescoço. Ancalach dobrava, flexível, mas a pedra não cedia. O guerreiro exalou e descansou por breves instantes, voltando à carga pouco depois e tornando a grunhir, mais audivelmente assim que lhe pareceu que o bloco de pedra se mexera, ajudado pela corrente. Lhiannah cerrava os punhos em expectativa, murmurando silenciosas palavras de encorajamento. Com um novo grunhido que mais parecia um grito, Aewyre tornou a deslocar o bloco, alargando o buraco na parede. A princesa começou a ajudar, desferindo pontapés alimentados pelo desespero na teimosa pedra enquanto o jovem fazia um derradeiro apelo às suas forças. Com um rachão de protesto, o bloco cedeu à vontade dos humanos e o empurrão decisivo foi desferido pela inexorável corrente, que o arrancou do seu milenar posto, enchendo a diminuta gruta com a luz do Sol e cegando os dois guerreiros. Desequilibrados, ambos caíram desajeitadamente à água e foram arrastados para fora pela borbulhante nascente, esmagando crustas de tufo e gelo ao atingirem o solo escorregadio do regato que ali se formava. Apoiando-se em Ancalach, Aewyre ergueu-se, puxando os cabelos molhados para trás e exalando um sonoro suspiro de alívio. Lhiannah também se levantou, balbuciando ruidosamente e abraçando-se para se resguardar do vento frio com o qual o exterior os bafejou. A espada deixara de brilhar, mas o jovem estava demasiado aliviado para dar muita atenção a esse

facto e olhou para a princesa, sorridente. Os cantos dos seus lábios nivelaram-se ao ver as roupas reveladoramente ensopadas da arinnir que, com os cabelos a escorrerem-lhe pelas costas e ombros abaixo, mais parecia uma nayana de cabeleira dourada. O escrutínio não passou despercebido a Lhiannah, que se preparou para dizer algo antes de um virote chapiscar na água perto dos seus pés.

Por instinto, Aewyre postou-se em frente da princesa, assumindo uma postura de combate com Ancalach em riste. Quatro figuras aguardavam-nos na margem esquerda da nascente, dois empunhavam bestas que visavam o par.

BUSCA

Allumno nadava no mar etéreo do Pilar de Allaryia, a gema na sua testa a fulgir como um farol escarlate. A imensidão incolor era pontilhada por pequenos pontos cintilantes ao longe, formas de vida que brilhavam com a sua própria energia vital, totalmente alheias à Essência que permeava toda Allaryia. De breve passagem pelo que devia ser a caverna dos Corações Quebrados, o mago distinguiu vultos brilhantes que só podiam ser garigonor. Os enfezados thuragar tinham um medo irracional do exterior e decerto teriam mais hipóteses de sobreviver a um eventual novo ataque dos Filhos do Flagelo dentro das suas cavernas que fora delas. De qualquer forma, nem sequer as palavras carinhosas de Mamã haviam sido suficientes para que os garigonor mudassem de ideias, e qualquer tentativa de os tirar de lá à força resultaria apenas numa debandada, pelo que haviam decidido respeitar a decisão dos corcovados humanóides. Desejando-lhes sorte, Allumno prosseguiu o seu caminho, singrando como um veloz peixe num oceano transparente.

”O medo protege-nos”, reflectiu o mago, ainda a pensar nos garigonor ”mas a existência que procura salvar é uma de sobrevivência, e quantos se contentam com isso? Ainda assim, preferia que o Aewyre fosse um pouco mais receoso por vezes...”

Allumno acalmara aquando da saída das cavernas, pois doutro modo não poderia entrar no transe requerido para se submergir nas águas sidéreas do Pilar. Era o tutor do filho mais novo da casa de Thoryn e tornara a falhar na missão que ele próprio se incumbira de o proteger. Isso e o afecto quase paternal que o mago sentia pelo rapaz que, embora nunca traduzido por palavras, era o laço mais

forte que unia a ambos e que apenas se reforçara desde a "fuga" de Ul-Thoryn meses atrás.

"Mas que Kispryn lhe estenda a mão decepada, o inconsciente só me dá preocupações... deixaste-nos com um verdadeiro garanhão selvagem, Aezrel Thoryn. Igual a ti em tantas coisas... as marteladas da vida moldaram-te no que te tornaste, e temo que ele também só venha a aprender dessa forma. Todos aqueles dentro dos quais arde um fogo têm de o usar para alguma coisa, para forjar o corpo e o espírito antes que se queimem a eles mesmos e àqueles que os rodeiam, mas o Aewyre embate contra tudo o que lhe surge no caminho, esquece-se de que demasiadas marteladas estragam o molde..."

Um excelente ensaio de metáforas, pupilo disse a voz de Zoryan. Sem estar verdadeiramente surpreendido, Allumno olhou para a projecção do seu mestre, que voava a seu lado. Senti a tua chamada urgente, mas foi-me difícil manifestar-me aqui. O Pilar torna-se insistente...

Problemas, mestre? inquietou-se Allumno, sem grande disposição para mais preocupações.

Nada de grave. A gema é a minha âncora, e enquanto ela existir o Pilar nunca me absorverá por completo. Mas por vezes ele parece tornar-se... insistente, como um cão que me mordeu mas não consegue puxar e não pode largar. Enfim, um assunto de somenos importância. O Aewyre desapareceu?

Sim, ele e a princesa de Syrith caíram numa derrocada subterrânea. Temo pela vida de ambos.

Zoryan franziu o seu etéreo cenho.

Esperemos que não haja razão para tal... estás a sentir isto?

Sim, mestre. Ancalach dificilmente passa despercebida. A Espada dos Reis praticamente ardia na translúcida imensidão, um pequeno mas roaz fogo à distância, um som pulsante parecido com o bater de um ardoroso coração. E alguém a empunha! Impelido por um surto de energia, Allumno singrou na direcção da fulguração, deixando o seu mestre para trás por breves instantes antes de este o tornar a apanhar. O mago achegou-se das duas figuras ambulantes e tocou-lhes, sentindo as suas essências e suspirando de alívio ao reconhecer o âmago familiar de ambos. São eles... e estão vivos.

Folgo em saber. A minha ajuda não será necessária, então.

Perdoe o incómodo mestre, mas como pode calcular...

Ora essa... claro que entendo a tua preocupação. Ainda bem que me chamaste, e deves fazê-lo sempre que achares necessário. Consegues orientar os teus companheiros? O mago hesitou, apercebendo-se de que devido ao desassossego não estivera a prestar atenção, e as direcções no Pilar eram algo relativas. Zoryan presenteou-o com um sorriso de simpatia:

Dirigem-se para Leste. O que não quer dizer que venham a chegar a algum lado...

Obrigado, mestre. Até à nossa próxima lição... despediu-se o mago sucintamente, dissipando-se sem qualquer cerimónia nas águas etéreas do Pilar.

Zoryan suspirou, cruzando pensativamente os braços atrás das costas. O Allumno era demasiado rigoroso com ele próprio. Não se deixava enganar pela fachada despreocupada do seu mestre e dava sempre o seu máximo em tudo, sem nunca se permitir algum gozo com os sucessos e repreendendo-se implacavelmente a cada fracasso. Não havia um único monótono dia que passasse no qual o arquimago não se repreendesse pelo que havia feito a um simples rapaz camponês. Sentira um imenso potencial no jovem, era certo, mas o facto de o ter praticamente forçado a tornar-se na pessoa que hoje era, sem lhe ter apresentado qualquer tipo de escolha... Zoryan não se sentia bem com isso, havia roubado a juventude ao seu pupilo e temia algum ressentimento da sua parte, apesar de achar tal reacção perfeitamente compreensível. Qual teria sido a resposta dele caso lhe tivesse sido permitido escolher entre uma simples e despreocupada vida no campo e a ascese da alma da qual todos os magos padeciam? Perguntas a que o arquimago, a despeito de todo o seu poder, nunca conseguira responder nem fazer àquele que lhe era como um filho.

Estás a ficar velho, Zoryan... lamentou-se como se alguém o pudesse ouvir. Imortal, porém cada vez mais velho, e os problemas irresolutos que deixaste para trás vão atormentar-te. O arquimago tornou a suspirar, dissolvendo-se no Pilar ao qual negava a sua essência. Nada que não mereças, seu velho idiota...

O corpo de Allumno mexeu-se e os seus olhos estremeceram antes de abrir. À medida que a vida voltava aos seus membros, o mago levou o seu tempo para se ajustar à solidez e consistência de Allaryia, observando o que o rodeava. Estava no interior de uma cabana com uma atmosfera quente e acolhedora, acompanhado pelos seus companheiros e os Corações Quebrados. Havia sido acolhidos por um velho pastor viúvo, que aparentemente já conheciam há muito e que não hesitara em lhes oferecer guarida. O homem colocara a sua casa e comida à disposição do grupo, como se lhes devesse algo que por fim tinha a ocasião de retribuir. O fogo no centro da sala crepitava e tremeluzia, ataviando as caras cismáticas dos presentes com tons dourados. Todos se sentavam e deitavam no chão,

apoiando as cabeças em travesseiros feitos com as suas roupas, afiando facas, cofiando bigodes, jogando silenciosas partidas de dados, mastigando as sobras do jantar de queijo de cabra e murmurando entre si. A apreensão de Worick era visível na fúria comedida com a qual trabalhava o seu bloco de pedra e mesmo Taislin brincava pensativamente com os seus punhais, rodopiando-os com destreza pelo ar. Animal recitava o seu nome de variadas formas, encolhido a um canto, Pestanas piscava-as absortamente, silencioso como sempre, Mamã desembaraçava os cabelos com um pente de osso, sentada de pernas cruzadas defronte da fogueira e Maneta encerava distraidamente o fio do seu arco. Os restantes dormiam no curral, pois não havia lugar para todos na modesta cabana. Allumno levantou-se lentamente, descruzando as pernas dormentes com vagar antes de se erguer, o que suscitou uma reacção geral em todos os presentes, sendo a de Worick a mais enfática.

Onde estão eles, mago? perguntou, pisando mãos e pernas ao galgar a distância que o separava de Allumno com um salto e umas passadas.

Estão vivos os dois assegurou-lhe o mago, erguendo as mãos para o acalmar. Dirigem-se para Leste.

Para o outro lado das montanhas... concluiu o thuragar, mais tranquilo. Dizem vocês que há umas cinco nascentes por aí? indagou, dirigindo-se aos Corações.

Pelo menos respondeu um Coração barbudo com ar rústico e falhas na dentadura.

Muito bem, teremos de procurar então. Amanhã pomo-nos logo a caminho de madrugada, e vai ser passo de partir costas até os encontrarmos.

Quem é que pôs o thuragar no comando? quis um outro saber.

O meu martelo...

Rapazes... admoestou-os Mamã pacientemente enquanto se penteava. Portem-se bem. Eles são os amigos de Aewyre Thoryn e estão preocupados.

A mera presença da mulher era o mais forte dissuasor de qualquer agressividade, e o tom maternal da sua voz não deixava espaço nem vontade para discussão. Mesmo Worick era refreado pela sua firme brandura.

Vou dormir. Amanhã acordo tudo à cachaporrada... resmungou quase imperceptivelmente.

Allumno suspirou e foi ter com Mamã, sentando-se a seu lado debaixo do olhar de cada Coração presente na sala.

Desculpe o Worick.

Não há motivo para isso, Allumno asseverou a mulher, pousando o pente. Não preciso do toque de Assana para perceber que ele tem uma ligação muito especial com a rapariga.

É verdade, mas eu também queria pedir desculpa por toda esta situação. Ainda não compreendi ao certo o que se passou com a Lhiannah, mas ela afigura-se-me como a responsável pelo ataque que vitimou os seus. Mamã levou a mão ao peito, como para acalmar uma dor no coração. Perdão. É um assunto certamente doloroso no qual não me encontro no direito de tocar...

Sei que não o fez por mal, Allumno, e agradeço a sua preocupação sorriu-lhe a mulher, se bem que fracamente. Admito que a Lhiannah me pareceu estranha, até porque foi a única que me vedou o seu coração, mas duvido muito de que ela vos acompanhasse se ele fosse impuro.

Por alguma razão, o mago lembrou-se de Slayra, mas a eahanoir não era um assunto pertinente para discussão e descartou a memória.

Como disse, é um mistério por descortinar. Queria apenas dizer-lhe que... lamento. Ainda não tivera ocasião de o fazer.

Mamã sorriu outra vez. A mulher era uma fonte infindável deles, independentemente da situação.

Obrigada. A sua ferida...? perguntou, indicando a cara do mago.

Allumno levou a mão à cataplasma que Mamã lhe pusera no lanho causado por Lhiannah, encolhendo os ombros resignados. Pareceu querer dizer mais alguma coisa, mas mudou de ideias e levantou-se.

Bom... com licença. Boa noite desejou, retirando-se para a sua manta estendida no chão.

Mamã viu-o afastar-se, seguindo atentamente cada movimento seu e compadecendo-se do mago. Via nele uma alma sofredora, um homem que há muito carecia de carinho, de um pouco de afecto, mas que por alguma razão nunca se dignaria a pedi-lo ou oferecê-lo.

”Que Assana te acarinhe, Allumno. Se tu lho permitires...”, foi a resignada prece que lhe ofereceu.

As ruas de Val-Oryth estavam lamacentas e alagadiças devido ao degelo da Primavera; sulcadas pelas rodas de vagões, que represavam pequenos charcos nas vias e apinhadas da imundície da cidade. Durante

a noite ouvia-se o gelo a ranger, enfraquecido mas recusando-se teimosamente a ceder o seu lugar, encorajado pelo frio da noite e a ausência do impiedoso Sol primaveril. O Distrito das Choças fora particularmente atingido pelo alagamento, como o era todos os anos assim que o Inverno terminava, retirando grande parte do prazer que os seus pobres habitantes poderiam sentir com o início da época floral. O distrito fazia jus ao nome, sendo constituído por miseráveis casebres e tugúrios que albergavam a escumalha e os menos favorecidos da cidade tanarchiana. Escondida dentro de uma dessas esquálidas habitações, dormia Hazabel. A harahan estava com um aspecto lastimoso e famélico, o resultado das semanas de privação que passara nas estepes. Os seus dedos estavam enclavinhados como as garras de um animal selvagem, os seus olhos escuros ferinos, as suas feições emaciadas, o seu corpo esgalgado como o de um cão vadio. O seu sono era perturbado e inquieto, pouco descanso para o corpo e nenhum para o espírito, assombrado por recordações do quão perto estivera da morte. A seu lado jaziam os corpos de seis crianças de pele exangue, as suas barrigas esventradas. Crianças. Descera ao ponto de ter de matar *crianças* para sobreviver. O acto em si não lhe causava remorsos de qualquer espécie, mas o fígado de crianças era inocente, o fel insonso, praticamente desprovido de animosidade, de cólera, de amargura. Era-lhe quase repugnante bebê-lo, mas pelo menos matava a sua ávida fome. Hazabel acordou, desistindo de dormir. Aewyre Thoryn, a culpa era toda do maldito Aewyre Thoryn, dele e do seu detestado mestre que a incumbira de lhe trazer Ancalach. A harahan acordou assim que se lembrou do maldito, lembrando-se de que já não dava notícias há meses. Era certo que nada tivera a dizer, o seu mestre nunca estivera particularmente interessado em ouvir as suas desgraças e insucessos, mas deixara bem claro que queria ser mantido ao corrente. A contragosto, Hazabel vasculhou a sua sacola, procurando a tiara que lhe permitiria comunicar com o desgraçado. Encontrou o ob-jecto dourado com pouca dificuldade, pois tivera de fazer uso de quase todos os seus subterfúgios para sobreviver e encontrar o seu caminho para fora das estepes, pelo que a sacola estava praticamente vazia. Hesitante, acabou por colocar a tiara na testa e fechar os olhos, embrenhando-se nas névoas da sua mente e lançando o chamamento ao seu mestre, que surgiu sem demoras na forma de um nublado vulto. Cabra desgraçada! foi a mensagem de boas-vindas. Estás a brincar comigo? Hazabel ficou em silêncio. Não te disse para me manteres informado sobre tudo o que se passava? Não foi o que te *ordenei*?

Mestre... A harahan ainda mal havia dito uma palavra e os seus dentes já rangiam.

Cala-te estúpida! Não quero ouvir as tuas desculpas! Já tens a Ancalach?

Não...

Maldita bruxa imprestável, lazarenta! Não posso confiar em ti para nada, só serves para abrir as malditas pernas e parir rebentos?

O silêncio de Hazabel foi gelado. Há mais de meio ano que andas atrás do jovem Thoryn e nem chegaste perto da espada? Onde é que estás, sua vagabunda? Eu devia...

Seu homenzinho insignificante! interrompeu a harahan.

Eu vou encontrar a maldita espada, e quando o fizer, vou voltar para ta entregar e assim que o nosso pacto for selado, vou arrancar as tuas tripas azedas e enfiá-las pela tua garganta abaixo! Ouviste bem? Assim que eu tiver a espada, és meu! Vou matar-te, estupor! Vais sofrer! Vou matar-te com as minhas próprias mãos, maldito desgraçado!!! gritou, arrancando a tiara da testa e atirando-a com toda a força contra a parede, na qual embateu antes de cair no imundo chão.

Hazabel fervia de raiva, rilhava os dentes, agarrava os cabelos e arranhava o escalpo com as unhas. Ruídos no exterior impediram-na de se automutilar em fúria e distraíram-na momentaneamente da sua cólera. Havia alguém no exterior, alguém que estava a forçar as tábuas pregadas do casebre que serviam de porta improvisada. A harahan ouviu vozes rudes antes de a porta ceder e dois homens vestidos de trapos e ligaduras nos sórdidos pés e mãos entrarem, as suas costas iluminadas pelo luar. Olharam em redor, farejando como cães, e os seus olhos recaíram sobre a mulher de negro encolhida a um canto. Hazabel não percebeu muito bem o Leochlan cerrado do primeiro homem, o maior, mas sabia que não podia ser coisa boa. Na verdade, nem precisava de ter ouvido, pois o sorriso amarelento do maltrapilho quase luzia no escuro. A harahan nada fez nem disse, permaneceu quieta e silenciosa, deixando que os dois se aproximassem enquanto tateava o chão com as unhas negras. O fel das crianças apesar de tudo dera-lhe forças. Agora iria saciar-se...

Saudações, filha da Sombra cumprimentou o andrajoso homem em Olgur, para grande surpresa de Hazabel, que permaneceu em surpreso silêncio.

Há já algum tempo que te procurávamos disse o outro, as tuas actividades não passaram despercebidas. Tens sorte que tenhamos sido nós a encontrar-te e não os lacaios dos Três...

”Filhos do Flagelo...?”), pensou Hazabel.

A senhora Lmsa deseja falar-te... e ordenou-nos que te déssemos isto o homem mais pequeno tirou de uma bolsa presa à cintura algo que fez um ruído molhado ao ser atirado aos pés da harahan, como prova de boa vontade.

Hazabel tacteou a oferenda e constatou que se tratava de um fígado. Olvidando a sua dignidade, agarrou-o com as duas mãos e espremeu sofregamente o fel para dentro da boca, deleitando-se com toda a amargura e malquerença que lhe escorria pela garganta abaixo. Saciada, atirou o órgão para o lado e ergueu-se com renovado vigor nos membros. Os dois vagabundos vacilaram quando os olhos negros da harahan recaíram sobre eles com uma intensidade faminta e animalesca. Hazabel sorriu com fel a correr-lhe pelos cantos da boca.

Gostaria de conhecer a vossa senhora...

Devia ter sido uma noite calma para Figor, um soldado do senhor da guerra Vladen. Fora destacado com os seus companheiros para Tomska, mais uma recompensa que uma incumbência, pois as raparigas da aldeia eram bonitas e desavergonhadas, o peixe era fresco e a ””cerveja era boa, ao contrário da mistela choca que bebiam nos seus postos habituais. Havia apenas uma rapariga na taberna, mas os seus companheiros não se importavam de partilhar e tudo correria de feição até entrar o eahanoir com uma tatuagem no olho que agora estava defronte de Figor, empunhando duas lâminas com as quais lhe desenhara uma segunda boca na garganta. O latvoniano levou as mãos ao pescoço, tentando sem sucesso impedir a sua vida de lhe jorrar para fora. Mais morto que vivo, ainda ouviu os seus companheiros desembainharem as *falcbion*, mas a vida abandonou-o antes que pudesse ver o fulminante desfecho do combate.

Os dois outros soldados tombaram, agarrando feridas que falhavam em perceber como lhes haviam sido infligidas. A criada de longos cabelos castanho-claros estava encostada à parede, aterrorizada. Os soldados haviam-lhe deixado marcas no pescoço e a sua blusa estava reveladoramente aberta, mas havia esquecido toda e qualquer modéstia assim que vira o eahanoir deslizar pelos seus atormentadores como uma faca quente por manteiga. A avó desdentada permanecia ao balcão, imóvel e atordoada com a rapidez com que tudo se passara.

Tannath olhou para os cadáveres em redor e para o corte no seu braço esquerdo. Estava destreinado, era certo, os seus reflexos ressentiam-se das semanas de imobilidade e a pele nas suas costas ainda

estava tenra, mas o golpe da *falckion* podia muito bem ter-lhe podado o braço; era indesculpável. Não se podia permitir deslizos desses, a margem de erro era inexistente, agora que se encontrava a operar sozinho e por conta própria. Mas havia muito tempo para se reprovar a ele mesmo, naquele momento precisava de informação e havia trabalho para fazer. Os seus olhos cinzento e azul dardejaram para a criada, trespassando-a como virotes e cravando-a arfante à parede. Fez o mesmo à velha, que estava tão ocupada com preces mudas e a manter-se de pé com as suas velhas pernas trémulas que o eahanoir duvidava de que ela sequer se mexesse, pelo que foi de encontro à rapariga. Era uma jovem bonita, com uma cara pueril e luzidios cabelos castanhos acabados de lavar, mas as suas feições estavam retesadas pelo terror e o seu corpo tremia.

Não há razão para medo, linda menina... estes tratantes já não te podem fazer mal assegurou-lhe Tannath em Urial, tocando-lhe na face com o lado do seu estilete. O toque do aço quente de sangue causou um estremeção na rapariga, que se prolongou enquanto o eahanoir lhe deslizou a lâmina pelo pescoço e peito abaixo para a limpar, deixando um trilho vermelho. Diz-me, como te chamas?

S-S-Slavinia... conseguiu a rapariga gaguejar de olhos fechados. Tannath percorria-lhe a linha da cintura com o quebra-espadas, limpando-lhe o sangue na saia cinzenta.

Um nome lindo. Eu só quero saber uma coisa, Slavinia: viste uma eahanoir acompanhada por um eahan ruivo? Pensa bem antes de responder. Uma eahanoir muito bonita e um eahan ruivo...

A criada fechou os olhos e começou a soluçar, implorando-lhe balbuciante que não a matasse. Tannath ouviu passos e viu pelo canto do olho azul a velha a tentar fugir de saias levantadas. O quebra-espadas singrou pelo ar e enterrou-se entre as omoplatas da idosa, que levou as encarquilhadas mãos às costas e caiu de cara no chão. Slavinia gritou, soluçando e Tannath afagou-lhe a cabeça, mas o toque da sua mão era como o deslizar de uma serpente.

Shhh... não chores Slavinia. Não iria matar uma rapariga tão bonita como tu. Diz-me; viste uma eahanoir acompanhada de um eahan ruivo?

S-s-sim... semanas... há semanas. Uma eahanoir e um eahan... ruivo. Oh, Gorfanna, por favor...

Muito bem sorriu Tannath, acariciando a face da jovem com o indicador. Agora olha para mim com esses lindos olhos escuros e diz-me para onde foram.

Slavinia debatia-se com o medo que lhe obscurecia a memória, mas por fim, engolindo em seco, conseguiu reunir coragem suficiente para olhar o eahanoir nos olhos. Era o homem mais lindo que alguma vez vira, mas a sua beleza era fria, aterradora, com uma velada promessa de morte nos hipnotizantes olhos exóticos.

Ul-Syth... lembrou-se a rapariga. Foram num barco para Ul-Syth.

Tannath tornou a sorrir e pegou-lhe delicadamente pelo queixo.

Obrigado, linda Slavinia agradeceu, roçando-lhe os lábios com os seus. As pernas da rapariga tremiam descontroladamente e esta deixou as costas derraparem pela parede abaixo quando Tannath lhas virou, embainhando o estilete, colhendo o quebra-espadas das costas da velha e caminhando a passos ressoantes para a saída.

A noite recebeu-o com uma amena brisa marítima. A vila estava sossegada e o rapaz das estalas ressonava sentado no seu banco, de braços e cabeça pendentes e costas encostadas à parede. Tannath inspirou fundo e permitiu-se aquele breve momento de descontração. Finalmente, um indício claro do destino de Slayra. Ao sair de Jazurrieh, lembrara-se da conversa da eahanoir, na qual ela referira "que o líder do grupo que a havia "capturado" fazia tenções de ir para Asmodeon. Sem qualquer outra pista, tivera de se orientar pelo senso comum, pensando no que faria se quisesse ir de Latvonia para Asmodeon, excluindo atravessar as estepes ou dar a volta à Cinta. Apanhar um barco afigurara-se-lhe como a solução mais óbvia. Tomska era o porto mais a Norte da Latvonia, pelo que Tannath decidira tentar a sua sorte na vila, e fora com redobrada satisfação que ouvira a rapariga da estalagem confirmar o seu raciocínio. Agora, tudo o que tinha a fazer era arranjar um barco para Ul-Syth, e depois ir até Asmodeon se necessário fosse...

Uma dor na omoplata fez com que o eahanoir esboçasse um esgar. As suas costas haviam ficado cobertas de cicatrizes de queimaduras e das garras do antroleo que durariam para toda a vida, mas apesar de tudo não eram essas as que mais lhe doíam. A dor no seu peito era bem mais difícil de suportar. O seu coração não mais sangrava; desde que saíra de Jazurrieh, passara a segregar bile rancorosa e abrasante que azedava a cada dia que passava. A vingança era agora o seu único propósito, a única coisa que fazia com que se levantasse a cada manhã para continuar a sua vida e cumprir o seu derradeiro objectivo.

Matar Slayra e Quenestil.

ACOSSADOS

Aewyre arfou violentamente ao ser esmurrado no estômago e caiu de joelhos, agarrado pelos braços por um rufia. O seu agressor segurou a mão que queimara ao pegar em Ancalach, que jazia no chão, fumegando do punho com restos de carne queimada. Lhiannah estrebuchava no forte amplexo de um enorme homem careca de barba e bigode aparados, debaixo do olho de um quarto, que montava um cavalo e empunhava uma besta carregada. Os quatro haviam-nos apanhado como ratos numa armadilha debaixo da mira das suas bestas e Aewyre não tivera outra opção que não entregar a espada, embora estivesse ciente das consequências do acto. A Espada dos Reis chiara ao ser empunhada pelo rufia, queimando-lhe a mão, e o homem evidentemente não gostara.

Parem, seus cobardes! gritou Lhiannah, chicoteando com as pernas no ar, mas um aperto de fazer ranger as costelas aquietou-a.

Os rufias tinham todo o ar de serem habitantes da região, envergando casacos de lanuda pele de cabra com capas de lã e grosseiras botas de montanha. Não estavam particularmente bem armados, pois as suas bestas tinham ferrugem nos eixos e pareciam ter caído em desuso durante um longo período de tempo. Traziam ainda facalhões embainhados ao cinto, mas aparentemente faziam tenções de usar apenas os punhos, coisa que lhes parecia dar singular prazer, julgando pelo entusiasmo com o qual o rufia que segurava Aewyre incitou o seu companheiro a continuar. O homem da mão queimada não se fez de rogado e, assim que o seu camarada ergueu o guerreiro, presenteou-o com um soco na cara que o deitou ao chão.

O que... é que vocês querem? tossiu Aewyre, cuspiendo sangue para o chão. As suas mãos ardiam com o toque álgido da neve,

mas o sangue que lhe estava a ser bombeado pelas veias permitia-lhe ignorar o frio das suas roupas e cabelos molhados.

A única resposta que obteve foi um pontapé na barriga que o virou de costas. Lhiannah tornou a gritar e mais uma vez foi silenciada por um esmagador aperto do enorme rufião que a agarrava.

Fiquem com eles disse o homem montado num Leochlan claro e inteligível, apoiando a besta no ombro. Vou tratar de informar a senhora Linsha. Não se esqueçam, ela disse "capturem-nos", por isso não se excedam. E não percam o Flagício de vista!

Com isto, incitou o cavalo a um galope e rapidamente desapareceu nas árvores. O agressor de Aewyre pegou num pouco de neve com a mão ferida, esmagando-a para aliviar a pele queimada.

O que é que ele quis dizer com *exceder*? *perguntou* ao seu companheiro ao pisotear o abdómen de Aewyre, fazendo com que o jovem se encarassem de mãos na barriga. Eu não percebi admitiu, desferindo-lhe um pontapé na cara e salpicando a neve com gotas vermelhas.

Eu também não... anuiu o outro empolgadamente enquanto levantava Aewyre.

Larguem-no, seus porcos...! berrou Lhiannah, contorcendo-se como uma gata agarrada pela cauda. O rufião que a agarrava grunhiu incomodado e apertou a princesa bruscamente, cortando-lhe

a voz.

Espera pela tua vez, lindinha... disse o que batia em Aewyre.

Não toquem nela, seus... Um murro no queixo calou o guerreiro, seguido de outro.

Mas o cachopo tem medo que eu lhe bata no nariz! riu o rufia, sacudindo a neve da mão ferida enquanto flectia a outra de nós já doridos.

Parte-lho! Parte-lho! afoitou o outro, excitado.

Não querendo desapontar o seu companheiro, o homem correspondeu, agarrando Aewyre pelos cabelos e levando-lhe o joelho à cara. O jovem, no entanto, baixou a testa e foi com ela que colidiu contra a rótula do seu agressor.

Seu filho da puta! rosnou o rufia, deitando Aewyre por terra com um furioso murro e agarrando o joelho magoado. Agora vou exceder-me...

Chega-lhe! Chega-lhe!

Cada baque surdo de pontapé fazia com que Lhiannah se contorcesse mais, ignorando a pressão crescente do amplexo do enorme

homem que a segurava. Contudo, quando lhe bateu na perna com o calcanhar, o rufião rosnou e aplicou uma violenta pressão no tronco da arinnir, cuja visão se encheu de pontos negros e cujos membros caíram, pendendo frouxamente. O homem grunhiu uma interrogação e, ao constatar que Lhiannah não se mexia, deixou-a cair ao chão como um saco de nabos, coçou a cabeça e foi ter com os seus companheiros, que se pareciam estar a divertir mais do que ele.

Aewyre sufocou com um golpe nas costelas e viu-se incapaz de se mexer para evitar que o seu agressor lhe segurasse a cabeça e lhe desferisse um soco certo que por pouco não lhe deslocou o queixo. O canto da sua boca sangrava copiosamente... ou talvez fosse algum dente partido... era difícil dizer, tudo da cintura para cima era dor...

Posso? perguntou o rufião como uma criança que também queria brincar. Os seus dois companheiros olharam para ele, surpresos.

Onde está a...?

Com um grito, Lhiannah saltou para as costas do homem que a prendera, agarrando-se ao seu pescoço com um braço e cravando-lhe no peito o punhal que tinha escondido na bota. Aproveitando o ímpeto do salto, oscilou a cintura e atingiu com os pés a barriga do rufião que segurava Aewyre, empurrando-o para trás, mas antes que pudesse continuar, o rufião surpreendeu-a, grampeando-lhe com poderosos dedos o pulso do braço que empunhava o punhal que ainda estava cravado no seu peito e invertendo o movimento com uma torção do seu corpo, que atirou a arinnir ao chão. O rufião da mão queimada chamou algo abominável à princesa e preparou-se para lhe cair em cima, mas Aewyre ergueu-se, rosnando, e carregou sobre ele, empurrando-o com os ombros contra uma árvore, que despejou sobre ambos uma chuva de neve aquando do impacto. Antes que o homem recuperasse, Aewyre levantou a cabeça bruscamente, chocando com a nuca contra o queixo do rufião, cujos dentes estalaram, cortando-lhe a língua. Ignorando a dor na sua cabeça, o jovem pegou no seu adversário pelo pescoço e puxou-o para si, esmagando-lhe a barriga contra o joelho não uma, mas três vezes. O rufião gritou sufocado, escorrendo sangue da língua cortada e Aewyre, furioso, agarrou-o pelos cabelos e desferiu-lhe um murro ascendente no lado do queixo, tombando-o e caindo ele também com a força do selvagem golpe. O homem que o havia agarrado levantava-se com uma mão na barriga, ofegante e de facalhão desembainhado.

Lhiannah rebolou pela neve e pôs-se numa posição acorçada para enfrentar o seu adversário. O enorme rufião olhou para o punhal

espetado abaixo da sua clavícula e para a princesa, parecendo estabelecer por fim uma ligação entre ambos. Quando o fez, rosnou, arrancou a lâmina da sua carne como se de uma incômoda picada se tratasse, descartou-a e avançou para a arinnir de mãos erguidas para a esmagar. Lhiannah levantou-se, olhando em redor para ponderar as suas opções. Se o energúmeno não era maior que Aewyre, certamente era mais pesado, e decerto não se iria conter. Worick falara-lhe inúmeras vezes ao longo dos anos acerca de enfrentar adversários mais altos, mas naquele momento não se lembrava de nenhum dos conselhos do thuragar. À medida que o rufião se ia agigantando à sua frente, Lhiannah sabia que as suas opções iam sendo reduzidas, mas estava a sentir dificuldade em tomar a iniciativa de atacar desarmada a montanha de músculos que se aproximava. Hesitante, flectiu as pernas, esperando uma oportunidade que surgiu quando o homem estendeu a mão para a agarrar pelos cabelos. Lhiannah agarrou-lhe o pulso, puxou-o para si e pontapeou com toda a força na direcção da virilha, mas o rufião era rápido para o seu tamanho e agarrou-lhe o tornozelo. Dando nova mostra da sua surpreendente agilidade, conseguiu ainda agarrar o braço da arinnir e arremessá-la para longe. Lhiannah voou contra uma árvore e nela embateu de costas, expelindo o ar para fora dos pulmões e caindo de cara na neve.

O rufia armado aproximava-se hesitante de Aewyre, vendo a raiva nas sangrentas feições do acororado jovem. O corpo do seu companheiro estava hirto e imóvel no chão, com uma auréola vermelha na neve rodeando a sua cara enterrada. O guerreiro não se levantava, embora estivesse tenso como um arame e de mãos nuas enfiadas na crosta nívea. Incapaz de tolerar a tensão, o homem gritou e investiu, tencionando cravar o seu facalhão pela garganta de Aewyre abaixo, mas o jovem retribuiu o grito e levantou as mãos, desenterrando um calhau com o qual bateu no punho do adversário, desarmando-o com o golpe. Assim que o homem agarrou a mão em dor, o guerreiro oscilou violentamente o calhau com as duas mãos, estalando o crânio do rufia.

Lhiannah ainda estava a tentar respirar quando os dedos rudes do rufião se cerraram no seu pescoço e o chão desapareceu debaixo dos seus pés. A ferida no peito do homem vertia sangue, mas se ele sentia qualquer dor, ignorava-a muito bem, pois a sua atenção estava toda centrada na princesa e em esmagar-lhe a traqueia. Agora que estava perto do homem, podia sentir o seu hálito quente na cara, ver o quão feio era, com um nariz partido e uma boca de dentes furiosamente

cerrados com os lábios fendidos pela cicatriz de um corte de lâmina. Lhiannah estrebuchou, rasgando a carne dos braços do rufião com as unhas e dando fracos pontapés na barriga deste, mas faltavam-lhe o ar e as forças para se libertar, e os dedos iam apertando mais e mais. Os pontos negros tornaram a aparecer, mas desta vez de nada lhe serviria fingir perder a consciência; ele ia espremer-lhe a garganta, ia matá-la... Algo quente e molhado respingou a cara da arinnir, abrindo-lhe os olhos. Os do rufião estavam atonitadamente arregalados, mas algo vermelho se interpunha entre as caras de ambos e Lhiannah focou a visão inconscientemente para constatar que se tratava da ponta de uma espada. Os dedos na sua garganta afrouxaram e a princesa caiu de traseiro na neve, ficando aos pés do gigante, tossindo e incapaz de mover o seu corpo com a exceção da cabeça, que inclinou para cima para ver a ponta retrair-se para dentro do peito do rufião, que levou as mãos à sangrenta fresta e se virou para confrontar a sua morte. Aewyre varreu o ar com Ancalach e a cabeça do homem rodopiou, criando um obscuro padrão escarlate no vento, que rapidamente se esparramou na neve na qual pesados joelhos se afundaram, seguidos do resto do corpo, que nela entornou o seu fumegante conteúdo. Lhiannah ficou a fitar o guerreiro com uma estupefada expressão na cara molhada com o sangue do morto, vendo como ele ofegava condensação, empunhando a espada com as duas mãos e mantendo-se de pé sobre duas trémulas pernas.

Lhiannah... arquejou. Estás...? antes que pudesse terminar a frase, o jovem caiu e nesse momento a arinnir despertou do seu torpor causado pelo *fugaz* beijo que dera aos lábios da morte.

Aewyre! vociferou, tropeçando na direcção do guerreiro. Aewyre, estás bem?

Não... confessou o guerreiro, tentando levantar-se com braços vacilantes.

Lhiannah ajudou-o, atirando o braço do jovem por cima dos seus ombros e grunhindo com o peso ao erguê-lo.

Estás muito ferido?

Um pouco...

A arinnir carregou com o pesado guerreiro até ao regato, ajudando-o a sentar-se num penedo. Aewyre pousou Ancalach a seu lado, uniu as mãos em concha na água gelada e levou-as à cara, esfregando o sangue e os futuros inchaços nas zonas insensibilizadas.

Filho da mãe... praguejou o jovem, tossindo e abanando a cara.

Eu... vou ver se podemos usar as roupas deles... disse Lhiannah, abanando a água das mãos que usara para limpar o sangue do rufião na cara. Ficas bem?

Acho que sobrevivo... afirmou Aewyre, chapinhando mais um pouco a face.

A princesa acenou com a cabeça e encaminhou-se para o local do combate, rejeitando de imediato o cadáver decapitado do rufião e perscrutando os outros dois.

Estão mortos? perguntou em voz alta.

Acho que sim... respondeu o guerreiro. Não tenho a certeza. Lhiannah franziu o nariz, indecisa, mas sabia bem que as roupas

molhadas certamente iriam matá-la e a Aewyre, pelo que acabou por se ajoelhar para despir os corpos. Para além das roupas, os frutos que a sua busca rendeu foram uma sacola de couro com as sobras de uma rodela de queijo, dois cantis com cerveja e uma besta com uma pequena aljava de virotes. Espirrando com o sopro frio do vento nos seus cabelos ensopados, a princesa apressou-se para o regato com o espólio aos braços.

Toma. Roupa de mortos disse a Aewyre, estendendo-lhas. Esgotada a adrenalina, os dentes do guerreiro tiritavam e os seus

braços tremeram ao pegar nas rudes vestimentas. O jovem estendeu uma trémula capa à sua frente, ocultando Lhiannah da sua vista enquanto a princesa trocava a sua indumentária e, apesar das suspeitas da arinnir, esteve demasiado ocupado a combater o frio para pensar em baixar a capa para um olhar indiscreto. Quando Aewyre já estava prestes a tecer um comentário pertinente a mulheres, roupas e tempo, a princesa anunciou que estava pronta e foi a sua vez de resguardar a privacidade do guerreiro. Tal era o frio que Aewyre nem pensou duas vezes ao tirar as calças e vestir as de um homem que provavelmente matara, ignorando também quaisquer questões higiénicas. Quando terminou, puxou o capuz de lã da capa para abrigar os cabelos molhados e cruzou os braços para se envolver com ela.

O melhor é sairmos daqui. O outro é capaz de voltar, e deve trazer amigos sugeriu entredentes tiritantes.

Sim... concordou Lhiannah após um espirro, e os dois puseram-se a andar.

Evitaram o caminho que o cavaleiro seguira e arrastaram-se pelo trilho nevoso que acompanhava o regato originário da nascente pela qual haviam saído, lembrando-se mais tarde de caminharem pela margem para não deixarem pistas. Não sabiam aonde se estavam a dirigir nem se importavam, queriam apenas afastar-se tanto quanto possível do

local e dificultar a vida a eventuais perseguidores. Apenas a exaustão causada por fome e falta de sono os forçou a parar após o que parecia ter sido o passar de horas, julgando pelo cabisbaixo Sol. Ambos ofegavam e já não sentiam as pernas quando pararam junto a um regato, apoiando-se com as mãos nos joelhos. Havia algo de sossegado naquele local, algo que os persuadira a cessar a corrida para além do cansaço e das tonturas causadas pela fome. Encontravam-se em terreno nivelado, no qual o riacho se dispersava por entre seixos antes de tornar a descer pela encosta abaixo. Uma estranha melodia distinguia-se por entre o rumorejar da água, semelhante a guizos que o par veio a constatar tratarem-se de contas de gelo agarradas a juncos que chocalhavam com o correr da água. O dia punha-se lentamente, adumbrando o local com descontraídas sombras e despertando os ralos para afinarem os seus instrumentos em preparação da sua sinfonia nocturna.

Eles... vão... apanhar-nos... constatou Aewyre.

Sinceramente... não me interessa... confessou Lhiannah não aguento... mais. Tenho fome... tenho sono... e estou exausta.

Está bem... vamos descansar... um pouco.

O par sentou-se no chão, cobrindo os traseiros com as capas, e inspiraram fundo para recuperarem o fôlego. Lhiannah abriu a sacola que pilhara aos rufias e tirou uma mão-cheia de bocados de queijo, que prontamente enfiou na boca, oferecendo o resto ao seu companheiro.

Aewyre aceitou e mastigou os bocados com sofreguidão, sendo surpreendido por uma lancinante dor num dente, que fez com que levasse a mão à boca, grunhindo.

Que foi? assustou-se a princesa, deixando a sacola cair. O que saiu da boca do jovem foi uma série de vitupérios e urros abafados pela mão que a tapava enquanto a outra batia furiosamente no chão. Aewyre, o que é que se passa?

O meu dente! berrou o guerreiro em resposta cuspiendo sangue e bocados de queijo.

Está quieto! Deixa-me ver! Lhiannah pegou Aewyre pelos braços, virando-o para o Sol poente para ter um mínimo de luz. Abre a boca, deixa-me ver.

De olhos cerrados, o jovem tornou a cuspir antes de agir em conformidade com o pedido da arinnir, que lhe encostou uma mão à testa e pegou pelo dorido queixo com a outra para lhe abrir a boca. Franzindo o cenho, Lhiannah observou o interior da boca de Aewyre e inalou através dos dentes ao ver a causa da dor.

Tens o dente partido!

Oh boa... lamentou-se o guerreiro, cuspiendo mais um pouco de sangue.

A sério, ele está mesmo feio! Tens de arrancar isso!

Aewyre empalideceu como se lhe tivessem dito que teria de amputar a mão da espada.

Dá-me a cerveja...

Não comeste nada... tens a certeza...?

Dá-me a cerveja! insistiu o jovem. Por mais que não seja, desinfecta o dente.

Lhiannah ainda achava que era um disparate, mas compadeceu-se de Aewyre e passou-lhe o cantil, cujo conteúdo o guerreiro prontamente bebeu, bochechando e tornando a cuspir. A cerveja choca entrou-lhe em ebulição no estômago vazio e o jovem fez uma desagradada careta, levando a mão ao queixo.

Assim que chegarmos à cidade, temos de encontrar quem te arranque isso...

Perante essa perspectiva, foi quase com alegria que Aewyre ouviu o som de passos e vozes a aproximarem-se do local onde se encontravam. Os dois ergueram-se de imediato, Lhiannah de besta em mão e Aewyre empunhando Ancalach com as duas, exaustos e desanimados mas prontos a enfrentar quem quer que aparecesse. Os seus perseguidores surgiram descendo pela encosta abaixo, um grupo de homens apeados armados com machados liderados por um cavaleiro, o mesmo que os havia capturado com os três rufias naquela manhã. Aewyre flectiu as pernas e crispou os dedos no punho da espada, sentindo tonturas causadas pela fermentação da cerveja no seu estômago vazio. Lhiannah fez pontaria com a besta e pressionou o gatilho, mas o cordão estivera retesado o dia inteiro e perdera a força, lançando um vacilante virote que acabou por derrapar pelo chão. A arinnir praguejou e desembainhou o seu punhal da bota, postando-se ao lado e ligeiramente atrás do seu companheiro. Sete... eram sete machados a mais para enfrentarem no estado em que se encontravam, mais o cavaleiro que lhes apontava a sua besta com um cordão certamente acabado de retesar e que ordenou à sua montada que parasse, assestando a sua arma na direcção do par.

Rendam-se recomendou numa voz totalmente desprovida de emoção enquanto os seus homens se espalhavam num círculo em redor do par. Não têm hipóteses.

Os teus amigos também pensavam isso... provocou o guerreiro em bravata, embora o mundo estivesse desfocado e as suas pernas ameaçassem ceder sob o peso do seu corpo.

Vendo a mulher loura concordar silenciosamente com o jovem, o homem montado apontou-lhe a besta, lembrando-se do seu companheiro decapitado. Um projectil sibilou pelo ar e atingiu-o em cheio no peito, derrubando-o do cavalo. Palavras arcanas ressoaram no ar antes de o corpo do cavaleiro bater no chão, causando uma pequena explosão de água no regato, que se espalhou pelo ar e choveu por cima de todos.

Animal! berrou o próprio, carregando pela encosta abaixo lado a lado com Worick, manguais e martelo erguidos no ar. Atrás deles vinham Pestanas e um grupo de Corações Quebrados ansiosos por retribuir o ataque dos Filhos do Flagelo.

Um dos homens armados de machado recuperou-se da surpresa antes de Aewyre e atacou-o com um golpe descendente. O jovem varreu desajeitadamente com Ancalach, cortando a arma pelo cabo mas ficando numa posição de desequilíbrio da qual não se iria recobrar antes que o seu atacante lhe partisse a cabeça com o que sobrava do cabo do machado. O punhal de Lhiannah impediu-o de efectuar o ataque ao rodopiar pelo ar e pela sua garganta adentro. A corrente de um dos manguais de Animal enrolou-se à volta do machado do seu adversário, tirando-lhe a arma do caminho para lhe dar um esmagador beijo na cara com o seu par. Worick desviou-se de uma machadada diagonal e ripostou com uma martelada lateral que estilhaçou o joelho do adversário. Agarrando o estoque com as duas mãos, Pestanas afastou um golpe e, girando em si, cravou a ponta da espada na ilharga do oponente. Numa questão de instantes, quatro Filhos haviam caído e apenas três permaneciam de pé, mas não se aperceberam disso e os Corações não se incomodaram em lhes chamar a atenção para esse facto. Outra seta de Maneta tirou a vida a um quinto e os dois últimos tentaram tarde demais retirar perante o ataque vingativo dos Corações que se abateram sobre eles, desfazendo-os sem qualquer misericórdia.

Todos ficaram parados no breve rescaldo da escaramuça, arquejando, deixando o coração atenuar, dando tempo aos tremores dos membros resultantes da adrenalina que ficara por gastar. Lhiannah foi a primeira a quebrar a folga.

Worick!

Cachopa!

Protector e protegida correram um para o outro e a arinnir abraçou o seu mentor afectuosamente, que retribuiu passivamente. Aewyre ofegava, apoiando-se em Ancalach com as duas mãos para se manter

fixo num ponto do mundo que girava à sua volta. Os Corações acercaram-se dos três, praticamente ignorando a princesa e o thuragar e de olhos postos naquele que empunhava o Flagício da Sombra.

Obrigado... pela ajuda agradeceu o guerreiro, alheio ao atento escrutínio do qual estava a ser alvo. Nem fazem ideia do...

Aewyre! Lhiannah! guinchou Taislin, galopando pela encosta abaixo com Allumno, Mamã e Maneta no seu encalço.

A arinnir largou Worick para abraçar o burrik e o thuragar foi ter com Aewyre, apertando-lhe a mão e dando-lhe palmadas encorajadoras no braço. Allumno chegou pouco depois e dirigiu-se ao seu protegido, mas Lhiannah correu a abraçar o mago, surpreendendo-o vivamente. Mamã sorria de braços cruzados, contente com a alegria dos companheiros.

Oh Allumno, desculpa! pediu a princesa, passando-lhe os dedos pela ferida coberta de cataplasma seca na face. Não era eu, foi aquela rapariga que eles estavam a perseguir, ela mostrou-me um colar, disse umas palavras estranhas e eu... ela controlou-me, não era eu! A atenção dos Corações que se haviam reunido à volta dos companheiros desviou-se momentaneamente de Aewyre para a revelação de Lhiannah, que se apercebeu disso e aproveitou para se dirigir a eles. Por favor, desculpem-me. A culpa foi minha, mas... não era eu.

O silêncio foi a única resposta daqueles aos quais o pedido de perdão fora dirigido. Maneta e Pestanas permaneciam inexpressivos e Animal não dava mostras de entender o que se estava a passar, habituado a celebrar as vitórias com os seus companheiros quando estas eram alcançadas.

Um olho tetro! sobressaltaram-se Allumno e Mamã em uníssono, apercebendo-se subitamente das implicações da confissão da princesa e suscitando um rebuliço de compreensão entre os Corações Quebrados. De gema refulgente na testa, o mago pegou na cara de Lhiannah e olhou-a nos olhos. Não te mexas. Isto não vai doer nada.

O que tentou Lhiannah perguntar antes de ser silenciada pela sensação de algo a desembaraçar-lhe um novelo dentro da cabeça, puxando-lho para fora pelos ouvidos. A intervenção feita com Essência durou pouco e o único resquício que deixou foi uma leve vertigem.

Está feito suspirou Allumno de alívio. Pela minha parte, estás desculpada; foi um poder negro que te enfeitiçou. Espero que os outros compreendam... acrescentou, olhando para Mamã e a sua comitiva.

Silêncio.

Worick postou-se ao lado de Lhiannah, pelo sim e pelo não.

Foste uma vítima da insídia dos Filhos, Lhiannah reconheceu Mamã, aquietadora. E aquilo que nós jurámos fazer foi ajudar as vítimas.

Worick relaxou e Lhiannah sorriu tristemente.

Perdoem-me pela dor e pelas perdas que vos causei... não há nada que eu possa...

Mamã pôs essa hipótese de lado com um gesto de mão.

A culpa não foi tua, Lhiannah. Trata-se de mais um acto vil pelo qual os Filhos do Flagelo pagarão. Vocês estão bem? inquiriu, referindo-se à arinnir e a Aewyre.

Esclarecido o assunto, os Corações devolveram a sua atenção ao filho de Aezrel Thoryn, que olhou em redor para as estranhas expressões que o fitavam.

O que foi?

Pelo amor de Assana, é mesmo Ancalach... exclamou Maneta, torcendo o tufoso bigode.

O Flagício da Sombra... assombraram-se os restantes, acercando-se do jovem. O próprio Pestanas piscou-as, incrédulo, e emitiu um som gutural de espanto.

O que é que se passa aqui? quis Aewyre saber, olhando à volta.

Não sabes que não podes esconder nada a uma mãe? questionou Taislin, piscando o olho a Mamã.

Esconder...? Oh não... lamentou-se o jovem, apoiando a consternada testa nas duas mãos por cima do pomo de Ancalach.

Um dos Corações ajoelhou-se perante ele, estendendo a mão para tocar nos copos da Espada dos Reis, sem contudo ousar fazê-lo.

Vosso pai foi uma lenda, Aewyre Thoryn explicou o suplicante. Será para mim uma honra servi-lo.

A cabeça de Aewyre ergueu-se de sobressalto e os seus olhos arregalaram-se.

E para mim disse outro, seguindo o exemplo do seu companheiro.

E para mim.

Para mim também.

Como podemos ajudar?

Em pouco tempo e para grande espanto dos companheiros, os Corações Quebrados estavam todos de joelhos menos Mamã e os seus três tenentes, que também não haviam esperado uma reacção tão efusiva.

Olha que esta... admirou-se Worick, coçando a cabeça.

Eu não posso crer... suspirou Aewyre. Ouçam, eu caí numa derrocada subterrânea, ia morrendo afogado, fui espancado, parti um dente, quase morri de frio e há dois dias que não como. Salvaram-me a vida e estou-vos muito grato, mas eu passei por Tanarch com um único propósito: vou para Asmodeon descobrir o que aconteceu ao meu pai e...

Um nobre fim! declamou um dos suplicantes.

Iremos ajudá-lo!

E purgaremos Tanarch dos Filhos do Flagelo!

O Flagício regozijar-se-á uma vez mais com o sangue da Sombra!

Ouçam! exaltou-se o jovem. Muito obrigado, vocês honram-me, mas eu não quero a vossa ajuda. Já permiti que demasiadas coisas me desviassem do meu propósito e não vou permitir que outra o faça. Vocês têm um conflito por resolver com os Filhos do Flagelo e acho muito bem que acabem com a raça deles, mas eu já passei por isto antes e os meus amigos e todos os que nos ajudaram iam morrendo quando metemos o nariz onde não éramos chamados. O meu pai é mais importante e eu jurei que não morreria antes de saber o que lhe aconteceu. Percebem?

Silêncio.

Fizera-se noite, entretanto, e as sombras reflectiram a disposição dos Corações perante o desabafo daquele que haviam momentaneamente imaginado como o filho pródigo do homem que havia salvo Tanarch e toda Allaryia. A surpresa cedo deu lugar ao desapontamento, que não tardou a evoluir para uma sensação de revolta que fez com que se levantassem e se afastassem do presunçoso jovem. Aewyre considerou que talvez tivesse sido ríspido demais, mas naquele momento parecera-lhe a coisa acertada a *fazer*, pelo que permaneceu calado e deixou que o ressentimento afastasse os Corações. Os seus companheiros nada disseram e teve de ser Mamã a dar o primeiro passo para quebrar o silêncio.

Respeitamos a tua decisão, Aewyre assegurou, avançando na sua direcção. Não debes de forma alguma sentir-te em dívida para connosco; ajudámos-vos porque era a coisa certa a fazer. A mulher pôs-lhe a mão no ombro. Desejo-te sorte. Se precisarem de mais alguma coisa...

O guerreiro agarrou-lhe a mão, sentindo um agradável formigueiro com o ternurento toque dos seus dedos.

Já fizeram mais do que aquilo que alguma vez poderíamos esperar de desconhecidos, Mamã disse, cansado. Sinto-me um ingrato, mas...

Não digas isso rejeitou Mamã, indicando a Aewyre que se calasse. Não te sintas culpado. A realidade nunca corresponde àquilo que os homens idealizam segredou-lhe, dando um passo atrás. Que Assana te acarinhe. E a vocês todos.

Mainal pronunciou Animal atrás da sua líder.

Maneta e Pestanas avançaram para se despedirem dos companheiros, embora dessem a impressão de que o seu verdadeiro interesse residia em ver Ancalach mais de perto antes de se irem embora.

Tomem cuidado convosco, jovens aconselhou o velho arqueiro, excluindo Worick e Allumno com respeitosos acenos de cabeça. Desejo-vos sorte.

Pestanas emitiu qualquer coisa gutural e esboçou um sorriso de lábios enfiados na boca. Os companheiros retribuíram os acenos de cabeça e nada mais foi dito enquanto os Corações Quebrados se retiravam silenciosamente pela encosta acima, lançando um ocasional olhar para trás na direcção de Aewyre e Ancalach. Quando o último desapareceu na noite, Allumno limpou a garganta e dirigiu-se ao seu protegido, pousando-lhe a mão no ombro.

É bom ver-te são e salvo, Aewyre.

É bom ver-vos a vocês também, Allumno... O jovem olhou para Worick e Taislin, que tornou a abraçar a perna de Lhiannah. As nossas coisas...?

O mago assobiou e obteve um zurro em resposta, que anunciou o princípio da descida de Alfarna pela vertente com o equipamento dos companheiros às costas. Ninguém trocou palavra enquanto Aewyre e Lhiannah tiravam as capas para vestirem as armaduras, apercebendo-se pela primeira vez da sensação de nudez que os acompanhara desde que haviam caído nas cavernas.

Qualquer dia estamos como tu e já não nos conseguimos livrar destas coisas, Worick gozou Aewyre.

Era o melhor que tinhas a fazer. Talvez assim não partisses dentes.

É verdade lembrou-se Allumno, que conversa foi essa de um dente partido?

Estava demasiado escuro para que alguém visse a súbita palidez de Aewyre.

Oh, isso? Não foi nada, levei uns socos...

Partiram-lhe um dente interrompeu Lhiannah, puxando uma correia da armadura. Vai ter de o arrancar antes que aquilo infecte; está bastante feio.

Deixa-me ver... pediu o mago, fazendo tentações de pegar na cara do seu protegido, que se afastou como se uma praga se aproximasse.

Nós devíamos era pôr-nos a caminho em vez de olharmos para os meus dentes! insistiu o guerreiro.

Aewyre, não seas criança! admoestou a princesa, levando as mãos às ancas. Se isso infecta, podes perder bem mais que um dente.

Perante a obstinada recusa do jovem em permitir que Allumno o observasse, o mago suspirou.

Como queiras. Para onde vamos agora? perguntou, cruzando os braços.

Aewyre pensou enquanto apertava as últimas correias da sua armadura, mantendo-se atento aos seus companheiros, não fosse um deles agarrá-lo pelas costas para que Allumno lhe arrancasse o dente. Ou o Worick...

Vamos para a cidade. Quero dormir numa cama debaixo de um tecto sólido, comer uma boa refeição quente com cerveja, ouvir mercadores a gritarem aos meus ouvidos... levou a mão ao maxilar e ir a um templo de Acquon...

Acquon não te vai fazer outro dente repisou Lhiannah, embainhando a sua espada.

Isso vamos nós ver. A que distância fica a cidade... como é que ela se chama?

Val-Oryth! esclareceu Taislin prontamente.

Val-Oryth. Fica muito longe?

Se seguirmos o ribeiro, acabamos por lá chegar respondeu Worick. Se fôssemos agora, chegávamos de manhã...

Acho que apenas tu te encontras em condições de o fazer, Worick explicou Allumno, apoiando-se com ar cansado no cajado. Fizemos marcha forçada e o Aewyre e a Lhiannah devem estar exaustos, não? O par acenou afirmativamente. Pois bem, proponho que nos afastemos deste local infausto e que montemos acampamento. De manhã seguimos para a cidade.

Cambada de rabos moles... resmungou o thuragar, pondo-se prontamente a caminho de martelo ao ombro. Andem daí então. Quero que me contem melhor essa história das cavernas.

Há muito para contar... adiantou Aewyre, muita coisa que espero que sejas capaz de me explicar, Allumno.

O guerreiro e o mago foram atrás de Worick, seguidos por Taislin, Lhiannah e Alfarna. O burrik saltitava alegremente ao lado da princesa, parecendo tudo menos cansado e com disposição para falar e ouvir.

O que se passa contigo e o Aewyre?

A arinnir estranhou a pergunta e franziu o sobrolho.

Que queres dizer?

Bom, para já, não se mataram um ao outro. E parecem... não sei. Mais calmos, deixaram de parecer cão e gato. Lhiannah nada disse, limitando-se a ajeitar o arco o carr ao ombro. Fizeram alguma coisa nas cavernas?

Taislin!

Uii! Houve malandrice!

O que é que houve? perguntou Worick, vários passos à frente.

Taislin, está calado!

O burrik ria e saltaricava como um demonete, orgulhando-se da sua perspicácia e proclamando-a para que todos ouvissem. Os companheiros não tiveram outra escolha que não ignorá-lo até encontrarem um local para montarem o acampamento.

VAL-ORYTH

Linsha caminhava pelos escuros corredores iluminados por bruxuleantes tochas das masmorras de Val-Oryth, conduzida pelo meirinho da cidade, um indivíduo alto e gordo que empunhava o ceptro prateado do seu ofício com orgulho, que também transparecia na sua altiva maneira de andar. O homem vestia um apertado e pretensioso gibão cor de vinho com gola de pele de lebre, calças cinzentas justas e um par de sapatos pretos com pontas alongadas. Ao seu pescoço trazia um pesado colar com o símbolo de Bellex, um punho de ferro erguido pronto a castigar os culpados colado a uma mão aberta pronta a conceder misericórdia a quem a merecia. Claro que a corrente de ouro do ornamento destoava um pouco do sóbrio dogma do deus da justiça, mas isso era uma questão da vaidade do meirinho... Linsha também não se encontrava no direito de criticar a fatuidade de ninguém e sabia-o, pois, apesar de cultivar uma cabeleira despenteada, a sua indumentária nada ficava a dever ao vestuário da mais abastada burguesa. O seu vestido era constituído por duas camadas, sendo a superior de fina lã roxa que terminava em sinuosos filamentos afilados nos ombros e nos joelhos e a inferior de linho preto. Os seus sapatos negros de cordovão deslizavam silenciosamente pelas lajes do corredor e a sua gargantilha ornada brilhava à luz das tochas.

Será sábio mantê-la aqui, minha senhora? duvidou o homem. As crianças desaparecidas agitaram a população. Se alguém descobre...

Os meus homens estavam a seguir as minhas ordens quando a trouxeram cá, meirinho esclareceu Linsha bruscamente. Mestre Malagor conferiu-me total autoridade para lidar com esta situação.

Bem sei, senhora, mas questiono a sensatez de...

Contestais a vontade do Alto Vulto? A mulher parou subitamente e o meirinho achou por bem virar-se para ela, ciente de que se excedera.

As minhas desculpas, senhora Linsha. Sobrelevei-me admitiu, baixando a cabeça em deferência.

A fungadela da mulher deu a entender que não toleraria mais deslizos e o homem retomou o passo obedientemente, guardando as suas dúvidas e pensamentos para si mesmo. Tornou a parar quando chegaram ao fundo do corredor, no qual se encontrava uma porta de madeira reforçada com placas e rebites de ferro. Murmurando qualquer coisa, remexeu no molho de chaves que trazia ao apertado cinto e escolheu a certa à terceira tentativa.

Há muito que os níveis inferiores não são usados. Fostes sábia em ordenar aos vossos homens que a levassem lá bajulou o meirinho numa tentativa de se redimir enquanto acendia uma lanterna de ferro.

Na verdade, foi uma recomendação dos vossos prestáveis servos. O homem não proferiu nem mais uma palavra durante a descida

pelas húmidas escadas em espiral e a breve passagem pelas bafientas galerias dos níveis inferiores, cujos únicos pormenores de relevo eram os braços esqueléticos desgraçadamente estendidos por entre as grades seladas, de dedos cravados por entre as frestas das frias lajes do chão. Por fim, chegaram a um corredor no meio do qual ardia um vigoroso archote.

Seguimos a vossa recomendação de manter uma fonte de luz forte à porta tornou o meirinho a tentar.

Se não o tivessem feito, poderiam estar mortos comentou Linsha secamente. Pode retirar-se.

Senhora?

O que vamos discutir não é para os seus ouvidos.

Mas senhora, deixar-vos sozinha com...

A mulher proferiu uma brusca e enfática frase com a Palavra e executou um movimento para trás com o delgado braço, derrubando o meirinho com uma força invisível. O homem abateu-se no chão com toda a sua corpulência, grunhindo como um porco empanturrado e a chama da vela na lanterna morreu quando esta caiu ao chão, atenuando a iluminação do corredor.

Quereis porventura proteger-me? indagou Linsha, farta de ouvir o meirinho.

O homem inalou com dificuldade antes de responder.

Perdão... senhora... não queria...

Desapareça! Pergunte pela saída aos seus amigos ratos se se perder!

Temente da voz da feiticeira e dos efeitos desta, o homem ergueu-se atabalhoadamente e desapareceu na escuridão, deixando no ar um som de pesados passos apressados. Linsha suspirou exasperadamente. Mestre Malagor já várias vezes lhe dissera para ter tento na língua e rédeas no temperamento, mas o que verdadeiramente lhe faltava era a calma do seu mentor, e não tinha paciência para pessoas estúpidas. Permitindo-se algum tempo para que os vapores da fervura na sua cabeça se dissipassem, Linsha então deu os passos que faltavam para se postar defronte do gradeado por cima do qual ardia a única tocha daquele nível. A mulher pela qual se dignara a percorrer aquele esquálido percurso estava de costas para ela, mesclada às sombras forçosamente recolhidas a um canto devido à luz do archote.

Peço desculpa pelas acomodações. Não foi possível trazê-la directamente à minha presença. Desejo falar consigo.

A harahan virou-se, o seu corpo dividido entre a fronteira da luz e da sombra.

Conduziram-me para dentro de uma cela com fígados... como a um animal. Linsha tencionou explicar-se, mas Hazabel deu um passo em frente. Desceram a grade e plantaram um archote, para me manter presa cá dentro... como a um animal. Outro passo e a feiticeira teve de engolir em seco ao ver as feições ferinas da mulher, comparáveis às de uma fera enjaulada. Deixaram-me aqui uma noite inteira, presa, sem nada dizer, como a um animal. E agora com um célere salto, Hazabel atirou-se contra as grades, embatendo nelas com a testa e atravessando-as com os braços, que só não alcançaram Linsha graças ao atempado passo que deu para trás *querem falar?!*

As garras negras da harahan pareciam cravadas no ar enquanto a feiticeira esperava que as frenéticas batidas do seu coração amainassem. Ambas as mulheres ficaram em silêncio, estudando-se mutuamente como duas adversárias. Linsha considerou usar a Palavra para pôr a harahan na ordem, mas Malagor instruíra-a especificamente para não antagonizar a filha da Sombra.

Como estava a tentar dizer... retomou peço imensa desculpa pela forma como foi tratada. As circunstâncias assim o exigiram...

e não podíamos deixar que a primeira filha d'A Sombra a pisar Val-Oryth em anos nos escapasse, principalmente agora.

Hazabel pareceu acalmar e afastou-se da grade, esfregando a testa.

Agora? O que é que se passa *agora*? E fui a primeira em anos?

Sim. Desde que o nosso Senhor se ausentou, os filhos d'A Sombra tornaram-se dormentes, esconderam-se com medo. A sua presença aqui não só é portentosa como também fortuita...

Dispensou a bajulice. Que tem esta altura de importante? Linsha sorriu, contente por estar a lidar com outra pessoa que

dispensava formalidades.

Aewyre Thoryn está em Tanarch, e traz consigo o maldito Flagício...

Eu sabia! exclamou Hazabel, achegando-se uma vez mais da grade. Onde está o desgraçado?

São... conhecidos?

A harahan agarrou as barras e enfiou a cabeça por entre elas, sibilante.

O maldito é meu. Diz-me onde ele está.

A feiticeira não esperara uma reacção tão efusiva e esqueceu-se momentaneamente do que estivera para dizer, lembrando-se pouco depois.

O nosso interesse não é o jovem, mas o Flagício e...

Para chegarem à maldita espada, têm de matar o desgraçado, seus idiotas!

Mas o meu mestre... não podemos simplesmente matar o legatário ao trono de Ul-Thoryn. As atenções que recairiam sobre Tanarch...

Eu mato-o! Soltem-me e eu mato-o sozinha! Não se preocupem com os vossos preciosos segredos, não temam ser descobertos, Aewyre Thoryn foi morto por uma harahan, o seu fígado arrancado e bebido até à última gota! Ninguém suspeitará de uma cabala de adoradores de Seltor!

Linsha começava a gostar da harahan. A mulher era perspicaz, apesar de ter uma percepção errada da situação.

Aewyre Thoryn e os seus companheiros deram mostras de serem... capazes. Se os conhece, já devia saber isso; já agora, satisfaça-me a curiosidade: como os conhece?

São assuntos que só a mim dizem respeito. Por que querem vocês Ancalach?

Linsha fez uma desagradada careta, como se tivesse ouvido uma palavra maldita.

São assuntos que só a nós dizem respeito.

Os lábios negros de Hazabel torceram-se num sardónico sorriso.

É justo. Agora, vais soltar-me ou não? Digam-me apenas onde o jovem Thoryn se encontra que ele deixará de ser um problema.

Repito, o jovem e os seus amigos não representam perigo algum. E o que ele porta, é que nós desejamos, nada mais.

Pois bem, digam-me onde o posso encontrar que eu trago-vos Ancalach.

Linsha tornou a retrair-se ao ouvir o nome da Espada dos Reis.

Como pode uma filha d'A Sombra pronunciar o nome do Seu Flagício com tanta leviandade?

Poupa-me, rapariga.

"*Rapariga?*", indignou-se a feiticeira, embora conseguisse não o exteriorizar.

Podemos deixar-nos de cerimónias. Não sei quem o teu mestre é nem me interessa; de mestres já eu estou farta. Vocês querem o *Flagício*, eu quero o jovem Thoryn. Vocês soltam-me, eu mato-o, vocês ficam com a espada. Coisas mais simples há poucas na vida. Que me dizes?

Linsha cerrou os punhos para se acalmar, repetindo as recomendações de mestre Malagor na sua cabeça de modo a não se exaltar, e reflectiu acerca da proposta da harahan. Não fora bem isso que o seu mestre tivera em mente: lançar uma cadela raivosa contra Aewyre Thoryn, mas havia certas vantagens nessa possibilidade e pelo menos teriam um bode expiatório credível.

Muito bem... concordou por fim. Contudo, Aewyre Thoryn não está sozinho, e os seus companheiros já provaram ser formidáveis. Imagino que necessite de ajuda?

O orgulho de Hazabel gritava o contrário, mas a sua experiência levou-a a concordar com a jovem feiticeira.

Seria útil algum apoio... mas aí vocês serão envolvidos.

Não se preocupe com isso. Temos os nossos... joguetes assegurou-lhe Linsha com um sorriso malicioso.

Entendo. Mas então qual é a minha utilidade?

Bem visto, mas os nossos joguetes não são particularmente capazes. Serviriam apenas como distração, para lhe abrir caminho ou dar tempo. Que me diz?

Hazabel meditou, olhando para nenhum ponto em especial enquanto apertava as grades. Ia ser usada, isso era óbvio, e o mais certo era ser descartada assim que tivesse cumprido o objectivo proposto,

possivelmente eliminada. Não obstante, estava a ser-lhe concedida uma oportunidade para acabar com o jovem Thoryn de vez, e desde que saíra das estepes a harahan temera nunca mais lhe encontrar o rasto outra vez.

”Pois bem, deixa-os pensar que te têm na mão. Mato o jovem Thoryn, mato esta estouvada e depois levo a Ancalach ao maldito. E depois...”, pensou Hazabel, agradada com a perspectiva. Aceito.

Linsha sorriu. Mestre Malagor iria ficar satisfeito.

Comparada com Ul-Thoryn ou Vaul-Syrith, Val-Oryth não era uma cidade grande, embora fosse uma grande cidade de Tanarch, e um dos mais industriais burgos do Norte de Allaryia graças à sua proximidade das montanhas ricas em minérios da Cinta. Altas muralhas de granito sustentavam passadiços carregados de teimosa neve que, à semelhança do resto da paisagem, denegava a vinda da Primavera, um fardo que tardava em desaparecer. O degelo era, porém, implacável e as ruas estavam lamarosas e alagadiças, ladeadas por uma crosta de neve e gelo pretos. A entrada pelo portão a Sul ia dar directamente ao Distrito dos Ferreiros (conhecido pelos locais como o Distrito do Chinfrim), e os fumos escuros das fornalhas já eram visíveis fora das muralhas, dando a ideia de que as nuvens pardacentas no céu eram originadas pelos labores dos operários do distrito que, apesar do nome, albergava ferreiros, correeiros, ourives, carpinteiros entre outros. Os companheiros passaram pelo portão do Sul sem grandes problemas, embora os guardas tivessem lançado olhares pouco amigáveis a Aewyre e decidido fazer mais perguntas ao grupo do que aquilo que certamente era habitual. Já dentro da cidade, pararam e deixaram-se mergulhar no civilizado turbilhão de impressões que de imediato os acometeu: o repique de martelos, o cheiro a carvão de lenha, a rapsódia de vozes, o soprar de foles, o raspar de couro, a farfalheira das aparas de madeira, as ondas de calor humano e de chamas, a pungente fragrância de excrementos de cães e farelo fermentado usados pelos correeiros, os gemidos do ferro a ser moldado contra a sua vontade, o leve tinir dos destros pregos dos ourives e o omnipresente murmúrio de fundo dos locais densamente populados.

Alguém me explica por que é que eu estou tão contente por ouvir esta balbúrdia? perguntou Aewyre.

Ninguém o soube fazer, mas todos sentiam o mesmo ou algo parecido, uma sensação de familiaridade, de segurança, quase como... um regresso a casa. O grupo deixou-se ficar por longos momentos no

mesmo lugar, cinco vigas contra uma maré de gente que por elas passava, incomodada, apressada e atarefada; aprendizes sujos de fuligem com aventais de cabedal, correeiros que exalavam um nauseante aroma a fezes, carpinteiros com aparas de madeira nos cabelos e serradura nas pestanas, todos lançavam mais que um olhar indiscreto ao jovem guerreiro que, com uma cabeça acima da multidão, não podia deixar de chamar a atenção. Contudo, Aewyre estava demasiado enlevado com as vicissitudes urbanas para reparar na animosidade que lhe era direccionada.

Estamos no caminho fez Allumno notar, puxando Alfarna pelas rédeas para a impedir de afocinhar os transeuntes.

É melhor irmos andando.

Os companheiros acataram a recomendação do mago e deixaram-se arrastar pela maré de corpos, bebendo da loucura urbana com um gozo que, a menos que tornassem a passar uma temporada nas estepes, certamente nunca mais sentiriam.

Então e agora? perguntou Worick. Para onde vamos? E tu fica quieto... ameaçou, vendo que Taislin começava a esticar as mãos para as bolsas dos pedestres.

Porquê? indagou o burrik inocentemente. Aquela pobre gente estava tão afadigada e ainda carregavam aqueles fardos à cintura...

Está quieto, Taislin... disse Lhiannah, dando-lhe uma suave palmadinha na cabeça. Não nos arranjes problemas.

Sim, porque os olhares que estamos a receber não são particularmente amistosos... reparou Allumno, lembrando-se da explicação de Mamã ao olhar em redor.

Aewyre tomou nota pela primeira vez.

Não morrem de amores pelos sirulianos aqui, pois não?

Parece que é mesmo verdade... Embora estivesse a ser controlada pela rapariga do olho tetro aquando da conversa, Lhiannah ainda se lembrava do que a líder dos Corações Quebrados lhes havia contado.

Pois... Uma súbita dor no dente impediu Aewyre de falar e o jovem levou a mão ao maxilar, o que não passou despercebido aos companheiros.

Temos de procurar um barbeiro afirmou Allumno.

Não... é só um bocado de comida e...

Tiveste de comer queijo triturado lembrou Lhiannah. Não tens nada encravado coisa nenhuma. Já te disse que esse dente

está partido e tem de ser arrancado, a menos que queiras perder os outros quando isso infectar.

O jovem gemeu e teve de se contentar com o facto de não haver nenhum barbeiro por perto, mas os seus companheiros seguiram diligentemente para fora do Distrito dos Ferreiros e entraram no centro de Val-Oryth, no qual se localizava o Distrito do Mercante, em cujas ruas circulavam bastantes mais cidadãos que no anterior. As roupas dos tanarchianos eram muito coloridas, contrastando com a monotonia da sua paisagem castigada pelos rigores dos longos invernos da sua terra. Os vestidos e adornos com os quais as mulheres se passeavam eram de uma quase ofuscante pletora de cores, mas os homens não lhes ficavam atrás, vestindo compridos casacos e chamativos barretes altos. Todos usavam tamancos devido ao estado das ruas, que não tardaram a enlamear as botas dos incautos companheiros.

O quarteirão no qual entraram era composto por uma série de ruelas apertadas de altos edifícios inclinados cujos topos praticamente se encostavam uns aos outros e, como era de esperar, estava apinhado de estabelecimentos comerciais. Cada loja era uma baia com um par de portadas horizontais, sendo a portada superior apoiada por dois postes que a convertiam num toldo e a inferior, pousada sobre duas pernas, servia de balcão onde as mercadorias eram expostas. Naturalmente, os comerciantes não se confinavam dentro dos seus estabelecimentos e faziam questão de sair repentinamente à rua, tecendo elogios acerca da óbvia capacidade de discernimento do transeunte abordado, proclamando a superioridade dos seus artigos e impingindo-lhos com toda a eloquência de um magistrado. Os companheiros declinaram luvas, sapatos, tesouras, bordados, tamancos, barretes, potes, brincos, anéis, bainhas, velas, carvão, louça e uma tal profusão de produtos e serviços que a dada altura já nem olhavam para aquilo que lhes era exposto, recusando de imediato assim que eram abordados. Contudo, Aewyre parou num estabelecimento no qual eram vendidos lenços e outras peças de roupa, alegando que lhe causava impressão andar com o pescoço a descoberto desde que usara o seu lenço para tratar uma ferida na perna de Lhiannah nas estepes. A vendedora era uma pequena mulher com o cabelo branco preso num coque e uma cara sorridente que lhe custara as profundas rugas que lhe vincavam a face e os alegres olhos estreitos.

Bons-dias, minha senhora cumprimentou o jovem em voz alta para se fazer ouvir no meio do ruído do distrito. Glottik?

Não, não... respondeu a velha enfaticamente, abanando com a mão sem deixar de exhibir o seu sorriso com dentes em falta.

Só Leochlan, é? Vamos lá ver se eu a percebo, então. Lenços vermelhos, tem? Vermelho repetiu, indicando o barrete de Taislin, a única parte do burrik que a senhora via atrás do balcão.

Sim, sim! Vermelho! Muito bonito! exclamou a senhora num cerradíssimo Leochlan, vasculhando os artigos expostos no seu balcão e pescando um lenço da cor que o jovem pedira.

Aewyre estendeu-o para testar a resistência e encostou-o ao peito.

Muito bonito, muito bonito! elogiou a vendedora.

A Mamã não disse nada sobre o que as mulheres de Tanarch pensavam dos sirulianos... segredou Taislin a ninguém em especial.

Só porque a senhora o diz... Apesar de seguramente não ter percebido, a mulher sorriu. Quanto é? Espere... O guerreiro reparara que as mulheres naquela cidade usavam lenços e toucados e lembrou-se de Lhiannah. Para a menina, que cor? Um lenço para ela, de que cor? perguntou, indicando uma surpresa arinnir.

A mercadora tornou a exhibir os seus dentes em falta, franziu os lábios em reflexão e escolheu um comprido lenço azul-claro, estendendo-o a Aewyre.

Muito bonitos... disse, apontando para os olhos estreitos e para a princesa. Lenço muito bonito.

Fica bem com os olhos, é? A senhora é que sabe. Chega-te aqui, Lhiannah.

A arinnir assim fez, mais por surpresa que por vontade, e o jovem envolveu-lhe a cabeça com o lenço, atando-lho debaixo do cabelo seguindo as instruções pouco claras da vendedora. As pontas eram mais compridas que o cabelo da princesa e chegavam-lhe à cintura.

Muito bonita! galreou a mulher.

Também acho. Quanto é, minha senhora? Isto chega? Aewyre estendeu uma mão com duas plumas, a mais pequena moeda de prata de Nolwyn, e a vendedora aceitou-as, rindo alegremente com o piscar de olho do jovem. Tenha um ótimo dia.

Os companheiros reentraram na maré de gente e deixaram-se arrastar uma vez mais. Lhiannah tenteava o lenço, ajeitando-o ao cabelo, e os seus olhos cruzaram-se fortuitamente com os de Aewyre.

Obrigada agradeceu com um indecifrável tom. Aewyre sorriu. Mas não penses que é por isso que te escapas ao barbeiro. O sorriso desapareceu.

E ainda por cima se calhar deste demasiado dinheiro à velha...

resmoneou Worick. Olha! Olha o que eu estou a ver.

Para Aewyre, a insígnia de uma tesoura que viu pendurada por cima de uma porta foi tão ou mais atemorizante que a imagem que as histórias conjuravam do estandarte de guerra d'O Flagelo.

A sério... já não me dói quase nada.

Deixa-te de mariquices resmungou Worick, empurrando o jovem. Vai lá, ou arranco-te eu o dente.

Anda, Aewyre. Para surpresa de todos, Lhiannah puxou-o pelo braço. Não seas medricas.

Nós ficamos cá fora... ou precisas de companhia? zombou o thuragar, apelando ao orgulho de Aewyre, que cedeu e se deixou arrastar pela arinnir.

Taislin, vai ao apotecário pelo qual passámos há pouco pediu o mago, remexendo na sua bolsa para dar três réis prateados ao burrik.

Compra raiz de valeriana, palpita-me que o Aewyre vai sentir algumas dores...

Bah! Então ele é alguma donzela? Leva porrada a torto e a direito e agora precisa de ervinhas? Mas que...

O par não ouviu o resto, pois entraram no estabelecimento antes que Worick entrasse em pormenores pouco lisonjeiros. Dentro da barbearia pairava um agradável odor a rosmaninho, camomila e lavanda, cujas relaxantes fragrâncias de nada serviram para acalmar Aewyre. O proprietário, um homem pequeno e robusto que vestia uma camisa azul de mangas largas, calças alaranjadas e um barrete vermelho do qual escapava uma cascata de cabelos grisalhos encaracolados estava atarefado a desbastar a farta barba de um cliente com lâmina e tesoura, atapetando o chão com pêlos castanhos. Sem sequer olhar para quem entrara, recitou algo que Aewyre e Lhiannah tiveram dificuldade em perceber, mas que provavelmente lhes pedia que esperassem.

Ele está ocupado... vamos embora tentou o guerreiro.

Nem penses. De hoje não passa.

Lhiannah... eu conheci um rapaz que partiu o maxilar quando lhe arrancaram um dente...

Não quero saber de histórias. Esse dente partido vai ter de sair; deixa de ser medricas firmou a princesa, mantendo o seu aperto no braço de Aewyre para o impedir de fugir. Que disse o Allumno acerca daquilo da Ancalach? Vocês ontem falaram até tarde.

Ele não soube explicar... redarguiu Aewyre, olhando nervosamente em redor. Disse-me que a Ancalach "pulsar" com um

imenso poder, que sempre "pulsou" desde que saímos de Ul-Thoryn, mas que nunca ouviu falar de espadas flutuantes e brilhantes.

Se nem ele sabe... continuou para manter o guerreiro distraído.

Ele disse que teríamos de esperar para ver, que se calhar ela está a adaptar-se a mim, ou eu tenho de provar o meu valor e essas balelas...

O barbeiro terminou o seu trabalho e interrompeu o jovem ao anunciá-lo, esfregando os pêlos do seu avental e virando-se para o par, franzindo o cenho ao ver o jovem.

O que é que quer? perguntou, recebendo o pagamento do seu cliente, que evitou o jovem ao sair.

Ele precisa de arrancar um dente esclareceu Lhiannah, indicando Aewyre e executando um gesto brusco com a mão para fora da boca.

A disposição do barbeiro alterou-se espontaneamente e o homem pareceu então muito solícito e disposto a fazer o que lhe era pedido. Empurrou uma cadeira com braços na direcção do par e foi buscar os seus instrumentos, um alicate e uma bacia de estanho. Os lábios do guerreiro empalideceram e o branco dos seus olhos ficou bem visível.

Vá, coragem. Não vai durar nada... encorajou a arinnir, embora a súbita disposição do barbeiro também a pusesse pouco à vontade.

Com os nervos à flor da pele, Aewyre deixou-se sentar e o homem cobriu-lhe os ombros com uma toalha, entregando a bacia a Lhiannah e estalando o alicate em antecipação. Involuntariamente, a princesa deu consigo a pegar na mão do jovem e cedo se arrependeu quando dedos fortes se crispavam nela. O barbeiro garganteava qualquer coisa em Leochlan enquanto abria a boca de Aewyre e espreitava lá para dentro, grunhindo aprovadamente ao ver o bom estado geral da dentição e erguendo as sobrancelhas ao ver o dente partido no maxilar inferior, abanando a cabeça em plangência. Empurrando a cabeça do guerreiro para trás pela testa, o homem prendeu o dente partido com o alicate e começou a puxar com força. O fragmento quebrado rachou com a força e Aewyre grunhiu de dor, apertando a mão de Lhiannah. Perante a teimosia do dente, o barbeiro puxou com mais força e menos delicadeza e a maxila do jovem rangeu, lançando-lhe arroubos cruciantes pelo maxilar fora que o fizeram gritar. Os nós dos dedos de Lhiannah roçaram uns contra os outros e a arinnir mordeu o próprio

lábio para não guinchar. O suplício de Aewyre terminou quando a raiz cedeu com um estalo e a cabeça do guerreiro escoiceou em frente para cuspir o sangue para dentro da bacia. Lhiannah suspirou de alívio quando o aperto de fazer gemer ligamentos cessou e pegou na sua mão, constatando que os nós estavam brancos. O barbeiro atirou o dente para dentro do sangue na bacia e deu um pano ao guerreiro para pôr na boca antes de ir arrumar o alicate.

Vês? Não custou assim tanto, pois não? perguntou a princesa com a testa dolorosamente franzida enquanto agarrava a mão.

A única resposta do jovem foi mais uma cuspidela vermelha, seguida de um lamento abafado pelo pano. Lhiannah pagou ao barbeiro, que parecia invulgarmente satisfeito pelo serviço que prestara, e fez tenções de sair, mas por alguma estranha razão o guerreiro ainda quis tirar o seu dente da bacia e metê-lo na sua bolsa. A princesa estranhou mas não fez perguntas e arrastou um cambaleante Aewyre para fora do estabelecimento. Lá fora, não viram os restantes companheiros à primeira, pois estes estavam de costas para eles, formando uma pequena ilha no mar de gente e parecendo estar a falar com alguém. Aewyre franziu o sobrolho e tirou o pano da boca, revelando dentes ensanguentados, e os dois vadearam apressadamente a corrente de corpos humanos. Allumno e os outros estavam a falar com quem?

Quando viu a cabeleira ruiva, o guerreiro atirou o pano vermelho ao chão e precipitou-se para cima de Quenestil, esquecendo a dor na boca e envolvendo-o num esmagador e fervoroso abraço.

Grande selvagem! berrou o jovem, rindo alegremente e fustigando as costas do eahan com fortes e efusivas pancadas. Meu grande selvagem!

O shura também ria, tossindo, e retribuía as pancadas como podia. Aewyre agarrou-o pelos cabelos e beijou-lhe a face, sempre a rir e nunca afrouxando o amplexo.

Olha para ti, todo vermelho! E já me viste essa trunfa? reparou o guerreiro, pegando-lhe a cabeça e dando-lhe uma leve cabeçada na testa.

E tu? O que é que te fizeram ao cabelo? replicou o eahan, despenteando o seu amigo.

Os dois riram e tornaram a dar ruidosas pancadas nas costas um do outro antes de se largarem.

Lhiannah cruzou olhares com Slayra, mas limitou-se a reconhecer a presença da eahanoir com um aceno de cabeça, que lhe foi retribuído, e assim que viu que Quenestil estava livre, correu a abraçar-lhe o

pescoço. Slayra sorriu para Aewyre, mas guinchou de surpresa quando o guerreiro lhe levantou os pés do chão com um abraço e lhe beijou a face, abanando-a no ar como a uma boneca. Todos falavam ao mesmo tempo, tentando articular os pensamentos para fazer a pletora de perguntas que lhes vinham à cabeça. O que haviam feito? Por onde haviam viajado? Por que estavam tão vermelhos? O que acontecera ao arco? Como os haviam encontrado? Mas a primeira e a mais premente saiu da boca de Aewyre. Onde está o Babaki?

ENTARDECER FUNESTO

Lhiannah olhava pela janela aberta do seu escuro quarto com ombro e cabeça encostados à parede para a lamacenta rua apinhada de gente em baixo. Após a terrível notícia, Allumno e Worick tiveram de conduzir o grupo a uma estalagem na qual alugaram quartos individuais, e a princesa passara o dia inteiro no seu. Os seus olhos estavam avermelhados e de pestanas coladas e o nariz pingava-lhe, obrigando-a a um fungar constante. Afagando os seus braços, a arinnir observava absortamente o fluir das ruas, tentando em vão ocupar a mente com o despreocupado andar dos transeuntes, os passos molhados em solo lamacento, o ranger e estalar do gelo no tecto da estalagem... nada, nada conseguia por um momento que fosse fazer desaparecer da sua mente a imagem de Babaki a abraçá-la e as palavras do antroleo...

Guardá-lo-ei como uma recordação da tua beleza e coragem, Lhiannah, para que delas não me esqueça até ao dia em que os deuses me concedam a dádiva de te ver outra vez.

A sua nesga de cabelo... lágrimas tornaram a brotar dos olhos que a princesa julgara já secos e Lhiannah tapou a boca com a mão, soluçando de olhos fechados. Babaki... pobre, querido Babaki... morto. Nunca mais ouviria a sua voz calma e indulgente, nunca mais sentiria o seu toque forte e reconfortante, nunca mais veria os seus olhos brandos e pacíficos. Nunca mais...

Alguém bateu à porta.

Lhiannah não respondeu nem quando o toque se repetiu. Dera a entender que não desejava ser incomodada antes de vir para o quarto, mas quem estava a bater era insistente e acabou por entrar após a terceira batida, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Vai-te embora... disse a arinnir sem sequer virar a cara para ver quem entrara.

A sua visita permaneceu quieta à entrada, mas não saiu.

Eu disse... Lhiannah emudeceu ao ver Slayra.

A hesitante eahanoir estava encostada à porta e de mãos atrás das costas, olhando para os lados como se procurasse a sua língua. Arranjara roupas negras novas, mas parecia ter envelhecido desde a última vez que a princesa a vira. As duas mulheres ficaram nas mesmas posições durante o que pareceu uma eternidade, ambas questionando-se acerca da razão da presença de Slayra, pois a própria eahanna não tinha a certeza de a conhecer.

Eu... A eahanoir olhou Lhiannah por fim nos olhos. *"Eu o quê? Ela despreza-me e cospe no chão que eu piso. O que é que estou aqui a fazer?"* A arinnir nada fez ou disse para desdizer o que Slayra pensava. Eu sei que não deves querer companhia, mas...

Tens razão. Não quero. Lhiannah tornou a olhar pela janela. Vai-te embora.

A eahanoir suspirou.

Lhiannah...

Sai. Por favor.

Ouve-me só...

Pedi delicadamente. Não o vou fazer outra vez. Vai-te embora.

Tenho uma coisa do Babaki para ti.

Após proferir essas palavras, Slayra teve toda a atenção da princesa, que se afastou bruscamente da janela e se aproximou alguns passos da eahanoir antes de se forçar a parar.

É alguma das tuas brincadeiras?

Não... Slayra estendeu uma mão enluvada e abriu-a, mostrando uma nesga de cabelo louro entrançado. Acho que isto te pertence...

A expressão de Lhiannah traiu as emoções que procurava esconder da eahanoir, mas como se a arinnir se recusasse a avançar, Slayra tomou a iniciativa e tornou a estender-lhe a mão. Após mais algumas hesitações, Lhiannah acabou por ceder e pegou na nesga do seu cabelo com uma mão trémula. Enrolando-a nos seus dedos, foi incapaz de conter as lágrimas, para grande desconforto da eahanoir, que baixou a cabeça em sinal de respeito para com a dor daquela que, quer gostasse quer não, era a sua companheira. Sentia-se compelida a dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

Ele disse... titubeou. *"Deuses, mulher, o que é que vais dizer? Que ele a amava? Ela não está já a sofrer o suficiente?"*, pensou.

Ele disse, que tu e ele poderiam ser felizes... noutra altura, noutro lugar.

A princesa soluçou ruidosamente, levando a nesga à cara chorosa. Slayra desesperava. Sentia que só estava a piorar a situação, a tornar tudo mais doloroso. O que é que estava ali a fazer?

Eu... sinto muito...

Sentes o quê?! estalou Lhiannah, levando os braços abaixo.

Que sabes tu? Que podes tu saber? Que pode uma maldita eahanoir sem sentimentos saber? Nunca falavas com ele, nunca lhe davas atenção, sua hipócrita! Slayra ficou muda perante a explosão de Lhiannah, cujos olhos marejados lhe alagavam a cara. A culpa disto é toda tua! Tu é que fugiste, foi por tua causa que o Babaki morreu! Se ele não tivesse ido atrás de ti, ainda estaria vivo! Ainda estaria vivo! apontou a princesa acusadoramente, arrancando o lenço da cabeça e atirando-o ao chão. E agora vens aqui com falinhas mansas, as mesmas que usaste para enganar o Quenestil e dar-lhe a volta à cabeça! Doutra forma ele nunca teria ido procurar-te e o Babaki não teria ido com ele! Lhiannah virou as costas à eahanoir e levou as mãos à cabeça, puxando os cabelos enquanto se afastava, para logo se virar repentinamente para continuar a dar largas à sua fúria. E tu...!

Os olhos de Slayra cintilavam mesmo na lúgubre escuridão do quarto. As feições da princesa ainda estavam contorcidas de raiva e a sua boca permanecia entreaberta, mas nenhuma palavra dela saiu. Algo brilhou no canto do amendoado olho da eahanoir, escorrendo-lhe de seguida pela face abaixo. Lhiannah baixou os braços, fungando e pingando lágrimas do queixo, e viu como os lábios da eahanna tremiam. Slayra estava a chorar.

A arinnir estava sem palavras, por muito que as procurasse. Outra gota salgada traçou o seu sinuoso caminho na face pálida da eahanoir.

Slayra... pelo amor de Assana, não. Tu não. Não faças isso. Uma mulher tão digna... Outra lágrima. Pára com isso. Por favor...

Lhiannah abanava a cabeça de olhos fechados, tentando negar o que se estava a passar, mas eram mesmo lágrimas que corriam dos olhos da eahanna negra, lágrimas de dor. Oh, Slayra...

A princesa deu dois rápidos passos e eahanoir e humana abraçaram-se com força. Ambas choraram nos ombros uma da outra, partilhando da sua solidariedade feminina e pranteando juntas a morte de Babaki.

A projecção de Linsha nadava pelo Pilar, percorrendo velozmente a distância que a separava do seu mestre e que demoraria umas boas semanas a palmilhar por meios convencionais. A feiticeira não podia evitar ressentir-se por vezes do facto de Malagor nunca se dignar a comparecer perante ela, ou pelo menos calcorrear ele também um pouco da distância que Linsha era forçada a cobrir de cada vez que era convocada. Nisso Malagor era algo indelicado, na sua opinião. Os homens decentes de Tanarch, mesmo os que não a temiam, tratavam-na com a devida cortesia, como o faziam com todas as mulheres, mas com o seu mestre não havia galanterias nem facilidades. Era aprendiz e como tal era tratada, fim de discussão. Lançando um suspiro etéreo, a feiticeira singrou por cintilantes formas de vida sem lhes dar qualquer atenção. Sabia muito bem que Malagor possuía o poder necessário para criar objectos que lhe facilitariam o acesso ao seu covil, mas não o faria, claro que não! Havia que obrigar a Linsha a ficar de pernas cruzadas no chão e vagar pela entediante imensidão monocromática do Pilar de cada vez que queria falar. Como se isso não bastasse, a maior parte das vezes era dispensada sem cerimónia assim que o seu mestre lhe havia espremido todas as informações, enviada para casa como uma mera serviçal. Enfurecedor, no mínimo, mas Linsha não era estúpida ao ponto de manifestar o seu desagrado de uma forma descarada perante Malagor. O Alto Vulto era um homem perigoso, e em sua presença e apesar dos seus consideráveis talentos Linsha sentia-se sempre inferiorizada.

O brilho quase encandeante de uma massa de formas de vida assinalava a chegada a Dul-Goryn e a feiticeira concentrou-se para encontrar a do seu mestre no meio da multidão. Felizmente, Malagor era como uma pira ardente no meio de brasas, não por a sua essência vital e mágica brilhar mais que as restantes, mas devido às protecções que mantinha sempre em seu redor, barreiras roxas de pura Essência com a função de o proteger do escrutínio de outros magos. Linsha achegou-se das defesas e executou a combinação de feitiços que o seu mestre lhe ensinara para chamar a sua atenção. Como era costume, a mulher teve de aguardar antes de Malagor se projectar nas águas do Pilar com a sua habitual postura confiante e circunspecta. Linsha sabia que não se podia julgar um homem pela sua projecção, mas mesmo para um leigo Malagor afigurar-se-ia correctamente como um homem baixo, bem alimentado e com mais de meio século vivido. Contudo, a feiticeira sabia bem que havia muito mais por detrás da singela impressão que o homem deixava em quem o conhecia. Muito mais.

Saudações, mestre.

Saudações, Linsha cumprimentou o homem com uma voz calma e ponderada, parecendo pesar e medir cada palavra antes de a pronunciar. Que novidades me trazes?

Lá estava ele outra vez com as irritantes perguntas tendenciosas, partindo logo do princípio de que teria sempre notícias de cada vez que a chamasse!

A harahan foi coagida. Nós...

Coagida? Tiveste de usar a Palavra? Eu disse-te que...

Não, mestre! Ela vai ajudar-nos com Aewyre Thoryn de livre vontade.

Por que empregaste o termo "coagida", então? Coagir implica compelir, forçar. Questões semânticas, Linsha, nunca as deves descurar. Teremos de abordar esse tema numa próxima lição.

Por sorte, a irritação da feiticeira não se manifestou na sua projecção.

Sim mestre...

Quanto às novidades...?

Como estava a dizer a mulher permitiu-se essa pequena insolência, temos a harahan a trabalhar para nós. Aewyre Thoryn e os seus companheiros já se encontram na cidade e sabemos onde irão passar a noite. Para apoiar a harahan, destacámos o bando do Ruinen.

"Destacámos"? Esses indivíduos encontram-se empregues por nós? Linsha foi incapaz de esconder um suspiro. As minhas rectificações incomodam-te, pupila? A feiticeira cerrou os lábios e não respondeu. A correcção é de sobremodo importante para quem faz uso da Palavra, julgo já to ter explicado.

Sim, mestre... peço desculpa. Não, o bando do Ruinen não se encontra empregue por nós. Acontece apenas que o dono da estalagem na qual o jovem Thoryn e os seus companheiros se encontram está em dívida para com Ruinen. Foi apenas necessário um pequeno toque de dedo da nossa parte para os incitar a... cobrarem a dívida esta noite. Para todos os efeitos, não estaremos envolvidos no que irá suceder.

Muito bem. E o Flagício?

A harahan não me disse como, mas assegurou-me de que no-lo traria. Pelo que me contou, já tivera encontros com Aewyre Thoryn no passado.

Intrigante. Sabia da espada, portanto?

Sabe mais sobre eles que nós, mestre, mas revelou pouco. A harahan parece uma fera enjaulada, pronta a estalar as mandíbulas a quem primeiro lhe tentar tocar.

Uma sugestiva metáfora... podemos confiar nas suas capacidades, na sua diligência?

Ela irá despedaçar o jovem Thoryn se tiver ocasião; parece-me ser esse o seu único interesse. Quanto a trazer-nos Ancalach... eu própria me assegurarei de que ela o fará.

Uma empresa arriscada...

Serei discreta...

Careces de subtileza...

Deixe-me tentar mestre, por favor!

Malagor meditou em silêncio e Linsha teve de aguardar, como sempre fazia quando o seu mestre pensava.

É um plano com várias falhas de funcionamento... mas quer falhe quer resulte, não nos incriminará. Concedo-te essa oportunidade, Linsha. Não me falhes.

Obrigada, mestre agradeceu a feiticeira.

Mantém-me informado. Podes retirar-te...

Mestre, espere! pediu Linsha antes que a projecção de Malagor se dissipasse.

Tenho assuntos prementes a tratar. Que queres de mim?

Tenho uma pergunta... premente, e peço-lhe que me conceda uma resposta,

Sê sucinta.

Queremos o Flagício... para quê?

A feiticeira viu pela hesitação do seu mestre que este não esperara a questão.

É um quesito de difícil resposta, mas pela tua iniciativa, conceder-ta-ei. Primeiro, o aparecimento da espada em Tanarch é portentoso e poucos foram os Filhos que não o sentiram. Torna-se desde logo urgente que nos apossemos discretamente do Flagício antes que alguma seita menos comedida o faça impensadamente, correndo o risco de revelar a nossa existência. Segundo, o valor simbólico da espada é só por si de proporções lendárias, e possuí-la seria para nós um significativo trunfo, bem como um eventual impulso que poderia bem levar a que as seitas dos filhos se unissem de vez. Terceiro, eu próprio não sei que segredos poderiam ser descortinados através do Flagício, segredos pertinentes à ausência d'Ele, segredos que porventura nos permitiriam auxiliá-Lo no Seu regresso. Compreendes agora, Linsha?

Quase embriagada pela rara torrente de esclarecimentos concedida pelo seu mestre, a feiticeira limitou-se a acenar com a cabeça e a projecção de Malagor dissipou-se sem mais uma palavra. Linsha sentia-se orgulhosa por ter compartilhado de tão sigilosas informações e foi com um sorriso nos lábios que se dissolveu nas águas etéreas do Pilar de Allaryia.

SOMBRAS INSURRECTAS

Com a excepção de Aewyre, todos os companheiros estavam reunidos na sala comum da estalagem, sentados numa mesa redonda com pratos e canecas cheios debaixo de taciturnos semblantes. As lâmpadas de óleo penduradas nas traves de madeira luziam amarelentas, projectando as frenéticas sombras de traças que tremulavam em seu redor. Allumno apoiava os cotovelos sobre a mesa (o mais claro sinal do seu desalento) e amparava o queixo sobre os polegares de mãos pensativamente fechadas. Taislin soluçava baixinho abraçado a Lhiannah, que lhe apertava a cabeça ao peito, afagando-lhe o cabelo e Quenestil e Slayra estavam de mãos dadas por cima da mesa, penando com feridas reabertas. Worick era o único que ia mordiscando e beberricando, embora se mantivesse em respeitoso silêncio e não proferisse comentários impróprios. A noite já havia caído há algum tempo, pois os dias em Tanarch eram curtos mesmo na Primavera, e a eahanoir e a princesa haviam descido as escadas juntas antes de o Sol se pôr.

O estalajadeiro mantinha-se ocupado atrás do balcão, inventando tarefas para cumprir devido à falta de clientela e à mudez dos seus únicos fregueses, que não tocavam na comida pela qual haviam pago. Com a excepção da mulher loura, nem sequer haviam deixado as armas e armaduras no quarto, mas como eram os únicos presentes na sala e como abundavam rumores nas ruas sobre uma criatura da noite que andava a matar crianças, achou que não valia a pena incomodá-los. O mais estranho de tudo fora o facto de nem sequer terem reclamado, ou mesmo notado que cobrara mais pelo quarto do rapaz siruliano, o que lhe tirara parte do gozo ao fazê-lo. Como qualquer tanarchiano que se prezasse, gostava de mostrar o seu desagrado perante

a presença de sirulianos, mas se o raio do rapaz nem reparava... o homem torceu o bigode farfalhado em desdém, lançando mais que um olhar ao lugar vazio da mesa, sobre a qual um naco de alcatra de porco com molho de nozes no qual o estalajadeiro cuspira aguardava o jovem siruliano. Não, assim não dava gozo nenhum...

Quenestil debicou uma noz do molho do seu prato, forçando-se a engoli-la apesar de não lhe saber a coisa alguma. Slayra também não tocara na sua refeição e o eahan questionava-se acerca da conversa que a sua amada tivera com Lhiannah, mas nada perguntou, sentindo uma espécie de solidarização mútua entre ambas que meses atrás não julgaria possível. Todos haviam mudado desde Nolwyn. Pouco ou muito, mas todos haviam mudado.

”Bom, excepto talvez o Worick... e o Allumno. Ainda não os vi verter uma lágrima, e parecem os mesmos que conheci há meio ano atrás. Esses duvido de que mudem...”, pensou o eahan sem qualquer censura, apenas constatando. Todos lamentavam a morte de Babaki, cada um à sua maneira. Se calhar devíamos ir chamar o Aewyre... sugeriu.

Allumno esfregou as mãos antes de responder em voz baixa.

Não me parece boa ideia. Ele e o Babaki eram chegados, mas não só. O Aewyre foi escolhido como líder. O grupo que liderava separou-se, e um dos seus membros morreu. Não está habituado a esse tipo de responsabilidades, e agora que sente que falhou, nada do que nós, os restantes membros do grupo que ele se propôs a comandar, possamos dizer poderá amainar a culpa que sente,

Worick grunhiu e abanou a cabeça em concordância. Esse era um sentimento que o thuragar infelizmente conhecia muito bem, uma das consequências negativas de ter convivido tanto tempo com humanos. Quenestil queria refutar o argumento do mago, mas nada lhe ocorreu que o pudesse fazer. Slayra sentiu a frustração do eahan e apertou-lhe a mão, pousando-lhe a outra em cima. O shura levou ambas à face, beijando-as, e nada mais disse. Lhiannah escutara atentamente e olhava em redor para as pesarosas caras dos seus companheiros, afagando o rebelde cabelo do burrik que lhe cingia a cintura com os braços.

Quenestil, tu és o melhor amigo dele. Não podes...?

Não, Lhiannah interrompeu o eahan. Infelizmente, o Allumno tem razão. Nada que eu possa dizer irá aliviá-lo da culpa que sente.

A princesa, porém, não se deu por satisfeita com a resignação do grupo. Pegou delicadamente em Taislin pelos braços e olhou para a eahanoir.

Slayra...?

Palavras não foram necessárias e a eahanna largou a mão de Quenestil para pegar no burrik e puxá-lo para si. Taislin aceitou a troca e aninhou-se soluçante no colo de Slayra. Lhiannah levantou-se, arrastando a cadeira, puxou a camisa para baixo e dirigiu-se às escadas. Ninguém a tentou impedir.

Aewyre estava deitado na cama de mãos atrás da cabeça, fitando as vacilantes sombras nas traves escuras do tecto lançadas pela lamparina que ardia na mesa-de-cabeceira a seu lado. As persianas da janela do seu quarto (judiciosamente escolhido pelo estalajadeiro) estavam encravadas, permitindo a entrada a uma fresca aragem nocturna, mas o guerreiro estava demasiado imerso em reflexões para reparar no frio. Somente Babaki ocupava os seus pensamentos. Babaki, o pacífico antroleo, o seu nobre amigo, o guerreiro atormentado que tantas vezes lhe salvara a vida, a si e aos outros.

Morto.

Com a sua amizade, Aewyre ajudara-o a controlar a fera, vira nos seus tristes olhos o fugaz brilho de esperança, desenterrara a fé de poder viver livre do jugo do legado shakarex.

Morto.

Como os rebeldes de Alyun.

Como Nabella.

Como tantos Corações Quebrados.

Quantos mais se lhe seguiriam? Quantos mais seriam mortos e descartados pelo caminho enquanto levava a cabo esta sua aventura? Quantos?

Aewyre não chorava, não se enraivecia, não estava triste nem amargurado nem tão-pouco deprimido. Sentia-se seco por dentro, embora soubesse que as lágrimas aguardavam nos seus olhos como dois rios solidamente represados. A sua garganta estava igualmente seca e com blocos de areia nela enfiados que o impediriam de falar mesmo se assim o desejasse. Sentia também a comichão das picadas de pulgas nos seus braços, mas dispensava-lhes pouco mais atenção que a necessária para as coçar. A dor na boca desaparecera e o guerreiro entretinha-se a enfiar a língua no novo espaço vazio entre dois dentes, roçando a cavidade tenra na gengiva com a ponta. Os outros deviam estar à sua espera, mas Aewyre não sabia o que lhes dizer e não estava com paciência para as suas inevitáveis palavras de consolo.

Extenuado com a sua autocomiseração, o jovem tapou os olhos com as palmas das mãos, esfregando-os e suspirou longa e profundamente. Teve a sensação infantil de que dessa forma se podia esconder do mundo, mas cedo se desenganou e destapou resignadamente a sua cara.

Para ver um vulto em pleno ar, saltando-lhe em cima.

Num movimento puramente reflexivo, Aewyre rebolou para fora da cama, caindo de cotovelos ao chão e ouvindo o vulto a cair sobre o colchão, escarpelando os lençóis com as unhas. O guerreiro bateu com a cabeça na mesa-de-cabeceira e derrubou a lamparina, mergulhando o quarto em escuridão. Rolara para o lado contrário ao qual onde pousara Ancalach e estava desarmado, pelo que se afastou cambaleante da cama para avaliar o seu atacante. Uma voz feminina rosnou de raiva e saltou da cama para cima de Aewyre como uma gata, abatendo-se sobre ele e ambos rebolaram pelo chão. Reconhecendo a selvajaria e a dor das unhas que se lhe cravaram na carne, o guerreiro soube de imediato que teria de afastar a mulher ou seria despedaçado membro por membro. Conseguiu assentar-lhe o pé no estômago e impulsionou-a com força contra a parede, erguendo-se desajeitadamente de seguida. A mulher fez o mesmo e ambos pararam para se estudarem mutuamente. A luz que provinha da janela aberta era fraca, um mero fecho de luar que atravessava os apertados topos dos edifícios da rua, mas a viva memória que Aewyre tinha da harahan dispensava iluminação para a visualizar.

Tu outra vez...

Sim, eu outra vez, jovem Thoryn. E desta vez morres.

Que queres tu, mulher?

Há quem queira a tua espada, mas o que eu quero não é nada que me possas dar enquanto vivo! gritou Hazabel, investindo.

Cego pela dor que o lacerava por dentro e furioso por o seu luto ter sido interrompido, Aewyre atacou imprudentemente em vez de correr a apanhar Ancalach, enfrentando a arremetida da harahan, cujas garras rasgaram o ar por cima da sua cabeça. O jovem ripostou com um murro no estômago, seguido por um soco no queixo, mas só veio a perceber que não era só ele que estava furioso quando o punho cerrado de Hazabel lhe explodiu na cara, lançando-o rodopiante pelo ar.

Lhiannah subiu os primeiros degraus de cabeça pensativamente baixa, apoiando-se no corrimão enquanto ponderava o que iria dizer.

O chiar das dobradiças da porta da estalagem chamou a atenção de Worick, que viu entrar um grupo de homens mal encarados. Por precaução, o thuragar chamou a atenção dos seus companheiros com uma exalação pelos dentes enquanto *agarrava o* martelo por baixo da cabeça, pronto a puxá-lo da correia do cinto. Quinze indivíduos com ar de rufias armados de porretes entraram, fechando a porta atrás de si, e o súbito nervosismo do estalajadeiro confirmou as suspeitas do thuragar.

Vai haver molho... sussurrou.

Enquanto tentava levantar-se, Aewyre esbofou todo o ar que inalara quando Hazabel lhe desferiu um pontapé na barriga, cuja força o atirou contra a mesa encostada à parede, despedaçando-a. Antes que pudesse sequer pensar em tornar a erguer-se, a mão da harahan agarrou-o pelos colarinhos e poupou-lhe esse trabalho. Agindo já sem pensar, o guerreiro agarrou atempadamente a mão de garras negras que o teriam esventrado, pegou na nuca da mulher e abriu-lhe o sobrolho com uma cabeçada. Hazabel rugiu e retribuiu a carícia com força redobrada, mas acertou o pico da testa do guerreiro e o golpe magoou-a mais que ao jovem, que não hesitou em lhe desferir um doloroso murro no peito para a afastar.

A meio caminho, a arinnir parou.

"O que estás a fazer, mulher?", questionou-se, incerta. *"O que é que lhe vais dizer? Ainda acabas por piorar as coisas..."* Lhiannah deu um passo atrás.

Hazabel rugiu e as suas garras silvaram, abrasando quatro linhas vermelhas no lado da face de Aewyre. Debatendo-se como um animal ferido, o jovem retorquiu com uma pancada com as costas da mão cerrada e empurrou a harahan contra a parede com o seu próprio corpo. O joelho de Hazabel enterrou-se raivosamente na barriga de Aewyre, que se dobrou com a força do golpe, e uma cotovelada nas suas costas soltou uma colónia de formigas dentro dos seus ossos. A força da harahan era... impossível. Foi o instinto de sobrevivência que o obrigou a agarrar-lhe as pernas e trazê-la ao chão, no qual se debateram como dois animais numa dança de morte.

Lhiannah levantou a cabeça ao ouvir um estrondo no corredor. Antes que pudesse dar um passo em frente, ouviu vários na sala de estar. A indecisão paralisou-a e a princesa ficou imóvel a meio do vão de escadas.

Gritando para que os seus companheiros se afastassem, Worick levantou a mesa redonda e empurrou-a contra os rufias, que se separaram para se desviarem da grande peça de mobília. Quenestil puxou Slayra para trás de si, rosnando enquanto desembainhava o seu facalhão. Taislin já tinha os seus punhais nas mãos, bem como uma invulgar determinação férrea na sua cândida face que dava a entender que não iria permitir que ninguém tocasse nos seus amigos. O cajado de Allumno caiu ao chão, mas o mago ergueu-se e começou a gesticular, proferindo a Palavra em voz alta. O estalajadeiro gritou, exasperado, e escondeu-se atrás do balcão.

Aewyre sempre fora aplicado nas sessões de luta livre durante os seus treinos em Ul-Thoryn, mas nunca enfrentara um adversário com a força de uma harahan. As garras da mulher laceravam-lhe braços e pernas sempre que o guerreiro a tentava imobilizar, e as suas selváticas convulsões tornavam a tarefa de a reter tão difícil como domar um cavalo bravio com as mãos nuas. O guerreiro deu-lhe uma cotovelada na cara e tentou colocar o seu braço numa posição de luxação, mas as garras que se afundaram no seu flanco despertaram-no para o assunto mais premente que era a sua sobrevivência. Largou o braço e desferiu outra cotovelada na cara de Hazabel. A harahan escorria sangue negro dos lábios feridos e cortes na cara, que lhe tingia os arreganhados dentes de preto, mas estava longe de estar tão exaurida como o jovem, que mal comera o dia inteiro e que, abalado pela terrível notícia, ainda mal recuperara da sua provação nas montanhas.

As pernas de Hazabel surgiram do nada enquanto os dois rebolavam pelo chão, prendendo o pescoço de Aewyre entre as coxas. Foi aí que o guerreiro percebeu que estava perdido.

Um rufia gritou quando as suas roupas pegaram fogo atizado pela Palavra. Um dos seus companheiros correu a atacar o mago, mas Worick surgiu-lhe no caminho e cravou-lhe o espeto do seu martelo na barriga, puxando-o de seguida para desviar um golpe com o cabo. Taislin passou os seus punhais pelos jarretes do rufia que atacara o thuragar, que esmagou metade da cabeça do homem com uma brutal oscilação.

Baixa-te, Quenestil! gritou Slayra, arremessando por cima da cabeça do eahan um punhal que se afundou no peito de um dos rufias que o atacavam

O outro pensou ver uma abertura quando o shura se baixou e investiu com o porrete, mas a única abertura foi a da sua garganta quando Quenestil combinou um movimento para se desviar do ataque e desferir-lhe um corte reverso no pescoço.

Lhiannah, cuidado! berrou Worick para avisar a sua protegida enquanto aparava uma porretada com a manopla amolgada onde antes tivera o seu escudo.

As pernas de Hazabel apertavam-lhe implacavelmente o pescoço como tenazes, bloqueando a passagem do ar e em breve o correr do sangue. Aewyre estrebuchava com o seu braço livre, já que a harahan mantinha o outro num aperto firme como um torno, mas de nada lhe servia beliscar ou arranhar as pernas da mulher Nada faria Hazabel parar até a sua garganta estar esmagada. O mundo ficou turvo, depois ainda mais escuro e os seus ouvidos começaram a zumbir, abafando as palavras da harahan.

Vou beber o teu fel com prazer, desgraçado.

Por estranho que ao próprio lhe parecesse, a única coisa na qual Aewyre pensava era que nunca imaginara que iria morrer entre as pernas de uma mulher.. Ouviu um estrondo, que provavelmente seria uma veia na sua cabeça a rebentar...

Lhiannah arrombara a porta com um pontapé e os seus olhos arregalaram-se ao ver Aewyre estendido no chão, mexendo-se debilmente com a sua cabeça entre as pernas da mulher de negro cuja cara se virou bruscamente para a entrada. Após breves instantes de surpresa imobilidade, a arinnir explodiu em movimento e correu na direcção dos dois

Larga-o, sua bruxa! gritou, desferindo um pontapé na cabeça da mulher, que cuspiu sangue negro contra a parede.

Hazabel relaxou o aperto e Aewyre contorceu-se para longe das suas pernas, inalando ar em roucos arquejos. Assim que a harahan se tentou levantar, Lhiannah dirigiu-lhe outro pontapé à cabeça, mas a mulher agarrou-lhe o tornezelo e torceu-lho brusca e dolorosamente, atirando a princesa ao chão. Hazabel saltou para cima da arinnir, mas a perna de Lhiannah chicoteou em frente, atingindo a harahan em cheio na cara, e a princesa sentiu o esmagar de um nariz debaixo da

sola da sua bota. Hazabel uivou de dor e levou as mãos à cara, cambaleando de costas contra a parede. Lhiannah levantou-se, mancando de um pé, e a harahan tirou as mãos da cara, vendo o sangue escuro que as cobria.

O meu nariz... outra vez...

Os seus olhos fixaram-se em Lhiannah e, com um urro animalesco, Hazabel precipitou-se sobre aquela que iria matar a todo o custo.

Madeira estilhaçou-se quando seis vultos negros saltaram através das janelas da estalagem, juntando-se à refrega que se desenrolava na sala de jantar. Vestiam de negro, mas as suas caras estavam caiadas de branco e as lâminas que empunhavam resplandeciam como estrelas à luz das lanternas. Contudo, surpreenderam os companheiros ao não os atacar mas sim aos rufias que se encontravam entre os dois grupos.

A tua vida pelo Seu regresso entoou um dos homens de face caiada ao empalar um rufião pelas costas.

A tua vida pelo Seu regresso repetiu outro, atravessando o pescoço do homem à sua frente.

Mas o que é isto? bradou Worick, arrancando o queixo do rufia que se distraíra à sua frente.

A resposta não pôde vir de Quenestil, que se viu frente a frente com um dos recém-chegados que cortara a cabeça ao seu adversário. A face caiada do homem era desprovida de qualquer expressão, e os seus olhos estavam unicamente focados no intento de tirar a vida a quem estivesse à sua frente; o shura naquele caso. Havia uma estranha rigidez nos seus movimentos, notou, mas isso não os tornava necessariamente lentos. A longa lâmina cruenta dardejou em frente para lhe atravessar a garganta, mas Quenestil desviou-se e talhou o antebraço do homem, cortando-lhe os tendões. Sem força na mão, o adversário do eahan largou a espada, agarrando-a em pleno ar com a outra e, girando em si, desferiu um golpe lateral que podia ter decapitado o shura se este não se tivesse baixado. Slayra atacou-o por trás, deslizando-lhe estilete e quebra-espadas pela garganta, e nesse instante o homem estacou, desferindo de seguida um golpe para trás com o braço hirtos, que derrubou a eahanoir.

Slayra! gritou Quenestil, baixando-se de outro golpe de espada e penetrando na defesa do adversário adentro, enterrando-lhe o facalhão pelo tronco acima e alçando o homem com a força do golpe.

Olhos vidrados fitaram o shura e sangue morno correu-lhe pelos braços abaixo quando dedos hirtos lhe subiram pela nuca acima,

procurando alcançar os olhos para os arrancar. Gritando de medo e nojo, o eahan empurrou o cadáver que se mexia para longe de si com a sua arma ainda nele cravada.

Lhiannah ficou sem ar ao embater ruidosamente contra a parede, empurrada pela desenfreada investida da harahan. As costas de uma mão rebentaram-lhe um lábio e um punho trovejou na sua cabeça, afundando-se de seguida duas vezes na sua barriga, fazendo costelas estalar. Dedos furiosos crispavam-se nos seus cabelos, puxando-lhe a cabeça para baixo e contra um joelho contra o qual embateu violentamente, sendo de seguida puxada para cima outra vez para ser esmurrada no queixo, ensurdecendo-lhe um ouvido. Outro murro fez com que batesse violentamente para trás com a nuca na parede.

Aewyre estava de gatas, tossindo e agarrando a garganta com uma mão, quando viu Lhiannah a ser brutalmente espancada.

”Deuses, está a matá-la!”, apercebeu-se.

Com um repentino surto de energia alimentado pelo desespero, o jovem agarrou numa das pernas da mesa despedaçada e atacou, gritando. Hazabel virou-se para receber o golpe que não vira e que lhe acertou em cheio no braço pelo cotovelo, que estalou. A harahan dobrou-se e uivou de agonia enquanto Lhiannah desfalecia ao chão como se os músculos das suas pernas se tivessem liquefeito, a sua cabeça pendendo frouxamente por cima do ombro. Com redobrada fúria, Aewyre vergastou a cara da mulher com a perna da mesa, derrubando-a e, levando a sua arma improvisada atrás, preparou-se para matar Hazabel, que ergueu uma suplicante mão sangrenta.

Não! A tua filha, Aewyre Thoryn! *A tua filha!* O jovem estacou.

O quê...?

Com um grito horriestridente, a harahan mesclou-se às sombras do quarto, voando na forma de um vulto sombrio à volta do guerreiro e lançando-se para cima dele com garras negras prontas a dilacerá-lo. Aewyre defendeu-se com a perna de mesa, que Hazabel agarrou com as duas mãos, e girou em si, arremessando a demoníaca mulher com todo o ímpeto contra a parede. Todas as tábuas do quarto tremeram com o violento impacto e Hazabel caiu em forma humana no chão, gritando ao embater com o braço partido. O tempo que o jovem levou para se recompor foi o suficiente para que a harahan se tornasse a mesclar às sombras, uivando de raiva, dor e frustração ao saltar janela fora. Aewyre correu a olhar para o exterior, apoiando-se no peitoril e

esticando o pescoço ao máximo, mas a noite era o domínio da harahan e não a viu em lado algum, embora o uivo perdurasse. Contudo, os seus olhos captaram movimento num telhado a poucos pés da janela, no qual se encontrava um vulto feminino de capa esvoaçante recortado contra a Lua, que fugiu de imediato ao perceber que fora descoberto. O jovem quis gritar, pegar em Ancalach, saltar para a rua e matar a maldita harahan, mas bastou percorrer o quarto com o olhar e ver Lhiannah desfalecida para esquecer tudo. Deixando a perna da mesa cair, Aewyre correu para junto da princesa, ajoelhando-se e tirando-lhe os cabelos de frente da cara, que sangrava de inúmeros ferimentos, nos quais se começavam a formar inchaços azul-escuros. O seu maxilar inferior pendia, lasso, e do seu ouvido esquerdo escorria um corrimento amarelado e sanguinolento.

Pela ânfora de Acquon... Lhiannah... Lhiannah! O guerreiro olhou para as suas mãos e viu nelas o sangue da princesa. Alguém me ajude! Aewyre ouviu os tumultuosos ruídos de uma escaramuça vindos da sala da estalagem e foi buscar Ancalach em pânico, correndo desesperadamente para fora do quarto.

Allumno gesticulou freneticamente enquanto dava passos atrás para lançar um feitiço ao homem de cara caiada que contra ele investia. Um corisco da palma da mão do mago estalou com um ruidoso estampido contra o peito do atacante, chamuscando-o e projectando-o contra uma mesa que deixou de o ser, mas o mago tropeçou numa cadeira partida e caiu, ficando com a cabeça a poucas passadas dos pés desvairados de um rufia e um dos atacantes de negro que se tentavam matar um ao outro. Taislin saltou de uma mesa com os pés para cima de uma cara caiada, impulsinando-se nela para longe e derrubando o homem ao mesmo tempo. O rufia aproveitou a vantagem e malhou a cabeça do indivíduo com o seu porrete, partindo-a. Inesperadamente para o rufia, o braço do homem que julgara ter acabado de matar vasquejou para a frente de espada em riste, aguilhoando-lhe as entranhas.

A tua vida pelo Seu regresso proferiu com voz alquebrada o homem de cabeça partida, cuja máscara de cal se encontrava manchada de sangue no nariz.

Worick defrontou um dos recém-chegados que matara o rufião que estivera a combater e que empunhava com as duas mãos uma ornada espada bastarda de lâmina cruenta. Sem qualquer subtilidade, o homem de cara caiada investiu, levando a espada abaixo para cortar

o thuragar ao meio. Worick enfrentou o golpe directamente, aparando-o com a cabeça do martelo, encalhando a lâmina com o espeto através de uma torção de pulsos e desviando-a para o lado. A defesa tornou-se num devastador contra-ataque quando o thuragar empurrou a lâmina, deixando a guarda do homem aberta e trazendo o seu martelo com abandono para baixo e contra a cabeça do homem, que rebentou com a força do golpe.

Quenestil e Slayra flanqueavam o autêntico morto-vivo que os enfrentava com o facalhão do shura profundamente enterrado no peito. O homem decompunha-se a olhos vistos: o seu cabelo caía, os seus membros enfezavam, a sua pele esticava-se, os seus dentes soltavam-se, mas ainda empunhava a sua espada, desferindo desajeitados golpes com o derradeiro intento de matar os dois eahan. Os estouvados ataques eram fáceis de evitar, mas um dos companheiros do moribundo aproximava-se pelas costas da eahanoir.

Slayra, atrás de ti! gritou Quenestil, aparando um golpe com a cadeira despedaçada que empunhava.

A eahanna virou-se a tempo de desviar uma espadada com o seu quebra-espadas, atravessando a garganta do seu agressor de um lado ao outro com o estilete. O seu companheiro de cara caiada não estava disposto a ignorar as costas voltadas da eahanoir e atacou, forçando Quenestil a saltar-lhe em cima e arremeter a sua cara contra o chão. O indivíduo cuja garganta Slayra estocara estacou momentaneamente, varrendo-a de seguida para longe com a oscilação de um braço hirtos. Quenestil agarrou na cabeça do homem em cima do qual se encontrava e tornou a empurrá-la com força contra o chão, só que dessa vez os cabelos ficaram-lhe na mão. Enojado, o shura constatou que o indivíduo estava a decompôr-se debaixo de si e praticamente saltou de cima dele. O homem de garganta atravessada reparou no shura e cambaleou na sua direcção, empunhando a espada de ponta para baixo com as duas mãos, mas umas palavras de Allumno criaram uma conduta de fogo entre as mãos do mago e as costas do morto-vivo, cujas roupas começaram a arder. No entanto, a distracção momentânea de Allumno permitiu a aproximação de dois homens de cara caiada, um dos quais com estrias sangrentas e uma nódoa vermelha no nariz a mancharem-lhe a máscara, que se preparavam de armas em riste para abater o mago.

Allumno, cuidado! guinchou Taislin, rebolando às cambalhotas debaixo de uma mesa que foi fendida em dois pela cutilada de um agressor de peito chamuscado e cabelos eriçados.

O mago virou-se mas os seus lábios não teriam o tempo necessário para proferir palavras que o pudessem proteger das lâminas cruentas que já se encontravam erguidas para o talhar.

A tua vida pelo Seu... O silvo de Ancalach interrompeu-o, e quando o homem deu outro passo em frente, a sua cabeça caiu ao chão, seccionada do pescoço por um corte limpo da Espada dos Reis.

O seu companheiro virou-se e bloqueou um revés do Flagício, retribuindo com um corte transversal, que Aewyre desviou com um toque de Ancalach, penetrando pela defesa do adversário adentro e passando-lhe a lâmina pela garganta. O homem levou a mão ao pescoço e caiu de joelhos, fumegando pelas frestas da sua roupa e principiando a decompor-se. Allumno ia proferir palavras de cautela ao seu protegido, mas o jovem empurrou-o e correu na direcção do indivíduo que perseguia Taislin à espadeirada, ultrapassando Worick. O burrik guinchava aflito enquanto rebolava pelo chão para evitar os brutais golpes que o visavam, mas pôde recuperar o fôlego quando o homem se apercebeu da investida de Aewyre e se virou para o enfrentar, brandindo uma espada longa. O guerreiro estocou com Ancalach em frente, empunhando-a com ambas as mãos, e o homem interceptou o golpe com a sua arma, deslizando pela lâmina e visando a garganta do jovem com a ponta. Aewyre patinou lateralmente com a perna da frente, evitando a estocada mortal e, ombro a ombro com o seu adversário, empurrou o pomo de Ancalach para a frente, levando a lâmina de encontro à garganta do oponente, e cortando-lha com um brusco movimento de serra. A cortadela não fora forte e só com sorte teria atingido a jugular, mas o ferimento começou a fumar de imediato e o homem largou a arma para levar as duas mãos ao pescoço, escorrendo fleuma negra da boca. Aewyre não se apercebeu disso e ainda varou aquilo que já era um cadáver decomposto e fumegante antes que este caísse ao chão.

O jovem olhou em redor, mantendo os dedos crispados na Espada dos Reis, sangrando dos quatro cortes na face, ofegando a um ritmo quase delirante e de olhos bem abertos como um cavalo assustado. Os vinte rufias jaziam todos mortos e os seis corpos de negro compunham-se a uma velocidade estonteante, criando purulentas poças tintas em seu redor. Um nauseante odor a morte e decomposição pairava na estalagem e o seu proprietário gemia atrás do balcão fora da vista de todos, orando a todos os deuses em Leochlan.

Aewyre o que...? tentou Allumno perguntar antes de o jovem percorrer a distância que os separava em dois saltos, quase

derrubando Worick pelo caminho e agarrando o mago pelas pregas da sua capa com a mão livre.

Allumno, a Lhiannah! Ajuda-a! Ajuda-a! gritou o guerreiro, quase levantando o mago do chão.

O pânico do jovem contagiou o thuragar assim que este ouviu as suas palavras.

O quê? O que é que foi? Onde está ela?

Os restantes companheiros, Allumno incluído, ainda estavam demasiado abalados para reagir, forçando um balbuciante Aewyre a praticamente arrastar o mago até às escadas, nas quais tropeçou. Worick correu atrás de ambos, passando por cima deles enquanto se encontravam caídos.

Cachopa! berrava o thuragar, subindo os degraus com braços e pernas.

Quenestil, Slayra e Taislin seguiam-nos atarantados, sem saber o que *fazer*.

Pelos deuses, Aewyre, o que é que se passa? inquiriu Allumno atrapalhadamente ao ser erguido pelo braço do guerreiro, que o empurrou escada acima.

Anda, Allumno, *anda!* Tu tens de a ajudar! era a única coisa que o jovem dizia.

LHIANNAH! berrou Worick em desespero do quarto de Aewyre.

RESCALDO

Os companheiros encontravam-se todos reunidos em silêncio de volta da cama na qual Lhiannah jazia, Worick sentado numa cadeira a um dos lados do leito e Aewyre de joelhos no outro, agarrando a pálida mão da princesa com as suas. A bela face da arinnir era uma máscara de violência, manchada por inchaços acastanhados e riscada por cortes, com uma ligadura em volta da cabeça e do queixo que lhe mantinha fixo o maxilar deslocado e uma compressa no ouvido esquerdo. As suas pálpebras estavam escurecidas e os seus lábios inchados, contrastando com a palidez da cara.

Assim que vira Lhiannah no quarto de Aewyre, sangrando de um ouvido e com vários indícios de violentas pancadas na cabeça, Allumno temera o pior. De início não se atrevera a fazer mais que lhe tirar os dois molares partidos da boca para evitar que a princesa os engolissem e remover os coágulos de sangue para lhe facilitar a respiração e colocá-la numa posição segura no chão que permitisse a drenagem do fluido. Os companheiros haviam sido forçados a agarrar Worick para o impedir de mexer na sua protegida, pois o thuragar recusava obstinadamente as recomendações do mago. Enquanto os seus companheiros se haviam ocupado de Worick, Taislin fora a mando de Allumno à cozinha da estalagem buscar os instrumentos de que necessitaria para tratar minimamente dos ferimentos da arinnir. Para grande alívio do estalajadeiro, a guarda de Val-Oryth chegara pouco depois, irrompendo pelo quarto adentro e forçando os companheiros a restringirem uma vez mais um colérico Worick e também Aewyre antes que a situação se intensificasse. A presença de uma eahanoir não ajudara nada, mas por sorte o arrependido estalajadeiro interviria a favor dos

companheiros, relatando como lhe haviam salvo o estabelecimento e a vida. Em troca da promessa de um detalhado depoimento, os guardas haviam então acordado em escoltar o grupo ao templo de Acquon, no qual presentemente se encontravam.

Os companheiros haviam pago por um quarto individual, pois Worick nunca consentiria que a sua protegida fosse colocada na nave do templo com filas de gente doente a tossir, e não houvera ninguém que discordasse do thuragar. O aposento não era barato, mas pelo menos era aquecido pelo fogo de uma lareira ornada com motivos ondeantes e uma janela com um vitral branco e azulado podia ser aberta para o arejar. Os clérigos haviam-nos assegurado de que a princesa iria sobreviver, mas nada podiam adiantar quanto à sua recuperação, garantindo-lhes, no entanto, que não podia estar em melhores mãos que nas de Acquon, e isso nem mesmo Worick podia refutar. Não haveria curas milagrosas como em Vau do Caar, pois essa fora uma rara bênção concedida pelo deus da medicina como recompensa pela purga que o grupo efectuara no seu santuário corrompido, mas os seus clérigos eram sem sombra de dúvida os mais capazes indivíduos em Allaryia no tratamento de feridas e males do corpo.

Aewyre e o thuragar haviam passado a noite em branco enquanto os companheiros dormiam em cobertores no chão, concedidos pelos clérigos por respeito à situação excepcional (e aos cordões soltos das tilintantes bolsas do grupo). O guerreiro nem se lembrava que um clérigo lhe havia feito um emplastro para os profundos arranhões na cara e foi com surpresa que nele reparou ao coçar a cara de manhã. Uma refeição frugal de queijo e cerveja fora servida aos companheiros após as batidas matinais dos sinos e chegara perfeitamente para o fraco apetite de todos. Quenestil andava por vezes em silêncio de um lado para o outro, pois de todos era o que pior se sentia dentro de espaços fechados, mas naquela situação não iria reclamar. Allumno coçava os olhos sonolentos, mas mantinha-se de pé e de braços cruzados atrás de Aewyre. Slayra afagava a cabeça de Taislin, que abraçava a sua perna como uma criança. Ninguém dissera nada desde a noite passada; palavras eram lâminas que podiam cortar o ténue fio que separava a calma do desespero que todos haviam sentido perante a perspectiva de perderem mais um amigo enquanto ainda lamentavam a morte do primeiro. No entanto, Aewyre surpreendeu todos ao levantar-se e ser o primeiro a falar.

Allumno? chamou com voz rouca, sem se virar para o mago.

Sim?

Quem eram eles?

O mago ponderou, questionando-se quanto à pergunta e às implicações da resposta antes de a transmitir ao jovem.

Fadados. Uma seita dos Filhos do Flagelo. Todos marcados pela dádiva negra, acreditam que cada morte que causam, incluindo as suas, apressará o regresso do seu mestre...

Um silêncio confrangedor, durante o qual todos esperaram pelas palavras de Aewyre.

Eu disse... limpou a garganta crua que nada mais me desviaria do caminho para Asmodeon. Os companheiros escutaram com atenção e mesmo Worick ergueu a cara. Jurei que não morreria antes de saber o que aconteceu ao meu pai.

Seguiu-se outra pausa silenciosa, durante a qual o guerreiro pareceu debater-se com as palavras.

Mas isto... não lhes perdoo. À harahan, aos Filhos do Flagelo. Não lhes perdoo.

Aewyre... tentou Allumno temperar.

É a Ancalach que eles querem? indagou, desembainhando a espada que refulgiu na luz branca e azulada projectada pelo vitral. Então vão tê-la. Entregue de ponta em riste. Na barriga.

O mago calou-se. Não adiantaria.

Se a querem assim tanto, perseguir-nos-iam de qualquer forma. Mas não será necessário. Ela irá ter com eles concluiu, embainhando a lâmina.

Nenhuma das palavras do jovem envolvera ou mencionara os companheiros, mas os seus endurecidos olhos, não mais os de uma criança grande, fitaram os seus amigos um por um, esperando por uma reacção.

Allumno foi o primeiro a pousar-lhe a mão no ombro.

Já sabes. Apoio-te nas decisões que tomas. Sempre.

Quenestil seguiu-se-lhe com Slayra no seu encalço. O eahan postou-se defronte do seu amigo, falando-lhe em silêncio, dispensando palavras.

Juntos? perguntou por fim, estendendo a mão ao guerreiro.

A memória foi dolorosa e ao mesmo tempo alentadora, pois por detrás daquele gesto e daquela palavra Aewyre sentiu a força de Babaki, a sua incondicional amizade e uma promessa de esperança que ficara por cumprir. Os dois amigos apertaram os pulsos um do outro com as mãos, selando o pacto.

Juntos.

Não havia nenhum sorriso sardónico na cara de Slayra quando a eahanoir se lhe dirigiu.

Eles vão pagar garantiu, acariciando o lado ferido da face do guerreiro, que acenou de olhos fechados com a cabeça. Vamos fazer com que pague bem caro.

Taislin estendeu-lhe a pequena mão sem nada dizer e Aewyre agarrou-a, admirado com a austeridade da expressão do burrik e a dureza do seu olhar, algo que não julgara possível nos da sua raça.

Worick levantou-se da cadeira e deu a volta à cama em ponderosos passos, observado por todos os companheiros. Levava os braços atrás das costas e a cabeça baixa, mantendo essa postura mesmo quando parou diante do grupo que se reunira à volta de Aewyre. Velhas memórias atormentavam-no, mas o thuragar sabia bem que só havia uma decisão a tomar quando olhou para Lhiannah.

Pedras me partam... praguejou num murmúrio, levantando a cara. Vamos dar cabo deles.

Aewyre estendeu um determinado punho cerrado à sua frente e, uma por uma, as mãos dos seus amigos assentaram sobre ele. Palavras não foram necessárias. Estavam juntos outra vez. Unidos. Como um. E os Filhos do Flagelo que temessem.

Linsha temia a reacção do seu mestre ao executar a sequência de feitiços na sua barreira protectora. Falhara na sua incumbência, e Malagor não tolerava fracassos, muito menos em assuntos delicados. Um claro indício do quão desapontado estava foi a rapidez com a qual se projectou no Pilar, flutuando em silêncio e de braços cruzados diante da feiticeira.

Mestre... titubeou a mulher.

Tens o Flagício em tua posse? inquiriu Malagor, embora já soubesse perfeitamente o que se havia passado.

Não...

O homem nada disse. Permaneceu silente, pairando ominosamente sobre Linsha, que se vergou imperceptivelmente debaixo do peso do seu olhar. A feiticeira não soube dizer se o seu mestre pensava um severo castigo ou se esperava que a sua pupila falasse, embora se inclinasse mais para a segunda hipótese. A sua vontade era dissolver-se, sair do Pilar e esconder-se, mas não se atrevia a arriscar a ira de Malagor com um tal impensado acto de cobardia.

Olha para mim, Linsha.

A feiticeira assim fez, cruzando olhares etéreos com os orbes do seu mestre, que mesmo diluídos pelas águas incolores do Pilar eram ameaçadores, insinuando um terrível poder oculto.

Falhaste, mas a culpa não foi apenas tua. Eu já sei que os Fadados interferiram. Linsha suspirou, pois fora essa a desculpa que pretendia oferecer a Malagor. O que nós temíamos aconteceu, as outras seitas estão a agir e as suas acções imprevisíveis podem comprometer os nossos planos e a nossa presença em Val-Oryth. O tempo já não é uma comodidade, Linsha. Temos de nos apossar de Ancalach o quanto antes.

Sim, mestre... concordou a feiticeira, aliviada.

Age com cuidado e subtilidade. Faz uso das influências do meirinho se necessário for, mas sê discreta; nem todos os membros da guarda estão debaixo da nossa alçada, e a palavra certa no ouvido errado pode ser-nos caro.

Sim, mestre.

E acautela-te com as outras seitas, especialmente os Fadados, e agora a harahan também. Sabes do seu paradeiro?

Não, mestre.

Terás de lhe antecipar os movimentos então e, se possível, impedi-la. Isto aplica-se às outras seitas também. Não desejamos a morte de Aewyre Thoryn nem de Lhiannah Syndar, lembra-te disso. Somente em último recurso.

Os outros...?

Mata-os se necessário for. O importante é o Flagício... Malagor calou-se a meio da frase, como se tivesse ouvido algo. Tenho de ir.

A minha atenção é requerida noutras partes. Não tornes a falhar, Linsha. Se eu tiver de me envolver pessoalmente neste assunto, não serei tão complacente... terminou, dissolvendo-se.

A feiticeira deixou-se ficar no Pilar mais algum tempo, meditando. Tinha consciência de que tivera a rara sorte de lhe ser concedida uma segunda oportunidade por Malagor, pois o seu mestre não consentia reveses e quem o desapontava pagava sempre caro. Afinal, talvez fosse mesmo uma privilegiada... mas sabia que não se podia escudar sempre no facto de ser a pupila do Alto Vulto. Desta vez, não haveria margem de erro; as instruções de Malagor teriam de ser seguidas à risca.

Determinada a não tornar a falhar, Linsha dispersou-se nas águas do Pilar.

EPÍLOGO

Gul-Yrith era conhecida como o Quebra-Mar, pois a sua posição na ponta Oeste do Istmo Negro expunha-a às agressivas ondas causadas pelas fortes tempestades marítimas do Mar do Norte. As suas muralhas altas e cobertas de cicatrizes e remendos eram o duradouro legado de incontáveis batalhas, em muitas das quais a fortaleza fora posta a ferro e fogo e os seus defensores passados a fio de espada. Gul-Yrith era a última barreira entre Asmodeon e o resto de Allaryia, e como tal um dos mais cruciais pontos defensivos do continente. Guerra da Hecatombe fora há duas décadas atrás e a fortaleza fora quase nivelada, embora a grande custo para os invasores, pois cada passo que os defensores haviam sido forçados a ceder estivera ensopado de sangue das hostes d'O Flagelo. Mesmo após ter sido tomada, Gul-Yrith atormentara os seus invasores: blocos de pedra caíam, esmagando todos debaixo do seu secular peso, passadiços cediam, o espólio de comida estava envenenado e espíritos vingativos de sirulianos uivavam na noite, surgindo das fundas catacumbas da fortaleza para se vingarem daqueles que os haviam morto. As forças d'O Flagelo foram literalmente escoraçadas da caída Gul-Yrith, deixando-a em chamas para trás. Sem que as hordas negras o soubessem, os "espíritos" eram na verdade os sobreviventes do ataque que se haviam refugiado nas labirínticas catacumbas da fortaleza, fazendo uso das suas inúmeras passagens secretas para acoressarem os invasores durante a noite, e foram esses mesmos que se atarefaram a reconstruir Gul-Yrith aquando do fim da guerra.

Pearan e Pedron eram dois irmãos de puro sangue siruliano, arrancados do colo das suas mães em Tanarch e forçosamente desleitados

em tenra idade, instruídos e treinados na rigorosa fortaleza até atingirem a maturidade para fazerem a sua jura de sangue de defender Allaryia das forças d'O Flagelo com a própria vida, se necessário fosse. Ambos eram altos e espadaúdos, fortes e bem constituídos, com vivos cabelos negros, penetrantes olhos cinzentos e um excepcional vigor orientado por anos de estrita disciplina que os impelia a cumprir as suas tarefas com o maior brio e eficiência. No presente mês haviam sido designados para o posto de Sentinelas do Olho, uma tarefa de longa tradição que implicava ficar de permanente vigia no farol plantado a meio do Istmo Negro, um edifício que se mantivera firme e estóico ao longo dos séculos como aqueles que o haviam construído. Era uma simples estrutura cilíndrica, de construção maciça com a sólida base enegrecida pela água, quatro janelas gradeadas em cada um dos três andares e uma entrada que se elevava a vários pés do nível do solo, com uma grua recolhida com a função de baixar um barco que também servia de elevador. Era no topo que se via a estrutura mais elaborada do farol: um enorme revérbero de cobre com uma fornalha alimentada a fole que servia de iluminação para que as sentinelas pudessem continuar a sua vigília durante a noite. Ia ser um mês longo e entediante para Pearan e Pedron, pois pouco mais havia para fazer para além de alternar turnos consoante o ciclo do Sol e da Lua, comer peixe seco, polir as suas armas e armaduras, fazer a barba, medir a maré, verificar o suprimento de carvão e lenha, limpar os seus aquartelamentos e olear as engrenagens do revérbero. Os irmãos não se queixavam. Cada tarefa era acatada com igual empenho, todas eram zelosamente cumpridas com esmero, de forma a deixar o farol para os próximos exactamente como quando haviam entrado nele, e atentavam tanto aos cuidados pessoais como se o seu comandante pudesse aparecer a qualquer momento para verificar. Assim era o modo de vida siruliano. Disciplina era vital. Obediência era esperada. O dever era tudo.

Era no cumprimento do dever que Pearan manuseava a grua para baixar o barco com Pedron lá dentro. O Sol alcançara o seu zénite por detrás das nuvens pardas e era hora de medir a maré. O farol tinha várias marcas nas suas pedras deixadas por sentinelas ao longo dos séculos para demarcarem os níveis das marés, linhas horizontais subscritas com o ano no qual haviam sido assinaladas. Pedron *trazia*. consigo um martelo e cinzel caso verificasse um aumento ou decréscimo substancial, algo que não fora necessário fazer desde o fim da Guerra da Hecatombe, pelo que colegas seus lhe haviam contado.

O canal mantinha-se estável há vinte anos, mas durante esses vinte anos as Sentinelas do Olho haviam continuado a verificar os níveis e continuariam a fazê-lo, pois era esse o seu dever. Na noite passada, a maré baixara o suficiente para que o Istmo se revelasse em toda a sua extensão, algo que não acontecia frequentemente desde a Guerra da Hecatombe, quando as forças d'O Flagelo atravessaram a pé a ponte de terra que unia Asmodeon a Allaryia. O facto não era necessariamente preocupante a menos que no dia seguinte a maré subisse para uma marca freneticamente cinzelada, que demarcava o mais alto nível da história do Istmo, bem como o início da Guerra da Hecatombe. O barco prosseguia com a sua oscilante descida e não foi sem alguma apreensão que Pedron constatara que ainda não vira a maré tão alta como naquela manhã.

A querena bateu na água, parando a descida da embarcação. Pedron viu as arrebatadas cinzeladuras manchadas de vermelho desbotado pelo tempo e pela intempérie serem lambidas pela maré alta e ergueu-se de sobressalto, removendo os ganchos da grua dos aros metálicos do barco e pegando nos remos. Pearon não precisou de perguntar o que se passava nem de saber por que é que o seu irmão começou a remar na direcção de Gul-Yrith como se a sua vida disso dependesse.

Era urgente informar os seus superiores.

Pois as Marés Negras haviam voltado.

POSFÁCIO

A jornada dos companheiros prossegue, quiçá de formas que não haviam imaginado, seguramente de feição que não haviam desejado. Todos sofreram um duro golpe na forma da morte de um dos seus: Babaki, o antroleo exilado que apenas na morte encontrou a verdadeira e derradeira paz. Que o último dos shakarex tenha alcançado o pináculo da sua montanha... Tirar Ancalach de Ul-Thoryn desencadeou uma série de eventos, muitos dos quais Aewyre Thoryn e os seus amigos ainda nem se aperceberam e outros tantos que não conseguiriam possivelmente conceber. Trazê-la para Tanarch de todas as nações aquela que mais sofreu debaixo do jugo d'O Flagelo e cujas cicatrizes ainda não sararam foi um acto inconsciente que despertou os Filhos do Flagelo e toda a Sua progénie do seu torpor. Resta-nos ver até que ponto a Sombra foi atçada pela proximidade da Espada dos Reis, pois a sua presença, embora subtil, permanece forte na adjacência da negra Asmodeon, na qual já se ouvem sussurros e murmúrios de vozes ásperas há muito emudecidas e cujas sombras se mexem uma vez mais. Há um silêncio no ar, uma tensão quase palpável, uma tempestade que se arma furtivamente; sinto-o eu sem a ninguém o poder transmitir, pois a minha tarefa é meramente observar. Apenas posso esperar e aguardar pelo que o destino reserva, como os comuns mortais que fariam bem em se precaverem nos tempos vindouros. Até lá, que os Deuses estejam connosco.

Pearnon, o Escriba Crónicas de Allaryia

ÍNDICE

Prefácio 9

Prólogo 11

LIVRO TERCEIRO

As estepes 23

Jazurrieh 30

OsChoTirr 43

Espólios de vitória 50

O poço sagrado 56

Coração negro 65

Defensa de cinco 77

Desígnios ocultos 88

Falsos guardiães 98

Subterfúgios 114

A águia e o corcel 123

Sob o couto do inimigo 134

Segredos desabrigados 147

Tensão acerada 159

A fúria do antroleo 169

Duelo 184

O último shakarex 199

LIVRO QUARTO

Insídia 215

Irmãos de sela 232

Uma cabana nos bosques 243

453

A Cinta 258

Tomska 269

Chegada a Tanarch 282

A travessia 297

Os Corações Quebrados 312

O guardião do mar 325

Predadores da noite 334

Bonança 351

Descida às trevas 362

Busca 379

Acossados 389

Val-Oryth 404

Entardecer funesto 417

Sombras insurrectas 423

Rescaldo 436

Epílogo 441

Posfácio 444

454